

GUILHERME MENEZES CONTE

**MESTRES BOI E FARINHADA: TRAVESSANDO  
DE VOLTA ÀS MEMÓRIAS E HISTÓRIAS SOCIOCULTURAIS DAS ZONAS  
DAS MATAS MINEIRAS**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

VIÇOSA  
MINAS GERAIS – BRASIL  
PRIMAVERA DE 2018

**Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade  
Federal de Viçosa - Campus Viçosa**

T

C761m  
2018

Conte, Guilherme Menezes, 1981-

Mestres Boi e Farinhada : travessando de volta às memórias e histórias  
socioculturais das Zonas das Matas Mineiras / Guilherme Menezes Conte. -  
Viçosa, MG, 2018.

vii, 380f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Orientador: Willer Araújo Barbosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 380.

1. Educação Popular - Zona da Mata (MG : Mesorregião). 2. Pluralismo cultural.  
3. Memória coletiva. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de  
Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. II. Título.

CDD 22. ed. 370.115098151

GUILHERME MENEZES CONTE

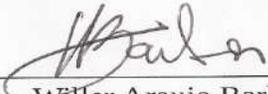
**MESTRES BOI E FARINHADA: TRAVESSANDO  
DE VOLTA ÀS MEMÓRIAS E HISTÓRIAS SOCIOCULTURAIS DAS ZONAS DAS  
MATAS MINEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Educação, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA: 10 de outubro de 2018.

  
\_\_\_\_\_  
Aline Cântia Corrêa Miguel

  
\_\_\_\_\_  
Marcelo Loures dos Santos  
(Coorientador)

  
\_\_\_\_\_  
Willer Araujo Barbosa  
(Orientador)



Para as águas de minha vida: Ronilse, Madzi e Amandi Mirê.

A Maria Madalena (em memória).





## AGRADECIMENTOS

A Juares, meu pai, minhas irmãs Flavia e Mayra, minha sobrinha querida Barbara e aos sobrinhos Pedro Henrique e Mateus. Gratidão pela paciência.

Aos mestres Boi e Farinhada pela dedicação com esta pesquisando. As igrejinhas que bordam estas primeiras páginas são de Tião Farinhada.

As amigas e amigos da OCA que me apoiaram nesses anos de mestrado.

A turma da pós-graduação, professor@s e técnic@s, pelos cuidados e confiança.

Ao Núcleo de Educação do Campo e Agroecologia (com gostinho de Teia) por me passar segurança em trabalhar com festas, sambas e congados.

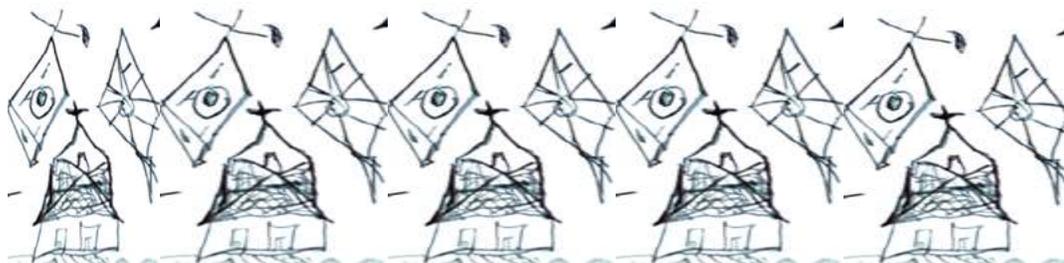
Ao orientador Willer Araujo Barbosa, ser-de-luz, fabuloso amigo. Gratidão pelo carinho e rigor.

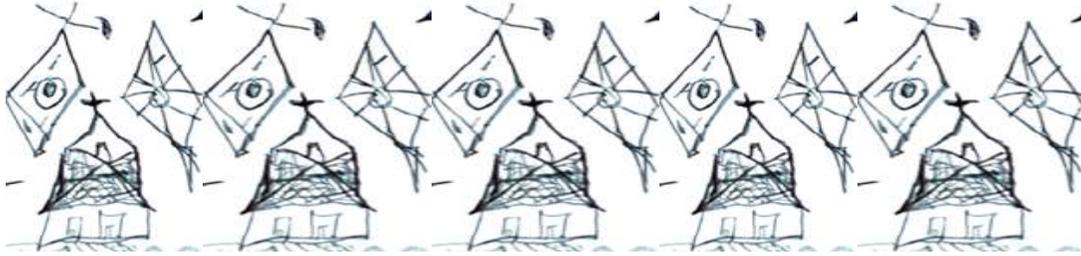
A Rede de Saberes dos Povos Quilombolas (SAPOQUI) pela acolhida e aprendizado

Ao coletivo Repentistas do Desenho que desenharam as gravuras que compõem cada caderno. Valeu pela arte militante!

A CAPES pelos dois anos de bolsa de estudo. Muito importante para realização deste trabalho.

Viva ou num viva??





## SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS.....	v
RESUMO.....	vi
ABSTRACT.....	vii
<b>A-PRESENTAÇÃO.....</b>	<b>01</b>
<b>PESQUISANDANDO.....</b>	<b>07</b>
<b>TRANSE.....</b>	<b>13</b>
<b>TRAVESSANDO</b>	
Uns artistas como eu.....	16
O que nunca fora Segredo.....	62
Os caminhos de volta.....	118
culturaS.....	192
Caminhos das terras.....	261
Veneno, esperança e festa.....	314
<b>ENCERRANDO.....</b>	<b>366</b>
<b>MAPAS.....</b>	<b>370</b>
<b>CANCIONEIRO.....</b>	<b>375</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>384</b>



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**CBEs:** Comunidades Eclesiais de Base

**CTA – ZM:** Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata mineira

**ITCP:** Incubadora tecnológica

**LICENA:** Licenciatura de Educação do Campo com ênfase em Ciências do Campo e Agroecologia

**MAB:** Movimento dos Atingidos por Barragens

**MST:** Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais Sem Terra

**OCA :** Organização Cooperativa de Agroecologia

**PJR:** Pastoral da Juventude Rural

programa de aquisição pra alimenta do CONAB,

**PT –** Partido dos Trabalhadores

**Rede SAPOQUI:** Rede de Saberes dos Povos Quilombolas

**STR:** Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais

**SUS:** Sistema Único de Saúde

**UFJF:** Universidade Federal de Juiz de Fora

**UFMG:** Universidade Federal de Minas Gerais

**UFV:** Universidade Federal de Viçosa

## RESUMO

CONTE, Guilherme Menezes, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, outubro de 2018.  
**Mestres Boi e Farinhada: travessando. De volta às memórias e histórias socioculturais das Zonas das Matas mineiras.** Orientador: Willer Araujo Barbosa. Coorientador: Marcelo Loures dos Santos.

Sabe-se que as grotas das Zonas das Matas mineiras, os mares de morro também assim conhecidos, escondem muitas pérolas. Esta dissertação discorre sobre as vidas de duas destas pérolas: Antônio Matias Celestino e Sebastião Augusto Estevão, conhecidos como mestres Boi e Farinhada. Este trabalho busca conhecer, através das memórias narradas destes dois mestres, um pouco mais sobre uns movimentos que estavam ocorrendo nas grotas das Zonas das Matas a partir da vida de dois mestres populares. Através de caminhadas e entrevistas percorremos mais de 800 km buscando nos conectar com as memórias do quilombo do Córrego do Meio no distrito de Airões, de Regência no litoral do Espírito Santo, de Espera Feliz, de Manhumirim, de Viçosa, entre outros municípios, gerando seis cadernos da caminhada onde se encadeia análises sobre as diversidades culturais, a articulação de universos cognitivos distintos e a educação como ato político. A partir desta pesquisando se entende que Mestre Boi e Sebastião Farinha são construções de uma produção social, ou seja, são, também, produtores e produtos dos movimentos sociais. Utilizamos as ferramentas das Produções Narrativas para realizar esta pesquisa, o que se pode dizer que se fundamenta nas perspectivas dos conhecimentos situados, ou saberes localizados, reconhecendo os saberes oriundos da experiência.

## ABSTRACT

CONTE, Guilherme Menezes, M.Sc., Federal University of Viçosa, October 2018.

**Masters Boi and Farinhada: crossing. Back to the memories and sociocultural histories of the Zonas das Matas mineiras.** Advisor: Willer Araujo Barbosa. Co-advisor: Marcelo Loures dos Santos.

It is known that the grots of the Zones of the Matas Mines, the seas of Morro also well known, hide many pearls. This dissertation discusses the lives of two of these pearls: Antônio Matias Celestino and Sebastião Augusto Estevão, known as masters Boi and Farinhada. This work seeks to know, through the narrated memories of these two masters, a little more about movements that were occurring in the grots of the Zones of the Woods from the life of two popular masters. Through walks and interviews we have traveled more than 800 km, trying to connect us with the memories of the stream of the Córrego do Meio in the district of Airões, in the region of Espírito Santo, Espera Feliz, Manhumirim, Viçosa, among other municipalities, generating six strands of the path where analyzes of cultural diversity are linked, the articulation of distinct cognitive universes, and education as a political act. From this research it is understood that Mestre Boi and Sebastião Farinha are constructions of a social production, that is, they are also producers and products of social movements. We use the tools of Narrative Productions to carry out this research, which can be said to be based on the perspectives of situated knowledge or localized knowledge, recognizing the knowledge derived from experience.

## A-PRESENTAÇÃO

As grotas das Zonas das Matas<sup>1</sup> mineira, os mares de morros, também conhecidas assim, guardam tantas conchas e pérolas que, às vezes, se esbarra em algumas. escondem muitas histórias. Neste trabalho identifiquei as grotas pelas quais passamos como linhas, *grotas-linhas*<sup>2</sup> que vão se trançando e embolando em sucessivos nós-espacos-temporais! Trança, trança, trança: outro nó! Escolhemos chamar esses nós de memórias-grota, identidades-grota, terras-grota, caminhos-grota, lutas-grota, famílias-grota entre outros nós. Nestas Zonas das Matas o que há são emaranhamentos. Quando um ponto de linha se conecta com outro vem outro ponto e embola e a história parte para outras histórias. Como diria Ingold (data), as histórias *são linhas ao longo das quais as coisas são continuamente formadas. Portanto, quando se fala de um emaranhado de coisas, é num sentido preciso e literal: não uma rede de conexões, mas uma malha de linhas entrelaçadas de crescimento e movimento* (INGOLD, 2012, p. 3).

*Com este fio não sairemos do labirinto, acaso com ele conseguiremos enfim perder-nos. A ponta, onde está.* ...as histórias que contarei são de quatro personagens<sup>3</sup> destas grotas-linhas: um **Calango**, um **Espírito**, um **Fulano-de-tal**, e uma **Sombra** conforme ver-se-á ao longo do texto. **Calango** era bicho esperto, apaixonado por pegar o fio da meada e lançá-lo adiante em desafio. Espírito tem muitas histórias e gostava de beber cachaça. **Fulano-de-tal** era um morto que achava que era vivo e achava também que era o dono de tudo. **Sombra** fica grudada nos outros três personagens, porém ela não sabe do que se passou e não chegará a vivenciar o que virá.

<sup>1</sup> Colocamos no plural contra o risco de enxergarmos e utilizarmos a realidade de forma reduzida e homogênea. Afirmamos assim a diversidade de manifestações dentre as várias dimensões de um local e não a forma harmônica e generalizante do singular.

<sup>2</sup> Grotas, locas, grutas: paisagens típicas das Zonas das Matas mineiras.

<sup>3</sup> Cada criatura é inteiramente sua história e sua tradição, de modo que segui-la é realizar um ato de lembrança e de continuidade com os valores do passado. Geralmente, o nome da criatura é sua história condensada, para que, no seu enunciado, a história seja continuada. Mas ela é continuada também nas vocalizações das próprias criaturas - se elas tinham alguma voz é na sua presença visível manifesta e na sua atividade. (Ingold, 2012, p. 10)

De igual modo, poderíamos nomear estes personagens de Tião Farinhada<sup>4</sup>, Antônio Boi, Zonas das Matas mineiras e eu (pesquisador-ator)<sup>5</sup>. Mestre Boi do quilombo do Córrego do Meio, Farinhada de Manhumirim, eu, morador de Viçosa. Tudo localizado nas Zonas das Matas mineiras, mesorregião ao leste de Minas Gerais.

Essa estrada aqui, igual tá poeira agora, se meu pai sáisse e vesse um rastro de botina, ele sabia quem subiu aqui: foi Zé Zico Barnabé, o primeiro negro da comunidade a usar botina, ou polícia, ou se não, o padre, ninguém tinha sapato. Então sabia, subiu ou desceu.

(Cadernos culturaS e Caderno Caminhos das terras)



Mestres Boi e Farinhada durante a caminhada “caminhos das terras”.  
Foto: Guilherme Menezes Conte

<sup>4</sup> Sebastião Augusto Estevão, nome de batismo. É chamado de Farinhada, Tião Farinhada ou somente Tião. O chamarei neste trabalho de Tião ou Farinhada. Antônio Matias Celestino, nome de batismo. Antônio Boi ou somente Antônio ou Boi como sua comunidade o chama. A cunha de *mestre* Boi se deu durante sua inserção nos movimentos sociais e acadêmicos por sempre se apresentar como mestre da banda de Congo. Neste trabalho usarei Boi ou mestre Boi.

<sup>5</sup> Atuo como sujeito e como personagem. Como sujeito que sou e como personagem por minha condição momentânea: pesquisando.

Bem, continuando a caminhada, Boi disse que seu pai, Antônio Nonato, conhecia, pelas marcas das pegadas na estrada de terra em frente sua casa, se a polícia ou gente-sua passou pela por ali, assim ele se preparava para viver seu cotidiano. Esta história dá um bom tom para os trabalhos que realizamos nesta pesquisa. Os trabalhos de uma pesquisa sempre se está entre o que aconteceu e o que irá acontecer (GEERTZ, 2012, p. 22).

Como Antônio Nonato, andamos eu, Boi e Farinhada, sobre o que se passou e assim nos preparamos para dar os próximos passos, com isso fomos pesquisando. Seguindo pegadas das pessoas que já passaram podemos seguir seus rumos ou não. Foi em caminhadas, andando de carro, andando de ônibus e em lugares diversos que essa pesquisa foi se realizando. Nestes primeiros passos chamo este trabalho de **pesquisando**.

O objetivo dessa **pesquisando** foi conhecer um pouco mais sobre uns movimentos que estavam ocorrendo nas grotas do Brasil-profundo<sup>6</sup> das Zonas das Matas a partir da vida de dois mestres populares. O que fazer? Reconhecer, a partir de suas narrativas, os mestres Boi e Farinhada, quilombolas das Zonas das Matas mineira. Compreender suas práticas, habilidades, crenças, saberes em suas diversidades e diferenças das regiões das Matas. Será que nasce e forma uma Zona da Mata fazendo o recorte a partir das narrativas de Farinhada e Mestre Boi?

Com efeito, é nesta parte do trabalho que estabelecemos acordos para uma pesquisa que se apresentava dentro dos ritos narrativos. Um desafio, como fazer? Percorremos mais de 800 quilômetros, por cinco meses, entre regiões das Zonas das Matas mineiras e o Estado

<sup>6</sup> Adapte essa expressão de Eduardo Viveiros de Castro, o *Brasil-profundo*, do livro "A queda do céu" de Bruce Albert e Davi Kopenawa, quando ele se refere às populações originárias do país e seu *longo-desmaio*. Apesar de os povos quilombolas não serem considerados povos originários destes Brasis, mas sim de África, uso a expressão *profundo* para designar um estado de segredo, algo oculto podendo vir a tona ou não. O interessante é que encontrei esse debate na psicanálise desenvolvida por Sigmund Freud. A psicanálise revelou o que estava no profundo da psique do indivíduo e da humanidade. No profundo estaria, nas palavras de Freud, o mal-estar, o estranho. Em seu céptico livro "O mal-estar na cultura", onde é desenvolvida esta tese, Freud parte da ideia da distinção entre homem e natureza/animalidade para contrapor Cultura/Civilização e primitivo/selvagem. Em uma cultura colonial o mal-estar da cultura se encontra nos povos considerados selvagens, primitivos: africanos e índios, relegado-os às profundezas de nossos inconscientes, porém, diz Freud, na vida psíquica nada do que uma vez se formou pode perecer (FREUD, 2011, p.27) um dia vem à tona. Este afloramento provoca o que Glauber Rocha chamou de *a instabilidade das consciências* quando refletiu sobre o "transe" em seu filme "Terra em Transe". O que vem a tona provoca turbulências. Pra mim esse é o transe em que vivemos nas Zonas da Mata.

do Espírito Santo na cidade de Regência, totalizando oito caminhadas e mais de 400 páginas transcritas.

No entanto, **pesquisando** passa por um **transe** e se transforma: quando nos colocamos em caminhadas, dialogando sobre relações étnico-raciais, relações naturezas-culturaS, relações com as artes, relações de trabalhos, colonialismo, relações com os movimentos sociais, percebemos que os conhecimentos produzidos ali, durante as caminhadas, tinham a ver com nossas relações de amizades e trabalhos que já perpassam por mais de uma década. Portanto, foi possível, durante as caminhadas, visualizarmos as fronteiras de tensões e negociações nas construções dos personagens que vieram a tona durante a **pesquisando**. Eis o **transe**. Das oito caminhadas, seis foram transcritas e viraram os *cadernos da caminhada*. Produzidos ao longo de sete meses de trabalhos. Tive a colaboração de um assistente de pesquisa, meu querido amigo e sobrinho Pedro Henrique que me acompanhou durante algumas caminhadas auxiliando com as gravações e nas transcrições. Denomino os cadernos de: *Uns artistas como eu*: o único caderno feito sem caminhadas. Durante uma manhã em Viçosa, Farinhada, Willer<sup>7</sup> e eu conversamos sobre as propostas e sonhos deste trabalho. Neste caderno demos voltas por regiões por onde passou Farinhada em seus quase 30 anos caminhada, neste caderno também nos orienta como gostaria que fosse tratada suas histórias de vida. Algumas informações narradas nos cadernos, inclusive neste, são tão sutis que é preciso reler as histórias várias vezes. Os casos são contados com base em acordos em que não fiz parte e que margeia os tratados metodológicos de captação de dados e construções de teorias que estudei ao longo de anos na academia. Mas acredito que estamos diante de uma forma de construir o conhecimento sobre as coisas. Quando estamos com Boi e Farinhada isso fica evidente que estamos diante de porta-vozes, que são representantes populares o que lhes atribui um poder, uma legitimidade incontestáveis no sentido de validade e impacto sobre a realidade.

*O que nunca fora Segredo*: uma caminhada de um dia inteiro nas fazendas onde Boi passou suas primeiras infâncias. Fazenda do Segredo e Barreiro, localizadas há 5 km do quilombo Córrego do Meio, pertencentes ao município de Paula Cândido. Boi me levou para

<sup>7</sup> Professor Willer Araújo Barbosa da Universidade Federal de Viçosa, orientador desta tese.

conhecer o local onde sua avó nasceu, onde conheceu o congado, o trabalho escravo, e onde recebeu o apelido de Boi.

*Os caminhos de volta:* neste *caderno da caminhada* Tião Farinhada faz o caminho de sua trajetória de vida partindo do presente para o passado. Partimos do Assentamento Padre Jésus, terra conquistada por agricultores e agricultoras através da organização de sócios em torno do trabalho do Sindicato de Trabalhadores Rurais do município de Espera Feliz-MG<sup>8</sup>, onde hoje mora parte de seus familiares. Passamos por cidades onde viveu a juventude e teve suas filiações em pastorais e sindicatos, quando chegarmos a São João do Norte local de nascimento.

*culturaS:* um caderno importante para reconhecemos o significado do congado como um movimento artístico de resistência da comunidade quilombola do Córrego do Meio, suas tensões com igrejas, com prefeituras e comunidade local. Como se deram as construções do quilombo a partir da banda de congo? Como Boi se relaciona com os diversos tipos de negros e negras? Neste caderno podemos observar as várias camadas de culturas em um só local: como uma cidade que convive com construções antigas e modernas ou uma casa de 130 anos que vai recebendo novos cômodos.

*O contra-feitiço:* composto por três caminhadas – (i) *Caminhos das terras:* Nesta caminhada estávamos presente Boi, Farinhada e eu. Passamos um dia caminhando pelo quilombo do Córrego do Meio conversando sobre as lutas que mestre Boi enfrenta nas conquistas de direitos de sua comunidade. (ii) *Contra-feitiço de limpeza do Rio Doce:* uma caminhada que fizemos eu e Boi em Regência, litoral do Espírito Santo. Passamos dois dias na foz do Rio Doce cantando e tocando tambores para limpeza daquelas águas atingidas pelas lamas da mineração<sup>9</sup>. (iii) *Munho:* caminhada feita por Boi e eu nos trajetos que as águas fazem em seu quilombo. A única caminhada que se tornou caderno foi a *Caminhos das terras*. As outras duas caminhadas são citadas apenas para completar as narrativas que produzimos ao longo das escritas.

O caderno que encerra este trabalho é o *Veneno, esperança e festa*. Nele Farinhada e eu percorremos trechos de estrada por Manhumirim, Espera Feliz e Viçosa. As conversas

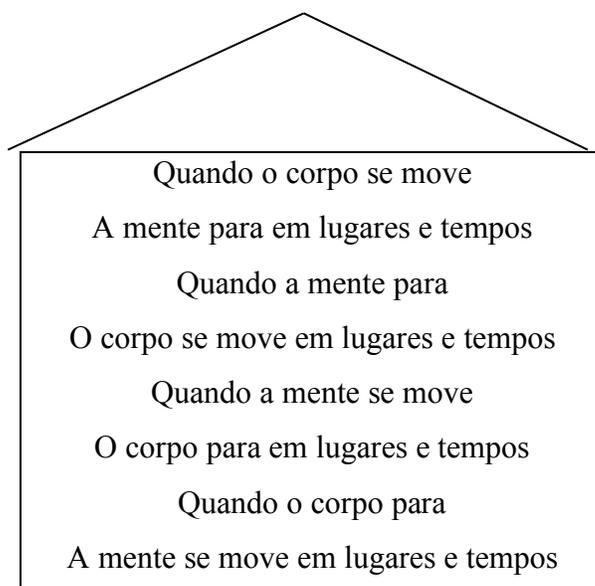
<sup>8</sup> VILLAR, Juliana Padula. Práticas e saberes pela Agroecologia no Assentamento Padre Jésus em Espera Feliz – MG.

<sup>9</sup> Me refiro ao crime da Samarco/Vale ocorrido em janeiro de 2015 quando uma barragem se rompeu derramando toneladas de lama no Rio Doce.

foram quase todas feitas dentro do carro com algumas paradas. As conversas foram em torno das funções e importâncias de ser artista, os novos movimentos sociais, as emergências e politização das festas, os conflitos enfrentados pelos povos quilombolas na região e as entidades por quais Farinhada passou nas suas lutas e como elas estão hoje.

As caminhadas enquanto cadernos se transformaram em textos com múltiplas matizes é possível identificar e reconhecer culturaS-profundas, os nós-espaços-temporais, diferentes tempos em uma mesma narração o que tornam as leituras fascinantes.

Cheguei a montar um esquema de estrutura de narração baseado no que vivi com Boi e Farinhada, a saber:



(Quadro: Um corpo que se desagrega à medida que a memória vai-se tornando cada vez mais viva. BOSI, 1994, p. 8)

Naturalmente que considero estes cadernos como conhecimento gerado para esta dissertação. Lá estão visões de realidades, de conceitos e de vida. O trabalho intelectual floresce em redes; escrever é sempre uma conversa.

E é neste ponto que ocorre outra transformação no texto, ele se torna travessando: é o processo de colher nos emaranhados, linha por linha, o que foi significativo tornando-os possíveis de entendimentos. É **travessando** que o texto se constitui em múltiplas formas de perceber os processos de construção de personagens: *representações de representações de representações*. A colheita estará logo no início de cada caderno, são alguns apontamentos

que faço sobre o que vivenciamos. O que pretendi com **travessando** foi oferecer, para quem quiser caminhar conosco, chaves de leitura que virá logo antes de cada caderno.

## PESQUISANDANDO

O **transe** dos místicos.  
 Olhe bem nossos olhos, a nossa pele,  
 Se começamos a ver as coisas nítidas?  
 Somente a violência das mãos  
 (Paulo Martins, do filme Terra em **Transe**)

## ANTÔNIO MATIAS CELESTINO

Antônio Boi, é o quarto filho dos 11 gerados por Antônio Nonato Celestino e Maria Elza Bernardo, teve sua infância dividida entre a casa de seu pai e mãe no quilombo Córrego do Meio, entre a sede da fazenda do Segredo, e entre a casa de sua avó em um local chamado Barreiro nesta mesma fazenda. Na sede e na casa da avó ele viveu dos 6 aos 14. Nascido em 1950 no Córrego do Meio, um quilombo localizado na zona rural de Airões, distrito pertencente ao município de Paula Cândido, microrregião de Viçosa, Minas Gerais<sup>10</sup>, na sua infância, Córrego do Meio era cercado por cerca de seis grandes fazendas, consideradas os troncos de onde se ramificaram outras pequenas fazendas ou o aumento das mesmas, advindas de casamentos entre as famílias proprietárias. Na fazenda do Segredo Boi conheceu seus prazeres e suas dores que o acompanha até hoje: a congada e o álcool e o espírito-berrador. Conheceu também as tramas políticas que envolvem fazendeiros, escravos e brigas por terras. Se tornou mestre da banda de Congo, fundou associações e foi vereador de Paula

<sup>10</sup>Aproximadamente 53 famílias vivem em Córrego do Meio sendo formadas por quatro troncos familiares: Celestino, Rocha, Jerônimo e Zacarias. A comunidade é composta por conjuntos de casas delimitadas por pequenos córregos e vilas: Córrego Satina (Cabeceira), Vila Dona Clementina; Córrego Sá Gabriela; Córrego Jerônimo/Córrego da Chiquinha. Pelas fontes orais há relatos de que a ocupação daquele território remonta a antes da abolição da escravidão, ou seja, antes de 1888. O Congado da comunidade, um *suporte material da memória*, está vivo com cerca de 160 anos. Para uma boa descrição do quilombo Córrego do Meio ver a dissertação de Pedro de Aguiar Marques, *Os processos do processo: (re)apropriações e (re)significações dos direitos pela comunidade Quilombola de córrego do meio/mg*. UFV, 2016.

Cândido por duas vezes. Há mais de 30 anos trabalha com causas negras e quilombolas, se tornando uma importante referência nessa luta na região. A festa de Nossa Senhora do Rosário, realizada aos terceiros fins de semana de outubro há 130 anos, vem sendo um lugar de visitas de um grande público e local privilegiado para pesquisas e articulações políticas. Sobrevive há 53 anos de um alcoolismo, dos quais 22 anos passou bebendo e *fora-de-si* como ele diz, foi preso diversas vezes como subversivo durante a ditadura e depois como baderneiro, foi mendigo nas favelas do Rio de Janeiro e em cidades de Minas Gerais, passou por diversos conflitos com os arames-farpados adentrando em seus territórios. Considera-se um milagre vivo. Tem muitas histórias e percorre o tempo-espço fazendo trabalhos de contra-feitiço, o **espírito**.

### SEBASTIÃO AUGUSTO ESTEVÃO

Tião Farinhada nasceu em São João do Norte, zona rural de Divino, microrregião de Muriaé também em Minas Gerais. Passou por Caiana, São Gonçalo, Espera Feliz e hoje mora em Manhumirim, todas na mesma microrregião, aos pés da Serra do Caparaó. Foi conduzido desde sua infância por velhos sanfoneiros, conhecidas benzedeadas, duras enxadas e por rodas de **calango** que o levaram a ser um sabedor de histórias, mandingas e (en)cantos dos povos das Zonas das Matas mineira. Sua caminhada se forjou nas lutas através dos movimentos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Sindicatos de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais. Hoje, no que ele mais atua? Junto aos movimentos culturais, movimentos negr@<sup>11</sup>s e quilombolas, movimentos agroecológicos. Sua família foi por diversas vezes obrigada a abandonar suas terras em busca de melhores condições de vida, fugindo da condição de meeiros passaram por diversos conflitos com os arames-farpados adentrando em seus territórios. Atualmente realizam a fogueira de São Pedro todo dia 28 de Junho, uma festa que se realiza há mais de 40 anos e que se tornou uma das grandes celebrações dos movimentos em que atua. Foi assim que Farinhada, mestre de cerimônia deste festejo, cunhou o conceito “politizar as culturaS”, a linha de ação em seus trabalhos. Ele surge de um (en)canto das Zonas da Matas mineira e de lá reconhece as culturaS através de (en)cantos negros,

<sup>11</sup> O uso da grafia @ indica uma insatisfação em relação à preponderância do masculino na língua portuguesa. Pretendo com isso evidenciar e dar uma abalada nas tecnologias das escrituras e suas instituições.

(en)cantos indígenas, (en)cantos de roda, (en)cantos da terra. Negro esperto e apaixonado, criador de raízes onde pisa e a lança em novos desafios, o **calango**.

## ZONAS DAS MATAS MINEIRAS

São um emaranhamento de grotas que se dividem em sete microrregiões: Viçosa, Muriaé, Cataguases, Ponte Nova, Ubá, Manhuaçu, Juiz de Fora, com 142 municípios em uma área de 35.748 km<sup>2</sup> e com uma população de 2,175,254 habitantes. É comum considerar as Zonas das Matas uma das regiões mais pobres de Minas Gerais, que essa mesorregião de Minas Gerais desde a primeira metade do século 20 com a crise do café, depois com os avanços da Revolução Verde e da mecanização agrícola a partir dos anos de 1960 e, sofrendo nos dias atuais, as degradações causadas pelas minerações é estagnada do ponto de vista econômico e degradada social, cultural e ambientalmente. Contudo a *formação social* desta mesorregião do estado está encharcada pelas culturas africanas e de afrodescendentes. As Zonas das Matas, que entre os anos de 1847 e 1851 já era responsável por quase cem por cento da produção cafeeira da província mineira, tinha n@s escravizad@s sua principal força produtiva. Os barões do café teriam importado, pelo tráfico transatlântico cerca de 700 mil African@s, possuindo proporcionalmente uma das maiores populações escravas de Minas Gerais na primeira metade do século XIX (PINHEIRO, 2005. PEIXOTO, ) dando origem aos mais 120 quilombos espalhados pelas bacias dos Rios Paraíba do Sul e bacia do Rio Doce. As matas nos narram principalmente as relações interétnicas em *zonas-transe* provocadas pelas formações dos impérios cafeeiros e engenhos de açúcar, revoluções agrícolas, mega-projetos – a *revolução do arame-farpado*. São poderes que concentram muitas terras e ainda concentra, mas que se mantém por um sistema de degradação da natureza. Como diz um ditado das zonas das matas: o pai rouba, o filho herda, e o neto morre na merda. Um morto que acha que está vivo e acha também que é o dono de tudo, o **fulano-de-tal**.

## GUILHERME MENEZES CONTE

Nasci em 1981 em Ouro Branco região do Alto Paraopeba, bacia do rio São Francisco, há 100 km de distância da capital Belo Horizonte, Minas Gerais. Desde criança sou chamado

de artista, me chamavam de criança que (a)venturava a vida com calma e silêncio e lentidão, sempre escutei relações dessas características a ser artista. Em Ouro Branco, por 15 anos, minha família teve por sustento financeiro uma padaria, assim me tornei o Padero. Acompanhado de um pandeiro, tive minha primeira banda de música aos 15 anos, o Peça-Rara, uma banda de pagode. Fazia parte desta banda, o cavaquinista Tiago Novato e com ele conheci o pela primeira vez um quilombo, que frequento ainda hoje, o Luzia Augusta, um bairro aos pés da Serra de Ouro Branco. O reconheço como quilombo pelo que vivenciei naquela época, bandas de congado pelas ruas, pagode, escola de samba, população majoritariamente negra e muita feijoada na casa da Tia Zélia, mãe de Tiago. Vim para Viçosa em 2004 continuei com trabalhos musicais e me formei em pedagogia na Universidade Federal de Viçosa. Em Viçosa também ampliei minhas inserções nas comunidades quilombolas da região. Há três anos atuo na Rede de Saberes dos Povos Quilombolas onde tive oportunidade de trabalhar com diversas comunidades quilombolas tanto nas Zonas das Matas mineira, como em outras regiões do país. Há cinco anos moro com minha família na roça, na grota Tico-tico, uma comunidade habitada por cerca de 150 anos por duas famílias. A comunidade Tico-tico fica a 15km do centro de Viçosa e a 1 km da estrada que a liga as comunidades quilombolas do Buieí e Zigue-Zague. No quintal de nossa casa existe uma plantação com cerca de mil pés de eucalipto e pensei que nada mais sobreviveria ali em baixo. Mentira. Quando foram derrubados o que apareceu foi um monte de brotos em diversas fases de crescimento. Fizemos trabalhos de abate das mudas de eucaliptos que crescem incessantemente e passamos a manejar e cuidar das sementes e mudas em crescimento. São trabalhos que exigem cuidados frequentes, permanecer junt@s das vidas em crescimento e das que já possuem certa autonomia, assim me tornei um pesquisador-de-quintal-de-casa, me chamo **sombra**.

Neste trabalho, como no quintal de casa, dialogo com condições externas. Como pesquisador-ator, ora sou **sombra** em dia de sol nascente que vem surgindo fraquinha sem contornos bem definidos e se fortalece à medida que o sol ganha altura, ora sou **sombra** em

dia de céu nublado, fraquinha... fazer o que, não teve sol. E ora foi preciso aprender a ser **sombra** à noite, *o andarilho da noite*: escrever fora dos holofotes dos cânones da Academia<sup>12</sup>.

De qualquer forma sou um ser inacabado que produzo de forma inacabada, às vezes tendo que lhe dar com a própria ausência, com o próprio silêncio, com o pouco. Como um *combatente da academia*, expressão que escutei do professor Valdo Cavalet da Universidade Federal do Paraná Litoral, minhas práticas políticas de escrita partem das tensões vindas por um lado, do vínculo à projetos acadêmicos emancipatórios com compromissos populares e de outro, do enfrentamento às condições conservadoras dos tramites científicos exigidas pela Universidade

Como foram se dando as configurações de Boi, Farinhada e das Zonas das Matas mineiras para mim? Como fui preenchendo suas aparências físicas, suas mentalidades, suas emoções, suas espiritualidades, suas musicalidades e seus sonhos, as pessoas *não são um ser pronto ao qual a identificamos como numa cartilha ou um receituário*. Me inseri e participei com alguns dos mundos que eles vivem, encontros de organizações, eventos populares, apresentações artísticas, cortejos, reuniões, festas, cursos, visitas caseiras, caminhadas.

Assim, foi se configurando um estudo mais profundo que contemplaria nossas trajetórias de mais de 12 anos de trabalhos com comunidades tradicionais, os trabalhos de uma vida feitos pelos mestres Boi e Farinhada e as conjunturas de nosso país e de mundo, o que dá relevância para os personagens que escolhemos para realizarmos, juntos, estas caminhadas. Está pesquisa tem como pano de fundo os trabalhos que vem sendo feito há mais de uma década a partir do Núcleo Educação do Campo e Agroecologia (ECO) da Universidade Federal de Viçosa, onde atuei como bolsista de graduação e bolsista técnico com ações nas áreas de culturaS e agroecologia e onde também desenvolvi meu trabalho de conclusão de curso na graduação em Pedagogia, intitulado: *culturaS como produção de vida: uma inserção social no bairro Rebenta Rabicho*. Portanto, estas caminhadas foram sendo construídas ao longo desses anos de encontros, festas, reuniões que tivemos eu, Zonas das Matas, Boi e Farinhada no âmbito do ECOA.

<sup>12</sup> As transcrições que estão nos cadernos foram feitas em completa fidelidade ao que foi dito nas conversas. Tive orientações da banca final de avaliação deste mestrado que eu retirasse algumas partes do texto: repetições, palavras soltas, palavras incomuns em trabalhos deste tipo. Decidi que iria manter o texto em sua mais total naturalidade, pois pretendo que este trabalho se aproxime o mais próximo possível da vida como ela é mesma, e não a vida higienizada pelos cânones acadêmicos.

### ...ANDANDO

Às vezes a pesquisa se confundia com a vida mesmo. Ou quando percebíamos estávamos vivendo uma história que se fazia bem aos nossos olhos. As narrativas de Boi e Farinhada muitas vezes se constituíam à medida que caminhávamos. Podiam ter, às vezes, sentidos, rumos, referências de onde chegar. Nessa pesquisa descobri que não havia uma História pronta na qual eu iria *penetrar como a imagem masculinista insinuar*. *Nos colocamos no caminho dela, que então nos envolveu e nos enredou*. Tínhamos à frente, referências, conceitos, teorias, mas quando se estava caminhando são as pistas, trilhas, bifurcações, perdas de vistas – até mesmo quando os caminhos são da memória ele era feito de pistas, trilhas... – que tomam a guiada e ficamos feito boi de junta do pé-de-guia. O que estava à frente, ao longe, mesmo vendo-o, perdia um pouco sua grandeza para se misturar com o que estava perto.

Nessas caminhadas pelas Zonas das Matas os mestres Boi e Farinhada realizam um trabalho de **espírito** e **calango**: estão em muitos lugares, curam, transmitem história, são apaixonados pelo que fazem, e tecem desafios. Um dos desafios tecidos foi fazer a construção deste texto como parte da pesquisa. Para isso recorri a alguns procedimentos metodológicos que me auxiliaram nessa construção. Fizemos, junto à orientações desta pesquisa, estudos, ainda que prévios, dos princípios epistemológicos das Produções Narrativas. Esta metodologia se fundamenta nas perspectivas dos conhecimentos situados, ou saberes localizados de Donna Haraway, que valoriza o testemunho pessoal<sup>13</sup>.

Produzi pequenos vídeos-anúncios para contar as histórias através de outra linguagem. Coloco aqui os links dos pequenos vídeos. Durante a leitura será possível acioná-los de acordo com os temas tratados:

<https://youtu.be/e1mwaev2srg> (01 memórias-grota)

<https://youtu.be/UfwbtnzmSmU> (02 identidades-grota meeiros)

<sup>13</sup> A perspectiva dos conhecimentos situados partem da noção da parcialidade do ponto de vista. Propõem como alternativa a aposta por uma parcialidade e uma localização do conhecimento, evitando os efeitos totalizantes de perspectivas do tipo positivistas que consideram o conhecimento produzido a partir de visões homogêneas e universais da ciência omitindo os sujeitos de conhecimento. A consequência desta concepção é que o conhecimento se produzirá mediante a conexão parcial, localizada e encarnada com outras posições. (BALASCH, MONTENEGRO, 2001, p. 45)

<https://youtu.be/1cTiAE6NmzE> (03 identidades-grota)

<https://youtu.be/sxbuTaiIwNE> (04 travessias-grota)

<https://youtu.be/yX7-beWm4IU> (05 artistas-grota)

<https://youtu.be/h-xzGmP4Hio> (06 devir-grota)

## **TRANSE**

### OS CADERNOS DAS CAMINHADAS

*uns artistas como eu;*  
*o que nunca fora segredo;*  
*os caminhos de volta*  
*culturaS;*  
*caminhos das terras;*  
*venenos, esperanças e festas;*

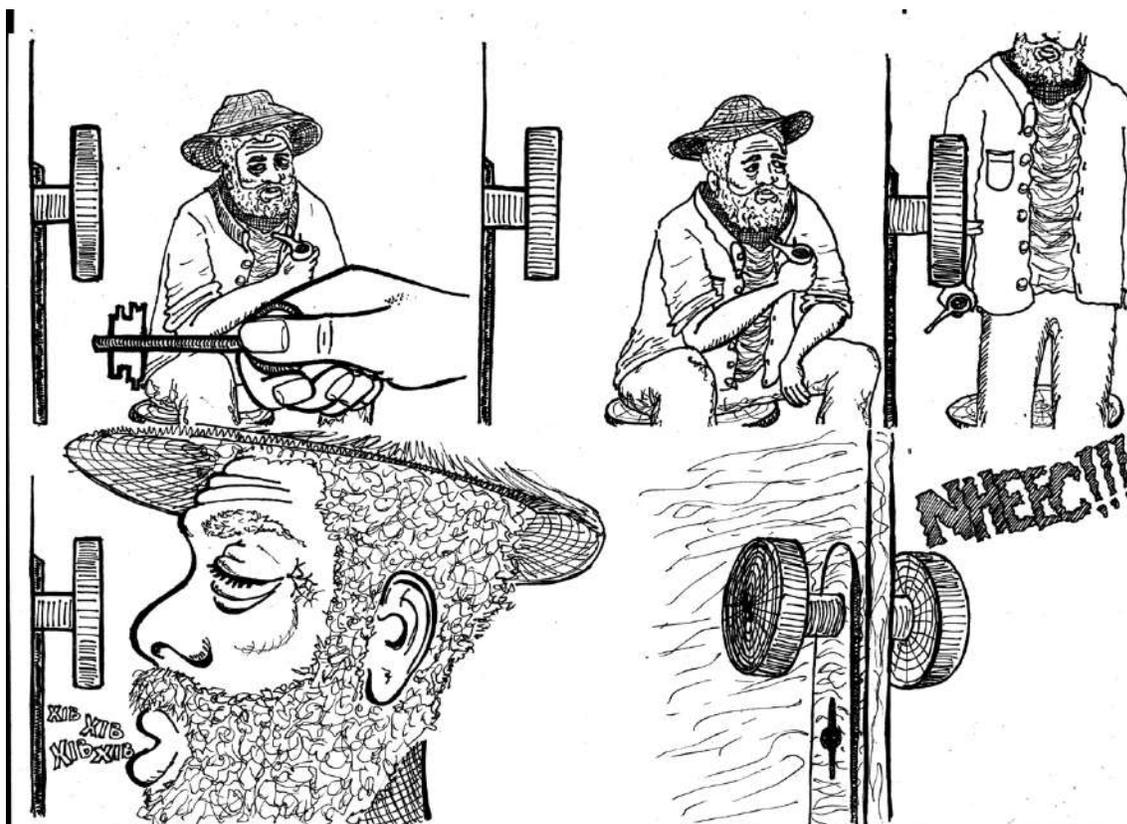


Ilustração: Glauber Guimarães – O preto velho.

## UNS ARTISTAS COMO EU

Antigamente tinha... tinha escravo. Eu mesmo num convivi não. Eles ficava tudo aí... tinha o pau, as correntes... e tinha um velho, um preto. Na... na fazenda tinha um velho. Quando o dono da fazenda saía ele trancava a porta da dispensa, levava a chave com ele. Tinha muita comida lá. Então o dono trancava que era pros escravo num pegar. Trancava bem, era uma porta daquelas grandes. Eu num sei como ele fazia não, mas ele conseguia abrir. Ha ha ha ha!!! abria e era aquela festa!! ele (o velho) fazia assim: chegava bem pertinho da porta colocava a boca na fechadura e ficava ali... conversava com ela... murmurinhos... e ela abria! e os escravo comia... ha ha ha ha!! aí o dono chegava e via a porta trancada e sem comida. Ha ha ha!! mas num sei como ele fazia... (relato de um senhor na comunidade do Peroba, Itajubá. Antiga fazenda escravocrata. verão de 2016).

Presentes:

Tião Farinhada  
 Willer Araújo Barbosa  
 Guilherme Padero  
 Christina Grumpione

### ÍNDICE DO CADERNO:

Minha vida, minha obra  
 Atraso pra chegar primeiro  
 Me misturo, como você,  
 Fazendo o caminho de volta

A verdade é a ciência, seriema disse.  
 Ou se deve desvendar a verdade?  
 Respeitar e reconhecer o ocorrido  
 Aí de nós se não resistisse

Então o povo resiste a algo?  
 À uma ameaça externa  
 E que já se faz interna.  
 Angu mal cozido? Tome cuidado

517 anos de expropriação  
 Mas mantemos a relação com a natureza  
 Pra onde foram as combinações?  
 Pras festas anciãs, lá tomamos a decisão

Festas cristãs, SALVEM O CRISTIANISMO!  
 Voz engasgada, baixa, mansa,  
 “Tugiu: boi, boi, boi...”  
 É a brasa fazendo contra-feitiço.

## TRAVESSANDO

Os dias foram de reunião da diretoria do Centro de Tecnologias Alternativas<sup>14</sup>, local de vários encontros nossos. Após o fim do encontro, fomos jantar junto à presenças de outras lideranças da região. Foi emocionante e uma aula de militância ouvir as histórias daquelas parcerias de longas datas. Após o jantar ele me acompanhou até a porteira de saída, ainda conversamos um pouco, acertamos os detalhes para a nossa primeira conversa desta pesquisa.

Nos despedimos

-saravá!

Depois de alguns passos rumo à estrada principal, ouvi o som de moedas rolando no chão cascalhado... olhei para trás e consegui ver apenas seu contorno frente a luz ofuscante que iluminava a porteira de acesso ao pátio de estacionamento do CTA, disse

-essas são pra ele!

E gargalhou.

No início de 2016 anunciamos para Farinhada as intenções em trabalharmos com suas histórias de vida, no entanto, a pesquisa inicial era uma análise dos mais de dez anos das ações por parte de vários projetos dentro do quilombo Córrego do Meio, local onde vive mestre Boi. Por um acordo entre membr@s do ECOA decidimos que iríamos realizar a pesquisa com os dois mestres: Boi e Farinhada.

Foi um acordo de fáceis encaminhamentos, pois os dois já foram sujeitos de outras pesquisas, o que no meu entender facilitou as nossas caminhadas em suas histórias de vidas.

Neste caderno falamos um pouco de como chegamos até esse entendimento de pesquisa. Esta primeira caminhada nos orientou também para os rumos que queríamos seguir ao longo da pesquisa, o que não significou que a realizamos da forma como pretendíamos. Os temas tratados, os lugares vividos, as pessoas visitadas foram surgindo mesmo ao longo da caminhada.

Bem, vou contar um pouco sobre meu primeiro encontro com Farinhada. Foi no Fórum Pela Promoção da Igualdade Racial (FOPPIR) de Ouro Branco em 2007, cidade onde

<sup>14</sup>CTA – Organização não governamental criada na década de 1980 em Viçosa/MG por professores e estudantes universitários e movimentos sociais com o intuito de trabalhar contra a revolução industrial na agricultura, a dita revolução verde, através de tecnologias alternativas que mais tarde viriam ser denominadas de agroecologia. Em 2017 o CTA fez 30 anos de atuação nas Zonas das Matas mineiras. Farinhada foi diretor presidente do CTA na gestão 2016 – 2018 e reeleito para a gestão 2019 – 2021.

vivi até os 23 anos. Ele pra mim era um músico. Porém o que mais me chamou atenção foram as espertezas de suas palavras, um **calango** nos movimentos sociais. A partir deste FOPPIR nossos encontros foram frequentes, em reuniões, festas, encontros e em eventos acadêmicos e populares. Por onde Farinhada vai ele é acompanhado por uma turma de instrumentos musicais, dessa forma ele tem uma banda por onde toca: a banda Junta&Vamu. Foi com essa banda que comecei as caminhadas com arinhada.

Neste primeiro caderno, Tião Farinhada nos conta um pouco de como se tornou um artista da caminhada, quais foram os desafios que enfrentou para se tornar um artista andarilho, no começo era a reivindicação de terra pra plantar e aprender a tocar violão. Um momento de sua trajetória que me chama a atenção é quando os movimentos sociais (PJ, CEBs, sindicatos) o chamam para assumir cargos de presidente, e funções burocráticas nessas entidades. Ele escolhe ficar como cantador, animador das culturais<sup>15</sup> e com as feituças das místicas. Farinhada decide caminhar. E é deste lugar, da arte, um lugar que marginaliz, que ele faz a educação popular, feita pelos caminhos. Diz que é deste lugar que a transformação da sociedade virá. Mais tarde, com os terreiros culturais passamos a chamar essa função de “Mestre de Cerimônia”. Isso deu a ele uma capacidade de “manejo da diversidade”, como ele diz. Os terreiros culturais são metodologias de fazer festas em que as conexões são os rumos que se seguem: conectar povos negros, indígenas, agricultores e agricultoras agroecológicas, grupos acadêmicos e entidades realizando trocas de saberes.

De igual modo, neste caderno Farinhada faz um apanhado geral de sua trajetória. Das migrações de suas famílias, de suas caminhadas pelos movimentos sociais até vir se tornando *negro inculturado*<sup>16</sup>. Impreciona seu conhecimento geográfico, e sua memória de nomes e lugares. De onde vem a capacidade de conhecer tanto assim? Me parece que uma perene conexão das fases da vida e suas *memórias biográficas*<sup>17</sup> que se fazem presente ao longo da

<sup>15</sup> Chamamos de “culturais” os momentos dos eventos em que se canta, dança e festeja. Normalmente feito no fim dos eventos, um momento de encerramento.

<sup>16</sup> Uma modo de vida característico de Farinhada: inculturar-se! Se misturar, vivenciar as culturas por dentro delas. Um tornar-se sempre.

<sup>17</sup> No livro *Memória e Sociedade: lembranças de velho*, Eclea Bosi chama os suportes materiais da memória que dão substâncias às memórias biográficas, ela diz assim: A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança em que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à práxis coletiva como a vizinhança (versus mobilidade), a família larga, extensa (versus ilhamento da família restrita), apego a certas coisas, a certos objetos biográficos (versus objeto de consumo) (p.08).

trajetória de Tião Farinhada, o que tornam as produções narrativas possuidoras de um imenso valor histórico, social, político e cultural.

Naturalmente que, para compreendermos os caminhos das narrativas, precisamos compreender os contextos em que são geradas. Quais pessoas surgem juntas com as memórias, quais vozes falam ao mesmo tempo em que produzimos nossas narrativas, à isto chamamos produções narrativas. Nesta conversa que se segue, os diálogos viram casos e casos nos orientam no sentido das narrativas, por exemplo, como lidar com as tensões existentes nas diversas formas de produzir conhecimentos, por exemplo, as traduções entre textos científicos e anúncios espirituais.

Como na epígrafe deste caderno, fica o espanto com os sopros de Tião que abrem nossas imaginações para além, porém não ingênuo como do coronel.

Que suas leituras, sejam sopros para as brasas da justiça!

## UM POUCO DE COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI

### **Guilherme Padero – UMA VEZ FUI FAZER UM CONVITE PRA UMA MÃE DE SANTO AQUI DE VIÇOSA.**

Foi um convite pra sua participação na Troca de Saberes<sup>18</sup>, e na hora das negociações, das conversas, o diálogo foi com uma entidade, a vó Cambinda. Foi bem interessante a conversa, os tempos dos nossos diálogos parecia algo em torno de mil anos, falamos dos povos de África, escravidão, espiritualidades, respeito com os donos e donas dos lugares. Pra uma pesquisa isso como fica? Num é citar assim

-o Farinhada usa de entidades pra isso, aquilo...

Num é isso. Mas penso eu que ele vai me contar coisas que num vai ser ele que vai estar me contando

Willer – não, não. Acho que tem... O meu trabalho de diálogo, com as pessoas que eu entrevistei<sup>19</sup> eu usei essa perspectiva né. Recuperar a memória né. Recuperar a memória. O

<sup>18</sup>Evento realizado na Universidade Federal de Viçosa desde 2009 onde se reúnem por quatro dias movimentos sociais, grupos acadêmicos, representantes de comunidades quilombolas e indígenas, agricultores e agricultoras vindas de várias partes do país para debaterem temas como agroecologia, educação popular, economia popular solidária e cultura.

<sup>19</sup>Willer se refere ao sua tese de doutorado *Cultura Puri e educação popular no município de Araponga, Minas Gerais: Duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente.*

que que é a memória? **O que que é aquela coisa que num chega a ser uma memória... é uma reminiscência... é uma coisa que passou um ventinho num determinado momento que é... aquilo fica ali batendo... batendo... aí chega uma hora que vem um vento de outro lado bateu ali! Aí pronto, ligou a coisa. Então aí pronto ali tem uma memória.**

Vai depender da sua leitura, vai depender do seu envolvimento. Por que numa determinada hora você vai ser tomado também. Uma coisa que eu falo né, da minha pesquisa de doutorado, eu conto isso e não tá no meu texto, que num coube ali no texto, eu num consegui fazer caber e tal. Mas foi uma das visitas mais fenomenais que eu fiz. Que foi lá no Sebastião Rodolfo lá nos Manja<sup>20</sup>. Que é irmão mais velho do Zé Ramos na comunidade dos Manja, estavam lá na época da criação do Parque Brigadeiro<sup>21</sup>.

Eu fui no Zé Ramos primeiro no dia anterior e conversei com ele, e ele falou:

-então você vai conversar com essas duas figuras

Você vai procurar meu irmão Sebastião Augusto. Conversamos, ele deu as dicas, que o Seu Neném já tinha falado pra procurar esse cara. Aí eu dormi ali, numa outra casa assim pra cima, e ele falou:

-olha, você vai conversar com o Sebastião Rodolfo, se você vai falar de fumo, você inicia a prosa falando da palha

Foi a dica que o cara me deu! Pronto. Agente num entende muito bem do que tá se referindo, mas tem uma dica ali importante. Aí eu fui dormi e acordei cedinho, nessas horas que eu acordo mesmo e desci pra casa do cara. Quando eu abri a porteira da casa, uma espiga de milho ali, falei:

-opa!

Passei a mão na palha. A dica tá aí né. Aí entrei com aquela palha na mão. Nem falamos de palha e nem falamos de fumo, a conversa foi outra. Ele me acolheu naqueles degrauzinhos ali na frente da casa, tava frio de lascar, era julho no alto lá da Serra do Brigadeiro né. Ficamos ali uma hora, uma hora e meia proseando. A minha pergunta era pelos antigos que viviam aqui. E ali apareceu um monte de coisa, e quando ele se deu por satisfeito ele falou:

-vamos dar uma andada, tá muito frio.

<sup>20</sup>Comunidade pertencente ao município de Araponga-MG.

<sup>21</sup>O Parque Estadual da Serra do Brigadeiro foi criado em 29 de setembro de 1996 abrangendo *Serras* de nove municípios mineiros.

Aí pronto, ele me levou, eu tenho o desenho desse quintal aí. Ele me levou, foi pro jardim, passamos naquela cerca quebra-corpo

Farinhada – tronqueira de vara

Willer – é. O quintal todo divididinho. Era um de açaí, um de num sei o que, predominante né. E ele assim: pegava uma plantinha, cheira essa? Experimenta essa? Amassa essa? Me conduzindo ali no meio das plantinhas. Num determinado momento, agente tinha dado a volta na casa, e eu sem ver a casa, ele nem falava mais, fazia o gesto e eu acompanhava ele... aí ele fez um gesto eu também fiz. Nessa hora eu perdi as pernas, eu perdi a consciência, eu fuuuuu... o cara fez um coquetel que me tirou da consciência. Quando eu olho agente tava na porta da cozinha da casa do cara. Ele entra e me conduz, e tava lá a mulher, duas filhas, umas crianças e tal bá bá bá... e uma mesa posta! Ele não conversou com elas. Ficou comigo o tempo todo. Uma mesa posta. Aí ele começou a me oferecer:

-então tá, você tá querendo saber dos antigos? Eles não existem mais, esse pessoal acabou.

Aí me dava um alimento:

-mas era isso que eles comiam.

**E riam de mim! O pessoal desabando de rir! Me dando de comer a comida do pessoal que não existem mais!** Quer dizer, como é que eu escrevo um trem desse!? Né... o sentido da coisa... eles me falaram dos antigos, me falaram da alimentação como algo fundamental, a organização da produção, do alimento, foi isso que ele me mostrou, dizendo que num tem, que esse povo num existe.

Farinhada – muito isso que você falou, aquela menina que tava no FOPPIR<sup>22</sup>, a Eliana Pataxó, ela inventou de escrever sobre as curas feitas pelos Pataxós e pelo pessoal de quilombo, as curas e rezas e a UFMG<sup>23</sup> de cara barrou, falou:

-você num vai conseguir escrever!

Mas aí encontrou um jeito de dizer né, de dizer. Como é que você explica, com é que você escreve sobre uma incorporação. Aí a fala do Willer me fez muito lembrar isso né. Por que a... os pataxós tem muito isso né, do tratamento deles com as plantas, com a espiritualidade tem muito esse vínculo né, os velhos só agem a partir da... enquanto eles num são orientados

<sup>22</sup>Fórum Pela Promoção da Igualdade Racial. Evento realizado bianalmente nas Zonas das Matas mineiras pelo Fórum Mineiro de Entidades Negras o qual Tião Farinhada está como presidente até 2019.

<sup>23</sup>Universidade Federal de Minas Gerais.

pelos seus superiores, pelos seus mentores eles num tomam nenhuma decisão! Talvez compreender isso, esteja nesse sentido né, desse meio que enrolar o meio de campo, mas é o tempo que cê vai ganhar também né, pra dizer que que ocê tá pensando né. Eu presenciei isso na Caravana agora do Rio Doce<sup>24</sup>, encontrei com as filhas do Nadil, com os filhos do Nadil, falei com eles: cês lembra que em 2003 nós chamamos seu pai lá na escola nossa, e ele foi fazer um ritual e, e ai na hora de terminar... foi ficando tarde... tudo que ele pediu agente fez, tudo que ele pediu que gostaria de ter, agente, nós demos conta de preparar. E aí começou o ritual, e o tempo foi passando, o tempo foi passando, o pessoal começou a olhar no relógio... mas ele precisava de um sinal pra terminar. Então num é um tempo do relógio

Willer – num é!

Farinhada – entendeu.

Chirs – os Guaranis são assim também!

Farinhada – ele precisava desse sinal

Willer – Nadil é o Krenak?

Farinhada – é, Nadil é o Krenak. Ele precisava desse tempo. Aí eu conversando com os meninos né, por que os meninos era tudo criança. Agora já tão... né, já tão adultos né. Então é entender isso né, o que que é esse tempo que agente tá preso a ele, que cê tem que seguir, mas e o tempo das coisas que são muito, muito, muito natural né. Que agente na verdade... que eu entendendo tudo isso é a sua vontade, é o seu desejo de escrever essas coisas, no caminho eu falei com a Chris

-o que eu venho fazendo até aqui, tá muito ligado com a história também daquilo que eu inseri, que é o movimento social, que é o movimento popular. Primeiro a Pastoral da Juventude, com a CBEs<sup>25</sup>, a Pastoral de Juventude Rural, né!? Logo em seguida o sindicalismo, o PT (partido dos trabalhadores) e depois a questão da negritude. Então assim, o debate hoje que eu faço com a questão do negro, no começo eu num fazia esse debate. Então quando eu comecei a fazer esse debate, quando eu comecei a discutir a questão racial e tudo, a minha memória voltou aos quatro anos de idade! Que eu chegava na casa da tia

<sup>24</sup>A Caravana Territorial da Bacia do Rio Doce percorreu, entre os dias 11 e 14 de abril de 2016, várias localidades da bacia de suas nascentes do Alto Rio Doce em Minas Gerais até sua foz na vila de Regência-ES. Cerca de 150 pessoas de diversas partes do país denunciaram o desastre-crime ocorrido com o rompimento da barragem de Fundão em Mariana-MG, no dia 05 de novembro de 2015, envolvendo as empresas minaradoras Samarco, Vale e BHP Biliton.

<sup>25</sup>Comunidades Eclesiais de Base.

Francisca que ela tava sentada de costa pra nós e de frente pra mesa de santo. Entendeu? E cê chegava pra dar qualquer notícia, ela virava e te falava:

-cê vei aqui pra me falar isso né. (risos)

É uai! Eu duas vezes eu fui dar notícia de morte, chegando assim com o dia clareando, eu moleque, com a minha irmã mais velha, antes d'agente abrir a boca ela falava assim:

-fulano de tal morreu né!?

E os casos que agente foi pedir... uma vez passando... uma morte... as galinhas começou a morrer tudo lá no terreiro. Uma doença que pegou no terreiro sabe, aí fui lá pedir pra tia Francisca benzer. Nós chegamos lá, aí tia Francisca já tava lá sabe, dia amanhecendo... Tia Francisca já tava lá sentada de vela acesa e de costa, aí nós chegamos:

-bença?

-Deus abençoa.

Aí ela já virou e falou assim:

-que que tá acontecendo lá que as galinhas tão morrendo? Que que cês tão observando?

Aí minha irmã perdeu a fala né

-uai, eu vim pra contar e ela já sabe.

E assim, como é que você escreve isso? E como é que você reafirma que isso é verdade? Né!? É só quem vive isso vai dizer do que passou, entendeu? A Marta<sup>26</sup>, quando eu chego lá no Ivai, a Marta fala:

-eu preciso de conversar com cê?

-tá vamo conversar cá.

-Mas eu quero conversar com cê fora da reunião. Que ela chega perto de mim e fala assim:

-o pai Arlindo falou comigo que a minha estrela tem que brilhar.

Padero – pai Arlindo?

Farinhada – é o Arlindo, aquele dia lá.

Padero – lá em Carangola...

Farinhada – sabe, qual momento? eu num vi o Arlindo conversar com ela em hora nenhuma.

Mas ele falou pra ela e ela quer entender:

-mas que história é essa que minha estrela tem que brilhar?

<sup>26</sup>Liderança da comunidade quilimbola do Ivai, zona rural de Patrocínio de Muriaé-MG.

eu falei:

-o Marta, você já percebeu que você é a liderança referencial aqui? Sabe, dessa comunidade? O que que é uma estrela brilhar? É aquela que se aparece, aquela que se destaca.

Willer – que conduz né!? Mostra o caminho...

Farinhada – que mostra o caminho. Então ele tá falando é disso! É pra sair do ninho agora. Com isso ela sentiu encorajada a ter que começar dar os passos com a questão memo com o reconhecimento da comunidade. E é só quem vive isso é que vai entender né. Que vai compreender. Então assim, eu fico pensando Willer, que quando agente... lá na comunidade do Belizários (Simonésia-MG), quando o Seu Sebastião começou a falar:

-eu tive lá em Araponga, eu tive lá e tal tal... eu tinha 22 anos de idade.

Ele é mais ou menos da idade do Seu Neném, então Seu Neném e Seu Bimbim<sup>27</sup> eram jovens naquela época. Os caras já debatiam a questão da terra, né!? Os caras já tinham o desejo da questão dá... de ter a terra. E alimentado por essa espiritualidade, que isso é uma dimensão muito forte na vida do povo. Que todo povo ele só se resistiu, só se conseguiu sobreviver por que guardou essas memórias vindas da sua ancestralidade.

Willer – sete chaves!

Farinhada – sete chaves<sup>28</sup>!

Chris – sete chaves meu!

Farinhada - entendeu...

Chris – esconderam dos outros...

Farinhada – esconderam dos outros!

Chris – se não num sobrava era nada!

Farinhada – se não num sobrava era nada! Como é que é que cê faz um sumo de fumo e aquilo ali cura bicheira, aquilo ali cura... (risos). Cê pega o guiné e planta em volta da casa pra num entrar olho gordo. Cê põe uma cabeça de boi na porta do curral e no chiqueiro e vai proteger o seu terreiro. Então assim, isso é uma defesa do povo, isso é uma coisa que o povo... e se num é essas mandinga agente tinha sido instinto! Por que o branco tinha muito medo

<sup>27</sup>Lideranças da etnia Puri de Araponga-MG. Participaram das pesquisas de doutorado do Willer.

<sup>28</sup> Este é um exemplo de repetição que fui orientado pela banca em retirar. Existem mais ao longo dos cadernos. Percebo que essa didática dos discurso de Tião são como um modo de aprendizagens. É comum ele repetir frases feitas por outras pessoas e depois ele as reproduzir em outros espaços. Um modo de aprendizagem da educação popular.

dessas mandinga do negro. Por que como que um povo vem num porão de um navio, sobrevive a tudo isso. Povo que trabalha com pouca comida, comida praticamente sem nenhum nutriente, que nutriente tem o angu?

Willer – como é? Come pouco, dorme pouco, e tem que ter sorriso no lábio.

Farinhada – E tem que ter sorriso no lábio.

Willer – risadas

Farinhada – então assim, a senzala, nunca li isso em nada assim, mas a senzala na verdade era o grande templo dos negros, era o momento... por que assim, quando eles estavam na senzala era o principal momento da conexão! Nas senzalas... e o trabalho. Por isso que os cantos são forte. Os cantos de trabalho né... o canto do caxambu, do jongo isso é forte. Por que assim, se você trabalha cantando, você num tá simplesmente trabalhando... cantando (risos)... né!? No jongo mesmo, no caxambu, no...

Willer – é consagração né!

## UM CALANGO NOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Farinhada – **no calango, por que assim, a primeira música que eu tenho acesso a ele é o calango**, que eu via lá meus tio, o pessoal lá cantando né, e tocando a sanfoninha e cantando aqueles versos que é tudo mandinga cara, é tudo combinação das coisas. Entendeu! Era tudo combinação das coisas... e como é que esse povo sabia se ia chover se ia dar sol né!? Se ia nascer menino homi ou se ia nascer menina mulher né. Então isso é a coisa que é muito forte né. E aí assim como é que agente consegue traduzir isso pro movimento, por que o movimento, o povo, a nossa ancestralidade sempre viveu... a organização é uma coisa que sempre existiu! Isso não é coisa do PT do MST <sup>29</sup>

Chris – o PT até conseguiu desarticular um pouco... (risos)

Willer – (risadas)

Farinhada – tanto que algumas tendências do PT até criaram a “Tribo” né que eu fiz parte dela durante muitos anos. Por que o povo sempre se organizou pra sobreviver. Pra sobreviver... Desde o tempo das cavernas o povo tinha que se organizar.

29 Movimento dos trabalhadores e trabalhadoras rurais sem terra

-se o sol é muito quente então nós vamos arrumar uma sombrinha de folha de inhame.

Se essa região aqui tá difícil a água, o povo se organizava em grupo e ia pra outra região. Então, assim, nós somos herança de um povo que sempre viveu em comunidade. Sempre viveu em tribo. Agente num da conta de viver sozinho. Por isso que agente tem um monte de experiência bonita pra contar hoje, da agroecologia, das comunidades quilombola, por que o povo sempre tava junto

Padero: sempre se virou...

Farinhada: sempre se virou. Juntou 3 ou 4 bora pitar um cachimbo, tocar o tambor...

Chris – e ver o que que aparece

Padero – você sempre falou que... parece que tem uma barreira né... dessas questões pros movimentos né. Você critica muito o MST e MAB<sup>30</sup> de num aceitar...

Farinhada – de num aceitar. Que isso é uma incorporação forte padero! Isso domina qualquer força. Isso domina qualquer força. Quando a cultura está enraizada nas pessoas elas num aceita nenhum tipo de dominação. Por que que os negros fugiam das fazendas e formavam os quilombos? Por que ele se emancipava daquilo que...

-eu sou livre! Por que que eu tenho que trabalhar de graça, se na minha terra eu tenho comida, eu trabalho o dia que eu quero. E me privar daquilo que é mais sagrado, de cultuar meus deuses, meus orixás!

Isso é de uma força que você num tem noção! E movimento? que que ele quis fazer? Nos doutrinar! Entendeu?

-Não, só pode tocar o tambor daqui a uma hora.

Ai chama agente pra fazer uma animação, ai no meio da, no meio...

Willer: essa é uma característica dos Terreiros<sup>31</sup> né.

Farinhada – no meio da animação dá uma xhhiii, dá um sinal e corta! Sabe, ou manda tocar mais baixo hehehe... que tá incomodando... entendeu? Então assim, é uma dificuldade muito grande sabe, de compreender isso. E eu, sempre quando eu... num sei porque que aconteceu, mas que eu comecei nos espaços, nesses espaços do movimento, a ajudar assim, a pensar e a

30 Movimento dos atingidos e atingidas por barragens

31 Willer se refere aos Terreiros Culturais e Agroecológicos. Eventos realizados pelo ECOA (Núcleo de Educação do Campo e agroecologia) da Universidade Federal de Viçosa. Este evento se caracteriza por ser um encontro entre conhecimentos acadêmicos e populares através de pesquisadores e pesquisadoras, grupos de pesquisa e mestres e mestras das culturas populares e pessoas ligadas a movimentos sociais. Os Terreiros culturais acontecem sempre em alguma comunidade que o acolha.

coordenar esses momentos, eu nunca cortei nenhum grupo sabe, nunca cortei nenhum grupo. E quando tive, e quando tive né, sentiram a necessidade de dizer assim:

-ó é hora de parar que tem o outro. É num jeito... já apanhei por isso. Num é fácil. No Terreiro Cultural lá no Amauri<sup>32</sup> os meninos vieram pra mim com voadora. Depois meu filho, aonde eu ia os cara queria:

-ah, tal tal, tem essa música da capoeira...”

Por que eu fui e cochichei no ouvido de uns três ou quatro, sabe

-agente precisa de continuar com a outra programação

E aí assim, como é que o movimento, como é que isso é importante pro movimento? E como é que... o movimento também ele é importante né. Pra esses grupos nesse sentido. Por que cê pega o Córrego do Meio mesmo, as pessoas se interessaram pra ir numa marcha, a ir num evento depois que falaram que o minério-duto ia passar lá e ia acabar com a água<sup>33</sup>. E ai o sentido de tudo é o território: aonde tá elemento sagrado moço, não mexe! Entendeu? Por que isso é forte! Forte de mais da conta. É, se você chega lá no Soberbo, onde agente tava ali né, agente passou visitando ali. Teve gente que preferiu morrer ali, afogar na água, do que sair da casa velha, porque na casa velha enterrou o umbigo do filho, sabe, tá tudo ali marcado, tudo tá ali marcado. Isso tem uma significação muito forte.

#### SETE PALMOS DE TERRA E UM CAIXÃO<sup>34</sup>

Willer – **eu, eu... cê tá conversando, eu acho que o padero já tá fritando né...**

eu tô entendendo que tá saindo um acordo né, de que essa viagem pode prosseguir

Farinhada – heheheh

Willer – até onde... vai ver o caminho, porque é só uma continuidade né, num tem onde que vai parar. Mas eu queria cortar pra uma coisa que veio pra mim agora... na semana antes do Educação Gaia... é, a Educação Gaia tá sofrendo uma pressão muito grande, do contexto

<sup>32</sup>Amauri é um agricultor agroecológico que tem sua propriedade na comunidade do Cruzeiro em Espera Feliz. Realizamos dois terreiros culturais em sua propriedade, um em dezembro de 2009 e outro em dezembro de 2010. Para Farinhada estes terreiro foram divisores de água em sua carreira artística, foi quando ele escolheu a vida da arte e deixou cargos de políticos, na época ele terminava um cargo de assessor do deputado estadual Cesar Medeiros.

<sup>33</sup>Movimento contra o minério-duto da empresa Ferrous ocorrido nas Zonas das Matas mineira.

<sup>34</sup>Referência ao título de um livro de Josué de Castro, Sete Palmos de Terra e um Caixão.

universitário e tal... até do meu olhar também tem assim... eu olho que quem tá conduzindo, no caso a Cacá e o Felipe né, lá da LICENA (licenciatura em educação do campo com ênfase em agroecologia da UFV), eles tem um olho muito gordo pro dinheiro, né então assim, é onde eu mais fico... assim... pô que saco, se as coisas fosse mais simples, ia acontecer a coisa e tal. agente fez desde o início né, desde aquela rodada de sonho pro Educação Gaia que foi fevereiro do ano passado (2015). Agente fez aqui uma rodada de sonhos pra pensar esse curso de Educação Gaia, surgiu essa coisa de você participar, de Seu Neném, de Amauri nessa lógica que agente trabalha... acabou que foi fraco nesse sentido, que agente não conseguiu imprimir isso e acho muito por causa de um freio de dinheiro na história. E isso é ruim quando isso acontece né... tem que fazer a coisa circular... mas aí nós fomos na semana anterior, na sexta feira salve engano, nós fomos lá no Seu Neném. Fomos lá pra Araponga, vamos lá ver se agente traz uma purizada pra cerimônia Guarani. Que é... foi uma... enfim, foi uma oportunidade que agente perdeu né. Num teve condição objetiva de fazer. Mas paramos lá no Seu Neném, e acabou que foi a única visita que nós fizemos que, o Seu Neném tava afim de prosa

Chis – foi.

Willer – ele tá sedento de conversa né!? Acho que você compreende melhor do que eu o porque disso, na articulação dos movimentos e tal né... então ele tá precisando de conversas, de apoio e tal né. O apoio é só a presença, tá ali junto né... então ele sentou, agente ali e num teve jeito: pau, pau, pau pau puxando conversa de todo lado. Num determinado momento chegou a história do Paulo Lima, que faleceu, cremou e tá lá pensando uma cerimonia pra soltar a cinza do cara lá na pedra redonda, que era o desejo dele. E nessa história agente tá com aquele terreno lá, eu Irene e Bento né, lá na Pedra Redonda: e que que faz com aquilo? Do ponto de vista do projeto do Arne, portanto também da Irene, ele já emancipou. Eles já compraram o terreno lá na Serra das Cabeças, e já vão construir lá a viagem deles né, que é... quer dizer, o que é eu num sei nem falar, cada um faz a sua viagem. Então tá lá aquele terreno na Pedra Redonda, e a Irene: “pô vamos resolver isso logo”. Como é que resolve, pensamos aquela fundação lá Paiama, um monte de coisa... pra ampliar uma dimensão cultural e agroecológica que sempre foi o que eu imaginei, nunca pensei essa coisa como um terreno pessoal, num é um propriedade privada, pô eu... cá pra nós, essa é uma das merdas mais fudidas, é a tal da propriedade privada. E aí, naquela conversa com Seu Neném me veio uma

história, que foi quando ele começou a narrar a inquietação que ele tem com a mãe dele tá enterrada na cidade, em Araponga.

-Era aqui que ela tinha que ter sido enterrada, era aqui! É aqui que é o lugar dela, ela sempre quis isso.

Farinhada – humrum

Willer – Aí tem uma legislação de cemitério muito louca que eu ainda num, nem sei direito

Farinhada – os ricos conseguem aonde quer!

Willer – é!

Farinhada – lá no paraíso tem cemitério. Uma Fazenda.

Willer – quer dizer, é quase que uma reserva legal, cê tem que fazer um plano de manejo da terra com a reserva legal

Farinhada – doar pro município

Willer – pra cemitério né!

Farinhada – e fazer a doação pro município.

Willer – isso. Ai eu fiquei pensando naquela terra lá a Pedra Redonda, agente ceder ela pra cemitério Puri. Assim, maior viagem. Agente até chegou a conversar isso com o Seu Neném.

Por que o cemitério ele faz a consagração né. Ele

Farinhada – é, só existe luta popular por causa disso

Willer – aterra e conecta... ele faz o atravessamento geral né. O sagrado com algo, algo da terra né. Aterrar, enraizar. Cê acha que isso é uma maluquice demais? Cê acha que eu vou conseguir convencer a Irene a ceder essa terra pra um cemitério, ali no pé da Pedra Redonda? Eu acho que isso vai ser simbólico demais. Vai ser uma viagem maluca... por que o pessoal lá tá precisando disso

Farinhada – o que que isso pode resignificar pra luta né? Por assim, quando você começa a estudar a história das ligas, o pessoal do... o pessoal sai do meio acadêmico vai pro nordeste do país com a perspectiva de organizar os trabalhadores né, na cana de açúcar e tudo, o pessoal do PCO (TCO) essa galera toda, quando chegou lá, já topou um grupo meio que de resistência. O pessoal chega falando

-nós vamos começar a reivindicar, vamo reivindicar trabalho!

Na época era 16 horas de trabalho

-vamo começar a pedir pra reduzir o tempo de trabalho, vamo reivindicar que pra trabalhar nesse canavial eles tem que ter botina.

Os caras

-não! Nós queremos um dia pra velar os mortos. Queremos caixão pra enterrar nossos mortos Padero – O Josué de Castro que tem um livro, Sete Palmo de Terra e um Caixão, que narra essa história dos camponeses que queriam apenas terras pra enterrar seus mortos

Farinhada – o mínimo

Chris – o mínimo

Farinhada – por que isso é sagrado do povo, isso é coisa sagrada do povo. Então entendeu, a partir dai... esse primeiro direito. Por que isso foi tirado né, isso foi tirado do povo. O direito de velar por seus mortos. Então quando tem esse direito reparado, fica tudo mais fácil pra chegar no que chegou, o sindicalismo. Então isso tem muito significado sim Willer pra questão da agroecologia, do ponto de vista da cultura popular, sabe... acho que tem muito sentido, essas coisas tem muito sentido

Willer – foi bem forte pra mim assim. Tá envelhecendo, ta morrendo e ta abandonando seu território né. Assim, o espírito tá noutra canto. Mas desculpa né, eu trazer essa coisa assim né... to pensando aí... por que essa é uma dimensão significativa mesmo né, agente sabe disso. Apesar de num tá ainda... ah teve lá, teve lá... os movimentos ainda num tão tratando disso. Trata assim né, numa conversa e tal, num é uma bandeira né. A consagração ainda tá na dança. Onde os nossos antepassados...

Farinhada – o povo do Ganga (Grupo afro Ganga Zumba de Ponte Nova-MG) conseguiram essa coisa do cemitério né, que eles falam cemitério dos cativos né, em Ponte Nova. E conseguiram fazer uma luta pra que fosse cercada a área onde ele dizem que é... onde os mais velhos, que a vovó Quinha dizia que era cemitério, entendeu!?! Conseguiram ir lá e cercar. E ai lá na EFA de Natalândia<sup>35</sup> quando o pessoal chegou lá pra região e fizeram o processo da ocupação da fazenda há uns 40 anos atrás e fica muito longe da cidade e o pessoal começou a morrer eles começaram a enterrar lá na comunidade de forma ilegal e o cemitério é ilegal. E ai eu cheguei lá na EFA e comecei a sentir umas estranheza, começou a acontecer um tanto de coisa, e ai eu fui perguntando pra algumas pessoas, conversando com jeitinho e tal tal. E

<sup>35</sup>Escola Família Agrícola de Natalândia, região Norte de Minas Gerais.

ai uma noite lá tomando umas cachaças, ai eu senti que o negocio ta é aqui, é o cemitério. Aí, fui e conversei e a menina começou me falar que que tava acontecendo na sala de aula, as interferências que eles tavam tendo que eles não davam conta de compreender, né!? De compreender aquilo tudo que tava acontecendo. Agora a nova diretoria, vai ter eleição da EFA, um dos candidatos colocou que é fazer, quer cercar o cemitério, por um muro, plantar flores, do tamanho que a coisa virou. Isso de meados de 2014... de 2015 pra cá.

Padero – que EFA foi essa?

Farinhada – Natalândia. Então lá já passou coisas recentemente assim muito assustadoras assim... do ponto de vista de quem vem leigo e vê acontecer

Willer – e aquele assentamento ali é velho

Farinhada – e o assentamento é histórico. Entendeu? Entender essas coisas assim é muito importante, por que tudo tem uma memória né. Lembrando ai do que cê falou. Tudo tem uma memória, se você não respeita a memória daqueles que te antecede, cê ta cometendo uma burrice entendeu!? Uma burrice. É muito provável que as coisas darão errado sabe, se você não respeita essa memória. E na agroecologia isso é muito interessante por que você vai encontrar o povo respeitando a fase da lua pra plantar

-pra colher as plantas medicinais é na minguante

-a mandioca na nova é perigosa, vira veneno

-capar porco é na minguante

Se o povo perde isso ele num é mais ninguém, num é nada, ele num existe. Ele num existe! Hahaha se o povo perdeu isso meu filho, num tem, num existe luta né, lutar pra que? Lutar pra que? Quando agente curava feijão só com a terra de formiga num tinha essa visão de vender feijão no mercado né. Eu até falei isso lá na OCA<sup>36</sup>

-a agroecologia pode sustentar o mundo? Pode! Se agente criar essa consciência sem a lógica do consumo. Ai o agronegócio pega no nosso pé. O que fazer com o povo da cidade? A cidade tem condições de produzir alimento. O que ela num dá conta de produzir? Por que não numa parceria?

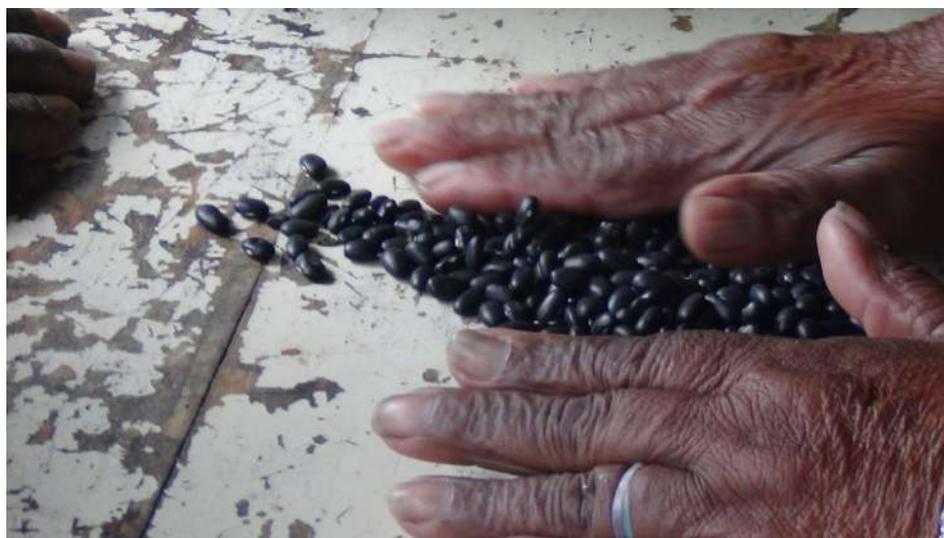
Mas num tem essa necessidade, dessa produção desrespeitosa com a natureza. Então isso é importante agente pensar né

<sup>36</sup>Organização Cooperativa em Agroecologia, fundada em 2014 na cidade de Viçosa-MG.

## ALIMENTO DO CORPO, ALIMENTO DO ESPÍTRITO

### Willer – **é, o fato do consumismo**

Farinhada – é a lógica do consumismo né. Que acabou agente entrando muito nisso né. Hoje não se tem preocupação com produto saudável. É produto bonito. Se ele tiver bonito na prateleira não importa como ele é produzido, da onde vem. E ai assim, e a história da família que tá ali? Hehehe a história que tá por trás né, pra chegar né, o produto que tá ali. Quando é produzido no campo do agronegócio, o cerrado foi destruído, a mata foi destruída, mataram os pássaros. Houve vários crimes né, pra produzir a soja, pra produzir esse tomate que chega no mercado, são vários crimes cometidos ali. E quando é da forma mais rustica possível, tem toda uma ligação ali. Eu tinha um tio, Seu Valdemar, que é essa figura que é muito presente na vida do povo lá em casa até hoje né, que ele era um veizinho muito sábio, magrinho, tinha um orelha pequenininha, né hehe... e tio Valdemar era um homem muito sábio né, agente chegava na casa dele essa época, tinha um correguinho que passava na porta da cozinha dele padero, tinha um monte de vara dentro da água. E ai menino sempre curioso com aquelas varas dentro da água... ele cortava as varas e colocava dentro da água pras varas curtir pra bater feijão. As varas ficavam curtidas e guardava de um ano pra outro



Mulheres catando feijão durante os preparativos da Fogueira de São Pedro de 2017  
Foto: Guilherme Menezes Conte

Padero – sem da broca nem nada...

Farinhada - sem da broca nem nada... entendeu heheheh... e era várias coisas assim sabe, que o tio Valdemar tinha lá. Lá na casa de meu irmão acho que ainda tem umas traia dele, um caixotinho, guardava tudo quanto é tipo de ferramenta, essas coisas de... que ele ferrava animal, ele guardava isso né. Era a sabedoria desse povo né, que conseguia compreender... e eu lembro de uma cena forte do tio Valdemar chegando lá em casa pra pegar milho de planta, ele entra dentro do paiol e começa né

-pis pis pis

Seleciona um monte de espiga né, dai a pouco, e menino né,

-descasca e não ranca a palha toda não!

Num rancava a palha toda não, tirava ali a ponta e deixava a palha pra carregar as espiga assim ó, segurava pela palha, sabe? Isso é coisa que ta na minha memória. Então se você conversar isso com o pai, com o Fernando, com os meninos eles vão contar é muita história do tio Valdemar nesse sentido. O homem era aquele negro rústico mesmo assim sabe, que trazia isso muito. Por cima assim do fogão tinha um monte de... tipo um estaleiro que ele fazia assim ó, e ali um monte de mato pendurado ali sabe

Willer – secando

Farinhada – secando! Sabe, cana de macaco, arnica

Willer – só panhá!? Fazer...

Farinhada – só panhá e fazer... né!? Feijão, até hoje num existe tecnologia pra armazenar feijão, pro feijão num bichar, guardava dentro de um balaio né, esse cesto, barreado né, esse cesto, cê faz o cesto, passava o barro branco e guardava ali, pronto! E ele tinha um feijão que acompanhava ele a vida inteira, chamava feijão mulatinho. E ai tinha um pessoal que até brincava, o Paulinho lá de Divino conheceu ele muito. Né, o Paulinho conheceu ele muito... e aí, ele só comia essa qualidade de feijão: feijão mulatinho. Que é um feijão preto piquininim, piquininim. Do tamanho do guandu, mas pretim. Que é chamado feijão mulatinho, e isso acompanhou ele a vida inteira, e acho que o Itamar tem lá um pouco, ele ainda conserva todo ano. Entendeu. Era o feijão mulatinho e o feijão trepador, que dava um trabalho pra colher danado, cê entendeu? E a minha tia Zumira, a tia Zumira ela era Puri daquelas, vou tentar resgatar uma foto pra mostrar pro Dauá. Por exemplo, frango no terreiro cara, quando o pintinho começava a penujar ali, pra ela já tava no ponto de comer. Limpava tirava a tripas e a cabeça e fazia inteiro

Willer – galetim

Farinhada – fazia inteiro... entendeu. Fazia aquilo ali inteiro. Então era esse jeito que o povo tinha de sobreviver né. E muito desapegado, uma casa assim muito... o que que era... eu num sei se eu falei disso... eu fui... eu tava lá em Rondônia no ano passado e ai eu fiz amizade com o pessoal do assentamento, e o casal tava com ácido úrico e eu tava com a minha tintura -vamos juntar? vamos tomar também que nós comemos muita carne vermelha naquela região? Aí no segundo dia já tava melhor e tomaram de novo a segunda dose e abril pra conversa e eles me falaram, falaram que a etnia do povo deles, nós falamos dessa coisa do Puri, dos negro-puri, e eles falando né que o povo mudava e eu contando como é que minha vó... ela conta como é que foi a mudança da fazenda do Vicente Neto pra Pontos da Aldeia em Manhuaçu que meu avô era fazedor de cachaça e era um cara respeitado pra fazer cachaça. Então ele sai de uma fazenda que até hoje tá a estrutura toda. Que é toda tocada a água e vai pra Pontos da Aldeia em Manhuaçu pra fazer cachaça. Só que chegando lá ele descombinou com o fazendeiro e voltou né, pra trás. Então assim, a mudança ia no cargueiro cara. Um burro carregando a mudança de uma família! Entendeu? Um burro carregando a mudança de uma família. Isso a minha vó contou umas seis vezes antes dela falecer. E, ai o pessoal pego e falou, o Seu Zé falou

-o negocio é o seguinte, a mudança do nosso povo era um tacho, um enxadão, uma enxada e um embornal de semente. Essa é a mudança do povo. Chegou meu filho, com aquele enxadão, cê abre uma terra pra plantar a semente, faz um buraco e faz o barro e barreia o barraco pra morar, e o tacho cê cozinha o inhame, a batata o que for produzindo cê cozinha, essa é a mudança do povo. Carregava três coisa! Hehehe né!? E a necessidade que agente tem de um monte de coisa, de penduricalho

-ah num posso deixar isso!

Num pode juntar coisa né!? O que que esse povo juntava e que que esse povo conseguiu deixar pra essa geração futura hoje? **Que hoje tudo que agente sabe de agricultura num é a universidade que ensinou. Num é cara. A universidade apropriou de uma coisa que já existia hehehe... né, ela apropriou.** Sabe, o laboratório, o laboratório ele existe desde o começo do mundo. Com é que esse povo foi entender cara, que só se planta o milho na mingunte se não ele vai carunchar? Né!? Num adianta. Pó plantar, num vai colher! Entendeu, plantar na nova num vai colher. Cê planta na nova, ele vai penduar, ele vai dar

broca. Esses dias, dia três de maio foi dia de Santa Cruz né, ai o povo enfeita as cruces coloca no terreiro

Willer – gasta um dia né...

Farinhada – gasta um dia

Willer – vai pra dentro de casa e fica ali

Farinhada – e ai o povo enfeita a cruz e coloca a cruz na frente de casa, e quando é no dia quatro de dezembro o pessoal vai e finca a cruz no meio da roça e essa cruz fincada no meio da roça, ela é cruz simples num é enfeitada nem nada. E por que o povo finca a cruz no meio da roça? É por que o vento não derrubar as plantas, mas quem que é a dona do vento? Iansã! E quem que é Iansã? Santa Bárbara, e dia quatro é dia de Santa Bárbara

Padero – tudo conectado

Farinhada – tudo conectado cara! Uma conexão. Uma conexão muito grande. Então cê finca a cruz lá e o milho não tomba. O arroz num tomba. Entendeu, por que ela vai cercar o vento. E é dum ano pra outro, cê tem que renovar cara. Todo ano cê tem que renovar a cruz. Todo ano cê renova a cruz... entendeu? Todo ano cê vai e renova a cruz. E ai pensando nessa coisa, que que agente... eu quando eu comecei a participar do movimento sindical, e que eu começo a ouvir os primeiros dias, os primeiros debates, sabe o povo discutindo a questão da aposentadoria, a questão da previdência social, o contrato de parceria que ninguém tinha isso cara. Nossa Senhora! Ninguém tinha contrato, ninguém tinha nada e agente começa a discutir

## O CHÃO DOS POVOS E OS POVOS SEM CHÃO.

Willer – **muita gente saindo das terras**

Farinhada – muita gente saindo da terra. O cara trabalhava 20, 30 anos numa fazenda e era mandado embora sem nada (será que saia apenas com enxadão, enxada, um tacho e um embornal de sementes?) isso aconteceu com a minha família entendeu? Sem nada, sem nada, sem nada. E quando agente começa a discutir isso, começa a fazer essa reflexão né.. e ali também aquele momento que a CEBs tinha uma identidade forte né influenciada pela teologia da libertação, de discutir a libertação do povo, que hoje agente num fala mais essas palavras tão bonitas né, transformar a sociedade, libertação do povo. O movimento da Boa Nova né... que que é a Boa Nova: Boa Nova é cê sair da escravidão e viver um tempo novo, livre, de

liberdade. E quando começa a fazer esse debate, Dom Thomaz Balduino, Dom Hélder Câmara, Don Luciano Mendes, Don Evaristo, Dom Pedro Casaldáliga

Willer – Don Zé Maria, Don Pelé

Farinhada – Don Pelé! Sabe, esse grupo de gente excluída dessa igreja elite e começa a falar a linguagem popular, dizendo assim: a missão do evangelho, a missão de Jesus tá sendo desviada. A opção de Jesus tem que ser preferencial para os pobres. E o conselho de Medellín em 1978 consegue mudar: não tem que ser “para” tem que ser “pelo”. Isso quase que deu uma guerra! E aí o pessoal começa a perceber que a única forma de libertação era a organização popular cara. Se você não se organiza... se você não tem organização popular você não tem força política. E eu até brinquei muito, quando agente lá parou a BR, eu vou tentar lembrar de refrão que agente cantou muito de 89 pra cá. Sabe, aí nós fomos cantando “A espinheira”, “Nosso direito vem”, “De repente nossas vistas clareou”, e essas coisas assim. Por que isso marcou um começo, isso marcou uma era que foi esquecida pelo movimento né. Quando o pessoal decide fazer a primeira ocupação que dá origem ao MST, a origem ao MST, a ocupação pra reforma agrária que o povo desce de São Gabriel até Porto Alegre, mais de 500 km a pé, e o povo desce cantando, desce rezando, e a mistura ali né do italiano, do alemão, acho que o único momento que o povo assim, consegue ter essa percepção né... o alemão, o italiano, o negro que tava ali, o descendente de Sepé, os guaranis, se agente começa a analisar assim o que concebeu o MST é um berço muito bonito cara, é um berço muito bonito pra lá na frente os cara se sentir dono! Se sentir dono da história. E o sindicalismo a mesma forma. O sindicalismo no Brasil tá marcado... a história do sindicalismo no Brasil é a história do “cabra marcado pra morrer”. Que um dos cabra marcado pra morrer é o Juarez que tá vivim, que em 87 ele entrou na lista dos cabra marcado pra morrer. Que tá lá em Virgolândia, que cê conhece muito né

Willer – sim

Farinhada – tá lá em Virgolândia que é um dos cabra marcado pra morrer. O latifúndio eles são muito organizado, no Brasil o latifúndio é muito organizado, então essa corrente que faz hoje o impeachment<sup>37</sup>, sabe, é bestagem nossa sofrer só por causa desse impeachment, nós já sofre a mais de 500 anos e vamos sofrer mais na mão desses caras e eles tem muita força,

<sup>37</sup>Dia XXX, a presidenta do Brasil Dilma Ruseuf sofre um impeachment

sabe eles tem muita força! E a única forma de driblar essa gente é a organização popular, a única forma de driblar essa gente é a organização popular. Eles já foram muito mais forte do hoje, agora nós damos uma bobeira, eles pegaram um aliado nosso, eles pegaram um aliado nosso. Por que se ocê pega o latifúndio da década dos meados de 70 eles tinham pouco apoio dos evangélicos. E hoje juntou a bancada da bíblia, do boi e da bala. Eles tinham pouco apoio desse grupo evangélico. Os grupos evangélicos que viraram hoje grandes empresários, muito direitista. Os conflitos pela, os conflitos agrários, se agente for olhar assim né, qualquer historiador, qualquer livro de história se ocê perguntar: qual foi o conflito agrário da Zona da Mata? Ce num vai encontrar nada sobre isso. Por que há uma negação, por que há uma negação? Hamham... cê vai encontrar os Emboabas aqui, os Puris poderiam entrar como conflito agrário que o povo tava na mata, o povo era daqui. Isso poderia tá...

Willer – tem essa apologia daquele coronel francês que tava a serviço da coroa portuguesa né, o Guido Marlier. O cara é... aqui na região fala é: no enterro dele fora mais de 200 índios! O cara era amado

Padero – o pacificador!

Willer – é. Quer dizer, o cara montou a arapuca pra o morticínio, que é o massacre na Serra da Piedade lá em Rio Branco, lá no alto. Diz que tem até ossada da indiarada morta lá

Farinhada – o próprio Barão de Rio Branco né, o cara num tem uma cidade com o nome dele atoa né?! Quer dizer o cara vem pra Zona da Mata, o cara recebe o título de Barão por que ele extermina o povo daqui entendeu

Padero – é, os 140 quilombos da Zona da Mata né, quase um por município

Willer – quase um por município. É, e sem contar a nossa ligação com o norte do Rio de Janeiro né, com o norte fluminense né...cê pega aquela região ali de Eugenópolis, Tombos, Antônio Prado, é uma das regiões que tem muito quilombo, muitos casarão ali, fazenda de engenho, engenho né e fazenda de café. Que o corredor na verdade de cafezal é o norte fluminense

Willer – é o rio Paraíba ali

Farinhada – num chega nem a Espera Feliz, passa por baixo Carangola e vai a Leopoldina até quase sair a Barbacena, era o corredor assim ó. Então essa parte nossa do Caparaó, que vira pra Manhauçu que chega até Belizário é muito novo, é 80 anos que tem aquela região de agricultura desenvolvida

Willer – era o sertão epidêmico né, num podia sair, num podia atravessar, pra num perder o “quinto” né, então era terra que foi mantida como mata né!? Que os índios né, os botocudos, os Krenac

Farinhada – os botocudos e tantos outros que tinha por ai

Padero – protegidos pela coroa, tinha uma área militarizada?

Willer – tinha! É tudo abafado mesmo

Farinhada – por que na verdade, na verdade assim, quando o Padre Júlio Maria foi pra África... quando ele tava na Bélgica e a congregação falou de mandar ele pra missão ai ofereceu a Amazônia e a África. E ai ele optou por África. Ai quando ele chega na África, na África já tinha uma estrutura montada, e ele vai pro Amazonas. Quando ele chega no Amazonas ele compra uma briga muito grande com os fazendeiros da região, e ai o povo fala pra ele assim: tem um lugar que não tem ninguém. Lugar que não tem ninguém, território sem disputa. Ai ele vem pra Manhumirim cara. Ele vem pra Manhumirim. E quando ele vem o pessoal da presbiteriana chegaram junto. Então o Júlio Maria... o pai da Aline Cantia, eu fui na casa dele e aí conversando assim, eu falei assim

-eu fui num simpósio do Padre Júlio Maria estudando a vida dele, fiz uma pergunta que ninguém soube responder

-aonde ele arrumava dinheiro pra construir tudo que ele construiu?

O povo dizia

-o povo arrumava galinha...

Mas galinha é muito pouco. Ele tinha um financiador daqui de Viçosa, do grupo do Artur Bernardes, o irmão do Artur Bernardes era o patrocinador da evangelização na Zona da Mata. Olha só como que o troço era casado com a elite e com a burguesia. Então numa região onde estava se emancipando... então eles pegaram uma área muito grande né, eles pegaram Carangola, Manhumirim, que o povo já tinha dizimado a fazenda escravocrata, mas que o povo, como a minha família, o povo de São Pedro num deu conta de sair, e ficaram ali trabalhando na meia, trabalhando na terça. Ai vem de novo a igreja pra passar a mão, pra oferecer a catequese, mais uma vez pra você não sair. Por isso que nós demoramos a vida inteira pra ter a independência

Willer – por que você deve se lembrar né

Farinhada – ai tem um fato importante, eu vou mijar e quero falar dele. Pode falar que eu to ouvindo

Willer – não, é... o pai do Argel, era o Bispo Wesilei da presbiteriana que criou essas igrejas todas ali no chalé, naquela região do Caparaó, ele era criador de Igreja. Louco de mais esses entrecruzamentos né. Mas vem as forças né. Vem as forças... o cara vem dos Estados Unidos pra fundar uma missão colonizadora né. E aí vai, coloniza, coloniza e agora vem outra missão colonizadora a ó. Disciplinar o povo! Quieta o facho. Nós sabemos por onde vai.

F – o pai do Argel é do Alto Jequitibá. Ele me falou. Mas aí o Padero pro cê vê comé que é o negócio né, a Universidade Federal de Viçosa é muito longe e aí que a igreja presbiteriana começou a fazer, tem um... na saída ali tem um lugar chamado CEM num tem?

W – Centro Evangélico das Missões

F – pra acolher o povo, os filhos dos evangélicos que dormiam separados dos alojamentos da Universidade. Mas aí em Alto Jequitibá o povo ficou muito esperto:

- vamo fazer um colégio!

Tanto que lá tem um colégio, o dia que agente passar na região vou te levar lá nesse colégio. Então o colégio é um tipo de CEM. Tem um monte de gente aí famosos que estudou nesses colégios. Por que assim, os jesuítas quando eles chegam a primeira coisa que eles faziam era a escola. Fazia a escola. Por que assim na escola cê ensina a ler e escrever mas é pra conhecer o evangelho.

W – disciplina

F – disciplina e tal. E aí os jesuítas foram combatidos por que cê num pode ensinar o índio e o negro a escrever porque eles vão aprender a fazer conta. Então os jesuítas foram banidos dessa região. Aí quando volta os sacramentinos e a igreja evangélica aí volta numa outra lógica né. Os caras já volta com estrutura de colégio, de internatos, já com uma proteção

### CAMINHAR CAMINHANDO, EDUCAR EDUCANDO

W – **o tempo já era outro né, era parte de um processo de civilização né**

F – e quem que estudava nesses colégios? Quem que estudava nesses colégios? Os filhos dos agricultor não estudava nesses colégios. Era um colégio montado e bancado pelos

fazendeiros. Lá em Manhumirim mesmo na escola que a Eliane trabalha a Maria do Carmo quando ela assumiu a escola ela falou assim, em 2009:

-eu só assumo essa escola com uma condição, que cria cota pras periferia que isso aqui foi feito pra estudar os filhos dos fazendeiro. E eu quero montar a equipe com que eu quero trabalhar.

A irmão quando ela assume ela... por que até então até 2009 essa escola era só mesmo pra atender a burguesia. Por que que o Milton foi estudar, o irmão do Amauri, foi fazer contabilidade em Alto Jequitibá em 1978, por aí, 80

W – é, início dos anos 80

F – por que? Porque a família Gomes tem um nome. Cê já viu o Amauri falar disso né. A família Gomes tem um nome. Eles eram donos daquele corredor do asfalto até chegar em Espera Feliz. Entendeu? E aí assim, isso muito bem casado com essa proposta. O Itamar, o Fernando<sup>38</sup>, os meninos estudaram numa escola lá no São João do Norte, a fazenda tá lá de pé, eu não sei se esse paiol tá ainda

W – que era a escola

F – que era a escola na fazenda. A minha primeira professora era filha desse fazendeiro. Segunda feira eu quase fui na casa dela lá, da Dona Fiazinha, que era esposa desse coronel. Tá com 95 anos. Cheguei a passar pertinho da casa, falei:

-podia ir lá vê a Dona Fiazinha... se me conhece ainda

E a Dona Fiazinha era... cê imagina comé que cê vai compreender né, uma mulher duma sabedoria muito grande, uma mulher sábia, duma sabedoria muito grande, comé que ela convivia com aquele esquema ali né. Um marido que era matador, que era respeitado pela fama de tantas mortes que ele tinha de outros fazendeiro, que ele tinha matado de empreitada. As filhas... a maioria dos filhos uns pegaram o caminho do pai, morreram cedo também, algumas filhas viraram professoras e a Leiva que foi minha professora. Que os meninos estudaram nessa escola. Nessa escolinha. Eu cheguei a ir nessa escola, por que num tinha Pré, agente ia com quatro ou cinco anos. Mas eu lembro do seu Airton no terreiro né com a carabina na mão colocando o revolver pra esquentar sol e os meninos ali tendo contato com

<sup>38</sup>Irmãos de Farinhada.

isso. Uma onça que ele tinha matado e mandou embalsamar naquela época. Aquilo ali o cara usava disso

W – ostentava mesmo né

F – uma educação muito atrelada, muito atrelada com esse sistema. Você aprende a ler e escrever, mas é uma coisa muito atrelada. A condição hoje Padero, que agente vivi é uma coisa... você vai entender Willer porque que aquele fedaputa da Bahia aquele negão votou sim<sup>39</sup>. Aquele cara é ogã de terreiro. Então muitos negro ainda tá pedindo favor a essa gente. Isso nas comunidades quilombolas é muito sério. Nós num precisamos sujeitar a isso mais. Aquela condição das pessoas que nos escravizaram e muito do nosso povo acha que foi um favor... o sinhô, a sinhá acha que foi um favor. 13 de maio, 13 de maio num tem nada a ver com a luta, com a libertação dos escravos. Num tem nada a ver. Nós num deve favor nenhum a princesa Isabel. Favor nenhum entendeu. E como que isso é forte até hoje cara. O mestre boi falou comigo um dia assim, agente viajando juntos na caravana, um dia a noite ele falou assim:

-o cara que eu trabalhava, que me viciou na cachaça, que me batia e que me fazia tomar cachaça pra eu panhar coragem tem noite que eu perco o sono que eu tenho saudade dele, mas eu num quero ver ele nunca.

Entendeu? (risadas) então assim cê imagina que que é ocê mexer nessa caixa de marimondo. Que é mexer numa caixa de marimondo. O que nós tão pensando? O que você tá pensando em fazer é mexer numa caixa de marimondo. Por que o movimento ele nasce, surge o sindicalismo, as pessoas vem pra liderança, mas quando elas começa a se emancipar, também dessa autonomia, ele é podado. Fizeram isso com João Mateus. Quando me chamaram pra fazer parte da associação regional em 1994, aí o Zé Maria pegou e cochichou com a Elza, só que a Elza foi e me contou né, falou assim:

-deixa o farinhada só pra parte da mística e da animação. Por que ele num atrapalha nós se ele vim pra direção.

A Elza foi e me contou.

-ah, então deixa eu aqui na mística e animação. É aqui mesmo que que quero ficar.

<sup>39</sup>Aqui Farinhada se refere a votação do impeachment da presidenta Dilma. Esse momento da história do país ficou marcado por votos e manifestações inusitadas e arrogantes por parte da direita brasileira.

Por isso que eu entendi, depois eu foi pros mandatos, fui pro PT, fui candidato mas entendi que o lugar de fazer a política, fazer as provocação, fazer a transformação é aqui

W – é daí!

F – é aqui. É na mística e na cultura. É aqui que é o caminho. Num é sendo vereador, num é sendo deputado, num é sendo prefeito, num é sendo secretário

W – o drama do corpo né. Que cê vai vendo os caminhos né, Getúlio e tal, quer dizer são pessoas que

F – tomaram outro rumo



Farinhada toca durante uma Folia de Reis no município de Acaiaca. À esquerda na foto, Cristina, a mestra folieira com o saquinho de doações nas mãos.

Tião Farinhada escreveu assim sobre esta foto: “é por isso que sou cantador.”

Foto: Júlio Pacheco.

W – incorporaram

F – incorporaram

W – a lógica

F – a lógica

W – do sistema mesmo né

F – do sistema. É do sistema, fizeram o jogo do sistema. Eu, Paulinho. Falei isso com Pulinho. Ele me chamou pra conversar terça feira a tarde pra gente pensar associação cultural na linha dagente trabalhar com as comunidades quilombolas, trabalhar com biodigestor com as comunidades quilombolas, mais a questão cultural eu falei:

-uai Paulinho, nós dois foi os únicos que restou que não entrou pro sistema.

Aí o pessoal tá pressionado ele pra ser candidato a vereador e ele

-vou num vou???

Falei com ele:

-cê pode ir e ser um vereador e contribuir muito e pode acabar com a sua história também, pode enterrar a sua história também.

Ivanildo sabe, que-nem em Lafaiete, ele falou que, ele foi pra falar de religiosidade de matriz africana que era o tema dele e o pessoal falou assim

-quando é que ele vai chegar na religiosidade de matriz africana?

Por que ele foi discutir poder cara. Ele falou lá no final de 2013 ele falou abertamente

-o PT entregou pro grupo da bíblia o que tinha que dado pra nós!

Então assim quando o pessoal chega lá e pressiona o Governo, falando que eles quer esse negócio, que cuida do povo de rua, isso ali é uma máquina de fazer política e ganhar voto e de levar povo pra dentro da igreja deles. Entendeu? Isso o PT errou nesse sentido. O que esse povo tem num é um projeto de evangelização é um projeto político

W – é

F – sabe. E pra detonar com a luta popular. Entender isso. O negro nunca se importou com status de poder. Dizer

-eu sou!

O rei, a rainha, o príncipe isso te dava alguns privilégios mas num tinha essa concepção, essa...

W – num era a última palavra

F – é. Num tinha essa concepção do sistema político que agente vive hoje. Aí cê vai encontrar lá no norte de Camarões o rei que ainda senta e come com a mão junto com o povo. Por que ele tá ali junto. Ele num é diferente (risos) dos outros. E cê vai encontrar em Angola e em tantos outros lugares, mesmo em Moçambique os negros usando peruca de branco porque o povo chegou... sobretudo onde é colonizado pelos cristão, por que chegaram dizendo que essa é a forma. Por isso que nós aqui dessa ponta aqui temos esse posicionamento. Por que isso foi uma coisa plantada. Quem aceitou bem. Quem não aceitou, viveu na clandestinidade, perseguido e morto. É o diferente. Então assim, a umbanda, porque que a umbanda sobreviveu? O candomblé sobreviveu? Porque o povo enfiou na mata! A umbanda, nos

morros na cidade e cercou. O candomblé por que se enfiou na mata mesmo. O povo num deixou ninguém entrar. E num entra! Num pensa ocê que...

-ah, eu vou começar a participar do candomblé hoje e daqui dez anos eu sou ogã.

W – hum!

F – é ruim em! talvez seu filho pode ser. Ou quando ocê tiver quarenta anos de candomblé quem sabe. Então é entender o que que é isso. O que que na verdade tá por traz desse tanto de coisa que agente tá fazendo né. É interessante agente fazer essa observação porque os negros que vieram da África (risos) como se agente veio

-ah, vão lá né

W – é...

F – mas os que foram trazidos, num eram analfabetos não. O povo num sabia a língua regional. Mas num eragente analfabeta. Eram pessoas de muito conhecimento.

W – é.

F – mas era seu conhecimento lá do outro lado do atlântico né. O índio era de sabedoria... os sábios. Sabia tudo! Sabia tudo da mata, sabia tudo do rio, sabia tudo das plantas, sabia tudo dos bichos.

W – nessa temporada que eu fiquei mais acamado, num foi exatamente acamado, fiquei sem sair de casa né, eu acho que eu li uns dez livros sobre a América Latina, os povos ancestrais e tal, peguei desde lá dos Astecas tal, fiquei viajando pela América Latina através da literatura né e é uma coisa engraçada, ontem eu fiquei conversando com a Chris essa coisa, é...

-uma notícia, uma galinha! Uma galinha d'angola que chegou no porto de Santos. Três meses depois os colonizadores foram no Equador e encontraram dessa galinha.

Quer dizer, aí tem os números dessa distancia e tal, tinha um processo de comunicação muito forte, muito intenso. Quer dizer, também num dá pra pensar essa coisa do conhecimento local como só, enfiou no mato tá só naquele mato. Assim, o pessoal tinha conexão também com outros, outros nichos, outras coisas. A própria pesquisa da arqueologia tá encontrando pontos que são pontos de transito. Os jovens eram treinados: -sai e vai levar tal coisa, tal coisa.

Carrega tantos dias ali que dá conta e chega ali e tem um posto de trocas, uma espécie de armazenzinho, e ali tem um outro jovem que já pega aquela carga e já leva e tum, tum, tum. Tem muita coisa que tá sendo hoje identificada e atravessando não necessariamente pelos Andes pelo sul, que é a parte mais baixa né, Bolívia, Argentina e subindo, mas atravessando

a Amazônia mesmo. Gente, que troço maluco que existia né. Assim, então quando a negritude chega já encontra uma rede aí

F – sim

W – vai estabelecendo... to viajando um pouco nisso agora sabe, assim de imaginar mais intensidade nas trocas dos povos originários, dos povos ancestrais e tal e já incluindo a chegada dos africanos. Eu tô imaginando uma coisa assim sabe Farinhada. É um pouco aquela minha tese né, que eu discuto do movimento negro né, aquela coisa que foi importante no momento que surge é a matriz africana. Matriz africana! Matriz africana! Tá certo tem que ser mantida e buscada e trabalhada, mas tem uma... a matriz ela gera uma camada do que eu chamo de matizes, que... que vai sendo matizado, que vai sendo as miscigenações que vão sendo feitas e tal. Elas num são feitas num local apenas, elas são feitas já num processo de migração e transito e... na hora que eu vi essa coisa da galinha chegar no porto de Santos e três meses tá no Equador, são milhares de quilômetros, comé que vai um troço desse assim? E outras informações assim. Enfim... comé que a história comprova essas coisas né!? Tem uma vertente da arqueologia trabalhando nessas conexões né. Entender que o território né ele já é... a sensação que eu tive depois dessas leituras agora, dessa dedicação, é que assim, se eu sou mineiro, aquela coisa do Milton né, “sou mineiro, sou do mundo, sou Minas Gerais”, a sensação de ser latino americano cresceu em mim de uma maneira assim, é um mesmo princípio, é a mesma lógica de convivência com a natureza, entre os povos e tal

P – quando eu comecei a frequentar o Rebenta foi a rede de conhecimento daquele povo ali. Por que ele se conheciam, eu tenho essa impressão, ele conheciam todos os negros, eles. Onde morava quem... das roças, das zonas rurais. Eu andava com Lindinho e uma vez nós fomos fazer um vivência com os avós do Juninho a... são dois catadores de lixo, fui eu e a Raíssa, passamos o dia catando papelão pela cidade. Eles conheciam todo mundo, dos motoristas do ônibus à balconista da loja e tal. E isso é só entre eles, tive essa impressão. E tem uma camada da sociedade que não tem noção disso. Dessa rede deles. Agente não sabe sobre o que esse povo sabe, do que tá espalhado nesse chão aqui. E imagino que isso se amplia né, local, regional, nacional, eles se conhecem, esse povo se conhece que agente não tem noção

W – cê lembrou da mãe Du<sup>40</sup> né, daquele movimento lá dos Agentes Culturais de Periferia, parece que tem umas camadas de informação, de trocas né que é fechada. É isso, é como se estivesse num mato. É lógica de resistência pra não saber. Farinhada, to vendo cê olhar aí pro relógio, você tá preocupado com a hora...

F – não, mas... vamos proseando mais

W – você quer dá uma esticada, por as perna pra cima

F – não, não, a prosa tá boa.

P – aqui já dá três dissertações (risadas)

W – não, aqui é só o contrato pra começar (risadas)

### OS CAMINHOS DAS FESTAS

**F – agora, hein Padero, uma coisa que... pra chegar até Espera Feliz, chegar até Divino,**

essa região aqui, essa região de Visconde do Rio Branco que tá localizado os primeiros engenhos da Zona da Mata, e Ponte Nova, são regiões mais velhas do que a nossa, entendeu. E assim, por exemplo, Carangola. Carangola é uma cidade velha, uma cidade antiga. Que o povo conta que lá tinha o cartório, que os negros vinha e era vendido pra São Mateus, vinha pra Rio de Janeiro, vinha pra Cataguases, Carangola e ali que vinha pra Ponte Nova sabe. Então Carangola era

W – era, era. Central mesmo. Por que num conseguia entrar pelo Paraíba do Sul, pelo Muriaé, mas entrava pelo rio Carangola né.

F – Carangola. Entrava pelo rio Carangola. Então é...

P – e de Leopoldina, o que que vocês entendem daquela região ali.

F – Leopoldina, Cataguases ali... é, por que assim, por exemplo, um dia conversando com Geraldo meu Tio ele... tanto que tem um povo meu que tá em Muriaé, ele nunca passou dali pra cima. Uns sobrinhos da minha vó, até recentemente encontrei com Vanderli, primo desses primos longe, o povo nunca passou dali. E grande parte do povo que povoa Espera Feliz, Caparaó, toda aquela região ali eles eram escravos de fazenda de Cataguases, Leopoldina, Visconde do Rio Branco e quando começa essa coisa das fazenda de café daquela região,

<sup>40</sup> Maria do Carmo, conhecida como mãe Du. Mãe de santo moradora de Vioçosa-MG.

porque nossa região é mineração e café então ali num tem... em alguns lugares cana né, igual Divino é bem antigo, que é esse lado da família Neto, que é um mais antigo engenho daquela região. Então essa ligação, essa linha que tá, que tem né, busca... (risos) buscar mais longe, por exemplo, a família Zanon que é branco, italiano, chegava no Rio de Janeiro, mas enquanto não vinha pra Cataguases num podia ir pra lugar nenhum de Minas Gerais...

W – que é isso né, lá dos Viletes...

F – é, tanto que alguns dos Zanons ficaram garrados ali. Ficaram garrados ali. E teve um que veio num navio diferente que ficou lá em Barra de São Francisco, porque veio por São Mateus. Então essas diferentes rotas

W – é, é...

F – quando agente faz as caravanas<sup>41</sup>, rota tal, rota tal... são antigas rotas né... inventadas aí e tudo né. E comé que esse povo, por exemplo, quem conseguia fugir pros quilombos comé que conseguia voltar pra buscar mais gente? O cara fugia

W – quando você chega alí no Samambaia? Samambaia é São Sebastião né? São Sebastião dos Pretos?

F – em Divino né? É Bom Jesus

W – não, tô falando aqui em... na rota de Cataguases, Leopoldina aí subindo Guiricema, Tuiutinga...

F – São Sebastião do...

W – do Rio Preto

F – São Sebastião da Vargem Alegre

W – da Vargem Alegre. Ali tem uma região que eles chamam Samambaia né? É junto da cidade que o lugar das tropas. Que vinham pra abastecer a região de Ouro Preto. Então tinha ali uma conexão, num tinha? Abastecer de carne, de produtos né. Subindo por ali, pegando Mirai

P – tinha Passagem também né, esse lugar que recebia, ali na região de Mariana, Ouro Preto...

<sup>41</sup> As Caravanas são uma inovação metodológica surgida no movimento agroecológico da região que permitem a realização de “ações de pesquisas, ensino e extensão aproximando comunidades, professor@s e estudantes a partir de uma temática que vise deslocamentos dess@s ator@s por territórios anunciando seus potenciais e maselas.

W – é Passagem de Mariana. Passagem de Mariana. Esse é um outro trajeto também bem antigo, que atravessava essa “zona perigosa” bem armada né. Leopoldina é cede de Arquidiocese, nem sei de quando é aquela Arquidiocese é bem antigo

F – pertencia a Mariana né. Tudo pertencia a Mariana. Mariana pegava de Juiz de Fora a Diamantina. Tudo era Mariana. Entendeu? Tudo era Mariana. E as cidades tem na verdade, Diamantina, Leopoldina e Mariana eram filhas do Rei. São as três filhas do Rei. Então o cara chegou e mapeou a região. Cê imagina cê pega de Leopoldina até Diamantina...

P – é terra de mais

F – é terra de mais. Deve tá há uns 900 quilômetros. E aí só assim, Diamantina, só que Diamantina vai até Itapebim que já é Bahia. Almenara e desce por ali abaixo onde tá os quilombos, onde tá Jequitinhonha. Tudo pertencia a Diamantina. Então o território de Leopoldina vinha até essa mediação aqui com Mariana, e Mariana subia praqui acima e ia até o serrado. Até Sete Lagoas, daí pra cima Diamantina. E Diamantina vai até na Bahia. É muito chão. E aquela parte do Mucuri que o Tigrão tá estudando ali, e ali era fechado. Também num entrava.

W – é.

F – Entendeu. O Mucuri. Os Maxacali alí... era uma parte também que era fechado.

W – serradão.

-Vai pra Salvador não! Vai pra lá não.

Essas redes de comunicação, as rotas e... comé que o pessoal conseguia escapar é um desafio grande de compreender isso. Como que o povo usava... imaginar as festas desse povo né. Porque as festas num eram só locais né. O pessoal encontrava pra celebrar alguma coisa... eu fico entendendo isso né. Num eram só as festas locais que foram sendo separadas na medida que a colonização foi avançando né, fechando as estradas...

F – quando, quando... quase não se vê mais ninguém falar disso né, mas eu lembro que quando agente tava começando a estudar mais essa coisa da etnia, da mistura do índio do negro né, que forma o caboclo né. Que o caboclo é essa figura dessa mistura né, dessa mistura. Que aí eu passo... que quando eu faço a defesa de povos tradicionais ele vai muito além do que tá na lei, é porque o que que você faz com esse caboclo né cara. Com essa mistura das três raças né que forma o camponês, forma o camponês né. Mas eu lembro do povo falar assim, em Espera Feliz mesmo eu lembro do povo antigo falar:

-ah, eu sou mameluque.

Que é essa mistura né, essa mistura do índio do negro e do branco né. Mas é um nome dado pelos jesuítas na verdade

W – sim.

F – um nome dado pelos jesuítas. Pra nós é caboclo né. Pra nós é caboclo. E esse caboclo é o povo que conseguiu guardar de certa forma esses valores né. Agente viu lá no Belizário né, os caboclinhos que tá aqui né no Brigadeiro, que tem aqui em Jequeri.

P – no Paraguai

F – no Paraguai. Que tem ali no... Cajuri. Aí quando cê falava de Leopoldina do Mineiro Pau né, que é tudo muito ligado né, Mineiro Pau, Caboclo, Rei dos Cacete, tudo é muito próximo né

P – muito parecido né

W – tem influência da serra do Rio também né, mais pra além da Zona da Mata né. De fora, Paraíba do Sul

P – chega aqui?

W – nem sei... a direção né...

P – sei, de onde chega de onde né!?

W – é isso aí. Tem essa troca. Mas Farinhada cê acha que, se partir num estudo como esse, da sua ação, a partir dos terreiros culturais, da emergência dos terreiros culturais, é um bom caminho pra... voltar pra traz e ir pra frente?

F – sim, sim, sim

W – um meio cultural né, como uma reedição de ações, de organizações populares e coisas assim

F – quando o CEPEC<sup>42</sup> consegue aprovar aquele projeto do CNPq né e aí o Jurandir, a primeira pessoa que eu ouvi a falar de terreiro cultural é o Jurandir né. Mas assim o que nós viemos fazendo, ao longo da história o que o povo sempre fez era isso né. Então eles dão um nome pra colocar na hora de escrever um projeto.

-ah, mas o que que é isso?

-é fazer o povo encontrar. Folia, Caxambu, Congado, Caboclinho...

<sup>42</sup> Centro de Pesquisa e Promoção Cultural de Araponga – MG.

É isso. E aí eu tava aqui na Violeira, tava indo na casa do Thiaga e ele me liga e fala assim:

-ó nós precisa conversar

E nós fizemos a conversa ali no meio do caminho ali (risos) e aí já saiu então o primeiro terreiro. E assim, o preconceito que se tinha disso né. Mas antes desse terreiro, antes desse terreiro, eles fizeram por uns dois ou três anos o encontro de caboclo. Por uns dois ou três anos. Eu cheguei a ir em dois, em dois encontros de Caboclos. É em Araponga que eles faziam. Encontro de Caboclinhos.

W – no início do território né

F – no início do território

W – da criação do território. Que era assim, ia a Folia, ia o Congado ia num sei o que, num deles até o Chico Lobo foi pra fazer o show. Mas era encontro de Caboclo, depois quando amplia pra terreiro cultural dá uma dimensão grande. Aí começa então a perceber

-e se esse terreiro ao invés de acontecer só aqui em Araponga num começasse a circular o território, o parque? Todo o parque, tanto o lado de cá da serra quanto o lado de lá da serra.

F – Aí onde começa então o terreiro a rodar e que nós trazemos isso pra dentro da troca de saberes também né, com o chamado ali o círculo de cultura, que agente traz isso pra dentro da troca e que dá uma dimensão muito forte. E meu medo dessas coisas que vão acontecendo é as coisas ter dono né. Por exemplo agroecologia, tem uma turma que num abre mão

-isso aqui foi nós que pesquisamos. Isso aqui é nosso!

Entendeu? Agora, os terreiros culturais depois do primeiro cada um fez de um jeito.

W – é

F – e aconteceu e a coisa foi andando. Num tem dono. Por que tá focalizado ali a coisa da cultura popular,

W - de reunir o povo né

F - de reunir o povo, de apresentar as ações da agroecologia e tudo. Isso é bacana. Isso é uma coisa bacana. E aí assim, num sei se ocê lembra quando agente, num sei se é no terreiro de 2010, ou 2011 num sei, que agente fez um momento lá de socializar as agendas né, que que tava acontecendo, e que agente foi em alguns espaços e conseguimos né, inclusive na efa Paulo Freire fazer um espaço de cultura, reunir o povo, do povo contar as histórias, do surgimento desses grupos, onde tá esses grupos. Se ocê chega em Pedra Bonita, num sei se você conhece Pedra Bonita, é a cacunda da... tá atrás da...

W – Serra do Brigadeiro

F – da Serra do Brigadeiro.

W – do lado de Abre Campo

F – tá Sericita, cê vai em Estevão de Araujo, naquela região e tal, tal. Tá Sericita de um lado e tá Pedra Bonita mais pro outro lado. Pedra Bonita só tem café. A cidadezinha, a lavoura de café vem até nas ruas (risos). As últimas ruas da cidade vem é tudo café. Cafezal.

W – só cafezal.

F – só cafezal. É lugar que cê anda assim ó e que cê num vê uma mata. É só café. Só café, só café. A mata tá nas cabeceiras da serra, sabe. Alguns catãozinhos. E ali tem um congado bicho. Lindo o Congado! E Congado tradicional. Num tem coisa moderna. Porque muitos Congados modernizou um monte de coisa né. E aí a minha pergunta:

-comé que esse povo sobreviveu ali?

Porque ali é terra dos coronéis, dos Trovão Vitor. Comé que esse povo sobreviveu ali? Comé que esse congado conseguiu! Comé que esse povo deu conta né. Por que assim, nada... por mais forte que seja o capitalismo, por mais forte que seja essa gene, mas eles não conseguiu no passado nos destruir e não vão conseguir agora (risadas). Não vão conseguir agora. Sobretudo agora que nós tão muito mais forte que nós conhece um ao outro né. Entendeu? Então assim é, essas coisas... como que Pedra Bonita tá ligado com Divino, Orizânea. O povo de Orizânea... o nome antigo de Orizânea era Quilombo. Aí tem lá o Pimenta e o São Pedro que tá mais próximo de Orizânea né. O nome antigo de Orizânea. E lá tem uns negro que o povo antigo fala assim:

-lá tem um...

O Leo conversando com algumas pessoas, eu já ouvi também, que tem uma família que saiu de Orizânea que mora na Serra dos Vilete, que tem uma pessoa ainda que tem essa doença né, que é aquela doença típica do Africano né das mãos ficar diferente, dos pé ficar parecendo pés de pato, parece mão de bicho. Aí o povo fala:

-ali tem uns negro que tem o corpo diferente.

Aí os dedo cai a unha fica só os cotoco. E ali tinha esse povo ali, que viveu ali do plantio do arroz. A principal cultura deles era o plantio de arroz né. E é destruído quando... por que assim, até então, a estrada real ela passa naquela região ali e vira município de Luizburgo, logo após de Orizânea vira a serra de Luízburgo, passa o Córrego do Ouro em Manhumirim

e vai pra Vitória no Espírito Santo, a estrada real. Na minha cabeça. Eu acho que eles vem é de cá ó. Que eles sai daqui, dessa rota: Brigadeiro, atravessa a BR 116, vira o Córrego do Ouro e vão pra Vitória né. O caminho da Coroa. Lá tem o Córrego do Ouro, tem Príncipe, um lugar que acolhia o príncipe. E esse povo num andava sozinho né, esse povo num andava sozinho. Cê imagina uma viagem dessa durando um ano, seis meses até um ano e meio. O povo ia levando as coisa de comer, ia levando as galinhas com pintinho,

W – criançada

F – criançada. E aí vai indo. Tem muito disso. E aonde é a BR 116, onde ela passa, onde é a estrada... por que cê imagina só um caminho que liga o Norte ao Sul e ao Nordeste. Entendeu? Um estradão só. Isso já era caminho feito pelo povo antigo, cê num tem noção. Ela liga o Amazonas, o Nordeste ao Sul. Eu já ouvi uma lenda que o povo antigo da Amazônia já circulou por essa região aqui toda já. A história da Terra sem Males, o povo que andava na Terra sem Males, que a terra num tinha doença, num tinha males nenhum. Enquanto a terra era a dos sem males o povo ta bem

W – tava a vontade

F – tava a vontade. Depois ela se transforma na terra dos males sem fim. Que chega a doença, chega o estrangeiro e ela passa a ser a terra dos males sem fim (risadas). Ela passa a ser a terra dos males sem fim. Agora voltando de novo nessa concepção dos Terreiros né, dos Terreiros Culturais, o que isso provocou na gente mais militantes e isso ainda tem a contribuir com a questão da agroecologia, e com movimento social, e com movimento popular é muito grande. Por que quando o movimento senta pra fazer uma analise de sua história, pra repensar seus princípios tudo, normalmente eles não consegue perceber a grandeza, a essência de onde eles surgiram, de quando eles surgiram. E se num tá agente nesses espaços pra fazer essa provocação isso num aparece. O povo que lavar roupa suja, quer brigar,

W – mas fica na conjuntura atual né

F – mas a conjuntura fica esquecida. Nisso os terreiros tem uma contribuição muito importante

-nós só tamos aqui por que os nossos ancestrais vieram daqui.

Por que é aquilo que seu Neném fala

-nós são netos das índias Puri. O nosso passado era esse daqui, era o povo dos cafezal, dos plantio de cana.

Então o movimento por si próprio, o sindicalismo por si próprio, ele num dá conta por que a raiz dele é essa, e a maioria esqueceram suas raízes. Cê imaginar que a CUT é de 1983

W – muito centrada na coisa urbana e industrial né

F – urbano e industrial

W – o departamento rural da CUT ainda é, onde tava ali Juarez, esse povo é onde circula o capital né

F- por que na verdade a organização camponesa ela existe tanto, quase que da mesma época da luta dos operários. Os operários ficaram conhecidos por que ganharam mídia, por que cê tá na cidade é muito mais fácil da informação chegar. Aquilo que eu falei, as lutas agrárias, a luta do campo elas são muito... cê pega Palmares, Balaiada, Canudos, Caldeirões, Contestado, Emboabas, e vem trazendo pra cá... umas ficaram... como é que cê apaga a história de Palmares? Eu tô falando dessas que ganhou evidência. São tantas outras que ninguém fala mais. Comé que cê apaga a história de Canudos? Mas conseguiram apagar a história de Minas Gerais. Cê pergunta pra um professor de história hoje, tem mestrado, tem doutorado

-quem foi Ambrósio? O Rei Ambrósio?

O cara num sabe.

P – isso ajuda entender o por que Minas Gerais é um dos Estados mais atrasados em questão de titulação de terras?

F – eu acho que isso ajuda a explicar sim. Uai, é claro. Por que a hierarquia da igreja no Brasil chega é aqui. E chega pra por pano quente

-nós somos irmãos meu filho! Irmão cê bate na face e num pode virar a outra pra bater.

Nós são catequisado pra ser desse jeito. E aqui ficou. Tá lá até hoje, a Catedral da Sé de Mariana toda revestida de ouro, as igrejas de Ouro Preto

W – ali de, de... como chama aquela cidade depois de Mariana? Mercês?

F – Mercês. Que loucura aquele trem

W – aquilo num é uma igreja... no meio de uma colina no centro da cidade... um templo gótico, alemão

F – um castelo

W – cês já passaram por ali?

G – não, nunca

F – então o Padero, isso se explica. Tiradentes, num sei nada desse... mas assim, Tiradentes agia sozinho? Não. Quem era a testa de ferro dele? Quem tava por traz? Quem é que dava sustentação pro cara chegar onde chegava? Por exemplo, a Chica da Silva era uma. Nessa tese de mestrado que eu li sobre a história de Piranga, cita Senador Firmino e tudo, Tiradentes tinha uma rota, tinha um caminho que ele conseguia chegar até as cidades, conseguia chegar até as cidades pra fazer discussão política que era caminho que ninguém conhecia, os cara conseguia andar na mata... era muito bom isso aqui né, até hoje eu consigo ir daqui até Espera Feliz só em estrada de chão se o carro tá sem documento e a polícia não me pega, cê imagina há 100 anos atrás? O que que era atuar aqui sô, isso era bom demais! Então assim, os caras tinham umas tretas por essas matas a fora, por essa região a fora, que os caras ia e vinha e foi isso durante muito tempo, por isso que as coisa conseguia comunicar, que as coisa conseguia chegar

W – por outro lado a oligarquia tava muito bem instalada, quer dizer, há quanto tempo? Falando aqui da Chácara aqui, os Bersoni aqui, trabalho escravo! Na fazenda de café. Ali na Chácara ali, onde Mestre Boi trabalhou lá. Então a oligarquia tava muito bem instalada e despreocupada.

-vamos por a mata no chão que nós espanta esse povo!

Num tava no centro do poder que é Rio de Janeiro. Tem influencia no Rio de Janeiro, cê vê Artur Bernardes, esses caras tudo... Aécio Neves né mora no Rio de Janeiro e governa Minas.

F – e Barbacena né Willer. Barbacena com a família Andrada, e as Bias Fortes.

W – então a elite tava muito bem instalada e despreocupada e fazendo essa dominação estreita. Minas Gerais num tinha como sair. Os Bonifácio Andrade tão até hoje aí.

F – muito poder. Nas Universidades, sabe?

W – nós tão encastelados

F – então é assim

-vão por a mata no chão. Vamos derrubar a mata, vamos por a mata no chão.

Num sei pra que né. Muita madeira foi pra Europa, pra vender, mas muita foi pra expulsar o povo

W – queimar, queimar, eram três meses de queimada. Terra arrasada mesmo.

F – então essa era uma das formas que se deu o processo nessa região.

G – muita violência pela violência né. E isso tá arraigado até hoje

F – tá arraigado até hoje.

W – na sociedade brasileira né. Na hora que cê vê esses eventos todos surgindo aí com postura fascista né. Os puros né, os puros.

P – até onde vai isso né. Lá no Quilombo do Ivaí até ontem as crianças brincavam com instrumentos de tortura da época de escravidão, troncos, correntes

F – aqui em Porto Firme tem a fazenda Bananeira, fazenda Bananeira, tá lá cai num cai... algumas coisas sumiram mas grande parte ainda tá lá ainda né. A fazenda Bananeiras é uma das maiores. A de Bananeiras e a de Goianá que elas... ó o caminho ó, Rio de Janeiro ó. Fazenda Bananeira, Fazenda Goianá, no mesmo contexto, fazendo o domínio aqui tudo ó, do corte de cana e do café. Aqui era café e corte de cana ó. Rio Branco, Rio Pomba, vai descendo por aqui a baixo, dum lado os Bonifácio Andradas, virou a Serra de Santa Bárbara... e o domínio que esse povo tinha né cara, desse corredor aqui. O domínio que esse povo tinha. Há 40 anos atrás, veio um caminhão de gente, um caminhão mesmo, um Chevrolet, umas oito família dentro, uns pedaço de pau, umas galinhas e vamos pra Divino e quem acolhe esse povo lá é meu pai.

W – sai da Bananeiras?

F – sai da fazenda Bananeiras. O meu tio, o seu Geraldo plantou uma roça a meia com meu pai lá e descombinaram, e tinha um tio nosso que tinha ido pro Rio pra trabalhar numa indústria lá, aí o Tio rebitou a tanga e falou

-vão bora pro Rio de Janeiro

E foi. Deixou o pai lá sozinho com 16 anos pra colher aquela roça (risos). E o tio foi embora pro Rio de Janeiro. E o tio já tocava os calangos, já tocava nas festas e aí vai tocar numa festa num convento, uma festa de Santo Antônio no convento. Chega lá e topa a Tia Maria. Topa a tia Maria, freira e que tinha saído da fazenda Bananeiras. E aí aquele negócio, a tia Maria começa a conversar, num sei o que, num sei o que, pedi pra sair do convento e eles começam a namorar, casa... começa a namorar e casa. Ela vai pro Rio de Janeiro. E o povo deles ali, trabalhando a troco de comida cara. O seu Antônio Alecho, que eu conheci demais da conta era o homem que fazia essa trabalho de carapina, que fazia casa de sapé, ele que via o cara fazer, lavrar as coisas com formão, num tinha máquina não, era um formãozinho desse tamanho, risca com lápis e vai fazendo. Aí o pai tava morando lá, nesse lugar que eu nasci, na comunidade São João do Norte, e esse cara o coronel o seu Airton tinha saído da cadeia,

ele tinha matado um fazendeiro lá, e tinha pegado dez anos, pagou uma fiança ficou três, tinha saído da cadeia, os filhos tava tocando a fazenda e a fazenda tava abandonada. E ele saiu da cadeia e precisava de gente pra tocar a propriedade. E o pai tinha dado um dos meninos pra ele batizar. Ce chega nesses lugares, umas coisa que cê faz é dar um menino pra esses caras batizar, um dos meus padrinho é coronel bicho. Conversa com mestre Boi que ele vai te falar, é uma forma de você não ir direto...

W – tem que respeitar né

F – você respeita por que é padrinho. Essa era a condição que agente era submetido. E aí esse cara precisou de gente pra retomar a terra, o pai vai lá então e busca essas quatro ou cinco famílias e o pessoal chega lá nessa condição. Ontem eu vi uma Kombi que me deu muita saudade e eu falei assim

-quando eu puder eu quero comprar

Tinha um cara lá em Divino que tinha uma Kombi, devia ser 1971, 72 por aí, aquela do vidrinho separado assim, e esse cara vai na Kombi, chamava Titito, uma Kombi verdinha, pra trazer algumas pessoas, os mais velhos vieram de Kombi e algumas pessoas no caminhão e vão pra essa fazenda. E esse povo tá lá na região até hoje. O Zé Urso que tá no movimento, que tá no MAB, voltou, foi pra lá solteiro e casou, voltou, tá hoje e participa do movimento aqui do MEPs e os outros tão espalhados por lá. E nessa fazenda os caras começaram tudo do nada sabe. Na época que os meninos contam que iam na casa do Antônio Aleixo, a situação era assim, cê tinha o paiol de milho e mais nada, o negócio era ter o paiol cheio do milho, um arroz plantado no brejo

W – uma galinhada, abobora

F – galinha, porco, arroz socado no pilão, abobora. O povo comia gambá, seriema. Os meninos contam que quando chegava na casa deles o povo tava tirando couro e gambá. Entendeu? Então era a vida xucra mesmo sabe. E com essa ida desse povo pra lá, da fazenda bananeira, foi muita gente pra Divino e pra Espera Feliz, de vez em quando eu encontro, inclusive o seu Itamiro que tá em Espera Feliz que é vereador, que é contra nós e que é nosso inimigo, quando ele saiu com a família dele pra ir pra Boiadeiro em Espera Feliz, diz ele que terçou o milho com o fazendeiro, sobrou meio carro de milho, era a única coisa que eles tinham pra comer e o fazendeiro mandou cercar o carro de milho no meio do caminho e ainda tomou o milho. Chegaram lá sem nada. Sem nada. Então nossa região é de muito imigrante,

sofrida. Aí quando é no começo dos anos de 1980 chega o povo de Ipanema, a família do Leandro, do Valdeci, que chegam aí por volta de 83, 84. Entendeu? Chega de Ipanema, por que Ipanema foi uma região que desenvolveu, o povo sai de Ervália, vai pra Ipanema, fica lá uns 20 anos acaba com tudo depois vem pra Espera Feliz praquela região que tava começando a agricultura, começando tudo ali. Aquele corredor ali, Divino, Espera Feliz, que tá num canto do Caparaó ali, era um lugar muito... ainda tinha a família Gomes, que fechava o campo ali e que não deixou a cidade ser em São Sebastião da Barra, num deixou a linha de trem passar, esse é o avô do Amauri. Não deixou a linha de trem passar na terra deles e a estrada teve que cortar outra volta, é onde São Sebastião da Barra, que é um lugarzinho pequenininho ali perto da casa do Amauri era pra ser a cidade e num cresceu, tá lá tem a igreja e as casas velhas lá, uma meia dúzia de casa. Que aí a linha deu outra volta e aí nasce a cidade, nasce a Espera Feliz né. O povo ficava três dias esperando o trem ir e voltar (risos). O trem ia pro Rio de Janeiro, pra Vitória e demorava três dias pra voltar, cê imagina? Que que era isso, o povo precisava de ir pra algum lugar e demorava três dias... ali no ponto.

W – isso no conforto do trem né, pra num precisar ir de charrete, cavalo...

F – é. Carangola tem uma ligação muito forte com a questão dos Puri né. Por exemplo, lá no córrego dos Barroso tem a gruta do índio, em Divino tem lá a pedra também né, tem a gruta que agora o povo tá ela como ponto turístico, lá nos Teixeira, lá nas terras da Renata inclusive, da família dela. E a de Carangola, o pessoal encontraram lá as ossadas né que falam que é dos Puri. E levaram pra um museu, tá lá num museu, o pessoal das canelinhas fininhas, os ossinhos da canela era... então cê imagina que era um povo muito... até quando o Dauá falou daquela região, agente quer fazer uma andança por ali né. Então por que que não entravam? Mesmo Carangola sendo desenvolvida, o povo num conseguia entrar? Por que os Puri foram valente demais cara. Só foram dizimados por que jogou o mato no chão. Por que enquanto num jogou o mato no chão e num pôs fogo num conseguiu, por que na bala e no facão num pegou, num pegava. Como é que pegagente!?

W – e ali é muita pedra né

F – e você tira o mato, você tira o templo sagrado. Por que a mata era o templo sagrado. E aí cê num tem mais força moço.

P – fica exposto né

F – cê fica exposto. É tipo tirar sua camisa, tirar sua camisa e soltar. Tirou a mata cabou a força do povo guerrear. A força que eles tinha era a mata. Aí depois nós inventa de criar sindicatos aí no começo dos anos 1980. Inventa de criar os sindicatos.

W – abrir mais assuntos né

F – abrir mais assunto. Aí os fazendeiros

-não aqui num tem esse negócio de sindicato não. Precisa de sindicato aqui não. Aqui num tem que ter isso não.

E o medo que o pessoal tinha da reforma agrária. Entendeu? O povo tinha medo dessa negócio de reforma agrária por que achava que a reforma agrária

G – e nessa época você já estava atuante

F – sim!

G – na criação dos sindicatos?

F – não, na criação não. Por que os sindicatos são criados aí por volta de 1985, 86. Eu começo em 89 a participar desses momentos, com 12 anos de idade por aí. Em 1989 eu já... eu fiz carteirinha com 13 anos de idade, 12 anos, que era pra consultar, ir no dentista, aí já frequentava esses ambientes. E nas reuniões que o povo tava com sindicato recém criado nas comunidades. Eu lembro do pessoal lendo uma folha passada no mimeógrafo falando da criação do SUS

-nós tem que lutar pra criar o SUS no Brasil.

Eu participei dessas conversas (risos)

W – isso já era o período da assembleia constituinte.

F – assembleia constituinte.

W – aí esse debate desse né e povo vai ali...

G – e essas assembleias foram pra constituir a Constituição?

W – é. Ela foi deliberada em 1988 né. Então os primeiros quatro anos anteriores foi de assembleias.

F – por que o Brasil não tem constituição. Na verdade o que fizeram foi uma emenda né.

W – é verdade

F – o que chamaram da constituição de 88 na verdade é uma emenda que faz ali na constituição. O que tinha que fazer com aquela constituição é rasgar ela por no fogo e construir uma brasileira. Por que ela num é brasileira, ela é trazida lá da Europa e o pessoal

faz umas emendas. Então tem coisas ali dos Estados Unidos, tem coisa ali que é absurdo sabe. As emendas que foram feitas ainda consegue alguma coisa, dá algum direito né. A questão do SUS, aí entra a questão da liberdade da religião. Isso tudo é muito novo. Quem é que bancou essa discussão? É Benedita, é o Carlos Roberto, que era o povo que já atuava e já fazia essa discussão da questão da negritude né. Pedrinho Catarino, conversa com Pedrinho Catarino que ele vai te contar esses trem sabe. Indo escondido pras reuniões, num podia falar que que ele tava fazendo, pra fazer essa discussão das coisas pra construir a carta né, o povo num fala constituição. Fazer a carta né.

### MANTENDO O FOGO ACESO

#### **O Willer mas eu tô gostando muito dessa prosa sabe. Tô gostando muito dessa prosa.**

Se agente consegue, Padero, perceber que essa articulação dos terreiros culturais ela tem uma importância pra questão da emancipação, da identidade,

W – é.

F - Acho que isso num pode tá fora né, dessa identidade nossa mesmo, da cultura popular. Como é que agente era... como é que eu era visto fazendo o que eu faço hoje em 2008, antes... e comé que agente é visto hoje? Como é que isso mudou?

W – essa é uma questão importante

F – e mesmo a questão da agroecologia, comé que era vista antes. E comé que as coisas caminhava em caminhos separados. Agente traz as coisas tudo pro mesmo caldeirão, vamos fazer o feitiço juntos (risadas).

W – é, essa notícia do pessoal do Goainá chamar o Amauri pra trabalhar com agroecologia lá com eles

F – isso surge é dos terreiros culturais. Aquele menino que participava, que tava aqui naquela época, inclusive ele foi lá na casa do Amauri.

G – o Pulga tem haver com isso? O Pulga lá do Denis, que trabalha com plantas de terreiro?

F – sim. Eu acho que foi ele que foi lá na casa do Amauri

G – ele tava no terreiro da Chácara

F – isso espalhou pra tudo quanto é canto

W – é. Abriu muita coisa, abriu muita coisa.

F – tem um negócio que o João Resende fala né, o soprar as brasas. Foi o soprar das brasas...



Ilustrações: Yasmim Chicralla e Sara Barbosa – A infância de Antônio Matias Celestino.

## O QUE NUNCA FORA SEGREDO

Então, Brilhante - junta do contra-coice, do lado direito - coçou calor, e aí teve certeza de sua própria existência. Fez descer à pança a última bola de massa verde, sempre vezes repassada, ampliou as ventas, e tugiou: “Boi... Boi... Boi...”

Mas os outros não respondem: continuam a vassourar com as caudas e a projetar de um para o outro lado as mandíbulas rilhando molares em muitos bons atritos.

(ROSA, Guimarães, Sagarana. p. 329)

Presentes:  
Mestre Boi  
Jair - primo  
Guilherme Padero

### INDÍCE DO CADERNO:

Vamos trabalhar? Que dia você vem?  
Por favor, onde eu pisar você pisa também  
Agora ninguém larga a memória de ninguém

Canta pras matas e pros bichos  
O congado e o arame-farpado são seus nichos  
Educação de fazendeiro refez com contra-feitiço

Tem que morrer alguém, nisso o fogo educa  
Será que quilomobola tem olho na nuca?  
Como já dito: se preciso morrer, matar nunca

No corrião de fulano-de-tal, a fivela é o casamento  
O aperto é a padrinhagem, que se cura com unguento  
morte e vida calangueiro, gente e terra não vive sem alento

vovó Celina dizia sobre o casamento de terra:  
O avô rouba  
O filho herda  
E o neto morre na merda.

## TRAVESSANDO

Dia 7 de maio de 2017. Este dia foi que apresentei para Boi a proposta de trabalharmos suas histórias de vidas. Nos encontramos no Casebre Cultural em um domingo a tarde eu, meu filho Madzi, mestre Boi e Jair seu primo. Este encontro foi uma oportunidade para falarmos de nossos trabalhos na comunidade. Conversamos sobre a pesquisa e expliquei os objetivos do trabalho

-Boi, nossa ideia é trabalhar com suas histórias de vidas. E com elas agente poder entender melhor suas habilidades, seus modos de viver, entender um pouco mais sobre as vidas quilombolas nas Zonas das matas. Vamos trabalhar também com as histórias de vida de Farinhada

Boi respondeu

-quando se fala em estudo, eu num tenho estudo não, mas tenho sofrimento. Meu pai dizia que sabia quem passou pela estrada pelas marcas do pé. Sou analfabeto como ele, mas conheço a intenção da escrita pela caligrafia da pessoa.

Passou a palavra para Jair.

-vim pra Viçosa por vontade de rever familiares e descobrir memórias de minha avó, Dona Cecília nascida em 1873 aqui no Córrego do Meio.

Jair, primo de Boi, morador do Rio de Janeiro, não ia ao Córrego do Meio há mais de 30 anos.

Boi sugeriu que me incorporasse nessa missão junto aos dois de reviver os segredos de seus passados. Eles já haviam achado em um porão de uma casa no bairro Bom Jesus em Viçosa a fotografia da avó. Boi propôs que fosse com eles até a fazenda do Segredo, lugar onde Dona Cecília viveu e onde os dois passaram parte de suas infâncias.

No dia 09 de maio, uma terça-feira, começamos os trabalhos às 8:00h da manhã ao pé de um grande morro na fazenda do Segredo. Começamos nossa primeira caminhada. Ao nos posicionarmos frente ao morro, Boi me perguntou se meus equipamentos de pesquisa estavam em ordem, disse que sim

-trouxe um gravador de voz, uma câmara filmadora e um caderno para anotações.

Então ele disse

-trouxe uns materiais também. Um par de botina para proteger de picadas de cobra, uma calça de pano grosso pra evitar cortes no mato, um chapéu pra proteger do sol, um pedaço de pano para me enrolar nele em caso de enxames de marimbondos ou abelhas  
-vesti aí. Trouxe também pães, laranja e água.

Passamos o dia ali, 40 km de caminhadas, andando por grotas, matas, córregos, casas de conhecidos, entre idas e vindas dos lugares onde passou a infância e sua casa onde mora hoje com sua companheira Lourdes e sua filha Sheila para almoçar e recarregar os equipamentos – computador e matulão.

A fazenda do Segredo fica há cerca 10 km da comunidade quilombola onde Boi mora, faz divisa com outras quatro fazendas. Localizamos apenas um morador, herdeiro de Antônio Fostininho, o homem que criou Boi. Como já dito anteriormente, o objetivo desta caminhada era reencontrar a avó: seus carinhos e durezas, suas habilidades e gestos, seus sonhos e amarguras, suas festas e conflitos. Toda essa caminhada que fizemos nos contou através da vida da avó o que Boi vive hoje no lugar, foi quando os personagens dessa história se encontraram pela primeira vez: **espírito** e **sombra** e fulando-de-tal.

Portanto, o que narrarei agora versa sobre as seguintes categorias advindas dos encontros entre estes personagens, com as quais podemos travessar rumo a entendimentos das narrativas de deles, são elas: *memória, relações interétnicas, educação popular, relações territoriais*. É claro que essas categorias não existem enquanto tal, o que existem são emaranhamentos, porém farei um esforço de dizer um pouco sobre cada uma delas.

## MEMÓRIA

Foi comum nas caminhadas que fizemos juntos, Boi pedir aos **Espíritos** (Santos) que unissem nossas mentes. Assim, dizia ele, estaríamos prontos para receber orientações de como prosseguir nossos trabalhos. Mentos que ao longo dos caminhos fui compreendendo como memórias, lembranças e sonhos. Essas orientações dariam às mentes a função de guia **travessando** entre passado, presente e futuro. O jeito que Boi usa para conectar as mentes e torná-la coletiva é entoando os cânticos do congado e rezando as orações do Pai Nosso e Ave Maria no início, meio e fim dos trabalhos.

Também, as mentes se unem quando o chão é pisado. A cada local por onde passávamos as memórias grudavam em Boi como um **espírito** e ele narrava histórias do

lugar. Essas histórias iam compondo seu personagem para mim. Ele vai se constituindo em outros lugares com experiências diferentes. A memória não é exclusividade de boi, ela é comandada pelo chão que pisa e por sua espiritualidade. E como o chão que liga, a memória tem a capacidade de se unir a outras para lembrar. A cada grota andada, a cada mato visto, canto de pássaros, Boi compunha o lugar de acordo com o que lembrava. A memória me pareceu como entidades fora do corpo de Boi e que iam o acessando para serem lembradas.

Como aconteceu com as caminhadas tanto com Boi quanto com Farinhada, os dois funcionavam como receptores-difusores das memórias dos locais onde pisávamos. E, claro, ela passava pelos filtros das trajetórias dos dois mestres, ela sofria o afeto que cada um colocava naquele momento passado. Portanto a memória tem a capacidade de modificar os tempos e espaços vividos, contraindo-os ou expandindo-os, tornando as relações vividas ora de lealdades, ora de retaliações, ora esperanças, ora de angústias. Isto me faz refletir que as situações vividas por eles nestas caminhadas mudarão de tonalidade de acordo com o que eles estão vivendo no momento da lembrança. Porém, uma característica comum nos dois é andar. E andar para os dois é agir. Neste caderno e no caderno “Os caminhos de volta” andar, lembrar e construir um futuro melhor caminham juntos. Assista um pouquinho de como Boi e Farinhada caminharam por suas memórias durante as visitas a locais importantes em suas vidas: [https://youtu.be/v\\_ANPGmA-QQ](https://youtu.be/v_ANPGmA-QQ) (memórias-grota)

## RELAÇÕES INTERÉTNICAS

As ações de Boi estão relacionadas a suas *realidades multirraciais e desiguais*. Boi quando tinha seis anos foi dado a um **fulano-de-tal**, branco, *dono de tudo*. Boi conviveu com os descasos de seu padrinho com as terras em que viviam, conviveu com violências, e ainda assim possui capacidade de entender o contexto da época e dizer que se não fosse por isso talvez morreria de fome. Sua comunidade quilombola foi o que *restou* de terras que fazendeiros foram deixando. Uma comunidade rodeada por racionalidades que se baseiam ainda no trabalho escravo. Viu desmatamentos, falta de alimentos, pastos, e conhece uma diversidade de plantas e seus usos medicinais e alimentares. As relações interétnicas passa por modos de vidas ora contraditórios, por exemplo no trato com a natureza: no mesmo local o desmatamento e a preservação, ora oportunistas por parte dos fulanos-de-tais para terem escravos o resto da vida e oportunistas também por parte de negros que viam nessa relação

um modo de ter a vida melhor. Todo esse emaranhamento mostra o que Farinhada chama atenção para as tensões nos movimentos sociais: as relações inter-natureza-étnicas. No caderno “Veneno, esperança e festa” Farinhada reclama aos movimentos as questões de raças e suas ligações com a natureza, principalmente no movimento da agroecologia. Ele diz sobre a vida de Boi para mostrar como a questão das realidades desiguais no campo tem haver com raça, ou melhor, com racismo e que ainda hoje é preciso dar mais visibilidade para essa questão dentro dos movimentos sociais.

No entanto, é nas “culturaS” que essas relações inter-natureza-étnicas têm suas maiores potências. Como mostra também no caderno “culturaS”, as interações entre espiritualidades, bichos, plantas, conhecimentos astrológicos, artes, alimentos, são o que definem os modos de fazer de Boi, logo, do povo negr@ daquele lugar. E el@s possuem jeitos próprios de realizar essas potências, como diz Boi, começa pelo berço: a educação.

#### EDUCAÇÃO POPULAR

Ou como Antônio Matias Celestino se tornou um Boi.

Curas, saúde, religião, plantas, congado, quilombolas, agricultor, espiritualidade, tambor como enunciação, deixar por a mão no fogo e se queimar pra aprender que o fogo queima, metáforas, as lutas por relações inter-natureza-étnicas mais justas, ter que morrer alguém, as brigas com os bois dos fazendeiros, **calangos, fulano-de-tal**, políticas, vereador, **espírito**-berrador, extermínio da juventude negra, o fim da natureza, João Baca, vovó Celina.

#### RELAÇÕES TERRITORIAIS

Quando subimos no alto do morro na fazenda do Segredo o território de Boi aumentou. Todas as tramas de sua vida estavam aos seus olhos. Os engenhos de açúcar, as fazendas uma ligadas nas outras, o quilombo espremido entre cafezais e plantações de eucalipto. Boi fez nesta caminhada um recorte histórico das políticas nacionais para desenvolvimento do campo e como elas atingiram sua comunidade, a crise do café, a ditadura, as políticas de assistência ao campo gerenciadas pela Universidade Federal de Viçosa, governo do PT. São análises das relações grotas-globais . Essas políticas, pra ele, geram contradições que tornam difícil discernimento o que foi bom e o que foi ruim para seu povo. Os avanços desenvolvimentista trouxeram a falta de água, o isolamento ao invés do comunitarismo, por outro lado políticas afirmativas colocaram a comunidade em contatos

com diversas organizações de trabalho em prol das reparações sociais, como a certificação quilombola em 2015.

Uma outra visão que tivemos foi a territorialidade das festas naquela região. Boi traçou um mapa durante a caminhada das manifestações culturais existentes e suas relações com as plantações, com os vai e vem das políticas culturais que incidem em suas festas, e as relações com os poderes da igreja sobre suas artes. Aliás pode-se perceber que a arte é um dos territórios por onde Boi atua com mais apropriação. O congado, que ele o define como a sua arte, se confunde com sua vida, não se sabe quem carrega quem. A arte seria uma trama-ponto da cultura negra-coronel. A trama seria a história tecida por povos em séculos de sua existência em dois continentes, o povo indígena, o povo africano, o povo europeu. O ponto a que chego são as vidas de boi e farinha.

E TUGIU: “BOL.. BOL.. BOL..”

**Mestre Boi – Pedir o anjo da guarda, Nossa Senhora da Guia, e São Bento tirar o bicho de baixo do caminho pro filho de Deus passar.**

-meu bom dia a todos. Em primeiro lugar eu quero agradecer a todos, e em segundo lugar agradecer a você né. Pedir ao poder superior, ao Divino **Espírito** Santo dá nós a mente. Pedir o anjo da guarda, Nossa Senhora da Guia, e São Bento né, tirar o bicho de baixo do caminho pro filho de Deus passar.

Nós tamos chegando aqui agora né. Aqui é a Fazenda do Segredo. É aqui que eu fui criado né. Se eu falar que fui criado como escravo é complicado, por que foi lugar melhor que eu achei, ondê que tinha comida. Num faltava comida pra mim aqui. Se eu apanhei um dia aqui foi porque eu também mereci um bocado de coro. Cê sabe como é que as crianças é. Mas eu só tenho que agradecer. Cheguei aqui com seis anos de idade e sai daqui com quatorze anos pra ir pro mundo. E se eu sei alguma coisa - eu sou analfabeto – se eu aprendi alguma coisa foi a escola do mundo que me ensinou. Muito obrigado.

Vão ver se nós encontra lá em cima a tal de macaxeira<sup>43</sup>. Só tem 50 anos só que eu fui lá em cima. Subi lá com quatorze e agora tô com 67 né. Então vamo lá com a graça de Deus.

...

Ali é o morro chamado “Morro da Dona Dati”, lá é a “Volta da Lagoa”, ali era a fazenda do Zé da Silva né... e a direita aí que é o Barreiro onde é que vovó nasceu né. Só como escrava aí ela ficou quinze anos aí como escrava. Ela nasceu em 1873, se eu não me engano né... aquela grotta lá é conhecida com Barreiro. Quando se fala em Barreiro é... quando chovia o coro comia que era barro puro né.

(Canto)

Passa por aqui Senhor!  
 Passa por aqui.  
 Passa por aqui Senhor!  
 Passa por aqui.  
 Io io io io Senhor  
 Passa por aqui.  
 Io io io io Senhor  
 Passa por aqui.  
 Eu me entrego a Ti Senhor!  
 Eu me entrego a Ti.  
 Eu me entrego a Ti Senhor!  
 Eu me entrego a Ti.  
 Io io io io Senhor  
 Eu me entrego a Ti.  
 Io io io io Senhor  
 Eu me entrego a Ti.  
 Fica sempre em mim Senhor!  
 Fica sempre em mim.  
 Io io io io Senhor  
 Fica sempre em mim.  
 Io io io io Senhor  
 Fica sempre em mim.

...

<sup>43</sup>

O que Boi procura é a malacacheta, ou mica. Um mineral indicador de ferro no solo.

Aqui dentro aqui é com Juracussu Cruzeiro. O grupo tava batendo pasto aqui ó... foi picado por ela aí embaixo aí. E aqui tinha um senhor trabalhando com eles que sabia fazer oração, benzer. Benzeu, e ele ficou bom. Com a graça de Deus. O Cruzeiro costuma cair até em cima do cara. Tem até um velho ditado: disse que tava conversando a Jararaca, e o Juracussu Cruzeiro e o Limpa Campo né, e o Dourado. E aí um falou com outro assim, o Limpa Campo falou assim

-eu sou muito de engolir e sair correndo. (risos) sou de engolir e sair correndo.

Aí a Jararaca falou assim

-eu num corro atrás de ninguém mas se pisar ne mim já era. Sabe comé.

Aí o Dourado falou assim:

-eu cá, eu sou amarelo igual o Sol. Sabe comé. Se confundir eu com o sol e se pisar em cima já era.

Aí o Urutu Cruzeiro falou assim

-o negócio comigo é pouco deferente. Se esbarrar em mim eu dou a picada e saio de baixo que é pro corpo num cai em cima. Sabe comé.

Então o veneno deles é cada um pior que o outro. Aqui como num tinha Cascavel né... ela num dá muito pra essa área aqui, ela gosta é de pedra né. Pedra e água. Juracuçu Cruzeiro.

(canto)

Vou me embora, vou me embora!

...

Agora nós tão começando a subir. Aqui nós já vê o alto de Paula Cândido, talvez vamo atingir o de Viçosa também. Tudo que nós tamos vendo ao redor aqui do lado aqui ó era do Antônio Faustino Duarte. Então os fazendeiros aqui dividia, pegava tudo. Tem lá o Dona Dati, que o marido dela chamava o Zé Corrêia, e lá era a fazenda do Zé da Silva. Então vamos mais né. Então aqui nós tamos vendo o Córrego do Meio praticamente inteirinho. Os últimos lá que é o Córrego do Meio. Cá tá o Gerômio ondé que mora o Pedro, no rumo da lavoura que ce tá vendo lá, lá tá a grota que ele mora. O Paula Cândido tá nesse rumo mais alto que nós vamos ver o alto dele, já já nós tão vendo. E quando nós subir mais nós vamos cobrir esse morro aí ó.

Guilherme Padero – vai dar pra ver melhor o Córrego do Meio?

MB – é, o Córrego do Meio já dá pra ver bem. Num dá pra ver embaixo... a cabeceira que nós andou com Tímoti, aqueles eucaliptos que nós andou com Tímoti.

GP – foi nesses eucaliptos que nós andamos com o Tímoti aquela vez?

MB – é, mas foi nos eucaliptos de baixo lá né? É, o de cá está em frente a minha casa lá. E os outros também, onde nós andou mais o Tímoti e você

...

O lugar que minha vó morava pertence àquele alto ali. Lá em baixo... do outro lado.

É igual aquela música dos Caboclinhos, dos Caboclos né de Paraguai

-Minha vó mora no oco do páu. Até esqueci comé que canta aquela música...

GP –

(canto)

Minha vó é uma coruja o lelê  
 Minha vó é uma coruja o lelê  
 Mora no oco do páu o lelê  
 O meu pai é um preto velho o lelê  
 O meu pai é um preto velho o lelê  
 Tocador de berimbau o lelê  
 Tocador de berimbau o lelê

MB - Então ela mesma morava lá em baixo lá...naquele mato lá

O Benedito sanfoneiro mora lá ó. Naquela grota onde tá uns trilho lá. Lá é a grota do Gerômi, alá, onde tá os trilho. O Paula Cândido tá nesse rumo aqui ó. Rumo certo.

...

Isto aqui... eu cheguei na fazenda com seis anos de idade. Três horas da madrugada meu padrinho, já falecido já, o Zé Carlos né, O padrinho Zé Carlos me punha eu no cavalo, que eu era pequeno, num tinha como montar. Punha eu no cavalo, às vezes, tinha dia que marrava né, em cima do cavalo. Mas depois com o tempo, eu já com sete anos eu já... Aí nós ia caçar

boi pra levar carro de lenha em Viçosa. Era a única renda que tinha. O fazendeiro tinha muita terra mas num tinha mais nada a num ser... só tinha terra, ninguém come terra! E aí... vamos andando pra lá. E aí eu andava esses altos tudo aqui ó. É... eu num vou imitar não por que minha mente numa tá pra isso, pra imitar o que eu... que eu abandonei, com a graça de Deus o **espírito** me largou, o Berrador. Então eu num imito não eu só falo a respeito dele só. Aí ele me dava uma cachacinha, ele punha na colher, num cuietezinho e manda eu beber pra panhar coragem. Me punha em cima do cavalo e me ensinou... aí começava. Aí quando a cachaça subia eu começava a berrar. Quando eu berrava, eles tudo gostava, que eu chegava num alto desse aqui eu dava um roncado, que depois eu fui... imitava os boi tudo, o holandês né. Então eu sabia. Algum boi berrava pra cá, ou pra lá, as vezes tava perto do boi... igual tá aqui ó, o Sarandi, chamava o Sarandi. O boi tá coladim aí e você num tá vendo, é você berrar e boi respondia né, noutra lugar. Aí começaram a chamar eu de sapo boi, aí depois, Antônio Boi. Hoje ficou como: Mestre Boi.

E eu tinha muito medo né. Medo nosso é de onça né. Muito medo né. Medo nosso é de onça, cachorro do mato eu num tinha medo não. Aqui nunca deu leão não, dava muito é onça. Onça da pesada mesmo. Aí eu tinha medo das onça, né. Mas graças a Deus eu nunca... via aí o roncado delas aí, o miado, mas eu nunca dei cara com onça não. E o carreiro, chamava carreiro, que era meu padrinho, ele entrava pra lá ou pra lá ó e lá ele via meu berrado e também gritava né, quando o boi berrava:

-acheei!

No escuro, descalço sem um nada, ninguém tinha nada, pisando na cabeça de cobra. É por isso que nós tem que pedir muito pro São Bento né, e o Anjo da Guarda e Nossa Senhora da Guia que livrou agente e continua livrando até hoje. A hora de levantar era duas e quinze que o coronel vinha, eu dormia no chão no corredor, ele passava assim ó, cutucava na esteira:

-tá na hora! Tá na hora!

Aí já levantava e aí... comer, agente comia muito na madrugada. Nossa comida era: tutu, arroz e torresmo e linguiça né. Agora, em Viçosa, se vendesse o carro de lenha, tinha direito a um pão com salame pra chegar em casa lá pelas cinco horas da tarde e jantar.

O dinheiro pra comprar o pão num podia tirar. Que a situação tava muito ruim. Isto aí foi em 1957. nós agora vamos começar a perder a visão de cá e vamo olhar o outro lado do morro que o mato agora tá tampando aqui ó.

(canto)  
 minha vó é uma coruja o lelê  
 mora no oco do pau o lelê...

...

Nós vê ela aqui ó (parte da grota). Cê vê que ela é longe. E quando alguém fazia alguma coisa, algum mau feito aí no Airões, baita em alguém ou alguém queria matar a pessoa eles vinha e escondia aí. Por que essa grota, ela é muito grande. Você, que nós já tá andando há bastante minuto, a finda dela é por ali. Aí o cara ficava aí, trazia comida pra ele aí até melhorar a situação. Tanto faz o cara que batia nos outros, ou machucava os outros ou ele tava já corrido né da polícia, aí escondia nessa grota. Mas vamos ver se agente consegue ver a outra ali, a outra que é a Grota dos Ventura.

...

Aqui tá quase... tá vendo que tá descendo ali ó? Aquela grota que nós viu lá embaixo ela tá terminando aqui. Hoje tem cerca, mas antigamente, nos anos aí 1958, aqui num tinha cerca não isso tudo pertencia ao coronel Antônio Fostino Duarte. Essa família é muito tradicional aqui em Paula Cândido, é uma família muito grande. E ali em baixo depois se der nós vão mostrar você é onde morava o Zé Neca né. O senhor Zé Neca Fostino era o avô desse homem que eu tô falando com você. Eu posso até alembra depois, mas eu agora vou aproveitar que tá na mente. Esse terreno todo aqui ele foi dado pela Dona Marta. Dona Marta era tia do Antônio Fostininho, o homem que me criou. Ela morava lá no Rio, lá em Leblon. Ela se enriqueceu bastante e deu o terreno para o senhor Antônio Fostino Duarte, ele casou com a Dona Tudina né, uma mulher muito boa, Deus dá ela um bom lugar pra onde que ela foi né. Ela gostava muito de matar a fome do negro e ela num gostava que o negro num ficasse sem tomar banho não. Eu rapo a minha cabeça até hoje. Naquela época o negro num rapava a cabeça não por que chamavam ele de “urubu camarada” e nós num gostava que chamava de “urubu camarada” né. Aí eu cheguei aqui e a primeira coisa que ela falou foi: -aqui eu num quero nenhum negro de cabelo grande pra num juntar piolho.

Aí rapava a cabeça. Naquela época rapava com gilete, rapava com qualquer coisa que tivesse naquela época. A gilete era meio difícil, navalha né. Usava mais é navalha. Por que agente levava a comida na roça, punha a gamela na cabeça, e ela num gostava, se tivesse piolho ia pra comida né. Eu num achava que era orgulho dela não, ela agia certo. Nós vamos atravessar aqui agora, e aqui nós vamos fazer oração que aqui é que é a grota, a tal grota. Então nós tamos aí ó. O fugitivo, se aqui num desse pra ele, ele podia ficar nessa aqui e nesta daqui. Aqui atrás tem uma outra que eu num sei se do lugar nós vamos ver ela. Nós tamos praticamente chegando lá no chapadão.

Agora vamos. Aí você atravessa pra cá.

...

(RISADAS) elas gostava de ficar deitada. A onça antigamente gostava de árvore assim, ela deitava por cima, a lá. Dormia nesses gaio assim ó... Ali ó, um galho bom ali ó, ali elas dorme sossegada. Hoje graças a Deus se tiver alguma aí ela tá com medo de nós também. Então nós vamos sentar.

...

A grota lá. Ela lá vai lá na estrada, sabe como é. A boiada gostava é de ficar lá em cima, eu chegava lá e gritava:

-o Penido! Pensal! Baleia!

Aí ficava tudo quetinzim, aí eu dava um berrado

-HUUUUURR

O boio holandês, ele, quando tiver armando chuva, a chuva pesada, e se tiver nalgum lugar, cê observa que os trivuão eles vão assim ó: huuurr! huuuoorrr! huuurroorr! assim que imita o boio holandês né. E a chuva, quando as nuvens começou a fazer assim lá, pode rezar pra São Gerônimo e Santa Bárbara que ela lá em vem pesada, sabe comé. E eu peguei muita chuva pesada né. Num dava tempo de correr até a fazenda, deitava aonde era, assim ó. De baixo de árvore num era aconselhado não né, mas encostado em barranco, punha a cara no chão e deixava. Quando nós descer ocê só me lembra assim: o Boi, e o rancho? Aí eu voi explicar a respeito de um rancho.

(canto)

Lá na mata tem uma flor  
 É um milagre de Nossa Senhora  
 Lá na mata tem uma flor  
 É um milagre de Nossa Senhora  
 Oh me vale São Benedito, Santa Efigênia  
 Que me vale nessa hora  
 Oh me vale São Benedito, Santa Efigênia  
 Que me vale nessa hora

Eu num esperava rapaz, deu vim aqui nesse alto. Mas graças a Deus, enquanto tiver Deus no céu urubu num come folha. Essa vinda sua aqui hoje tem algo apreparado pra nós né. Nem eu mesmo sabia. Pelo que tá vindo na minha cabeça agora nesse momento aqui, nessa entrevista, você já fez muita entrevista comigo ou com alguém do mundo aí, esta de hoje vai te surpreender muito, por que as mente nossa tá quase tudo igual. Quando as mente se une, as coisa é deferente, aí fica mais fácil pro Divino **Espírito** Santo né, Ele instruir né, Ele dar caminho pra nós né, abrir a nossa mente, a sua com a minha e tudo. Nós vamos alebrar de coisa aqui que nós num apensava, inclusive eu. Às vezes hoje você vai saber de coisa né que você num tava nem esperando por isso, nem eu nem você, algum testemunho, alguma palavra pra ajudar nós.

(canto)

Vamos fazer oração  
 Vamos fazer oração meus irmãos  
 Vamos fazer oração  
 Vamos fazer oração meus irmãos  
 Vamos fazer oração  
 Ora vamos fazer oração  
 Ora vamos fazer oração meus irmãos  
 Ora vamos fazer oração  
 Ora vamos fazer oração meus irmãos  
 Ora vamos fazer oração

...

**Se você puder fazer o favor de pegar essa bíblia aí, na hora que você botar as mãos nela**

cê fecha o zóio, os dois zóio e abre ela pra nós, vamos ver o que que o Divino Pai Eterno tá falando pra nós aí. Ce fecha o zóio e abre ela, aí vai ler a leitura que tocar na sua cabeça:

(leitura)

### ORÁCULO CONTRA A CASA REAL - JEREMIAS 21.22

Eis o que dirá acerca da casa de Judá. Escutai a palavra do Senhor. Casa de Davi, eis o que diz o Senhor. Praticai a justiça desde o nascer do dia. Livrai o oprimido das mãos do opressor, para que meu furor não se inflame como fogo, braseiro que não se pode extinguir. Por causa da maldade de vosso procedimento. Eis-me aqui contra ti, habitante do vale, rochedo que dominas a planície, as vozes que dizeis: quem nos virá atacar? Quem penetrará em nosso refúgio? Castigaivos-ei oráculo do Senhor! Deitarei fogo à sua floresta! A seu arredores serão devorados. Eis o que me diz o Senhor: desce ao palácio do Rei de Judá e lá pronunciarás este oráculo. Ouve a palavra do Senhor Rei de Judá que ocupas o trono de Davi, tu teus servos e teus povos que entrari por esta porta. Eis o que diz o Senhor praticai o direito e a justiça e livrai os oprimidos das mãos do opressor. Não deixei o estrangeiro sofrer vexames e violências, nem o órfão e a viúva, nem derrameis nesse lugar sangue inocente. Se obedecerdes fielmente a esta ordem, continuaram a passar pelas portas deste palácio os reis herdeiros do trono de Davi. Montados em carros e cavalos com seus servos e seu povo. Se porém não escutardes essa palavra, juru-o por mim mesmo - palavra do Senhor - será reduzido a escombros este palácio. Por que eis o oráculo do senhor sobre o palácio do Rei de Judá. Eras a meus olhos como o monte Galaade, qual o cume do Líbano, juro, porém que te vou transformar em solidão, num deserto. Preparo contra ti destruidores, munidos de seus instrumentos que abateram teus cedros mais formosos e lançaram ao fogo. Muitos pagãos ao passarem perto dessa cidade, uns aos outros hão de dizer: porque assim tratou o Senhor esta grande cidade? Ser-lhe-a respondido: porque seus habitantes abandonaram a aliança com o Senhor, seu Deus, prosternando-se entre outros deuses e a eles rendendo culto.

Deu pra você observar, é isso que nós tão fazendo né, através da leitura. Cê podia ter abrido aí num evangelho, ou João, ou Lucas, ou Mateus né, mas você fechou os olhos, eu nem olhei pra sua cara não, cê fechou os olhos pegou, abriu. Se quiser acreditar acredita, quem tá falando pra nós diretamente da bíblia é Ele que tá aqui. Como nós num temo poder de ver, que nós são mal, coração nosso é muito ruim, segundo a palavra aí, diz assim:

-aquele que ver o meu rosto não viverá!

É um segredo muito grande que Ele tem para o nosso bem de cada um de nós. E a leitura mexeu em palácio, mexeu em real, mexeu em terra, mexeu em cidade. Por quê que tá acontecendo esse montão de coisa hoje? Abandonaram esse Deus que tá aqui. Você leu aí -passaram aqui na cidade! Por quê que essa cidade tá tão assim dessa maneira, desprezada? Será que é o Senhor que fez isso?

Não ué. É o próprio morador.

É o que nós tamos fazendo hoje, estamos acabando com as mata, estamos acabando com os bichos que vevi sem nós e dá comida entendeu, e nós num vevi sem alguém num dá nós da comida. Os pássaros.... Então tá ficando tudo triste. Nós tamos aqui até agora, e estamos no

meio do mato né. Ainda vamos tirar aí dois, três minutos pra ouvir aí, pra frente né, pra ouvir a natureza dois minutos, nós vão marcar pra nós ouvir a natureza. E antigamente eu andava por aqui essa hora, o galo cantava né, a primeira cantada dele é meia noite né porque agente não tinha relógio, andava pelo cantar do galo. Na primeira agente num deve sair. Mas na segunda, que era já era 02:00 horas, depois de 01:30 que ele cantou agente já podia sair. Então agente já via os pássaros cantar. Nós tamos até agora aqui num vê um jacu, acho que apareceu pra nós aqui acho que foi um urubu né. Se eu num me engano que passou por aí. Talvez deve ter um deles chocando por aí, que eles fica bravo quando eles tá chocando, eles procura mata mais deserta pra eles chocar, e tem a sabedoria de Deus que eles tem que chocar no lugar que sempre tem que morrer uma criação né, sempre tem que ter uma carne aí ao redor pra eles poder buscar pra manter os filhos. Mas isso é coisa que esse Deus que tá aqui no meio de nós que ele vai... Então eu agradeço você de ter lido a leitura e agradecer a Deus dele ter falado com nós através da palavra. Se nós quiser acreditar nós acredita né. Se num quiser... Por que o homem, o ser humano, nosso coração ele é muito ruim. Então por isso que ele deixou isso aí, tá sempre no meio de nós né. E vai ajudar nós muito hoje em muita coisa. Nesse Divino Pai Eterno que tá aqui no meio de nós, são as três pessoas da Santíssima Trindade: é o Pai, o Filho e o **Espírito** Santo e que se encerra só numa pessoa só, e que todo mundo sabe disso né.

Então nós vamos dar continuidade né. Nós tamos bem no alto né, nós vamos virar aqui... Então cê viu que tudo que nós olhô pertencia ao coronel. Mas aí nós num vão poder ir lá hoje tá. Pela esquerda, aqui vai divisar com a Recua. Lá ele divisava com o outro coronel que é o Juquinha de Paula. O Juquinha de Paula que é o pai de Jambe. O Jambe que tem aquela casa na beira do caminho lá. Aí você observa como é que eles emendavam com a terra. Daqui a 1 km, só beira mata aqui, só a 1km, uns 2km, terminava as terras que Antônio Fostino ganhou. Tô falando com a certeza, por que eu via eles conversar lá:

-tô deitado no chão e via eles conversar.

A tia que deu ele. Ele gostava muito da Dona Marta né, era tudo pra ele, sabe. A Dona Marta.  
-agora nós tá escutando ó!? (passarinhos)

E aí o Juquinha de Paula pegava ali e aí ia embora, entendeu? Aí encontrava com padrim Antônio Vieira, que é o homem que batizou ieu, aí emendava com uma fazenda lá e ia até no alto de Viçosa, pro lado do Deboche, tanto faz pro Deboche ou pra cá. Era de coronel a

coronel. Tudo que nós vê aqui, que a casa mesmo do Zé Neca, era ali que era o avô do meu patrão aqui. Que era o Zé Neca Fostino né. Coronel Zé Neca Fostino. Pra lá era ele. Naquele alto ali ele divisava com Japão que vai aí 6 quilombo (km), 7 quilombo (km), o falecido Japão. O Japão pegava tudo que você vê aqui de frente, e aí ficou as filhas de Japão casadas com o Zé da Silva. Zé da Silva num era pessoa muito rica não, mas junto aí ficou (risadas). Ali tinha o engenho que os negros trabalhava, a minha mãe chegou a trabalhar muito tempo ali. E aí emendava ali com os Lourenço, o João Lourenço. Esse homem até ajudou muito, até era padrinho do meu pai... indo lá pra Paula Cândido lá, emendava com os João Lourenço. Ele era padrinho do meu pai e quando a boca esquentava pelo menos um fubá ele arrumava pra nós comer lá.

(embaixada)

Deu no dia deu no ano  
 deu na hora que nasceu  
 a Senhora do Rosário la na mata apareceu  
 dos parmito nasceu as parma das parma nasceu os parmito  
 aqui está Nossa Senhora e também São Benedito  
 lá do céu desceu um anjo mandado de Santa Helena  
 de um lado São Benedito do outro lado Santa Efigênia  
 o Virgem do Rosário nós viemos te buscar  
 truxemos vosso trono para vos depositar  
 e truxemo vosso insenso pra seu trono insensá  
 Nossa Senhora no meio e Jesus Cristo no artar  
 benzo o vinho e benzo a água na hora de consagrar  
 padre filho, Espírito Santo, na hora de Deus amém  
 vamos levar a virgem pura pra capela de Belém

Vou cantar um cantico aqui que ajuda né, pelos trabalhos que nós tão fazendo.

(cantico)

O pai Chico cadê pai Mané  
 O pai Chico cadê pai Mané  
 Está lá na horta panhado guiné  
 Fala com ele pra quando vier  
 Que suba a escada não bate com pé  
 Fala com ele pra quando vier  
 Que suba a escada não bate com pé

Obrigado Senhor.

Vamos à luta né, vamos trabalhar.

Eu num esperava de eu vim nesse morro nunca. Mas enquanto tiver Deus no céu urubu num come folha né. E eu agradeço você de ter vindo aqui. Essa entrevista aí ela vai ajudar mais eu do que você. Você sabe disso? (risadas) Ajudar mais eu por que eu vou levar pra casa e vou guardar lá. E eu já vi que a minha parte espiritual até nesse momento... acho que vai sair muita coisa boa. É acreditar no senhor né, nesse Divino **Espírito** Santo que vai fazer nós lembrar de coisas que nós... que vai ajudar não só você no estudo mas também agente vai deixar pros netos né. E pedi você o Guilherme: eu fui em Julho num encontro em Sete Lagoas, parece que tinha lá era mil e pouco estudantes, a Irene foi com nós lá. Eu fui com a Irene né, aquele dia lá uai, você levou nós até lá, de carro até na rodoviária. E lá eu falei pra aqueles estudantes que era pra eles estudar, mas num é pra fazer igual tá acontecendo com nossas autoridades aí não né. É muito feio um homem de cabeça ruça, careca assim igual ieu ficar saindo de mão algemada pra rua afora. Como é que nosso jovens vai pensar? Vai pensar o que? O de 14 anos o de 15 anos? Vovô, mulher aí de 70 anos rapaz, saindo algemada, isso é muito feio. Então num adianta estudar rapaz. Estudar pra dar tombo nos outros. Deus dá o indivíduo mente pra ele aprender muita profissão, um montão de divisa: é sargento, é coronel, é general, é ministro e nós tão vendo aí tudo sair algemado né.

(começa um vento mais forte)

E nosso netos o que vão pensar de nós? Nós que somos os mais velhos somos o maior exemplo. Se nós não dermos o exemplo, quem é que vai dar exemplo pra nós? Então esse estudo que você tá fazendo aí, se você ver alguma pessoa fazendo coisa errada, num vai acompanhar não né. Vai fazer o bem. Por que o bem sempre venceu o mau: 100 gramas de bem vence 1000 kg do mau. É por que nós falamos mais mau e achamos que tem mais. Nós não temos mais violência do que o bem no mundo não. É engano nosso, nós temos é mais bem. É por que o bem, num se fala muito nele, ele tá escondido. E o mal não, o mal tá espalhado. E outra coisa, o mau faz barulho! E o bem num faz barulho. Ó como ele a em vem em silêncio óia. O vento vem em silêncio né. Então é estudar, mas pra que? Pra roubar dos outros? Pra tomar as coisas dos outros? Isso é muito feio. Acho que Deus ele num tá satisfeito com esse povo não ué. Estudou, formou, falando nove idiomas, um montão de troço: é cientista, é estadista, um montão de pessoas fazendo bobeira. Eu tô lembrando de um vizinho meu que morreu, e ele falou um ano: os estudos seu Antônio, quando ninguém tinha estudo a vida era muito melhor. Agora as pessoas estudou, agora ficou tudo abusado. Filho num

toma benção a pai mais, é bom dia e boa tarde. Outros passam tudo calado. Então o estudo veio pra ajudar, mas acabou atrapalhando a pessoa. AMÉM. Tem que falar até um amém com força né (risadas).

...

Sob o olhar da onça. Neste momento combinamos que eu iria subir em um grande galho que estava acima de nós, lugar que onça gostava de dormir antigamente contou boi, e desse galho faria uma gravação como se fosse uma onça mirando Boi.

Pra vencer esse mal é só Deus mesmo. Nós num temos como. Pedir a Ele e pedir a Senhora do Rosário que interceda junto a Ele pra nós né. E já temos vencido muito mal, muito mal. Com a graça de Deus pra mim tá vivo aqui hoje é por que houve muito milagre, se não num tava vivo não. Eu fui lá naquela virada lá em baixo lá, tinha um boi aqui, com o nome de Espadia. O boi era manso. Eu com a guiada, eu fui chamando o boi assim ó, essa mão aqui, e essa de cá cutucando ele por cima, quer dizer eu fiquei todo aberto, ele foi e bateu, me deu uma peitada nos peito, já lá ia me matando né. Então primeiramente é Deus mesmo, num tem outra solução não. Nós não temos outra saída, nós nunca tivemos outra saída. Só tem que agora a cobra começou a fumar. O que significa a cobra começou a fumar? É por que a boca começou a esquentar. Por que cobra não gosta de fumo. Quando se fala que a cobra começou a fumar, se dizia os antepassados, é por que a coisa tá pesada pra todos nós. Agora num é hora de falar:

-agora eu num tenho nada a ver com a presidência da república.

Nós temos a ver sim.

-agora eu num tenho nada a ver com os bandidos.

Temos a ver sim.

-agora eu num tenho nada a ver com o Papa São Francisco.

Temos a ver sim, pela segurança dele. Agora é a hora. Mas tem muitos que tá correndo. Uns pro lado de Deus e outros num tá aceitando a palavra de Deus. Então o Congado vai completar agora 129 anos, a Banda de Congo José Lúcio Rocha nós agradece esse Deus que tá aí ó.

(vento forte)

Que tá aqui perto de nós nesse momento agora, esse vento, esse ar, tudo que está no meio de nós, só as árvores. Nós tava falando em onça, a onça perigosa hoje em dia, num é a onça que anda aí ó, é a onça, Deus me perdoe pelo amor de Deus pela palavra, é a onça-gente. Os bichos pra comer o outro é pra matar a fome, o ser humano tá matando o outro por graça, num é pra matar a fome. Hoje nós tão com medo mais é de gente, chegar agora aqui um homem e uma mulher é claro que nós vai assustar um pouco, e talvez uma onça um bicho qualquer nós num vamos assustar porque nós tamos é na casa dele. Nós sabe que meio de mato é lugar de bicho né. E nós tamos fazendo aqui a reportagem. Eu tenho o dom.

...

Nós vamos pegar uma dificuldadezinha aqui tá. Nós vamos pegar uma dificuldadezinha, nós vamos no oco do pau. A lá, ela é muito funda, essa grotá. Lá já morava, naquela fazenda lá ó, morava o Zé Teixeira, que é cunhado de Antônio Fostino. Ele era ruim, ele num gostava de tratar do caboclo não.

Vão bora. Tá dando pra passar? Tá começando a chegar lá.

Aqui você vê o Zé Teixeira, cê virou, Lambari. Então eu fazia de pé aqui ó. Tinha um mato... tinha aquele mato ali, sempre foi aquilo ali... pesado pra daná. Virou pra lá... município de Viçosa tá perto ali, tá muito longe não. Tá pertinho o município de Viçosa

-Nós vai atravessar isso aqui. Vê se nós consegue atravessar...

Plantava roça tudo ali ó. 1959, anos 60, 61, plantava a meia com Coronel ali. Tudo ali ó, a grotá era bom pra roça pra daná.

GP - os Coronéis eram muito violentos com os negros? Como era esse povo?

MB - Oh... isso até via. O negócio era você trabalhar e num ganhar dinheiro né. Cê num tinha direito de nada, nem de ir... direito de nada... o povo era muito sofrido né. O problema aqui é que num tinha o que comer. Uns comiam muito bem e os outros num comia nada né. Meu pai sofreu muito aí ó. Tinha que sair lá do Airões pra plantar uma roça aqui, precisou sair com uma gamela de canjiquinha na cabeça pra trazer pro almoço, igual minhas irmãs vinha né. É pesado rapaz. Plantar tudo ameia. Aí ele te fornecia um rapadura, umas coisinhas e o milho fica tudo aí. Tinha que vender pra pagar ele ué. Depois cê num ficava com nada não. A despesa... se adoecesse era pior ainda.

A vida era sofrida. Vida muito sofrida. Trabalhar de sol a sol. Tinha esse negócio de relógio não. É de sol a sol, sol a sol. Mas era trabalhar né. Num é esse negócio de hoje que nego num sua nem a ponta do nariz não. A camisa chegava a pregar na roupa, chegava a pregar. Sem ganhar dinheiro, sem vez. Então agente hoje...

vamos arriscar aqui, que aqui que é o nosso caminho. Aqui que é o nosso caminho.

-Macacheira! (Malacacheta)

Isso aí é onde explora o minério né. Onde eles gostam de explorar minério. Dizem que, antigamente, é onde explora o diamante né. Aqui não exploraram, agente vinha aqui... aqui nós começa a descer.

...

O alto! Agora nós vamos entrar aqui ó. Bora com Deus e Nossa Senhora. Tá dando pra vim, vai perder aí não em. (risadas) É isso que eu queria. Aqui hoje com a graça de Deus nós conseguiu. Vamos ter cuidado pra nós num... o cara falou que o mato aqui tava pesado, mas nós conseguiu ver ondê nós queria ver.

...

Se estourasse isso aqui antigamente, era o... depois do cascalho é o que que é? Como é que chama o negócio? Caulim né? Caulinho que chama o troço? Tem um material chamado caulinho que ele é importado lá pra fora. As vezes ele fica por cima da terra é só explorar um pouquinho que dá jeito. Tal de caulinho. É a matéria prima que vai lá pra fora pra fazer ferro, fazer um montão de troço. Tal de caulinho.

...

Lá naquela grotá lá, onde é que tá aquele milho, eu candiando boi ali, e agente mijava na cama né, eu mijei na cama até a base de uns dez anos por aí, e o boi num é chegado a urina não. O cara ia candiar o boi com a calça molhada de urina, aí o boi ficava... o fazendeiro gostava... aí o cara tinha que pisar no meio de espinho se não o boi metia o chifre em cima dele. Que o boi tinha raiva do cheiro da urina. Então quando a calça, agente só tinha uma calça e uma bermuda que chamava calça curta, ela só ia secar era 11 horas por aí. Das 7 horas

às 11 horas o cara sofria muito, os bois muito selvagem, muito bravo, então eu sofri muito. Então isso aqui, essa grota aqui chamava Grota da Volta Redonda. Grota da Volta Redonda. E ali é onde que morava o Senhor Zé Ventura. Um homem muito bom. Que é o pai do João Ventura que mora lá no Airões lá, a esposa dele... sofria muito aí coitado, a família toda sofria muito trabalhando como escravo né, mas muita boa pessoa, lá naquela casa lá ó. Deixa agente ir descendo devagarinho.

(cântico)

Viva Maria no céu, Viva Maria no céu  
Viva Maria no céu com seu terço na mão contemplando o mistério  
Oh iva Maria no céu

Essa parte aqui é a parte mais alta do Segredo. Eu to falando sem medo de errar que eu cheguei aqui com seis anos de idade. Eu conheço isso daqui à palma né. Eu nem esperava de voltar mais aqui. Lá na minha casa eu pensei comigo quando tava fazendo oração, pedindo a Deus que eu ia vim aqui acho que pela a última vez. Nessa última vez, agora tá me dando ali na cabeça, que se ele permitir né, se ele der tempo, voltarei aqui com minha neta ou com algumas pessoas né pra mostrar pra eles, se não eles vão morrer sem saber o que é beleza né. A vida aqui era muito sofrida, mas era uma vida alegre, agente tinha mais amor nas pessoas, amor e carinho. Agora não, agora nós tão com amor sabe no que? É no tatu rapaz, é no jacaré, é no largato. O largato entra na sua casa, come os ovo tudo e cê num pode matar ele, agora quando chega um irmão, cê fala:

-num dá moleza não, dá moleza não.

Agora o largato chega lá de vagarim bebe os ovo tudo lá e cê num pode matar. O tatu, se você achar um casco de tatu aí na estrada aí, e levar ele pra casa, se a Florestal souber, iiii, você cai na cadeia e num sai fácil não... mas os nossos irmãos os nossos filhos, as nossas filhas, os nossos amigos, eles tão matando eles aí. Então os nossos jovens, eles tão matando mais jovens do que frango de granja. É todo dia. Eu num vi a primeira guerra mundial, num vi a segunda guerra mundial. Mas hoje, ao abrir a porta das nossas casas nós vê tiroteio, um montão de prisioneiro. Então se eu num tiver enganado, nós estamos vivendo a terceira guerra mundial. Mas eles estão discutindo poder né, na hora que eles alembrar do dono da estrela né, o dono da lua, essa casa aí sem esteio aí. Quem pode fazer uma casa dessa aqui? Num tem um esteio, num tem uma coluna, num tem nada... quem pode fazer isto? Tem o cientista,

tem o Estadista, num dá nem pra falar de tanta profissão que tem no mundo aí... será que... eu num vejo uma coluna aí. Num tem uma coluna. Num tem nada segurando isso aí. Se nós lembrar do Dono desse mundo as coisas vai melhorar. Mas se continuar assim, discutindo poderes: é o doutor, é o excelentíssimo, é seu fulano de tal, é o coronel nós num vamos conseguir nada. Mas na hora que eles alestrar do Dono do mundo, se eles quiserem acreditar no Divino **Espírito** Santo, nas três pessoas da Santíssima Trindade: o Pai, o Filho e o **Espírito** Santo, são essas três pessoas que se encerra numa só né. Se nós num alestrar que sem ele nós num vamos conseguir nada, nada, nada, nada. Vai conseguir igual a leitura que fizemos ali do Jeremias. É Jeremias né? Que foi lida ali atrás. A cidade abandonada. Nós tão com muitas cidades, muitos irmão né, passando fome.

...

Nós passou em lugar que nem boi tá indo mais. Esse que é o capim de Deus aí. Como nós tão com sapato, depois fica tudo com gordura, o capim-gurdura. Ele é completamente deferente.

GP: Que música vem na sua cabeça agora depois desse...

(cântico)

Deu no dia deu no ano deu na hora que nasceu  
A Senhora do Rosário la na mata apareceu

Vou cantar aqui um 13 de maio, por que o 13 de maio tá encima. Dia a abolição né. Nossa Banda de congo tá fazendo já nosso 129 anos.

(cântico)

No dia 13 de maio a assembleia trabalhou  
No dia 13 de maio a assembleia trabalhou  
Preto velho era cativo, Sá Rainha libertou

(cânticos)

No tempo da escravidão era branco que mandava  
No tempo da escravidão era branco que mandava  
Quando branco ia a missa era negro que levava  
Quando branco ia a missa era negro que levava

Quando branco ia a missa era negro que levava  
Quando branco ia a missa era negro que levava

Branco entrava pra dentro negro de fora ficava  
 Branco entrava pra dentro negro de fora ficava

O Sô Padre abre a porta deixa esse negro entrar  
 O Sô Padre abre a porta deixa esse negro entrar  
 Quero ouvir a Santa Missa, Pai eterno a celebrar  
 Quero ouvir a Santa Missa, Pai eterno a celebrar

Abre a porta da igreja deixa esse negro entrar  
 Abre a porta da igreja deixa esse negro entrar  
 Quero ouvir a Santa Missa, Pai eterno a celebrar  
 Quero ouvir a Santa Missa, Pai eterno a celebrar

Tudo isso aconteceu no tempo da escravidão  
 Tudo isso aconteceu no tempo da escravidão  
 Ela fez uma promessa pra salvar toda a nação  
 Ela fez uma promessa pra salvar toda a nação

(Embaixada)

Ô João?  
 ô Chico?  
 ô Manéu?  
 ô Canfundé?  
 Estão todos aí?

Tão todos cansados?

De todos cansados o mais perturbado sou eu, evú?

Acerta as vozes, reduz os instrumentos, faço como quem, cambaço camaleão que eu também  
 sou Congo.

Ôôô disimbuia!!  
 Inhô?

Quem de matinália que em festa do Rosário, Senhor Real Vassalo.

Ô logo lá meu secretário! Secretário da Real Pessoa e Secretário da minha Coroa. Andar,  
 andar Vosso Monarco ressenhoso.

Tu acha que eu estou bem? Então passa.  
 Senhor Vassalo ou Secretário?

Inho?

Ou vá ver, ou mando me sabere. Que de Congo armado, com ousadia afastado guanercendo  
 minha pessoa.

Se for gente de festa você diga que o festa, mas um festa. Se for gente de arenga você diga  
 que é arenga.

Malanhão, Kualí, que me faça a mim mesmo também será uso da Bagalia, evú!

Que são Vós Mungum?

A mim Senhora. Pai de Ganga e de Cimisa conforme seja o Zame, Gagunda de Ganja,  
 barriga cheia estica.

A preguiça me acompanha até na ponta do calcanhar, evú!

(Cântico)

Quando eu era escravo meu patrão que me batia  
 Quando eu era escravo meu patrão que me batia  
 Gritava Nossa Senhora, a pancada não doía  
 Gritava Nossa Senhora, a pancada não doía

É isto aí! Vamos andar mais né!?

...DOS MESTRES AO MENINO CONGO...

Então o Congo... eu to no Congo já vai fazer já 60 anos que eu danço Congo né. E só vou largar quando eu morrer. (Antônio Boi)

GP – **nessa vida que vc tinha aqui desde seis anos de idade, enquanto isso o Congado tava** acontecendo

Eu cheguei aqui com o seis anos, e com sete anos o Senhor José Lúcio me chamou eu pra... eu tava no Airões lá assistindo um homem lá, tocando instrumento e batendo lá, que era a Dança do Menino Jesus. Naquela época o pai nosso mandava agente buscar um troço na rua de noite, na “boca” da noite que é pra gente voltar rápido né. Ele dava uma cuspidada no chão e falava assim:

-se o cuspe secar, chegar aqui cê vai apanhar.

Então eu vim buscar uma querosene. Lá em casa... aí eu cheguei e olhei assim... nisso o seu Zé Lúcio aí vinha da roça com enxada nas costa, quando eu tô olhando os meninos dançar a Dança do Menino Jesus, nunca mais eu vi ela em lugar nenhum, o Zé Lúcio cutucou na minha costa, eu levei um susto assim: eu pensei, aí eu falei

-aí meu pai já invinha buscar ieu.

Aí ele falou:

-ó, que que cê tá arrumando aí menino?

eu falei:

-é que tô olhando essa dança aqui do Menino Jesus.

Ele falou:

-não. Isso aí é de Menino Jesus, é de Natal. Você é congo!

Aí quando ele falou que eu era congo, eu virei e corri pra casa e falei com minha mãe:

-ó, o seu Zé Lúcio falou que eu sou congo, eu num sou da Dança de Folia de Menino Jesus não. Como é que eu faço pra mim dançar congo?

Aí minha mãe falou assim:

-nós num tem roupa, num tem nada... se você pedir cê pode dançar, se alguém der você roupa.

Aí com seis anos e seis meis comecei a pedir as pessoas né. Fui lá no senhor e ele me ensinou a fazer o pandeiro né, tinha o couro de cabrito, fiz o couro de cabrito, pus chapinha de garrafa, bati ela né, e fiz o instrumento. Então a primeira festa que eu dancei no Airões foi com sete anos. A primeira festa lá.

É... eu tô sentindo um pouco assim emocionado por causa de umas coisinhas aí, por que a vida ela é complicada né. O problema foi esse homem que tava lá, num é o Zé Lúcio não. Depois ele me ensinou muita coisa né, eu esqueci muita coisa e ele me ensinou muita coisa. E por causa da desgraça da cachaça eu acabei dando uma facada no homem, eu tenho esse sentimento até hoje, entendeu? Eu sei coisa hoje que muitas pessoas num sabe, num tem em computador nenhum. Foi ele que me ensinava. Ele foi um benzendor e um homem muito bom. Então vou pedir a Deus pra onde é que ele tiver perdoar ieu. Cheguei drogado lá, bebado né, e no meio de muita gente e pra mim se defender eu puxei a faca aí cortou a mão dele, num cortou muito não, mas eu num podia fazer aquilo não por que era o segundo pai que eu tinha, sabe como é? Ele me ajudava muito. Então me toca muito, machuca eu muito né? agente quando tá ná... é por isso que eu fico doido pra recuperar essas pessoas aí com alcoolismo, com droga aí, que num sabe o que que tá fazendo. Então a cocaína então, é uma desgraça. Cocaína o cara morre sem perceber, sabe como é? O corpo dele fica muito dominado, na hora ele nem vê uma facada entrando nele. Eu nunca usei cocaína não, mas peço a Deus pelas pessoas que tão usando. Por que eu perdi companheiro na hora que eu ia cheirar ela, alguém morreu na hora. Então graças a Deus. Passei pelas outras drogas. Então o Congo... eu to no Congo já vai fazer já 60 anos que eu danço Congo né. E só vou largar quando eu morrer. Vou cantar até uma música aqui:

(cântico)

Eu estava dormindo quando ouvi caixa bater  
 No Congado eu nasci, no Congado eu vou morrer  
 Eu estava dormindo quando ouvi caixa bater  
 No Congado eu nasci, no Congado eu vou morrer  
 Amém!

Bora né.

...

Eu tenho minha família né? Tenho minhas filhas, tenho neta. Tenho meus amigos né. Mas o meu lazer mesmo é a Congada né. Eu gosto de muitas coisas, mas igual a congada tá difícil né. Já recebi muitas graças né. Nossa Senhora do Rosário intercedeu em nome de Jesus, hoje eu num tenho esses olhos né, e dirijo, faço um montão de coisas né, ele agora tá até doendo, daqui a pouco vou botar remédio nele né... perdi essa vista vai fazer dez anos agora e tô vivendo graças a Deus. E o Congo, isso que nós tamos fazendo aqui hoje, nós tão fazendo mais é por causa do Congo. A Congada né. Eu peço a Deus todo dia que aparece alguém, mas tá ficando difícil aparecer uma pessoa quando eu partir. Por que eu num sei dia que Deus vai me chamar não, mas desde o ano de 60, desde que eu completei o 60 anos, algo bate na minha cabeça que no que eu puder ajudar, eu vou ajudar. Num sei se eu tenho cinco dias de vida ou 100 anos, mas eu já to no caminho né. Eu já venho preparando desde que eu completei 60 anos, tem sete anos que eu to preparando né. Preparando pra... pedir a Deus que me dê uma boa hora de morte né. Depois de 60 anos tudo que eu construo num é pra mim. Alguém que quiser acreditar que acredite, eu tô construindo é pros outros. Então tudo que eu faço eu faço com amor. Se eu der uma bala a uma criança eu dou com amor, se não eu num dou nada. Por que tem aí um velho ditado que... quando se fala em mestre, mestre mesmo é só um, esse que tá no meio de nós aqui: é o Divino Pai Eterno, o Pai, o Filho e o **Espírito** Santo. Mas se você tiver que acreditar nalgum santo seu, nalgum anjo da guarda ele vai te tocando. E eu já consegui, depois que eu fiz 60 anos pra cá eu já fiz muita coisa né. Posso fazer muita coisa. Mas eu estou satisfeito, num tô despedindo do mundo não, mas eu tô satisfeito. Se Ele me chamar, no dia que quiser me chamar, eu num esperava de conseguir o que eu consegui não, num esperava isso não: uma casa da Congada, família, neto, tava perdido na rua aí. Tava perdido. Falar em Seu Zé Lúcio, o homem lá, mexe mesmo, num adianta não que tem que chorar mesmo. Ele teve muito cuidado comigo. Ele via eu aí... eu num era fácil sabe como é. Cuidou muito de mim sem poder sem nada e falava -num bate nesse menino não que esse menino vai ajudar essa comunidade.

Palavra santa rapaz, palavra santa. Então hoje só tenho que agradecer a Deus. Eu num largo a congada não, pode arrumar trem, pode arrumar confusão, pode arrumar tudo. É o alcoólicos anônimos e a congada né. Agradeço muito a Deus né, o alcoólicos anônimos me ajudou muito, as drogas já ia me levando, perdi tudo que tinha e já num tinha nada. Então eu to hoje aqui com uns probleminhas que parece que eu num tou com nada sabe como é. Por que eu tô fazendo de boa vontade, muito boa vontade. Eu agradeço a Senhora do Rosário né, que me dá força e coragem. Se um dia eu cair na cama paralítico ou de qualquer maneira né, ou perder a outra vista né, se ele deixar minha mente boa tudo que as pessoas me perguntar eu vou fazer de boa vontade, eu vou falar com eles. Hoje eu tenho conhecimento sabe como é. Tenho leitura não mas tenho conhecimento. Eu tenho muita coisa que eu nunca falei, hoje eu também num sei se vai dá, se vou ser tocado pelo Divino **Espírito** Santo. Eu vivi muitas coisas aí, vi muitas coisas aí nessa fazenda. Dormia no chão ali, na esteira. Os Coronéis passava conversava, e falava

-ó o menino aí. Ó o moleque aí. Ah, moleque tá dormindo.

Moleque tá dormindo não. O moleque tá lá de zóio... né. Muitas coisas... e hoje eu num tenho muito susto de falar não por que...

A vida né... eu na minha cabeça ela tem três frases, eu já venci as duas, só tem uma agora. Num importa se é cinco dias, se é cinco anos se é 100 anos... a bíblia nos fala acima de 75 anos. Acima de 75 é robusculo. O que que é robusculo? Robusculo é remédio, é problema, é umas coisinhas... hoje dói as pernas, dói a cabeça, dói os olhos, dói tudo. Eu tenho que aceitar essas coisas né. Em falar em aceitar eu vou rezar mais uma vez aqui a oração da serenidade: (oração da serenidade)

Concedei-me Senhor a serenidade necessária  
Para aceitarmos as coisas que não podemos modificar  
Coragem para modificar aquelas que podemos  
E sabedoria para distinguir uma das outras

Quando eu entrei pros alcoólicos anônimos eu tava com a cabeça tão ruim, tão ruim que eu num sabia o que era a palavra distinguir. Aí eu perguntei o cidadão:

-o que é distinguir?

-É separar Antônio Boi.

Então eu falei:

-aí é comigo. Separa uma coisa da outra.

Então vamos descer com a Virgem Maria e a Senhora do Rosário

(cântico)

Minha Rei passou aqui  
 Minha Rei passou aqui, fazendo assim, fazendo assim  
 fazendo assim, fazendo assim  
 Senhor Rei passou aqui  
 Senhor Rei passou aqui, fazendo assim, fazendo assim  
 fazendo assim, fazendo assim

(cântico)

A lua lumeia a noite, o sol clareia o dia  
 A lua lumeia a noite, o sol clareia o dia  
 Até os anjos do céu ora viva, ora viva Maria

Começamos a descer o morro. Paramos no meio pra uma pausa, comemos e bebemos um pouco. As caminhadas desse artista é a caminhada do lutador pelas vidas de seu povo, seus bichos, suas guerras contra os fulano-de-tal. Neste momento Boi evidenciou através de cânticos a luta diária do povo negro nas plantações e a arte em prol dessa luta. A arte serve pra aliviar e unir o grupo pra dar conta do serviço.

<https://youtu.be/UM8u7avwhjQ> 05 (artistas-grota)

Eles ia acabar a roça né, e tinha o João Baca né, quando tava acabando de capinar o milho né.

Ai um puxava assim... é dezembro na primeira capina do milho...

(Cântico)

Ôôô José  
 Cadê Maria, Mariá  
 Cadê José, Oiaa  
 (e o grito respondi assim)  
 Resposta - Oiaaaaa  
 Ôôô José  
 Cadê Maria, Mariá  
 Cadê José, Oiaa  
 Resposta - Oiaaaaa

Ai pedia pra matar o frango né. Nego trabaiano, suando pra daná, tinha que acabá a roça de qualquer maneira. Tinha que matar o frango, o galo né. Aí tinha que cantar

(Cântico)

Lá no céu tá trujejando  
Mas não é para chover  
Meu amor está doente  
Mas não é para morrer

Ah menino! Ah 1950! (risos)

### MOMENTO DE TENSÃO

Os bezerros ficava ali. Eu sai daqui umas sete horas da manhã e lá perto daquela árvore ali. É ali mesmo. Eu vi um cara gritando e falando assim

-me acode, me acode tem uns caras me matando.

Quando eu olhei ele tava com uma faca e dando facada nele. Aí ele tinha dado umas cinco e ele caiu. Enquanto a mão dele tinha força ele tava batendo. A última que ele deu foi na coxa que ela agarrou no osso. Eu voltei e falei com o Antônio Fostino

-tem um homem ali dando facada nele ali.

Ninguém acreditou, sabe como é que é. E eu venho cá falo com um, vou ali falo com outro cara. O cara tá matando ali né. Ficou tudo na deles né.

-o menino ficou doido!

Quando ele foi lá o homem já tava caído. Ele num morreu ali, mas com o tempo ele morreu. Enquanto ele pode dar facada ele dava, sabe como é. Na hora ele gritava

-ó um bicho aqui, ó um bicho aqui.

E aquelas facas de ponta. Aquelas facas antigas. Chamava até é Guido, Zé Guido Domingo, seu Domingo Lavareda né. Coisa que eu num quero ver mais na minha vida é uma pessoa esfaqueando a si próprio. Num quero nem ver na minha frente. Depois que eles acreditou.

Seu Antônio Fostino falou:

-vai lá que esse menino ainda vê alguma coisa aí. Sombração num anda de dia não.

Quando chegou ali ó, ele tava na beira do barranco, já tava até de cabeça pra baixo entendeu, sangue pra daná.

## OS ENCONTROS ENTRE UNIVERSIDADE E CAMPO

### **Deus que abençoe esse feijão.**

Deus que abençoe, por que num foi eu que plantei não, mas quem plantou vai comer e vai sobrar pra mim. Aqui que era a fazenda do Segredo.

Eu passei aqui um dia aqui, tinha uns trabaiador aqui e tinha umas toras de pau que o fazendeiro cortou e deixou aqui né. É por isso que eu falo, num adianta eu falar de puxa-saco, que eu também era puxa-saco do homem também. Sofria pra daná mas era... num tinha onde se virar. O cara rolou um pau dali, eu passei o cara tava rolando um pau pra lá. Eu contei pro homem, o homem veio cá e fez o homem num guentar por o pau cá em cima rapá. O cara sofreu pra daná. Aí o cara virou meu inimigo, o trabaiador, que eu cagoetei ele o fazendeiro. Rolou o pau, ali tem um barranceiro ali, eu vi ele rolando, eu falei com o home -eu vi o homem rolando o pau lá pra baixo.

E pra botar o pau, ele demorou quase um dia pra botar o pau cá pra cima. Vei marrando ele na cerca e puxando, num deixou ninguém ajudar não. Teve que puxar sozinho.

Aqui nós já cortou terra ali ó, aqui tudo era mato né. Era pasto, depois resolveu... a Universidade no ano aí de 1960, nos anos 60, chegou para a Universidade uns trator lá, e aqueles trator mandava eles pra roça. Quando você recebia, saia mais barato, você vendia milho pra pagar lá. Os trator né, aqui num tinha trator não, aí o fazendeiro aqui abriu roça pra daná. Mas vinha da Universidade, o moço vinha pra cortar a terra. A Universidade recebeu uma ajuda lá de trator né, aí eles vieram pra plantar. E no ano de 1962 né, o café ele barateou muito, entrou um governo ruim pra daná pra dentro da República, foi depois de Juscelino Kubitschek, teve um que esqueci o nome dele, foi depois... não, não... qual foi o presidente que ajudou a fundar Brasília? JK né?

GP - Juscelino Kubitschek

MB – num é ele mesmo? Pois é, mandou cortar o café todo ai. Pagando pra cortar o pé de café. Até onti o café num barateou mais. Todo mundo que tinha uma lavoura correu e cortou rapidinho, o governo tá pagando por pé uai. Aí, isso tudo aí era café, aquela parte de lá, aquele

mato lá a lá, tudo era café. E nego pegava de empreitada cortava café pra daná. Até onti o café num barateou mais. Esses eucaliptos que eles tão plantando aí eles vão se arrepender né. Ou mais cedo ou mais tarde vão se arrepender. Eles tão vendo o preço que tá o café, o eucalipto cada dia que passa vai ficando pior do que tá, chega uma tora e num cabe dentro do caminhão e como é que vai arrumar? A mão de obra tá ficando difícil. Então se eles tivesse plantando café todo mundo então eles tava feito agora né. Eles falou que iam importar eucalipto, eu num sei pra onde eles vão importar eucalipto, ninguém tá querendo mais. Isto daí são os estudiosos, as pessoas que entendem, eles dizem que entendem de tudo. Agora tá acabando com nossa água, acabando com tudo que nós tem aí. A num ser trazer aquele bicho, é da Ásia, aquele bicho que gosta de eucalipto?

GP – Koala

MB – é, tem um lugar lá que tem um bicho que ele gosta de comer folha de eucalipto, só trazer ele pra cá, aqui no Brasil num tem dele. Já tá cabando com nossa água toda, toda, toda, tá cabando com nossa água

(cântico)

Lá vai, lá vai, lá vai  
deixa a bandeira passar

Lá vai, lá vai, lá vai  
deixa a bandeira passar

Lá vai, lá vai, lá vai  
deixa a bandeira passar

Lá vai, lá vai, lá vai  
deixa a bandeira passar

...

Entramos na propriedade do Tio Jova e pedimos para atravessar algumas partes para chegarmos ao local onde ficava a casa da avó do Boi. Não havia trilhas para se chegar ao local. O filho do Senhor que nos recebeu sugeriu que nós fizéssemos um caminho que passasse pelo brejo. Atravessamos o curral da propriedade e chegamos ao brejo. O Boi foi na frente e abriu uma pequena trilha por onde passamos e demos de frente a um íngreme barranco com bastante folhas secas o que tornou a subida bem escorregadia. Terminando o barranco saímos na antiga estrada que dava acesso a casa da avó Cecília

EU TO FALANDO COM VOCÊ QUE NÓS VAMOS CAMINHANDO E AS MENTE  
VAI SE ABRINDO.

**Aqui dava pra casa de Vovó. Mas hoje você vê aqui ó, é uma estrada, antigamente era só** trilho, num poderia fazer estrada. A lei num... ninguém tinha direito de fazer uma estrada igual esta daqui não. Isso aqui é uma... hoje não. E aqui eu cheguei a passar muitas vezes candiando boi né, pra padrim Zé Carlos. Eu to falando com você que nós vamos caminhando e as mente vai se abrindo. Antigamente o carreiro, quando ele pegava confiança no candieiro (risos), na hora dele fazer o cigarro de fumo dele ele dava a você a guiada pra conduzir os boi, guiar os boi. E agente fica muito satisfeito né, agente de candieiro tava quase passando a carreiro né. Que a diferença do candeeiro com carreiro, que o carreiro anda em cima do carro o candieiro anda no chão, sabe como é. O candeeiro pega tudo, ele que vai abrir caminho pros boi passar, é cobra, é cachorro, é tudo que vem em cima dele, apesar que ele usa uma guiada. Aí ele me deu o carro lá trás lá, que nós tava puxando lenha desde aqui de cima, quando chegou por aqui assim, eu descuidei um pouco (risos) e o carro lá ia derrubando por aqui abaixo aqui. Ele meteu a mão pra cima de mim, sabe como é.

G – a guiada é o que?

B – guiada é um pedaço de pau que o carreiro usa pra ferroar os boi e outro é pra candiar os boi (faz gestos mostrando como se usa as duas guiadas). A guiada. Eu era candeeiro, mas eu gostava muito era de carrear, carrear era bom que andava em cima do carro né. Aí o carro lá ia caindo aqui ó. A estrada era nova. Naquela época o trator tinha... aqui num tinha estrada aqui não, esses trator que veio da Universidade, eu num sei que projeto que era, isso aí foi no ano aí é... 1958 a 1962 por aí que saiu. Aí tava ajudando os agricultores na roça pra... aí aproveitava assim e fazia. Prefeitura num tinha trator não, e num fazia serviço assim pra qualquer pessoa igual faz hoje não, alguns. Então hoje olhando assim, é uma estrada de primeira, era trilha. Gente até agradece o moço de ter mandado entrar por aqui por que o caminho certo de entrar era esse mesmo.

(cântico)

Lá na mata tem uma flor  
 É um milagre de Nossa Senhora  
 Ô me vale São Benedito, Santa Efigênia  
 Que me vale nessa hora  
 Lá na mata tem uma flor  
 É um milagre de Nossa Senhora  
 Ô me vale São Benedito, Santa Efigênia  
 Que me vale nessa hora

agente tava falando sobre bicho, aqui tem sim ó, por que vem beber água aqui em baixo né. Que esse mato aqui ele emenda lá com o mato do Lambari. Então dá pros bichos beber água aí ó. Depois dá até pra nós passar nessa trilha aqui, capaz até de ser mais perto pra nós ó. Aqui nós vamos marcar ela... agente marca aqui, depois nós passa por aí. E a minha vó ela era também parteira e era fiadeira. Fiadeira é que fazia coberta, fazia linha, a linha pra fazer coberta, né. Tinha... eu esqueci o nome da máquina... roda-perta... roda-perta que chamava. Com algodão, ela fazia a linha. Da linha, tinha uma senhora aqui que fabricava as coberta né, cobertura. Aí ela mandava alinha pra lá e trocava com mulher a troco de comida, a troco de fubá, arroz. E o algodão, naquela época plantava muito algodão, sabe comé. Roda-de-fiar. Fiadora né. Rodapé. Por que ela tem nome de rodapé, por que é tocada a pé. Essa máquina, eu num sei... ela sumiu né, se ela tivesse aí era pra ensinar as pessoas.

(Cântico)  
 Dá licença, dá licença  
 Dá licença Senhora dona da casa  
 Dá Licença

Com bastante economia no uso da foice, Boi vai abrindo caminho em direção a casa da vó. O uso cuidadoso e raro da foice é um jeito de Boi abrir caminho, quase não mexe no mato por onde passamos.

Aqui uma água de primeira que tinha aqui, que era a mina. Ainda tem herança dela até hoje aí ó. Por que essa água é limpa? Por que ela num tem mais casa nenhuma em cima. É a primeira nascente né. E aqui o dono aí, ele cuida bem da água né. Num joga fora... ele cuida bem.

(cântico)  
 Dá licença, dá licença

Dá licença Senhora dona da casa  
Dá Licença

(cântico)

Ê vem uma banda lá meu Calungo  
Ê vem uma banda lá meu Calungo

Essa... você pode olhar daqui pra lá, ela é bem escondida aí. As grotas... cê vê as estradas ali elas morreu, parece que a estrada morreu ali. Tinha um subidinha, e aqui tem a descidinha né. Aqui tem a descidinha, tinha subidinha... valeu a pena nós vir por aqui, por lá a boca tava quente mesmo. Aqui era o caminho. O caminho pra chegar na casa de vó.

(cântico)

Ô que Santa é essa que está na bandeira  
Ô que Santa é essa que está na bandeira  
É Virgem do Rosário, Santa verdadeira  
É Virgem do Rosário, Santa verdadeira

Lugar da vovó. Lugar de cobra braba. Tanto da amarela quanto da preta. E você acende um cigarro que a fumaça espanta. Eu já botei meu alho na bolsa. Esfrega alho na bota que ela num vem não.

Aqui que era o... aí nesses... a lembrança tai nesses matos aí mais alto. Aqui era o terreiro da sala. Aqui tinha um barranco aqui. Aí ó, esse aqui é o terreiro da sala. Aqui fazia os baile. A mina boa mesmo era lá no fundo lá, aquela mina boa. Aí ó, isto aqui que era, o terreiro da sala era isso aqui, ainda tem, tá vendo onde tá esse mato mais alto aqui. Aqui que era a casa da vovó. agente vai até rezar um Pai Nosso com Ave Maria pra alma dela aqui né. Uma mulher sofrida, uma mulher que sofreu muito. Às vezes precisava de ir lá pra ser parteira de muitas pessoas, num tinha médico naquela época. Chamava ela aqui meia noite, uma hora da madrugada né. E que ficou com ela foi só o Tio Jova, que o resto tudo foi embora, morreram um bucado de filho. Tio Jova é o filho caçula. E ele tinha ainda... gostava de beber um gole. Trabalhava pra daná, muito bom de serviço. Isto aqui pra cima era tudo lavoura. Tudo que nós enxergava aqui. Aqui se nós for subi aqui, vai dar uma subida aqui de praticamente, quando nós chegar no arto aqui vai dar na base de 2 km mais ou menos, só de morro né. Aqui vira... aqui tudo era fazenda do Antônio Fostino né. Antônio Fostino Duarte. Você observar nós tão andando já a bem mesmo no terreno. Então daqui virou pra lá o Zé Teixeira casou com a sobrinha do Antônio Fostino, né. Que tem o Zé Fostino também, eu num me lembro

quantos irmão que era. Então foi emendando. Aquele morro ali ó, tem uma grotta ali atrás, que nós viu ela lá do Segredo, do alto do Segredo nós viu, falei com cê, tem uma fazenda lá mexendo com café. Se virar aquilo ali, nós cai no Zé Teixeira. Aí o Japão, o falecido Japão, divisava com o Antônio Fostino aqui. E o jeito foi casar com a filha do Japão né, a mulher doou aquela parte de lá e ele comprou. Agora tá comprando né. Eu peço a Deus por ele que ele dar sorte pra ele comprar até mais terreno, os filhos dele né. Por que a terra que agente nasce nela agente tem muito amor por ela né, que nasceu ali. Pode ser ruim da maneira que for, que agente quer é ficar ali. Então a vida dele aqui, eu acho que ele vevi sossegado, porque ele... se der pra nós andar mais um bocadinho aqui nós vai andar mais um bocadim.

GP – ô Boi, você falou que a casa era essa parte aqui?

Agora Boi está com a voz baixa e cansada. Um tom triste soa em suas palavras.

MB – era. Aqui ó, onde tava esse mato maior aqui.

GP – aqui era a sala?

MB – é o terreiro. O terreiro da sala. Por que eles plantava café a meia com o Coronel ali, e aí tinha que secar o café aqui. Que o café era a meia...

GP – você gostaria de lembrar de mais cômodos da casa aqui?

MB – (risos) lembrar desses cômodos aqui eu num tô lembrado não por que... vamos lá. Deixa eu vê ali. Tinha a sala mais ou menos aqui perto desse toco, lá tinha um outro quarto. Indo da sala para a cozinha tinha um corredor que tinha um outro quarto apareado lá e um outro aqui ó. E a cozinha era desse lado aqui... a dispensa... não a cozinha era ali onde tá aquela árvore ali ó. A dispensa era aqui, que aqui guardava os troço de comer. Chamava assim, dispensa né. E aqui na frente aqui tem uma... chô dá uma olhada aqui... aqui tem a...

Boi começa a caminhar dando voltas pelo terreno. O mato está bem grande e seco. Ele para e fixa o olhar em uma planta.

(cântico)

Lá na mata tem uma flor  
É o milagre de Nossa Senhora  
Ô me vale São Benedito, Santa Efigênia  
Que me vale nessa hora

Lá na mata tem uma flor  
 É o milagre de Nossa Senhora  
 Ô me vale São Benedito, Santa Efigênia  
 Que me vale nessa hora

## OS SABERES DAS PLANTAS QUE CURAM

### **Eu vou levar isso daqui. Essa aqui é a Macela do campo né. Ela serve pra infecção**

por dentro né. Por que essa Marcela aqui, ela foi descoberta há uns quinze anos atrás... nós temos um... uma doença que pega nós, que o indivíduo baba muito a noite, e ela pode passar a outro problema. Mas os antigos, meu avô e meu bisavô e meu pai, usava o travesseiro. É... panha ela toda aqui assim ó. E faz o travesseiro dela. Mas com o passar dos ano é que os pesquisadores foi ver que pra curar o cara, era por isso que os mais velhos fazia, enchia o travesseiro com a Macela do Campo. Por que só tem que a... os pesquisadores num sabia disso não, num sabia por que que agente enchia os travesseiro dagente pramente deitar. Mas os antepassados diziam que isso aqui que curava a doença daquilo que baba muito no travesseiro, mas das outras dores né, eu esqueci o nome da doença, e isso aqui livre de nós pegar a doença, ainda mais que nós dorme no travesseiro de outras pessoas que nós num sabe. Então essa é a Macela. Eu hoje tomo ela é pra próstata, pra rins, pra fígado, pras vistas, então ela é um grande remédio. Eu dei sorte que eu achei dela seca, mas eu já tenho dela em casa, que eu num fico sem ela não. Então isso aqui, pega essas folhas daqui, põe dentro do copo, ferve a água quente e põe em cima, tampa, e deixa 40 minutos. Coa e bebe, sabe comê. Isso chama Macela do Campo. Tem época que dá muita, mas tem época que é difícil de achar dela.

GP – aqui era a casa da vó e o terreiro dela?

MB – é. Ali era o terreiro de secar café, e o resto tudo aí plantava café até na beira do terreiro. Dava muito café aí. Num dava pra arrumar dinheiro não que o outro cê sabe como é que é né. Era que ficava com a parte maior. Como é que ganha? Quem parte reparte. Quem parte reparte fica com a maior parte. Quem parte reparte fica com a maior parte.

## CORPO ANCESTRAL

**GP – agora Boi vou propor pro senhor um desafio. Lá na Universidade tem o curso de** Dança.

E lá tem um grupo que estuda danças brasileiras, danças ancestrais. Você já deve ter visto o grupo dançando nas Trocas de Saberes. E elas fazem um trabalho que através da dança recuperamos algumas memórias de nossos ancestrais. E é com gestos que alguma pessoa antiga fazia que agente repete e recupera traços dessas pessoas. Acredito que quando agente faz esse trabalho recuperamos bem nossas lembranças sobre alguma coisa. Queria te pedir isso, que você se transformasse em vó. Reproduzisse alguns gestos dela

MB – o... o gesto... o compadre André, que também é neto dela também, neto da vovó também... por que o que me tocou muito a respeito de vovó, que vovó num é que ela num deixasse bater não, mas ela tinha muito carinho por nós. Aí ela falava:

-oh meus filhos...

chamava nós de netos de meus filhos.

-vocês tem que fazer isto, ajudar seu pai a trabalhar, ajudar sua mãe trabalhar meu filho.

Aí ela falava assim né, com as mãos assim né

boi gesticula com as duas mãos de um lado e para o outro apontando o que deve ser feito.

Tudo que ela fazia:

-ó cê tem que fazer isto aqui

Ensinava agente. Nós num aprendeu a fiar por que aquela época era difícil pragente... a cabeça muito ruim. E quando ela ia... nós vinha aqui, que falava assim:

-vamos na casa de vovó?

Todos nós queria vim. Uma mulher pobre, assim, num tinha nada. Mas se tivesse uma rapadura, aquele pedacinho de rapadura que ela dava pra nós seria uma grande coisa sabe comé. Num é dizer que agente gostava mais de vovó do que mamãe não, mas agente tinha uma consideração muito com vovó. E daqui lá em casa, lá ondê que nós mora lá, vai dar aí... dá uns 3 km... dá uns 3 km daqui lá em casa lá. E ela várias vezes quando minha mãe, por que os filhos mais novo que ieu, foi o Vantuil e o Dadico, ela foi a parteira dos meus irmãos né. A minha mãe ficava passando mal pra ter esse garoto, que é o Vantuil e a Marta, são três mais novo que ieu. Então vinha lá o Zé de Deus né, essa mulher saia daqui de pé, no escuro, num tinha dinheiro pra comprar lanterna, nada. Eu hoje vejo... vovó faz falta. Ela faz falta.

A sabedoria que ela tinha, ela tinha muita sabedoria. É... deve ter muitos homens que foi a parteira dele, muitas mulheres por aí. A obra de caridade que ela fazia. Então o que me toca muito, é uma pessoa que tá deitada na casa dele, outra mulher que tá pra ganhar um criança, num tem médico num tem nada, e ela levanta da cama dela e vai lá de baixo de chuva, relampeando, truvoão, relampo né, e chega lá e salva aquela criança né. Então hoje vovó faz muita falta aqui no mundo, no Brasil, num é só pra mim não. Tantas pessoas que adoecessem aí, mulher pra ter criança às vezes num dá pra chegar num médico, então aquelas as parteiras né. Eu na minha cabeça se voltasse as parteiras de novo mas hoje a ciência né, a tecnologia, um montão de troço lá vai avançando muito né. Ele só fala de algumas coisa boa, mas o que prejudica mais né... o parto, eu acho que o parto de parteira, sei lá, parece que nasce mais saudável um pouco né. Então a vovó eu num esqueço, e eu venho atrás de, de... portanto que nesse 60 anos que ela morreu, é... 60 não, vovó deve tá com 50 e... eu tô com 67 anos, ela me deixou na minha cabeça, ela me deixou entre os 8 anos com 10 anos, que ela me deixou. Por que quando ela me deixou eu já dançava o Congo, eu já dançava o congo. Então ela ficava muito feliz de ver eu dançar o Congo lá, mesmo mau arrumado né, num tinha dinheiro pra comprar uma roupa. Então isso que nós tão fazendo aqui, isto aí toca agente bem né... por que o que ela fazia... num batia agente fácil, mas castigava né. Castigava como assim: -se você num varrer este terreiro aqui eu num vou te dar a broa né.

Ela num tinha pão. O Cuscuz, o quebra-queixo, a broa de fubá puro que num tinha um ovo pra pô, num tinha nada, o quebra-queixo né. Então o que eu to fazendo aqui hoje eu to muito satisfeito né. E depois que ela morreu, agente veio muito aqui.

Meu pai veio tomar conta do terreno aqui, plantar a meia com o fazendeiro, que já era outro fazendeiro, sabe comé. E eu me lembro, que nesse meio tempo, eu bebia né... aí eu falava com ele que ele tava... sendo escravo né, aqui. Aí veio o ano 1990, aqueles juros, acho que 94, 96, juros aí que chegou a 70%. Aí ele pegava o dinheiro com o fazendeiro pra depois pagar na colheita, aí vinha o tempo e não concordava né. E o banco não perdoa, todo mundo sabe que o banco não perdoa. Então ele sofria muito. Aí eu tinha uma égua né, que ela criou um pordo bem ali. E esse pordo eu dei ele pra minha mãe, num tinha nada pra dar pra minha mãe, só vivia comendo as coisas da minha mãe só, roubando lá dentro de casa pra comer, e dei o pordo pra ela né. Esse pordo pusemos o nome dele de Matinego. E esse Matinego, chegar lá em casa cê vai ver o retrato dele na parede, esse cavalo cresceu sabe comé, e depois

esse cavalo ajudou foi ieu. Ajudou criar minha família né, eu ia ra Viçosa levar mandioca, lenha nele pra levar pra Viçosa, um cavalo muito forte né.

Então eu gosto muito desse pedacinho assim, num é nosso né, nunca foi nosso mas poderia ser né esse tempo todo minha vó morou aqui. Saiu daqui sem nada uma mão na frente outra atrás sabe comê. Podia ter dado ao menos aquilo ali, ao menos um pedacinho pra vovó né, agente hoje quase num precisa disto. Então se nós mora lá por que os fazendeiro foi empurrando algum pra lá, então uns já tinha uma família lá. E o Celestino, que é o pai do meu pai, mas o meu avô mesmo que é o Matias véi né, ele num tinha terra pra morar. Vovó num tinha ninguém tinha... então morou aqui... agente fica... o coração dói um bocadim né. É, tudo acabou né. agente aceita né. Eu vinha com minha mãe... nós tão agora no mês de Maio, mês de Maria né, eles falava mês de Maria, as rezas né, as novenas, juntava aquelas famílias toda, gritando aquele leilão aqui, as pessoas passando fome em casa e eles trazia uma coisinhas, fazia uma broa... aquele montão de menino, as pessoas... então morreram todos né. Então agente fica feliz dagente da vivo aqui até hoje né, perdeu muito colega né. E se vovó, eu creio ondé que ela tá lá, tá sossegada, por que eu num me lembro de algum mal que ela praticou aqui não né, eu num me lembro. Só vi que ela salvou com ajuda de Deus, ela salvou a vida de muitagente aí. Então é a vovó Celina né, agente conseguiu o retrato dela, e vou passar para os meus netos, se eles quiser perseverar ele perseva né. Trabalhou até a morte, num tendo recurso, adoeceu. A salvação foi que ela tinha uma filha que foi pra cidade e trabalhou na Vila Secundina e levou ela pra lá.

Boi tira umas fotos da mochila, mostra algumas, no geral eram fotos de mulheres importantes para sua trajetória e para a comunidade.

Essa daqui, ela tá viva ainda né, ela tá com 96 anos, que a é Tia Joaquina, ela tá viva lá no Novo Horizonte (bairro de Viçosa) né. Então agora quem tá restando das pessoas mais velhas aqui é Tia Joaquina né. Aqui é uma senhora com nome de Batista né. Dizem os mais velhos, minha mãe contava isso, que ela morava num lugar cheio de mato igual esse e um dia ela acordou tinha um a jararaca embaixo do travesseiro dela e levou um susto e perdeu a mente. Ficou doida. Mas criou os filhos dela tudo sozinha. E aqui um retrato do Monsenhor Licinio Fernandes de Oliveira. Eu guardo muito essas coisas antigas né. As vezes vem várias pessoas

na minha casa procurar lá, eu gosto mesmo. Recebi o dom né. Esse aqui é o de vovó. Vovó Celina Leopoldina dos Santos.

Essa foto aqui é a Folia que eu comecei com ela, olha aí. Natália era pequena, Raimundo Januário meu mestre. Esse rapaz aqui tornou-se um prisioneiro. Tentei ajudar ele muito mas num teve jeito.

Agora se tiver alguma música na sua cabeça do Congo pra nós cantar aqui do Congo?<sup>44</sup>

(cântico)

Senhora do Rosário foi quem nos trouxe aqui  
 Senhora do Rosário foi quem nos trouxe aqui  
 A água do mar é santa eu vi, eu vi, eu vi.  
 A água do mar é santa eu vi, eu vi, eu vi.

(Embaixada)

Deu no dia, deu no ano, deu na hora que nasceu  
 A Senhora do Rosário lá na mata apareceu  
 Há vinte anos passados o povo sempre falava  
 Aqueles que era cativos, nenhum deles acreditava  
 Isso foi em 1888 que essa lei foi resolvida  
 Que tivemos um grande trabalho no surgimento da vida  
 No dia 13 de Maio foi um dia de muito respeito  
 Foi nesse dia que a Santa Rainha Isabel sentiu por nós um grande respeito  
 Fez uma grande festa, festa de três Reis: caboclos, criolos e mulatos  
 Nós todos devemos de adorar  
 Assistir uma missa em campale e uma comunhão em gerar  
 Até os passos chorava de vê os pobres tio naquele grande sofrimento  
 As almas santas benditas estavam cantando de alegria  
 Por ver os anjos do céu rezar o Rosário de Maria

(cântico)

Ora Viva Maria no céu  
 Ora Viva Maria no céu com seu terço na mão contemplando o mistério  
 Ôôô viva Maria no céu  
 Ôôô viva Maria no céu  
 Ora Viva Maria no céu  
 Ora Viva Maria no céu com seu terço na mão contemplando o mistério

<sup>44</sup> Neste momento pedi licença ao Boi para organizar uma Instalação Artístico Pedagógica<sup>44</sup> com os materiais que ele tinha trago para a caminhada. Eram fotos de pessoas importantes para ele e para a comunidade e cartazes de festa do Rosário, folders de promoção da igualdade racial feitos pelo Governo do Estado, entre outros materiais. Organizei o material em fila na ordem que achei adequada para contar uma história daquele lugar. Em seguida Boi entoou alguns cânticos, embaixadas e rezas.

Ôô viva Maria no céu  
 Ôô viva Maria no céu

Vou cantar uma música aqui em homenagem a São José né, que nós tamos aí no meio dele, é o trabalhador, São José operário. Vê se eu alembro de uma música pra nós cantar aqui né.

(cântico)

Ô Jesus, Jesus de Nazaré  
 Ô Jesus, Jesus de Nazaré  
 Bom Jesus foi criado pela mão de São José  
 Ô Jesus, Jesus de Nazaré  
 Ô Jesus, Jesus de Nazaré  
 Bom Jesus foi criado pela mão de São José

É, é muitas coisa boas né. Muitas coisas boas.

(cântico)

Ôô tem um bamba lá  
 Ôô tem um bamba lá meu carimbé  
 Ôô tem um bamba lá

Agora vamos rezar um Pai Nosso com Ave Maria agradecendo esse Deus que tá aqui presente né. Pedir para os governantes, os homens que se diz doutor da lei, num sabe onde é que tá nem o nariz dele direito. Por que eu acho que do jeito que tá esse Brasil aí, estudar é bom pra daná, saber muitas coisas, mas estudar pra fazer as coisas errada é melhor ficar analfabeto igual eu mesmo fiquei sabe comé. Mesmo assim fiz muita coisa que num presta, se eu tivesse muita leitura então né? Então vamos rezar este Pai Nosso para os governantes né, que eles dói na consciêcia né, eles tem filho, eles tem família, e perante a Deus qualquer gigante tomba né. Agradecer a Deus pela doença e pela morte, se num fosse a doença e a morte como é que o pobre ia resolver em. Ele ia sofrer pra daná. Mas quando chega o dia final, vai todo mundo, num tem pra rico nem pobre, num tem doutor nem doutora.

(Oração)

Pai nosso que estais no céu,  
 santificado seja o vosso nome  
 venha nosso ao vosso reino  
 seja feita vossa vontade  
 assim na terra como no céu  
 o pão nosso de cada dia nos dai hoje  
 perdoais vossas ofensas

assim como nós perdoamos a quem nos tenha ofendido  
 não nos deixeis cair em tentação  
 mas livrai nos do mal.  
 Amém

Ave Maria cheia de graça  
 o senhor é convosco  
 Bendito sois vós entre as mulheres  
 bendito é o fruto do vosso ventre Jesus  
 santa Maria mãe de Deus  
 rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte  
 Amém.  
 Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo

Nós demos por encerrado nossa visita ao terreiro da vovó Celina. Pegamos nossas coisas e partimos em direção a casa do Tio Jova. Este homem, o dono do terreno, batia e mau tratava Boi quando era mais criança, mas não o encontramos em casa. Seguimos mata adentro.

(Cântico)  
 Nós viemos da mata tocando viola  
 Rei e Rainha nós vamos simbora  
 Ô viemos da mata tocando viola  
 Rei e Rainha nós vamos simbora  
 MINHA ARTE É O CONGO

**A vida de artista não é fácil. A vida de qualquer pessoa que quiser ter alguma coisa na vida**

tem que lutar. É por isso que eu falo, num é fácil pra ser artista não. Todos nós em geral somos artista, aquele que quiser vencer a vida sem nada, num tem como não

-Eu quero ser artista?

Ser artista como? Quer fazer arte dormindo o dia todo. Aí num tem como.

GP – e sua arte é qual?

MB – minha arte é Congo! Eu sou Congo. Minha arte é Congo. Eu num preciso ter inveja de ninguém, de artista nenhum, que eu sou artista né. Em nome das três pessoas da Santíssima Trindade e da Senhora do Rosário, eu sou um artista. E uma arte que lá vai embora, num sei se é falta de fé, se é falta de que, mas lá vai embora. Todos nós temos uma arte né. Se nós firmasse na nossa arte... o pequeno trabalho que nós fez aqui hoje, num é pra qualquer um fazer não. E você observa quando nós andava lá no quilombola, andando lá, eu num podia

sair aquele dia, eu num tinha condições e você lutou. É por isso que você é uma pessoa que, dos tudo que anda por aí, conhece mais o trabalho que agente faz né. Sofreu, ouve coisa que num quer ouvi, muitas coisas, mas é preciso de lutar. Eles tão querendo construir as coisas sem lutar, e o nosso quilombola tá acontecendo isto. Um indivíduo pra chegar um médico hoje, um doutor, um professor é muito difícil pra ele, ele tem que lutar muito. Tocar um instrumento parece que é fácil. Eu tinha vontade eu cheguei a tocar viola um pouco, as três posição. Toquei viola no congo, morreu um colega eu substitui ele. Mas num aprendi tocar nada, é artista. Dentro da nossa função nós somos artista, o palhaço dentro da função dele.

GP – e como que a arte do Congo pode contribuir pra um mundo melhor?

MB – é a história né. A história é a memória né. As memórias vamos embora, ela vai acabando e num tá aparecendo outras memórias. Precisava de aparecer um filho de Deus ou uma filha de Deus nesse mundo que ajudasse né? Trabalhando né. Tem que trabalhar, se num trabalhar num tem jeito não. Cê vê que eu tô com 67 anos, poderia tá em casa lá assistindo qualquer coisa mas eu tô lutando por uma coisa que num é pra mim, é para os outros. Isso daí é muito significativo né. Deus me dá saúde, coragem, um probleminha aqui, outro probleminha ali, e eu num senti nada dos rins até agora né. E o problema é esse rim esquerdo. Quarta-feira eu lá vou né, vou ter que bater aí umas coisas. E olhando pra mim assim parece que eu nem sinto nada, mas só Deus é que sabe né. Mas fazer as coisas com vontade é muito importante. Nós tão com muita dificuldade. Brasil nosso é um Brasil rico e nós tamo com muita dificuldade por falta de coragem. Pra ter coragem tem que ter fé né. Nós tão com muita pouca fé. Eu espero que um dia apareça alguém aí né. Que possa comandar e agente partir pra eternidade. Partir satisfeito, por que...

-você pode me arranjar um pouco d'água fazendo favor aí?

-chega aí...

No fim da tarde fomos eu, Boi e seu primo Jair para o Casebre. Lá fizemos algumas conversas, Jair contou um pouca das idas e vindas sua do Rio de Janeiro pra Viçosa. Natália trouxe lanche para nós, pão com linguiça mista e café. Ali ficamos até o fim da tarde.

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O POVO NEGRO

**GP – Mas, vou aproveitar que vocês estão em família... ontem, domingo, quando eu vim**

aqui conversar com você sobre a pesquisa, você falou uma coisa que eu fiquei pensando depois, você falou ali da junção entre a Universidade e o povo negro, né, que isso foi muito importante e tal. Como você definiria esse povo negro? Quem é este povo negro?

MB – o povo negro né? O povo negro é um povo sofrido. Mas tem alguns sofrimentos que ao meu ver nós somos responsável por ele. Nós temos uma doença chamada orgulho, que ela atinge o ser humano em geral, num atinge só o negro não. Mas hoje agente... a lei né, pelo que eu vejo ela, ela está só no papel. Só que tem muitos que num corre atrás né. Ele tá de braço cruzado. E o maior homem do mundo morreu com os braços abertos. O direito que o negro tem é preciso que ele corre atrás dele. Ele tem direito? Tem sim uai. Mas ele tá esperando que cai lá de cima pra ele, e o que cai lá de cima é só chuva. Então precisa de o negro se valorizar mais. Não só como a beleza negra por fora, mas a beleza negra por dentro, a parte de dentro, nós tinha que ver mais a parte de dentro nossa. E unir mais. O negro ele tá desfazendo muito do negro. Num é todos não né. E eu, eu tenho que olhar mais pra dentro de mim pra ver se realmente, se o orgulho num tá gritando mais alto. Tem o poder. Se eu to disputando o poder igual o doutor da lei, que se diz doutor da lei né. Então é... eu sempre gostei do negro, ajudar o negro. Mas essa de ajudar o negro é preciso que eu chegue perto do espelho e veja comé que eu tô. E cada um de nós é preciso de ver. A coisa pro negro ela num tá ruim. Ela num tá ruim. Ela já teve ruim. Nós num tinha direito de ir nem voltar. Hoje nós vão e volta quando quer e fica lá quando quiser. É preciso que ele valoriza mais a si e os outros.

Quando se fala em racismo envolve não só o negro, mas a classe baixa toda. Então eu acho que precisava de nós se unir. Por que se nós se unir, fica igual a formiga lava pé: ela é miudinhazinha mas quando ela junta muito ela morde até um elefante. Ela faz um elefante ficar sem lugar. Que só dela ir subindo nas patas do elefante, ele vai indo e fica sem jeito. Então era preciso de nós se unir mais. O negro tá muito desunido. Agente fala em desunião é geral né. Inclusive aqui o nosso quilombola, ele começou bem, porque uniu. Num vou dizer todos uniu, mas uma parte né. Uma parte tem que unir. A necessidade de pedir, duas pessoas vale mais do que uma. Quatro pessoas pra pedir vale mais do que duas, oito pessoas pra pedir vale mais do que quatro. Sozinho, nem os bicho quer ficar sozinho. Então precisava de o negro lutar mais pelo direito respeitando o direito do outros né. A nossa comunidade já era pra ela tá mais bem adiantada né. Falta de pessoas pra assumir responsabilidade né. Eu num

tô guentando, e num é dizer que eu já fiz muito não. Eu já falei hoje a respeito disso aí, ainda posso fazer, se Deus der tempo, ainda posso fazer muitas coisas. É preciso que as pessoas acredita o que eu to falando com eles. E a maioria dos jovens hoje ele acredita no celular, na internet. Lá tem um porção de coisas. Mas como ensinar a viver na internet eu num tenho visto ainda não, ensinar a pessoa a viver.

O jovem precisa muito de aprender a viver. Nós precisa muito de aprender a viver. O homem completou 60 anos, ele tem que botar os pingo no 'i'

-não posso fazer isso... eu não posso fumar... eu não posso beber...

Eu tenho tado com problema, eu num posso... a idade vai chegando na pessoa, respeitando o mais novo, mas lutando né. É preciso que ele lute. Então nós, negro, precisamos de unir mais um pouco. O comodismo tomou muita conta de nós. Nós temos terra, ó comé que tá de terra aí. Ninguém quer plantar nada e quer comer bem. Eles num quer comer arroz quebradinho. Tem a terra, o pouquinho de terra que tem né, antigamente meu pai plantava tudo aí né, mandioca, milho, batata baroa. Batata baroa se perguntar alguém se sabe aqui, eles nem sabe o que é batata baroa. Hoje o negro ele num quer plantar, ele num quer trabalhar. Ele tá de zoio grande nas coisas do outro e nesse zoio grande ele sai perdendo por que ele num vai a luta né. Eu fui muito a luta né, quando eu guentava, eu saia de casa quase todo dia 3 horas da manhã pra levar charrete de lenha pra Viçosa, batata-doce, um montão de troço. Então é preciso trabalhar. Tem um grupo que ele quer viver igual doutor. Se você como um filé mignon cê fica satisfeito, se você come uma carne de segunda, Deus dá a cobertura de acordo com o frio, você come um hambúrguer você fica satisfeito, você come macarronada, mas pode comer um feijão puro, um angu, então nós num pode ir acima do além. Nós tem que colocar cada um no seu lugar. Se for assim todo mundo vai virar engenheiro uai. Ninguém quer ser servente. Se for assim todo mundo vai virar cozinheiro. Nós precisamos do servente né. Nós precisamos do comandante do exército, precisamos do soldado né, do recruta. Como que pedreiro vai trabalhar sem servente. Uns estudando mais, outros estudando menos. A palavra correta que eu sempre concordei é que todo brasileiro precisa que saiba ler e escrever. Ler e escrever é necessário pra todo mundo. Agora estudar muito pra num arrumar um emprego, é o que eles vê ai, é desemprego. Se chegar um roceiro, um bom de enxada, olha aí? Tá tudo aí pra fazer. Maisi... comé que eu vou estudar 10 anos, 12 anos e vou puxar enxada? Num posso. Vou partir pra engenharia, professor. O negro precisa muito de... por

que ele num tinha direito. Hoje ele tem direito. O negro tá abusando do direito dele. Ele tem direito, num é só o quilombola não. Hoje nós tem professor negro, professora negra, nós temos engenheiro negro.

...

Conversas sobre as organizações e sonhos para as festividades do 129 aniversário da banda de Congo José Lúcio Rocha no 13 de maio

### O CONGADO E O POVO NEGRO: CONFLITOS E ACORDOS

**Alvorada a partir de 5:30. 7:00 horas da manhã, terminando a alvorada, voltou, tomou um** café aqui ó, e aí é só resolver problema. Vai dar até meio dia, meio dia tem o almoço. Vai ficar aqui, quem quiser embora que vai né. Quem quiser resolver problema ficar por aí. Aprender alguma coisa, ensinar alguma coisa. Aí a gente vai escrevendo, alguém vai escrevendo, ver se alguma pessoa quer resolver problema mesmo. Depois almoça, descansa e duas horas parte pra Airões. De duas às quatro e meia por aí é Airões. O congo sai daqui e faz rua por rua dançando. Depois come alguma coisa e seis horas vai pegar o São José lá naquela grota lá. Seis horas faz a procissão. Então o que nós vão tirar mais tempo é pra conversar. Congo é dia todo. Você sentado aqui ou dormindo o trabalho dele é dia inteiro, é desde de cinco e meia. Essa reunião é preparação da festa do Rosário. Nós tamos em guerra interna, então tem que apreparar pra festa do rosário. Os reis eu já falei com... passou a festa nós num pode saber de mais nada não. E nós temos, se algum quilombola quiser falar alguma coisa, fala. Tirar o dia pra discutir. Depois eu não vou participar mais de reunião. Por que aí vai dar Maio, Junho, Agosto, Setembro. O Maio vamos esquecer dele, nós temos quatro meses, vuô. Se o rei convidar pra uma reunião em Setembro bem, agente num convida mais não.

Agora Boi volta à questão do povo negro



Mestres do Congo da banda do quilombo Córrego do Meio. Da direita para esquerda: Raimundo Januário, Antônio Boi, Antônio Pedro (Pai de Boi), Chico Botelho. Agachados: Tum, Sebastião Marcos e Sebastião

A nossa comunidade quilombola tá precisando de unir. Ela nunca uniu não, mas andamos bem junto. Por que se ela num unir, para os inimigos é um bom prato. Os inimigos deita e roda. E o negro, desde a época da escravidão, teve o negro que o branco gosta dele, o coronel gosta dele. Vocês já viram aí em filme, novela, sempre tem um cabeça né. Aquele negão. E eles num acabou não, eles estão no meio de nós. Acabou não. Eles estão junto com nós. Um por que ele depende do fazendeiro. Igual ieu, se eu dependesse do fazendeiro até hoje, dá o que dava tudo lá pro fazendeiro. Ele me dava comida, num dava dinheiro, mas dava comida e serviço. Arrumava uma roupa velha pra vestir. Assim tem muitos até hoje aí, tá comendo e bebendo com nós né, nós num sabe. E eu num sei se eu... é eu e mais o Juraci, Deus dá ele um bom lugar pra onde ele foi. Nós discutia muito, ele chegou a falar várias vezes que dava a vida por mim e eu num dava nem lixo pra ele né. Por que ele falava comigo as coisas e eu num obedecia o que ele falava. Num obedecia por que eu tava bebado, andando bebo. E um dia ele falou comigo

-a minha família, tem gente na minha família que detesta nego. Eu num sei como que eu fui gostar de você assim tão... eu num sei se é sua mãe que me entregou você pra mim pra ver se eu dou jeito sabe comé

-o problema seus rapaz é que vocês num gosta do nego não, vocês precisa é do escravo do seu lado. Aí que ele subiu mesmo (risadas). Mas eu tava errado, sabe comé, eu tava errado. Eu falei, nós tava discutindo

-num é que você gosta de negro, é por que você acostumou a ficar com escravo do lado. Ele achou ruim pra daná sabe comé. Mas lutemo até a morte. Mas eu só falei aquilo, a boca fala umas coisas que o coração registra, e vocês por aí sabe que uma casa, um fazendeiro que num tiver um nego lá num é uma casa bem vinda. Um negro lá, um puxa-saco, um troço qualquer. Por aqui afora aqui tinha, toda fazenda um negro faz muita falta lá. A negra, o negro, faz muita falta sabe comé. Então num é considerado como uma fazenda né, num tem um negro lá. Seu Levindo Rosa aí, ele tinha aí nos Barros, até cheguei a visitar esse senhor lá, morreu de velho lá. Então depois com o tempo que que aquele homem ficou fazendo lá, simplesmente quando chamava a dona da casa ele vinha e atendia, ou o dono, voltava e deitava né. E muito considerado dentro da casa pelos netos, pelos filhos do homem lá, que ele ajudou a criar a família. Aí eu num sou contra, na mesma hora eu num sou contra o indivíduo, se ele mora com o fazendeiro, trabalha com o fazendeiro, aquilo é o ganha pão dele uai. Agora, o que ele não pode é atrapalhar o outro que não tem patrão (risadas), o outro não tem patrão. Ele tem patrão.

GP – atrapalhar você fala em que?

MB – num deixar o cara progredir na vida né. Num deixa o outro, o outro negro progredir. Às vezes aquele patrão dá procê. Agora não, agora tem terra a reveria, às vezes ele dá um lugar pra você plantar uma roça né, e outro às vezes atrapai né

Aqui tinha muito disso aqui. Aonde nós tivemos eu mostrei procê, meu pai plantava tudo aquilo lá. Mas só plantou depois que mudou de dono, entendeu? Na época de minha vó num podia plantar nada. Podia plantar, mas tudo lá é a meia né. Então agente... o Córrego do Meio, os homens e as mulher aqui de trabalho mesmo né, que lutou muito pro lugar, sofreu muito né. Elas já partiram né. E aí lá vem os outros, sempre tem alguém que tá com vontade. Mas é preciso que tenha muita fé em Deus e remar contra a maré. Remar contra a maré é

complicado né. Tem que remar contra maré, se num remar contra a maré, ele num consegue. E a tolerância, tem que ter, é o que tá escrito naquela oração ali:

Concedei-me Senhor a serenidade necessária  
Para aceitarmos as coisas que não podemos modificar

A morte. Como nós podemos modificar a morte? A doença, nós podemos fazer o tratamento da doença, mas modificar a doença num tem como.

Coragem para modificar aquelas que podemos

Hoje nós modificou um montão de troço. Você vei pra cá, fez seu serviço. Modificou. Por que nós tivemos que ir lá no Barreiro, no Segredo. Podemos. E tem muitas coisas que a pessoa pode fazer, e ele não faz isso

-ah, mexer com isso nada bobo. Por que que eu vou sair pro meio do mato com Guilherme pra andar a toa, tô com 67 anos... Vou dormir, assistir o Seu Madruga.

Sabe como é que é... cê entendeu? Aí eu tô esquecendo de quem? Quem vem atrás de mim. Aí que vem aquele tal de amor. Amor aonde? Amor na comunidade. Se você ama a comunidade, você ama o povo da comunidade. Se você luta... o Tiradentes, se comenta pouco sobre Tiradentes, é uma vergonha dizer a você, que eu também num sei a história de Tiradentes completa, mas ele fez um bom trabalho. Num li, num entendo mas fez um bom trabalho. Lá em PoNte Nova eu falei no meio das autoridade tudo

-ontem foi dia de Tiradentes, num sei se vocês comemoraram ontem na casa de vocês, na minha casa eu esqueci que era dia de Tiradentes né. E foi um grande homem né. Um grande homem. Eu num sei se enforcou, se suicidou, eu num sei de nada. Mas foi um homem que lutou, teve vários homens aí, várias mulheres. A Princesa Isabel né, lutou muito.

Então nós tão precisando nesse Brasil um homem com **espírito** de Tiradentes ou uma mulher com **espírito** de Tiradentes, topar a parada. Tem que MORRER ALGUÉM. E nós sabemos disso né. Só num sabe quem num quer. Agora quem vai morrer na frente: é ieu? É você? Para uma coisa é preciso que morra alguém. E esse alguém, você sabe quem morreu por nós né? Todo mundo sabe. Ele deu a vida. Agora se vocês me perguntar se eu dou a vida pros outros, isso aí eu num sei. Ele deu a vida. Então é preciso de firmar. E o Brasil, ao meu ver tem dois inimigos. Eu tô falando isso desde 2004. Ninguém falou comigo não, é só Deus mesmo. O Brasil tem dois inimigos, um se chama pobreza e outro é poder. São dois inimigos que não

largam um ao outro, um precisa do outro pra viver. Nós aqui, nós precisamos do rico pra nós viver. O rico precisa de nós para sobreviver. Rico puro, comé que vai ficar, num tem jeito. Pobre puro, num tem jeito. Pobre puro, nós tão n'água. Então se um dia vier, se esses dois inimigos der as mãos, nós num temos problema. A presidência da República, se aqueles homens lá der as mãos, os Excelentíssimos, dá tudo certinho. Os pobres é... tudo dar as mãos, mas num dá as mãos. PODER! O caso é poder. Antônio Boi tem um carro e tem uma moto, então ele vale o que: ele vale um carro e vale uma moto. Ele tem um diploma, então ele vale um carro, uma moto e um diploma. Ele é um pedreiro bom, então ele vale como um pedreiro bom. Ele é um servente ruim, ele vale como um servente ruim. Quando eu falo em poder, é poder e pobreza. Isso eu vejo na frente dos meus olhos. E esses dois depende um do outro pra viver. Infelizmente. O soldado depende do sargento pra viver. O sargento depende do soldado pra viver. O São Cristão depende do padre pra viver, o padre depende do São Cristão. Um padre sozinho na igreja num vale pra nada. Nós precisamos do padre, precisamos. E o padre, se nós num for lá? Que que o padre vai fazer na igreja?

Lei. A lei, polícia, justiça. A Lei. O policial prende na rua, dá um duro, passa muito apertado, esconde daqui pra num levar tiro na cabeça, esconde dali... quando consegue botar a mão naquela pessoa, chega lá e sai da cadeia alguns. Num é todos não, os outros apodrecem lá dentro. Sai de lá... eu falei lá também em Ponte Nova, o policial sai pra rua hoje ele num sabe se volta como assassino ou como defunto, ele deixa a mulher em casa, deixa a filha em casa e vai pra rua ganhar o pão de cada dia. O negro ele precisa... nós já tivemos Ministro aí, tivemos um montão de gente aí, mas ele precisa de unir. E nós... eu num sei se ieu que sou desunido dos outros, é que eu vejo muita desunião aí fora sabe. O jovem ele precisa muito de unir ao idoso, o idoso ele precisa muito de unir ao jovem sabe. Aí vem os poder. Os poder é... esse jovem de **espírito**, o jovem ele é pobre de que: ele é pobre de **espírito**. Às vezes o idoso é rico em sabedoria, rico em sofrimento. Eu tirei aquela camisa pra trocar, uma camisa que tava por baixo, lá nas Vargens, errei né. A Tia Joaquina falou muita raça de ano:

-não tira uma roupa na frente da janela, você pode pegar um ar.

Até um ar que anda aí perigosíssimo, é o mesmo que quebra os vidro do carro todo né. Pó tá passando a qualquer momento uma corda né. Eu vesti essa daqui por cima rápido, eu lembrei né. Há quantos anos? Eu era menino. Tava fazendo o trabalho quando eu era menino e ela falava

-óia, não tira a roupa, a camisa em frente de janela. Inclusive na frente da porta e da janela que ele só tem uma entrada.

Poucas pessoas sabe disso: aquele mesmo ar que dá no vidro é o que dá nas pessoas, ele bodoca todo né. Eu esqueci até o nome do ar, é... ar estropor... ar estopóra... agente dá muita sorte quando tá andando aí que ele tem muita queda né, e esse vento ele vem pro mal mesmo né. Então se ele pegar o cara de uma hora pra outra aí... que nós num sabe de onde ela vem, a queda de ar, de que altura ela vem. A nossa comunidade é uma comunidade rica. Nós somos ricos. Antes num era não. A comunidade Córrego do Meio há 15, 20 anos pra cá ficou bem rica, bem rica, de 15 anos pra cá ela melhorou muito. Hoje cê pode começar ali de baixo da rua, cê olha pra uma casa tem um carro encostado lá, lá tem uma mota, lá tem um profissional lá dentro, lá tem profissional. Cê chega na outra casa tem um carro e uma mota. Chega no lugar uma bicicleta boa de corrida que apluma entendeu. E também o que está dificultando nós na comunidade é isso aí: melhoria de vida. Nós melhorou muito de vida sabe comê. Na década de 1970, 78 por aí... aí fica mais difícil por que cê num come mais sem carne, cê num tá ligando pra ovo, cê num tá ligando pra torresmo, antigamente o cara dava a vida a troco de torresmo, angu. O cara dava a vida pra comer um torresmo com angu. E isso dificulta muito, num sabemo amanhã ou depois, por que os plantador disso aqui ó... nós tamos agora no mês de maio cê olhava praqui tava puro feijão, tudo aí direto. Agora cê olha prali: mato. Eu tô falando de mim né. E isto traz pobreza. Tudo nós busca na venda. Eu tô plantando uns pés de couve lá porque eu tô precisando de tomar por causa dos rins. Mas alface eu num vou plantar alface, porque eu num vou plantar alface? Eu sou aposentado e com dois pés de alface eu passo a semana. Eu planto alface lá, caba té estragando a alface. A couve você planta ela e ela vai durando e aí você vai dando pros outros, a minha ideia é plantar e dar pros outros. Então agente precisa de plantar, precisa de trabalhar. E nossa comunidade... e existe comunidade pobre, eu tive lá em Piranga né, conversei muito lá, cê tava lá no encontro, conversei muito com o rapaz lá do Brejo dos Criolo, o Rogério. Eu fui no quilombo Santo Antônio do Guiné. Aprendi muito com aquele rapaz, mas eu trouxe pra comunidade, a comunidade escutou aqui passou cá. É preciso que o negro seja unido. Fez uma reunião aqui e o que foi dito fica por aqui. Se você pode levar pra outro negro, leva, se num pode, num leva lá não, num serve de ponte. Por que aí num tem como né. Lá aconteceu, ele explicou direitinho aconteceu lá um dia por causa de uma terra lá: um cara tava trabalhando com eles,

na roça lá capinando desfrutando da terra que eles tinha invadido né, mas ele chegava lá e contava tudo pro fazendeiro, contava tudo. Aí acabou secando, perderam uns dois lá que mataram na tocaia. Aí quando eles descobriu, esse negro teve que sambar fora. Aí vem a desunião né. Pra ondê que esse negro vai? Ele vai é pra lá na casa do coronel lá uai. Entendeu, é ele que tá entregando é ele que tá fazendo tudo. Agora nós vamos dizer que na nossa comunidade num tem isso? Porque? Nós somos comedor de mingau de couve com angu. Entendeu? Então existe aqui a comunidade... o negro ele tem que ter confiança no outro. Depois ele explicou: tem um grupo lá trabalhando, igual nós fazia antigamente, aquela roça que tava suja

-vamo lá capinar a roça de fulano? Vamo?

Se chamava... hoje se fala mutirão, aquela época era “troca de dia”. E eu cheguei a ter 12 homens aqui, algumas mulheres por fora pra ajudar em alguma coisa.

-vamo lá no Tcheco? Vamo lá.

30 homens, vup! Limpou tudo.

-vamo na casa de Antônio Boi?

Vup! Limpava tudo.

GP – tinha um que era de noite? Chegava na casa de noite sem o dono saber... vocês faziam esse aqui?

AB – esse era o João Baca né. Por que o cara plantava a roça, e toda roça tem que dar a primeira antes do natal. Plantava muito, num tinha como capinar, num tinha nada... então juntava um grupo de homem e saia com o tal João Baca. No começo era João Leme, João Leme. Aí passou a Baca né. Veste um boneco, entendeu, põe em cima de um cavalo e põe lá. Só tem que o Baca tem uma deferenzinha com o João Leme. O João Leme que usa no cavalo, o João Leme já tá capinando. Ele tá ali com o boneco com o grupo já te salvando ocê do seu milho. E o Baca, eles punha ele do dia 24 pra 25 né. Se sua roça, cê num deu a primeira, o padrim Seu Nego ali fazia isso né, Deus dê ele um bom lugar pra onde ele foi lá, ele era o cabeça que ele fazia o Baca e o Pisquim né. Quando o cara abria a porta e visse um homem ou uma mulher ali de braço aberto achava muito ruim por que, a situação ruim, família doente um montão de troço e num capinou o milho o cara ainda vem botar um fantasma lá no meio da roça dele ainda.

Jair – Esculachava o cara no Pisquim falava um bocado de besteira no papel e pregava lá...

MB – aí tinha esse grupo: vinha na roça, homem e mulher e tudo vinha cantando, tinha alegria né. Agora num tem alegria mais. Comé que ocê vai subir aí pra cima cantando? O cara te assalta uai (risos). Antigamente cê saia cantando, tinha o Zé Ruchim aqui e cantava, cê via as mulheres cantando pra estrada afora, homem cantando. Hoje a vida ficou boa, nego anda chorando. Você encontra com um e fala: o que que foi? Ah, num sei que que eu vou fazer, acho que vou ter que matar mesmo. Cê num encontra uma pessoa cantando sabe comé.

J – o povo tá com medo, cabrero...

MB – então é preciso que os quilombolas reúne mais. O quilombola tem tudo pra ser um grande quilombola. Não na minha... num vou dizer na minha época, mas na dos outros que vem. Eles se unir, mesmo que num se unem todos, um grupo né. O macaco: tem o gorila grandão que é um grupo e tem o pequenininho que é um grupo e tem aquele que dá na bananeira também aí que é um grupo. Cada um tem seu grupo, é tudo macaco, mas cada um tem um grupo. Então nós precisamos, mas se faz uma reunião e chama um num vem, chama outro num vem... aquele mais estudado

-vamo fazer isso!

E já tem outros que num quer nada mesmo né, ele tá só esperando que cai do céu. Então hoje por exemplo, você é pessoa que já tá algum tempo aqui na comunidade, e topa as boca quente sabe comé. Cê vê aquele dia que nós fomos medir aquelas terras ali ó, chamei montão aqui e ninguém foi. Eu tava com problema, eu tava com problema. Tivemo que sair que horas? Foi 5:00 da manhã. Olha ondê que nós entrou aí: eu, você e o Thimoty. Agora um cidadão sai lá de Juiz de Fora, cansado, lutou a noite toda, fizemos o estudo e o coro tava comendo noite e dia. Mas valeu né. Mas valeu. Essa viaginha que nós fizemos hoje aqui, vai valer quem? Alguém vai se beneficiar disso aí. E às vezes as pessoa fala assim

-ah, boi só quer pra ele.

Isso bate no ouvido do cara... por que numa casa Guilherme, se o pai ou a mãe fala assim

-ah, aquele Jair é feiticeiro.

Aí cê vai crescendo com aquela ideia

-papai falou que aquele Jair é feiticeiro.

Aí já começa a afastar dele. Assim que acontece comigo, com você, com qualquer um aqui.

-aquele rapaz ali é feiticeiro.

-olha aquele moço ali é ladrão em.

-ó, ele dali é assassino.

Se a mãe falou e o pai falou...entendeu? Nós tinha homens aqui no Córrego do Meio que eu nunca vi fazer feitiço, nunca vi de nada... nós tudo tinha medo do homem. Via o homem... por que?

-ó, a minha mãe falou.

É igual o lobo. Já viu lobo atacar os outros? Mas no fundo, no fundo nós tudo tem medo do lobo né. Num tem um pouquinho? Por que que nós tem um pouquinho? Mamãe falou, vovó falava

-para de chorar que o lobo aí vem.

Ficou na cabeça. Então, tudo vem do berço. Hoje eu encontro com o lobo, to sabendo que ele num ataca, mas num dou mole pra ele né. Tô vendo que ele aí vem lá... a pouco tempo encontrei com um no alto aí. Esses político aí. Tem político aí bom sofrendo muito. Mas nós tão falando é mal de político. O pessoal tá falando é mal de político. Eu tava falando com você sobre os viadutos né, essa Universidade, essa Viçosa, tantas coisas ali que aí vem subindo. O cê vê por exemplo, hoje você sai lá de Viçosa pra cá, vem num carro aqui, pega nós em casa, vamo lá faz o nosso trabaio até num carro que espanta passarinho (risos), espanta passarinho. O cara pensa até que tá fiscalizando a terra dele. Quem mandou? Quem a baixo de Deus? Agora nós vamos meter o pau nesse Deputado? Comé que nós vamos fazer? Hum? Nós vão? Não. Tem que ver o que, qualé o mal que ele fez. Averiguar qualé o mal que ele fez. Nós temos hoje aqui essa cobertura pra nós reunir aqui, quem fez? né. Quem arrumou? Quem deu força? Nós temo ali uma areia ali, tá até perdendo de qualquer maneira. Então agente precisa ter fé em Deus e lutar. Tem político ladrão? Tem sim. Tem padre ladrão? Tem sim. Tem coronel ladrão? Tem. Tem mulhere ladrão? Tem. Mas tem o bão, tem o bão... aí de nós se esses 513 políticos fosse tudo ladrão. Cê vê que esse Padre João lá em vem subindo, lá vai embora. O homem agora tá celebrando missa com colete. Que ponto chegou ter que usar colete pra controlar bala. Mas lá vai subindo. Então... todos os Deputados é ladrão? Não tem nada disso não.

Jair – só 80%.

MB – entendeu? 20%... esse 20% (risos) tá lá sofrendo sabe comé. O cara tá sofrendo. Então agente... os quilombola... já pensou rapaz, se esses quilombola... os quilombola do Brasil... num precisa nada não, igual eu tava com a ideia né, aqueles 15 que foram certificados no

mesmo dia nosso... foi feito uma reunião: vamos lá, uma, duas pessoas vamos visitar essas quilombolas todas né, pra ver quando a boca esquentar pro nosso lado... será que... foi 15 que foi certificado, será que num tem 10 que vai dar nós uma ideia não. Ao menos 10 né. Quando é que foi? Ninguém foi, eu num fui também. Só foi na onde tem aquele cara lá, onde vocês me chamou. Chama um praqui, igual vai ter uma que dia?

GP – amanhã em Juiz de Fora.

MB – pois é. A outra vai lá?

GP – num to sabendo não.

MB – Pois é, agora fica nós aqui discutindo, um olhando pra cara do outro. Comé que tá Muriaé lá?

GP – lá no quilombo do Ivaí que agente foi?

MB – é.

GP – lá eles tão querendo se certificar, mas nós estamos com dificuldades de dar um apoio lá pros passo a passo da certificação, igual fizemos aqui com vocês... eu num tô tendo tempo de ir... o Leo também tá muito atarefado...

MB – tem que ter o guia. Pois é, aquele povo já teve aqui e eles tem muita vontade ali com a barra pesada né. Mas é o que eu falei aqui: todos nós tem medo de morrer. Mas certa hora para uma luta, para o bem estar, se acreditar que há um Deus no mundo... por que tem gente que ele entra mesmo né. Morre o filho, o pai fica, morre o irmão. Aí dá. Se num der assim, num tem uma luta. Guerra sem luta é complicado né. A guerra espiritual né. Então é preciso que alguém lute. Eu vi ali que tem um branco, o branco tá no meio, tá trabaiano firme né. Eu tava observando a mente do cara, o cara tá ali ele é branco mas ele é negro por dentro sabe comé. Acompanhando né. E tem ali umas mulher alí e uns homens que eles tão com boa vontade. Cê viu com os próprios olhos né. Se aqueles dali falar: vamos? Vamos. Sabe comé.

E sabedoria para distinguir uma das outras.



Ilustrações: Samuel Uihôa – Fogueira de São Pedro, festa é luta.

## OS CAMINHOS DE VOLTA

Então, que nos seja permitido alinhar os fatos e reflexões que temos a reunir nestas caminhadas a partir de pontos de vista arbitrários e pessoais. Somos brasileiros de origem índia, ibérica, africana, árabe, judaica, cigana, etc. pertencemos, portanto a um dos povos escuros, mestiços, pobres, desprezados do mundo. Povos que, filhos da Iarandra, isto é, da rainha do meio dia, somos mais dançarinos e musicais do que reflexivos; mais da plástica sensual e da pulsação do ritmo estético do que da abstração. (SUASSUNA, Ariano, Romance de Don Pantero no Palácio dos Pecadores. Livro 1 - O Jumento Sedutor. p.52)

Presentes:

Tião Farinhada  
Guilherme Padero  
Pedro Henrique

### ÍNDICE DO CADERNO:

Vira negr@, vira índi@  
Vai virando sem parar  
Vai virando no @  
É mais difícil de rimar

Vai virando no @  
É mais difícil de rimar  
Mas se o trabalho for na base  
Fica fácil trabalhar

Se for na base  
Fica fácil trabalhar  
Crianç@ vira calang@  
Tira tudo do lugar

Vira Calang@  
Tira tudo do lugar  
@ Neg@ fala de costa  
E abre porta se asoprar

Fala de costa  
Abre porta se asoprar  
No passado virei luta  
No moinho virei fubá

E virei luta  
No moinho virei fubá  
Faz direito esse trabalho  
Cuide pra não empelotar

## **TRAVESSANDO**

Esta caminhada foi realizada entre os dias 09 e 11 de agosto de 2017 nas comunidades por onde Tião Farinhada viveu. Rodamos de carro e a pé pelos territórios onde sua família viveu e migrou. Fizemos o caminho de volta. Nesta caminhada tivemos o auxílio poderoso de Pedro Henrique nas filmagens e fotos, meu amigo e sobrinho.

“Fazer o caminho de volta”. Frase tantas vezes repetidas por Farinhada e que o orienta em suas lutas. Aí identificamos os pilares de suas memórias. As memórias militantes, musicais, religiosas, sindicais, agroecológicas, educadoras, raciais de Farinhada são, neste estudo, instrumentos de re-contar a região. A relatar suas memórias, relata suas trajetórias de atuação em momentos familiares, momentos de formação pessoal e formação da Zona da Mata, além da própria constituição dos movimentos de luta da Zona da Mata.

Compreendi que os caminhos de volta orientam à responsabilidade de nos posicionarmos criticamente no mundo presente. Os cursos destes caminhos não se limitam pela ilusão do livre arbítrio capitalista: a imposição do “fazer escolhas dentro do que é oferecido”, pois neste caso para se escolher é preciso ter “pacotes” a serem escolhidos. Na medida em que se derramam os limites e fronteiras, os caminhos são feitos por estarmos neles. Nos colocamos nele com toda a vida que temos. Na nossa história, d@s antepassad@s aos momentos atuais, somos guiad@s e somos guias por onde quer que estejamos... nos livramos em fim da linearidade... surgem as trajetórias de vidas... memórias narradas. As memórias se tornam uma ligação, um andar de mãos dadas com o passado, o presente, velhos, velhas, jovens e crianças. A memória não define o curso do rio, ela alarga suas margens (BOSI, 1994, p. 55).

Contudo, tive dificuldades em compreender as intenções de Farinhada de fazer o caminho de volta de suas vidas: começamos por onde ele vive hoje, Assentamento Padre Jésus em Espera Feliz. Bem, ele não vive no assentamento, parte de sua família mora lá. Mas para ele o assentamento é fruto de uma luta histórica de seu povo. Uma conquista importante para ele. Ele chama o assentamento de aquilombamento, pois a grande maioria dos assentados são negras e advindas de famílias negras. Em seguida fomos caminhando de volta... Demorei um pouco para compreender, isto foi já no chão da estrada, nas rotas, caminhos e casas visitadas: o caminho sendo refeito.

No entanto, as caminhadas eram sempre enfeitadas com reflexões feitas de Farinhada, conectar lembranças com caminhos presentes, andar para trás indo para frente, assim, ele não me deixou perdido por muito tempo, suas lembranças se remetiam, com certa urgência, ao mundo que eu também fazia parte, me acolhendo.

Sáimos cedo do assentamento Padre Jêsus cedo e voltamos para Caiana, uma cidade de pequeno porte onde Farinhada, com 14 anos, se inseriu no grupo de jovens, um grupo de reflexão organizado pela Pastoral da Juventude da igreja católica. Passamos por Córrego do Camilão, zona rural de Caiana, lá sua família viveu por dois anos. Daí pra frente, ou pra trás, passamos por São João do Norte, onde entramos na casinha em que nasceu, finalizamos em São Gonçalo, local onde passou parte de sua juventude.

Em meio a conversas e lembranças recordei do trabalho de doutorado de Aline Cantia em que ela cunhou o termo educadornarrador a partir de trajetórias de vida de Tião farinha e outros educadores: a narração como ato educativo. Durante todo o trajeto, Farinhada mantinha um tom educador, mas ele também estava aprendendo. As vivências naquele momento da caminhada, isto é, o que ele via no ato do pé no chão quando conectadas com suas lembranças provocavam nele momentos de novas compreensões do lugar e de suas formações.

Aos poucos fui me localizando nas caminhadas. Depois, na casa de seu irmão Fernando no assentamento Padre Jesus, com mais cuidado, elaboramos um mapa dos trajetos que percorremos.

Agora, seguem as palavras percorridas nos “Caminhos de Volta”.

Boas leituras.

## UM ANDARILHO, UM ARTISTA, UM GUERRILHEIRO

### **Guilherme Padero – você falou que começou os estudos no grupo de jovens em 89?**

Farinhada – em 1989 eu morava aqui na Caiana. E tive contato com grupo de jovem né, e aí o Seminário fazia a Pastoral da Juventude, todo ano fazia uma... todo ano comemora o dia nacional da juventude, e aí naquela época fazia três dias de formação sobre o tema entendeu. Por exemplo, parece que o tema de 1989 foi: “Latinos Americanos por que não?” que agente

discutia a questão da juventude na América Latina entendeu. E aí já discutia a questão social, a questão indígena a questão afro dos povos da América Latina.

G – era organizado pela CEBs<sup>45</sup>?

F – pela Pastoral da Juventude, pela PJ. E aí como eu morava na Caiana e comecei a ir no grupo de Jovem, aí eu já tinha essa referência né de Seminário como lugar de formação. E aí aqui eu fui pra... quando agente sair de Caiana que agente vai pra São Gonçalo agente faz esse caminho, vem de Caiana passa dentro de Espera Feliz, e vai passar ali sentido a Manhumirim e vai pra São Gonçalo que nós vão fazer o caminho ao contrário, nós vão dar a volta e vamo sair lá por São Gonçalo. Aí quando eu chego em São Gonçalo, aí lá já tinha um Grupo de Jovem já articulado e com muitas lideranças né, muitas lideranças de comunidade. Que é aonde eu entrei pra dentro do trem de cabeça.

Ele tem paciência pra esperar o trem. Neste momento, a o caminho passa que parece em camara lenta. Chega a ser a vida de um espírito vagando, deslocado do tempo- espaço...(minhas anotações de campo)

Aí o Seminário ali era o nosso... quase todo fim de semana tinha alguma formação, e agente tava agarrado naquele trem ali, era a nossa segunda morada (risos), de sexta a noite até domingo três horas da tarde nós passava ali estudando alguma coisa, participando de gincana, de coisa de catequese, de coisa de formação política, e o sindicato era do lado né. Que quando criou o sindicato dos trabalhadores aí num tinha sede, aí o padre Sebastião Santana, que é o atual padre aqui (em Caiana) hoje, só que hoje tem uma visão muito direitista e conservadora, mas na época ele era um cara de uma postura muito coerente em relação da organização social né. Aí naquele espaço ali ele cedeu lá uma salinha que funcionava o sindicato. Isso aqui Padero tinha uma empresa, a CRABIM, mineradora, explorava aqui na região o caulim. Tudo aqui era da empresa, era sede da empresa. Explorava o caulim. Aqui a questão da mineração chegou primeiro que a agricultura né. Isso aqui era tudo estrada de chão, eu passei muito de bicicleta aqui em estrada de chão, aí nos final dos anos 1980, em 90, 91...

<sup>45</sup> Comunidades Eclesiais de Base. Começo de caminhada, começo de entendimento, ainda perdido nesse caminho de volta...

G – você morava em Caiana então?

F – morava em Caiana. Tava aí com uns 14 pra 15 anos, nessa virada aí. Caiana é uma cidadezinha pequena mas tinha um comerciazinho, agente comprava alia as coisas necessárias que tinha que comprar, mas algumas coisas agente tinha que ir em Espera Feliz ou ir em Carangola passando nesse caminho que agente vai fazer agora. Mas o mais era isso aqui é mesmo

G – e quem vinha com você nessas andanças aí, tinha algum companheiro, uma turma que andava com você?

### VIDA DE ANDARILHO

**F – não. Desde a idade dos 12, 13 anos eu comecei a andar sozinho. Tinha uns colega de as** vez no final de semana agente ia pra uma atividade junto né, ia pra uma festinha, as vez até mesmo pra uma reunião do grupo de jovem, mas as outras coisas eu sempre andei sozinho mesmo. Comecei a andar sozinho... com 12, 13 anos de idade já andava sozinho, a andar sozinho a noite, a qualquer hora da noite

G – o que que te motivou a fazer isso, a andar sozinho? Você tem noção disso?

F – num tenho noção não... rapaz é... num tenho muita noção não. Mas é... chamava uns companheiro pra sair de noite, mas era pra ter uma companhia pra andar de noite né, agente tinha medo de andar de noite, tinha sombração, isso e aquilo. Eu sempre respeitei muito a noite nesse sentido né de... de respeito mesmo né, noite é noite, agente num conhece nem domina, de dia cê vê por onde as coisas tão indo e tal, mas a noite num tem noção de quem tá na noite. Mas eu vim pra uma festa em Caiana, uma festa de São João, quando eu me dei conta meus colega que tavam comigo tinha ido embora, aí eu procurei, fui num lugar num achei, fui ne outro, e sozinho, o jeito é ir embora sozinho né, eu andava sozinho mas tudo pertinho ali né, até nove e meia, dez horas da noite desde essa idade aí de menino né, ia na venda buscar alguma coisa... aí tive que voltar sozinho pra casa, voltei sozinho, num vi nada no caminho, num encontrei nenhuma assombração nem nada, aí virei andarilho mesmo cara. Virei andarilho mesmo da noite.

-Agora nós tão chegando mesmo na cidade, Caiana. Uma cidade pequena...

G – Circuito Caparáó!?

F – é. Aqui tudo é Caparaó. Aqui tem um ponto de aviação que eles abriram na época da ditadura militar né, naquela vargem ali, que quando teve a Guerrilha do Caparaó<sup>46</sup>, então essas cidades todas aqui em torno do Caparaó elas foram mapeadas, cercadas né, pra prender os guerrilheiros né. Então aí tinha um campo de pouso das aeronaves pequenininhas né que era pra prender os guerrilheiros. Nesse caso era... era uma guerrilha mas num era um povo que num... naquele momento às vezes por mais que usava arma e tudo, mas era um povo da marinha né, num era um povo que tava disposto a fazer essa... a guerra, como foi a guerrilha do Uruguai, como foi em Cuba. E essas guerrilhas também foram influenciadas por Cuba né. Aí desde pequeno que eu ouço esses negócios né. Essa foi na década de 1960. Tem até uma lenda de quando tinha o Che veio no Brasil por volta de 1967, 68, aí ele veio no Caparaó né. O Willer chegou se alistar né. Tinha um grupo de guerrilheiro né, ele chegou a se inscrever pra vir pra guerrilha do Caparaó. Ele conta essa história né. Chegou a se inscrever pra vim. -então aqui é a Caiana. Cidade Caiana. Esse trecho que nós tão passando aqui era a antiga linha de ferro.

GP – aqui você nasceu?

SF – não. Aqui eu só morei dois anos numa roça aqui pertinho, nós vão passar perto. E aqui eu vinha no final de semana, tinha uma discoteca aqui toca uns bailes, tocava umas músicas... umas músicas dançantes mesmo, que nós era tudo de menor e era proibido entrar mas nós ficava na porta (risos). E essa pracinha aqui ó ela era diferente... ela tinha um jardim suspenso, aí do lado da igreja ali ó, naquela casa amarela ali, era uma casa baixa de telha, telha colonial e ali eu comecei a participar de grupo de jovem ali. Tinha umas meninas que moraram aqui e que umas moram aqui até hoje, umas foram pro convento, outras viraram professora e elas participavam de grupo de jovens, chamou agente pra participar e eu comecei ali. E aqui o padroeiro é São João Batista. As festas de São João aqui é umas festas bonitas aqui.

-isso aqui é um armazém antigo... no Brasil (risos)... na década de 1960 e tal que tinha aqueles armazém grande...

GP – vendia de tudo aí?

<sup>46</sup> Para o poeta Carlos Drummond de Andrade, á versão brasileira da Sierra Maestra, o local que deflagrou a revolução cubana. De novembro de 1966 a abril de 1967, 14 homens do Movimento Nacional Revolucionário formaram um grupo de guerrilheiro armados contra a ditadura militar no Brasil. Eles se instalaram na serra do Caparaó, uma das ramificações da Mantiqueira na divisa de Minas Gerais com o Espírito Santo. A visita de Ernesto "Che" Guevara não consta em registros.

SF – vendia de tudo...

GP – você veio pra cá com quantos anos? Pra Caiana?

SF – em Caiana eu cheguei aqui com 12, 12 pra 13 anos... a casa num era assim, era diferente... o povo na festa de São João enfeitava, aqui todo ano tem a festa de São João né. Eu já toquei... já vim várias vezes tocar em São João aí. Um lugar muito animado, e o povo faz a fogueira na rua, meia noite passa na fogueira...

GP – o que que mexeu em você participar desses encontros do grupo de jovens?



Local onde Tião Farinhada frequentou o grupo de jovens em Caiana  
Foto: Pedro Henrique

SF – era interessante por que tinha umas figuras de experiência né nessa época, a Lúcia Cabral, o Wilson Costa eles já eram figuras bem experientes de caminhada né. O Wilson já tinha feito missões, já tinha morado num seminário em Mariana. E eu achava bacana né, o povo pegava um texto, lia aquele texto e ali tinha umas perguntinhas...

-vão passar dentro da cidade? que aqui agente vai por fora dela.

## ESTUDOS E MÉTODOS DE UMA EDUCAÇÃO POPULAR

**E aí tinha umas perguntinhas e aí agente conversava sobre aquelas perguntas né: qual o papel do jovem na sociedade? Por exemplo, se o tema falasse sobre “os meios de**

comunicações sociais”, agente dava nossas ideias, colocava as nossas impressões, fazia as nossas críticas... mas desde essa época...

-aqui ó, pra direita. Aqui nós tão no centro da Caiana. Aqui é a rua principal, aqui era diferente... era uma carreira de árvore, umas árvore baixinha, aqui tinha umas casas antigas naquele modelo de casa mais antiga e agente vinha aí nos finais de semana conversar com o povo. Essa casa também era diferente. As casas era daquele modelo ali ó, todas elas era desse modelo.

...

-ô Tião bão?

-bão!

GP – aí vocês faziam as leituras...

SF – isso. Fazia a leitura do texto, cantava... cantava as músicas de igreja né, e algumas músicas popular. E depois o povo vinha pra pracinha, sentava junto, tomava guaraná de garrafa de vidro (risos), naquela época era muito comum isso né. Às vezes combinava:

-ah, vamos visitar a casa de fulano de tal!

Aí ia fazer as visitas. Falava das coisa que tava acontecendo:

- vai ter curso de formação no seminário dia tal! Quem tem disponibilidade de ir?

Era bem nesse sentido...

As falas se tornam mais ralas... espaçadas... demoradas... as palavras vão perdendo lugar pras lembranças a medida que o carro vai andando e os olhares de tião vai lembrando... ele entra em um estado mais contemplativo... ele preza pela descrição do que era a cidade... e dentro dela refeita percorre pela suas experiências. Eu tento segurar um fio na conversa em torno do grupo de jovens... mas suas vivências na cidade se expandem para outros lugares. A lembrança alarga as margens do vivido... talvez eu esteja muito preso ao objeto de pesquisa.

Ele se formou sem que eu tivesse consciência disso.

Ao mesmo tempo é tudo muito rápido suas memórias vão indicando lugares, pessoas, momentos a cada curva e suas falas vão deixando impressões, reflexões... (minhas anotações de campo)

aí isso aqui ó, como era a linha de trem de ferro da estrada de cima, isso aqui tinha um corte, era chamado de corte, aí isso aqui cê passava dentro de um túnel... mais pra frente vai ter uns pra passar que cê vai entender como é que era isso aqui. Aí o prefeito desapropriou, aterrou, e construiu em cima, mas aqui era chamado de túnel. E quando agente vinha pra cá tinha medo de passar de noite por causa do túnel... medo de passar nesse túnel. Aí depois o medo foi acabando... eu passei nesse túnel sozinho e num vi nada... aí num tive mais medo de andar de noite né.

GP – então esse grupo de jovens era de esquerda?

SF – de esquerda. Tanto que o Wilson virou padre... o Wilson virou padre, uma cara de umas formações assim... um cara muito bem formado politicamente, teólogo, Teologia da Libertação, nessa linha, morou em Roma, foi pra África e quando ele voltou trouxe alguns presentes pra mim. Depois ele saiu do sacerdócio e hoje ele é professor do IFEs do **Espírito Santo**. E o interessante que lá ele... ele já encontrou com os meninos de Laginha e ele contou: -não, Farinhada é meu colega de grupo de jovem! Na Caiana.

Ele é uma cara de uma linha muito coerente assim com a história dele com a militância. Não tá mais no exercício de padre mas é um cara politicamente, escreve super bem sabe, tem uma forma... uma facilidade muito grande pra escrever e hoje é professor lá no IFEs de Ibatiba. Excelente professor. A Lúcia Cabral tá envolvida, é professora. Muito bem graduada né, pedagogia com mestrado, com experiência assim de missões populares de viajar o mundo inteiro, pro Equador, pra essas regiões todas aí né. É leiga consagrada que chama, num casou, num teve filho. E nos votos dela eu até vim, eu e Eliane<sup>47</sup>, foi em 2014. Ela fez questão que eu viesse pra tocar, fazer uma festa, cantar música da caminhada, fazer mística, um momento assim bacana.

GP – essas duas pessoas foram as suas primeiras...

SF – é. Lucinete que é uma negra assim também super bacana. Professora também. Super inteligente. Foi a primeira negra que eu vi assim com a consciência emancipada. -Aqui tinha uma casa velha e morava dois irmão solteirão. Um deles chamava Antônio e o outro Joaquim. Era cortador de cabelo... eu cortava cabelo. Vamo entrar nessa estradinha aqui que é o Córrego Camilão que onde nós moramos dois anos.

<sup>47</sup> Esposa de Farinhada

Sáimos de Caiana e fomos para a zona rural visitar o Córrego do Camilão, local onde Tião e sua família morou por dois anos

#### ENCONTROS: O ARAME-FARPADO E MULHERES NO CÓRREGO CAMILÃO

#### **E aqui era o ponto que eu vinha pra pegar o caminhão... que nesse período eu trabalhei de**

boia-fria, e aí o caminhão de turma passava aqui, aí eu descia, ficava esperando o caminhão. Depois eu trabalhei no curral aqui na fazenda aí todo dia seis horas da manhã eu chegava ali com a carroça com quatro latas de... 200 litros de leite. Que nessa época eu tinha... eu era magrelo mas já pegava 50 kg.

GP – ham?

SF – pegava um latão daqueles de 50 litros de leite da carroça e jogava em cima da... (risos). E aquelas lavouras que cê tá vendo na frente ali ó, trabalhei naquelas lavouras todas ali, panhando café, capinando, roçando, jogando veneno pros fazendeiros... nesses pastos, batendo pasto, fazendo o tipo de serviço que tinha que fazer naquela época. Fazenda do Jorge Luiz. Esse cara comprou esse tanto de terra, ele recebeu uma herança pequenininha aqui na beira da estrada e quando na gestão de dois mandato ele comprou várias fazendas e...  
-nós vão no caminho de cima.

E aí a fazenda. Hoje praticamente desdeixada<sup>48</sup>. Aí que eu vi pela primeira vez o pessoal fazer inseminação né. As vacas só com barriga de aluguel. Cortava capim nessas capinheira quando eu trabalhei no curral, cortava capim pra tratar das vacas. Aquelas cocheiras lá é onde botava as vacas pra comer. Isso era uma fazenda muito bonita, isso aqui era um lugar muito famoso aqui... falava “Fazenda Jorge Luiz”. Aqui tinha uma porteira aqui ó, daqui pra lá ele colocava cadeado e ninguém passava assim...

Nessa casa morava um sujeito que chamava Luiz Elói. Bebedor de cachaaaça! Uma figura, contador de história, o cara já tinha andado o mundo inteiro né. E ele contava os casos, comé

<sup>48</sup> Dito popular: O avô rouba, o filho herda e o neto morre na merda.

que era a vida em Volta Redonda, comé que era a vida nesses lugar aí, pra nós era o máximo ouvir ele. Seu Luiz Elói.

E esse era o caminzinho que eu fazia todo dia né pra vim trabalhar na fazenda, e pra ir na Caiana pra comprar alguma coisa, tinha um munho ali em baixo, levava milho pra moer no munho, levava arroz pra limpar então esse era o caminzinho que eu fazia assim é... direto.

GP – e vocês eram meeiros desse fazendeiro?

SF – desse fazendeiro. Aqui nós trabaiava pra esse fazendeiro. Jorge Luiz. Era um coronelzão, os filhos dele depois foi prefeito, foi preso por desvio de dinheiro, umas história muito engraçada... e por incrível que parece rapá esse cantinho aqui, eu gostava muito daqui, por causa de ser um canto né, de ser um lugar bem escondidim é um lugarzinho que eu sempre gostei muito sabe

-nós vão nessa estradinha de cá

E aqui em baixo morava dois colega meu. Nessa casa aqui. Que era dois colega que agente saia de noite pra ir em grupo de jovem, às vezes ficava aí contando caso até dez horas da noite. Uns momento bão de mais. Num tinha muita coisa pra fazer, nós inventava nossas brincadeiras, descia em casca de coco nesses pastos aqui em dia de domingo

GP – descer?

SF – é vamos descer aqui. Espero que a porteira não esteja com cadeado. Tá não. Vamo até na frente ali. Aí esses pastos tudo aí nós roçava esse trem, duas vez por ano. E essa é lavoura... essa é a lavoura nossa que nós tocava aí de meia com fazendeiro aí. Uma parambeira, um lugar difícil demais de trabalhar.

GP – alto demais né?!

SF – alto. Uma parambeira rapaz. Nossa Senhora! Muito sofrimento pra dar conta de panhar esse café (risos) colocar no terreiro. Era um trem louco demais...

Pedro o ajudante – era por trilha no meio desses cafezais?

SF – é. É um carreador. Aqui era bonito Padero. Isso aqui era cuidadinho essa casinha aqui.  
-pó virar aqui.

Chegamos no terreiro da casa onde Tião morou. Descemos do carro e andamos um pouco pelo terreiro. Uma casa pequena, com pastos em volta Foi uma visita rápida. O lugar é uma grota bem escondidinha



“Aí nessa casinha eu morei dois anos, aqui nessa casinha” (Farinhada).

Foto: Pedro Henrique

GP – pó descer?

SF – pode. Morei dois anos aqui nessa...

GP – aqui morou quantos irmãos?

SF - Aqui já tava... tava... tava os nove em casa. As três... o Mauri já tinha casado tava em São Gonçalo, aí o compadre Fernando tinha ido pra São Gonçalo, o Itamar e a Aparecida tava no Norte... não aqui foram os oito. A Penha, a Marta ficou um tempo depois voltou pra Carangola. A Regina e nós com a molecada pequena, Silvio, Mariano, Toninho, tudo pequenininho aí, e aí nós, os meninos desde pequeno né aprenderam... o Silvio aprendeu a trabalhar na roça aí já com sete, oito anos de idade, aprendeu a trabalhar aí nessa lavoura. E aqui foi onde eu comecei a ter essas consciências políticas né. Nós morava numa fazenda que o cara era prefeito, coronel, mandava em tudo e aí agente começa a ter os questionamento. E esses colega meu, sobre tudo o Wilson Costa, é inimigo, a família dele e inimiga política do Jorge Luiz né! E aí assim, acaba que essas coisas toda vinha a toma nos debate de grupo né. Quando agente tava debatendo as questões no grupo de jovens aí vinha a tona a questão da política. E ali eu lembro que ele já questionava ali:

**-você mora lá na fazenda do coronel.**

Então agente participava dessas coisas mais já assim né é... com aquele certo receio de falar o que que tava fazendo, e ocê começa a entender né. Porque existe o explorado e o explorador. E um fato assim interessante, aqui teve uma eleição, que foi a eleição de 89, aí o pessoal

pediu, se eu e mais meu irmão podia ir lá pra sede daquela fazenda, pra ajudar lá no dia a servir comida pro povo, e chegou 4 ônibus de gente de madrugada do estado do Rio de Janeiro, aquela região de Santa Clara e tudo, em torno assim de 180 a 200 pessoas foi que decidiu a eleição, tudo gente com título de outro Estado. Isso aqui na Caiana era muito comum. Tanto que aqui teve, teve que fazer recadastramento de título por volta de 2000, 2002 né. Teve que fazer recadastramento, aqui chego a te eleição que o número de votos no município era maior que o número de pessoas. Então desde o começo da minha caminhada, sempre foi muito... eu convivi muito com isso sabe, de vê essas maracutaia sendo feita né. Pois é, é isso aí.

-podemo ir? Por que nós temos muito chão pela frente.

GP – vão bora. (já indo pro carro, Tião para, nos convida a voltarmos e conta um caso)

as lembranças vão tomando conta da pesquisa... onde começo a entender que não tenho controle sobre o objeto, se é que ele existiu um dia... por mais que agente fale dele, ter uma linha de raciocínio para a formação das memórias de farinha. E a memória não larga farinha e vice-versa. (minhas anotações de campo)

SF – aí um dia Padero, tinha um fogãozinho de lenha aqui, eu acordei bem tarde e num podia perder dia... agente num podia perder dia de serviço... aí de manhã cedo rapaz, eu num, não tinha fogão a gás naquela época né, e aí naquele aperto rapaiz num dava mais tempo de fazer almoço, **a mãe mexeu**, achou uma brasinha,

Olha só Tião, sua mãe já ssoprava as brasas. Será que ela ensinou isso pro João Resende?

(minhas anotações de campo)

pegou um vidro de perfume, espirrou com a palha, pegou fogo e cozinhou só um macarrão branco, pus na marmitta e descí vazado por aqui abaixo até chegar naquele ponto pra pegar o caminhão pra... pra... num podia perder um dia de serviço. E o dia de serviço era muito barato né. O dia de serviço era pra comprar uma sacola de arroz. Mas nós tinha uma vargensinha nesse brejo que nós plantava um arroizim, mas num dava pro ano inteiro né. E aí mais ou menos no meiado desse ano, aí que que o pai fez, ele foi pra São Gonçalo. Aí os meninos que tava lá... aí os meninos mais velhos que tava morando lá... aí ele foi pra São Gonçalo, arrumou

um serviço lá e plantou umas roça. Por que isso aqui o terreno é meio fraco, por que essa lavoura tem tudo que ocê roda aí tem túnel feito pra mineração. Aqui nessa região, nesse morro aí, na cabeça desse morro já foi toda tombada pra tirar caulim e malacacheta né, que é a mica. Aí ele foi pra São Gonçalo e aí eu fiquei em casa, o mais velho dos homens né, fazer aquela colheita e depois agente ir pra São Gonçalo. E aí na volta agente vai passar lá nessa... aí a mudança sai daqui, cachorro, gato, porco né, mudança de pobre era isso né e faz esse caminho que agente fez né, desce passa dentro de Espera Feliz e vai pra São Gonçalo. E pra chegar aqui aí é a rota que nós vão fazer agora. A próxima parada nossa vai ser no Aterro Grande.

GP – que é antes daqui?

SF – que é antes daqui. Que nós vem de Divino pra lá, e dali pra qui, e daqui pra São Gonçalo. E de São Gonçalo que agente vem pra região do Paraíso e pro Assentamento Padre Jêsus lá praquelas bandas que nós tão (risadas) é moço é tudo que nós são! É uma vortinha boa.

P – aqui é município de Caiana ainda?

SF – aqui é Caiana.

GP – como chama esse lugar mesmo?

SF – Córrego do Camilão. Aí ó, ali em cima ali, eles fizeram até uma casinha ali. Ali que nós fizemo a tal da Zorra. Lembra que cê postou um negócio:

-cê já viu o povo brincar disso?

Um toco, aí cê põe um pau em cima daquele toco, uma Embaúba e fica rodando...

GP – sim, sim

SF – tipo aquele maçarico de fazer casa, de fazer barro. Aqui nesse cantinho eu vivi as primeiras angústias de apaixonar e num ser correspondido

TODOS - risadas

SF – muitas noites sem dormir assim... pensando naquilo... o que ia fazer... aí que que agente ia fazer?! (risos) Chegava meio angustiada, o pai sempre teve cachaça em casa né, agente chegava meio aborrecido da vida, aí num tomava cachaça pura não, fazia caipirinha (risos), aquela caipirinha de copo né: cachaça, água, limão e açúcar

GP – rapidinho ali

SF – mexia com a colher e já dava uma ondinha né (risadas). Tomava menta, essas bebidas de vagabunda né, menta, assa-peixe... Córrego Camilão... isso aqui era bem cuidadim rapaiz,

era um sítio assim bem cuidadinho sabe, as pastagem limpinha. E aqui agente tinha uma certa independência né, agente mora na fazenda desse cara aí, trabalhava pra ele e aqui ficava uns gado e tudo, e aí teve uma ocasião que a minha irmã mais velha ficou doente, e aí as meninas teve que vim pra cá, hoje elas já são grandes tão em São Paulo, já são mães, minhas sobrinhas mais velhas, aí o fazendeiro chegou e falou com pai assim ó:

-vou levar duas vacas pra lá, cês cuidar e dar leite pra essas meninas.

Ele tinha os defeito que ele tinha como qualquer ser humano, mas tinha também esse lado. Um dos vaqueiros da fazenda que eu trabalhei com ele, João Rosa, depois a Penha, a minha irmã até morou com esse cara uns cinco ou seis anos, esse cara era... era macumbeiro, macumbeiro daqueles cara de... barra pesada, respeitado. E sexta feira ele usava chapéu preto, calça preta, meia preta, cueca preta, camisa preta e uma capa preta e saía num cavalo preto.

T – Nossa Senhora!

SF – É. E quando ele tava no auge do terreiro dele, dizem que ele atendia, em dia de atendimento dele, diz que atendia em média de 200 a 300 pessoas. Tinha anel de ouro, cordão de ouro, pulseira de prata

GP – sabe quais entidades ele trabalhava?

SF – não. Conversei muito com ele mas num tive essa curiosidade de... de, de, de... de... de... saber quem que era o guia dele. E aí sô, ele... então era um cara muito respeitado né com esse trabalho, com esse terreiro, e aí ele aceitava né, o povo chegava lá e:

-oh João Rosa?

Chamava João Rosa

-eu tô precisando disso e assim

Sabe!?

-ah, tô querendo a mulher do fulano!

Ele dava um jeito e fazia a mulher do cara dar pro sujeito entendeu. E foi fazendo esses trem cara e foi fazendo esses covardia. Atendia esses tipos de coisa né. As maldade. E aí começou a acontecer, a mulher dele traiu ele, as filhas dele tudo bandiou cada uma foi prum canto e foi até que o terreiro de desfez e ele acabou com tudo né. Era um cara que tinha uma certa... que tava equilibrado, que tinha um terreiro, que recebia por aquilo, o cara voltou a estaca zero e aí eu conheci ele nessa fazenda trabalhando aí. E depois quando ele já tinha separado da minha irmã, aí eu visitei ele, ele já tava bem doente, tremendo assim, aí ele me pediu se

eu podia marcar um dia pra ele ir lá no centro do Jorginho, que é um centro que tem em Espera Feliz. Hoje o cara morreu, nem sei quem tá dando prosseguimento mais, ele precisava de fazer uma consulta lá pros **espírito** liberar ele que ele já tava cansado de viver. Cê sabe comê que é o negócio né. E aí foi que assim, essa questão da religiosidade... que a tia Francisca era da umbanda né. Então eu num tinha noção da dimensão que é esse campo da religiosidade né. Eu via a tia Francisca mais como uma benzedeira, como uma rezadeira, aquela coisa toda ali, o São Jorge, aquela festa que ela fazia pras crianças, tal tal, mas como tinha Nossa Senhora Aparecida, tinha esses santos então... aí ele o João Rosa, o negócio dele: -não, o negócio meu... santo eu até respeito, mas vou direto com fulano, Exu, Exu Caveira, minha relação é direto com essa gente.

E aí ele trabalhava muito com São Cipriano. Inclusive ele tinha, depois que ele morreu num sei que que os irmãos dele fez com aquilo, que ele tinha um irmão mais novo que ele, mas ele tinha um livro de São Cipriano, o capa preta né que é o da magia pesada memo, ele tinha esse livro e eu cheguei algumas vezes ver ele com esse livro na mão, que dali ele tirava as coisas pra fazer o trabalho dele né...

GP – que casinha legal aquela ali...

SF – é. O cara fez mas parece que num tá morando aí. O cara que é dono dessa propriedade aí ele loteou alguns lote aí e o povo fez algumas casa. O cara pôs uma cerca elétrica aqui naquela época que ninguém sabia o que que era cerca elétrica. Aí tinha um menino pescando na beira do córrego e segurou na cerca morreu, ele teve que indenizar a família aí praticamente cabou com tudo ali. Cabou com tudo ali...

GP – é... o começo de sua participação lá no grupo de jovens você já... o debate... pelo o que eu escuto, parece que o debate que te trouxe pra luta, que te mobilizou assim foi a questão da terra?

SF – exatamente. Foi a questão da terra. Por que até então agente era influenciado pelas campanhas da fraternidade que sempre provocava né, e até hoje provoca, a última campanha foi sobre os biomas né, que foi desse ano. E aí fala da questão do... quando fala dos biomas tem que falar do povo que existe ali naqueles biomas né. Então desde do começo ouvindo esses temas e conversando sobre eles aí assim sempre me indignou essa coisa da terra e essa questão do direito né. Essa questão sempre foi muito forte. A questão da terra e a questão do direito

GP – e nesse debate da questão da terra qual era o cerne da questão, o que estava em jogo ali?

SF – nessa época o povo ainda tinha muito medo de reforma agrária né. É... tava surgindo o MST, já tinha matado o padre Josino que lutava pela reforma agrária, ouvia anunciar a morte dele no rádio, já tinha matado Chico Mendes que era o cara do sindicato, que era ecologista né. Já tinha uma coisa assim muito favorável pros fazendeiros atacar agente né:

-ó mexeu com essas questões cês sabem o fim que tem sindicalista!

E várias vezes eu... alguns colegas, amigos meu me aconselhou a não mexer com sindicato:

-mexe com esse trem não rapaiz! Fica só com os trabalhos de igreja.

Que agente participava dos grupo de jovens, participava daquelas coisa bacana ali da igreja né mas... acabava... o fato dagente ler o texto e o contexto acabava provocando agente pra questão social.

-Aqui tinha uma venda, tem até hoje né, é chamada a venda do seu Arlindo, era uma casa de teia ternite, aí algumas coisas que agente precisava que num tinha em casa eu vinha comprava aqui. Às vezes acabava a gordura

-nós vão virar pra cá

Eu vinha aqui e comprava pacote de banha, comprava um macarrão, as vezes dia de domingo né precisava de comprar alguma coisa, comprar um salame agente vinha nessa vendinha aí e comprava. E aqui chama Barro Branco. Essa comunidade que nós tão passando chama Barro Branco. E aí nesse Barro Branco quando o pai foi ver aquela colocação onde agente foi agora aí nós morava no córrego do lado de lá do morro e viemo a pé

GP – colocação é o que?

SF – colocação é casa! Lugar pra morar.

GP – sim.

-ah, cê tem uma colocação pra mim?

SF – colocação significa que cê tem uma casa né, um lugar que cê arruma pro cara morar. Aqui quando pai foi ver aquele lugar ali aí nós viemos a pé. Dá uns 12 a 15 quilômetros o trecho que agente fez a pé passando por cima aqui. Eu já tinha vindo uma vez a pé em Caiana com colega meu, Wanderlei, aí nós saímos de lá desse Córrego da Lajinha, viramos ali nesse Córrego do Munho, passamos por aqui a pé, e fomo até a Caiana chegamo lá e tomamos café na casa de uma veia chamada Dona Dudu, aí foi quando eu fui em Espera Feliz pela primeira

vez, que o cara tinha que ir lá comprar um remédio pra Dona e tinha um fusquinha aí ele foi lá e comprou... ele foi lá e... aí nós foi lá com ele lá na Caiana, ó em Espera Feliz compramo, voltamo, tomamos um café de volta e descemos a pé por aqui a baixo nesse caminho que nós tão fazeno até chegar lá de novo na casa que nós morava, em torno de uns... a volta dava em torno de uns 15 quilômetros. Coisas assim de uns 35, 40 quilômetros por dia a pé agente andava de boa assim

-e essa aqui é a entrada do Córrego do Munho. Nós num vamo entrar aqui não. Vamo continuar.

Aí nesse Córrego do Munho aqui lá em cima, na cabeceira do Córrego do Munho, era onde morava a família do Bim

GP – tem muita mata aí né

SF – aí quando eu desci ali, quando nós descemo, nós passamos em frente a casa aí Dona Ana e Seu Luiz tava, os menino tudo pequeno, acho que o Bim nem era nascido ainda ou tinha? o Bim tá com 27... é acho que o Bim divia ser neném de colo né. Aí tomamo uma água, conversamo um pouquim e nos tornamo muito amigo, os menino, quando agente morava lá, aí os meninos vieram estudar nessa escolinha, estudaram com Bim, com os irmão dele.

-nessa escolinha aqui ó. O padroeiro dessa comunidade chama São Pedro. Aqui é Pedro de Oliveira que são os avós do Léo, <sup>49</sup>professor Léo. Isso aqui é o território deles. Isso aqui é o territórios deles, do avô do Leo

GP – esse lugar chama Pedro de Oliveira?

SF – é. Aqui é a fazenda Pedro de Oliveira. Fazenda Pedro de Oliveira que são dos avós do Leo.

GP – nessa escolinha você chegou a estudar nela?

SF – não. Eu só estudei... eu vou te mostrar mais pra frente a escolinha que eu estudei.

GP – aqui é a escola. Parente do Pedro de Oliveira.

SF – isso. Que são os tios do Léo, são os primos... e nessa casa mora Dona Ana mãe do Bim. Dona Ana Mora aí. Mora aí a vida inteira, eles tem uma chácara...

<sup>49</sup>Professor Leonardo Carneiro da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Uma importante liderança dos movimentos quilombolas nas Zonas das Matas. Realiza na UFJF o Kizomba na Mata, um encontro de povos negros e quilomboas da região

GP – que mata bonita essa aqui

SF – a família do Bim tinha que ser indenizada né.

GP – o bolsa verde né. Por que tem essa mata aqui tão preservada, num virou café? Que proteção que ela tem que tá de pé até hoje?

SF – é uma mata antiga né, é uma das poucas que resistiu nesse corredor aqui.

Então, aí até naquele local da venda ali, aí nós deixamos a linha do trem de ferro, que ali era a linha de trem de ferro que liga a Carangola, ali nós deixamos a linha. Mas pra frente tem uma outra fazenda lá, que agente morava cá em cima mas trabalhava na fazenda de lá que era do mesmo dono. Quando agente tinha que ir a Carangola agente fazia esse trecho aqui, de bicicleta, já fiz a pé também, tem muita juçara nessa mata.

GP – então cês eram rodiados, uma fazenda ligada na outra

SF – uma fazenda ligada na outra.

GP – e aqui também filha de um casava com filho de outro... fazendeiro com fazendeiro...

SF – essas misturas. Fazendeiro com fazendeiro. Aquela forma das herança ficar

GP – e vocês ali no...

SF – nós ali no fogo cruzado! Convivendo com esses barril de pólvora né.

GP – mas uma coisa que me fica na cabeça: vocês foram pro grupo de jovens fazer essas formações, quer dizer, vocês já estavam em luta já, já estavam em...

SF – é. É o começo da luta é ali né. Que agente começa a entender a questão do direito né, que tinha que ter contrato de parceria, e essas coisas todas nessas fazendas num tinha né. O povo trabalhava assim né, sem nada né. Sem direito a nada.

GP – e agente andou ali no Córrego Camilão, cê foi mostrando as casas todas abandonadas. O povo foi embora.

SF – o povo foi embora

GP – e o café tá

SF – as lavouras muito ruim, muito degradada

GP – qual é sua análise dessa luta? Num tá dando resultado, o povo tá indo embora? Os fazendeiros são muito poderosos ainda...

SF – ali aconteceu o seguinte: ali o fato do... aconteceu que aquele fazendeiro ali, por causa dos conflitos que eles envolveram com a questão da política, ter sido preso em exercício de mandato, a polícia federal prendeu nos começo dos anos 1990 ali vários carros, carros de

luxo, cestas básicas sabe, prendeu... os caras ficaram desmoralizados, quebrados, sem ter como investir na propriedade e foi onde o povo foi indo embora. Então assim a fazenda, quando agente chegar lá em São Gonçalo, a fazenda que nós moramos que era a coisa mais linda do mundo, cê olha assim as casa cheia de gente, aqueles trem tudo, as lavouras tudo produzindo e hoje cê vê o troço degradado, as casa veia caindo, as fazenda tudo torta... por que isso é fruto muito disso né. Hoje de manhã eu até falei com a comadre Bethi:

-aqui se faz, aqui se paga!

Então assim, esses fazendeiros todos foram muito ruim! Por que isso cê pega um Brasil pós escravidão né. Esses fazendeiros da década de 1950 pra cá... quer dizer já tem mais de 50 anos que acabou a escravidão mas o cara continua ali, sustentando e morando quase que de favor nas fazenda. Então a tendência do povo com a passagem do tempo é migrar. Vazar fora. Algumas delas foram retalhadas e viraram pequenas propriedades né

-aqui. Aqui também era fazenda de um cara poderoso. Fazenda de um cara poderoso.

Nós tentamos comprar. A primeira área em vista pra comprar por crédito fundiário foi essa fazenda aqui, mas aí depois deu rolo na herança.

P – como chama essa área aqui Farinhada?

SF – aqui ainda é Barro Branco. Chama fazenda do Mauricinho. Fazenda do Mauricinho, foi a primeira área que agente começou a olhar pro crédito fundiário<sup>50</sup>. Muita mata. E aqui nós começamos a sonhar que era o lugar propício pra fazer a escola família, aqui é um lugar bonito entendeu, terra muito fértil, terra muito boa. Isso aqui já foi uma potência assim de gente morando e tal. Mas os filhos que vão herdando não vão mantendo a mesma sequência... tem um ditado popular que diz né: o pai rouba, o filho herda, e o neto morre na merda. E a maioria dessas fazendas grandes hoje tá na mãos do neto que já pôs tudo fora. Pra eles num muita significação manter. E os tempos são diferentes né. Os tempos são diferente.

GP – mas o que eu tô matutando aqui... se ocê consegue ver essa região sua com algum fruto dessa sua luta dessa sua geração. O que que você poderia identificar? Aqui ó, conquista nossa, conquista da luta. Primeiro vamos nas conquistas. O que valeu a pena?

<sup>50</sup> As terras escolhidas para acesso ao crédito fundiário são onde se encontra o Assentamento Padre Jesus em Espera Feliz.

## SINDICALISMO

**SF – Caiana não tinha sindicato. O Sindicato era de Espera Feliz pra atender quatro** município: Caiana, Caparaó e Alto Caparaó. Eu ajudei a fundar o sindicato de Caiana, fomos em tudo quanto é comunidade, visitamos tudo quanto é família, tudo quanto é lugar, cadastrando o povo, falando da importância do povo sindicalizar pra criar o sindicato de Caiana. O sindicato hoje é um sindicato bom, um sindicato estruturado. Ninguém tinha contrato de parceria nessas fazendas, tinha uns fazendeiros aí que queria ver a nossa caveira, mas num podia proibir também a entrada nossa nas fazendas. Aqui o povo trabalhava de forma irregular agente fazia as denúncias os fiscais da justiça do trabalho vinha e multava os fazendeiros. Então o negócio rendeu muito sabe, pros cara assinar carteira, fazer contrato de safra, assinar carteira, tudo isso foi fruto do nosso trabalho. É isso que eu te falo, por exemplo, é a Caiana que sempre foi dominada por esses coronéis de tradição né dos fazendeiros e tudo é uma cidade que foi passando por várias transformações, inclusive no campo da política. Por exemplo o Vivi que era um colega meu desde essa época, que era um cara que foi perseguido por essa gente toda aí, ele sai de Caiana vai estudar em Juiz de Fora, forma em laticínio que essa região é uma região que tem uma vocação pra questão do gado de leite, ele forma em laticínio volta pra Caiana e começa a trabalhar em Caiana e chega a montar um negocio pra ele em Caiana nesta área do leite aí esse Jorge Luiz faz uma sacanagem com ele e expulsa ele daí ameaça de morte e tudo. Nessa ocasião o prefeito era tio dele, seu Adílio, mas era um fazendeiro um coronel que depois acabou em nada também e tudo. E quando já vem nos anos 2000 o Vivi vira prefeito de Caiana sabe, foi vice, foi prefeito. Então assim, muita coisa deu uma transformada. Se ocê falasse que era PT aqui em Caiana... o Lula, eu lembro que na campanha de 1989, os panfleto do Lula era preto e branco. Tinha uma ou duas casas assim que você via, tinha a casa do Vivi, tinha do Pedro né, do Pedro dentista que é cunhado dele, no mais era só mesmo Brizola e Color de Melo (risos). Brizola e Color de Melo. Essa eleição de 1989 foi a última eleição casada que elegia prefeito é... um voto cê votava pra Prefeito, pra Vereador, cê votava pra Governador, Deputado Federal, Deputado Estadual, pra Presidente e pra Senador, essa de 89. Aí tava eu me irmão lá com as bandejinhas de carne pra servir o povo assim. E vendo esses movimentos né. O seu Jorge eu lembro de chegar lá na fazenda no dia de acertar... eu trabalhava a semana inteira, aí no sábado duas

horas da tarde fazia aquela fila de gente pra pagar e na época do horário de verão ele falava assim ó:

-se ocês quiser ganhar um dinherim a mais pode parar cinco horas da tarde que o sol ainda tá quente.

Aí chegava lá pra acertar ele abria uma mala de dinheiro assim em cima do balcãozinho assim e já tinha contadim o dinheiro da semana né e tinha os amiúdo pra pagar as hora

Fazendeiro - cê trabalhou quantas horas?

-eu trabalhei oito hora

Fazendeiro - então dá o valor de um dia

-eu trabalhei tantas hora

Fazendeiro - ah, fica por isso mesmo!

É único cara assim, fazendeiro, que eu... num vô falar que ele era bão não, que num existe fazendeiro bão, mas era o único cara assim que esses detalhezinho de horinha assim ele num contava não. Se o cara pegasse dez horas e trabalhava dez horas pra trás ele pagava o dia, se ele parasse meio dia ele pagava o dia, isso eu num vi em outro fazendeiro nenhum, até hoje eu nunca vi em fazendeiro nenhum. Ele num rasgava muito pra esse trem não. Por que dinheiro pra eles era coisa boba. Naquela época as vacas dele era coisa absurda né, preço loco.

-aqui nós já tá no município de Carangola. Aqui nós vão descer a chamada Serra do Carangola. Que é uma serra muito puxada.

Eu descendo de bicicleta aqui uma vez quando eu cheguei lá embaixo as pratinha do freio tava saindo fumaça. Isso aqui é a Serra do Carangola

GP – e dessa época, desse início de formação né, que que você identifica como falha da luta, falha do movimento? Aquilo que não deu certo.

SF – **eu acho que agente começou errar nesse processo da luta a partir do momento que agente não priorizou mais o trabalho de formação de base.** Aí os quadros foram virando liderança, foram ocupando os cargos de ponta e deixa de... dá aquela descuidada sabe. De tá ali no dia-a-dia no trabalho de base. Por que nós nessa época, nós todo dia tava numa comunidade diferente, todo final de semana nós tava numa atividade, numa comunidade diferente né, fazendo uma reunião ou outra, outra hora indo pra Belo Horizonte indo pra

Escola Sindical, hoje em dia o povo passa dois três meses sem fazer uma formação. Em alguns lugar passa é dois a três anos

-então aqui nós tão descendo a Serra, a chamada Serra do Carangola.

GP – bonito em!

SF – isso aqui descia aqueles ônibus veio, aqueles ônibus da cabine... aqueles ônibus antigo descia isso aqui cheio de gente. Aí tem uma história triste que o ônibus tomba aí pra baixo e morre várias pessoas, uma tragédia assim muito famosa, isso aconteceu há mais de 40 anos tem gente que fala nisso até hoje.

...

-então, dá uma paradinha aqui. Só te mostrar, tá vendo uma estradinha lá na frente, tem um bananal, na grotta aqui

GP – essa que faz a curvinha?

SF – é, por cima, do lado de lá tem uma canavieira. Lá chama Córrego da Lajinha. Então agente veio de Divino pra quele Córrego ali. Uma casinha naquele buraco ali. E aí a estrada que agente fazia a pé por cima ali ó pra sair lá no Córrego Camilão. Entendeu a lógica dos trecho. Ali eu cheguei com 11 anos de idade né. Ali foi as primeiras impressão do diferente, de conviver com o diferente. Até então tinha nascido num lugar e vivido ali a vida toda né. Aí cê chega cê num tem mais os amigos de infância (risos), cê tem que fazer novas amizades...

Então nós tão descendo a Serra do Carangola. Essa pastagem toda que nós tão vendo aqui ó pertence a uma família chamada Zé Neto, nós vão passar lá, depois de Divino né, uma fazenda de um dos primo dele que é neto também, que é onde meu bisavô morou, que diz que até hoje tá lá a senzala só que ninguém entra né mas tá lá até hoje. Tem um afilhado meu que trabalhou ele falou comigo:

-não, as coisas tão tudo dentro do casarão.

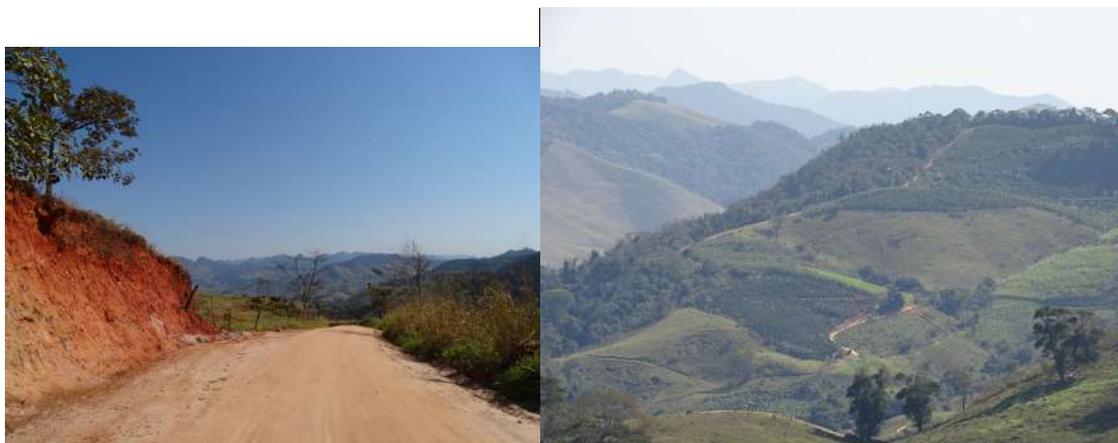
Uma das melhores cachaças da região é feita aqui em baixo aqui, nós vão passar na porta do alambique. Que é a cachaça do Zé Neto.

GP – e quando você via uma paisagem dessas na sua infância, adolescência?

SF – (risos) ah moço era muito louco. Por que lá do Córrego da Lajinha, agora dizem que até mais bonito lá, de lá dava pra ver o asfalto de Farias Lemos lá em baixo e a noite como praticamente não tinha energia elétrica em lugar nenhum, agente via os farol do carro:

-olha lá Farias Lemos!

GP – rapaz que lugar bonito!



Vistas da Serra do Carangola  
Fotos: Pedro Henrique

SF- e isso aqui é uma terra muito mística, uma terra de muita história aqui, de muito sofrimento aqui né, de tráfico de gente

GP – pode descer um pouquinho?

SF – pode. Aqui tem um meio mirante aqui. O engenho é ali ó. Aqui era região de engenho na verdade né Padero. Aqui o Zé Neto fazedor de cachaça, lá na frente e o engenho dos Toledo, esses Toledo é família de gente que até hoje eles tão no ramo da cachaça né, a charmosa é desse povo, e foi um lugar que eu mais vi concentração de negro na minha vida, na década de 80 foi nessa fazenda, fazenda do Zé Toledo, que um dia conversando com a minha avó, aí ela falou que o sogro dela que era Felício moro também nessa fazenda como lambiqueiro né de... de cachaça e aqui tem uma igreja ali, nois vinha naquela igreja ali reza terço, pra nois era muita diversão né. Na fase da adolescência, cê fica enrabichado com as meninas né, (risos) e aí não tinha distancia não cara.

-ah tem uma reza em tal lugar assim, tem o terço.

Aí nós ia, ia a pé ia de bicicleta né. E era uma época muito, muito diferente, porque os valores hoje são outros né. Nós sai lá do Córrego da Lajinha pra vim aqui, a pé, era em torno de uns

35, 40 minutos, pra nois era a maior diversão fazer isso a noite né, era maior diversão. E aqui em baixo né, descendo aqui nós vão passa ali do lado, volta pra linha de ferro que é Cataguazes-Leopoldina, que ela vai serpenteando aqui oh, passo lá no município de Faria Lemos, ela vai serpenteando, fazendo isso aqui, aí chega Carangola, vai serpentear aqui oh, vai lá em Tombos, aquela pedreira lá na frente lá, aquela pedra bonita lá na frente é a pedra Elefantina, tá no município de Porciúncula, aí a linha vai serpentear por ali, passar no município de Eugenópolis, passa Muriaé e vai de novo rodando até chegar Rio de Janeiro, vai em Cataguases e Leopoldina, por isso que chama Cataguases-Leopoldina. Aquela região que é chamado norte do Rio de Janeiro, que é a região agricultável primeiro né. Que a maioria dos povos que subiram pra nossa região, vieram praticamente dessas fazendas que eram fazendas de café dessas encostas ai do Rio de Janeiro né. Aqui nós tão, nós deve tá 180 km de Campos do Rio de Janeiro, nós tão pertinho do povo, do Jongo da Serrinha né. Nós tamo na divisa do Rio aqui **Espírito** Santo, Rio de Janeiro. Ai essas fazendas, essas fazendas daqui da região elas são fazendas primeiro de cana pra depois se torna fazenda agricultável de café ou de outras roças né. A maioria são fazendas, são fazenda de cana. E o Laticínio Doutor Juarez né, que tem um Laticínio famoso né, do que queijo Marília, deve ter coisas de 80 anos né esse laticínio. E essa estrada, era estrada que descia os caminhão de leite, acabou a linha de ônibus e quando alguém tinha que ir pra Carangola aí tinha que pegar a leiteira, o povo saia desse caminhão, eu várias vezes desci essa serra aqui no mei das lata de leite né. Descia até ali em baixo, ali espera um outro que vinha de lá, pra descer por aqui, então andei muito de leiteira né que o povo fala né. Por que não tinha ônibus pra fazer as linha, aí era essas leiteira que fazia. E ai esse povo levava pro laticínio do doutor Juarez, que é um cara famoso, foi prefeito né, um cara muito rico ai na região né. E hoje as coisas, a empresa praticamente não existe mais da forma que, da forma que era né. Tudo tem de mudar né, e essas... essas transformações e essas mudanças, elas foram muito interessantes, porque essas grandes fazendas, hoje praticamente, que virou propriedades de herdeiros, aonde você vê que tá desdeixado é porque quem recebeu herança não cultivo, mais aqui ainda é uma região que tem pouca agricultura familiar, poucas propriedades pequenas, quem tem propriedade pequena tá encurralado né, no meio dos cara ou é cana ou é o boi branco, o povo acabo, sempre teve gado né mais de uns tempo pra cá, essa região mesmo, essa parte do município de Carangola não é uma região muito agricultável. Por exemplo, eu desde que eu conheço

essa região, a mais de 30 anos praticamente nunca foi uma região agricultável forte assim. É uma terra muito boa, produz muito milho muito feijão, mais a prioridade sempre foi cana e o gado, o gado leiteiro.

P – é bonito viu!

SF – é bonito. Quando eu faço esse caminho a pé saio por lá e do essa volta eu desço por aqui ó. O trilho... é acho que o trilho é por aqui memo, ou aqui ou mais ali. Sei que agente descia pra aqui pra baixo nós descia aqui de noite, passando perto da igrejinha pegamo a linha de trem e voltamo de novo. Pegamo a linha e voltamos

P – aqui agente ta na divisa de Rio e **Espírito** Santo, que você falou?

F – tá na divisa do Rio e do **Espírito** Santo, aqui essa parte de cá aqui é onde encontra os municípios, tem um lugar chamado três Estados que é onde, e um rio, na verdade são os três rios né, tem uma cidade que chama Três Rios, que ela pertence ao Rio de Janeiro, que é onde encontra os três rios né. E corre pro Paraíba do Sul, é muito loco né, você imagina que uma parte do Caparaó corre pro Rio Doce, e uma parte do Caparaó, uma parte do Caparaó corta pro Rio Doce e vai pro Espirito Santo e uma parte do Caparaó corre pro Rio de Janeiro e vai pro Paraíba do Sul que vai pra São Paulo. (risos) é uma loucura.

P – você tava falando da migração do povo né, que veio ali do...

F – É, desse norte do Rio de Janeiro pra cá

P – é esse povo é o povo negro?

## POVO NEGRO E CULTURA POPULAR

**F – Povo negro. Povo negro. Que muita gente volta depois pro Rio de Janeiro, você pode,** essa região mesmo quase todo mundo tem um tio uma tia, um primo morando no morando no Rio de Janeiro. É pra você ter uma ideia a questão da ligação com o Rio é tão forte nessa região que você tem em Espera Feliz dois horários de ônibus, que sai de Espera Feliz e vai pro Rio de Janeiro, sai meio dia e cinco horas da tarde. Carangola cê tem dois horários de ônibus que vai, que sai de Carangola e vai pro Rio de Janeiro, vai e volta cheio de gente. Cê tem saindo de Manhumirim dois horários, saindo de Manhauçu dois horários. A ligação desse povo aqui com o Rio de Janeiro sempre foi muito forte. É quando, quando eu num vô sabe de mais ou menos época, mais assim pra gente ter mais ou menos uma noção, é quando em Volta

Redonda aquela empresa metalúrgica e começo a crescer a criar fama, ai acontece uma migração muito forte de gente dessa região indo trabalhar em Volta Redonda na... come que chama a empresa gente? Uma dessas siderúrgica ai

P – CSN?

F – É, aí é onde acontece o maior número de migração né. Pro Rio de Janeiro. E depois já na década de 1990 pra 2000 o povo começa a migração de novo para trabalhar em Macaé, que aí foi... foi a mais forte desse período dos finais dos anos 90 pra 2000. Por exemplo você tem o município de Divino tem cidade, tem rua inteira em Macaé que é morador de Divino né, e dessa região de Carangola e tudo, pra trabalhar nessas empresas .

P – e aqui, quais lutas do povo negro você identifica aqui? Como que é a... como você identifica a cultura negra aqui nesse, nesse lugar?

F – Uai, aqui eu conheci Dona Ivone que era uma negra professora, era a única figura assim que fazia um movimento aí né, uma quadrilha, fazia umas dança, os Caboclinho, aí colocava as filha dela pra dança. O povo conta que antigamente nas fazendas do Zé Toledo né, coisas assim de muito tempo atrás, é tinha... o povo fazia, esse povo negro fazia as festas né. Tem uma comunidade que chama Santa Bárbara, eu cheguei a ir numas festinhas dessa igreja, Santa Bárbara, e ai o povo fazia as festas ali, tinha, tinha, que aqui pelo fato de tá muito próximo de Porciúncula, Faria Lemos e tudo, então tinha, tinha um grupo de Jongo aí, eu não cheguei a conhece, eu num lembro desse povo, eu não cheguei a conhecer ninguém mais na fazenda do Zé Toledo tinha Jongo né. Eu acredito que esse povo, é o povo que migrou pro bairro Santo Onofre né, que e aquele jongo lá que agente conheceu da dona Maria né, conheci o sô Antônio ele moro na Conceição, trabalhou muito na roça com meu avô que era desse grupo. Então esse, esse... essas fazendas né, todas elas certamente, o jongo e o caxambu era a diversão do povo nos finais de semana. Eu cheguei a conhecer a dona Ivone, que era uma figura bem relacionada com as coisas da cultura, mais já fazendo isso, já naquele tempo, fazia as quadrilhas, fazia a dança dos Pastorinho, foram as únicas coisas assim que eu consegui identificar. E os cantador de **calango** né, tinha o sô Levi que tocava sanfoninha, cantava uns **calango** né. É uma coisa que era muito forte nessa região que tinha, naquele tempo tinha aqueles campim de roça né. Então dia de domingo aquele sol quente, cê passava se via o povo na beira do campo, brincando, jogando bola, aqui tinha vários aqui nessa região, que

era uma das atrações do povo né. Como domingo era livre, então a diversão que o povo tinha era jogar bola nesses campim de roça...

No mapa do Estado isso aqui é estrada asfaltada. Aqui ligava Carangola Espera Feliz

O **Calango** tá muito próximo do Jongó né, aí num dos versos que ele cantava, ele falava na linha do A né:

(Canta)

Se você jogar pra mim eu pego  
 Vou jogar pro cê pegar  
 Tira a pedra Elefantina  
 E muda ela do lugar

Que é aquela pedra lá né. Que isso aí na trova o cara tinha que responder né:

- pô o cara é valente mesmo né! Tirou a pera Elefantina e mudou ela de lugar.

Então cê tinha que vim com um repente depois ou pra dizer pro cara que ele num tinha poder pra fazer ou realmente tirar o chapéu pra ele né. A lógica do Jongó e do **Calango** é essa né  
 GP – essa estrada liga a qual cidade lá em baixo?

SF – Carangola. Carangola deve estar a nove quilômetros aqui passando seguindo essa estrada, só que nós vão virar pro outro lado

...

(Voltamos para o carro e descemos mais um pouco a serra de Carangola)

GP – e da suas formações lá no grupo de jovens, dessas figuras que você trouxe aí, que são seus formadores, cê sai do grupo de jovens e cai na luta dos sindicatos

SF – exatamente. O meu passo é o sindicato.

GP – e funda sindicatos?

SF – não, já tinha os sindicatos. O sindicato foi criado em 1986.

GP – você participou da fundação deles

SF – Caiana, Caparaó e Alto Caparaó tudo, tudo, tudo, tudo. Fiz o... de Alto Jequitibá também. Fiz a ata, fiz o processo normal pra criação desses sindicatos. Tudo que tem que fazer. E eu contribui nesse período. Isso é finalzinho dos anos 90 pros anos 2000 né. Primeiro nós fizemos a luta de criar uma sub-cede que era pra poder atender os trabalhadores lá, que

aí nós fizemos isso aí por volta de 1998, 1997 a 1998, criar a subcede pra depois criar o sindicato. Aí pros sindicatos ter ali como referência um lugar pra atender os trabalhadores, aquela coisa toda ali.

-Essa região desde que eu entendo por gente ela sempre foi assim ó: pasto, as beiradas dos morro umas lavourinhas, umas rocinha, mas sempre foi isso aqui entendeu, pelo fato de ser de grandes fazendas os herdeiros não deu conta de... de pegar a terra e transformar em áreas agricultáveis de fato, umas viraram reservas ecológicas em alguns lugares, isso explica por que esse corredor de matas né, porque cabou as áreas mais inclinadas acabou se tornando reservas né. Reservas ecológicas.

GP – e dessa época de sua formação no grupo de jovens

SF – dá uma paradinha aqui. Não, pode parar lá naquela **sombra** lá.

GP – isso aqui é uma estação de trem?

#### EM TRANSITO 1: O QUE O TEMPO CORROÍ

**SF – opa! Tem um trabalho feito ali. Aqui chama Parada General. O trem vindo de Carangola**

fazia a parada aqui, muita gente fazia compra em Carangola e morava nessas grotas aí, demorava uma hora, uma hora e meia pra chegar em casa ainda, mas era a parada. Ela tá abandonada né. Acho que a prefeitura cuida dessa parte aqui, conservou esse telhadinho. E morava o maquinista... e ali é a caixa d'água né. Aqui morava o maquinista quando o trem chegava a água tinha que tá fervendo dentro daquela caixa por que a máquina era tocada a vapor né, cê entende comé que é o negócio? A locomotiva ela num era a diesel, era a vapor aí tinha que colocar...

-vamos até lá mais perto

Aí quando a máquina chegava... aí abastecia com a água fervendo e vai ter outra parada clandestina que deve dar uns 12, uns 14 quilômetro daqui lá, e depois na Caiana outra parada, em Caiana dentro da cidade que o povo acabou com a Estação mas a caixa d'água ainda ficou lá. Isso era diversão pra nós quando criança vim nesses lugares sabe. A linha parou de passar aqui na década de 1970 por ai, e aí... é parou em 70 e eu chego nessa região em 1985, 86, tinha uns lugar que ainda tinha os dormente que o povo não tinha levado. E esse trabalho dessas caixa, amanhã nós vamo passar lá em Alto Jequitibá num túnel procês entender o que

era o trabalho desse povo nessa época. Isso foi feito já no período da escravidão e muita gente que trabalhou né nessas empresas pra fazer isso era gente... tinha o engenheiro mais diz que tinha pessoas com o conhecimento muito além dos engenheiros, porque tem lugar que o povo fez a linha, a estrada, que os engenheiro falou que queria desistir porque não dava pra fazer e essas pessoas assumiram de fazer, que era gente simples memo, esse povo assumiu de fazer e fizeram a estrada. Então aqui chegava a locomotiva, o trem a vapor que era um troço gigantesco né uma máquina que faz um barulho do carai, aí aqui a água já tava fervendo, isso aqui é uma fornalha, a água já tava fervendo ali dentro, ai colocava água na locomotiva e ela acabava de chegar no seu destino onde ela tinha que chegar. É muito bem feito né?

GP – uhum

F – um negócio de loco

P – o que que tá escrito ali, é São Francisco?

F – é. Porque isso aqui depois com o tempo o povo do caminho da luz, esse é o caminho que o povo faz o caminho da luz, aí o povo pego essas... teve um trabalho no município de Caiana, Faria Lemos, o povo mapeou esses pontos, essas estaçõzinhas assim né, como referência, aqui eles colocaram um São Francisco lá na Caiana tem o São João, do Caparaó acho que é o Santo Antônio né, porque aqui é o caminho que o povo faz a pé, sai da lá de Tombos e termina no pico da Bandeira, são 6 dias de caminhada que o povo faz. E a trilha que o povo faz de bicicleta, cê pode vê que tem risco de bicicleta né. Que a galera que anda de bicicleta faz esse caminho

Então estrada de terra, famosa linha de trem né. Famosa linha. E as pedras tudo cortada na mão. Agora o mais interessante que eu sempre admiro muito essa arquitetura, eu fui ver isso lá no Mucuri um túnel muito parecido com o de Alto Jequitibá, os caras cortava na mão num tinha... num tinha máquina hoje que tem pra cortar pedra, hoje tem a serra de cortar, mas cê pode ver que é tudo dentro do esquadro, as pedra são tudo cortada dentro do esquadro, ainda tem as maquinhas lá, ce vai ver que ainda tem as marcas, as pedras são cortadas dentro do esquadro. Isso ai só cai se tiver um terremoto um vulcão

P – e se cair né?

SF – e se cair, então é muito bem feito né!

P – foi na década de 1980 que o trem parou de passar aqui?

SF – o trem parou de passar aqui em 1978 por aí. É um negócio que durou muito pouco né, em torno de 25, 30 aí já veio a ford e tinha que comprar caminhão pra fazer estrada. E acabou (risos). Agora é uma pena né, lá em Barro Branco em Acaiaca, tem uma estação abandonada eu falei com Gilmar:

-cara, comé que um município, comé que um secretário de cultura num consegue compreender a importância que isso tem pra história do lugar e preservar né. São poucas cidades que deram conta de preservar.

-Aqui nós vão virar e nós vão pra lá

GP – Tião vou fazer um clip aqui da estação? Pode ficar aí mesmo.

SF – tá.

(Canto)

Vamos embora gente olha o apito do trem,  
 Vamos seguir a história com a canção brasileira  
 Para que a nossa memória não se acabe em poeira  
 Vamos embora gente olha o apito do trem  
 Vamos seguir a história com a canção brasileira  
 Para que a nossa memória não acabe em poeira  
 Para que a nossa memória não acabe em poeira  
 Vamos embora gente olha o apito do trem  
 Vamos seguir a história com a canção brasileira  
 Para que a nossa memória não acabe em poeira  
 Para que a nossa memória não acabe em poeira  
 O trem de ferro vai fazendo ruco ruco  
 Que vem lá do Pernambuco que demora pra chega  
 O trem de ferro vai fazendo ruco ruco  
 Que vem lá do Pernambuco que demora pra chega  
 Café com pão manteiga não  
 Café com pão manteiga não  
 Café com pão manteiga não  
 Café com pão manteiga não... EHHHHHHHHHH



Fornalha para esquentar água e abastecer o trem a vapor na Parada General

Foto: Pedro Henrique

## EM TRANSITO 2: ATENÇÃO! LONGO TRECHO FALANDO DE ESPIRITUALIDADE, OU, O QUE O TEMPO NÃO CORRÓI

Tem coisas que o tempo corrói  
 tem coisas que o tempo não corrói  
 tem coisa que o tempo expulsa de seu lado  
 tem coisas que o tempo mantém ao seu lado para contemplar o fracasso  
 tem coisas que o tempo cozinha a fogo baixo pra testar a paciência  
 tem coisas que o tempo não deixa morrer, mas deixa agonizando  
 tem coisas que o tempo arranca de pouquinho a pouquinho  
 tem coisas que o tempo coloca frente a frente: o vazio e a conquista  
 tem coisas que o tempo preserva, que o tempo quer ao seu lado  
 tem coisas que o tempo leva pra caminhar, caminhar e caminhar...  
 tem coisas que o tempo derruba para ser carregado  
 tem coisas que o tempo embala, feito mamãe (minhas anotações de campo)

Ao sairmos da estação, que fica em uma encruzilhada que dá sentido a Farias Lemo e Carangola nos deparamos com um despacho.

### **As encruzilhadas elas são comandadas né, por Exu né. E o povo conseguiu na sua trajetória**

manter esse sincretismo forte né. Sobre, sobre quando tem que toma uma decisão, fala:

-eu to na encruzilhada, num sei pra que rumo vou?

E então por isso uma encruzilhada é um ponto de reflexão né. E o despacho feito na encruzilhada, o trabalho feito na encruzilhada é exatamente isso, é alguém que precisa achar um caminho, ou no campo emocional ou no campo financeiro né, ou mesmo no campo espiritual, algum, algum, alguma alma precisando de luz né. Então se faz, por isso a questão

da encruzilhada. E no passado uma das coisas como estratégia do negro, pra cuidar daquele que tinha fugido pra mata, era colocar os despachos na encruzilhadas. Porque esse sincretismo forte? É a encruzilhada tipo meia noite né, rezava a lenda, você num vai na encruzilhada meia noite, o povo tinha medo da encruzilhada, e ali colocava a comida e a bebida pros negro vim pegar e voltar né, voltar pra mata e leva pro quilombo. O fumo né, o cigarro a cachaça, as velas e tantas outras coisas, aquilo né, que necessariamente ele precisava pra, pra chegar. E como tinha história sempre dos negros fugido né, que tava fugindo, então era muito comum né, fazer essas oferendas nas encruzilhadas, mais não era pra alimentar, alimentar o espírito, o espírito não se alimenta de comida né, era pra alimentar mesmo o corpo andante que tava perdido na mata, que precisava de caminhar. E o **espírito** alimenta daquilo que agente alimenta. Por exemplo, se eu como arroz e feijão, eu tô alimentando o meu **espírito** né. Por isso que na umbanda e no candomblé né, quando por exemplo, na linha dos Pretos Velhos né, que os Pretos Velhos chega e pede um charuto porque ele tem saudade daquela época que ele viveu, ele pitava o charuto, ele pitava né o cigarro de palha, por isso que ali você como o interlocutor daquele momento você bebe, você fuma, ela foi pro seu organismo mais ela, mas ela tá ali pra alimenta uma dimensão do espiritual né. É muito interessante isso porque normalmente as pessoas que bebem em trabalho de seção espiritual, eles nem lembram que bebeu. A mãe Nilce, certa vez ela fazendo um jogo pra mim, ela, ela não bebi cachaça, ela não toma cerveja, ela não chega num bar e pede uma cerveja, mais no trabalho a entidade pediu e, ela bebi um copo, bebi dois se for preciso bebi três, bebi uma cerveja mais pra ela no corpo dela aquilo ali não tem efeito nenhum, que e pra alimentar a entidade, isso sempre foi uma coisa difícil de entender no campo dos... nesse campo religioso das igrejas pentecostais, igrejas cristã né. Porque, quanto mais você negar essa dimensão espiritual que é uma força do povo, você domina ela mais fácil. Por isso que muitos negros não aceitaram a escravidão, os índios não aceitaram a escravidão, porque a força deles tá na magia, tá no feitiço, tá na reza, tá no seu sincretismo, então eles não aceitaram. E aqueles que aceitaram essa condição de escravo, aí ele não se libertou, ele não deu conta de se libertar a sua independência. Por que, ele deixou que essa, que essa imposição do coronel, do feitor fosse mais forte pra ele, do que essa dimensão do campo sagrado, do campo do **espírito** né. Então aqueles que não aceitaram de forma nenhuma a escravidão, é porque o **espírito** não aceita ser aprisionado. Então por isso que essa até hoje se conserva essa memória né. O culto

aos orixás, o culto aos pretos velhos, porque os pretos velhos, eles usaram de uma estratégia muito, de uma sabedoria muito, muito grande né.

-eu vou ficar aqui porque se eu fugi o meu povo fica desprotegido, e aqui eu consigo.

Ele aguentava toda dor, todo sofrimento pra, pra que seu povo pudesse chegar onde tinha que chegar, por isso que o pessoal fala que a evolução dos Pretos Velhos.

O espírito se transformando em preto velho com a malinha na caracunda.

<https://youtu.be/5T9RB6H9t-c>

(travessias-grota)

A evolução se compara com santos, com São Francisco né, as Pretas Velhas com Nossa Senhora porque eles guentava toda dor, suportava tanta dor pra garantir que seu povo ficasse livre. E ali ele sabia as ervas, ele sabia das comida, eles sabia os pontos de fuga, pra onde o povo tinha que fugir né. Então na umbanda isso é muito bonito né, porque é num tem, num tem sentido você celebrar, você comer se os mais velhos não comem primeiro né. Porque eles que é o... o trabalho é feito pra eles né. Deles que vem a... sem pedir licença ao mais velho o trabalho na casa não abre né. Não no candomblé, os orixás né, que por exemplo se a casa é de xangô, tem que pedir licença pra ele, e aí o que vier depois, Iansã, Oxum, Oxossi né! mais se a casa é de Xangô ele é o dono da casa, se a casa é de Oxossi ele é o dono da casa, ninguém transita sem antes ele, ele dar o aval dele né. Então isso o povo conseguiu conservar, eu acho que na África isso é diferente né. Mãe Nilce fala que pra ser candomblé no Brasil tem que fazer aqui e ir pra Nigéria fazer de novo. Por que a nação forte dos orixás é África né. Mas aqui ela se desenvolveu com uma característica diferente, até mesmo por causa de ser um bioma diferente né. Ele tá muito... o candomblé no Brasil ele, ele manteve assim uma tradição trazida da África, passada pra né pras gerações, mais mesmo assim algumas coisas o candomblecista ele tem que sair daqui e ir na África né. Por que tem muitas coisas que as veiz acontece no terreiro que ele num sabe explicar, ele só vai saber explicar no dia que ele por o pé na terra dos orixás, é isso que o povo conta pra gente né!

P – Agente tá falando aqui de trânsito, tamo aqui na antiga estação em uma encruzilhada e... falar de dois trânsitos, um trânsito e esse do Estado, esse trânsito que vai abrindo mata, vai abrindo, passa trem, passa linha de ferro e, e é de dia e de noite então tá todo mundo ali envolvido né, muitas pessoas envolvidas nisso. E o outro trânsito é o que eu vou chamar aqui

de “método do despacho”, aqueles trânsitos que ninguém vê acontecendo, ce só vê quando já foi feito né!

F – sim!

P – cê não vê fazendo o despacho né, cê vê ele no outro dia né quando ele já aconteceu. É... é... e esse trânsito né, cê, cê cantou a música ali né, da história, falou de memória, no mesmo trânsito espiritual, mais eu acho que esse transito espiritual ele tá nesse lugar de método de despacho, parece pelo menos pro povo negro né!

F – Uhum

P – que é um trânsito ali que... parece que é um lugar escondido, um lugar protegido, um lugar que não se faz assim aberto. Que memória é essa que tá escondido, porque que ela tá... porque esse trânsito dessa memória ela tá... ele é, vamos dizer o trânsito da meia noite?

F – É o segredo do povo né. Meia noite é a hora da vigília, da tranquilidade e quem é que é que vai ficar batendo perna meia noite né? As pessoas sempre respeitaram o turno da noite, como o turno dos bicho, turno das almas. Tem hora... por exemplo seis horas da tarde é a hora das almas né. Por isso que no cristianismo, nas seis horas o povo para e reza o terço e quando, na umbanda e no candomblé é a hora de Iansã, seis da tarde o sol se pôs e dá aquele amarelão é Iansã que tá no comando né. Então o povo sempre respeitou a noite, por isso que na noite, eu andei muito de noite, ouvi coisas que eu num sei expricar, mas nunca vi assim sabe, nunca vi. A minha mãe já viu, eu nunca vi, o pai conta que já viu, eu nunca vi, mais eu já ouvi barulho sabe, então a noite ela, ela esconde e revela esses segredos e mistérios e por exemplo né, as vezes eu chegava em casa onze horas, meia noite a mãe falava assim:

-nossa cê tá igual zumbi da meia noite!

Porque a história do zumbi que é um **espírito** e guerreiro de luz , Zumbi quando, sobre tudo quando ele passa sobre um processo de tentativa numa das guerra que ele perde uma mão e perde um olho, cê imagina um cara sem um olho e sem uma mão naquela época, então é considerado bicho. Então ele usa dessa estratégica do zumbi pra andar de noite, então o zumbi, zumbiando é aquele que tá na noite, que ninguém vê.

Então o negro de noite como que você enxerga um negro de noite? Você num vê! Você vê um vulto e vê uma sombra, então essa era a estratégica do povo, fugi sempre à noite. Durante o dia cê enfia na mata enfia nos túnel é não põem a cara. E a noite, estrada. À noite cê vai andar né. E a questão da defesa, o povo tinha muito mais segurança, mais defesa na noite né.

Por isso que o despacho se faz a noite, cê coloca a comida à noite porque cê sabe que ele vai passar a noite. Vai colocar aqui essa hora do dia, meio dia, onde todo mundo vai vê que agente tá fazendo, e aí como é que ele vai sair da mata pra vim aqui né. Então o negócio era colocar a noite porque sabia que ele ia passar a noite, ia passar a noite. Então esse trânsito da noite é um trânsito muito místico nesse sentido né, pra você de certa forma conservar a sua identidade e preservar né a sua identidade os segredos era usar a noite como estratégica né, pra fugir pra fazer os cultos, pra fazer a... e a... por exemplo nas senzalas né, o povo tá tocando tambor a noite, tá festejando, num era atoa né, então aquela dimensão do festejo a noite ali, da batucada a noite, era exatamente porque naquele momento algum coisa muito importante algum negro tava fazendo, bolando alguma estratégica, enquanto um grupo toca tambor e canta né, aqueles que são referências, lideranças que pensa as coisa do quilombo, pensa as coisa ali, pensa as estratégias pra fugir, fica reunido no canto conversando. Eu vi isso num filme, Amistad, que é um tráfico negreiro, em quanto o povo festeja duas ou três pessoas senta pra conversar e fala assim:

-vão conversar aqui, como que vai ser nossa estratégica daqui pra frente?

Então era uma coisa muito bem pensada, nosso povo era muito inteligente, e as dificuldades que tinha né, porque as veiz era tribos que na África eram rivais né, a convivência hoje se agente tem problemas de relacionamento de uma família com a outra cê imagina naquela época. Então quando esse povo junto tinha que ter essa dinâmica mesmo da festa pra entender, e as veiz muito das comunicações se dava era nesses momentos

P – Festa

F – pra entender desses momentos das festa, e o momento que o povo utilizava pra entender a língua do outro pra conseguir bola ali alguma estratégica pra fugir junto.

-dá licença aí.

### EM TRANSITO 3: CATEGORIAS – CAMINHADA, MEMÓRIAS, LUTA E ESPIRITUALIDADE

(Deixamos a Parada General. Continuamos a descida da serra de Carangola. )

**GP – então você acha que essa simbologia do despacho ela trás, pensando aqui agora,**

algumas categorias: transito (caminhada), memória, luta

SF – Luta!

GP – e espiritualidade

SF – espiritualidade. Ela se vence, se guarda pela questão espiritual, porque o negro num fazia nada sem antes alimentar a questão espiritual. Por que aí tá a força né. O segredo da magia tá nisso né. E é interessante cê observar assim que poucas... que pouca coisa hoje assim nas manifestações culturais, por exemplo, cê pega o carnaval, o carnaval ainda é o que mais conserva algumas, sobre tudo quando a escola vai fazer um enredo, vai falar sobre os orixás é ainda a que mais mantém algumas coisas dessa trajetória dos povos né que chegaram aqui. Muitos dos povos que chegaram aqui eram povos de tribos guerreiras né, se guerreavam. Por isso que tinham as estratégias na época das guerrilhas, nas fronteira, de pegar esse povo mais rebelde pra ser... servir de bucha de canhão né. Servir de bucha de canhão. Essa região, toda essa região nossa, Zona da Mata, aonde se desenvolveu a agricultura era, era a estratégica era os escravos que, eram negros que na África praticavam a agricultura. Que tinham essa ligação com os campos, com o cuidado com os bichos, com os animais. E naquela época, num vou... e até por que eu nunca li nada referente a isso, mas eu posso confirmar isso que o negro ele dominava cinco ou seis profissões naquela época que ele dominava, que ele sabia fazer. Quase toda família hoje tem um carpinteiro, um pedreiro que ele aprendeu do nada a fazer, por que é os ofícios né. E ali o cara aprendia não só a questão da agricultura, mas ele tinha que fazer a casa, então ele tinha que saber a madeira que era resistente, saber fazer o corte pra fazer os encaixe porque num tinha prego. Ele tinha que ir na mata tirar o cipó pra amarrar, ele tinha que saber de nível, de terreno pra casa ficar nivelada. Então ele dominava muita coisa. Era os negros que sabia muitas coisas. Pra fazer os carros de boi sabe, a técnica inclusive de colocar os animais pra amansar, cê imagina, cê pega um bicho selvagem e adentra ele aponto do bicho ouvir e aceitar todo comando né, mestre Boi deve ter te falado disso né. Que ele era candeeiro né. Por isso que ele berrava e os bois vinha até ele né. Por que essa...

GP – dialogar com os bichos né

SF – dialogar com os bichos né. Dialogar com os bichos né...

-esse caminhozinho aí é estrada de ferro ó. Os dormentes tão aqui por baixo ó. Alguns eles arrancaram mas outros não. Essa estrada era a conta mesmo de passar o trem.

Então a característica dessa região que nós tão passando aqui, é o que que eu te falei né -eu sempre conheci assim.

É a cana, algumas vargens o plantio de milho, feijão, uma roça branca, mas a maioria o gado e as fazendas com os engenhos, os canavial e tudo. É uma região que ainda cê encontra, ainda cê encontra... assim como agente vê a Estação, cê ainda encontra coisa desse Brasil do passado que ainda tá de pé né. Que o tempo não corroeu né (risos). Que o tempo não corroeu... -aqui é Dona Glória. Um povo antigo aí também da região aí

GP – lugarzinho bonitinho dela né!?

SF – é. Aí tem as caninhas aí pro povo fazer as cachaças.

GP – você falando de coisas que o tempo não corroeu, ali naquele ponto agente teve dois exemplos: um foi aquele complexo da Estação com o telhado, a caixa d'água, o banquinho, e do lado

SF – o despacho!

GP – um outro complexo da cultura negra né, que é o despacho.

SF – é isso aí.

GP – uma... tá, o tempo corroeu mas tá... num tá desativado porque é um ponto do caminho da luz, as pessoas passam ali. O outro é uma coisa que o tempo não corroeu, tá viva né! que é o despacho. Ele foi feito ali né

SF – ele é o presente. Ele foi feito.

GP – como você... que educação que essa que leva as coisas pro correr do tempo, as coisas vai pra história...?

SF – as coisas materiais tende a se acabar com o tempo né. As coisas materiais tende a se acabar com o tempo. Mas essas coisas que são do campo espiritual elas num acaba porque sempre vai sendo repassada a memória de pai pra filho. Por exemplo, quem é de terreiro, se a família dele é de tradição de terreiro então ali vai ser repassado. Então tem terreiro que tá na quarta ou quinta geração. Tem terreiro que tá na quarta, quinta geração. Por isso que essa memória ela consegue durar mais tempo. Eu vejo também uma ameaça muito grande. As religiões de matriz africana elas tão sofrendo uma ameaça muito grande. Mesmo o fato de ter essa luta contra a questão do preconceito, contra a questão da intolerância religiosa, de

transforma sobre tudo a Umbanda e o Candomblé em Patrimônio Cultural, essa é a luta do Gilberto Gil né. É um cara que tem que ser muito respeitado né. Que ele cresceu ali no terreiro de Mãe Menininha, no Recôncavo Baiano, com toda história e a contribuição que os negros deram naquela região, pro Estado da Bahia. E acho que em Minas é uma bandeira que agente tem que reafirmar ela, é a conservação dessas manifestações e tradições como patrimônio do povo, como patrimônio da humanidade. Imagina se acaba os terreiros de Umbanda e Candomblé acabou a memória do povo, cabou a memória do povo negro que aqui fez história. Fez essas estradas que nós tão passando nela, fez esses primeiros campos, as primeiras roças. Isso tudo é memória do povo né. E o porque desses... porque que é necessário ter os pontos onde o povo ia se encontrar, pra tocar o tambor, pra cultuar os orixás, porque que isso é importante? Por que no cristianismo... nas religiões de matriz africana você num trabalha com a lógica do pecado. Então como o branco foi o feitor e explorava o negro eles se confessavam diante de Deus, pediam perdão e repetiam a mesma prática. Então por isso tem essa coisa das igreja, do povo ficar nessa negócio, nessa lamentação que num vai chegar a lugar nenhum sabe. O mal que cê fez aqui ele retorna de certa forma. Então todos que praticaram o mal, o mal se retorna pra ele de volta. O negro, as religiões de matriz africana, elas são muito livres nesse sentido. De não... né... por isso que o povo num entende, muita gente acha que a macumba é pra fazer o mal né, mas o mal necessário quando for por defesa, não o mal por justificar as suas vantagens, porque isso era o que o branco sempre usou. Ele sempre usou do mal, da força pra satisfazer os seus egos, os suas vantagens e ter seus privilégios. O negro sempre usou da força, que eu não chamo de mal, que é evocar os orixás pra se defender e fazer as amarração e fazer os feitiço pra endoidar o cara pro cara suicidar, como uma forma dele se preservar vivo né. Num era pra disputar um terreno, num era disputar um território era mais mesmo, pra se manter a sua história viva, pra se manter vivo.

GP – então a espiritualidade do povo negro ela é uma espiritualidade de luta. Até que ponto isso em África a luta se configurava da mesma forma que aqui mas é... era uma maneira de se viver por que só... a chuva, o alimento, eles estavam entrelaçado com as manifestações espirituais né, o **espírito** da chuva, o **espírito** da colheita, o **espírito** da plantação, o **espírito** da terra, então...

SF – aí Padero nesse alto aí no fundo, essa grota que é o Córrego da Lajinha que nós vimos lá de longe ó. Essa grota aí

GP – você caminhava por aí?

SF – é. Caminhava aí... muita lenda aí de assombração, dos **espíritos** revirar as casas das pessoas, e num sei o que... eu pelo menos nunca vi nada. Tinha um toco de cedro veio ali que o povo falava que tinha um cordão de ouro enterrado no pé dele... e aí nós caminhava por aí. E nessa casa... aqui tinha uma casa antiga que morava uma família de negro, e o cara era retireiro, tinha um retirezinho de leite aí, o cara era retireiro aí ó, o tal do Abraão. Esse era um negro veio aí que eu já conheci ele bem na velhice. Aí é a entrada do Córrego da Lajinha. Hoje pertence praticamente a uma família só. Então nós vem de Divino pra esse canto aqui. Aí aqui eu passo no meio de caminhão de mudança no meio de porco, galinha,

GP – veio morar aqui antes de ir lá pro

SF – antes de ir pra Caiana. Naquela grota ali. E aí é nesse caminho que eu venho né. Pra mim é assim, a coisa mais significante foi depois assim: bom, nasci numa casa, vivi ali até 11 anos de idade. Aí de repente cê põe tudo em cima do caminhão e fala eu tô indo embora. Eu num acreditava! E aí passa a ser tudo novidade né cara. Vim pra essas estradas afora, essas estradas apertadinhas. Eu lembro quando agente parou em Divino aí um sujeito perguntou assim pro cara da F4000:

-onde lá vai essa torada?

É assim, aquele monte de pau né, num tinha móveis não. Uns guarda roupa, umas mesa, aqueles balaio, aqueles bichos junto, dois pretim ali cima né. Eu lembro disso como se fosse hoje. Aí viemo por aí afora fazendo esses devorteio saímos de lá de manhã, acho que nem almoçamos, e já chegamos por aqui por volta de uma hora, duas da tarde.

GP – de Divino pra Lajinha...

SF – é pra cá... por isso que eu to falando, nós tão fazendo o caminho de volta né. Que aí nós podeira sair lá de São João do Norte e vim passando por aqui, mas nós tão fazendo ao contrário. Fazendo o caminho de volta. E a lenda que corta essa estrada é muito interessante né, aqui todo povo mais antigo fala que a noite cê encontra um cavaleiro aqui, o pai mesmo fala que já viu esse cavaleiro, que num para pra ninguém, aí lá naquela outra parte da Caiana pra cima o povo fala a mesma coisa:

-ah, tem um cavaleiro que anda nessas estradas aí.

Aqui é a tal fazenda dos Toledo. Do povo antigo aí.

-opa!? (cumprimenta um senhor)

-opa!

Esse negro aí certamente é um dos que deve ter aí 100 anos que a família dele tá aí nessa região. Cortando cana... por aqui tinha uma tal de Dona Edivalda, morava num casinha veia aqui em baixo

-ó o alambique tá fumegando lá em abaixo!

O povo fala assim:

-essa mulher é nossa prima.

Eu cheguei a conversar assim, a ir na casa dela. Um senhora velhinha, pequenininha. E eu lembro final de tarde, agente passava em frente a fazenda ali, aí tava aquela peãozada assim sabe, conversando, já tinham lambicado a cachaça, aí tava contando caso, e às vezes acontecia de ir lá comprar né, pai falava assim

-ó, cês vão lá comprar uma cachaça

Chegava tava essa turma envolta ali, da fazenda, contando caso. Aí eu lembro dessa turma. Dizem, eu num lembro, o pessoal diz que tinha uns que nem ia embora pra casa. Já ficava ali bêbado em cima daquele monte de bagaço, no outro dia continuava o trabalho aí. Eu passei muito nessa estradinha aqui de bicicleta, a pé, passei muito nessa estradinha. Por que quando agente vem aqui pra Laginha, ali na frente tem uma escolinha que chama Escola do Aterro Grande e aí meus irmãos estudou e eu cheguei a estudar um tempo também mas depois não completei o ano aí fomos pra Caiana e lá num dei continuidade

GP – você estudou até que série?

SF – só até a quarta série.

GP – estudou aqui enquanto morou em Lajinha?

SF – é. Fui pra Caiana e num continuei. Os meninos foram mas eu já tava aí com treze pra quatorze anos e já tinha que pegar no batente direto. Estudar de manhã cedo e a noite.

-Ó, é trabalhar durante o dia e estudar a noite. Eu falei assim:

-num vou mexer com esse trem não.

Chegava em casa puto, cansado pra caralho aí num topei fazer isso não. Até um colega meu estudava a noite agente parava quase que no mesmo horário, ele pegava a bicicleta ia pra escola e fez o primeiro e segundo grau. Um dia desses eu cheguei lá e to vendo um cara lá todo desdentado, deitado bêbado no chão da calçada assim aí eu perguntei:

-que que aconteceu com Moacir?

-esse num deu em nada.

Um cara inteligente sabe, o melhor aluno de sala, o pai dele era mestre de obra. Eu fico lembrando do João do Vale né!? O pai dele era mestre de obra sem estudar né, conhecia as coisas só pela teoria. E ele tava estudando, esse cara vai ser um engenheiro. Todo mundo falava isso. Lá em 1987, 88 e o cara num deu em nada né. Deu lá uma depressão, uma depressão amorosa, sei lá que que acontece na vida das pessoas né.

...

Então nós tão passando no Aterro Grande. Aqui chama Aterro Grande. E eu vou te explicar porque que é Aterro Grande

GP – aqui é linha de trem ainda?

SF – aqui é linha de trem. Nós tão na linha. O velho dono dessa propriedade era muito miserável. Nós passava aqui tinha altos pés de mexerica e nós doido rapaz, com vontade de roubar uma mexerica, e o homem ficava bravo de mais (risadas). Até hoje aí. Uns bananal bonitos.

-aí Padero dá uma paradinha aqui ó.

Lá perto daquela moita de bambu, ali, por ali afora ali, aí nós vão passar dentro de um corte aqui e isso aqui disse que era um valo.

-tá vendo lá? Moitinha de mato e isso aqui era um buraco. Aí eles fizeram um aterro puxando terra com burro pra linha de trem passar. Por isso que chama Aterro Grande

GP – Aterro Grande.

SF – e aí por baixo tinha um túnel de pedra e nós quando moleque nós ficava passando por baixo de uma lado pra outro desse túnel. Era coragem de mais. Hoje em dia eu num entro dentro desse túnel

GP – lá embaixo tá esse túnel?

SF – é. Hoje em dia eu num faço um trem desse (risos) mas menino era bicho curioso, corajoso demais.

GP – abriu as pedras mesmo ó!

SF – é moço, tudo no braço.

P – haja braço.

SF – essa aguinha aí ó. Histórica ela.



Fonte d'água histórica localizada no Aterro Grande.

Fotos: Pedro Henrique

GP – água boa?

SF – é moço. Todo mundo bebe dessa fonte aí. Essa era nossa biquinha do tempo de menino. Há mais ou menos 28 anos eu fazia essa caminhozinho aqui. E por incrível que pareça eu nunca lembro desse cano cheio. Sempre assim.

GP – ooou! Acústica boa aqui né.

SF – amanhã nós vão passar num. Cê vai ver que que é acústica.

## DIMENSÕES DAS LUTAS: ESPÍRITO, CALANGO E FULANO-DE-TAL

**GP – mas tãõ eu queria voltar na conversa um pouquinho na questão da espiritualidade e luta.** Nessas duas dimensões que uma coisa é outra

SF – é, elas tão juntas.

GP – por que eu penso na espiritualidade em dois momentos: que é a espiritualidade pra fazer a chuva, pra dar uma boa colheita né, que é um pouco o que a Folia faz quando visita as casa né. E a espiritualidade essa que você fala que a da luta né. Ali de convocar os orixás, os **espíritos,**

SF – os indígenas, os caboclos,

GP – fazer os feitiços e tudo. E a outra dimensão da luta, eu acho que é essa luta, vamos dizer essa luta do dia. Essa luta feita... e essa luta da militância hoje em dia, essa luta que você foi formado

SF – aqui nós tão passando em cima do aterro aí.

GP – aqui é o Aterro Grande.

SF – aqui é o Aterro Grande. Nós tão passando em cima dele. Só pra gente localizar. Eu já vou falar. A lá. Aquela casinha que tá lá, ali é até hoje uma escolinha. Que é chamada escola do Aterro Grande, lá na frente, que é na fazenda de uns dos coronel aí. Ali eu estudei um ano e meus irmãos estudaram um pouquinho também. E essa serra, chamada serra da Suíça ela sai lá no trevo de Espera Feliz, lá naquele trevo. E a minha vó já morou nessa serra aí. Minha bisavó. Já morou aí na Suíça. Serra da Suíça.

TODOS - risadas.

**GP – essas duas dimensões da luta: o diálogo da espiritualidade pra questão da natureza e o diálogo da luta e essa luta que parece que não incorpora essa espiritualidade. Pelo que você fala no seu movimento aí, em nenhum momento você cita a consideração dessa espiritualidade na luta**

SF – eu compreendo que o movimento popular, o movimento de resistência, ele bebeu muito dessa fonte de nossa ancestralidade por duas questões

-aqui agente abandona a linha, ela tá desativada. Só lá em baixo que agente vai pegar ela de volta.

Nós temos nosso parentesco né, com os povos indígenas, com essa forma de resistência do índios. Os povos indígenas, por exemplo, eles escutavam o macaco da meia-noite eles sabiam que ia ter guerra no território. E que que eles faziam, eles acendiam a fogueira e todos iam tocar o maracá, ia cantar, invocar os espíritos guerreiro. E preparar as armas, envenenar as pontas das flechas pra guerra. Num ia pra uma luta sem antes ter esses momentos dos rituais de forma alguma. E o africano também da mesma forma. Ele sempre entendeu a dimensão da luta, a luta mesmo pra disputa de sobrevivência, dos territórios, nunca separou isso do sagrado, nunca separou do sagrado. Quando eu venho pro movimento social, eu começo primeiro no movimento de igreja. Começo ali no grupo de jovens, lendo esses textos bíblicos e tendo aquela visão cristã do amor ao próximo, no final rezava um Pai Nosso e Ave Maria

e tal, e tal. E depois eu só vou compreender a dimensão disso que eu tava fazendo quando eu começo a ouvir de algumas figuras pra separar as coisas:

-não misture igreja com política!

Isso foi a coisa que eu mais ouvi no começo de minha militância

-isso que ocês tão fazendo isso não é religião, isso é política. Não misture igreja com política. Por que misturar igreja com política era exatamente você está nesse espaço de CEBs, nesse espaço da religiosidade, mas ser também um ser questionador dessa coisa dos direitos, dessa coisa da luta e tal. Então eu confesso pra você que desde o primeiro momento assim que eu tive a consciência cristã e me inspiro isso na experiência evangélica eu entendo então que Jesus era um agente político, questionador da situação da época. É por isso que eu nunca saí, desde quando eu entrei, eu nunca sai da CEBs, nunca vou sair. Por que entendo que esse é o espaço que você tem de... a CEBs aproxima muito dessa questão da religiosidade popular. É o espaço que você consegue fazer isso né, você consegue fazer essa conexão com a questão da espiritualidade mas ela te traz pro plano real. Num dá pra rezar, num dá pra ir pro campo espiritual sem organização social. Quando eu li a Isabele Calende, A Ilha sobre o Mar, mais consciência disso eu tive. Os nossos povos lutaram muito, muito, muito, muito, pra formar os quilombos, pra ir pros quilombos. Guerra mesmo pra ir pros quilombos. Mas talvez uma luta sem essa consciência. O quilombo pra mim já era uma organização! Pra mim o fato de tá no quilombo, de ir prum quilombo, não se discute. Pra mim a maior organização, mais revolucionária, tá no quilombo. Mas talvez eles não tinha essa consciência né, de... além do quilombo você precisa de outra dimensão. Por que cê tá no quilombo, cê tá num território livre.

GP – mas quando você pega Jesus... eu muito de fora, não tive uma formação consistente e profunda

SF – cristã

GP – cristã. Fui batizado. Lembro de ir na missa pouquíssimas vezes na infância, minha mãe se tornou espírita cedo

SF – hum

GP – e meu pai não era frequentador. Então eu não tive uma formação cristã católica. Mas estudei 13 anos de minha vida em escola batista. E agente tinha ali o ensino religioso, e eu sempre via ali o Jesus

SF – o salvador

GP – a dimensão espiritual de Jesus muito forte, muito presente. O Espírito Santo e tal. Ali eu via muito uma ligação com o céu com o sagrado.

SF – exatamente

GP – quando eu vim pra Viçosa e eu conheci e passei a frequentar os movimentos e depois que eu te conheci e veio mais a questão do cristianismo que eu fui conhecer esse Jesus militante, político, lutador. Pra mim, num sei que que cê acha disso? Tira essa dimensão espiritual do sagrado dele e coloca ele no chão. Ele era um militante e não um ser espiritual. Cê num acha que esse Jesus está deslocado da questão espiritual e que os quilombolas e indígenas tem isso mais forte?

SF – não. Por exemplo, você pega o Kardecismo, ele é uma ciência religiosa, ele num é uma tipicamente uma religião. Cê vai encontrar pouco Kardecista envolvido em movimento social de luta. Poucos. Eles estudam e trabalham mais nesse campo espiritual. Por exemplo, o Josef, é um cara que gosta do PT, é cara que defende os movimentos sociais de unha de dente. Mas é um cara assim, ele num tem coragem de ir pra frente de uma manifestação. Ele trabalha no campo da espiritualidade ali com os desencarnados que precisam de luz. Os **espíritos** dos escravos que ficam rodeando por ali. é o campo que ele trabalha. As igrejas pentecostais pra ela o Jesus é o salvador, ele liberta, num precisa de você ir pro movimento social. Ele liberta, ele é o libertador. E esse Jesus libertador dessas igrejas pentecostais ele é um Jesus que ele num questiona se você tá trabalhando 16 horas por dia, as pessoas pegam o dízimo do cara e dão pro pastor, fazem as vontades do pastor, o pastor anda de carrão, mora na melhor casa e o cara continua na periferia lascado. O Jesus de Nazaré, que é o Jesus que eu tive contato com ele, é um Jesus diferente. Que é o Jesus que questiona o poder. O poder é contra o povo. Inclusive o poder religioso da época. Então há uma faca de dois legumes nesse Jesus (risos): há quem quer e defende esse Jesus mais só no campo sagrado e os que trazem esse Jesus mais incorporado na luta do povo. É aquele que não aceita de forma alguma a injustiça, é aquele que não aceita as injustiça do povo. E eu desde o começo, por incrível que pareça, eu via lá em casa nas rezas de São Pedro

-aqui é uma fazenda antiga também, dos Miranda, um dos povos que povoou Carangola. Muita coisa na cidade de Carangola tem o nome dessa gente.

Então eu desde o começo eu via lá em casa Tia Francisca, esse povo rezar o texto, uma reza do terço, aquela coisa ali. Não é uma reza enganjada com a questão social. Eu me lembro, nós vão até lá nesse lugar, que ali era o Geraldo Neto, era até compadre do meu irmão. Aí o Geraldo Neto, foi quando começou este trabalho dos grupos de reflexão. Que era os roteirinhos de reflexão com as perguntas com as chave de leitura. E ali chega o trabalho do MOBON<sup>51</sup>. E eu me lembro muito bem da chegada desse trabalho, da Boa Nova já na construção desse Jesus mais no campo social. O Jesus encarnado na luta do povo, que não quer exploração. E na PJ foi muito interessante, que a influencia nossa pelos teólogos da libertação: Leonardo Boff, Frei Beto e Don Pedro Casaldáliga, eles começam a produzir coisas desse Jesus de Nazaré diferente desse Jesus Judeu. Por que as igrejas pentecostais, eles gostam muito do Jesus só nessa tradição judaica, só do Judeu. E tenta o tempo todo negar esse Jesus nazareno. Se Maria quando Jesus nasce, se ela vai pro Egito que é a África pra esconder é por que ela tinha amigo, tinha parente lá. Cê entende? Então eu na minha cabeça assim pensando isso, o mesmo Jesus que é sagrado que faz os milagres, é o mesmo cara, não tá deslocado da luta social, da luta popular de jeito nenhum. Mas as pessoas acaba cada um colocando ele de acordo com as suas necessidades.

G – e essas visões incidem nessa espiritualidade não cristã dos povos indígenas e negros, desloca a luta da espiritualidade

F – sim. Desloca. Pros negros e pros índios foram apresentados esse Jesus branco dos olhos azuis, o salvador, mas não o libertador. Num existe salvar a alma! Como é que você salva a alma se você vive explorado, sem nenhum direito. Que alma é essa? Então esse negócio de salvar a alma, isso é furada. Como é que vai salvar a alma se os direitos básicos que você precisa pra manter de pé ele é negado. Então assim, impôs aos índios e aos negros esse Jesus Judeu com poderes mágicos, capaz de fazer poderes superiores, mas não esse Jesus do campo da organização. Esse Jesus num é só esse cara do... por exemplo a multiplicação dos pães, você chega num culto, numa igreja Batista, numa Assembleia de Deus, eles pregam o Jesus milagreiro, ele rezou e os pães foram brotando assim, e num foi desse jeito que aconteceu, ele pergunta

-quem aí na multidão num trouxe uma sacola com pedaço de pão?

<sup>51</sup> MOBON – Movimento da boa nova.

Aí começa a aparecer

-eu tenho isso aqui! Eu tenho isso aqui!

Se nós topar com uma multidão na estrada pode ser que todo mundo tenha levado alguma coisa

-eu só tenho uma garrafa de água

-eu só tenho um pão

-eu só tenho um peixe

Então ele pegou o exemplo do menino. Se o menino tinha cinco pães e dois peixes então cê imagina um cara grande que come igual eu naquela época, devia tá com um saco de pão. E ali acontece o milagre por que todo mundo coloca numa mesa comum, eles vão agradecer, todo mundo come e ainda sobra doze cestos. Esse é o Jesus real. Num é o Jesus que põe a mão sobre isso e os pão vai brotando e vai nascendo. Isso é furada. Mas as igrejas tende a pregar isso. imagino que você cresceu sabendo desse Jesus. O cara tá com uma ferida, ele vai lá e toca na ferida e o cara cura. Ele não, ele conversa

-de onde vem essa ferida?

Aí descobre que o cara vem de uma família de leproso e ele ora

-você vai lá e lava naquele poço, naquela água

GP – e o Jesus real que faz multiplicar o pão de forma material, concreta, num é o toque milagroso, mas não se desconsidera o Jesus espiritual

F – de foram alguma por que ele é o mesmo.

G – e na Folia, no Congado, nessas manifestações, é uma coisa que eu vi na última folia é a espiritualidade, o sagrado, fazer a abundância, gerar abundância. Então é a Folia que quando chega numa casa, ela toca a casa e aquilo vai... essa conexão com o sagrado da Folia com a abundância do alimento

F – por que a Folia canta o anúncio de Jesus. Os Santos Reis ele sai cada um de seu país de origem e vai ao encontro do menino, do salvador. Esse é o Santo Reis.

-Aqui é a comunidade do Nilson Peron, do Igor. O Igor nasceu numa casinha ali em baixo. Aqui é Santo Antônio. Aí quando agente morava lá em cima, agente saia dia de sábado, vinha pra cá nas novenas dançava o forrozinho, isso aqui tudo... nós tão no distrito de Carangola chamado Varginha. Por final da vida meus avós vieram morar aqui, que pertence ao município de Carangola, e sempre viveram no município de Carangola. Os Felício.

Mas aí os Reis Magos, cada um com a sua história, eles vem ver o Jesus e volta contando pro povo

-vi o salvador

-vi o messias

As Folias eram grupos pagão. Era grupo de gente pagão. Eram grupos folclóricos que andavam pelas estradas afora. E quando eles ficam sabendo desse messias, que ia nascer o salvador, eles mudam então o seu foco né. Eles não deixam de ser grupos folclóricos mas eles também passam a cantar a anunciação desse menino que vai chegar pela história oral. Eles vão cantando a Estrela do Oriente. Eles começam a cantar isso né.

Visita ao moinho d'água na fazenda onde o bisavô morou



Moinho e casa-grande da fazenda onde o bisavô de Farinhada viveu  
Fotos: Pedro Henrique

Padeiro – então oce viveu aqui um tempo?

Farinhada –Não, aqui é só meu bisavô que moro nessa fazenda, meu bisavô morreu aqui nessa fazenda, e eu, e aqui e só caminho de passagem, só caminho de passagem, eu mesmo nunca, eu nunca entrei naquele caminzinho dali, num sei nada dali pra diante, só sei que aqui viveu o povo do passado aí, do tempo da escravidão. Aqui fazia cachaça, fazia rapadura. Tudo era feito aqui. Tudo na moda rustica ainda, palmito. Hoje tá na mão de herdeiros. A fazenda ficou pra vários herdeiros. O casarão ainda tá conservado. É tudo herdeiros né! São vários herdeiros, que fico a fazenda pra vários herdeiros, eai virou mais um, o casarão ainda tá conservado né! dizem que ainda tem cachaça aí de 100 anos, guardada. Isso aqui era uma loucura, eu lembro desse engenho funcionando, aí no começo dos anos 80, eu lembro desse

engenho moendo sabe, aqui o povo jogava as canas aqui, isso aqui era dia e noite na época da safra de cachaça, não parava não tendeu? aí era engenho rodando dia e noite. aqui uma, eu não lembro se era mais pra baixo, sei que tinha uma também que era um dínamo que gerava energia entendeu? a usina além de moer a cana pra fazer a rapadura pra fazer a cachaça, aí produzia também energia né! a energia elétrica pra iluminar a fazenda tudo era produzido aqui também

Farinhada – não, ele não chegou a pegar a escravidão, mais da forma que ela conta que ele morava aqui, eu imagino que ele era assim, era aquele tipo de pessoa assim, acabou a escravidão, o pai dele certamente foi escravo meu tataravô, ele cresceu livre como menino mas nunca saiu aqui da fazenda, foi até morrer aí com, morreu novo, deve ter morrido aí com, naquela época, deve ter morrido com uns 30, 30 e poucos anos, mais é pra dizer assim conhecer a liberdade acho que não conheceu, meu avô morreu com quase 90 né!

Padeiro – mais a sua mãe, ele era avô da sua Mãe?

Farinhada – ele era avô do meu Pai!

Padeiro – avô do seu Pai!

Farinhada – que é meu bisavô, então ele fazia alambiqueiro aqui, aquele meu tio que tava tocando sanfona lá em casa e filho desse camarada, Sô Geraldo de repente até rolava de pegar um depoimento dele

Padeiro – depoimento dele

Farinhada – me parece que meu tio já nasceu aqui, eu acho que Ti nasceu aqui ele tá na faixa dos 70 anos 71, eu acho que o Ti nasceu aqui

#### Vivência na casa onde morou quando nasceu até menino

Farinhada – então meu terreiro era aqui ó. Eu lembro que a fogueira agente colocava mais ou menos por aqui a fora assim, aí a fora colocava a fogueira e o povo fica rodado os terreiro em volta, e aqui assim oh, uma carreira de banco e tinha um pedrão e era muito interessante, essa pedra na época do frio, né porque a pedra pega calor, na época do frio agente, a noite, encostava nela pra aquecer. Essa tuia aí foi o pai que fez oh. Isso aí é serviço dele que tá de

pé até hoje! então eu nunca vi assombração minha vida não, mas eu dormia nesse quarto aqui oh, ai de noite eu escutava tipo um trupé de cavalo. passando aqui oh é um correquinho, nos tomava banho nesse córrego, tinha muita água no! o de lá nos chamava de corgão, nos pegava lambari, era um tempo bom demais! essas varge aí todo arroz, ouaa, isso tudo ai era plantado arroz, essa varge ai!

Agora quando o, quando é, agente e criança é tudo diferente né. Eu sai daqui com 12 anos de idade, então dá a impressão que tudo era maior né. Da impressão que tudo era maior. ai Padeiro, lá no pé daquela fazenda aqui oh, de frente pra fazenda do seu Airton, e ali o, o veio Genoro, ele chegou perto de um empregado dele e o cara tinha colocado as vara no córrego, as vara pra bate feijão, se corta a vara na mata coloca elas dentro do córrego ai as vara fica molinha pra bate feijão, ai ele falou assim:

-deixa eu ver se essa vara tá boa.

Aí deu uma varada nas costas do cara ai na mesma hora o cara pegou uma navalha, o cara era barrigudo, e deu uma navalhada na barriga dele, e ele passou por aqui gemendo, conseguiu chegar em casa e caiu dentro de casa e, aí o filho dele que o seu Airton, primeiro cara que ele matou é esse. Ele vai vinga a morte do cara, foi ali na frente. Então aqui nois crescemo nessa (risos), nesse lugar cheio dessas lendas de gente. Com essas histórias todas aí. Essa varanda era diferente num era desse jeito, no nosso tempo era diferente. Aqui oh, a cacimba, tá aí ate hoje. Num tinha agua dentro de casa não, era essa cacimba aí ó, metia o balde ai, puxava a água, não tinha banheiro dentro de casa, banheirinho aqui oh, banheiro era por aqui assim oh fora de casa, e levantava de noite e tinha que vi no banheiro, aqui assim tinha um forno, um forno suspenso de barro pra mãe assar as broa, naquelas pedrinha ali nós amarrava os cabrito, os porco agente amarrava nos brejo ali. Isso aqui na época das agua, alagava e ficava bonito demais, isso aqui virava um mar de agua aqui, era um trem, um trem bonito demais, nossa senhora era chique demais. Ocê atravessava pro outro lado de lá num tinha jeito, era muito engraçado. Aqui ó, tinha uma fornalha aqui, uma fornalha, aquela panelona que tá na casa de compadre Fernando até hoje, era assentada nesse canto aqui oh, era assentada nesse canto aqui ó. Fogão era dentro de casa num era do lado de fora, não tinha fogão do lado de fora era dentro de casa, não tinha banheiro aqui era lá. E isso aqui não aterrado não, foi aterrado depois, aqui era baixo, essa escada aqui tinha dois andar, essa escada aqui. Já que tá aberto vamo entrar né, vamo entrar. O fogão num era aqui, esse

cantinho aqui que era o fogão, nesse canto aí. È tá ai o barraquinho. Tem de 86 pra 2017, tem 31 ano que eu não entro nessa casa. Esse corredor parecia que era grande rapaz, mas é por que agente que era pequeno né (risos), esse quarto era nosso quarto que é um puxadinho né. que o Pai fez, o pai fez a família cresceu teve que faze essa puxadinha ai. Aí nessa sala aqui eu vi os cara canta os **calango**, minhas primeiras versos que eu aprendi a canta foi aqui o, tinha uma mesa eu ficava nesse canto aqui ai a turma reunia ai é cantava os **calango** os as moda de viola, os sertanejo era cantado ali. E aqui era e a pedrona que eu falei, nós gostava de fica encostado nela! De tarde era bão demais. Eu aprendi a anda de bicicleta nesse terreiro aqui oh, ai saia correndo de bicreta por aqui a fora aqui, e aqui tinha meio que uma descidinha aqui, e tinha um cachorro amarrado aqui assim, e isso aqui era um buraco fundo que tinha aqui e eu cai dentro do buraco né! cai aqui ne (risos)

Padeiro – Lavoura vem na porta de casa

Farinhada – toda vida foi assim, toda vida a lavoura, essa lavoura foi meu pai que planto os menino Itamar, todo mundo. Essa ai já foi cortada uma 3 ou 4 vez mais foi a lavoura que eles plantaram é essa ai. É isso ai, os tempo antigo, alguma pergunta?

P – então a fogueira nasceu aqui?

Farinhada – é rapaz, era aqui. E esse terreiro isso lotava de gente e num tinha jeito de andar nisso aqui não, ce acredita? e não tinha som não, num tinha som não. Aí mais ou menos aqui assim oh ficava os cantador, Sô Geraldo, Paulo, meu primo, o povo ficava por aqui, o povo dançava daqui pra trás aqui, dançava e as comida ficava dentro de casa na sala, um pouco ficava na porta da cozinha e uma mesa também, sempre ficava uma mesa assim, o povo pedia as coisas pela janela ali da cozinha, o povo entregava também pela janela da cozinha, e era isso, é isso ai.

Pedro o Ajudante – e essas marcas?

Farinhada – a isso ai eu num sei, coisa mais recente, na minha época eu num deixei nenhuma marca, muito tempo mais de 30 anos

Padeiro – A fogueira é a marca né!

Farinhada – a fogueira é a marca, a marca da fogueira agente num esquece né! porque agente já dê de pequeno ajudava né! já fazia as coisas então num da pra esquecer não

Eu lembro de uma partizinha que é ate meio queimada, então todo ano fazia, ficava ate meio, mei queimado o chão. E aqui era a Tuia Padeiro botava os arroz, o povo enchia isso de arroz.

Na colheita do arroz eles enchia isso de arroz cara, ficava ate bonito, enchia isso de arroz ate em cima, era ate bonito sabe. E nessa época o povo fazia mutirão pra bate arroz, ai tinha os caixote né. Tinha um caixote grande e esse caixote rodava pra varias famílias entendeu? Varias famílias pegavam emprestado, era muito interessante né, a dinâmica do povo nessa época né, ai acabava pegava o caixote emprestado, levava pra outro, ai vinha 3, 4 pessoas carregando aquele caixote caminho a fora pra bate arroz, batia de novo entregava e voltava, e isso.

Padeiro – cê esperava que a fogueira ia caminhar tanto igual ela caminhou assim? Farinhada – eu num tinha noção não, disso não, não tinha noção porque é, uma coisa que, que começo claro dentro dessa questão da religiosidade da promessa, e sempre teve algo que motivasse algo pra fazer a próxima do outro ano né! Caso igual Jamilzim contou, a mais de 18 anos atrás e depois assim que eu do uma certa sumida né, mais nessa questão de da mais visibilidade né, pra contexto cultural é, mais aqui dessa época e ate um período assim no São Gonçalo a uns 20 anos atrás, em São Gonçalo eu cheguei a pegar uma caixa de som da igreja, uma caixa amplificada pra ligar um violão e uma voz, isso lá em 97, 98, já tinha esses recurso. E depois, lá por volta dos anos 2000, ai já tinha som essas coisa toda ai gente já começa a utilizar né. Mas antes era tudo feito no gogo mesmo, eu não tinha noção que a fogueira ia transformar num evento que se tornou hoje, naquela época pra mim essa só festa, come broa e divertir. Tinha uma casa veia naquela direção ali, morava o seu Vicente, os menino dele era muito amigo nosso, Marco, Dona Izabel , Dona Izabel era uma negona, era pretinha que nem carvão e ela ajudava a mãe faze umas broa, e ela era meiera daquela fazenda lá, ai ajudava a mãe a faze a broa, e aquelas raspa de broa que a mão não colocava na peneira do sexto, ele pedia pra levar pros menino comer sabe, a mãe:

-não leva broa de verdade pros menino comer, essas raspa de broa queimada não

A dona Izabel era vizinha ali do lado, um tempo, um tempo muito bom ai, sô Vicente, chamado de Vicentão o apelido dele Vicentão. e esse matinho aqui oh, virano aqui pra sair na serra tinha um caminho alternativo ai que devez em quando agente passava pra ir na lavoura lá do outro lado, e é isso ai esse norte é muita historia.

Farinhada – a mãe aqui, ela tava de noite costurando, diz ela que viu um cavaleiro descer esse morro aqui, diz ela que desceu até esse morro aqui. Ele descia. O cavaleiro tá tá tá tá, desceu paro aqui o cara veio com a lamparina, abriu a porta da sala olho não tinha ninguém, ela achou que era meu tio né! Tio Jão, Tio João era meio andarilho assim nas madrugada né. Mais ai não era ninguém não, quer dizer (risadas) era alguma alma perdida né! Deve ter alguma coisa errada aí...

Os cavaleiros aparecem nestes cadernos em formas de assombração. Essas assombrações estão por todas as roças, principalmente nos quilombos onde escutei histórias-de-assombração. E o cavaleiro-que-assusta-as-pessoas-à-noite é um dos mais comuns. No quilombo Colônia do Paiol este cavaleiro mal-assombrado tem nome, endereço e profissão: antigo coronel da fazenda. Me parece ser assombrações de um fulano-de-tal morto que volta, vez ou outra, para manter viva a opressão sobre esses povos, uma tensão que vive os quilombolas e que revela conflitos e lealdades com os coronéis.  
(minhas anotações de campo)

P – vamos fazer um clipe?

F – uai, vamo ué.

P – você prefere entrar ou sair da casa

F – sair.

Farinhada – (CANTA UM **CALANGO**)

Acerte o moço deixa eu também falar  
 Eu trepo na barranceira, não deixo a terra rolar  
 Na barranceira não deixo a terra rolar  
 Se rolar de manhã cedo de tarde mando juntar  
 De manhã cedo, de tarde mando juntar  
 Tirei leite contei vaca na porteira do currar  
 Ai contei em vaca na porteira do currar  
 Se jogar pra mim eu pego, Vou jogar pro cê pegar  
 Pra mim eu pego, vou jogar pro cê pegar  
 Se jogar laranja lima vou jogar maracujá  
 Calango dê pra faze calango dá  
 Meu gogó trepo no toco pediu fogo pra pitar  
 Trepo no toco, pediu fogo pra pitar  
 Minha goela é de mantina, quanto mais puxa mais dá  
 Ai de mantina quanto mais puxa mais dá  
 Uma cana deu na outra no meio do canaviar  
 Ai deu na outra no meio do canaviar  
 Moça de 14 anos chora pra me acompanhar,  
 14 anos chora pra mim companha

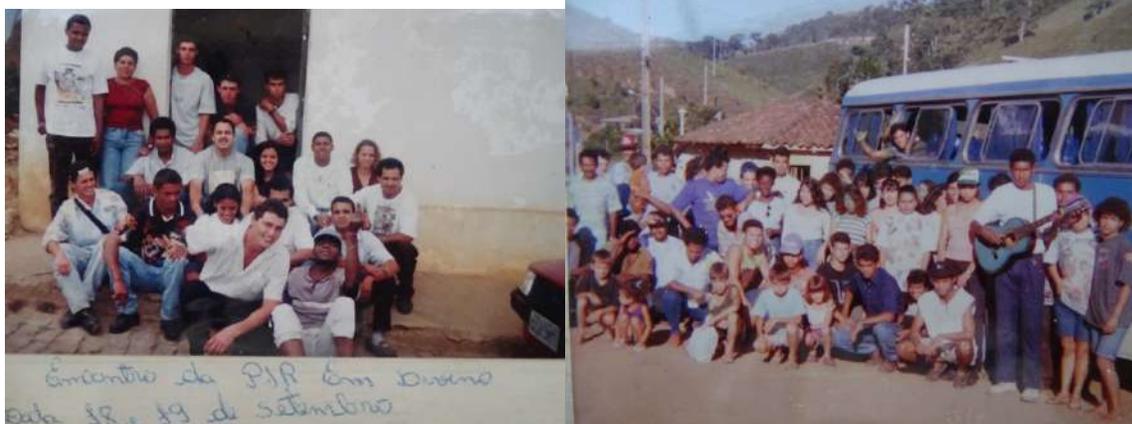
Trepe na roda de cima faço a de baixo roda,  
 Roda de cima faço de baixo roda  
 A de cima mói canjica a de baixo mói fubá  
 Ai mói canjica a de baixo moi fubá  
 Se quiser cachaça boa manda calango buscar  
 Cachaça boa manda calango buscar  
 O calango e nego esperto  
 Passa n'água sem moiá.

...

Entrevista coletiva no São Gonçalo - casa de Tonho Teixeira

### O PAI ROUBA, O FILHO HERDA E O NETO MORRE NA MERDA

**Farinhada – Então, Sebastião Farinhada aqui do São Gonçalo. quando eu atoava aqui na** comunidade e no grupo de jovem eu, eles me chamaram de Sebastião da PJ, por causa da pastoral da juventude, é muito comum algumas lideranças até hoje me chamarem de PJ. E daqui, em 95 né com essa violinha aqui foi o ganha fama de Farinhada na festa dos 10 anos do sindicato da Zona da Mata. Eu cantei pela primeira vez numa mística “vou faze uma Farinhada e muitagente eu vou chamar”. E aí virei então Sebastião Farinhada. E atuando até hoje no movimento de comunidade de base, na CEBs, eu contribui na acessória da pastoral da juventude rural é por essa influência da musica ligada a caminhada né, do povo, nos chamava de musica engajada, musica libertadora, virei cantador. E cantador dessas coisas mesmo, cantigas populares, folclóricas, mas o que eu mais gosto de faze na minha atuação é animação da luta do povo, Romaria, animação dos eventos né, das marchas, das ocupações é o trabalho assim que eu me sinto mais realizado de fazer. Porque também não deixa de ser um trabalho de formação que cê pode colocar musica, a historia e a formação dentro desse contexto desse trabalho.



Turmas da Pastoral da Juventude Rural nas quais Tião fez parte. Na primeira foto ele está sentado ao lado esquerdo da mulher de blusa vermelha. Na segunda foto ele segura o violão azul.

Padeiro – senhor, ficou sozinho, como e que é o nome do senhor?

João Batista Teixeira – Meu nome e João Batista Teixeira, e desde do inicio eu tô junto com eles na briga com eles, qualquer coisa que aconteceu

Padeiro – quando que o senhor começou na luta?

João Batista Teixeira – Junto com ele, desde que eles vem na

Farinhada – 89

Padeiro – 89! na PJ?

João Batista Teixeira – na PJ mesmo

Padeiro – e que que o senhor mais gostava de fazer na época da PJ ? na militância assim, qual era a coisa que mais te atraia?

João Batista Teixeira – a coisa que mais atraia nois e briga pelos direito né!

Padeiro – gostava de uma briga?

João Batista Teixeira – qualquer coisa nois tava junto, nois ia nessas comunidade tudo

Padeiro – rodava?

João Batista Teixeira – todas comunidade rodava. Toda comunidade que o PJ rodou nós tava junto

Padeiro – cume que ces fazia pra roda, ces tinha transporte, como é que era

João Batista Teixeira – nois ia a pé, nos subia essas serra a pé, ia todas comunidade daqui, setor, nós ia em outras comunidade, conhecer outros setor aqui

Padeiro – e ceis chegava na casa do povo e, como e que era a conversa na casa do povo?

João Batista Teixeira – nois conversava nois era bem recebido nas comunidade, nas casa, muitagente acabava ajudando nois. Nois tivemo muito apoio de muitas pessoas daqui, mais muitas pessoas também não apoiava nois

Padeiro – e o senhor era o meeiro aqui?

João Batista Teixeira – nós era meeiro, eu sou irmão do Antônio

Padeiro – quem era o fazendeiro aqui da?

João Batista Teixeira – o fazendeiro aqui, nois começamos... era o Américo né, que tinha o terreno que nois morava, aí veio o filho dele o Joãozinho

Padeiro – Passou pro filho ?

João Batista Teixeira – É

Padeiro – e hoje o senhor

João Batista Teixeira - hoje o terreno e nosso memo, sobretudo familiar

Padeiro – como é que vocês conseguiram a terra?

João Batista Teixeira – a nós consegui a terra na sorte né. tinha sorte que, tem gente que jogou, que as veiz conseguia compra um preço, aí chego na, nu, na quando paga nois praticamente pagamos 21 saco de café

Farinhada – recurso próprio

Padeiro – Recurso próprio, trabalho próprio?

João Batista Teixeira – recurso próprio, trabalho próprio

Farinhada – cada ano guardava um cadim né!?

João Batista Teixeira – cada ano guardava um poquim e ia pagano

Padeiro – e hoje já vive em terra própria a quantos anos?

João Batista Teixeira - 25 anos

Padeiro – 25 anos em terra própria! e a senhora qual que e o nome da senhora? chego aqui nem sabe que que tá acontecendo, vou começa com ela aqui depois eu passo pra senhora pode ser? eu to fazendo uma pesquisa aqui sobre a historia de vida do Tião Farinhada, como foi a historia de luta dele aqui na Zona da Mata, e como e que ele contribuiu pra transformar a realidade aqui desse lugar né! aí eu to pesquisando quem foram as pessoas que tiveram do lado dele nessa caminhada. Como e que a senhora chama?

Vanir – Vanir

Padeiro – a senhora conhece o Tião?

Vanir – uhum

Padeiro – tem quanto tempo que a senhora conhece ele?

JPT – deve ter uns quinze anos

F – tem mais moço

Padeiro – a senhora lembra como é que conheceu ele? onde que foi, que situação que foi?

Vanir - ....

JBT – na época ela num era muito de... era mais de igreja. Num era igual nós que começamos a briga junto com Sebastião.

Padeiro – e a senhora já viu algumas cantoria dele ? já viu ele tocando violão ?

Vanir – Já!

Padeiro – e a senhora gosta ?

Vanir – gosto , uhum

Padeiro – a senhora lembra alguma musica que ele canta assim ?

Vanir – a isso eu num lembro não

Padeiro – e a senhora é parente do Tonho?

João Batista Teixeira – não ela e casada comigo, eu sou irmão do Tonho

Padeiro – Você é irmão do Tonho. E a senhora participava aí da PJ, dos movimentos?

Vanir – a isso aí não

Padeiro – mais apoiava eles?

Vanir – apoiava!

Padeiro – tá certo, então depois o Tião vai canta uma musica aqui pramente reviver, to falando aqui mais nem sei se ele vai cantar, haha tomo uma cachaça aqui quem sabe anima né. A senhora que tá em pé, como que é o nome da senhora?

Maria Emanuelina Teixeira – Maria Emanuelina Teixeira. Só que os outro me trata de Dona Fia

Farinhada – Dona Fia.

Padeiro – Dona Fia. Dona Fia nasceu aonde Dona Fia

Dona Fia – aqui, em São Gonçalo mesmo

Padeiro – e a senhora conhece o Tião Farinhada ?

Dona Fia – conheço ele desde minino

Padeiro – desde menino?

Dona fia – desde menino

Padeiro – e a senhora via as travessura dele aí?

Dona Fia – É

Padeiro – Fazia muita bagunça?

Dona fia – não

Padeiro - é esse pessoal aqui fazia parte da PJ né?

Dona fia – sim

Padeiro – e a senhora apoiava essa luta deles, gostava? que que a senhora acha sobre essa coisa de briga pelas terra

Dona fia – bem

Padeiro – Importante? que que a senhora mais gosta de fazer aqui, tem festa aqui?

Dona fia – tem

Padeiro – num tem muita festa aqui mais não ?

Dona fia – cabo tudo

Farinhada – mais essas historia toda da PJ, do grupo de jovens, cumadi Fia sempre acolheu nois, nois fazia as reuniões, ficava ate 11 horas da noite

João Batista Teixeira – era aqui nossa casa

Farinhada – nossa casa, e quando nois ia faze as visita ela ia junto também, ela tinha que ir que era pra da uma moral pra nois né!

Padeiro – andava junto?

Farinhada – andava. ih foi com nois pra todo lado ne cumadi, e ue, foi com nois pra todo lado, de caminhonete a pé, e quando agente ia receber visita aqui ela cozinhava pra receber o povo, nosso ponto de apoio era aqui hehehe

Padeiro – era aqui nessa casa?

Farinhada – aqui e numa outra né. A outra casa

João Batista Teixeira – aqui já foi a libertação né. aqui já, passou a ser a libertação

Padeiro – aqui e quando compro

Padeiro – e o senhor é da luta também?

Farinhada – Ze Teixeira, desdo começo de tudo, Jose Teixeira

Dona Fia – ele é meu filho.

Padeiro – são quantos filhos ?

Zé Teixeira – nove.

Padeiro – e o senhor também participou dessa? ate hoje participa?

Zé Teixeira – Participei. Era barraqueiro!

Padeiro – Barraqueiro em qual sentido que o senhor fala?

Zé Teixeira – a festa de jovens

Padeiro – Mais se precisasse um barraco com os fazendeiro aí também fazia ?

João Batista Teixeira – Fazia hahaha

Farinhada – quando criou o sindicato eles foram a primeira família a querer associar né Zé?

Zé Teixeira - foi!

Farinhada – ceis des do começo associaram no sindicato, deu muito apoio porque o sindicato começou sem moral nenhuma né! esse povo sofreu muito abuso dos fazendeiro ai, eles que firmaram essa onda aí pro sindicato tá de pé ate hoje !

Padeiro – e qual a função do barraqueiro?

Zé Teixeira – Vender né!

Padeiro – e que época assim, trabalhava?

Zé Teixeira – foi 91 né Bastião?

Farinhada – 89, de 90 pra cá nois começamos

Padeiro – mais era festa assim?

Zé Teixeira – festa

Padeiro – aí fazia as barraquinha ? festa dos jovens, e vendia oque nas barraquinhas?

Zé Teixeira – ah vendia de tudo (risadas), cachaça, quentão, pastel, leite,

Farinhada – os bolinho, churrasco que a vaca tava veia

Zé Teixeira – bolinho

Farinhada – eles compraram uma vaca pra faze churrasco aí a vaca tava veia a carne não assava de jeito nenhum

Zé Teixeira – taquei uma mamão nela rapaiz, aquilo chego ate desmanchar na chapa

Farinhada – ce sabe que o mamão verde amaceia a carne, aí o Zé Teixeira resolveu o problema, aí o povo falagente que carne boa essa (risadas)

Padeiro – e oque que você achava que mais prejudicava o movimento, que que te deixava triste no movimento?

Zé Teixeira – era os fazendeiro né! é o lado ruim

Padeiro – e o lado ruim da historia né! e oque mais deixava triste, e como que senhor superava essa tristeza

Zé Teixeira – a nos toma uma né! (risadas) passava rapidinho

Padeiro – e ocê Tonho!

Tonho – eu desde 89, a partir do momento que Farinhada veio pra qui agente começo acompanhando a pessoa, ia tudo. Depois, era sempre acompanhando, sempre tava indo, depois agente começou assumindo assim o grupo de jovens, depois outro setor, e sempre todos, todas demanda do movimento agente foi. Assim eu acabei filiando ao partido dos trabalhadores certo. Aí vim pro sindicato fiz parte da diretoria, conselho fiscal, e fomo, e nisso também foi igual a que eu te falei antes foi o sonho dos estudo, a luta que agente fizemos, a conquista que agente conseguimos de quinta a oitava que depois segundo grau. E agente também veio com esse sonho, porque agente dentro do movimento, agente trabalhava e agente era muito oprimido porque agente tem muita resistêcia é tá lutando, tá chutando a canela dos fazendeiro no mesmo tanto, no mesmo tempo que oce chutava a canela deles você tava de baixo do teto deles ali, ce tava dentro da propriedade ali, eles ditava regras que agente as vezes e meio rebelde é... não obedecia, e agente corria muito risco de, e agente sempre falava que a nossa propriedade também, nois num tinha problema porque nossa fazenda também não tinha divisa na nossa cerca, por isso que nos resistia ali .

Padeiro - que historia é essa que a nossa fazenda não tinha divisa?

Tonho – que agente era meeiro e se num desse ali nois, ia pra frente, aí o sonho da gente que fomo criado aqui, nossas lutas, nossas conquistas foi aqui, então nosso sonho era o que ter um lugar que agente pudesse falar, esse aqui é meu, na verdade nós temo escritura, nois temo terra mais nós somos dono dela, Deus nos deu a oportunidade de cuidar dela, por isso que nos tem essa consciêcia ambiental, não jogamo agrotóxico não joga nada, porque sabemo que só tamo aqui de passagem, então agente agradece a deus pela luta que agente fizemo , por tá cuidando então, por ta cuidando por deus deu oportunidade te o direito da gente te a posse dessa terra, igual tem escritura tem tudo, então e um direito da gente cuida, não de destruí

Padeiro – cuida dela

Tonho – então agente foi nessa conquista nesse sonho de te pedaço de terra, agente era, onde tinha reunião do sindicato nem a porta das igreja aqui abria, mais lá em casa pela essa rejeição

assim nois sentia, pelo menos nós fala assim, samo meeiro tamo nessa casa, tamo trabaiano, somo escravo do patrão, pelo menos denda nossa casa nós vai, recebe quem nos qué. E as vez tinha momento que nos recebia quem nos não queria também, mais quem nois queria nois abria a porta, aqui vai ter reunião vai ter isso certo. Entrei no partido, vamo supor em 89 foi que eu tirei meu titulo, foi uma das primeira coça que eu levei, o povo falava lula, lula, mais eu fui conhecer Lula quando eu fui votar nele em 89, e agente na comunidade era minoria e fomo 93 né?

Farinhada – 92 foi prefeito

Tonho – lula perdeu em 89, depois foi 94, aí foi outra cacetada

Farinhada – e depois 98

Tonho –e nois entramo, e nosso candidato uma vez foi fumacinha, depois foi Farinhada, uai que desgrama e essa nois só leva bordoadada, e nois e nois só fala assim, as veiz bordoadada, pra mim nunca foi derrota porque eu votei com consciência sabeno certo. Eu falei, agente fez com consciência lutamo, um dia Deus vai olha pra baixo e vai fala um dia esses menino tem que sorrir em questão de votação, aí nois conseguimos. 2002 Lula, essa foi uma das nossas conquista e depois dendo movimento agente conseguiu dendo movimento agente sempre sonha em terra. Deu dentro do sindicato fazeno parte da diretoria também, nos conseguimos a questão do credito fundiário, hoje tem muitos companheiros nosso que não tinha terra e hoje tem terra pelo credito fundiário. Conseguimos habitação que eu trabaiei, eu trabalho hoje den do sindicato nessa questão da habitação do credi fundiário , e tamo na luta ate hoje sabeno que tamo apanhando muito na questão do credito fundiário , tem dia que nois vamo pro sindicato nos abre fica legre, tem dia que nos abre fica triste que as noticias que vem num são boas mais agente tá caminhando porque o município hoje do Estado de Minas hoje em questão do credito fundiário de espera feliz e oque mais acento

Farinhada – É referencia

Tonho – e referencia a nive de estado, habitação também é um dos que mais tem habitação certo, eu faço parte do sindicato fui um dos sócio fundador da questão coofeliz que nois trabaia na agricologia a Zimaf , faço parte da federação da Zimaf

Antônio Teixeira – na coofeliz o primeiro programa de aquisição pra alimenta do CONAB, assim fomos 20, foi um programa piloto, depois conseguimos. agora a cooperativa já deu outro salto, comercialização de café, de pó de café

Padeiro – tudo fruto dessa luta da década de 80, 90 ?

Farinhada – da década de 90

Padeiro – Mesmo tomando porrada, porrada, porrada

Antônio Teixeira - ixi, nos tivemo

Padeiro – Oh Guilherme, ce bobo rapaz, ce bobo mininu, a já filmei oce já, adianta corre mais não, deixa eu te faze uma pergunta o jovem, você e o único do jovem da turma aqui, aproveita que você ainda e jovem, te faze uma pergunta. te vejo aí nos movimento, já tá criado já né? qual que é a contribuição que essa turma aqui da velha guarda deixou pra você, você tem quantos anos ?

Guilherme – 22

Padeiro – 22, o mais velho aqui deve ter mai que o dobro do ce né?

Antônio Teixeira – a mãe tem 85

Padeiro – ixi, tem gente aí que lutou por você, ih ce tava longe de nascer ainda, é pra você qual que é a contribuição que esse povo mais velho deixou que você, te deixa mais feliz assim? aquilo que você olha pra eles e fala brigado gente

Guilherme – a eu acho que foi a liberdade né! devido aos relato que oce escuto, deu pra entender como que era a relação de meeiro e patrão, hoje em dia eu posso falar que eu sou livre pra fazer oque que eu quiser né! trabalho pra quem eu quero, vou pra onde eu quero que eu tenho dinheiro pra ir né! mais num tanto se agente olha pra trás e a vida minha hoje é a mil maravilha, eu num falo só por mim qualquer lugar que ce for aí, menino da minha idade tem carro tem moto, antigamente pra pessoa te uma bicicleta ele trabalhava a vida inteira e quando chegava a ter um bicicleta tinha uma bicicleta veia ainda. aí hoje ce vê qualquer um tem uma condução

Padeiro- se acha que isso e fruto da luta dessa velha guarda aqui ? e se falou que tem a liberdade pra ir e vir, um dia ce vai largar esse povo, essa luta um dia ?

Guilherme – um dia que agente parti dessa pra mio né! Kkkkkkkkk

Padeiro – ce acha que pode larga, que a luta já tá ganha ?

Guilherme – não a luta tá ganha não, agente teve um breve período de acesso aí que as pessoas saíram da situação meia braba , e mioro um cadim mais se vacila vai volta pro jeito que tava, ou ate pior ainda, então agente não pode descansar momento algum né !

Padeiro – então se acha que, os mais velhos vai ter que tirar força aí de onde, a juventude vai ter que ser

Farinhada – nois aprende é com eles né!

Guilherme – e porque ta brabo, e porque assim hoje quem fala que na roça tá ruim é porque tem preguiça

Farinhada – já foi difícil

Guilherme – hoje eu te falo quando eu fiz o cursinho isso em 2009 em 2010 sei lá, eu fui em viçosa e tava oiando lá o tanto que eles estudava lá pra no final das contas fica aque chove num molha danado, eu oiei pro lado eu vou e fica na roça memo lá eu como e bebo muito bem, num passo aperto com nada então, e sem conta que sem stress né!

Padeiro – Tá certo !!

Guilherme – quando, optei ficar na roça no escuro, num foi por

Padeiro – Ah tá, ce fico na roça

Guilherme - num foi como eu vou te falar né, num foi porque não tinha outro caminho foi porque eu quis mesmo

Padeiro – ce foi lá viu oque que era, e escolheu ficar aqui, e hoje ce trabalha aqui na roça, ce trabalha com oque ?

Guilherme – Com lavoura, com Café, Capim, Pranto, colho

Padeiro – tem uma terrinha ?

Guilherme – tem, meu pai tem um terreno ali já tem mais de 30 anos

Padeiro – trabalha na terra do seu pai ?

Guilherme – Uhum

Padeiro – quase passando pro ce? Tem mais irmãos, só mais uma aquela lá oh

Padeiro – aí vai ficar oces dois cuidando da terra ?

Guilherme – é, eu acho que só eu né!

Padeiro – onde que e as terra ?

Guilherme – e uns 3km daqui

Padeiro – e trabalha com agricologia lá ?

Guilherme – dentro que agente consegue sim, igual veneno agente num usa, igual o adubo químico não tem como agente num usa, então no mais que agente usa e isso mesmo

Padeiro – Ta certo

Farinhada – muito bem

Antônio Teixeira – pelo menos eu tive um privilegio, nunca fui um aluno bom mais sempre gostei de ir na escola, porque na escola oque agente aprende ninguém tira dagente, uma coisa que, pode cair tempestade que for qualquer coisa que seja, oque oce aprendeu é seu ninguém tem como te toma, então foi 2013, teve uma seletiva da educação no campo, aí tá os menino pra i, aí eu fiz a inscrição pelo menos eu vou lá em viçosa vou lá faze essa seletiva, essa prova, acho que era uns 400 alunos ou mais, tinha bastante gente que fez, era 120 vaga, aí eu fiz e falei pelo menos eu fiz levo o motorista com a turma vou com eles e vou faze, porque tinha 10 anos que eu num ia numa sala de aula, eu fiz inscrição pela internet, eu não tive tempo de tempo de um monte de coisa na minha cabeça, não tive tempo de para e estudar, aí eu fui fazer a prova, nois era 10 fomo em 2 carro, aí todo mundo saiu, o ultimo a sai da sala, a turma ate zuo de mim, oce foi o mai mole da turma, aí eu falei assim, eu entrei dentro da sala achei que não ia faze nada, mais pelo que eu vi a prova eu realmente voltei minha memoria muitas coisas, consegui faze, falei assim o, química eu num fui muito bem, porque a tabela esses trem a minha cabeça já não gravava mais nada , mais eu tenho certeza que eu não mal na prova, depois fui ve o resultado fiquei em trigésimo segundo, de Espera Feliz foi a segunda melhor, dos 10 foi a segunda melhor, aí eu falei assim fui o mai atrasado a faze a prova mais

Padeiro – conseguiu nota boa

Antônio Teixeira – mais numa turma dessa eu fui privilegiado , eu tive opção que eu tava casado, tive a opção de ter filho essas coisa assim, mai eu fiz opção não ir faze a matricula aqui, um agricultor, fi de agricultor a situação pobre que agente veio e chega na universidade igual eu cheguei lá, e te a oportunidade de pelo menos faze a inscrição do curso foi um ganho muito grande porque, a 20 ano atrás não havia nem se fala que um agricultor sai-se lá pra faze a prova, se fala que eu era burro que eu num tinha inteligência mai na verdade os agriculto são inteligente igual as outra pessoas que talvez não tinha oportunidade, e esse governo lula nos deu essa oportunidade, porque através da cooperativa, um dia reunido com Marcinho, Alam e Olair, aí fomos nas salas explicamos sobre o cooperativismo sobre que

agente tinha uma cooperativa, aí o Alam falou assim, ceis são privilegiados nessa sala aqui só sento um povo aqui pra reuni sobre o agronegócio, trabalhador rural igual a o ceis nunca senta, então eu me senti privilegiado por tá lá representando a agricultura familiar, representano meu grupo lá na universidade, então e um ganho pro movimento muitas coisas, as veiz as pessoas fala ceis são bobo movimento aí correndo atrás melhoria pros outro, as vez as pessoa não da valor, infelizmente muitas pessoas não da valor pro que agente corre atrás pra conquista pra eles , eles acha que conquistas credito fundiário veio de graça, num veio atrás do suor nosso das lutas certo, porque agente nunca desanimo, porque agente tava nos encontro, tava nas comunidade, rezando. Tava no seminário tinha encontro falo assim tem grito da terra em Brasilia, vamos, foi no domingo eu tinha trabaiado a semana inteira pisado em saco de café, buraco de tatu, falei assim vamos foi no domingo, fui pro seminário vão pra Brasília

Padeiro – aí foram

Antônio Teixeira – aí eu falei assim, vão, a mãe falo assim o sua perna, eu falei assim vai sara, peguei sal vinagra e limão agua, enfaixei meu turnuzelo tava, uma batata desse tamanho assim, aí eu falei vamos , no outro dia puxando a perna mais já tava bem recuperado, falei assim Farinhada se tive policia atrás de nos po prepara vô pula na sua cacunda, corre num vo consegui mais

Farinhada – e ai eu falei assim

-opa, fica sozim nesse negocio não né!

Aí a primeira oportunidade que teve, eu falei assim

-vamo mobilizar mais gente pra ir né!

Antes assim o sindicato não tinha recurso, não tinha aquela coisa, então sempre ia uma pessoa, aí quando começo um recursim que dava pra banca uma quantidade maior de gente nois bancava a ida dessa galera toda né! e aí nossa turma fazia bonito né! ia pra linha de frente memo né! vinha pra cá né, costumava nos vinha pra cá um dia antes de viaja, dormia aí né cumadi?

Cumadi – É

Farinhada – no outro dia de madrugada nois

Senhor de Blusa verde – o falo assim, e bom que nois chega atrasado, foi em Muriaé num foi ?

Farinhada – aham, caminhada em Muriaé

Senhor de Blusa verde- e bom que nois chega atrasado e fica na frente

Senhor do lado do farinhada- teve um ato contra a previdência

Farinhada – previdência

Senhor do lado do farinhada – nosso carro atraso , aí falo a bom que nos chega atrasado, que vai da policia um negocio assim , aí pensa que não ta esperando nois em espera feliz, tava esperando em espera feliz aí falo assim, chego vamo começa, aí eu falei assim, a não nois tamo começando de novo, eu quero fica lá pra, zona de conforto lá pra trás, na verdade quem pego a linha de frente foi nois ! então a bandeira quem vai coisa, então vem, meio assustado, tamo aqui agora num tem volta né!

Farinhada – naquela época assim, porque a questão da previdência, a questão dos direitos pra sair tinha que, fala pra ele vir ca um cadim, nessa época que crio sindicato praticamente não tinha, ninguém tinha contrato de parceria, e aí o grande medo dos fazendeiro era que os meeiros levasse eles pra justiça pra toca demanda né! por causa dessa questão de num te contrato.

-o cumpadi vem cá só um minutinho, só da um testemunho pra nois aqui, e aí o sindicato teve uma atuação muito forte no começo porque as primeiras demandas que apareceram mesmo assim contra os fazendeiros, que deu problema nessa época são os caras que tão quebrado hoje. por exemplo o assentamento Padre Jesus foi do cara que quando crio o sindicato falou que ia por fogo no sindicato porque lá era caminho de rato, que tinha trabalho escravo na fazenda dele ! outro cara que tá quebrado e o daqui né! que por falta de demanda foi lá da família que morava em condições desumanas

- então mais aí eu tava chegando, tinha um fusquinha azul que era o nosso chofer pra ir em tudo quanto era reunião do PT, do sindicato

Cumapadi do bigode – tinha um verde também

Farinhada – tinha um verde né! tinha muitagente importante nessa luta aí

Cumapadi do bigode – o ceis tão filmando ?

Farinhada – tamo filmando !

Padeiro – é pra prejudicar a globo !

Tonho – na gestão do Zé Vicente, questão trabalhista encontrado um advogado, estagiário de um advogado de Belo Horizonte pegou as causas e nessa época foi muito feliz que entro

rebutano tudo. então o sindicato eles ficou muito assustado com o sindicato, toda a demanda que ia ela estava ganhando, então foi o sindicato ganhou também- foi uma revolta do povo Farinhada – é o sindicato foi pra nós

Tonho – foi um momento que teve perseguição aos sindicalista porque qualquer demanda que fosse o advogado de Belo Horizonte pegava a causa, todas elas pegava pra acabar com os fazendeiro, então foi um momento que os sindicalistas as pessoas, Amaury o Milton, João Lima, Zé Vicente, são os momentos que eles passaram risco de ameaçaram chegar, chegar fazendeiro dentro do sindicato

- eu ficava lá meio pra lá e pra cá, chegava levantava a blusa assim, eu falava assim, o cara levanto a blusa mostro o cabo do revólver, não mudei, falei assim, tremia vontade de mudar a palavra dele mais não mudava, teve firmeza, mesmo revolver, o cara mostrando o revolver na cintura ele não teve medo. então agente passo agente ve falan na televisão essas coisas de morte de sindicalista, agente sabe que agente teve momentos na mira da bala, as vezes nós não, nos pegamos uma fase mais paz e amor depois pegamos o sistema do governo Lula e muito questão de habitação, crédito fundiário num pegamos essa, pegamos política pública, mas eles pegamos um momento de afronta com os fazendeiro, e esses momentos foi certo, muito de nossos companheiros Amaury que era muito bom de bola, gostava da bola mais a bola tava na mão dos grandes da vez

Padeiro – o dono da bola era o

Tonho – É, as vezes era excluído, a não tem um time não tinha campeonato para ele, aqui num vai não, então outros companheiros

Padeiro- mais qual que era a diferença do uso da terra pra vocês que lutavam com o sindicato pros fazendeiros, que que tinha diferença, que que eles faziam com a terra que vocês não gostavam e como que vocês tratavam a terra que causava tanta indignação pros fazendeiros

Tonho - oia só a terra pra nós é mãe né! e da terra que o sustento que agente tras pra gente, pra nossa família, terra é o nosso chão da gente, então que que eles faziam usava da terra pra escravizar os menos favorecidos, botava as pessoas pra trabalhar de graça, usava da terra fazia os menos favorecidos pra trabalhar no meio dos venenos dos agrotóxicos, então a coisa é indignação dos companheiros. que agente já tinha aquela noção aquele conhecimento, porque agente veio de um momento crítico mais e um momento que agente também teve aquela noção de diminuir o bem, vão supor se eu sou melhor eles com 10 sacafé por 15, muitos

poucos meeiros que foi meeiros que conseguiu compra sua propria terra pra ele mesmo, porque eles trabalho bem mais tem uma gestão bom, porque hoje trabaio de meeiro você conseguiu compra um pedaço de terra foi muito abençoado por deus, deus abençoa agente a cada momento e também a gestão de diministra aqui bem, que teve gente, companheiro nosso, teve oportunidade, trabaio em propriedade menos ruins porque todo proprietário e fazendeiro pra mim e igual, mais tem propriedade que as vez da visão de empredadoia dos fazendeiro dá condição do cara crescer, porque quando eu chego na propriedade e eu vejo os meeiro tudo mais ou menos o fazendeiro esta fudido, quando ce chega numa propriedade hoje e os meeiro tudo controlado ce pode ve que o fazendeiro ele tá magnata, hoje é assim antigamente num era assim não certo !

- e muitos fazendeiros que continuo naquela cabeça de se magnata e poderoso certo, o tempo passo, aqueles meeiro que era escravo já teve uma politização melhor de consciência saíram daquela propriedade foram pra outra, hoje muito deles são donos do próprio nariz certo, hoje agente tem exemplo craro que os pessoas que os meeiro se fazendeiro encosta o carro dele ali per do fazendeiro , aí quem volta na historia 20, 30 anos atrás fala esse carro aqui e do sô Betanio, não carro do seu Betanio é aquele lixo ali que tá todo quebrado ali certo, documento atrasado, num pode ir na rua é agente passa perto dele no meio do caminho, tem que para tem que tira gasolina no carro dele as vez tem de rasta. então e esse certo, então agente faz tabem fica indignado fica triste, mais agente fica feliz, tem momento que agente acha, Deus num existe ? a não agente luta com tanta dificuldade, passa tanto perrengue, mais deus e justo as veiz agente que não tem a capacidade de perceber, porque, eu falo assim “ a se o filho do rico sobrevive o filho do pobre escapa” agente passa por um e outra situação mais agente nunca pode esquecer, então por isso agente tá no movimento, o movimento, agente e o legado que agente ganha conquista que agente vê o sorriso de pessoa ingrata , mais tem pessoa muito humilde lá que tá na terra lá. opa foi lá no sindicato, então e muito, eu sempre falei que o maior legado que agente tem no movimento eu considero como movimento o sindicato realizado de sonhos, muitas pessoas as veiz sonhava , agente falava com a mãe, a não tem nossa casa nosso carro, o fi que que e isso fi, isso e um sonho nunca vai realiza e agente falava e hoje isso se ralizo então, e muitos companheiro realizo, então agente fala que sempre que eu falo e a pessoa pergunta, que que e o movimento pro ce, eu falo o movimento pra mim é um que agente faz, é um realizador de sonhos porque muitos sonhos que agente realizo, o

sonho da universidade , o sonho da casa o sonho da terra o sonho da liberdade de tá então hoje agente tá no lugar da liberdade então ele da nossa comunidade aqui agente são igual pra igual com qualquer outro proprietário .

Farinhada – na criação do sindicato aí ce foi logo, logo que crio o sindicato ce feiz parte da diretoria né?

Cumpadi do Bigode – É, o sindicato tava com 2 anos de idade eu entrei né!

Farinhada – então fala pra nois como era esse começo, porque eu chego no olho do furacão né! acontecendo as demandas, lideranças perseguidas, aí eu começo a , participar, e as referencias eram assim, num acompanha João Afrito não, Isaías, companha essagente não

Cumpadi do bigode – a eles chamava nos de capeta né! Farinhada – o time de futebol era excluído que era todo mundo do PT todo mundo do sindicato, preto hahahahah

- os fatores tudo a favor nosso né!

Cumpadi do bigode – passava perto de nos e num dava carona também não ! os fazendeiros que tinha,

P – levantava poeira...

Cumpadi do bigode – quase passava em cima de nois, a

Tonho – vontade matar esses desgraçados!

Cumpadi do bigode – vontade era de tropela hahahaha

Padeiro – nessa época aí que musica que era a mais pedida nessa época, ce lembra pra tocar aí pra...

Farinhada – uai, o povo cantava espinheira né!

...

Farinhada – aí ele viu nos na peleja e tava com, com, com um negocio pra faze um quantão e foi na casa dele é busco um fogareiro, e num sei quantos dias foi entrega tendeu. ele é assim, ele era ruim

Sujeito – ele tinha uns pretinho, mai diretamente com nois nunca, o fim ele deixo um encucamento pra nois aí toma conta pra ele mais nois num quis não hahahahahahaha que o papo dele era barra pesada viu

Padeiro – pode ir Tião

Farinhada- oi ? oh mais então o Zé Teixeira, a fazenda Boa Esperança era um quilombo li antigamente né?

Zé Teixeira – Era, a fazendeira ali era Joaquina Dutra

Farinhada – ela deixou pros negro ?

Zé Teixeira – Isso, foi dois negro que era os nego mais chegado, como e que chamava o Veio ?- me que chamava o avô da senhora mãe ?

- Zé Cassiano

Farinhada

<https://youtu.be/UM8u7avwhjQ> (05 artistas-grota)

(Canta espinheira danada)  
Eita espinheira danada o pobre  
Atravessa pra sobreviver  
Vive com a carga nas costas,  
E as dores que sente não pode dizer

Sonha com belas promessas  
De gente importante que tem ao redor  
Quando entrar fulano  
Sair o ciclano será bem melhor  
Vai sai ano entra ano  
E o tal do ciclano ainda é pior

Este é meu cotidiano,  
Mas eu não me dano pois Deus é maior

O mundo não acaba aqui  
O mundo ainda está de pé  
Enquanto Deus me der a vida  
Levarei comigo esperança e fé

Mas o mundo não acaba aqui  
O mundo ainda está de pé  
Enquanto Deus me der a vida  
Levarei comigo esperança e fé

Eta, que gente danada  
Que esquece de vez a palavra cristã  
Ah, eu queria só ver  
É se Deus se zangasse e voltasse amanhã

Seria um Deus nos acuda  
Um monte de Judas querendo perdão

Com tantagente graúda  
Implorando ajuda com a Bíblia na mão

Mas a esperança é miúda  
E a coisa não muda, não tem solução  
Nem tudo que agente estuda  
Se agarra e se gruda, arrebenta no chão

O mundo não acaba aqui  
O mundo ainda está de pé  
Enquanto Deus me der a vida  
Levarei comigo esperança e fé

Mas o mundo não acaba aqui  
O mundo ainda está de pé  
Enquanto Deus me der a vida  
Levarei comigo esperança e fé

Este trecho do caderno são algumas conversas que fizemos ao longo das caminhadas que ficaram em meu caderno de campo. As falas estão bastante inspiradas, por isso as coloquei no caderno.

## REDE DE SABERES DOS POVOS QUILOMBOLAS

**F – Depois de muito tempo, e acontecendo muita coisa nesse debate negro, foi preciso criar** algo que o quilombola se identificava com ele pra ele se sentir parte, dentro, a sapoqui. Ela vem anunciar a organização dessas comunidades. Que uma comunidade se aproxime de outra, conheça o trabalho da outra. Na zona da mata agente tá muito próximo uma da outra pra icar tão distante um do outro. Entre piranga a viçosa, um povo que não conhece o outro, pode ser até parente. Conhecer o trabalho do outro. Talvez não vamos colher os frutos disso. Vai ser a principal organização da região. Se possível ser Estadual. Pensar a caravana. A UFV e UFJF tem acumulo. A rede vai ser um dos movimentos mais forte na região.  
-ela nasce com acolhimento de outros movimentos

## PANELA CULTURAL

**F - formação de artistas populares. Como cantar a resistência do povo se não estudarmos,** fortalecer. Não podemos esquecer que temos uma história e temos responsabilidade com essa história. É preciso formar mais gente. Gente nova. Essa gente nova é preciso se encantar com essa música da caminhada, com essa música da caminhada!

## SONHOS

### **P – E seu sonho pra relação ser humano, natureza, cultura?**

F – Consolidar a luta que sempre fizemos, agroecologia, formar novos quadros, ter lideranças para as bandeiras, ter gente nova pra assumir a luta. Nosso trabalho é por gente na estrada pra fazer o que agente fazia. Se for pra fazer tudo de volta num tem problema, fico na rua oito, dez dias... quero praticar as coisas que eu vi na teoria, por em prática os versos que tá na cabeça, no papel. Enquanto não tiver gente pra assumir o que agente faz nós vai fazendo. Eu tenho esse desejo de tar mais quieto pra produzir o que eu aprendi sobre cultura popular, agroecologia, a arte, nossa Escola de Formação, num viajar tanto. Ter um lugar, uma referência. Não tinha o contato com o povo das periferias do Brasil, hoje eu vejo que esse povo é o povo expulso do campo de 30, 40 atrás. Os filhos desse povo é do funk, hap é unir esse campo com a cultura periférica isso tem um elo muito forte. Nos duelos de MCs me recordo dos **calangos**. Ela tem a raiz e dessas raiz vai saindo as culturas diferentes, os troncos e galhos. As raízes é do campo.

P – onde tá a raiz do campo, pensando no rizoma, a raiz do campo é o braço que vem de onde?

F – Dá terra né. Tudo parte da terra né. Onde tá a cidade já foi mata, terra, roça. Divino, Carangola todas as cidades eram vilas que expulsaram os índios. Expulsa os índios! Começou com serraria, põe uma zona, um botequim pra vender cachaça pros madeireiros, busca umas mulheres da cidade mais grande pra por ali, e nasce a cidade. A raiz disso tudo é a terra. Tudo tá no mato. Vamos por um ponto final se não num acaba. Mas isso num acaba não, se acabar num tem sentido.

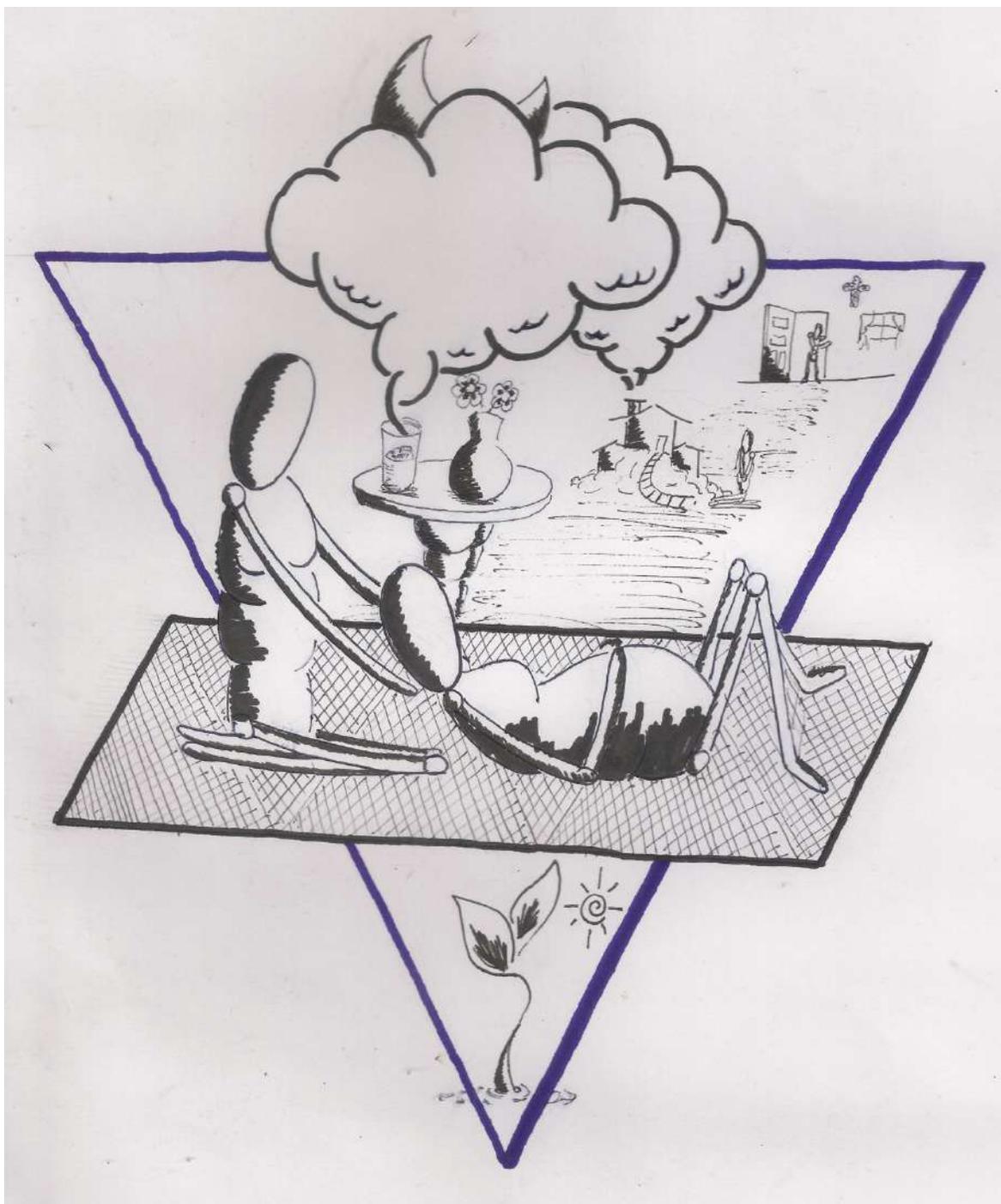


Ilustração: Samuel Uihôa – A parteira e as brasas.

## culturaS

Quando uma criança batia a sua porta com força, a velha senhora já sabia: uma mãe estava em trabalho de parto. Ela era a parteira de muitos quilombos, na região de Orizânea, Zonas das Matas de Minas Gerais. Mas ela não saía correndo de casa. Pegava um copo com água, colocava dentro uns carvãosinhos em brasa tiradas do fogão a lenha e rezava ali mesmo... murmurinhos... pegava sua sacolinha e caminhava até a casa da nova criança. Quando chegava ela apenas acarinhava a mãe e dava os primeiros cuidados à criança. Cada brasinha que afundava era uma contração...

(Assim nascem algumas crianças. Quilombo do Pimenta, Orizânea, Zonas das Matas mineiras. 2016)

Presentes:

Mestre Boi  
Guilherme Padero  
Henrique

### ÍNDICE DO CADERNO:

Quem cuida das coisas que faço é o tal do “pulo do gato”.  
Não adianta procurar, não adianta tentar aprender,  
do gato não sei nada, nem a cor.

Não me ensinaram o “pulo do gato”. Mas do pouco que faço de tudo me foi ensinado. Sou o que sabe. Me chamam de mestre, mas não me ensinaram o “pulo do gato”.

Penso que tradição é isso: os mestres antigos continuam tomando conta. Eles sabiam o “pulo do gato” e diziam: menino, você tá querendo saber demais!  
Te ensino que é preciso caçar, mas o “pulo do gato”  
Não posso ensinar.

Passei pela vida fazendo coisas, carregando pedra, fundando lutas,  
Plantando esperanças, colhendo sonhos, e procurando o tal “pulo do gato”.  
Hoje me acompanham duas crianças, minhas netas  
Só agora, fazendo o caminho de volta, percebo  
Que o “pulo do gato” sou eu.

## TRAVESSANDO

Quando decidimos<sup>52</sup> que os trabalhos de pesquisa seriam em caminhadas pensadas e elaboradas pelos próprios mestres, nos permitimos sermos guiados. Como **sombra**, me tranquilizei em esperar os trajetos que iríamos percorrer, no entanto, neste trabalho também me tornei **espírito**, pois já havia feito várias caminhadas com os dois mestres.

Esta caminhada que denominamos culturaS<sup>53</sup> feita no dia 1º de junho de 2017 com auxílio de Henrique nas filmagens e fotos, foi realizada em trajetos percorridos pela banda de Congo José Lúcio Rocha da qual Boi é mestre. E também já foi feita em outras ocasiões, quando também pude participar<sup>54</sup>. Então, propus refazermos esta caminhada. No entanto, apesar de termos feito o trajeto que a banda de congo realiza, a qual podemos chamar de tronco, mestre boi nos conduziu a outros lugares que naquele momento ele achou importante. Este trajeto começa na comunidade quilombola do Córrego do Meio, passando por casas, córregos, pontes e terminamos andando nas ruas de Airões e visitando os bens culturais que Boi ajudou a fundar: a igreja de Nossa Senhora Aparecida e a Casa do Congo.

Pertencer e ser pertencido por algo de sua etnia, de seu grupo, é pra mim, uma mensagem fundamental que sobressaiu desta caminhada. Mestre boi se tornou um mensageiro de suas culturas legitimado por sua comunidade. Seu trabalho, diz ele, se justifica pelo o que vai ficar para as gerações futuras. Em suas falas:

-Este trabalho que estamos fazendo vai servir pras minhas netas!

se multiplica para outras dimensões de suas relações: o congado, as festas, as matas e bichos. O que ele faz e com quais intensões, nada é dele ou ficará para ele. Mestre boi é apenas um filho de Deus com uma missão de cuidar do que lhe foi entregue.

Fica evidente que fazer os trajetos da banda de congo, como n' *Os Caminhos de volta*<sup>55</sup>, é um re-fazer a trajetória, redirecioná-la a um futuro desejado. A medida que iamos **pesquisando** de volta nos caminhos já feitos há 130 anos pelas bandas de Congo, como foi feito também pelas famílias de Tião Farinhada, iamos decidindo como deveriam ser os

<sup>52</sup> Essas negociações ocorreram juntos aos orientador e coorientador deste mestrado.

<sup>53</sup> Esta caminhada foi feita com auxílio de Henrique nas filmagens e fotos.

<sup>54</sup> Faço parte desta banda desde 2006. Este trajeto narrado neste caderno é feito tanto na festa de Nossa Senhora do Rosário quanto nas comemorações do 13 de maio, dia do aniversário da banda. Fizemos este trajeto também em visitas de estudantes universitários, como no caso do Encontro Nacional de Estudantes de Biologia em 2007 ocorrido na UFV.

<sup>55</sup> Caminhada feita com Farinhada nos lugares onde viveu a infância, adolescência e parte da juventude.

próximos anos. Nestas caminhada o que não faltou foi sonhos de projetos: Caravanas Quilombolas, Escolas de Formação em arte e cultura, Formação de Jovens Artistas-Militantes, Panela Cultural<sup>56</sup>...

Enfim, desejo que Nossa Senhora da Guia e São Beto tire os bicho de baixo do caminho para que a leitura deste caderno se realize com alegria.

<https://youtu.be/9-GIaiz9i6E> (06 devir-grota)

## PESQUISAR É LUTAR: ESPÍRITO BEM ALINHADO E CALCANHAR BEM APONTADO.

**Mestre Boi – Em primeiro lugar eu quero agradecer a Deus e à Senhora do Rosário que** interceda junto a Jesus em cada um de nós. Vou cantar... é... tudo agente tem que crer né. Aquele que num acreditar em Deus ao menos no sol e na lua né. Por que através deles ele sabe que tem o mestre. Inda eu pegar esse terço... esse terço é praticamente o primeiro terço que eu faço na minha vida. A pedido de um amigo o Haulim, acho que é Haulim o nome dele lá de Regência né. Amigo que eu conheci aí de uns três anos pra cá né. Aí ele pediu né. Eu falando pra ele sobre o terço né, a Virgem Maria ela pede que reze o terço todo dia. E essa semana ele me ligou e nós vamos pra lá agora sexta-feira com a graça de Deus, nós vamos fazer uma apresentação lá ao Caboclo Bernardo lá em Regência no Espírito Santo. Vou cantar o canto do terço aqui:

(Cântico)

Me dá meu terço, esse terço é de rezar  
Me dá meu terço, esse terço é de rezar  
Este terço ele é meu ele à de me salva  
Este terço ele é meu ele à de me salva

Então este terço aqui ele é em homenagem a Caboclo Bernardo<sup>57</sup>, o herói né, da Segunda Guerra Mundial. Acho que é 1827 né, que o navio anafrago no litoral do Espírito Santo no

<sup>56</sup> Da época em que foi realizadas essas caminhadas até este momento de escrita se passa mais de um ano. Nesse tempo conseguimos implementar alguns destes projetos como a Caravana Quilombola e a Panela Cultural.

<sup>57</sup> Caboclo Bernado foi um morador e pescador da praia de Regência-ES. No ano XXX ele salvou cerca de 130 pessoas de uma embarcação imperial que naufragou próximo a praia de Regência. Todo mês de Junho se comemora, nas prais de Regência, o ato heroico de Caboclo Bernado. É uma festa que une várias bandas de congo, jongo, caxambu e outras manifestações por um dia inteiro pelas ruas da cidade. A Banda de Congo José

lugar chamado Regência né. Então esse Deus que tá aqui se Ele permitir domingo uma hora dessas nós tamo lá apresentando né, levando a Banda de Congo José Lúcio Rocha até lá. Então eu pedi o Guilherme pra nós rezar um Pai Nosso com Ave Maria, por que sem conhecimento de Deus num cai uma folha dessa árvore aqui né. Então tudo que tem nesse mundo tem que ter um mestre. Talvez alguém pergunta:

-de quem essa casa aqui?

-essa casa é de Antônio Boi!

-e aquela casa ali?

-aquela casa é de Natália!

-e aquela outra casa lá?

-é de Maria. E a de lá é de João.

-e esse mundo? De quem é esse mundo?

-você sabe de quem é esse mundo né.

Então tem um dono né. E esse dono daqui é dono da vida né. Então nós vamos rezar esse Pai Nosso né, para que vocês tem êxito nos seus trabalho.

(chega Jaciara, neta de Boi)

-tomou benção as pessoas aí? Toma benção os rapaz.

Então agente... a benção né é uma palavra muito significante. Acontece que agora de uns anos pra cá surgiu muitas coisas no mundo que eles tão esquecendo, tão partindo pra... por que quando agente fala assim:

-Deus te abençoa!

Nós tamos exigindo de Deus uma benção. Nós num pergunta a ele se ele pode abençoar o irmão ou filho não. Quando agente fala assim:

-bença?

Nós falamos assim:

-Deus que te abençoa

Nós tamo exigindo de Deus uma bença, que nós sabemos que ele abençoa né. É uma palavra sagrada, uma palavra santa. Mas infelizmente é... as inducações, num tá inducando, o pai

Lúcio Rocha foi convidada a participar deste festejo e desde 2016 é a primeira banda fora do Estado do Espírito Santo a ter presença nos dias de festa. Tive a oportunidade de participar na festa do no de 2018 como caxeiro da banda. Este convite foi feito em função da participação de mestre Boi na Caravana do Rio Doce ocorrida em 2016 em decorrência do desastre/crime da barragem de Fundão em Mariana.

num tá inducando, ele lá vai de acordo que vem rolando o pessoal lá vai também. E se bobear até nós com 67 anos ainda fica pior do que o jovem ainda. Vamo rezar o Pai Nosso:

-Pai nosso que estai no céu,  
santificado seja o Vosso nome,  
venha a nós o Vosso reino,  
seja feita a Vossa Vontade  
Assim na terra como no céu  
o pão nosso de cada dia nos dai hoje  
pedoi as nossas ofenças  
assim como nós perdoamos os que tem nos ofendido  
não deixei cair em tentação  
mas livrares do mau amém.

-Ave Maria cheia de graça  
o Senhor é convosco  
bendito sois vois entre as mulheres  
bendito é o fruto do Vosso ventre Jesus  
Santa Maria, mãe de Deus  
Rogai por nós pecadores  
agora e na hora de nossa morte amém.

-Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo  
para sempre seja louvado.

Este terço aqui gente, vocês vê que é...omé que funciona, se tem o dono do mundo ou se num tem. Essas contas se mandar um de nós fazer elas, como se diz aí os doutor da lei, os cientistas, eles num conseguem fazer uma conta, eles fazem de tudo... então é simplesmente mandar eles fazer, chega perto do... dos que sabe de tudo e diz pra eles fazer somente uma conta dessa pra nós aqui ó. Uma coisinha desta né, da lágrima de Nossa Senhora. Então é preciso que agente acredita! Num tem como não ué. O homem sabe fazer de tudo, mas o segredo de Deus ele num conta pra nós não, que ele sabe que nosso coração é mau. Então tá aqui essa conta. Então agente vai pra fazer o terço, agente tem que arrumar uma cruz, arrumar um ferrinho pra ir furando as contas né, isso se chama conta, depois arruma uma linha de anzol mesmo e vai chuchando devagar. No começo dá um trabalhozim, mas depois né... eu até com uns probleminhas de saúde, isso tá até esquentando muito minha cabeça eu vou largar. Depois eu falei:

-não, eu vou ter que fazer! O moço pediu.

Isto aqui será uma grande coisa pra eles lá. É mais acreditar né. O ser humano infelizmente se ele num ver na frente dos olhos dele ele num acredita não. Então é preciso que mostre a

ele que... se todo dia de manhã, a noite, a pessoa rezar um terço né, ele consegue muitas graças, muitos milagres. Por que a Nossa Senhora, a Virgem Maria, a mãe de Jesus, ela diz assim:

-pede o Filho que o Filho atende.

Amém!

Partir pra outra né.

...

Curiosidade da Jaciara. O que num presta ela sabe direitinho, o que presta tem que ir aprendendo.

Meu nome é Antônio Matias Celestino, conhecido como Mestre Boi. Quando se fala em mestre você sabe que só existe um né, é Jesus né. Nós somos um simples aí, num serve nem pra lavar os pés nós num serve. Mas apelidam agente como mestre, eu mexo com a congada né, Banda de Congo José Lúcio Rocha. Aqui é a comunidade quilombola né, Córrego do Meio, ela começa lá em baixo, divisa com lá com Airõe né e vai até divisando com a Reserva, um lugar chamado Reserva. Por que Reserva eu num sei explicar né, o lugar chama Reserva né. Então agente... a comunidade quilombola começa no Airões e vai até lá. Eu nasci ali ó, depois daquela árvore ali em 1950, eu nasci ali. Tinha uma casa véia ali, uma casa de páu-a-pique. Ali morava ali onze irmão né e um pai e uma mãe. Foi ali que nóse, como se diz assim: -comemo na baje!

Quando se fala “comer na baje” é por que naquela época num dava tempo de cozinhar, de esperar madurar a cana né. Ó cumé que a cana tá aí né. Antigamente se fosse no ano de 1955 num tinha nada disso aí... a fome né. Nós comia a cana mesmo né... e ali num tinha uma porta né, era tudo feito de taquara, num tinha condições de fazer uma porta da casa. Então ali que a Dona Maria né, Maria Elza Bernades Celestino e Antônio Nonato Celestino é que criou esses... nós né. Dali, eu com cinco anos eu fui lá pra baixo ondé que é o Casebre hoje. Então isso aqui, nós num tão no meio do quilombo, nós tamo numa parte da quilombola né. Tem quilombola pra baixo, quilombola pra cima e quilombola do lado. O que vocês olha pelo lado direito é os coronéis né, terras dos coronéis. Lá pra cima lá. O que vocês olha pra cá, nós tamos já no brejo né. É o que restou, que os coronéis deixou pra nós é esse restinho aí né, através de muita confusão, muita foice, muito machado né. Os nossos pais, os nossos avos

perdemos alguns aí... por que quando eles num matava, mandava né. Matar o cidadão, ou matava ele de serviço. O eucalipto aí pela que lei tem no mínimo, eu acho, 170 metros da água. Pode medir da nossa água ali num dá 70 né. Então aqui que é a comunidade. Eu morava ali numa casa né, tive problema com bebida né e quando se fala em bebida num existe droga pior no mundo que o álcool né. E através do álcool eu conheci também outras drogas. Em 1984 eu recebi uma graça né, que esse Deus que tá aqui no meio de nós, esse Jesus me resgatou eu. Eu fiz uma casa na beira da estrada ali. Quando eu tava começando a minha vida, eu virei mindingo né, a bebida me levou a mindingo. Aí eu falei com meu pai e minha mãe:

-cês podia me arrumar um lugar pra mim fazer um barraco que eu num vou beber mais cachaça, num vou beber mais droga, num vou preso mais, vou sair fora da... vou viver na outra vida

Aí ela falou assim:

-se você quiser você vai lá em cima e faz um barraco lá

Aí minha mãe perguntou assim:

-cumé que você vai fazer barraco? Você num tem dinheiro nem pra comprar um chinela.

Eu falei:

-eu faço só com a graça de Deus só e pronto

E com a graça de Deus eu já fiz quatro casa já, só com a graça de Deus. Então eu moro aqui, eu e minha família né. Nós somos aqui... nós tão com um probleminha aí da Sheila, um problema de cabeça, num é de agora não já é de muitos anos que vem. Agente tem que aceitar as coisas. Aqui mora eu Maria de Lourdes e... e os netos né. Eles num mora com agente não mas tão sempre aí né. Então temo que agradecer a Deus. Eu gosto de muitas coisas, mas o que eu gosto mesmo é essa comunidade quilombola né. E esse Airões aí... eu logo parei de beber, eu pedi a Deus que se ele num me matasse naquela noite né, dia 27 de janeiro de 1983... eu lutei com muitas coisas que num é desse mundo, eu tenho certeza que não é desse mundo. Eu pegava... lutando sem por a mão em ninguém... acabei e apanhava muito né. E eu consegui recuperar. Agora eu tô com 34 anos que eu num bebo, num fumo, 34 anos que eu num vou preso, num sei se daqui à cinco minutos né. Confusão, eu num tive mais confusão. Se eu falar com vocês que eu num acho confusão, se eu falar com vocês é mentira minha, ela começa dentro de casa né... nós tamo atravessando uma situação agora, eu num vi a primeira

guerra mundial num via segunda mas a terceira guerra nós tamo em plena ela né. É preciso que nós esteja muito vigilante, levantar de manhã cedo, fazer o sinal da cruz e acreditar que existe um Deus! O Brasil num tá perdido não! O Brasil... eles tá falando em crise, o Brasil num tá em crise não. O que tá em crise é as cabeça. Eles tão pondo... eles arrumaram um jeito aí... que nós chega no mercado tem de tudo! O que planta dá! E se nós começar a plantar e num dá? Chegar no mercado e num ter nada? Aí vai entrar em crise né. Que que nós vão comer? Vão comer dinheiro? Então num tá em crise. Vamos acreditar que tem um Deus, um sol, uma lua e as estrelas. E vamos a frente, num vamo desanimar não! Essa guerra aí, essa terceira guerra que nós tão nela, quando eu falo terceira guerra mundial, por que lá fora, no Vietnam matava aqueles montes, aqui mata por segundo! Num dá nem tempo de você conta quantos tá morrendo por dia não. O nosso jovem, tá morrendo mais jovem que frango de granja! Os cês são estudados, vocês tão fazendo pesquisa aí você pode olhar. Toda hora que você abre a porta da sua casa cê vê um cara esticado lá.

-quantos anos ele tem?

-12 anos.

-e o outro?

-15 anos.

-e o outro?

-18 anos.

-e o outro?

-27.

-e o outro?

-15.

-e o outro?

-17.

Então de 35 anos pra baixo tá morrendo mais do que frango de granja! Então pedir a Deus nesse momento que olhas pra eles e eles também ver que Jesus num quebra galho de ninguém não em!/? Esse Deus tá aqui é um Deus de cura, é Deus de libertação, é um Deus de perdão e um Deus de salvação. Num é Deus de quebrar galho não. Quem quebra galho é papai, mamãe, vovó e vovô que quebra galho. Esse Deus não: é chuva é chuva! Se nós quiser chuva agora, num vai ter pra nós não, agora é sol! Ele mandou sol. Quem quiser fica no sol fica, quem

num quiser se vira por aí. Ele num é igual eu, você que tem seus filhos, papai, mamãe não. Nós que costuma quebrar galho, ele num quebra galho de ninguém não. Ele faz quatro coisa se você aceitou, aceitou. E daqui apouco se Ele quiser que chove pedra, é pedra mesmo. Num tem pra cientista, num tem pra nada. AMÉM!

GP – então vamos andar?

MB – vamos a luta né.

GP – tamo querendo conhecer hoje um pouco de sua relação com o congado? Seus trabalhos? Suas lutas? Por quais caminhos você acha que devemos fazer hoje? Pra que a memória venha e fique mais forte... você pode ir conduzindo nosso caminho?

MB – é vai dar certo. Ele (o Divino Espírito Santo) vai conduzir nosso caminho. Então vamos aqui, tamo saindo aqui da minha moradia né. Agente vai até o Casebre<sup>58</sup> né, aí nós passa lá, vê os retratos né, que é antiga casa do meu pai. Que aqui nós passa no Casebre e do Casebre nós passa na casa da Dona Chiquinha né, que era a nossa mãe, a segunda mãe que nós tinha aqui. E lá nós vamos andando. Por que ela, que era uma parteira né, não só parteira, mas como era conselheira né, mãe de todos né, abaixo de Nossa Senhora, mãe de todos. Aí nós da uma passadinha lá. Todo ano desde 1957 é que nós sempre considerou muito essa mulher. Ela morreu nós continuou considerando mesma coisa. Nós vamos passar lá. Primeiro no Casebre depois nós passa lá. Casa da mãe Chiquinha. Aqui nós vamos embora com a graça de Deus.

(Cantico)

Virgem do Rosário essa banda é sua  
Virgem do Rosário essa banda é sua  
Vou pedir licença pra sair na rua  
Vou pedir licença pra sair na rua

Agente quando canta essa música é pra pedir licença a Virgem do Rosário pra ela interceder junto a cada um de nós. Pra que nós faça um bom trabalho né. É num cai uma folha da árvore sem que Deus num toma conhecimento, então é preciso colocar ele na frente né, O criador e

<sup>58</sup> Casebre Cultural do Quilombo Córrego do Meio. Casa onde viveu a mãe e o pai de Boi com seu outros 10 irmão. Logo após a comunidade receber o certificado quilombola pela Fundação Cultural Palmares, Boi fundou o Casebre na sua antiga casa. O lugar funciona como local pra reunião das Associações de moradores, quilombola e do congado e para festejos da comunidade.

pedir ela que interceda junto de Jesus pra cada um de nós. Esse daqui é a estrada do Córrego do Meio né, que é o quilombola né. Então agente aqui... quando eu nasci já tinha aqui já essa estrada. E agora nós temos ali em cima a igreja né do Nossa Senhora do Rosário.

Eu pedi ali ao Divino Espirito Santo né, e esse Jesus que tá aqui pra abri a nossa mente pra fazer as coisas direito e agora que eu tô vendo ali que era pra ter passado na igreja, mas deixa pra volta né? Na volta agente... ela num pode ficar assim sem ser visitada né. Mas podemos dá continuidade.

(Cantico)

Lá vai, lá vai, lá vai  
Deixa a bandeira passar  
Lá vai, lá vai, lá vai  
Deixa a bandeira passar  
Lá vai, lá vai, lá vai  
Deixa a bandeira passar  
Lá vai, lá vai, lá vai  
Deixa a bandeira passar

#### MATRIARCAS E CONSELHEIRAS: CASAS DE MULHERES

##### **Lá que é a casa da Mãe Chiquinha né. Eu quando falo nela o coração mexe né. É sentimento**

né. Cês conhecem que que é sentimento (risos). Sentimento ele é... já se chama... que que é sentimento? Sentimento é sentimento sabe comé! Então eu olho ali por que passou, até num sei se vai dá algum choro hoje né, quem sabe isso aí é o Divino Espírito Santo. Passou ali... aquilo ali é, o consolo meu era ali né. Quando eu descia ali pra baixo com a vida arrasada, arrasada mais arrasada mesmo. Quando eu saia nessa porteira e começava a cantar assim:

-Tai, tai, meu desespero taí.

Eu nem me lembro quem era o cara que fazia essa música, num sei se era Nelson Gonsalves ou um outro cara se eu num me engano. Depois que cantava aquilo cê podia olhar nos meus olhos as águas tava descendo... é por isso que eu falo muito sobre o desespero né. Hoje tem muita gente desesperada aí, desespero é uma coisa muito terrive né. Então quando agente vê uma pessoa desesperada se puder se livrar dele ou se não rezar por ele.

Aqui que é a porteira né. Então nós vamos. É... quando falo que nós precisa de muita oração... mas Jesus nos orienta né. É pra nós orar sem cessar. Mas agente fica é mais com as coisas

do mundo. Hoje eu tava lendo uma passagem na bíblia agora de manhã cedo que se fala sobre o ódio né. O ódio do mundo! É... se nós fosse daqui Ele num odiava nós não, mas nós num somo daqui, nós tão só de passagem aqui. Então falando sobre o ódio do mundo. Então quando eu vejo hoje uma pessoa desesperada eu lembro da minha vida né.

-ah meu Deus do céu! Esse daí tem que rezar por ele, fazer oração por ele.

Por que a pessoa desesperada é muito triste né. Saia daqui e saia arrasado. Então pareceu um cidadão aí que ele me deu uma música, naquela época tinha o toca disco, ele me deu uma música. Aí eu punha a música ali né, e quando eu ouvia a música, tem certa hora que a música ajuda mas se ela for mau ela acaba de afundar o indivíduo ainda. E com a graça de Deus, é por isso que eu falo muito nele né, nesse Deus. Por que se não fosse Ele... meus colegas... eu andava com 12 cidadãos aí, roubando galinha, fazendo um montão de troço, morreram tudo né. Agora apareceu aí aquele outro né, que você entrevistou ele aquele dia.

...

Então aqui que é o Casebre né. Isso aí é trabalho do meu pai, nós só retocou, minha família. Essa árvore ele disse que é pra num cortar ela, esperar ela cair. Ela tava pequenininha quando ele falou:

-deixa ela aí ó! Corta essa árvore não.

Agora a pouco tempo eu cheguei aqui eles fazendo árvore de natal eles tava cortando a árvore, falei:

-cuidado que o véi pediu pra num cortar essa árvore não em! Se quiser meter isso na cabeça problema é seus.

Eu tiro isso aqui como meu lazer né. Boca esquentou muito né, discutiu muito com a família em casa, boca esquentou muito vem pra debaixo dessa árvore e fica aí né fazendo oração aí de repente volta tudo ao normal.

Quedalí é o paiol. Se nós num... a biblioteca<sup>59</sup> nossa aqui... se nós num entra em atrito né, a comunidade hoje em dia num tá unida né, nós tinha ganhado uma biblioteca que vinha, a

<sup>59</sup> A biblioteca foi garantida através do projeto arca das letras do deputado Rogério Correa (PT).

comunidade tem direito, de vim de Brasília pra colocar nessa. Quando eles me entrevistaram perguntaram... falei:

-ah, a nossa biblioteca que nós tão pondo os livros lá que nós ganha lá da Universidade, quem toma conta lá é barata e rato né.

Aí eles falou:

-nós podemos fazer uma coisa boa aí, se vocês...

Aí eu comecei a fazer o trabalho. Essa biblioteca poderia ter um, de dentro da quilombola, um funcionário ganhando seu pão de cada dia pra tomar conta dela. Mas ela vinha tudo os armários vinha tudo direitinho. Aí começa a num obedecer... quando nós num começa a num obedecer a Deus começa a desmoronar lá de cima pra cá. Num obedece nem papai nem mamãe, mulher num obedece marido, marido num obedece mulher, irmão num obedece irmão, amigo num obedece amigo, aí vai desmoronando sabe comé. Então tá tudo parado. Pergunta eles... eu sei que o que a Universidade ela pode fazer pela gente ela fez. Ó comé tá de livro aí. Esses livros são todos pra doar. Uns era pra levar, ler, trazer depois de 15 dias, outros podia ficar pra si. Nem pra levar pra eles eles num levou. Então tá aí tudo hoje. Tão correndo atrás de que? Atrás de poder né. Em vez deles buscar a raiz, eles num tão cuidando da raiz né. Eles não cuida da raiz, o quilombola tem raizes né. Então quando eles vê falar assim:

-tem uma bolsa!

Eles fica tudo em cima né, então... é o mau nosso é os olhos grande né. Ter os olhos maior que a barriga.

GP – e esses tambores?



Tambores do Congado guardados dentro da biblioteca do Casebre Cultural.  
Foto: Guilherme Menezes Conte

MB – esses daqui é da congada né: esse aqui é a caixa né, com a graça de Deus domingo ela deve tá batendo lá em regência né, com a graça de Deus né que sem ele num consegue nada. Aqui é o instrumento que nós temos aí. Então aqui que é nossa biblioteca, mas era a outra que nós praticamente temos o direito e ganhamo não temos pessoas pra receber pra dizer o português bem claro, num temo pra receber ela até hoje né. Vão ver se aparece alguém com espírito de Tiradentes aí que se num aparecer num tem jeito.

GP – e qual a importância desse Casebre aqui pro Congado?

MB – é firmar o... o congado nosso. Aqui nós reúne né. Essa casa é uma casa de festa ha muitos anos. Com toda pobreza que tinha... as vezes minha mãe passava seis meses sem comer um frango pra deixar o frango para a visita né. Por que o amor era outra coisa né. As pessoas tinha amor às pessoas. Hoje não, hoje num tem esse negócio não. Então havia festa... baile aqui começava e era três dias de baile. Festa sem confusão sem nada, quando aparecia confusão já tinha o grupo, que chamava “Grupo Conselheiro” né, que obedecia. A madrinha

chegava e derepente acabou com a bagunça toda por que respeitava né. Hoje num tem respeito mais, ninguém tá respeitando mais as pessoas.

-ô Celina!

-oi

-nós vamo entrar aí tá.

-pode entrar pra cá vocês.

Esse aqui é os retratos né que agente vai deixando né. Esse cidadão aí é as pessoas que agente ajuda a recuperar do alcoolismo, droga né. Esse cidadão aqui acabou morrendo lá em, tá té escrito aqui, Cachoeira Paulista, ele acabou falecendo. Então como era um cara que morreu pai, considera como mindingo do lugar, agente cuidava dele. Então agente deixa ali como lembrança né, ói ele aí. Nós tivemos lá na TV Século XXI quando ele tava com nós né. Tiramos retrato, as pessoas tirou, nesse dia mesmo ele partiu. Ele foi encontrado morto no Rio Paraíba. Então agente voltou lá lutou muito. Aqui é onde ele foi sepultado. Aqui é ieu que fui lá tirar o retrato né. Por que a língua era muito grande, os pessoal achou que num tinha... deu problema... então é aquele velho ditado: “matar a cobra e mostrar o porrete!” Aí eu tirei encima da sepultura dele lá, Eloísio. É criado comigo desde criança mas morreu pai, morreu mãe, tornou-se um alcoólatra da pesada mesmo. Então agente conseguiu depois, tem aqui, eles processaram ele, eu deixo tudo como testemunha aqui. Processaram um cara que num tinha direito, que num tinha nenhum pão pra comer. Mas com a graça de Deus eu fui em cima, arrumei advogado, arrumemo tudo que conseguiu o Meio Ambiente lá, a Florestal lá, falei:

-não o rapaz...

Acusaram esse homem... tá tudo escrito aqui tá. Acusaram esse homem que ele tinha posto fogo no Córrego do Meio. A comunidade quilombola, desde quando eu nasci, isso aí eu num sei explicar não, todo ano pega um fogo lá em cima. E devora um bocado de troço mesmo sabe comé!? Então por causa simplesmente de negro num ir com cara de negro sabe comé que é, o negro falou que o rapaz, ele morava sozinho, o bebo tinha posto fogo na, aí a polícia chegou e achou testemunha que botou. O nome das testemunhas taqui gente, num tem muita conversa não, tá tudo aí ó. E tudo gente de casa mesmo, tudo família mesmo né. Se num for sobrinho, é parente, é tio, é tia, é vovó, é vovô. Aí o cara foi preso, mas com a graça de Deus ele conseguiu... mas depois ele morreu. A multa tá escrita por aqui afora... a multa que ele

tinha que pagar, aqui ó, acho que dá... quatro mil e setenta e poucos centavos. Ele teria que pagar isso de qualquer forma! Aí eu recorri... até os policiais também me informou, por que eles sabe que eu mexo com pessoas que é... pessoa que ninguém quer nada. Eu mexo que é... eles me ajudou. Quem me ajudou... eu também num valia nada, sabe comé. Então eles me ajudou então eu faço isto. Então eu deixo pras pessoas vê aqui o que esse rapaz... agente conseguiu tudo pra ele né, com a graça de Deus conseguiu tudo, advogado, o cartório, essa escritura né, fazer tudo de novo pro rapaz, aí fizemo tudo. Aí ele foi e chegou lá e largou de... fugiu de nós e se misturou num sabe com que e apareceu no rio Paraíba lá. Então ele tá aí como presença. Ó ondé que eu tava com ele lá a lá, o Processo tava com nós, o cumpade Bené, isso tudo é na TV Século XXI lá em Campinas.

-entra pra cá que nós tem muita coisa pra fazer hoje ainda...

(cantico)

Dá licença, dá licença  
 Dá licença senhori dono da casa  
 dá licença  
 Dá licença, dá licença  
 Dá licença senhor da casa  
 dá licença

-só entrar pra cá.

<sup>60</sup>Aí tá as pessoas né. Quando nós foi em Brasília lá pra reconhecimento do quilombola né. Tá ali. O meu pai mais a minha mãe tá naquele canto lá a lá. Aqueles dali que é os mestres verdadeiro né. Tá naquele canto né. Aqui é a Charola. Aquele ali eu fui lá no Jequitinhonha né, ó o rio lá. Naquele foto ali, eu tive lá. Ali esse do quadro ali é o... falaram comigo lá que deu uma doença né, acho que é 1800 alguma coisa assim e os nego resistiu. Eu num engoli muito não ficou na garganta né. Que os índios num resistiu a doença né. Aí eu pensei comigo: -será que eles num mataram os índios não? (risos) né!

Mas o certo lá é tudo os índios lá. O que tem mais lá é negro. Eu tirei a foto na sala da Real Princesa. Me permitiram tirar o foto nessa sala aí. Esse aí é o grupo do Congado nosso né. As crianças, uns foram prum canto, outros foram pro outro, um comprou um celular, outro

<sup>60</sup> Quem entra no Casebre se depara com a história de Mestre Boi e a história da banda de Congo contada em fotos, banners, objetos antigos e a própria casa. A medida que iamos andando pelos cômodos da casa Boi ia nos contando suas trajetórias, as trajetórias de antigos mestres e as trajetórias de seus familiares. O Casebre é sua auto-biografia.

comprou um table e esqueceu do resto tudo então tem muito pouco Congo de resto dessas crianças aí. Aquele que num foi pra rua pra fumar maconha ou um troço qualquer, outro morreu. Mas nós continua a luta né. Então tá ali é meu pai e minha mãe. Ali é Charola, nós num tem mais uma tradição, uma cultura que nós tinha, também foram embora por falta de Deus. Aí está a família.

Aqui é o quarto. Como diz a música do Nelson Gonsalves: se as paredes falasse né? Aqui correu terror aqui dentro desse quarto sabe comé. Isso aqui... eu dormia nessa quarto. Às vezes tava deitado daqui a pouco policia tava chegando... as vezes eu saia duma cadeia... um dia eu tinha sido preso em Viçosa, lá em Viçosa eu num apanhei não mas passei muito mau. Lá tinha uma caixa d'água pra encher né de dez mil litros tocada a mão né, na época do Doutor Simião, e também naquela época tava na ditadura, o coro tava comendo mesmo, aí quando eles veio... a minha sobrinha falou:

-o vovó tá chamando tio Antônio aí.

-oh meu Deus!

Aí quando eu falei assim... abri a porta eu vi seis lá fora:

-que que cês tão fazendo aí?

-nós viemos buscar o senhor

-cê os cês me bate hoje, eu tô com o corpo tão diluído num pode nem encostar o dedo né (risos). Eu passei um bocado e mau lá em Viçosa

-não! Cê num viu nada não... nós vamos executar você é lá. Cê num sabe de nada não. O que que você fez esses dias?

-eu num sei que que eu fiz não.

-lá cê vai saber tudo direitinho.



Visita com Mestre Boi ao interior do Casebre Cultural. O banner que Boi aponta com a espada conta a história do projeto Identidades festejadas no Congado: cultura e memória afro-descendentes frente às práticas pedagógicas das escolas públicas. Este foi o primeiro projeto junto a comunidade que fez parte, em 2006.  
Foto: Henrique.

Mas é muito triste uma mãe vê um filho sair assim né, no meio de um montão de polícia. E minha mãe graças a Deus ela teve a felicidade de 12 anos agente parou de beber parou tudo, agente foi trabalhar na comunidade né e tem promessa pra trabalhar até a morte né.  
-pode entrar pra cá aqui ó

(cântico)

Senhora do Rosário foi quem nos trouxe aqui  
Senhora do Rosário foi quem nos trouxe aqui  
A água do mar é santa eu vi eu vi eu vi  
A água do mar é santa eu vi eu vi eu vi  
Senhora do Rosário foi quem nos trouxe aqui  
Senhora do Rosário foi quem nos trouxe aqui  
A água do mar é santa eu vi eu vi eu vi  
A água do mar é santa eu vi eu vi eu vi

Lá em Jequitinhonha quando eu fui lá, é... até tirei também, portanto é os índios lá... os foto né, aí ó. Tirei também esse retrato lá. Aqui ó, aqui é a Casa da Cultura, se chama Casa da Cultura. Aqui também a sala da Princesa Real. Fui muito bem recebido lá. Os móveis antigos, o relógio antigo... aqui ó. Tem a intenção de voltar lá um dia se Deus quiser. Então é uma cidade histórica, lá tem muita coisa que fala sobre o índio né. Lá eles mantem muito a cultura até hoje né, tem a mandioca faz um porção de coisa com a mandioca. A vassoura usa tudo de

bambu... os artesanato deles... essa Nossa Senhora Aparecida isso é obra do meu pai, e aqui está eles aqui.

GP – ali foi o terreiro cultural<sup>61</sup>, aquela foto ali.

MB – é. Aquele ali é o 13 de Maio né que agente apresenta. Isso aqui é quando eu era homem de verdade né. Olhando assim parece que tá uma figura boa, mas se ocê soubesse o que tava por dentro da cabeça naquela época ali. Então eu olho hoje eu bem acabado, mas eu to bem mais forte do que aquilo ali ó, é 20 anos que eu tinha sabe. Aquilo dali era o terror, a cabeça num ficava nada que prestava só o troço ruim na cabeça. Então alguém aqui... isso tá lá no Aparecida do Norte. Alguém me levô, pago a passagem e me levô

-ocê num tem jeito. Eu levo você pra um lugar eles vão te matar de qualquer maneira.

E com a graça de Deus... a lá. Isso foi em 1970 aquele foto lá. Eu sempre tive ajuda né é por isso que eu ajudo as pessoas esquecida por que eu fiquei esquecido e as pessoas me ajudá.

-se ocês quiser... dá uma olhada aqui, filma o forno antigo né. Com licença aí. Comé que tá a senhora?

-tudo bom?

-pode entrar pra cá aqui ó. Filma aqui a dispensa

Aqui é a dispensa ó. Aqui que é a boca do... assava cabrito. Agora o pessoal ficou tudo preguiçoso... esse forno que ele num funciona tá com quase 10 anos que ele num tá funcionando. Pouco tempo agora nós ia assar, assar biscoito, cabrito, leitoa né. Você põe o fogo por lá e aqui, aqui tira a carne que tá assada, mostra você aqui ó.

-pode vim cá ó, aqui a boca do forno comé que tá

Esse daqui que é o forno né. Aqui põe a lenha, esquenta ele bem sabe comé, naquela época nós era tudo trabalhador agora nós ficou tudo preguiçoso então ele tá paralisado aí. Depois que ele esquenta cê pode usar ele a noite inteirinha. Assa biscoito, aquele biscoito antigo, cabrito, leitoa, broa, fazia tudo, o cubú, era tudo feito nele aí. Aí põe aqui, aí depois cê fecha tira a brasa né aí fica só o vapor aí sai por lá. Aqui é o forno. E aqui sempre teve esse fogão aí no chão aí que é pra ajudar o outro fogão né. A casa às vezes tinha dia que num tinha

<sup>61</sup> Terreiro Cultural realizado na comunidade em julho de 2013. Um dos eventos feitos pela comunidade para entendimento do processo de autoreconhecimento quilombola. O Terreiro foi feito em parceria com o Programa Teia de extensão Universitária (PROEXT/MEC/SESu) da UFV.

ninguém, as vezes tinha dia tinha 100, 200 aí noite e dia, comendo e bebendo. Esse daí é pra ajudar, auxiliar o fogão.

GP – e os Congados aconteciam tudo aqui? As festas...

MB – é. As Congada... não só congo não né. Tinha a Charola né antigamente, Encomendação das Almas, é... Folia de Reis, Folia de São Sebastião né, isso tudo era aqui. Isso tudo aí é obra do meu pai mesmo, ele mesmo fez tudo aí<sup>62</sup>.

Esse, esse girol aqui, agora eu tô lembrando disso aqui, isso é obra dele ainda né, nós faz o possível de num queimar, de num jogar fora né. Aí. É a taquara ainda né. Aí eu num sei nem... os anos mesmo é... deve ter aí uns... essa taquara vai tá com uns 40 anos mais ou menos. Então nós sempre num retoca ele não, nós dá só um barro nele uma coisinha pra manter a tradição dele né. Esse daí é obra dele mesmo. Por que? Eu quis mostrar você aqui eu tô lembrando, porque esses pau por baixo disso aqui? Isso aqui é aqui que secava o arroz. O café... o arroz pro ano todo. Então punha o arroz no girol e durava 12 meis né. O caruncho num comia ele, nada comia ele. Punha ele com casca né, depois socava ele, nós tinha arroz pro ano todo, que nós colhia mesmo no brejo aí. Esse brejo só que num dá arroz tá com mais de 30 anos... a vida melhorou né. A rapaziada tudo... a preguiça chegou. Nós era 13 pessoas aqui e num comprava um quilo de arroz, comprava praticamente sabão e sal né e macarrão que nós comprava. Então vamos mais aí. Esse aqui era um amigo meu Seu João Marvino, que era um mestre de congado também, trabalhou até a morte né. O homem tinha conhecimento, ministro da eucaristia, foi uma porção de coisa. Esse aqui é o retrato de São Pedro. Nós fomos no Rio de Janeiro né fazer uma apresentação, fazer uma visita lá ha um Rei e Rainha né, da festa de Nossa Senhora do Rosário, a data tá ali ó. Nós fomos lá em Jacarepaguá, 15-11-2015. Aí visitemo uma igreja e gostaram do nosso trabalho. A igreja de São Pedro, aí deu pra nós esse retrato de São Pedro aí truxemo.

-se vocês quiser caminhar lá pro Airões? Nós temos uma caminhada boa pra lá.

Aí a garotada que nós tinha aqui ó. Aí cês vê dá praticamente 13. Pra recuperar... pra destruir um ser humano é muito fácil mas pra construir um ser humano é difícil. Aí, cadê essa menina? Pra ondê que eles foram? Uns arrumou namorada, outros cresceu. Nós temos aqui... tudo aí é a Universidade quando ela começou a trabalhar com nós aí. Tudo é deles aí.

<sup>62</sup> Manifestações Culturais realizadas na comunidade quilombola do Córrego do Meio. Algumas já não se fazem mais, como a encomendação das almas.

O trabalho que foi feito, o professor Ramon<sup>63</sup>. Essa menina hoje, se ela tivesse seguido, ela seria uma mestra de Congo e muito... aliais num vou dizer as três não, digo essa daqui. O que que arrumou? Hoje num sei se ela tem uma namorada ou se ela tem um namorado né. A outra aqui desviou... largou a caminho da congada né. Que essa daqui você conheceu ela né. Essa daqui eu num lembro dela não. Essas daqui você achou elas ainda trabalhando aí ainda. A irmã do Son. Cada uma arrumou... desviou! Foi igual aconteceu comigo, desviou. Eu voltei. Eu desviei né, o que Deus fez pra mim. Por que ele tem um propósito pra cada um de nós que tamo aqui dentro, mas se você desviar ele deixa você ir embora pra você aprender a viver, se der tempo né se você voltar. Elas aí num sei se vai voltar né. Ela com sete ano ela já falava embaixada aquela menina ali, com sete ano já falava embaixada, em vinha mais em vinha tudo. Nós tem filmagem dela aí sabe aí de 2004 um encontro que nós fizemos em macuco né, foi 17 especialidade de cultura que apareceu lá, ela deu um show né. Cantando, dançando, inducada, era tudo. Pegou aí seus 10, 11, 12, 13 pronto. É não sei qualé o caminho que ela tá né, que eu num tem visto ela mas já vi ela em Viçosa, ela teve pra Volta Redonda andou por aí... mas agente queria né, é um prazer muito grande se ela tivesse como uma mestra né, uma pessoa qualquer. Por que ela tem a prática de infância, ela viu tudo com seis anos já andava pro meio de nós aí. Uma hora que ela aparecer eu até vou trazer ela se... eu num sei cumé que tá o movimento, as coisas mudou muito.

Meu mestre é esse daí ó, na base de Deus é esse daqui ó. Esse aqui que é o Zé lúcio ó. Esse foto aí foi tirada na época de 1967 por aí, 1968 e ele morreu em 1970 né, 1971 que ele morreu. É esse daqui ó. Então agente... eu num guento muito falar nele não... tem tido que nascido muito homem, muita mulher, mas igual esse homem aí... nunca usou uma escova de dente, sorria no escuro você avia os dente dele no escuro, num usava nada. Nos anos 1960 a quebradura desceu, cê pode olhar que ele tá um pouco baixo... ele chamou esse homem aqui ó e falou com esse homem assim:

-olha eu tô pa partir!

E o Congo, os mestres quando eles começa a falar que eles tem que arrumar outro, é por que... num é dito que tá chegando a hora não, ele já tá comunicando. Eu desde o ano 60 (idade) eu venho falando isso aí. Uma pessoa pra ficar no meu lugar por que eu qualquer hora

<sup>63</sup> Professor Milton Ramon do Departamento de Educação da UFV. Ramon coordenou o projeto Identidades festejadas no Congado.

eu tenho que partir. Só tem que esse homem aqui era de idade, ele teria aí uns 35 anos a 40 mais ou menos aí ele falou com ele e eu escutei, eu era menino, ele falou pra esse moço aqui:

-olha eu posso assumir o seu lugar mas ainda sem espada

E o Congo nunca entrava de espada. Aí eu vi quando o Zé Lúcio fez só assim pra ele

-então toma! Na hora. Lá dentro, lá no Airões. Então toma!

Ele num era Congo, num era nada. Ele pegou a espada e começou a chorar e falou

-vou levar então até a morte

1971 o Zé Lúcio morre. Entre eu e este passaram um motão de mestre. Passaram Raimundo Januário... passaram um motão... isso daqui ó é da Folia de Reis. Eu quando falo pra vocês que quando nós desvia do caminho a coisa pesa, cê pode vê Natalia táqui ó, aqui ó, Cici táqui, esse que era o Raimundo Januário, domador, foi mestre meu muito anos, esse me deu, falou comigo:

-cê pode ir pro meio, cê num bebe cachaça agora, num fuma maconha, num roba dos outros, cê agora pode ir pro meio.

Aí eu fui pro meio. Aqui eu já tô com a Folia, ele tá me ajudando, aqui Maria de Lourdes, esse daqui tá andando por aí, esse garoto o que aconteceu com ele: ele na idade de oito anos ele falava muito, nós tem que ter muito cuidado com a nossa palavra, ele falava comigo:

-eu qualquer hora eu vou ter que matar uma pessoa!

Esse daqui ó. Eu sempre falando com ele, ensinando ele muito caminho ele andava comigo aí e foi crescendo. 14 anos, aparece uma igreja de crente e ele entra na crença. Eu vi ele ali em baixo um dia no grupo e falei assim ó:

-cê pode ir pra ondê que você quiser que Jesus tá em toda parte. Você cuidado! Respeita onde você tiver, respeita o dono do mundo.

Que que aconteceu com ele: largou uma namorada, arrumou outra, cabou matando, picano e carregou, entendeu? Aí foi preso. Agora tá pagando pelo crime que fez. Garoto num era de confusão num era nada, mas a palavra! Nós tem que tomar muita atenção à palavra. Porque segundo a palavra de Deus lá. Deus falou:

-agora vão fazer...

Ele fez a Terra né, os repetéis da Terra né.

-agora vão fazer! Vão fazer as criação! Agora vão fazer o homem!

É isso que ele começou. Então nós tem que prestar muita atenção na nossa palavra pra num falar palavra errada. Que tem até uma música:

(Canto)  
Cuidado caboclo pra num falar palavra errada  
Cuidado caboclo.

Talvez você até sabe dela, ela é nordestina aí. De acordo que nós tão com a palavra, chama nosso filho assim:

-esse menino tá escumungada!

Pronto! Quem falou foi você ué. As vezes a mãe grita assim:

-o sem-vergonha!

Pronto! É você que botou. Então nós tem que ter muito cuidado com nós vão falar. Se você falar assim:

-é qualquer hora vou acertar um caboclo aí...

Cabou! né. O inimigo vai entrar na sua cabeça e cabou né.

-eu vou trair minha mulé!

Vai trair rapaz! Então nós tem muito cuidado com a palavra que sai da nossa boca sabe comé.

Por que ela tem um valor muito grande, começando de Deus né:

-vou fazer o mundo! Vruu (sopro)

Deu o sopro, apareceu. Então nós somos herdeiros né. Nós tem cuidado com a palavra, o que vai falar. Se o cara falar:

-eu vou comprar um revolvi!

Ele vai comprar revolve sim ué. Se ocê falar:

-vou comprar um terço!

Comprar um terço.

-se der na minha cara eu mato!

Vai matar! Agora se falar assim:

-não se o cara bater na minha cara vou fazer o possível pra ele num bater né (risos) vou sair fora.

É de acordo com a palavra. Tem que ter cuidado com a palavra. Então vamos lá né.

-se tiver faltando alguma coisa aí vocês fala em. Vocês que... a baixo de Deus aqui é vocês que tá no comando.

(canto)

Vamo lá pra vê o pagode se tá bão  
 Todo mundo nu casamento de Maria  
 Ô que sanfoneiro bão  
 O melhor da redondeza  
 Vai amanhecer o dia

Naquela época tava fazendo muito sucesso nos anos 1970 né.

Então nós vamos caminhando direto pra casa de Dona Chiquinha né. Aqui é dos quilombolas né. Mas isso tudo aqui, essa parte aí é dos coronéis<sup>64</sup>. Até segunda ordem né. Ali ondé que tá aquela granja ali era que os Congo em 1955, ali tinha uma casinha de sapé, ali que os Congo reunia né, que num tinha casa igual tem aqui hoje, igual tem casa lá num tinha. Ninguém é... era pobreza completa né. A chuva quando vinha arrasava tudo, o sol quando vinha rachava tudo. Então agente reunia aí. Naquela época as pessoas tinha mais amor, chegava sábado cansado né, e ali tinha um barraquinho ali aí reunia, passava a noite ali treinando <https://youtu.be/UM8u7avwhjQ> (artistas-grota). Foi onde é que eu aprendi as embaixadas né. Essa embaixada que eu sei quando eu tinha sete ano que eu aprendi ela

(Embaixada)

Deu no dia, deu no ano, deu na hora que nasceu  
 a Senhora do Rosário lá na mata apareceu  
 dos parmito nasceu as parma das parma nasceu os parmito  
 aqui está Nossa Senhora e também São Benedito  
 lá do céu desceu um anjo mandado de Santa Helena  
 de um lado São Benedito do outro lado Santa Efigênia  
 o Virgem do Rosário!  
 nós viemos te buscar  
 truxemos vosso trono para vos depositar  
 e truxemo vosso insenso pra seu trono insensá  
 Nossa Senhora no meio e Jesus Cristo no artar

<sup>64</sup> Ao sairmos do Casebre, no caminho Boi foi nos ajudando a olhar as terras quilombolas que foram tomadas pelos fazendeiros. A maior parte delas está coberta pela monocultura do eucalípito. Um paredão dessa planta faz front com as casas.

benzo o vinho e benzo a água na hora de consagrar  
Padre, Filho, Espírito Santo, na hora de Deus amém

vamos levar a virgem pura pra capela de Belém  
colocada num presépio os tio vieram adorar  
haverá uma missa em campale e uma comunhão em gerar  
até os pássaros choravam de ver os próprios tios naquele grande sofrimento  
as almas santas e benditas estavam cantando de alegria  
por ver os anjos do céu rezar o rosário de Maria  
as estrelas do oriente ficaram naquela confusão  
num sabia se ia pra Belém ou se seguia o rio de Jordão  
esperando a estrela Dalva só pra dá a direção  
chegando a estrela Dalva com os três Rosário sagrado  
sigo para o suturno pra visitar o reprovado

...

A hiatória né, a história. Eu agradeço a Deus. Abaixo de deus, o presidente Lula. Depois que ele tomou a posse, melhorou muito. Agente tem que agradecer a Deus primeiro por que se Deus num tocar na cabeça, num der o poder o cara num consegue fazer nada. E Deus deu o presidente Lula uma mente pra ajudar o pobre. Estamos aí em conflito né, eles tão em conflito. Eu cá num to em conflito não, mas eu faço parte da humanidade. Então ele é... o torresmo na nossa mesa hoje tá sobrando, então se tem gente passando fome foi por que jogou fora né. Outros, eu num seio o que significa, outros num planta nada né. Mas a partir do momento que o Lula tomou posse as coisas melhorou muito né. Essa casa né, agente... aqui era 1kg de toucinho era pra dar pra semana toda, pra 13 pessoas comer. E com as graça de Deus, é por isso que eu falo sempre que Deus da a cobertura de acordo com o frio: se tiver muito frio, se você num tiver coberta, você sente pouco frio. Ele da as coisas de acordo com nós, é nós que num aceita o jeito dele ajudar nós né. Nós quer fazer as coisas do nosso jeito. Então eu nasci lá em cima e aqui agente conviveu muito tempo.

Esse terreiro tinha dia aí que tinha duzentas pessoas, trezentas pessoas, um baile aqui, o baile da roça que falava né, começava aqui na sexta feira e terminava domingo meia noite, por que segunda feira tinha que sair todo mundo 5 horas pro trabalho né. Na hora que eu sai de casa eu falei muitas coisas... tem que deixar pro Espírito Santo, que é ele que é o encarregado da nossa mente, é ele que Deus colocou no mundo pra administrar a nossa mente. Tem uma parte que, na escritura, que fala que ele num habita em corpo sujo. O que que é o corpo sujo,

num é por que nós num tomou banho não, é o coração e a mente nossa. Se nosso coração e a mente tiver poluída, então o Espírito Santo manda nós pro norte e nós vão pro sul. É onde que dá tudo errado. Então se nós acordasse de manhã cedo e entregasse nossa vida aos cuidados de Deus e do Espírito Santo, ele é o administrador, é ele que administra, ele é o administrador da nossa mente. Então se nós obedecer, eu quando tava saindo de casa eu falei com o Guilherme se nóse... muitas coisas deixar por ele. Igual aconteceu aqui nesse momento, nós ia pra lá num tinha a tomada nós veio praqui. Justamente esse aprendio, nós conhecemos isso como aprendio. Todas casa tinha um aprendio. Então aqui passou muitas hora né, horas boas, horas de... então a vida num é só de hora boa. E hoje, já há uns dez a quinze anos... tem aí o terreiro cultural né, o cursinho, num sei quando vai começar, que tai né. Eu agora num sou o presidente, sai agora, eu sou o mestre da banda de Congo né. Eu num sou presidente (Associação Quilombola). Então vamo passar ali na casa de madrinha Chiquinha ali. vão bora

Então ali é a casa da Dona Chiquinha. Agente vai só lá. É a mãe Chiquinha né.



Mãe Chiquinha rodeada por Sheila com Cici no colo, a menor é Natália, todas são filhas de Boi. A maior é Roseli.

(cântico)  
 Dá licença, dá licença  
 Dá licença senhori dono da casa  
 dá licença  
 Dá licença, dá licença  
 Dá licença senhor da casa  
 dá licença

É só... a mãe Maria num gosta que tira retrato dela não. É a que tava ali.

-mãe Maria!! agente tá tirando retrato da casa aqui tá?

-o que?

-tá tirando retrato da casa! Nós tão lembrando do tempo de Maria Chiquinha e tão lembrando do tempo da minha cachaça.

-ah é!? (risos)

-você viu um bucado da minha cachaça, mas num viu muito não né?

-eu vi sim! Pode tirar a foto.

-você viu um bucado do meu sofrimento, mas num viu... então nós tão... cadê cumpade Paulo?

Então aqui que era a casa...

-oi Merlinda

-ela num viu sofrimento seu não Antônio?

-ham?

-Maria num viu sofrimento seu não?

-ela viu um bucado né... (risadas). Eeu tô falando pra eles aqui que quando eu bebia cachaça né. As vezes eu saia de casa passava por aqui gritando Madrinha Chiquinha aqui.

Aí ela perguntava pra mim assim:

-onde cê lá vai meu filho?

-eu lá vou no Airões

-que que cê vai fazer lá?

-eu lá vou aqui fazer uma bobagem daqui a pouco eu volto aí

-não, mas num vai na rua agora não? Fica aqui?

Aí chegava aqui me dava café, me dava almoço né.

(vozes de uma mulher que não queria ser filmada nem identificada)

-eu vou mata um ali!

Ela perguntava assim:

-onde cê lá vai ô meu filho?

Eu tava lá naquela estrada lá. E ela perguntava:

-onde cê lá vai?

E eu assim: uma foice, uma espingarda sem cano...

-oncê lá vai?

-eu vou aqui matar um, mas vou voltar rapidinho

-vem cá um bocadim que eu quero conversa com você!

Aí chegava aqui ela começava a conversar comigo e tal, me dava um café com broa... Às vezes tinha até um gulim, ela me dava um gulim pra mim (risos) e eu tava caçando, é isso mesmo. E acabou que evitava deles mata eu lá na rua né. E graças a Deus, por isso que eu gosto de na festa do Rosário nós passa aqui e todo cortejo nós passa aqui pra... agente lembra muito dela aqui. E era uma mãe de todo mundo né

(vozes da mulher)

-eu vou matar tia Verinha! O madrinha Chiquinha eu vou matar tia Verinha... eu vou matar meu pai...

Era uma mãe que nós tinha aqui, era mãe de todo mundo né. Num era mãe de só gente de casa não. Num tinha hora pra ela sair daqui a noite não pra visitar uma família, ela era parteira também né, levava um chá pra pessoa né. Todo mundo vinha aqui. É por isso que agente passa por aqui né. Nós nunca vai esquecer...

-aqui muito obrigado vocês nós vamos ter que andar mais ainda. Fica com Deus!

-vamo entrar gente?

-não, não. A hora tá avançada. É o mesmo cortejo que nós faz com o Congo nós tão fazendo.

TERRITÓRIOS: TEM QUILOMBOLA PRA TODO LADO, ASSIM COMO  
FULANO-DE-TAL.

**MB – vocês vão vim terça-feira?**

GP – comé que você tá terça-feira Henrique?

H – terça-feira acho que eu tô de boa.

GP – que eu tô combinando com o Boi da gente fazer um trajeto que ele fez comigo e com Timoty, um amigo nosso lá de Juiz de Fora, que foi circundar o Córrego do Meio, o território né. Vou ver se eu consigo trazer um gps...

MB – agora se for fazer isso aí, vim cedo e sair cedo de casa né. Trazer uma bota né...

GP – uma bota, uma calça, um chapéu pro sol.

MB – por que aí já tinha feito tudo quando deu 8h00 já tava em casa já né. Se bobear chegar cedo, umas 6h00, 6h30min por aí... nós num gastou duas horas aquele dia não, gastemo?

GP – foi por aí umas duas horas. Eu lembro quando agente chegou em casa aquele dia o povo tava acordando...

...

Quando nós tiver terminando você me pergunta ieu sobre de poesia um pouco tá? É por que eu tava com negócio de poesia e ieu era... eu era meio poeta pra poder... a cara cheia de cachaça (risos). Tem os espírito mal e os espírito bom entendeu!? O bêbo, o maconheiro, o que for, tem hora que o anjo bom entra em cima né, ele faz de alguma coisinha né. Então eu num sei ondê que eu tava outro dia que eu lembrei... falei:

-se Guilherme vier, vou ver se eu consigo alembrar de um negócio.

Fazia umas poesias, lia, um montão de troço. Então depois agente vai...

GP – isso fazia parte do pisquim? Ou era outra coisa?

MB – não pisquim é outra coisa. Comé que chamava mesmo?

...

Quando se fala é ponte Sá Mina... a ponte. Sá Mina era uma senhora que tinha aqui, num é do meu tempo não, esse é meu avô que falava né. Que ela era que tomava conta de tudo isso aqui. E segundo as pessoas aqui aparecia umas assombração aí pra alguns a noite em cima da ponte Sá Mina. Às vezes o cara ficava na rua né, quando chegava aqui ele costumava encontrar algum cavaleiro, eles falava no cavaleiro da madrugada aí. Eu cá graças a Deus nunca vi nada não, então é a ponte Sá Mina. Diz que é uma Senhora muito conhecida né, rezadeira, muitas pessoas falam muito na ponte Sá Mina. Então esse aqui é o córrego da ponte

Sá Mina e quando chovia isso aqui tudo enchia d'água ó. Essa paisagem toda enchia d'água aqui. Aqui tinha uma ponte. E vocês gente, olhando que que o eucalipto faz, vocês olha tudo aquilo ali cumé que tá. Isso tudo daqui era água né. Pra ondê que foi? O eucalipto come tudo que tem. Isso tudo aqui era água, os peixe aqui vai comer o que? Vai comer barro? Só se for comer barro. Então quando agente fala do eucalipto, o cara fala  
-não!

Mas vei pra arrasar com o nosso lugar! Cê vê que esse córrego aqui ó, a água ela vinha dessa altura aqui ó. Aí ó! Ó o que que tá passando lá em baixo. Então o cara olha direitinho pra ele, vê o que que é que que tá passando. Agora nós vão caminhar. Nós vão pra frente lá pro Morro da Formiga. Então nossa água foi tudo embora. Com a planta do eucalipto já era. Cabou-se tudo.

...

O que eu tava achando importante ali (visita à casa de madrinha Chiquinha), é que a outra lá ela é solteirona (a que não gosta de ser fotografada), ela num gostava nem de ver máquina, agora mesmo tá conversando! Ela num gostava mesmo, é igual tia Joaquina né. Ele já entrevistou minha tia lá, com 96 anos, agora ela já num esquentá. Aquela dali não. Aquela dali eu tenho filmagem lá em casa... num vou... agora não, agora num vai dar pra mim mostrar vocês não... que filmou ela lá na festa do Rosário que quando ela percebeu ela falou com o fotografo assim

-eu já falei que não gosto desse trem! (risadas)

Mas já tinham filmado. Uma hora eu mostro o DVD pro cês. Tá lá direitim. E ela é uma pessoa que ajuda muito, até hoje. Deve tá com uns 80 e cacetada. Uns 84 por aí, mas num mostra não. Então ela ajuda muito agente né. E agora ali ela foi entrar na entrevista. E ela sabe do pobrema né.

Por que nós temos uma... vocês pode olhar nos Congado dos anos 70 por aí. O tio meu, o tio João Tito, ninguém num gostava de máquina mesmo não. Ele tá de costas. Alguém conseguia pegar ele só de costas. Mas ele num falava nada, quando ele ia entrevistar... é por isso que nós poderia ter muita coisa boa aí, num tinha ninguém pra filmar num tinha nada...

...

Essa santa aqui gente é a Senhora das Dores né. Quando a Congada vem nós, é dificilmente nós passa aqui sem dar uma satisfação né. Pedir uma benção a ela né. Que é a mesma santa de lá que é a Senhora das Dores que é a da igreja, que é a padroeira do Airões né. Quer dizer, dá Congada é a Senhora do Rosário. Da comunidade é Nossa Senhora das Dores. Então essa daqui é que tá na igreja lá. Vamo subi.

...

A comunidade começou rápido e cresceu também ó. Rapidim. A parte da comunidade base que tá aí pra ajudar, passou aqui um prefeito e fez essa rua os outros que vieram até tem umas coisinha pra fazer tem outras coisas pra fazer mas, esperar a boa vontade das pessoas né. Então nós vamos subir aqui é o Morro da Formiga. Nós naquela rua lá nós entra a esquerda, nós vai no meio dele né. E todo ano o 13 e maio nosso... nós faz aí o 13 de maio né. E eu quando eu comecei como mestre né, mesmo antes de eu ser mestre daqui, eu falei com meu mestre Raimundo Januário,

-o dia 13 de maio é um dia muito importante pro negro. Se nós poderia dar continuidade fazendo a homenagem?

Ele falou

-não, vão fazer. Tanto faz se cair no dia domingo nós vão fazer, meio semana né.

Hoje não, hoje tá tudo fácil pra fazer. Antigamente tinha muita dificuldade. Que nós num podia perder nenhum dia de serviço né. Agente teria que trabalhar. Agora... hoje melhorou a situação né, se cair numa segunda feira o 13 de maio né, nós... e já foi feito a pesquisa aí que vários... aqui na Zona Regional né, Zona da Mata aqui a maioria das Congadas num faz essa homenagem. Mas agora já tá fazendo alguém né. Então é o dia da abolição né, nós faz o cortejo na rua todo, visita a igreja né, e volta pra casa

-bom dia?

-bom dia!

Nós volta pra casa e faz a comemoração e lá faz a comida tradicionais né, é o tutu o arroz e o macarrão com galinha né. Então agente... esse 13 de maio nós passa por aqui por que são...

num é dizer que alguém do quilombola né mudaram pra cá, desceu, até hoje outros ficaram lá, permaneceu lá. Agente faz aqui esse trajeto né. Aqui o... o Airões ele é bonito é daqui. A lá,

-Aí se você quiser tirar o foto pra pregar?

A área né... aí já tamos aqui. Vamos dar mais uma passada.

GP – e esse 13 de maio desse ano como foi pro senhor?

MB – olha teve bom né. Podemos reclamar não que... as pessoas que apareceu, é aquele velho ditado: são pessoas escolhidas né, veio aquele que tem amor pela coisa né. Aqueles que veio, as pessoas que vieram mostraram. O Seu Vicente veio com seis pessoas ajudou bem. Num adianta sessenta de braço cruzado, seis com boa vontade vale pra sessenta. Então agente lutou. Cada um lutou da maneira que pode fazer. Nós num pedimos prefeitura nada. Esse ano reuniu nós mesmo com eu, cumpadre Bené, Juraci, sabe comé. Comida e tudo nós mesmo fizemos né. Maracatu eu falei com meu irmão lá ele buscou. E também agente vai andando carregado puxado pelo beijo. O ser humano é preciso daqui pra frente caminhar com os próprios pés dele né! Se continuar dependendo de prefeitura, dependendo de prefeitura depois nós somos carregados puxados pelo beijo. Quando o candidato vem você é obrigado a votar nele. Então esse ano nós decidiu né: nós mesmos vamos lutar como lutou antigamente. Que num tinha Secretária de Cultura num tinha nada. A nossa Banda tá com... vai fazer 130 anos. E conseguiu sobreviver até hoje. Pra mim ficou muito bom, pra mim num teve... aí valeu a pena. Ali está... se você quiser pegar...

Henrique – mestre boi tá garotão na subida aí em!? (risadas) nós dois tá com a língua pra fora!



Morro da Formiga no centro de Airões. A maioria das famílias deste morro são oriundas do Quilombo do Córrego do meio.  
Foto: Henrique

...

Aqui que tá o nosso Airões!

Eu mais ele aqui ó tivemos filmando foi lá naquela grotta. Foi lá que a minha vó... aquela última grotta lá a lá. Nesse rumo certinho que nós andou, fizemos aquele alto quase todo lá. O alto que nós rezemo tá vendo cá a ponta dele em cima lá? Que tem o primeiro e o segundo, tá vendo ele ali? Aqui você olha... daqui você vai ver aquele alto lá. Ali o alto dos Moura. E lá que vovó nasceu e morreu. Então o Airões é isto aí. A capela de Nossa Senhora Aparecida a lá, ela tá lá naquele canto lá. A da Senhora das Dores tá ali ó, que nós vamos pegar ela. Aí nós vamos primeiro na igreja de Nossa Senhora das Dores, igreja de Nossa Senhora Aparecida, Casa da Congada, desce e vão na casa do mestre tá lá em baixo lá.

GP – o senhor lembra que quando agente tava lá no alto do segredo o senhor foi me mostrando os lugares de... das fazendas né. Os fazendeiros. Aonde mora cada um. Dessa parte aqui,

olhando pra esse território aqui você consegue também identificar ondê que tão os fazendeiros aqui?

MB – os coronéis?

GP – é os coronéis.

MB – nós tá cercado ué! Tá cercado. Aquele lá era o Antônio Fostino que liga com o Juquinha de Paula né que já liga no município de Viçosa. Lá é o Japão. O fazendeiro era Japão. Ali o Zé da Silva. Ali já emendava com Antônio Pires né, nós também trabaiemos bem também lá. Era até um cidadão bom. E aí já em vem pros Lourenço né, tá lá os Lourenço. Essa vargem aqui é as vargem do Moura. Os Moura eu num me lembro do Moura num é do meu tempo não. Sei que era uma família que tinha aí. Se chama-se vargem dos Moura. Esses Moura nós num sabe nem qual que é a antecedência deles não. Só veio como nome dos Mouras: Vargem dos Moura. Aí vai pra Paula Cândido e vai emendando.

GP – e o senhor consegue lembrar comê que foi doadas as terras aqui do Airões, Córrego do Meio? Comê que essas terras vieram parar nas mãos dos negros?

MB – óia rapaz segundo a história né. Aqui tinha um homem com nome de Airões que num é nem na época do meu pai num é sabe como é. Por isso que a comunidade se chama Airões. Era um homem que tinha aqui. Ele e a mulher dele antes de morrer ele falou que isso aqui era pra fiar tudo pro negro. Então como o negro sempre foi mais afastado um pouco mesmo, eu num sei explicar a respeito disso... quer dizer: o seu fulano foi ficando por aqui os outros foram empurrando pra lá né (risos). Então hoje nós temos aqui: o que que é Córrego do Meio? Córrego do Meio divedi com Airões. Então se eu falar que é aqui, daqui pra lá é Córrego do Meio daqui pra lá é Airões. Se for até o vale ali né. Então naquele vale ali é que saiu pra Airões. Que quando o cara falar

-não, aquilo ali num é Córrego do Meio. Comê que chama aquilo lá?

Tem que ser Airões ou Córrego do Meio. Que Córrego do Meio divede com Airões. Ele divede acho que é no alto fora lá. Então os negros ficou mais pra cima. Isso é lugar mais ruim pra eles mesmo então ficou lá. E aqui permaneceu aí e tá até hoje o distrito Airões, distrito de Paula Cândido. Hoje é distrito. Então vamo lá né.

O meu pai mesmo ele lutando ele comprou um lote lá em baixo. Alá a casa tá lá e nós tem parte dum lote ali. E com o tempo como ele não tinha o documento, cada um foi fazendo. Tem direito a 45 metros, ia até lá em cima. É terreno da santa né. Continua terreno da

santa. Ocê legalizou... hoje não, hoje mudou muito. Você legalizava aí, aí você torna-se dono pagando os impostos direitim aí cê tornava-se o dono.

GP – o que significa terreno da santa?

MB – o terreno da santa... por que segundo a história é o... esse tal de Airões doou isso aqui pra Nossa Senhora das Dores. Quer dizer ha quarenta anos atraz o terreno tava vazio se ocê entrasse nele e fosse pagar o imposto direitim a se tornava-se dono. Mas ele é terreno de Nossa Senhora das Dores. Você pode observar que toda escritura tá escrito lá: primeiro fala em Nosso Senhor Jesus Cristo, depois é que vai falar... dono de terra mesmo é Nosso Senhor Jesus Cristo que é dono de terra. Nós somos de passagem né. Então cada um tinha... se você tivesse dinheiro pra poder fazer o documento na prefeitura. Aí cê passava, vinha o fiscal olhava, media daqui...

-quanto tempo cê tá morando aqui?

-ah eu tô morando aqui tem dez anos.

-cê paga imposto?

-ah num pago.

-então pra você ser dono do terreno você tem que pagar o imposto. Registrar no cartório né. Nessa época num tinha o cartório de imóveis só tinha o cartório civil. Hoje não, hoje já fica mais difícil por que teve pobrema aí. Que alguém foi fazendo né o barraco dele.

Ó o eucalipto taí ó. Num plantou dentro de casa por que tinha gente morando dentro de casa. Por que se não tinha plantado em tudo. Ondé que ele tá aí. E aí a água num resiste ué. A água vai tudo embora... e essa comunidade aqui ela cresceu rápido. Esses Moura que eles fala nele aí, diz que existia uns é... bom... os outros era mais né... então ficou.

A política... tem algum politico que ele planta, ele é igualzinho o lavrador: ele planta ondé que dá. Lugar que num dá pra ele, ele num planta nada (risos). Eles num pode falar pra nós assim né.

Cê vê que a estrada de Viçosa agora, tá boa ela

-cês vieram por ela?

GP – não

Tá beleza hoje. Por que o Chequer<sup>65</sup> lá né... mas a plantação aqui é pouca pra ele. Ele pega pouco, nós tão na divisa aqui ué. Eles num pode falar isso né. Mas num... plantou! O lavrador vai lá e planta o feijão se ele... o...

### COMO UMA FAMÍLIA: CÊ NUM VIU QUEM É O NEGRO AINDA!

#### **MB – o irmão do Son ele tá até machucado esses dias...<sup>66</sup>**

GP – ele mora aqui?

MB – é ele mora aí. Teve um acidente de moto aí. Quer ir lá com ele um bocadinho? Depois?

GP – é acho que num vai ter prazo não...

Que aqui é a estrada que liga pra Viçosa né.

GP – ele tá de cama será?

MB – tá.

GP – então vamos fazer a visita?

MB – rapidinho. Você conhece ele...

GP – dar uma força né.

Dentro da casa de Gi, conversamos um pouco sobre sua história no Congo:

Gi – eu comecei no congo em 1997 né?

MB – 97. Ele é irmão do Som.

GP – você tinha quantos anos?

Gi – ah eu num lembro não. Comecei a dançar com meu pai, ele parou, faleceu e eu tô até hoje. Pra mim Banda de Congo eu sempre gostei mesmo. Sempre gostei e como diz o outro: tá no sangue né. A caixa bate lá, o coração bate mais alto aqui né no peito (risos). Tem jeito não.

GP – e foi seu pai que te levou?

<sup>65</sup> Família dos Chequer. Tradicional família de prefeitos e do setor imobiliário da cidade de Viçosa

<sup>66</sup> Visita a casa de um jovem congo, Gi. Ele é irmão de Son também da banda. Os dois são considerados por Boi como futuros mestres do Congado.

Gi – foi, foi. Como eu era mais menorzinho ele me levou aí no caso... aí eu comecei a gostar né.

GP – e mestre na época era quem?

Gi – o mestre na época era o Chico Botelho.

GP - Chico Botelho.

Gi – Aí depois ele veio a falecer e aí ficou o mestre Antônio.

MB – ele tem no sangue por que vem lá dos velho. Dos avós. Quando você é um torcedor de futebol porque você quer é uma coisa, quando vem já de tradição. Então os falecidos tudo era congo né. Avô era Congo. Num pega a família toda não, num é todo mundo que tem essa felicidade de ter neto Congo não, nem filho Congo não. Isso é um pouco difícil né. Por que sempre cada um vira pra outro canto né. Mas quando gosta mesmo... quando vem de sangue é sangue né. É por que tá dentro do coração da pessoa né. Então o Congo que é Congo ele fica sem dançar o Congo mas ele sente. Igual ele falou aí

Gi – o cara sente!

MB – a caixa bateu ele sente. Se tiver doente, igual ele tá assim em cama né, bater aqui. 13 de maio você já tava machucado já?

Gi – já tava. Já tava. Vi o pessoal passando ali ó. Só na beira da janela...

MB – o coração já bate fundo. Aí já fala em sentimento né. Aqui você num repara não. Agente vai andar mais um pouco

Gi – aqui brigado por vocês vim

MB – Deus dá o seu melhora

Gi – amém!

GP – eu lembro que o senhor fala muito comigo sobre o povo negro. Qual é a importância, agente visitou um jovem ali agora né, do congado pra esse povo negro, pra juventude, pras crianças?

MB – olha quando você gosta né, você tem no sangue, faz muita falta né. Que é um meio de tirar a criança da rua né, tirar o indivíduo da droga né, tirar o... de muitas coisas, da criminalidade né. É aquele velho ditado: a mente vazia é morada de satanás né. A nossa mente ela tem que tá sempre com uma coisinha e especialmente coisas boas. Então o cara que é Congo, ele é Congo mesmo, então ele evita de muitas coisas né. Então o negro é preciso

que ele teja uma coisa, que acha que ele é dono. Ele num é dono. É igual o mundo, num é? O mundo é nosso, mas nós num cuida do mundo direito, nós cuida é de nós, nossa roupa, nossa comida. Então quando ele é Congo, ele tem no sangue, é um tipo de lazer né. Ele gosta de mulher, ele casa, ele num larga a Congada por causa da mulher não! Se ele for Congo mesmo ele num larga não. Ele larga é a família dele, ele perde a família dele, ele perde os amigos dele.

-ah você é Congo? Então vai ficar por lá mesmo.

Quando a família junta, igual a minha família começou a juntar todo mundo junto, todo mundo dança né, por que vai indo tem que dançar mesmo, se num gostar... mas tem uns que detesta. Eu tenho, por exemplo, a Cici, Cici num é chegada a Congo. Ela é minha filha né. Ela foi pelejada, no início ela carregava a bandeira, aí foi crescendo e vai entrando os desvios, vai entrando os desvios. Deus tá mandando nós pro Norte e aí nós vão pro Sul

GP – o que significa ser dono? Negro ser dono.

MB – O que significa.... ele é dono por que a Congada né, é dele né, é uma tradição dele. Ele vê pouco branco dançando Congo. Então ele diz:

-isso aqui é meu! (risadas) Isso é meu.

Igual time de futebol. Se você é flamenguista, é seu time. E quando você luta por uma coisa que é sua é deferente. Meu, a Banda de Congo é nossa é minha. É ieu que canto! É ieu que faço aquilo ali. Isso é muito importante. O jogo de futebol num é meu, agora o cara que é jogador ele fala:

-esse time é meu. Eu sou do flamengo.

Então quando você coloca na sua cabeça aquilo ali... se é seu você vai ter que cuidar. Como que um troço que num é seu você vai ter que cuidar? Então o Congo para a raça negra, inda existe aí até hoje ainda alguém falar:

-Congo é coisa de negro. Sabe comé.

Mas se botar o pingo no i direitinho vei do negro mesmo né!? (risadas) veio do negro né. Mas pode dançar todo mundo: dança branco, dança todo mundo, é todo mundo. Então aquilo ali é dono, aquilo ali é dele, ele chora por aquilo ali, ele arruma confusão por aquilo ali, outros morrem por aquilo ali. O cara coloca lá uma bandeira de Nossa Senhora do Rosário ninguém é bobo vim lá e chutar aquilo ali em dia de festa (risadas) entendeu? Pode num valer nada. É

igual o cara chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida aquele ano aí que deu problema no Brasil. Então quando é da gente.

-a igreja tá fechada nós vamos só ali um pouquinho.

Quando você vai falar do que é seu, do que cê cuida é deferente. Cê vai fazer aquilo que você...

...

Então aqui que é a igreja de Nossa Senhora das Dores. Aqui nós visita ela né. Essa igreja aqui, as festas é tudo aqui. Aí quando alguém pergunta assim:

-Mas a padroeira de Airões é a Senhora do Rosário?

-não. Senhora do Rosário é a padroeira dos Congado. É a protetora dos congado. Da comunidade é a Senhora das Dores.

Que tem a festa aí né, tem a festa de Nossa Senhora do Rosário, faz tudo aqui. Mas a igreja é Nossa Senhora das Dores. Então nós faz tudo aqui. Aqui que nós faz a embaixada né. O avô daquele rapaz que nós visitou agora né, dali que é o Gi, é Giliardo, chama ele é de Gi. Eu quando eu tinha é seis anos é, sete anos mesmo, ele era um grande embaixador que tinha aqui né. Mas ele era um homem quase do meu tipo. Ele envolvia muito com comunidade né. Naquela época a primeira prefeitura que teve pra cá foi em 1955. E o prefeito dele ganhou. Como negro num tinha vez de nada, o prefeito levou ele lá pra Paula Cândido e colocou ele lá pra varrer em frente a porta da prefeitura. Como o negro num tinha direito de nada, só tinha o direito de capinar no mato pesado, aquilo trouxe pra ele grande revolta das pessoas que passava lá e via aquele negro em frente da igreja, da prefeitura varrendo. É um serviço. E ele sabia ler muito pouco né... naquela época era só... o único negro que calçava uma botina...

-o primeiro que calçou uma botina foi o Zezico Barnabé sabe comé.

E ele tinha uma leitura então aquilo ali ele se tornou-se tudo para aquele prefeito. Se a polícia chegasse e tivesse prendendo alguém e ele chegasse:

-ó deixa esse rapaz aí que ele é negro lá do meu córrego!

-ah mas eu vou levar assim mesmo!

-então cê vai levar, mas depois tem que trazer. Vou pedir o prefeito, ele vai trazer.

E acontecia isso sabe comé. Alguns policiais num tinha telefone, depois soltava o cara lá naquela entrada a rua lá. O cara trabalhador, mas tava com uma faca, uma garrucha, um

negócio qualquer. E muito inteligente. Era um homem muito inteligente. Aí já andava armado. Entrou na política, não como candidato, mas como cabo eleitoral, um montão de troço. E aquilo os fazendeiro virou contra. É quase igual eu mais ou menos assim sabe comé. Num vai muito com a minha fachada por que quando eu tava bebendo Deus me recuperou. E ele... aí começa a faze encrenca mesmo de negro contra negro e quem matou ele foi um negro. É o mesmo caso meu, eu tenho encrenca com negro direto. Começa dentro de casa (risos).

-pô o cara tá fazendo errado então eu vou...

então é onde corre o perigo. A nossa quilombola tá parada assim é confusão interna! Entendeu? Isso é coisa interna, isso é nós que tem que resolver isso aí. Mas in antes deu mexer no quilombola lá em Lafaiete a Sandra falou comigo:

-cê vai fundar a quilombola?

Eu falei:

-eu vou!

Ela falou:

-agora cê vai ver quem é o negro. Cê num viu quem é o negro ainda!

E já vi com meus olhos. Por que até hoje ainda tem o negro que ele faz o que o coronel mandar! E eu não sou contra ele não. Por que que eu num sou contra ele? Uai se foi o coronel que criou ele, se foi o coronel que dá o leite lá, ele trabaia lá? Só tem que ele tem o direito hoje de ir e voltar e ele num tá aceitando. Vai ficar como escravo o resto da vida. Então ele tá com nós fazendo a reunião o que nós fala aqui ele lá na frente leva tudo. Isso num acontece só aqui dentro, isso acontece no Brasil. Sabe comé. Eu converso com muitos quilombolas e comé nós vê. Faz uma reunião de dez e fala pra pessoas:

-gente o que for falado aqui vamo guardar em segredo até...

Ali pó tá um filho meu, um sobrinho meu, um tio meu, aí ele leva. Quando você consegue descobrir aquele cara... eu mesmo já peguei nego sentado bebendo cerveja uma hora da madrugada, num tá esperando por mim na cidade, o cara tá sentadinzinho com os cara né. Eu passo dou boa noite né. Quer dizer ali tá pagando cerveja pro cara, dando sanduiche o cara entrega tudo. Então meu grupo eu falo com eles aí:

-ó cês segura!

É por isso que nós... essa noite eu cheguei até sonhar com território essa noite (risos). Já era pra ter mexido no território sabe. Ou mais cedo ou mais tarde vai encontrar barranceira pra frente. Se não mexer nesse território... ou comigo vivo ou comigo morto se não mexer no território, tem umas coisinhas aí que eles precisam de mexer que nem os doutorados num passam pra nós. Isso é coisa que tem que nascer na sua mente mesmo. Vai mexer! E nós temos muita... eu chego na assistência social pra conversar um negocio sobre o território, esse rapaz aqui as vezes ele é o secretário lá dentro, cê tem que ver comê que cê conversa com ele né. Cê tem que observar ele. Cê chega num delegacia quantos policial tem lá? Tem quatro.

-bom dia?

-tudo bem?

-tudo bem. E com vocês?

De acordo com sua mente você vai olhar pra eles assim e ó:

-tchal! Fica com Deus.

-ah você vei falar o que?

-o que eu vim falar eu esqueci.

Por que num sabe que lá com quem tá conversando. Farda todos nós põe. E as pessoas, o ladrão, quem tá falando aqui num é ieu, quem tá falando é em nome dos outros: o ladrão tem cara de gente, corrupto tem cara de gente, o padre tem cara de gente, presidente da república tem cara de gente, mindingo tem cara de gente, negro também tem cara de gente e tá misturado até no meio de nós. Então é preciso que volte... teve uma reunião no dia 11 de 2016 tem muita coisa escrita. Se vocês vortar ali e pegar alguma coisa que eles tiver escrito eles... mas num vá com duas águas não que tudo é luta! O que nós tão fazendo aqui assim é luta. Num é briga, é luta! Pra quem quiser ter alguma coisa que lute! O cara que... a mulher que casar com ladrão tá arriscado qualquer hora matar ele e ela aposenta, casando com preguiçoso vai sustentar o cara o resto da vida. Que ele num quer confusão. Nós passemos num lugar lá agora (risos), lá no Casebre, aquilo ali é o pai da preguiça. Num quer nem confusão, num quer nada (risadas). Se a mulher sustentar tá feito né. Então o cara pra entrar num banco hoje aí é luta ué. Ele sabe que vai dançar mesmo. Então todo trabalho, tem o trabalho que é sagrado e o trabalho que num é sagrado. Mas num deixa o homem morrer de fome fácil não.

GP – qual a diferença entre trabalho sagrado e trabalho que não é sagrado?

MB – o sagrado é por que Deus abençoa o seu sagrado, o que não é sagrado é considerado excomungado. É um trabalho que é corrupção, é explorando os outros.

## UM BREVE ENCONTRO

### **Esse aqui é o nosso Liberato.**

-oi Antônio Boi, comé que tá?

-esse aqui é uns amigo meu aí.

Ele tá... até num sei se vocês já viu ele aqui, eles tão filmando né, fazendo um trabalho cultural, eu já até falei sobre você né, hoje num deu, esqueci dele um bocado hoje.

Ele aqui era o dono da venda ali, ele viu e o meu inferno tranquilo, tranquilo né. A venda era ali ó. Ali que o coro comia e ninguém via né. Quando eu nasci eu já via a venda dele. Era ali né Liberato? A venda do senhor?

-era ali, depois foi prali.

-alí que nós bebia cachaça toda e...

GP – e que que o senhor lembra do Boi nessa época?

Liberato – ah tem muito tempo né... muitos anos (risadas)

MB – minha mãe chegava ali e falava pra você num vender cachaça pra mim né.

Liberato – é e eu tenho uma boa resposta pra ela, eu falei a verdade: ele entra e tira ué (risadas)

MB – minha mãe vinha aí e pedia pra ele num vender pinga pra mim não.

Liberato – é engraçado, ele tirava e dava os companheiro dele ainda, a cachaça ainda. Zé Maria, Raimundo Marcelo

MB – Silvio

Liberato – Milton, aquele Milton ali. Os companheiro de copo! Os amigo de copo.

MB – Geraldo Milton? eu num sei se ocê tá lembrado? Um dia a polícia chegou ali, eu num tava ali. Tinha saído fora ali, aí a polícia perguntou pra ele:

-cadê o...?

Alguém deve ter mandado a polícia ir ali né?

-cadê o... diz que o Antônio Boi quebrou um montão de troço aqui?

Ele falou assim:

-quebrar ele quebrou sim, mas depois ele paga isso aí sabe!

Que eu podia fazer qualquer coisa que num...

-num é Liberato?

Eu podia até roubar uma outra coisa lá pra pagar mas num deixei de ir lá pagar não!

L – ele pagava direitim. Quebrava uma garrafa e vinha com outra garrafa.

MB – ia em casa e podia roubar lé em casa, trazia um copo vendia, mas eu pagava aquilo ali.

Roubava de um e pagava o outro. Mas num deixava o vendeiro sem pagar não por que na hora que nós precisar nós temos lá a cachaça pra nós beber...

L – é ele tirava e dava os companheiro dele.

MB – então ele viu muito sofrimento. Eu tenho lá a filmagem dele, tenho lá guardado. Os cachorros né, ele sabe dos cachorros né? Eu tava vendo um cidadão aqui, os cachorro começa a andar, quando o cachorro começa a andar atrás do cara ele tá frito

L – dois cachorros, eles num te largava. Eu tinha uma época que num usava cadeira não. Tinha um banco de sentar e ele num sentava no banco não. Ele vinha e sentava no chão, ele encostava na parede com cobertor daqueles “levanta cedo” (risadas) e os dois cachorros aí, um do lado outro de outro. O Luiz Rodrigues um dia pisou no cachorro, o cachorro gritou e Antônio falou

-pisa no cachorro não pisa ne mim!

MB – e ele era amigão meu né rapaz até quando bebia cachaça me dava um gulim. Que depois eu fiquei na merda mesmo, eu só tava pedindo era só restim, o cara chegava e pedia

-deixa um restim pra mim?

O Zé Raimundo nós pusemos o apelido nele de “boca de espera” ele ficava só esperando... quando o cara entrasse e pedia ele só encostava ele tinha vergonha de pedir né.

Aqui vamos chegar ali. Muito obrigado viu.

Parada no Posto de Saúde, com nome da Madrinha Chiquinha, pra tomar água, descarregar os materiais gravados no computador.

## EDUCAÇÃO DOS BOIS

**GP – o boi por que dentro do povo negro tem tanto alcoolismo? Por que o povo negro é tão atingido por isso? Você já refletiu sobre isso?**

MB – olha eu... isso tem uma coisa... dentro da minha cabeça isso tem uma... é, eles leva isso quase como uma tradição né. Tô falando mais da desunião né. Agente tá falando mais é... por que muitos negros foram criados na casa do fazendeiro, do coronel, o coronel ensinou muita coisa ruim pra ele lá ué! Quer dizer se meu pai falou comigo quando eu tinha cinco ano -aquela mulher ali é feiticeira.

O que que eu vou falar pra frente? Vou crescer com a minha cabeça:

-aquela mulher ali é feiticeira

Nunca vi ela fazer feitiço. Se os cara falou comigo assim:

-aquele cidadão ali é matador

Então eu vou crescer dessa maneira né. Assim vem os nossos filhos.

Se você acostumou cresce e dar ele um celular na mão dele, depois que ficar velho ninguém vai tirar um celular da mão dele não. Se você deu uma arma pra ele quando ele for crescer ele num vai andar desarmado não. Então a maioria dos negros foi criado na casa dos fazendeiros né. E ali eles passou um montão de coisa pra pessoa. Ali eles passaram! eu... eu... tenho a experiência própria disso. Hoje se corto o cabelo rapando a cabeça por que foi lá que raparam a cabeça minha a primeira vez. Naquela época o nego num rapava muito a cabeça que os menino batia muito na cabeça das pessoas né, e eu chegando na casa do fazendeiro com seis ano, a primeira coisa

-vamo rapá por causa do piolho!

Quer dizes rapa até hoje. Então muitas coisas que tem entre os negros hoje, eu falei um pouquinho ali em frente a igreja a respeito disso. Tem uns, igual o lugar lá que ocê falou, que você vai ter que resolver aquele problema, ir dá continuidade naquilo lá (casa da chácara), aquilo lá é um pouco difícil que ainda tem um grupo ainda... ainda tem um grupo que ele é puxado pelo beijo. E outro se ele tem lá uma casa hoje foi o “fulano de tal” que

-essa daqui é sua!

Por que ele chega num lugar que tem dez na casa, num tô comparando, num tô falando mau de político, é político bom né, que nós acostumou a falar mais mau né, fala mais mau do que bem. Ele vinha, vão botar aí

-o boi vou fazer uma casa pra você e qualquer erro que você ver aí entre o negro você vai me passar.

Aí eu passo a passar as informações né e explico pra você, você num fala:

-por que que o negro sabe uma coisa e o branco num sabe? Por que ele tem uma sabedoria e o branco tem outra. Por que ali morava os dois juntos: o que o coronel sabia num passava fácil pro negro. O negro também segurou! Entendeu. Alguma sabedora que ele tinha ficou na dela. Cê vê que os cânticos né, isso aí você tá por dentro direitim como é que funciona. Os cânticos que puxa né... era o lazer deles né... cantando até a língua pra ver se “fulano de tal” num consegue entender a língua

**-o que são vós mungu, a mim senhori, pade ganga de serviço conforme seja o exame, bagun de ganja, barriga cheia e chico.**

Então misturando essa linguagem aí, ela já vem lá da África pra cá... pra falar as coisas dentro de casa pra um num entender. Então nós temos isso até hoje aí. Um indivíduo chega... por que que eu falo:

-debaixo do angu tem tixe?

Uma coisa pesada! Lá vai nós dois aqui e eu olho pra esse rapaz você olha pra mim aí eu falo, mas perto de nós tem mais gente, digo assim

-oh rapaz debaixo do angu tem tixe!

Aí você já vai entender

-pô tem um negócio errado aí.

Aí você pode falar no meio de mil.

-oh fulano de tal debaixo do angu tem tixe.

É por que tem um troço que eu num posso falar, nem você pode falar, os olhos tá vendo. Então era isso, um olhava um pro outro, vários tipos de olhares, tem vários tipos de olhares... o Seu Raimundo Januário que era o meu mestre, quando eu chegava perto dele pra pedir uma coisa, pra falar uma coisa ou um convite se ele baixasse no chão e pegasse uma coisinha assim, um raminho, uma coisinha assim, podia tá no meio do mato que ele punha na boca, se ele pôs ele na boca eu já podia sair fora que ele num ia me arrumar nada! Sabe comê. Mas ele num poderia falar comigo que num ia arrumar. Ele gostava de mim, ele precisava de me ajudar. Mas ele num podia falar... aí eu fui aprendendo né. Se ele pegasse o... por exemplo:

ele pega uma pedra aqui assim, ele pegava uma pedra ele começava a fazer isto aqui assim ó. Aí eu falei

-o homem vai me enrolar. Deixa eu ir embora.

Aí eu podia sair. Mas com o tempo eu fui perguntando ele por que isto? Ele falou

-não, isso é coisa que vem lá de traz... é coisa que vem lá de traz...

Num ficar falando as coisas. Aqui andava uma tal de Maria Pimenta, ela uma filha e um filho. Eles num trabalhava, eles pedia de casa em casa na época da pobreza. Essa mulher chegou lá em casa, foi no ano de 1955 por aí, 56, a fome lá em casa já tava... arraso! Num tinha nada pra comer mesmo, minha mãe tinha amassado uma panela de angu e aquela rapa ali, nós até brigava por causa da rapa de angu, depois de comer o angu tinha a rapa, a rapa queimava nós comia, chegou ela e o casal de filho, minha mãe com aquele monte de gente dentro de casa lá, nós era 11 né (risos), a mulher chegou e perguntou minha mãe assim:

-o dona a senhora tem comida pra mim e meus fio?

A minha mãe olhou pra madrinha Dinha que era a mais velha olhou pra Selideus, um olhou pro outro, a mulher falou assim:

-oh chico?

Um filho dela chamava chico.

-oh chico?

Um olhou pro outro assim

-podemos sair fora que tá ruim! (risos)

E sambo fora!

Então agente veio...

-vamos na capela primeiro.

**Isto aí é as tradições né. Esta desunião entre o nego, as vezes nós num somos muito culpado disso não ué.** A minha neta chego ali

-toma benção o rapaz!?

Toma a benção. Se for a mãe dela ela vai falar

-toma bom dia aquele rapaz ali!?

Ela vai crescer dando bom dia. Cê entendeu? Cê se lembra o negócio do seu filho lá?<sup>67</sup> O outro mexeu lá queimou, num vai botar dedo no fogo mais não rapaz! Sabe comé. Tanto faz papai tá perto mamãe tá, num vai botar, o troço queima! A criança certa hora tem que pedir uma coisa, você ter no bolso e falar assim:

-não num tem não!

Daí a pouco ela descuidou:

-aqui ó.

Pra depois se ficar velho você ter como dominar ele. Por que que ninguém tá dominando os filhos hoje? Por causa de que? Uai vai criando... eu tenho minha filha taqui, outra mora ali assim, se eu falar isso, isso, isso cabou ué. Pó responder, mas é aquilo ali, num tem...

-Natália cê vai passar é aqui tá! É aqui.

-ah eu num vou por aí não!

Bem se num vai por aqui vai pra ondê cê quer então né. Agora se eu deixo pra ficar velho agora num dá pra mim mais não ué. Então tem que vim... tudo que a criança pedir nós for dá...

## CONSTRUINDO SUA COMUNIDADE: PAI NOSSO COM AVE MARIA E POLÍTICAS PÚBLICAS

### **Então isso aqui faz parte da cultura também que é a igreja da Nossa Senhora da Aparecida.**

Nós passou aqui só pra dar um graça né a Deus e a Senhora Aparecida. A vida minha ao sair do alcoolismo começou foi aqui né. Aqui começou. Isso aqui que é a chave né. Isso começou tudo. Hoje... eu até num sei se eu to com a chave aqui. Essa igreja aqui ela... Nossa Senhora da Aparecida fala quem quiser falar, se quiser falar mau problema é deles sabe comé. Mas eu pedi foi a ela que se um dia ela interesse junto de Jesus que se eu largasse a bebida... eu usava outras drogas, mas droga que gostava mesmo é cachaça né. Maconha pra mim num

<sup>67</sup> Este caso ocorreu na Vivência de Místicas e Cantos Afros realizada pela Pastoral Afro-Brasileira na Escola Nacional de Energia Popular (ENEP-Viçosa/MG) nos dias 11 e 12 de março de 2017. No meio da roda, em torno de umas 20 pessoas, havia uma fogueira. Meu filho, Amandi Mirê engatinhou em direção as chamas, no momento minha companheira correu para impedir que ele se queimasse, mas vozes de Boi a segurou pedindo que o deixasse queimar para aprender que fogo queima. Amandi chegou a esbarrar os dedos nas brasas e logo voltou pra traz. Minha companheira já estava com ele no colo antes dele chorar. Um mês depois encontrei com boi no Bairro Bom Jesus quando a banda de congo foi se apresentar para a Rainha Nova. No mesmo horário da apresentação iria ocorrer uma reunião da assosiação quilombola no Córrego do Meio, Boi disse que não foi na reunião pois já estava na hora de outras pessoas assumirem cargos de liderança na comunidade. Ele me olhou e disse: lembra de seu filho com a mão no fogo? Respondi que sim.

valia de nada não. Então aqui que era o... começou aqui. Então hoje eu num tenho luta não. Eu já tive luta. Tinha coragem, tinha força né. Agradeço tudo que Ele fez pra mim. Eu tava lá na Rocinha, lá no Rio de Janeiro, outubro de 1965, quando junto com a rapaziada eu conheci a maconha lá. Aqui eles falava, mas eu num conhecia não. Mas eu nunca fui chegado a maconha, a maconha pra mim era fraca. Eu gostava do produto químico pesado. E lá um dia lá no Largo Boiadero, lá tem Largo Boiadero e eu morava no Morro da Roupa Suja. Assim numa tendinha, eu viciei muito em tendinha. Hoje eu num fico, tendinha é muito perigoso. Aí eu depois de muito doidão eu mais uns cinco ou seis, deve ter morrido todo mundo, eu falei pra eles:

-eu to com vocês aqui bebendo e fumando mas um dia eu vou largar e vou construir uma igreja da Nossa Senhora da Aparecida. Isso em 1965. Eu me lembro que eles falou assim, eles começou a gozar minha cara:

-e ó o pastor! Ó o padre né.

E aquele dia lá esse Deus que tá aqui falou amém! 1965 pra 84 cês faz quantos anos que deu. Bebi! Foi uma trajetória pesada! 1965 a 84. O coro comeu! 84 eu recebo uma graça né. Depois de dois mês que eu para de beber eu falei com minha mãe:

-agora é hora de começar a trabalhar!

-comé que você vai trabalhar?

-vou trabalhar ué! Construir uma igreja de Nossa Senhora Aparecida.

-com o que?

-vai ser só com milagre de Deus.

Aí começo a mexer na terra. Tava tudo a reveria aqui né. Deu mão de obra! Mas consegui. Hoje graças a Deus tá tudo bem. Capela de Nossa Senhora Aparecida. Hoje as pessoas ajuda agente muito... eu num tenho cuidado aqui nada... mas pedi muita ajuda, fui muito mal tratado... ficou cinco anos sem missa por causa de política. Perdi política, perdi tudo.

O negro é assim ó. O negro funciona assim desse tipo (tira um porta retrato da gaveta. Uma foto sua com explicações sobre a fundação da capela). Esse daqui é uma história minha. Cê vê que eu fico caçando ela e achei. Por que lugar dela é lá (aponta para o alto da parede) entendeu? Aí foi feito praqui ó cumé que fica escondida aí. Num pode falar a verdade. Se nego falar a verdade... a verdade taí! Eu coloquei droga, coloquei tudo. Aí alguém esconde:

-não, vamos esconder... num pode mostrar não.

Depois eu vou pregar ele um dia. Eu vou pregar ele lá em cima. Aí eles pega ele e TUMM!  
(guarda na gaveta).

(leitura do texto da fotografia)

Nascido no dia 18 de março 1950, por ter feito uma promessa a Nossa Senhora Aparecida de parar de usar drogas e álcool iria fundar uma igreja em honra a Nossa Senhora Aparecida. Como obteve sucesso de eliminar as drogas e o álcool de sua vida, fundou a igreja Nossa Senhora Aparecida no dia 17 de fevereiro de 1985 com ajuda de Deus e da comunidade de Airões.

-não, vamo esconder! Vamo continuar metendo o porrete nele mesmo. Num pode ser nada não. Aquela igreja ali num pode ser ele não! Será possível. Ele tava bebendo cachaça, roubando galinha, falando palavrão. Então tem que esconder isso aqui.

Aí eu chego e pergunto uma pessoa aqui:

-cê num viu meu retrato aí não?

-ah tá lá. Eu até pensei que eles tinha jogado fora...

Uma que essa mesa aqui num pode jogar ela fora por que ela veio do tempo né.

-mas ele tá falando em droga! Num pode.

Mas é assim mesmo. Mas com ajuda de Deus num tem esse negócio não sabe comê. Nós vamos só rezar um Pai Nosso com Ave Maria aqui pra agradecer e partir com a graça de Deus né. Pedir perdão pelos meus pecados, pelos meus olhos, pelo meu ouvido, pedi a ela que interceda diante de Jesus né, o trabalho seu que você tenha êxito no seu trabalho né. Por que... vocês num acreditar no... só pra nós tá aqui, isso tá ajudando ieu e ajudando alguém. Mas nós tá ajudando num é bem nós não. O que nós tão fazendo vai servir pra alguém que nós num sabe, nem se vai qualé o dia que vai nascer qual o ano. Vai servir para alguém, por que tá servindo pra nós hoje. Agradeço também o pessoal né, cada um ajudou deu sessenta reais, naquela época ficou por 3.800 reais. Hoje não, hoje eu to feito. Naquela época eu vindo do cachaçau, do roubo, briga, confusão, ninguém acreditava né, falava com as pessoas:

-vou construir a igreja!

-vc num vai construir igreja nenhuma não rapaz. Ladrão de galinha construir igreja nunca vi isso.

Hoje a igreja taí pra todo mundo vê. Isso machuca as pessoas sabe. Então eu quero agradecer a Deus né, as pessoas que morreram que ajudou aqui também que partiram. Eu nunca fiquei sozinho nessa comunidade não. A base de Deus sempre tem alguém. Dois ou três ou quatro eu nunca fiquei sozinho. Eu bebia e num andava sozinho, roubava galinha e num andava sozinho. Então vamos rezar esse Pai Nosso com Ave Maria pra nossos filhos né e pra essa comunidade né, para os governantes né pra vê se eles num espera a vaca ir pro brejo não, vão aproveitar enquanto é cedo e pedir pra eles aí. Eles tão discutindo muito poder né, mas eles tão completamente enganado por que derepente esse sol pode sumir de uma hora pra outra aí né. Por que avião cai, bomba, um montão de troço. Então tem que pedir a Deus que eles tão desobedecendo muito a lei de Deus né: é o poder, é o estudo, é a divisa, é o diploma, é o doutor, doutor Moro, doutor fulano de tal. Enquanto eles tiverem lutando assim nós vão conseguir não, quando eles alestrar que um caroço de feijão planta um e dá dez, vinte de repente vai melhorar tudo.

-Pai nosso que estai no céu,  
 santificado seja o Vosso nome,  
 venha a nós o Vosso reino,  
 seja feita a Vossa Vontade  
 assim na terra como no céu  
 O pão nosso de cada dia nos dai hoje  
 perdoai as nossas ofensas  
 assim como nós perdoamos os que tem nos ofendido  
 não deixei cair em tentação  
 mas livrares do mau amém.

-Ave Maria cheia de graça  
 o Senhor é convosco  
 bendito sois vois entre as mulheres  
 bendito é o fruto do Vosso ventre Jesus  
 Santa Maria, mãe de Deus  
 Rogai por nós pecadores  
 agora e na hora de nossa morte amém.

-Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo  
 para sempre seja louvado.

...

Eu devo de ter lá em casa a imagem pequena de Nossa Senhora Aparecida e de Menino Jesus de Praga, eu bebia cachaça e chegava na venda e falava:

-beija aqui!

Uns beijava né, tinha medo de Deus, outros beijava

-ah tira isso pra lá!

Eu falava:

-o rapaz num faz isso não que cê vai sofrer.

Aí o cara pegava e beijava.

-num joga pra lá não!

-eu num to jogando pra lá não.

-num joga pra lá não que cê vai sofrer muito!

Por que Menino Jesus de Praga eu sei, eu até peço perdão a Deus, eu tive muito conhecimento sobre o... o Menino Jesus de Praga nasceu lá fora em uma cidade chamada Praga. Aquela bola que ele tá mão é que Deus entregou ele aquela bola né, o mundo na mão dele. Então naquela época tinha uma Ave Maria na rádio tupi do Rio, é Gilo Gonzaga que rezava. Na minhas angustias, nas minhas dores, eu corria seis horas da tarde e ajoelhava perto de um rádio qualquer e ficava pedindo a ele pra me tirar daquela vida né. Tava arrasado. Aí eu sabia tudo a respeito do Menino Jesus de Praga né e Nossa Senhora da Aparecida aí eu consegui graças a Deus né. **Eu to passando isso pra vocês essa filmagem que nós tão fazendo aqui se alguém algum dia for assistir ela é pra num desanimar não. A boca tá muito quente, a vida tá ruim, a mulhere foi embora, filho tá doente, tá na cadeia, mas num desanima não, de forma alguma. Continua pedindo a Deus que a hora chega! Num tem esse negócio não! Sofra o que sofrá! Peguei a ditadura aí... quase que eles me leva pras Neves né no ano de 1971 e graças a Deus agora to no meio de vocês aí. Então vamos mais! Vamos caminhar.**

...

Nós devia pedir a Deus uma boa hora de morte. Mas é uma coisa que nós num quer nem saber. Pedir a ele uma boa hora de morte pra nós descer... sei lá, as vezes o cara vai sorrindo. Nós vai chorando mas vai sorrindo assim mesmo. Nas orações dele ele sempre falava:

-nós devia pedir a Deus uma boa hora de morte, pra num ficar fazendo careta, que num tem onde sair fora...

O meu sonho... é eu tive pouco sonho. O resto tudo é variação. Eu sonheio... eu tinha vontade né da Congada ter um lugar pra se reunir, maracatu qualquer pessoa da cidade. Eu dançando Congo né nós ficava reunido assim em algum lugar era sempre expulso do lugar, diz que nós tava perturbando e tudo. Aí eu pensava comigo assim:

-um dia Deus vai me dar um lugar pra nós pra nós fazer um lugar dos negros se reunir.

E fui lutando como lutei pela igreja. Depois essa terra tava também assim... arrumei os documentos tudo direitim. E falei com a minha família:

-aquilo ali eu vou deixar pro... algum dia se eu morrer vocês se tiver algum dinheiro vocês faz lá um barracozim. Nós tinha ideia de fazer até de sapê isso aqui. E com a luta a gente conseguiu, ganhamo o prêmio<sup>68</sup> né, Quarenta mil reais a receita comeu oito! Eu quando falo comeu, falo sem medo de errar né. Eu falo em qualquer parte do mundo né. Comeu mesmo! Porque um grupo que não tem fins lucrativos nenhum você pegar oito mil dele por causa do imposto! Entendeu. E num corri atrás por que sou um homem que num tem leitura num tem nada mas tenho um pouco de conhecimento e prática né. Se eu quisesse correr atrás pra entrar contra a receita agente entrava sem um pingo de susto, que lambari pra entrar contra tubarão ele sabe que a boca é por baixo né, se ele conseguir pular o tubarão por cima ele vai embora, se num conseguir o tubarão lambe ele, assim são nós. Nós somo lambari. Mas entreguei pra Deus né, pros doutor da lei que eles mesmo resolve o problema deles lá. O importante que a Casa da Congada tá pronta né. Agente pode chegar 100, 200, 300... nós num sabe do dia de amanhã!? De repente um flagelo aí uma coisa qualquer:

-ah num tenho onde ficar!!

-uai se tiver sobrando aqui a casa vai pra lá ué. Vai encostando pra lá.

Então pode construir aí tudo em cima aí. Se alguém quiser construir... eu cá to satisfeito sabe como é. Se alguém quiser construir pode construir... a base em baixo é feita pra três andares aí se quiser

GP – pode subir mesmo?

MB – é pode subir eu cá já tô satisfeito. Num esperava nem de ver isso aí.

<sup>68</sup> prêmio culturas afro-brasileiras realizado pela Fundação Cultural Palmares 2014 acessado pela comunidade quilombola em 2015.

...

Aqui tem outro negócio bom pra... aqui tinha um negócio aqui mas num tá aqui não... isto aqui ó! Isto aqui que é a uva do mato. Cozinha e bebe de pouco a pouco né que ela é muito forte. Quem plantou aqui foi um senhor que morreu ele deu problema nos dois rins, paralisou os dois rins e ele tomava isso. Alguém... num sei ondê que ele arrumou o pé e plantou... num sei quantos anos tem não... agora eu já tenho lá em casa plantada já né. Uva do mato. Ela dá um... igual vinho assim meio azedo. Bom para os rins.

Aqui mora minha filha né.

GP – o boi depois se você quiser eu posso vim filmar a casa da cultura por que a hora tá bem adiantada...

MB – manda ele só vim dá uma filmadinha agora.

(Cântico)

Ô lau lau, bateu mandinga sanlatônio  
 é de pai João salantônio  
 é do Congado essa bandeira do Rosário  
 Ô lau lau, bateu mandinga sanlatônio  
 é de pai João salantônio  
 é do Congado essa bandeira o Rosário

**Eu quando eu falo sobre o negro eu tenho meu direito de falar.** Em todas inaugurações informal quando vai colocar uma placa vem o cidadão autoridade, vem... nós esperou naquela festa num apareceu nenhum. Pra descobrir assim teve que botar uma criança pra puxar o pano da placa de inauguração. Em tudo os coronéis tá, mas é uma coisa denominada a negro.. aí teve uma criança. Tô falando com vocês aqui, o prefeito, num to falando mal dele não, ele disse pra mim que no dia 15 ele não estaria aqui. Quando nós envinha praqui era um sábado, outros, secretário de cultura, fulano de tal, nenhum! Pergunta o nosso amigo Tainã (secretário de cultura de Paula Cândido) se ele já viu esse placa aqui? As vezes veio de noite aqui... ele é o secretário de cultura! Nós pusemos todos aqui! Cadê os nomes dele? Cês tão vendo lá! Cadê a autoridade pra abrir? Então na hora alguém falou:  
 -chama uma criança!

Criança é autoridade agora até. E foi filmado aqui ué. Num sei se você tava aí com nós? Aí puxou o pano...

-vamo lá?

Então é com amor e carinho. Tudo que for fazer tem que ter amor a carinho. Se num tiver o amor e carinho num faz. Então agente fica lutando. Aí ó dois banheiro, banheiro feminino, masculino. Tem aquele lugar ali ó se o cara tiver bêbado esconde ele ali dentro (risos) pó dançar aqui a reveria entendeu? Hoje nós temos... pode chegar aqui 100 pessoas. A escada taí, pode subir lá em cima. Mas é complicado ué. Agora o outro negro ele vem contra o negro então o complicado é isso. Cê tá abrindo caminho pra ele ir e voltar ele quer ficar igual tá ali mesmo num quer saber de...

-cê num vai conseguir isso rapaz!

Igual essa viagem pra Regência agora o cara falou logo em cima da hora e falei com ele:

-deixa eu olhar pra uma imagem que eu tenho lá de Jesus e Nossa Senhora do Rosário. Nós tamos em regência domingo! Ele falou:

-o Boi cumé que você vai arrumaram?

-eu num sei não!

Olhei na na parede e partir! Quando eu cheguei no posto de gasolina pra falar com seu fulano de tal o rapaz falou pra mim:

-que que cê quer?

-eu precisava de 570 reais de óleo dizeo s10 pra mim fazer uma visita em homenagem ao Caboclo Bernado lá em Regência.

-então põe no seu nome.

-cê acredita ne mim?

-talvez ne você do que no outro seu patrão.

-mas eu num tenho dinheiro pra pagar no dia 1º

-paga o dia que você quiser

Então tem que agradacer a Deus ué. Liguei pro cara da van que é o Zé da Pedra ele falou comigo assim, comé que nós vão pagar:

-se você Boi arrumar o óleo aqui cê leva uns 100 reais aí, se faltar óleo nós põe na estrada o resto paga o dia que puder. Vão bora!

-então nós passa no coral e grava cinco minutos? Ou dez minutos? Tá perto já ali ó. Aí quandp chegar na casa deixa pa filmar só lá ué.

...

O posto de saúde ficou em nome da mãe Chiquinha. Mas nós tudo chamava ela de madrinha Chiquinha né, é o certo né. Por que antigamente se uma pessoa fosse padrim seu de batismo, naquela casa se tivesse dez irmão, todo mundo chamava de padrim também. É igual o padrim Zé Zico né, o avô do menino que tá machucado lá, ele num é padrim meu, nunca foi padrim meu nem nada. Mas é padrim Zé Zico, acabou o papo sabe comé. Por que ele é padrim do Matias né. Era tão respeitoso. O irmão respeitava o outro era assim: se uma pessoa era padrim só, nós tudo tomava benção e chamava ele de padrim. Então o padrim Zé Zico que é padrim do menino que nós visitou ele ali, ele num é padrim meu não (risos) mas nós tudo chama ele de padrim. Ele morreu há... mataram ele em 1960 né... 62 que mataram ele aí cima. Também politicagem. É isso mesmo que aconteceu.

-ó o Aparecido (um cachorro vira-lata). O Aparecido machucou ostro dia o Ramon tá cuidando dele aí. Uai, cê tá amarrado em? O Ramon tá cuidando dele aí, ele veio pra rua... tá facil de roubar você agora cê tá de corrente e tudo né. O resultado da rua é isto aí ó. Assim que acontece com o homem e a mulher. Se ficar vivo ainda tá bom ainda. Tá sorte que tá vivo. Quem tá cuidando dele?

chegando próximo ao bar do Coral

-aí se nós tivesse falando mal dele ele tinha... nós tava falando a respeito dele

-Professor Milton Ramon - ah! tá vendo!

Mulher dentro do bar - falou mal que eu vi (risadas)

MB – nós falou mal foi pouco num foi muito (risadas)

Todos se cumprimentam - bom dia, bom dia

MB – eu tava falando pra ele que esse cachorro aqui é assim que acontece com o homem e a mulher: se vem pra rua se dá mal aí. (risadas)

R -ele se deu é bem. Eu é que me dei mal. (risos)

MB - aqui, se quiser pedir o moço pra deixar gravar aí uns dez minutos nós vão... ele tá querendo gravar alí e deixar pra carregar uns dez minutos pode?

Coral -pode, pode, ali ó.

MB –o cachê cê sabe que vem né? Aqui num tem esse negócio não. (risadas)

Mulher -eu tenho extensão aqui.

MR -oh meu filho, o que que fizeram com você?

MB – num matou nem roubou mas tá na corrente.

MR -ele chegou hoje. Ele tava num hotel

MB – tava né!?

MR - tava. Ele tava na boa vida.

Mulher -tá vendo boi ele tava melhor do que você!

MR -nove dias internado. Ele tá todo cheio de doença. Tá tomando remédio... ele tem que fazer cirurgia...

MB – cachorro é de quem? É de quem cuida. Deu comida, cuidou... assim é nós.

GP -mas Ramon, nós tamos fazendo uma pesquisa com mestre Boi, meu mestrado

MR - a é? Com Boi?

GP - tamos fazendo um pouco o trajeto do congado né, por onde ele vai...

MR - e é pra quando sua defesa?

GP - minha defesa é... minha bolsa acaba em fevereiro de 2018. Eu entrei em 2016, são dois anos

MB -antes que eu esqueça, foi bom encontrar você aqui agora Ramon, eu num vai dar pra ir no casamento lá da menina (Marcela). To tomando uns remédios aí... eu tenho que fazer uns tratamento aí, tomar no mínimo dois litros d'água por dia.

MR - é o mínimo mesmo. Isso aí é pra quem num tem nada. Pra quem tem...

GP - quatro litros.

MR - pra quem tem... Guilherme sabe disso né Guilherme?

GP - eu sou quatro litros. Aqui ó: ó o corte aqui. Quase que arranquei o rim fora

MR -ham! Ele sabe disso!

GP -mas Boi... num sei se Ramon lembra desse caso? Foi o Ramon que me iniciou na pesquisa... aquele banner que tem no Casebre, que o senhor mostrou

MR - 2006

GP -e teve um caso legal de pesquisa que foi lá na casa do Chico Botelho<sup>69</sup>. Em 2007, pouco tempo antes dele morrer...

MR -foi. Fomos com Boi né.

GP -a agente foi fazer entrevista, eu lembro até hoje, um gravadozim, o Ramon chegando e sentando com um gravadozim, e tinha um neto dele com um tambor, cê lembra? Ele tava com a caixa e tocando

MR -ah sim.

GP – e ele foi tocando, num dava pra fazer a entrevista. E o Chico Botelho ele tava muito feliz que tinha um neto dele tocando caixa e ele num ia interromper o neto dele né

MR – (risadas)

GP – e ele foi tocando... e nem sei se agente conseguiu fazer entrevista com ele aquele dia porque o netinho dele tava tocando caixa, batendo caixa, e era numa sala né. Ele tava feliz em ver o netinho batendo caixa...

MR – é, ele que inspirou né o Boi fazer aquela... aí ele fez aquela... nas férias, aí agente veio nas férias de julho. Todo sábado o Boi fazia a escolinha né. O ensaio ali na sua casa lembra? Na varanda, fazia na varanda.

GP – eu lembro que o Chico Botelho das... que o Chico Botelho falava dos, acho que foi até o motivo que ele te chamou né pra pesquisa, que o sonho dele era retomar as crianças né pros Congos

MR – é. Aí Boi... aí é que Boi fez essa escolinha. Fazia né aquele... todo sábado tinha. Todo sábado, era assim no começo da noite 7h00, mal escurecia, sei que 8h30min tinha terminado

MB – é naquela época as crianças obedeciam ainda alguma coisinha

MR – é aquelas crianças de dez anos atrás... hoje tá tudo já...

GP – adolescente

MB – eu tô com vocês aí. Quando tá certo de irmos embora...

GP – vamos subindo então

MR – as crianças anotavam as embaixadas. Eles escreviam, aí depois tinha o ensaio, aí depois fazia o ensaio né

MB – por que as pessoas há dez atrás, vamo botar dez anos né

<sup>69</sup> Entrevista realizada pelo projeto "Identidades festejadas no Congado: cultura e memória afro-descendentes frente às práticas pedagógicas das escolas públicas."

MR – mas isso já foi nessa sua casa nova. Quando eu te conheci era na casa velha, aqui bem em cima. Mas era quando Ângela tava fazendo a pesquisa, Ângela...

GP – isso era que ano?

MR – 2005. 2007 você já conhece aquela casa lá em baixo

GP – é conheci essa

MR – pois é, o ensaio era naquela garagem, naquela varandazinha

MB – era a casa do meio do caminhos

MR – era, era a casa branca né. A casa era aqui a rua era aqui ó, só descia uns três degrau tava na porta de Boi. Aí ele derrubou essa casa... é onde tá a barraca hoje né?

MB – é, perto da casa de Natália ali, perto da casa de Natália né

MR – é. Ah depois da igreja

MB – agente começava a falar que num tava ensaiando muito, quando é só na festa do Rosário, num sei que lá mesmo... Aí eu falei: ah vamos ensaiar, se nós num ensaiar nós num vamo arrumar nada né. Se nós num fizer ensaio... aí algum Congo foi pra rua e num dança mais Congo, mas aprendeu.. o Neco né aprendeu muita embaixada um montão de troço. E o nosso mestre sempre dizia assim:

-nunca... tem o pulo do gato né. Ensina os pulo tudo, mas tem um pulo que ocê ensina o outro não. E a maioria das vezes né queria ensinar direitim, mas pra obedecer os antigos agente nunca aponta tudo né, sempre tem uma coisinha. Acaba agente morrendo e o outro que precisava de alguma coisa do tempo do onço num acha porque o irmão num conta muito com irmão né, aquele grupo que tá ali. Por exemplo, num é dizer que tem segredo nas cantorias né, mas tem muitas coisas que tem que passar de pai para filho né, geração pra geração. Só tem que você ensina uma coisa prum garoto hoje, luta lá pra ele entender, daqui há cinco anos cê passa na rua ele tá com um grupo da droga fumando maconha, roubando, uns continua falando assim:

-ó o seu Antônio ali.

Outro fala assim:

-ó o bobo ali ó!

Ó cumé que o outro faz. Quer dizer ele aprendeu para o bem. Depois cê tá em casa sentado sossegado igual nós tamos aqui o camburão passa ali, o cara fala:

-ala Boi aquele cara que você lutou muito pra vê se ele seguisse seu caminho lá vai ali.

Aí ele num sente o trem não pô! Cê lutou pra ele passar pra outra geração. Ele passa aquilo pro mal.

MR – mas é isso mesmo né. Se todo... 100% da semente... (risadas).

GP – num germina né

MR – Pois é, 100% da semente né boi... uma parte germina... em tempo ruim então, em tempo de seca, em tempos difíceis como o nosso né... o que germinar tem que dar graças a Deus.

MB – aí misturou no meio do joio aí... aí pra tirar a casca tem que arrancar o trigo também (risos). Tem que dar um tempo né. Tem que esperar dar um tempo

MR – e agradecer, porque hoje se agente consegue colher alguma coisa tá...

MB – veio pra traz né. Por que eu... se vocês pegasse o Zé Lúcio vivo cê sabia de muita coisa. Se pegasse o Zé Lúcio, o negão aí mesmo diretím. A madrina Chiquinha, se vocês pegasse a madrinha Chiquinha né

MR – mas você já tem pra quem passar o pulo do gato né: Natália, Son

GP – Marcele chegando

MR – Marcele. Já tem pra quem passar o pulo do gato.

MB – aquilo dali eu tenho que perguntar a mulher se não o marido (risos), namora, começa a arrumar uma companheirinha...

MR – Não. Olha só: Son, Natália, Marcele

MB – tem um montão aí né. Eles tão sabendo um montão de troço. Vamo chegar lá

MR – até. Bom trabalho, num é boa sorte não é bom trabalho (risadas)

...

Aqui que é o campo que o Sadan Russem, o ditador, botou o troço aí naquela época, eu tenho a filmagem tudo lá. Eu naquele dia se eu tivesse com... eu procurei aí oito crianças pra deitar na frente da máquina num achei, foi eu e o rapaz ali.

GP – ele botou o que?

MB – ele acabou com o nosso campo, o João Dentista. Ele juntou com um grupo aí... aí eu peguei o rapaz que mora ali o Quim, eu tinha a filmadora que o cara me emprestou ela, na

hora que a máquina começou a... eles ia acabar com o campo todo. Aí eu cheguei ali, eles chegaram perto de mim, os capanga, e falou:

-cê tá ganhando quanto pra fazer essa filmagem?

-o que eu tô ganhando aqui é pra minhas crianças né. Cês num sabe. Isso aqui foi construído por mão de nego aqui, no trabalho da enxada e uma máquina tá acabando com ela dentro de poucos minutos.

Aí chegou um cidadão:

-ah você num acha que tá arriscando não?

-só deu nascer é um risco pra minha mãe né.

Aí filmou e o cara falou assim:

-desliga essa máquina aí!

-não! Aí eu fiz pro cara assim, fiz assim pro cidadão né. Conte pra ele e ele continuou filmando. Se ele jogar nós no chão a filmagem vai pegar um mucadinho aí.

Aí depois arrumaram um jeito aí até que Deus entrou no meio mas entrou fundo aí. Mandaram a máquina parar, o cara num quis parar né. Aí tava ali o... tinha um outro cidadão que morava aqui, o Ramon também... eles ia fazer prédio aqui sabe comê. Ia lotear pra vender negócio aí. Aí eu falei assim:

-se eu tivesse com oito menino ali, deitava e eu deitava com eles né. Eu ia dançar né, mas num passava. Na entrada lá, quando eu cheguei já tinha mexido ali, mas depois esse Deus que tá aqui no meio de nós apareceu aí, chegou um cidadão aí do meio ambiente, eles tava ali embaixo, chegou falou assim com o tratorista:

-ó nós viemos aqui pra duas coisas: ou parar ou te prender.

Ele era empreiteira e falou:

-não, mas o patrão mandou aí.

-cê escutou que nós falou?

Não mais ele desceu da máquina e até ontem ele não voltou. Aí ficou esse pedacinho que nós tão vendo aqui ó. Mas naquela época se tem alguém igual Tiradentes: ou independência ou morte!

encontramos com um senhor com mais ou menos 70 anos de idade, branco, sentado em banquinho em frente sua casa.

-cumé que vai o senhor?

-ah tô muito bom nada fi.

Esses daqui é um amigo meu

-prazer em conhecer filho

-prazer, Guilherme.

-nós tão na galera aí filho. Hoje é quinta-feira, amanhã é sexta. Eu num vivo dos bom não, eu num sei... é uns gulim que é... é pinga nada.

MB – né pinga não.

-meu corpo tá tudo doendo eu tomei um tombo rapaz... poxa vida, eu tava lá no Vanduzi, o mocinho... acho que me trouxe aqui. Quando eu cheguei em casa aqui, machuquei aqui, machuquei aqui, machuquei aqui (risos) isso que é a vida de um homem: quando passa bem, passa male.

MB – quantos anos já?

-nós vivemos na paz de Deus e Nossa Senhora livra nós de todos os males e todos os perigos.

MB – quantos anos já?

-80.

MB – seu pai é italiano comé que é?

-meu pai é filho de italiano. Antônio Pascoal. Sou neto de índio com italiano, bobo. Primeiro matrimônio do meu pai. Eu já sou do segundo matrimônio.

MB – e você bebeu uns gulim, um bucadim?

-bebi

MB – mas com amor e carinho. Quem trouxe você aqui?

Uma hora que você quiser vim aí conversar com ele. Ele tem muito conhecimento sabe. Sofrimento!

-machuquei aqui; eu num gosto de beber na venda...

MB – quantas vezes eles já roubou de você?

-diversas vezes. Eu num posso carregar minha casa na carcunda...

MB – era ele que ensinava a fazer o bodoque, era igual uma flecha de índio.

-atiradeira.

MB – dos italiano, que segundo ele aí ou outras pessoas por aí, lá em cima na cabeceira eu falei pra você né, tem o alemão que casou, ele era fugitivo da primeira guerra né, é que casou com a Maria Eduarda. O negro que tiver lá com os olhos verde é descendência do alemão.

-o meu avô casou com índia

MB – a importância dessa família lá que só entre eles, eles já mataram uns três ou quatro. Só entre eles assim. São gente ruim: morre e mata. Agora tá acabando tudo.

GP – vamos continuar caminhando, prazer, até mais.

-prazer. Agente tá sempre as ordem!

MB – ele sabe. Num aprendeu nem a ler nem a escrever. Se pega ele uma hora aí sabe as história tudo daí. Umas coisas ele num fala não porque tem receio. O nome dele é Tãozim nós chama ele de Totó. Tãozim de Sá Marcelina.

...

#### MESTRE BOI: CONSTRUÍDO PELAS COMUNIDADES DE ARTES E MANDINGAS

#### **Aqui é a casa do falecido José Lúcio Rocha né. Essa casa eu num sei quantos anos deve ter**

isso não mas deve ter aí seus... ele morreu em 1970 né, ele num morava aqui não, no começo ele era... trabalhava pra fazendeiro, vivia como escravo né. Mas um escravo consciente. Tem uns escravos que num tá consciente, outros tá consciente. Ele... a banda de Congo, quando eu entrei no Congo é ele que me colocou né, tava com sete anos. O álcool... tornei-me viciado, tornei-se alcoólatra né. E eu bebei, caia pela estrada fora, e ele vinha, as pessoas ia bater ne mim, ele falava:

-num bate nesse menino não que esse menino pode servir pra alguma coisa.

<https://youtu.be/6lYH4x2yY5s> (identidades-grota)

As vezes eu... teve uma época aí que o Rei ficou naquela casa de baixo, chovia muito, num tinha rua não tudo buraco, e eu bebi e cai lá no meio do barro, quando eu fui acordar, levantei caçando os Congo, já encontrei eles lá na porta da igreja já. A roupa tudo sujo de barro né. Aí alguém veio falar comigo, o fiscal né, tinha que responder

-não, deixa esse menino, deixa esse menino aí, mexe com esse menino não!

Aí alguém ainda falava:

-vão dá mais cachaça ele aí ele num perturba sabe. Dá mais cachaça!

Então eu tenho muito lembrança dele né, eu num posso esquecer dele hora nenhuma não que ele me ajudou muito. Nunca me abandonou, de maneira nenhuma. Eu uma vez eu comecei a namorar uma filha dele, eu tava com meus 12 anos já pra 13 anos ali na rua né, aí era dia da festa, eu tô lá conversando com a moça lá depois do Congo, eu ia namorar com ela e ela tava ocupada. Ele chegou e falou comigo assim, bateu no meu ombro e falou assim:

-com licença em?

Pedi a filha dele licença e eu. Era de dia. E falou no meu ouvido

-cê veio aqui pra namorar ou dançar Congo? (risos)

Na maior calma né, ele tinha uma conversa boa. Eu nem respondi o homem e sai correndo, larguei ele lá e fui direto pro Congo né. Então ele tinha um dom de falar com as pessoas né. Era muito inducado e num tinha medo, mas num era homem violento, era homem que sabia chegar. Ele tinha um modo de chegar ne você...

-ah, você tá com arma aí né rapaz? Pra que essa arma?

-não, essa arma aqui é pra resolver um problema!

-ah, isso num vai resolver problema, isso vai aumentar problema rapaz (risos).

-cê tá com que problema?

-tô com uns três problema aí... briguei com a mulher...

-pois é, se você matar o cara é um outro problema que cê vai arrumar

Aqui foi muita festa que houve aqui sabe. Mas muita festa mesmo. Atendia as pessoas à noite e era contador de caso também né, historiador, um montão de troço. Teve uma festa aí do Rosário né, o festeiro era de Paula Cândido, e quem era o festeiro era um sargento lá do Rio de Janeiro, mas nascido aqui. Convidou o pessoal todo, mas num explicou que Congo tinha que comer na frente primeiro. Num tinha ônibus não, tinha era caminhão. Encostaram um caminhão aqui e nós envinha buscar o Rei e a Rainha, quando nós chegou aqui isso tava tudo lotado até lá em baixo de gente. Aí eles tinha comido a comida praticamente toda. A situação era meio braba aquela época. Aí um chegou

-mas cadê? Num tem comida!

Aí seu Raimundo Januário chamou ele e ele chamou nós praquele meio ali... isso aqui era pasto, num tinha casa não, tudo era mato isso aqui. Ele falou com nós assim

-ó, Congo quando é Congo dança com fome, dança com barriga cheia, dança com dinheiro no bolso, dança com namorada, dança sem namorada, dança com filho morto, dança com filho vivo e dança aborrecido e dança chorando. A comida... num tem mais comida. Aquele que for Congo e devoto de Nossa Senhora do Rosário vai na sua casa e come (engasgos) aquele que for Congo vai voltar. Falou só assim, com o braço assim. Cada um foi prum canto. Quando foi a hora certinha, bateu o sino da porta da igreja tava todo mundo lá. Aquele que num era Congo já tirou a roupa e já foi embora sabe comé. Mas o que era Congo... aí o festeiro veio falar e chamar... não primeiro é Congo! Então eu quero só agradecer, pedir a Deus pela alma dele né e o que ele me ensinou né. Ele me deu... a indução que ele me deu eu num usei muito ela não né, eu tive uma outra vida e acabou descontrolando eu um pouquinho, mas me ajudou muito. Eu sei muita coisa que é só o Divino Espírito Santo é que pode botar na minha cabeça. Mas ele ensinou muita coisa sabe. Sabia várias línguas, um montão de troço, sabedoria fora do comum. Comé que fazia pra viver... nós perguntava ele -cumé que o senhor tá vivendo até setenta anos né?

Ele morreu acho com 76 anos. Ele falava:

-não, ocês tem que ir devagar, cês num corre não. Se chegar num casa, se ocês tiver dentro de suas casas e se alguém chegar e falar

-sai pra fora que vou te quebrar sua cara!

-num sai não meu filho. Fica quietozim né. Num vem dá uma de homem na rua não, fica quieto dentro de casa. Cê sabe porque cê ficar dentro de casa? Você vai passar uma vergonzinha, mas o outro cara num vai entrar fácil não. Ele vai pensar duas ou três vezes pra entrar dentro de casa. Agora se você sair ele te mata de medo. Se convidou, se chamou e o cara veio tem que fazer o serviço.

Então era um homem que quem sabe é só Deus. Mas ele tá no céu.

Ele orienta muito quando nós tão dançando assim... alguém tem amarração né, essas coisas do outro mundo, essas coisa do mau, que o mau é... ele ensina os cânticos, ensinou comé que canta né, se pesar muito né. Que se um cara chegar com uma cobra né, num importa qual o tipo de cobra, se botar uma cobra dentro do embornar viva né, se ele chegar aqui no... e num é só maldade de congo não, pode ser num terreiro de umbanda também, se o cara tiver lá... até num sei se eu tô conversando demais não, mas vei na minha cabeça e eu tenho que falar né. Aí se você chegar com uma cobra no embornar ali e começar ali, aquele que tiver ali

dentro se ele num tiver seguro na mão de Deus mesmo vai dar problema ali sabe. É igual começar. Ieu chegueio em Teixeira num negocio de um colégio lá, e comecei a cantar e os congos começam a responder, eu vou e alo com eles e eles num tá entendendo que eu tô falando. Peço o outro pra puxar, ele puxa e o outro não entendeu. Eu volto e no meio eu começo a ficar misturando os cânticos né. Aí eu alembro, eu lembrei dele. Opa! Tem um troço errado aí. Que que o Zé Lúcio falou comigo lá? Explicou o troço direitinho. Fui e fui e falei com o Son, com o Neco e falei com o GI

-na hora quando vocês dançar vocês ó

(dança e demonstra como se faz o cruzamento de pernas)

dá maneira que você cruza essa perna você cruza a espada lá em cima. São duas cruces.

Cruzou as pernas, cruzou em cima.

-aí ó, o corpo desce (mostra o corpo arrepiado).

Cruza em cima e cruza em baixo. E ali eu começo a procurar os cânticos tudo deferente

(cântico)

O pai Chico cadê pai Mané

O pai Chico cadê pai Mané

Está lá na horta panhado guiné

Fala com ele pra quando vier

Que suba a escada não bate com pé

Fala com ele pra quando vier

Que suba a escada não bate com pé

Então tá chamando né, pedindo força. Até o guiné serve pra muita coisa, é planta e vai

misturando tudo. É coisa né...

(cântico)

O pai Chico cadê pai Mané

O pai Chico cadê pai Mané

Está lá na horta panhado guiné

Fala com ele pra quando vier

Que suba a escada não bate com pé

Fala com ele pra quando vier

Que suba a escada não bate com pé

Dai a pouco quando eu puxei desse modo eu pedi o outro lá que puxasse “Viva Maria no céu”, “Oh Laulau, Bastião Manina”

(cântico)

Bastião Manina Sanlantônio

É de pai João Sanlantônio

É do Congado essa bandeira do Rosário

Oh Laulau  
 Bastião Manina Sanlantônio  
 É de pai João Sanlantônio  
 É do Congado essa bandeira do Rosário

Quando eu olho prum canto eu vejo um cara, negro. Dessa maneira aqui ó. O cara tá nessa posição aqui (encostado na parede). Eu olho pro cara e começo a arrupiar. Aí eu vou e falo com compadre Bené

-a sanfona sua tá dando problema.

Bené – eu num tô acertando não rapaz!

Aí falei

-vamos fazer volta. Vamos dançar igual índio, vamos dançar em triangulo, vamos embolar.

Um vai de fasto, outro vem de fasto.

E o cara começou a ficar sem lugar. O cara vai prum canto, o cara vai pro outro... e começou a puxar...

Aí nós puxou aquele canto assim

(cântico)

Tira eu mamãe do Rosário  
 Tenha dó mamãe do Rosário  
 Tira eu mamãe do Rosário  
 Tenha dó mamãe do Rosário

(cântico)

Lá na mata tem uma flor  
 É um milagre de Nossa Senhora

Aí o cara descruzou a perna. Descruzou as pernas e daí a pouco... os congos eu num sei que que eles arrumaram lá não, isso daí num é sabedoria minha mais não. Os congos começaram a encarar o cara, e olhando pro cara né e cantando né. Só o canto assim só. Aí o cara chegou e perguntou assim

-aqui, eu posso entrar com vocês, dançar o congo? Que eu tô gostando muito sabe comé?

Eu falei

-não, se o senhor quiser e ir entrando

Ali o cara foi entrando e entrando... daí a pouco o cara ficou meio zonzo e sentou e falou

-eu me emocionei muito com os congo seu.

Aí fizemos só isso aqui e pronto (sinal da cruz no peito).

Então tudo agradeço a Deus e os cânticos né.

A certa altura as crianças... nós tem que pedir muito a Deus às crianças no congo né. Por que os zói né. Por que quando se fala em mau olhado, ele também me ensinou né, o Zé Lúcio me ensinou . Nós usa falar assim

-fulano botou maloiado na minha criança.

Não uai, o maloiado pode ser nosso também uai. Nós tamo aqui agora, passa uma mulher aqui agora de com mau jeito nós olha com maus olhos. Olha pra um homem e tá olhando de maus olhos. Os olhos é geral, nosso olhos também num é santim não.

Então nós vamos agradecer aqui agora. Agradecer a Deus né, pedir a Ele. Eu se que um dia agente vai se encontrar né. E que lá vai ser deferente né. Lá vai ser deferente. Eu num vou conhecer Zé Lúcio nem Zé Lúcio vai conhecer ieu. Lá num vamo ter poder de conhecimento lá. Por que lá é lugar dos anjos né. Aqui na terra é lugar de poluição, corrupção. Lá num tem isso né. Mas de qualquer forma eu espero que um dia a gente se encontrar. E eu peço a Deus que tudo que ele fez pra mim, até nas minhas últimas horas de palavra eu vou segurar. O que ele deixou pra mim eu num vou negar a ninguém. Vou explicar, falar a respeito dele. Por que num sei quem era o mestre dele, num conheci o mestre dele. Mas passou por aqui um tal de Martim Toco. Eu num conheci o Martim Toco não. Era um homem de estatura baixa, tinha muita sabedoria.

Vamos rezar uma Ave Maria pra alma dele ter sossego né. E quando nós tiver em atrito né, pedir a Deus pra ajudar nós. Livrar de um tiro, uma facada né, uma confusão... que Ele dá a mente não só pra mim, mas pras crianças também né. Vou cantar um verso. Os **espíritos** pra viver no meio de nós é melhor do que a carne né. A carne ela é muito complicada né. Nós temos o anjo da guarda que acompanha nós. Eu tenho um... quando a mulher sai de casa, o filho acontece qualquer coisa, eu ponho um travesseiro na cama e falo  
-esse aqui é pro anjo da guarda.

Então vamos rezar... esse aqui é também pra nossa viagem lá em Regência. Pra nós fazer qualquer coisa lá em Regência. Encontrar com aquele povo. Aquele povo eu tô vendo que eles tem uma fé lá. E num é fé ne mim e nem ne vocês, é fé no criador mesmo. Eu vou terminar o terço agora, o terço dos outros né. E aquele terço ali, eu sei que vou receber uma graça... esse Deus que tá aqui num é Deus de troca não. Mas eu sei que eu já recebi só deu

começar a mexer naquele terço ontem a noite. Eu vi que tem algo deferente né. E vou levar lá. E vou dizer a vocês aqui no momento

-o terço no pescoço do homem eu não sou digno de colocar

Eu já ui tocado ontem a noite, esse terço quem vai colocar ele no pescoço eu num sei quem é não. Mas vou levar ele pronto né. Ele vai ficar pra história né.

(oração)

Pai nosso que estas no céu,  
 santificado seja o vosso nome  
 venha nosso ao vosso reino  
 seja feita vossa vontade  
 assim na terra como no céu  
 o pão nosso de cada dia nos dai hoje  
 perdoais vossas ofensas  
 assim como nos perdoamos a quem nos tenha ofendido  
 não nos deixeis cair em tentação  
 mas livrai nos do mal.  
 Amem

Ave Maria cheia de graça  
 o senhor e convosco  
 Bendito sois voz entre as mulheres  
 bendito e o fruto do vosso ventre Jesus  
 santa Maria mãe de Deus  
 rogai por nos pecadores agora e na hora de nossa morte  
 Amem.  
 Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo

Eu vou fazer um pedido agora a Deus aqui

-se vocês quiserem ir lá em agosto?

Ele num vai mandar nada ao contrário, se mandar ao contrário agente aceita. Se vocês quiserem ir lá em Regência vocês vão trazer alguma coisa para o seus trabalhos. Não pra vocês mas pra outra pessoa. E em nome das três pessoas da santíssima trindade que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo, vai dar certo. Agosto. Agente tem que ir lá pra tirar ao menos uns cinco dias...vocês vão conhecer a Casa Rosa. Lá quando vocês entrar lá, tem algo deferente. E vão dormir na Cara Rosa, vão comer na Casa Rosa, que é a história do Caboclo Bernardo

né, pedir a Deus pela alma dele também. Fiquei sabendo desse homem num tem três anos, é herói. **Quando fala em herói, se for para o bem eu tô na fila.**

### MENINO VAMOS BRINCAR NO MAR?

#### **Deixa eu mexer um pouco na poesia aqui.**

O bebum... a pessoa quando bebe muito, ela tá doida pra... chega no butiquim doida pra tomar cachaça, num tem como ele entrar, ele dá até uma de artista (risadas) num sabe nada não mas ele... aí eu ficava nessas vendas aqui precisando de beber, e eu lia algum livro de história, eu tinha um tempo assim e eu lia algum livro de história. Aí juntava eu e um tio meu que eles mataram ele ali em baixo no campo, ele era bem mais velho do que eu. Era sem vergonha pra daná. Tinha uma que era assim

(poesia)

Estava na Barra do Pirá

Quando eu vi a catanga do bode eu logo tratei de sair

Eu num tenho medo de morrer que eu também sou perigoso

A dor da morte é a mesma tanto faz na lama quanto na cama

Cada um falava alguma coisa né. Aí eu emendava com a do Lampião

(poesia)

Lampião foi no inferno depois de do céu chegar

São Pedro estava na porta

Lampião então falou

-Oh velho não tenha medo me diga quem é São Pedro

São Pedro desconfiado perguntou ao valentão

-Quem é você meu amigo que anda com esse rojão?

Ele falou

-Meu nome é Virgulino, mas me chamam de Lampião

Quero falar com Jesus crucificado

Disse São Pedro

-Um momento que eu vou dar o seu recado

Daí a pouco Lampião entrou com doze santos escoltado...



Ilustração: Ramon Teixeira – o contra-feitiço.

## CAMINHOS DAS TERRAS

Quem matou, quem matou, quem matou o Rio Doce?  
 Quem matou, quem matou, quem matou o Rio Doce?  
 Quem matou o Rio Doce foi a lama da Samarco.  
 Oi me dá, me dá, me dá meu Rio Doce!  
 Quem matou o Rio Doce foi a lama da Samarco.  
 (Cântico feito no contra-feitiço em Regência)

Presentes:  
 Mestre Boi  
 Lourdes - Esposa  
 Natália - Filha  
 Sebastião Farinhada  
 Guilherme Padero

### ÍNDICE DO CADERNO:

As guardiãs:

Dona Junia, choro  
 Dona Conceição, devoção  
 Ananda, vento  
 Mariana, fogo  
 Juliana, carinho  
 Maíne, canto  
 Talena, olhar

Os primeiros toque do tambor soaram em frente ao cemitério de Linhares. O choro pelos que já foram. O pedido para que se façam novamente presentes ao nosso lado.

Começou nossa transformação em madeira, pele, cordas, baquetas, sons e bacia do Rio Doce. Uma forte devoção nos tomou durante a caminhada que ainda não sabíamos bem por onde ir. Boi percutia ininterruptamente o tambor com um ganzá vindo do povo indígena do Xingu, cantava, cantava e cantava. Minha esperança era parar um pouco pra dormir, mas não foi possível, os trabalhos se estenderam pela madrugada, dormi apenas duas horas, de 5 à 7 da manhã.

Vento Sul e Vento Norte. E o cruzamento dos dois. Um é frio, o vento Sul. O outro esquenta, o vento Norte. O Vento Sul, diziam os nativos leva a lama para o Norte e o Vento Norte traz a lama para o Sul. Em alguns momentos quem cantava eram os Ventos. Nos restava dançar e tocar, a melodia era a do Vento. Esquecer, lembrar, esquecer, lembrar, esquecer, lembrar... o Vento levou também os cantos do Congado.

Os ventos sul levaram a fumaça da fogueira do ritual de cura em direção a lama.

## TRAVESSANDO

Começarei esse travessando com uma *piada bíblica* contada por mestre Boi.

### QUANDO DEUS MANDA ATÉ O DIABO ATENDE

Tinha um homem no... lugar na cidade, igual quilombola aqui, ele era pagão e não acreditava em Deus não. Aí ele... tinha uma senhora que tinha 5 filho e o marido dela morreu. Aquele homi não acreditava em Deus não, mas tinha dó dos outros né. Aí um dia chamou dois empregados dele e falou assim

-ó, aqui, eu vou faze uma compra aí, cês leva pra aquela mulher lá que o marido dela morreu e os menino tão passando fome lá. Você leva lá.

Aí pegô a compra, deu pros dois capanga dele, e falou com ele assim

-ó, na hora que oceis chega lá, cê fala assim

-foi o diabo que mando essa compra.

Aí eles falaram

-ah patrão podexá é com nós mêsmo!

Aí chegou lá, a compra chegou lá, era grande, ele voltou lá e falou com a mulher

-isso aqui é pros menino, ceis tão passando fome, agora dá pro cês se alimenta bem dia né!?

Aí a mulher ficou muito satisfeita pegou a compra e levou e guardou lá pra dentro de casa e voltou. Aí um deles oio pro oto e falo assim

-uai mas nós tem que pergunta a mulher...

Que era pra eles responde quando a muié perguntasse quem mandou a compra né, e a mulher não perguntou quem mandou a compra não. Aí sempre tem um mais curioso que o outro e perguntou, e falou assim

-ó, nós tem que levar a resposta pro patrão lá, tem que espera a mulher pergunta e a mulher não quer perguntar, o que que nós vai arrumar? Aí um falou assim

-pó deixa comigo, que eu mesmo vou pergunta ela.

Aí falou assim

-o dona, a senhora ficou muito satisfeita com a compra, mas até agora a senhora não perguntou quem que mando a compra?

Aí a mulher falou assim

-Ah meu senhore, eu... nem precisa pergunta, quando Deus manda até o Diabo atende.

Esta *piada bíblica*, nome dado por Boi a esse tipo de anedota, me foi contada por ele em algumas ocasiões. Desta vez, estávamos no Quilombo Córrego do Meio eu, Farinhada e Boi para mais uma **pesquisando**. Foi um encontro marcado de véspera. Farinhada havia chegado a Viçosa no dia anterior<sup>70</sup> e agendamos com mestre Boi uma caminhada pelo quilombo. É a única caminhada em que estão os dois juntos.

Começamos o encontro na casa de Natália, filha mais velha de mestre Boi. Depois de uma longa conversa e um farto café da manhã, caminhamos rumo ao Casebre Cultural. Boi estava bastante invocado neste dia. Disse que não havia passado bem a noite. Ao passarmos da porteira do Casebre Boi nos relatou a anedota. Gosto dela, pois revela gamas de tensões culturais que perpassam as histórias de vida de mestre Boi e que usarei para iniciar este caderno.

Boi se refere a ela como uma *piada bíblica*, apesar dela não constar nas páginas bíblicas, porém ele a conta como um caso tipicamente bíblico: denuncia uma relação perversa entre Deus, Diabo e ser humano. Imagino que esteja aí um “pulo do gato” quando, nas palavras de Boi a *piada bíblica* se torna um caso quilombola, pois Boi introduz na mensagem o termo quilombo com pessoas comuns do lugar tornando-a um relato de um caso corriqueiro ocorrido em algum lugar por perto. Isto permite que Boi se aproprie da história, gerando um efeito de autoria em uma mensagem feita em outra época e por outras pessoas.

Talvez por isso um congado dure 160 anos... apropriações com desejos de  
permanência que se fazem por domínios públicos.  
(anotações de caderno de campo)

Nessa toada, a anunciação de Boi busca levantar questões do bem contra o mau, Deus e Diabo, patrão e colono, fome e poder, porém é um risco se lermos esta mensagem dentro de uma análise dual. Sua estrutura nos indica mais coisas. Diz a piada

*- Aquele homi não acreditava em Deus não, mas tinha dó dos outros né.*

Em seus relatos, os mestres Boi e Farinhada contam que as relações com os donos das terras se fazem por *fronteiras* que se abrem ora em inimizades, lutas de contrários, ora

<sup>70</sup> Tínhamos chegado da caminhada Venenos, Esperanças e Festas

em amizades, relações familiares, assistencialismos, e até uma certa divisão de rendas (nunca de terras!)

*- ó, aqui, eu vou fazer uma compra aí, cês leva pra aquela mulher lá que o marido dela morreu e os menino tão passando fome lá. Você leva lá.*

No fim da *piada bíblica*, a mulher consegue virar o feitiço contra o feitiçeiro,  
*- Ah meu senhora, eu... nem precisa pergunta, quando Deus manda até o Diabo atende.*  
 Aí damos início a um dos principais trabalhos que foram gerados a partir desta pesquisa.

### O CONTRA-FEITIÇO DE LIMPEZA DO RIO DOCE

Piadas, metáforas, “causos”, histórias de assombração, analogias, passagens bíblicas, histórias de bichos, árvores e cantorias são recursos usados por Boi para contar suas próprias histórias e dos lugares por onde anda, relatando os processos de construção de si próprio e de seu entorno. Os relatos de outras pessoas também se misturam nessas construções, dizeres dos outros é também dizer de si. Uma práxis popular que combina os fazeres, as morais, as relações, as falas, os atos do dia-a-dia em repetições de suas próprias vidas. De igual modo que não se separa o sujeito que pensa (epistemológico) do sujeito que sente (axiológico), os sujeitos da pesquisa se implicam nas tensões políticas e sociais com o seu fazer. Assim, seus saberes são, também, valores. As realidades não existem independentes de quem as observa (BALASCH e MONTENEGRO, p. 45. 2001).

Aqui **vale** contar um pouco de como chegamos ao entendimento de contra-feitiço.

Em novembro de 2015 anos ocorreu a maior catástrofe socioambiental do país, conhecido como desastre/crime de Mariana quando uma barragem de rejeitos da mineradora Samarco-Vale/BHP Biliton criminosamente se rompeu soterrando cidades, matando pessoas, matas e bichos e deixando o Rio Doce em estado de quase-morte.

Em 2016 realiza-se a Caravana do Rio Doce e nela estava mestre Boi que fez sua culminância nas praias de Regência. A partir daí todo ano Boi iria visitar as praias onde deságuam o Rio Doce.

Penso que este trabalho com as histórias de vida, despertou em Boi um sentido de cura das águas começando em seu lugar de nascimento (e também lugar de nascimento do Rio Doce) chegando até o mar de Regência. Em 2017, começamos no dia 13 de Julho com a

caminhada *Caminhos das terras* (transcrita a baixo), em seguida, no final do mesmo mês realizamos a caminhada *Moinho*, e, fechando o ciclo de caminhadas, percorremos nos dias 15 e 16 de agosto os deságues do Rio Doce em Regência, litoral do Espírito Santo com a caminhada *Contra-feitiço do Rio Doce*.



Cartaz para convite para participação da comunidade. O quilombo recebeu em 2016 e 2017 um projeto para construção de fossas evapotraspiradoras.  
Foto: Guilherme paderno

*O Moinho* foi uma experiência muita bonita e refrescante. Boi me recebeu com uma música de boas vindas e de compromissos de amizades. O objetivo dele era me mostrar as ruínas do antigo moinho d'água, as nascentes e córregos do quilombo. O trajeto nos levou por quintais de vizinhos, córregos, matas fechadas, pontes e brejos, conheci por dentro o quilombo, por onde a água corre feito sangue nas veias. Nesta experiência Boi me mostrou como os danos ambientais influenciam nos modos de vida do lugar, os avanços dos monocultivos de eucalípito empurrando a população para fora da comunidade. Mostrou também cuidados com a natureza, quintais, nascentes cuidadas, e muitas frutas. Boi fala dsses cuidados e danos e suas interações com a natureza no vídeo-anúncio <https://youtu.be/9-GIaiz9i6E> (devir-grota).



Mestre Boi nos mostra o almeirão do mato.  
Foto: Guilherme Menezes

A caminhada *Caminhos das terras* foi mais dura e rigorosa. Boi, Farinhada e eu percorremos as trilhas abertas pelas lutas ocorridas nos territórios quilombola. Chegada e conversa na cozinha de Natália, filha de Mestre Boi. Passamos uma manhã juntos, as conversas giravam em torno dos conflitos vivenciados pelo congado ao longo de suas histórias, pelos conflitos gerados pelas disputas de terras entre os **fulano-de-tal** e @s quilombolas e conflitos gerados entre @s quilombolas nos cuidados com o lugar. Andamos pelas fronteiras entre as famílias de Boi e vizinhos. Os córregos, os arames-farpados e as relações de parentesco eram os divisores das terras.



Cortejo de contra-feitiço na vila de Regência – Espírito Santo.  
Foto: Guilherme padero

E a experiência *Contra-feitiço de limpeza do Rio Doce*, também um dos trabalhos mais bonitos e intensos desta pesquisa. Realizamos um trabalho de cura do Rio Doce na foz do rio com o mar de Regência no Espírito Santo. Passamos dois tocando tambor e entoando cânticos do congado na vila de Regência. Em vários pontos tanto do rio quanto do mar encontramos pessoas pescando, uns nunca enterromperam a pescar, não tinham receio com a lama. Outros voltaram a pescar meses depois e alguns voltaram a pescar no ano de nossa visita. Em alguns pontos do mar havia também surfistas. A praia de regência é famosa por suas ondas. Os moradores de Regência diziam que nas últimas semanas o rio voltou ao seu normal, estava limpo. Ouvei frases do tipo: procuramos esquecer a tragédia, isso é coisa do passado. Do alto de um banco de areia ao lado da foz foi possível avistar a grande mancha marrom da lama a mais ou menos uns 300 metros da costa. Parecia longe... Ao cavucar com o pé a areia na franja do rio Cristian, um guia do lugar, nos mostrou onde estava a lama, e disse:

-com o vai e vem das pequenas ondas do rio a lama se sedimentou e uma camada de areia se sobrepôs tampando o dejetos.

Ao perfurar com o pé a camada de areia, subiu uma mancha cor de lama marrom-escuro.

Como na *piada bíblica*, será preciso reverter as intenções de crime contra a vida. Boi nos oferece o *contra-feitiço* como ferramenta de salvar as águas. Alimentando as nascentes

se produzirá uma caldau de água boa que limpará o grande Rio Doce. Porém, como diz ele, é preciso que apareça alguém nesta sucessão, alguém que aprenda os cânticos, danças, chamadas e ritos que compõem o contra-feitiço.

### ÁGUAS TURBULENTAS:

#### **Mestre Boi – Estou vivo. Agradecer pra essa família dessa casa aí, por essa mesa aí, que**

nunca farte não só na nossa mesa nossa, mas na mesa da África, nossos irmãos que tá passando fome lá e a boca tá quente pra daná. Então agente... vamos agradecer.

Não precisa pegar na mão não, nós vamo à mente. Perigo nosso tá na mente e no coração né. As mãos, a mesma que abençoa é a mesma que mata. Então nós vamo agradecer a Deus que nós tá aqui nessa manhã. Hoje é 13 né? Pra quem gosta de fazer macumba, amanhã é dia de sexta feira 13 né? Cheia de confusão. Então hoje é uma quinta feira né? vamos agradecer a Deus. Nosso Brasil, nosso povo e tudo pra nos também né. Passei mal essa noite, quando deu de manhã cedo, levantei, falei

-uai, coluna meioro pa daná. Entendeu?

Tava pensando, deixei até a chave do carro no lugar lá, pra qualquer coisa chamar Natalia pra me levar lá no médico. Mas chegou outro médico diferente

(oração)

Pai nosso que estais no céu,  
 santificado seja o vosso nome  
 venha nosso ao vosso reino  
 seja feita vossa vontade  
 assim na terra como no céu  
 o pão nosso de cada dia nos dai hoje  
 perdoais vossas ofensas  
 assim como nos perdoamos a quem nos tenha ofendido  
 não nos deixeis cair em tentação  
 mas livrai nos do mal.

Amém

Ave Maria cheia de graça  
 o senhor e convosco

Bendito sois voz entre as mulheres  
 bendito e o fruto do vosso ventre Jesus  
 santa Maria mãe de Deus  
 rogai por nos pecadores agora e na hora de nossa morte

Amém.

Louvado seja nosso senhor Jesus Cristo

Guilherme Padero e Sebastião Farinhada- Para sempre seja louvado.

MB - Pode servir aí, eu já tomei café. Hoje eu to gripado, eu perco a fome, então tem que ir comendo assim

SF – (risos)

GP – devagarinho...

MB – É, devagar. Ontem tinha uma canjiquinha, um troço qualquer, hoje eu... Quer uma colher? O açúcar taí.

SF – não num quero açúcar não.

Natalia- colher tá dentro da gaveta aí

MB -Oba, ai meu Deus...

(canto)

O tatu chegou em casa  
acode moleque eu morro  
estou todo machucado com a mordida do cachorro

O tatu chegou em casa  
acode moleque eu morro  
estou todo machucado com a mordida do cachorro

GP – essa aí e de quem?

MB – ihhh (risadas)

GP – domínio publico?

MB – essa aí quando era menino o Beto que ficava cantando ali, de baixo da coberta e o homem dava umas borduadas ne nós lá, nele lá

(canto)

Tatua diz pro tatu  
bem feito quem é que te mando passa nas encruzilhada onde o caçador passar

MB - Depois ceis pega a letra e faz o troço bem feito né

(canto)

Tatu é bicho do Mato também tem boas ideia  
sabendo que ia morrer casou a filha mais velha,

sabendo que ia morrer casou a filha mais velha

MB - Ah menino! Eu sabia essa música toda né rapaz, que eu...

N – Tem pão aqui

GP – Tá ótimo Natália

MB – (repete as letras, agora em declamação, com tom explicativo)

o tatu chegou em casa

acode moleque eu morro

estou todo machucado com a mordida do cachorro

Aí a tatua, respondeu pro tatu:

bem feito quem é que te mandou passar nas encruzilhadas na onde o caçador passeia n

Tatu é bicho do mato

também tem boas ideias

sabendo que ia morrer casou a filha mais veia, sabendo que ia morre casou a filha mais velha

Eu esqueci um bucado da letra (tosse). Mas a... então, nosso trabalho hoje?

GP – é conversar um pouco sobre o relatório e...

MB – nós vamo começar aqui e vamo terminar lá embaixo tá!? Depois que cê acabar de toma o café aí. O relatório ele tá aqui. O que que foi que você falou comigo na igreja ali?

GP –A Irene e o Willer já tava sabendo né, do acontecido. E a proposta deles é agente pegar esse relatório e escrever uma carta pra reitoria da universidade, pros chefe lá, exigindo deles um pedido de desculpa né, uma retratação. Essa é a proposta do Willer né, e da Irene. E tem que ver oque o senhor acha né, se resolve? Se é por ai ou se não é? Se o senhor tem outros caminhos se o senhor já tinha outras ideias?

MB – eu não sei se passei isso pra você lá em Ipiranga, ou se eu... o Farinhada eu falei com ele, mas eu não sei se eu passei

SF – não o senhor só falou

MB – eu, eu esqueci desse negócio

N - aqui eu vo lá. Que tenho que ir no médico, mas ocês fica a vontade viu, depois cêis volta no final de semana, depois nós vê

GP - Tá bom

SF – sábado nós vão ta aí, na Troca de Saberes

N – a vai? Uai, ceis vem cá um pouquinho uai?

SF – vai ser puxado, muita coisa. A demanda lá é grande.

MB – esse jornal aqui eu... o professor Maurício (Brasília) mandou um pra cada um depois vocês lê, se servi pra vocês, vocês guarda, mas não pendura no banheiro não. Esconde ele ou dá pros outros! Deixa eu dá uma lida aqui, depois ocs dá uma lida aí

SF – Uhum

MB – **(leitura do relatório)**<sup>71</sup>

Relatório: Em nome do Pai do Filho e do Espiro Santo, 25 de julho de 2016, comunidade Quilombola de Córrego do Meio, distrito de Airões, Paula Candido Minas Gerais cep 36.544-000. Relatório e a seguir um depoimento. Meu nome e Antônio Matias Celestino conhecido como Mestre Boi, nascido na comunidade quilombola de 18 do três de 1950. O Mestre Boi estava em sua residência quando recebeu um telefone da Alessandra, auxiliar da Secretaria de Cultura de Paula Cândido. O Mestre Boi não entendendo foi até a secretaria e lá perguntou a secretaria

-quando seria o dia da apresentação na universidade federal de Viçosa?

Ela me disse que seria no dia 23 de julho de 2016. Eu perguntei a ela quem foi que convidou, ela me disse que foi uma moça chamada Aline. Então eu disse a ela que daria para mobilizar a banda para estarmos indo para lá. Ao sair da Secretaria fui até a comunidade da Chácara, ver se conseguia alguns congos. Mas não consegui. Fui até a comunidade quilombola, e consegui 15 congos. Fui até viçosa e encontrei mais três congos, completou 18 congos. O prefeito de Paula Cândido liberou o transporte. Chegando na Universidade não tinha ninguém para receber a banda, alguns congos não tinha lugar para trocar de roupa, onde a roupa teve de ser trocada no meio da rua. Os congos não sabia para onde ir. O secretário de cultura estava afastado por motivo político, ao se deparar com a banda de congo o Mestre Boi perguntou ao secretário:

-Onde vamos nos apresentar?

Ele disse

-é na feira.

<sup>71</sup> No ano de 2016 a banda de congo foi convidada para tocar na Semana do Fazendeiro, um evento realizado pela UFV. Boi relata no relatório um caso de racismo cometido pelos funcionários da Universidade durante a tocada da congada. Em 2017 convidei a banda para se apresentar na Troca de Saberes. Boi disse que não tocaria mais na Universidade a não ser que o caso fosse esclarecido e reparado. Como esta conversa foi feita nas vésperas da Troca de Saberes, um dos assuntos dessa caminhada foi o caso de racismo.

Caminhando com o grupo, fomos muito bem recebidos pelos visitantes e pelas pessoas que estavam trabalhando, o repórter Sabonete estava na feira, quando presenciou nossa chegada. Trouxe o microfone e deu a minha neta para cantar e a outros componentes da banda, mas não ficou só nisso, o repórter sabonete falou sobre o meu trabalho junto a banda de congo José Lúcio Rocha, e falou também sobre as apresentações na comunidade e nos Estado. Ao terminar a apresentação na feira o grupo cultural caminhou junto ao Centro de Vivência da Universidade, onde ocorreram vários problema. O grupo ao entrar na porta do Centro de Vivência, situado na Universidade, foi abordado por um vigilante com o cassetete na mão fazendo sinal que não poderíamos entrar. O Mestre Boi percebendo que havia algo errado, parou de cantar e foi até o vigilante e pergunto a ele

-o que está acontecendo?

O vigilante disse ao Mestre Boi que não poderia permanecer naquele local, então o Mestre Boi perguntou ao vigilante:

-quem lhe passou essa ordem?

O vigilante disse que era o senhor Geraldinho. Então o Mestre Boi pediu ao vigilante que o chamasse Geraldinho. O vigilante disse ao Mestre Boi:

-em quanto eu vou chama-lo, vocês permanece nesse local.

O mestre Boi disse ao vigilante:

-nós vamos permanecer nesse local e aguardaremos nesse local.

Quando o vigilante chegou junto com o senhor Geraldinho, o Mestre Boi reconheceu que o senhor Geraldinho era o seu conhecido, desde do ano 1990. Então o Mestre Boi pediu ao senhor Geraldinho desculpa e continuou fazendo as reclamações. O Mestre Boi perguntou ao senhor Geraldinho, qual era o motivo que a banda não poderia entrar no Centro de vivência da universidade? O senhor Geraldinho disse que tinha muitas mesas naquele local. Depois de muita reclamação o senhor Geraldinho disse que poderia dar umas voltinhas lá dentro, mas desde que não fosse aonde tinha muita pessoas. O Mestre Boi respondeu

-se não fosse pra apresentar para as pessoas nós teríamos ficado em nossa comunidade quilombola, córrego do meio, não precisaríamos ter vindo até esse local.

O mestre ainda disse para o senhor Geraldinho

-o que seria melhor: entrar com um grupo de congo da senhora do Rosário tirando e resgatando crianças do roubo, das droga e de tantos problemas que enfrentam em nosso país

ou com um grupo de pessoas que roubam e assaltam, este mesmo matam e não ligam para morrer?

### CULTURA COMO EDUCAÇÃO E PROTEÇÃO

**Por ser um grupo cultural, é um grupo que funciona como resgate, porque estávamos com** um grupo de pessoas que varia entre oito anos a 73 ano de vida, esse grupo precisa de ser respeitado, pois os grupos culturais estão ficando extinto por falta de pessoas para incentivar essas pessoas. Em muitos lugares estão acabando. A banda José Lúcio Rocha vem mantendo essa tradição desde 1894. Eu Mestre Boi iniciei com 7 anos e estou com 66 anos, passei a ser mestre no ano de 1986. Depois que a Banda passou ao meu comando, nós já apresentamos em cinco Estados. Em 2004 estivemos em Brasília fazendo uma homenagem ao mestre Zumbi, em 2011 estivemos em Valinhos, São Paulo, em Campinas no mesmo ano. Estivemos também no dia 15 de novembro de 2015, fizemos uma homenagem no dia da proclamação da república na praia de Recreio em Ibiúna e Niterói, no dia 5 de junho nós estivemos em Regência do Espírito Santo em homenagem ao caboclo Bernardo.

### CULTURA COMO PRÁTICA DE UM POVO

**A banda de congo José Lúcio Rocha vem colaborando com a Troca de Saberes há oito anos** e com a Universidade, apresentando sua cultura e o saber do negro. Nesta nossa trajetória, a banda de congo José Lúcio Rocha nunca foi impedida de apresentar em lugar algum, pelo contrário, nos convidam e sempre somos muito bem recepcionados. Toda vez que nós somos convidados, nós deixamos nossos afazeres para cumprir o compromisso com a universidade. A nossa comunidade sempre recepciona seus convidados, muitos alunos, professores, mesmo pesquisadores que fazem seus trabalhos em nossa comunidade. Por falta de conhecimento, mas sabendo que todo lugar onde é público é nosso, pois pagamos impostos e todos que estão ali empregados, recebem de nós, pois, o próprio nome já diz funcionário público.

### CULTURA COMO IDENTIDADE

Devem prestar serviço ao público com respeito e educação e sabendo seus direitos e deveres. Ficamos muito contrariado, pois fomos expulsos de um local público, isso não é uma carta nem uma reclamação, isso é um grupo negro que luta pelos direitos e deveres para que todos respeitem essa cultura, esta raça que pelo a história de nosso país, esta raça ou seja, esta cultura continua sendo discriminada por uma sociedade que se diz evoluída. Eu Mestre Boi lhe reivindico uma explicação em relação ao ocorrido, pois, até então não conseguimos chegar em uma resposta, gostaria que a Universidade Federal de Viçosa apurasse e se posicionasse ao fato. A banda de congo José Lúcio Rocha situada na comunidade quilombola de Córrego do Meio, distrito de Airões de Paula Cândido em Minas Gerais, pede explicação ao fato, pois a mesma decidiu em grupo, como um protesto, que com o acontecimento não iremos apresentar na Universidade Federal de Viçosa enquanto não tivermos uma explicação sobre esse fato de sermos expulsos. Não só por isso mas pelo fato do constrangimento causado desde aquelas crianças que muitas vezes não entende aquela situação, como todo experientes que fazem parte dessa banda. Peço perdão a Deus e as pessoas em nome da banda José Lúcio Rocha. Desde já pedimos compreensão a todos.

Comunidade quilombola de Córrego do Meio, distrito de Airões, Paula Cândido MG, 17 de agosto de 2016,

Assinatura do responsável: Benedito Matheus Antônio Matias Celestino.

E essa folha aqui que agente tem ela, agente ainda não mandou os envolvido né, pessoas envolvidas no ocorrido. Então o negócio é esse aqui. Fizemos e deixamos aí, não vamo entrar agora não porque o carente, ao meu ver isso é ideia minha né, nós que somos como formiguinha tem que esperar a hora pra atacar, não podemos atacar sem ter força, somo piquininho. A formiga pra ela começa a mexer no pé do elefante entendeu, ele tem que perceber que a formiga tá incomodando, ela já chegou bem lá no corpo dele. Então agente guardou, eu não mexi naquela época, falei com um, falei com outro, vou esperar. Se chamar, agente vai né. E aqui ainda faltou uns negocio ainda né que não foi posto ali não, mas também não compensa muito né, agente tem que ver. Porque a banda de congo José Lúcio Rocha ela tá pra faze 130 anos.

Ela conheceu a Universidade, tem uns 20 anos que nós apresentamos, e esse trem do Saber, eu nem me lembro tem uns 8 ano. Então aí vocês vê o que deve de fazer. Nós já recebeu convite para Universidade, o Tainã ligou pra Juraci pra ir lá no dia 22, aí eu falei com Juraci,

se vocês fizerem isso vocês vai, eu não vou não. Enquanto não decidir isso aqui, pra saber o que significa isso né. Então a resposta o que significa isso é só com os doutor da lei né, que entende. Então pra ver o que eles significa com nois né. Agente apresentou em vários lugares, já foi cinco Estados já nos apresentando e nunca teve isso né. E ser expulso dentro de casa é complicado né, então agente queria explicação. Geraldinho cidadão, eu sempre considerei ele bem, tudo né, fora disso compagnei de alcoólicos anônimos, ele sabe bem a minha história. Então agente queria saber quem é o mestre dele né, abaixo de Deus quem tá acima dele e os outro, essa daqui, por exemplo, agente bota ela, eu queria que ela chegasse na mão do Reitor ou Reitora o que fosse lá, aí esse papel é meu agora. Se vocês querer um desse? Que aqui também tá o foto né, de lá, do ocorrido né.

Quando eu fui trabalhar de guarda em São Paulo né, parece que é em 1978, eu arrumei e fiz um curso lá né. Quem dava aula pra nós era um Coronel do exército. Ele falava com nós que o bandido vivo... o bandido morto não tem valor né. A ordem deles e uma. Mas depois que cê sai você cria uma. Se tirar carteira na rua, se vai dirigir, tendeu? Lá cê vai aprender como que cê vai... lá bandido morto não tem valor. Eles quer é bandido vivo. Aí por isso que tá esse problema até hoje, o bandido não quer o policial vivo. Ta sem perigo. Coronel dá as ordem, mas não vai pro campo né. Os outros vai pro campo. Então coloca o cidadão igual a Geraldinho alí, dá ele uma ordem que não fala com os outros. Aí eu tive que... num queria botar o nome dele mas tive que botar. Começa é por aí ó. Trem que começa com nós, num tem outro jeito não. Se não agente... muitos anos que vai, estudante vai lá, fica lá, a comunidade da maneira que acolhe e recebe, um montão de troço né.

## O MUNDO É CONHECIMENTO

**Daí a pouco vou levar ocês pra mostrar pro cês um negócio ali, o que tá acontecendo nessa comunidade aqui. Comecei a conversar com você outro dia ali. O trabalho, essa parceria entre universidade e campo, deve ter fiscalização nisso aí né. Entendeu? agente num sabe.** Mas sempre tem uma coisinha, eu tô sempre falando com eles, eu num sei nem lê nem escreve, mas ocês presta atenção ocês no que cês faz. Se ocês fizer um troço bem... uma

curva se ocê entra nela bem feito, cê termina ela bem, se ocê numa bicicleta o corpo começo a tombar cê vai embora. Se ocê entrou mal na curva... e o carro também é a mesma coisa. A vida é a mesma coisa, se ocê entrou mal na vida pro cê aprumar é difícil padaná. Tem que cair sabe, se cair e der pro cê levantar bem, tendeu? Se der pra levantar.

Padeiro – Esse relato do senhor aqui já diz tudo, alguém ajudou o senhor a fazer?

MB - eu num faço nada sozinho não. Primeiramente é Deus. Alguém é a cabeça né. Aqui nasce é dagente né. Nós tem que ter... num vou... agente num pode tá escrevendo um troço assim pra uma Universidade, um montão de troço de qualquer maneira né! Ainda farto muita coisinha né. Que agente tem que... aí se vocês for escrever tua carta cêis vê que que coloca. É porque a verdade, a verdade tem que se dita, e ela machuca muito, e tem muitagente que tem medo de mexer com tubarão. Eu também sou um cara medroso, mas tem que saber como é que entra com ele né? E eu num vou entrar num lugar pra mim sem saber. Eu vou combate com tubarão? Num vou mexer com...

Farinhada – Com peixe pequeno né

Mestre Boi – Não. Mas vou entrar de qualquer maneira né? Cara pra entrar com advogado tem que saber qual que é. Cê vai contratar o mesmo deles ou quem quer que fosse... então hoje agente pra entrar... eu sou difícil de entrar numa causa. Eu só é difícil. Mas pergunto Deus e o povo primeiro o que que eu devo de fazer né. Eu entrei numas causas na justiça aí, que saí dela bem, com processo em cima e tudo, mas eu, eu não vou meter meu nariz não, porque...

F – Complica né

MB – é. Uma parte é dagente né. Porque nós trabalha Farinhada. Eu pelo menos quando comecei eu trabalhei em nível nacional e internacional e eles pergunta porque? Falei -nós mexe com receita né, nos mexe com muita coisa.

Se ocê fazer uma reunião... igual nós tão nesse quilombola nosso aí, já tem dias, já faz anos eles vão só levando. Eles pegaram uma bolsa aí, disse... que num vi também né. E cabo né. Agora, segundo ele falaram, que o territorial num precisa de mexer, então tá bão né. Eles

Luta por terra ou por cultura, festas. O que vem primeiro? Cuidar de sua própria terra parece ser um bom começo. Né boi? (minhas anotações de campo)

falaram que não precisa de mexer com a parte da terra. Eu nunca vi quilombola sem terra. Eu já vi quilombola sem terra. E também consegue as coisa quilombola sem a terra? tá no meio sabe comé que é

F – é, tem que ta né.

MB – Num tendi. Aí eles falaram comigo, num sei se oce tava lá?

F – no dia?

MB – quando o professor Léo veio aí<sup>72</sup>? O Guilherme acho que tava lá

F - ah sim, eu tava também

MB - eles falo que não precisava de... num pode conseguir as coisa sem mexer na parte territorial, num foi falado lá oh Padeiro?

Padeiro – sim é, em conquistar as terra né?

Mestre Boi – na reunião ali, se poderia fazer alguma coisa sem mexer no territorial?

Padeiro – de trabalhar em titular terra?

Mestre Boi- Justamente, a dali eu não entendi que eles falaram comigo. Então ocês vão mexer né? Tinha muitas pessoas sábias lá, se vocês acham, e eu como analfabeto digo

**-sem a terra não tem quilombola!**

P - Teve dois quilombola aqui lá de Pimenta<sup>73</sup> o Seu Geraldo, e o como é que ele chama? os dois irmão lá

F – Antônio

P – Antônio e Geraldo fizeram uma pergunta interessante. Eles perguntaram assim, pro Léo professor

-Léo, esse negócio de titular terra, isso vale a pena mesmo?

Aí uma sugestão que o Willer deu foi de fazer as visitas né. Dagente ir em lugares que já tiveram essas conquistas né ou que o povo tá lutando por isso, pra poder tirar as dúvidas né. Se vale a pena mesmo? Como é que é o processo? Que que tá fazendo? Porque a luta do povo quilombola, do povo do MST é terra né, conquistar a terra né.

<sup>72</sup> Boi se refere a um encontro da Rede de Saberes dos Povos Quilombolas no quilombo Córrego do Meio que tratou da questão de demarcações e titulações de terras. A comunidade conseguiu se cadastrar no Registro Geral de Comunidades Quilombolas em agosto de 2015, após essa fase ela começou os debates de titulação de terras.

<sup>73</sup> Comunidade Quilombola do Pimenta ainda não certificada, Divino-MG.

MB - que aquilo entrou na cabeça deles lá, que num precisa de mexer com terra. Então eu tô na minha. Falou pras pessoas que mexe, eles acreditou. E brasileiro tem seu jeitinho dele né. O negócio é no jeitinho e tão e tal, aí dá no Lava Jato igual tá dano aí. A Dilma, o Temer, Lula o Cunha caçou um jeitinho bom lá, todo mundo

-nós vão tirar a Dilma de lá e tal. Eu vou querer cinco secretarias. Você vai querer quanto? outro vai querer tanto e tal e tal legal.

Quando a bomba explodiu pronto

F – quem é que segura né

MB – eu tratei de dar você três secretaria mais num posso não uai né? Num posso não.

Então agente tem que fazer as coisas direito né. Agente é pequenininho, mas tem que fazer as coisa... Eu tô falando com eles assim

-eu só tenho é sofrimento né.

Então o Brasil tem um negócio assim de conhecimento, passar na frente é. Arguem, até num sei se esse é o termo que se fala

-de colocar eu na frente!

Eu que sou o coronel do exército ele é meu padrinho, eu chego lá na portaria do quartel

**-eu quero fala com o padrinho! O coronel!**

-pode entrar. Nem revista eu num revista sabe comé.

Todos nós gosta de ter uma oportunidadezinha né. Todo mundo, não é só vocês não, eu também gosto de te uma oportunidade. Eu conheço sua casa toda sabe comé. E nesse meio tempo tava me prejudicando, eu fui entender isso a poucos anos. Esse conhecimento, o estudo, o diploma, o dinheiro que o cara tem trapaia muito né. Depois quando chega... aliás o ponto certo é

-eu não quero esperar minha vez!

Tendeu?

-se for o vestibular eu quero tá na frente

-se for a filha do médico eu quero tá na frente

Ta tendendo? Eu não quero esperar a minha vez. Eu sou idoso, por exemplo né, chego lá e tá escrito lá preferencial e papapa, aí eu olho assim

-não, eu tenho que ir na frente.

Num é bem assim não. Mas nós gostamos muito dá... o mundo é conhecimento, por isso que tá esse negócio aí agora. O médico ele num tá mais... ele tá comprando, ele arruma o diploma, o pessoal arruma aquele negócio todo. Então agente... eu sempre gostei quando eu saía, já vinha de um troço que num presta e pra mim faz bobeira na outra num dá não uai, eu vim de lá sabe comé. **Eu vim do lixo! do lixo! Do lixo pra cá, eu num posso fazer.**

Duas vezes! As caminhada de um negro. O que se faz com o lixo? As performance dos povos oprimidos implicam em processos de resiliências, apanha, são amassados, destróçados e tornam à suas formas não mais originais mas sempre em continuidade. (minhas anotações de campo).

Aí eu sofro muito, tenho que combater contra tudo, um montão de troço né. Hoje eu posso comprovar Farinhada, que Sandra falou comigo lá no...

F – Lafaiete<sup>74</sup>

MB – Lafaiete. Orientou pra funda a quilombola e falou

-ela vai trazer muito pobrema.

Falei pra ela

-eu tô acostumado a mexer com isso, eu vim de uma droga, eu vim da droga álcool, eu vim do roubo, eu vim dum montão de troço que num prestava né, escravidão, um montão de troço, passei fome né, ela falou

-então é o senhor mesmo que vai mexer!

## RELAÇÕES INTERÉTNICAS

### **P - O senhor já tinha fundado outras associações né?**

MB – Já uai

P – quais associações que o senhor já fundado aqui?

MB – Associação de Morador primeiro né, depois eu fundei a do congo. A terceira foi essa do quilombola

<sup>74</sup> IX Fórum pela promoção da igualdade racial (foppir), onde Boi conheceu a Sandra, então presidente da Federação de Comunidades Quilombolas de Minas Gerais, N'Golo.

Sujeitos que elaboram e conduzem políticas públicas e sociais que impactam a vida das pessoas (contribuições de Macelo, o coorientador).

P – e qual que é, que ta mais difícil?

MB – essa daqui ó, quilombola bate 100, 99 por cento né. Ainda num cheguei no, pra dizer ocê a verdade, eu tô vivo né, eu num cheguei do pico dela não. E nem nu pé eu cheguei e já vi que a boca é quente mesmo

P - Porque ce acha que é quente?

MB – uai, porque eu to vendo. É negro contra negro. É o mesmo caso da África lá. Quando eu li e vi aquilo na televisão, uma parte de negro tá contra o negro né. Então maré contra maré é complicado sabe comé. Tem como vencer ela mas oce tem que...

P – mas na associação comunitária e do congado não tinha esse problema negro contra negro?

MB - num tem ué. Num tem. **Essa é de negro puro.**

P – e que que gera esse problema de negro contra negro? Qual que é a causa dele? Qual o fogo ali que faz isso?

MB - é rapaz, o que que gera isso aqui é uma coisa que já vem lá de traz pra cá. Já vem lá de traz pra cá. Tem o nego que não larga o branco nem que mate ele, tendeu? Ele veio na raiz, mamãe falou, vovô falou

Educação dos Bois. Como boi foi educado. (minhas anotações de campo)

-esse homi ai é bom.

É igual você fala com aquele menino seu hoje

-Farinhada é feiticeiro

O menino vai vim com aquilo na ideia, mas Farinhada não sabe faze feitiço nenhum, nenhum, mas o menino vai crescendo e fala

-cuidado que ele ali é feiticeiro

Então tem coronéis... o nego... isso aí você sabe melhor do que eu, aquele nego que o branco gostava dele e gosta até hoje. Nós tinha uma fazenda aqui no... nos Barro ai ó, agora num tem mais, podia farta tudo, mas um nego lá num poderia farta de jeito nenhum. Fazendeiro lá tinha esse negócio com ele

-se num tive um nego na fazenda eu fecho!

E eu cheguei a ir nos últimos anos lá, e lá encontrei um velho lá. Ele depois que ficou doente puseram ele na porta. Aquele velho tá lá encostado na porta, doente, ele tava lá. Eu falo fazenda Levindo Rosa, num sei se vocês conhece Levindo Rosa. E tem até hoje, tudo que nós fala aqui na comunidade, chega no ouvido do coronel rapidinho. O cara ta na reunião e eu fico sabendo das coisa oriento ele duas vezes, muitas coisas que fala aqui fica aqui

F – Uhum

MB – e naquela reunião que o rapaz faz ela na Câmara<sup>75</sup>, acabou com a quilombola. Na câmara do vereador? Aquilo arrasou. Eu num tava consciente. Quando eu chego de São Paulo que vou dar uma reflexada nele: num era pra ir ninguém! Se quiser ele vai lá.

Manda Vandeli, manda ele ir pra lá sozinho. Se ele quiser. Porque também tá sabendo que tá errado ir pra lá. Aquilo botou os negro na cozinha dos coronéis, entendeu? A câmara dos vereador e pública tendeu? O pouco que eles converso lá, nego boto o dedo em cima. Ainda falei com Natália

-num vai não. Agora se ocê quiser ir cê vai assim mesmo. Mas num adianta ir lá não. Até pra vorta pra trás ainda corre risco, de acordo com a maré.

F - essa parte das audiências públicas na câmara, ela tem que ser depois do processo avançado né. A não ser que seja uma situação igual aconteceu em Ouro Verde né. Na câmara um vereador queria tirar o nome da comunidade de quilombola. Lá onde agente foi, em Santa Cruz né. Comunidade Quilombola Santa Cruz. Aí eles queria votar um projeto de lei pra tirar o nome quilombola e deixar só Santa Cruz. Aí sim, mas tinha um vereador deles lá dentro da câmara né. Então esse processo de ir lá fazer uma audiência pública, o quilombo ele tem que tá unido, fechado, na questão que vai reivindicar. Pra chegar nesse ponto. Mas tudo isso agente vai aprendendo né, num tem uma receita não, num tem uma cartilha pronta, cada lugar o processo tá de um jeito.

MB - cada qual é qual

F – cada lugar o processo e de um jeito né

<sup>75</sup> Boi se refere a Vandeli, então diretor da Subsecretária de Povos e Comunidades Tradicionais vinculada a Secretaria de Desenvolvimento Agrário do Governo do Estado de Minas Gerais. Vandeli fez uma visita à câmara de vereadores da cidade de Paula Cândido, onde o quilombo do Córrego do Meio faz parte, no início de 2016. Para Boi foi uma visita para negociar as terras com os coronéis e o quilombo não estava preparado para lidar com isso ainda.

MB –nois num sabe. Igual o caso que ele tá falando, à toa num foi, num chamaram à toa pra lá não

Farinhada – às vezes num lugar funciona

MB – então, eu depois fui, eu fui por si mesmo, eu fui de fora e falei com o cara

-por causa de que num fez a reunião na comunidade?

Aí eles falo comigo

-agora tem uma lei que vereador num pode fazer reunião na comunidade não

Falei

-e pedi voto pode ir?

TODOS – (risadas)

### EDUCAÇÃO DOS BOIS

MB – **vai pro meio da merda você com os cara e tudo!** É só reunir vim cá, fazer a reunião com as pessoas na comunidade. E aquilo ali foi enrolando sabe comé. E aquilo só vai pesando. E eu penso, eu ando ai né, num fico parado aqui não. Falar com ele que, o Léo falou comigo pra num afastar, num afasta pra que<sup>76</sup>? Pra servir de bobo? Já chega. Eu já uai, eu um homem já com 67 anos vê nego fazendo um trem errado e eu vou apoiar? Tá sem perigo. Eu sei o que que é apanhar nu dentro de uma cadeia rapaz! Eu tenho dedo rebentado de palmatorio. Oia aí!<sup>77</sup> Agora vai eu pra lá? Não, eu sei o que que é rapa

**P- O senhor acredita que aquele método de deixar a criança coloca a mão no fogo pra aprende? nesse caso tá valendo?**

**MB – é preciso. Muitas coisas nós tem que sofrer.** Ele falou um bucadinho desse negócio aí, o cara vai aprendendo. Igual a Alessandra falo comigo lá, agente tem tudo. A nossa comunidade ela caiu dia 11 de janeiro de 2016. Tô falando com vocês aqui, se eu morrer daqui a cinco minutos, cêis verão com seus próprios olho né. Num vai atingir... é como, comparando mal, uma mulher que larga do marido, o marido larga da mulher, naquele dia

<sup>76</sup> No dia da reunião que debatemos os processos de demarcação das terras no quilombo Córrego do Meio junto a rede Sapoqui, boi ficou em casa. Leo foi até ele para uma conversa pedindo que ele não se afaste da comunidade.

<sup>77</sup> Boi nos mostra os dedos tortos das duas mãos.

num tem muita coisa não. Depois é que vai ver. Tem muitas coisas que acontece com nós, nós só vê depois com o tempo né. Tem umas coisas aí... cê vê que esses negócio de lava jato, isso num é de ontem né, isso é de muito tempo. Mas tem tudo... no dia que eu pedi a eles, que fizesse uma novena, a novena pela lei e pelas tradições ela tem nove dias, pedi que se fizesse de 12, que fazia de casa em casa pra pedir ao Divino Pai Eterno o poder superior pra dar um caminho pra nós muito rápido. Nós ia perder na questão, sabe comé. Na reunião quando eu falei uns olhou pra baixo, não gostou. E teve uma outra parte... tá tudo escrito, tá tudo guardado, dia 9 né. Nove, onze. Teve uma palavra dentro daquela casa ali, eu falei em nome das três pessoas da santíssima trindade era o Pai, Filho e o Espírito Santo. Se eles num entendeu que que eu falei, eu ainda perdoo eles ainda sabe comé. Mas se eles tiver entendido, cada um deles pagará não por mim, porque desfez do dono do mundo e isto... num sei se ocês tão entendendo que que eu tô falando com vocês? Era uma coisa que era pra dar prosseguimento e teve uma hora, mais tá escrito, vou até mandar bate, num mandei imprimir ainda. Que eu ainda perguntei nós era nove, tava faltando três. Falei

-isso aqui cê ocês concordar é em nome das três santíssimas pessoas

Falei com muita calma, porque eu sou gago, é em nome das três pessoa da santíssima trindade é o Pai o Filho e o Espírito Santo, aquele que tiver disposto levanta a mão.

-tiver a favor e disposto, a favor a cumprir com Deus isto, aqui levanta a mão.

Ninguém levantou a mão. Aparecida<sup>78</sup>... aí eu olhei pra Aparecida assim, falei

-Aparecida! ate você?

Ela fez assim <sup>79</sup>, não tinha nada pra firmar, ali começo o troço pesado. E aí eu perdi o controle também né, o inimigo não perdoo não. Dentro da reunião eu perdi o controle, vortei muito atrás. Nós tava com um fundo musical que era do Divino Espírito Santo, lá na cozinha que tinha posto. Aquele dia eu preparei sem... pra dize com cês, nem e eu bem, aquele dia eu nem tinha ideia de mexer, mas eu tava. Eu não sei não... eu tinha ficado 15 dias em Brasília estudando um negócio lá. E eu arrumei a mesa de cima a cima, preparei pus o anjo da guarda, pus um montão de coisa lá que tava brabo. Ia entra num... era um recebimento de certificado,

<sup>78</sup> Aparecida, presidenta da Associação Quilombola do Córrego do Meio na gestão 2016-2018.

<sup>79</sup> Boi imita o jesto de aparecida. Ele levanta as mãos mas elas não se sustentam, elas caem logo em seguida.

muito pesado né. E pedi que escrevesse, mas eu meti a caneta em cima sabe. E tá tudo lá. Esses dias eu devo levar pra escrever.

F - Uhum

MB – e tem como. Porque naquele lance ali da novena, aqueles negócio tudo, botava tudo, a Maria quilombola num volto aqui mais e num vorta fácil né. A mulher que veio visitar né, de São Paulo, aquela que faz o... ela num faz só... faz é Brasil né. É no Brasil que ela anda né. Uma pesquisadora, Maria. Chegou a conhece ela?

P – Sim, sim ela tava pesquisando o quilombo aqui né. Cê conheceu ela Tião? era ano passado MB- ela veio de São Paulo. Aquela mulher, eles arrumaram com ela de uma tal maneira, que ela num vorto nem pra dar bom dia. Num sei que que falaram, num sei porque ela fico

P – ela tava pesquisando um quilombo em São Paulo e descobriu que tem uma ligação com esse daqui

MB – isso isso, isso , isso

P – de parentes assim, história, aí ela veio aqui sabe, conhece e tal

MB – lá pro lado de... essas parentendas aqui com o povo de Caratinga lá né. Ribeirão Vermelho... Velho... São Pedro dos Ferros?

F – ah, São Pedro

P – onde que é São Pedro dos Ferros?

F - São Pedro dos Ferros é ali no depois de Raul Soares, Mata do...

MB– vamos terminar com que esse vídeo. Nós vai misturando as coisas aqui né.

MEANDROS, CURVAS, QUEDAS, NASCENTES DO QUE É SER QUILOMBOLA....

**MB - Sobre o relatório então, nós recebe por escrito né? Qualé o problema que foi e tal.** Nós temo o direito de dar uma palavra pra alguém né. Então agente é um ajudando o outro, ninguém vive no mundo sozinho. Se é que eles mesmo tão querendo libertar os escravos mesmo, aí tá é afundando escravo cade vez mais. Como nós temos problema com os nego, complicado. Num, é eu também. Tô falando com vocês, aqui tem um cidadão aqui de cima aqui, que eu passei em certos lugares que eu vi ele atrás de um restaurante com um grupo de pessoas né. Eu fingi que num vi, passado uns 15 dias encontrei com uns do cara, um dos fio dos coronéis, ele falo comigo

-cume que tá? Tudo bem? Cumé que cê conseguiu aqueles documento lá, do quilombola?

Falei

-foi Deus que me deu uma ideia.

Ele falou

-aquilo ali é complicado né rapaz, quilombola num pode ter, só tem...

Cume que ele falo comigo? Passei a considera aquilo ali, mexeu um pouquinho

-pra se considerado quilombola, tem que ser um lugar que só tem ida num ter vorta!

Falei

-isso que aconteceu com nós, nós tamo só indo num tamo vortando.

F – (risadas)

MB - ele falou em terra né, então eu falei

-é terra. nós viemo da terra

Num dei muita ideia não sabe. Eu já olhei pro pé dele né. Ele veio falar comigo eu falei

-então eu vô tá passando tudo

Eu falava com as criança

-cêis cuidado lá em cima do que passa!

MB – e outra coisa rapaz, às vez agora, onde já se viu fazer reunião de associação na porta

de um bar rapa? É cavar a sepultura rapaz! Em todas comunidade, num é todo mundo que tá de acordo não rapaz. O cara paga o outro, e vai pra lá e cria um cebo na porta de botequim.

Cê tá na frente ali fazendo um troço de comunidade é perigoso rapaz. Essa comunidade, eu falo pra vocês, a primeira associação que eu entrei nela , foi lá no morro do Grajaú, que ela era... tinha ainda o Leão 13, já ouviu falar no Leão 13?

F – Uhum

MB – dava umas terra lá pros... igual a desse pessoal aí e tal, eu cheguei lá os cara puseram

eu pra trabalhar, fui trabalhar de fiscal. Eu num sabia nem o que era associação. Aí fomos

trabalhar lá na associação, puseram eu de fiscal de uma água que nascia lá no morro. Uma

água nascia e dividia pá 18 casas né, puseram eu como fiscal. Cê tá fazendo reunião é fuzil

ali, fuzil aqui, a bandidagem tudo né. Um dia lá o Mela Cueca, chamava ele de Mela Cueca

ele falo comigo assim ó

-o senhor ontem não abriu a água correto né?

Falei

-eu tenho que abri água é pra todo mundo

-Não, mas nós aqui é que manda

Falei

-então cê entra no meu lugar como fiscal então!

Um porte desse tamanho assim ó. Eu nem sei que arma era aquela (risadas). Então o cê entra no meu lugar né. A água era pra dividir pra sete casa, num importa se é de polícia ou bandido, é sete casas tem que toda hora fechar e tudo. E de lá eu tive uma noçãozinha do troço. Que ninguém quer ser presidente de....

F – ninguém quer

MB – vamo lá embaixo então? Nós passa aqui em casa... num quer mais broa?

...

Sáimos da casa de Natália e caminhamos para a casa de boi e lá sentamos na sala e tivemos um conversa.

Conversa na casa de Boi.

MB - É ela que ajudou o meu pai. Foi lá na confusão lá. Tem um deles que tá até vivo ainda, o fulano de tal ai, ele era padrim do meu pai. O outro fazendeiro quis tomar, aí ela veio pa apaziguar né. Mas se fosse pra nós sozinho entra, tinha morrido gente né. Nós sozinho num aguentava não

F – é num tem jeito né. Mas aquele negócio que o senhor falou ali mais cedo, é um negócio que sempre me deixa encucado. Porque em muitos lugares agente observa isso né. E o povo... o povo não conseguiu ainda perceber a importância que tem a questão da auto-definição né.

A auto definição se arranja com movimnetos coletivos. As festas como amostra das lutas e caminhadas (minhas anotações de campo)

Aí fica nisso né. Lá nos Brejo dos Crioulos tem um negócio lá que num... por mais que o povo avançou, Padero, em tudo mais, tem um negocio lá que é do tempo da casa grande ainda. Que eu falei com o véi

-vei, isso aqui e inadmissível, isso cêis tem que lutar e mudar

Eles confia tanto no dono do supermercado, tanto no dono do supermercado, que o cara chega com uma lista, chega lá com um caderninho e fala

-o que que a senhora vai precisar pra esse mês?

-ah, eu preciso disso, disso, disso e disso

O dono vai lá nas casas. Porque é longe da cidade né. Primeiro que é 40 km longe da cidade. E ele chega com o caminhão entregando a compra. Cê anota o que que ocê quer, ele chega, depois cê recebe o papel lá pra pagar. E quem garante que o cara vai colocar o preço justo naquilo? Aí tem isso, eu vi lá

Lourdes (companheira de Boi) – agora aqui ta recebendo uns Haitianos

F – Ah é

L - é tem três. Foi dois em casa buscar a família dele pra cá

F – é povo sofrido também né.

L - sofrido demais né. Teve um dia que eu tava ali sentada na frente da casa de Cici, tava vendo eles falando que, até chorando, que eles não tem direito de brincar com uma criança, e os menino daqui jogando bolinha, eles tava querendo joga junto com os menino, falando com os menino. Tem um lá que fala igual nós né. Os outro dois lá num fala não. Aí ele tava falando o que eles tava falando. Falando que onde lá que eles mora num tem direito nem de joga um bolinha.

F - É triste.

MB - aqui tinha um negro, Padrim Zé Zico<sup>80</sup>, eu já falei pra vocês a respeito desse homem. Inda agora eu tive no Rio, procurei por alguém da família, ninguém tem retrato do homem, eu tinha vontade de ter retrato do homem. Tinha matado ele aí. matou lá na rua. A primeira prefeitura que teve aqui foi em 1955 que é o José Moreira. E José Moreira gostava desse negro, tendeu? Aí esse negro cresceu muito, a fama dele cresceu muito. Porque foi o primeiro que uso uma botina né. Andava calçado, aprendeu a ler e escrever. Depois os fazendeiro mando matar, e quem mato foi um nego também, primo dele que mato ele, tudo aqui de cima aqui. Ele era pra tá numa história boa hoje o Zé Zico Barnabé, porque sabia ler e escreve. Essa estrada aqui, igual tá poeira agora, se meu pai saísse e vesse um rastro de botina, ele

<sup>80</sup> Zé Zico Barnabé foi citado por Boi também nos cadernos “O que nunca fora segredo” e “culturaS”. Ele me parece um exemplo para Boi de como se relacionar com os fulanos-de-tal. Zé Zico conseguiu usar dos poderes das autoridades locais, polícia, prefeito, padre para cuidar de sua comunidade.

sabia quem subiu aqui: foi Zé Zico Barnabé ou polícia, ou se não o padre, ninguém tinha sapato. Então sabia: subiu ou desceu

F – Uhum

MB- e depois foi arrumando a fofocada, a confusão até o nego matar ele. O nego que matou ele morreu depois por morte mesmo, assim. Mas o nego antes de morrer, ele era padrinho do meu irmão, tudo dentro de casa, falou que quem era culpado de ter matado Zé Zico Barnabé era os cara que infernizou a vida dele. Tinha batido na mãe dele, um montão de troço e tal. Porque o próprio Zé Zico mesmo, se a polícia pegasse nós ali em baixo ali, eu não, eu era menino, mas os outro que andava armado, pegava aí três ou quatro aí, ele chegava lá e ele mandava

-me da as arma aqui e num leva meus menino não!

Se a polícia tentasse levar, ele ligava pro Zé Maurílio, aí sortava. Aí tomou raiva. Aí ele não tocava brecha pra ninguém, num fazia isso, num fazia aquilo outro. Mas sabia ler e escrever é, e tinha um poco de sabedoria. Aí tornou-se político. Político assim (risos), cabo eleitoral né.

## O ENCONTRO DOS DOIS MESTRES: UM ENCONTRO CULTURAL

**P – O Tião ce falo aí dessas viagens do povo, tanto pra lá quanto pra cá, como e que é que**

você conheceu o boi?

F – Eu conheci o Mestre Boi foi naquela troca de saberes de 2010

P – no círculo de cultura<sup>81</sup>?

F – foi em 2010. E antes eu só ouvia as histórias né. Professora Jaqueline e várias pessoas contavam,

-olha o Córrego do Meio...

O povo sempre falava. Encontrava com alguém em Viçosa

-eu tô indo lá no congado! tô indo lá no Airões, no congado, ver o Mestre Boi.

<sup>81</sup>Segunda troca de saberes, realizada em 2010. Junto com carolina rodrigues, hoje assentada no movimento d@s trabalh@res rurais sem terra, elaboramos um encontro de griotas da cultura popular na troca, círculo de cultura além do nome foi também uma metodologa de dialogos feita durante o encontro. Essa metodologia foi inspirada nos círculos de cultura de alfabetização de Paulo Freire. Na ocasião fizemos um círculo de cultura com mestres e mestras da cultura popular da Zona da Mata.

Sempre ouvi histórias, mas encontrar pela primeira vez foi em 2010. Vai fazer sete anos né.  
Sete anos que nós nos encontramos. Aí como diz o outro

-foi amor a primeira vista né!

Porque cê falou assim

-cê podia acompanhar o Mestre Boi?

Nós fomos almoçar junto, aí nós fomos conversando e fomos identificando as lutas, as histórias mais ou menos parecidas. Foi nessa época. Tava cabeludo ainda, senhor lembra né



Farinhada recebe a coroa de Rei do Congo na Festa de Nossa Senhora do Rosário do Quilombo Córrego do Meio em 2017.

Foto: Rodrigo Avelar

MB – você né!

P – e depois de sete anos já de convivência, que que cê, qual que e seu sonho que cê gostaria que o Mestre Boi... supor que Boi vai viver mais 100 anos, 100 ano de vida. Um sonho que você gostaria de compartilhar com ele dessa relação?

F – é interessante esse negócio do sonho né. Porque cê vê que de cara agente encontrou, já começamos... daí a pouco já começamos a cantar juntos, aí o seu Antônio tava também né, teve uma época né

MB – É

P – de São Miguel né

F – Sô Antônio de São Miguel. Aí nós já fizemos uma rodinha ali e já começamos a cantar. E depois teve aquele momento lá das trocas, o círculo de cultura né, onde cada pessoa foi colocando a sua vivência né:

-onde tá e o que que tá acontecendo? O que que cada um tá fazendo.

Então naquele momento ali eu comecei a perceber que era o começo de uma história diferente né. Tanto que no outro ano agente tava junto e depois, e depois, até chegar em 2013 e surgir a conversa na comunidade do reconhecimento como quilombo. Que desde que eu ouvi fala de Airões, de Córrego do Meio, eu sempre ouvi também as pessoas dizerem

-é uma comunidade quilombola!

Mas eu sempre... é uma comunidade quilombola, então eu já imaginava logo que, pelo o que o povo falava e a fama que tinha, que era uma comunidade já reconhecida. Aí depois agente foi vendo que tinha todo esse trabalho pra fazer. Eu continuo sonhando, mas é um sonho mais coletivo né. Do auto-reconhecimento da comunidade, do povo em geral, e Mestre Boi como é essa figura que centraliza as informações e o conhecimento, a comunidade precisa demais dele. Não só a comunidade mais nós também precisamos. Porque ele é uma fonte de inspiração pra nós. E pros outros quilombola também. Tudo que ele já viveu, tudo que ele já passou, e isso pra nós é... todas vez que eu escuto essas histórias é... de quem trilhou um caminho numa época muito mais difícil. Hoje por mais que tem problema né, eu posso pegar um microfone e grita em uma praça pública, xingar os políticos, entendeu? Mas quem viveu uma época de repressão...

Hoje os fazendeiros eles continua atuando, mandando, mas as estratégica deles mudou. As estratégicas deles é diferente né. Então hoje agente pode bater de frente com eles, ocê pode bater de frente com eles. Antes cê num podia bater de frente né. Tinha essas restrições. Eu

sonho com essa comunidade, é com a terra demarcada, de olha pro Córrego do Meio e não vê os eucalipto e nem vê cerca, dizendo

-isso tudo aqui é quilombo , quilombo Córrego do Meio.

E o Mestre Boi é essa figura né, que é respeitada pelas pessoas por sua sabedoria e seu conhecimento meio que celebrando dentro disso tudo né, e ajudando também as outras comunidades em torno né. Porque esse quilombo aqui, ele não termina ali no alto do morro não , ele liga com Nova Viçosa, com Buieié, com Barros

P – Chácara

F – Com Chácara, e vai descendo pra Teixeira, liga com os Puri no Brigadeiro e vai

P – Zona da Mata

F – **a Zona da Mata. Nós tão no quilombo, isso aqui... nós tão no quilombo, a Zona da Mata é um quilombo né.** Cê vai... cê vira o morro e desce morro, cê vai encontrar preto, parente com a mesma história, que sofreu e tudo. Cê virou a serra do outro lado cê vai encontrar. E a agente vai descendo daqui, cê vai pegar o Belmiro Braga, lá em baixo chegando no Rio de Janeiro, cê vai encontrar lá os preto calangueiro, com a mesma história, de ter trabalhado nas fazendas de candeeiro, de carreiro e vai chegar até na Serrinha, no Jongu da Serrinha, ce vai ver que nós tamo em um território só. Daqui se ocê desce aqui ó, Muriaé, Patrocínio de Muriaé onde nós tivemos lá né, lá no Ivair, Eugenópolis na divisa com Rio. Eugenópolis tem quilombo. Cê virou a montanha pra lá, cê já tá em Porciunca, Itaperuna, tudo quilombo. As fazendas, as primeiras fazendas de café, o primeiro lugar a plantar café no Brasil é ali, no Norte do Rio de Janeiro, tudo... onde tá ainda os antigo casarão né. Então... e vai até chegar São Paulo né, até o Espírito Santo

#### AOS ESPÍRITOS DO CONGADO

**P – E ocê falou aí Jongu da serrinha, calangueiro e desde que eu conheço o Boi que eu conheço congado, os dois foram juntos pra mim.**

F – (risadas)

P – Eu conheci o Boi ensaiando congado lá em frente a casa da mãe... da dona Chiquinha. Não sei se o senhor lembra? Foi em 2006. Foi com o professor Ramon. Ali... cêis tava ensaiando, eu lembro que o degrau dela era uma escadaria vermelha aquela tinta

F – vermelho

P – Vermelhão. Ele tava ensaiando e tal ali, e desde que eu conheço Boi e congado é a história de viagem né, é um

F – é um viajante

P – é um viajante. Eles não funcionam só no local. Eles não existem só no local. Então seria o... vamos dizer, o congado agente pode dizer que é um matulão? Que carrega semente, que vai, como é que é isso? Que que é esse congado? O Boi deve falar isso melhor né, mas eu tô perguntando pro ce que você também e congo. Cubiça marimbo parente! **Pode dizer que o congado é essa... esse matulão que carrega sementes?**

F – todas manifestações culturais... todas manifestações culturais dirigida por negros elas sempre tiveram uma estratégica importante, não só na manutenção da cultura, mas no sentido mesmo de não deixar a memória do povo acabar né.

Cultura como modos de fazer do que precisa ser superado, ao contrario da memória vista como o que foi feito (minhas anotações de campo).

Esse lance da semente é muito interessante, porque o congo ele tem uma necessidade... ele tem uma necessidade muito importante, de não só reunir pra fazer a Festa do Rosário, porque a Festa do Rosário é um coroamento daquilo que ele faz no seu dia a dia. Durante o ano todo você faz um tanto de coisa, mas no dia do Rosário é o dia. Então assim, o congo que só, o congo que só aparece no dia do Rosário ele... ele ainda num pode ser considerado um congadeiro negro emancipado. O congadeiro negro emancipado do seu conhecimento, com seu dever de congo, de negro, ele, o dia do Rosário é o dia do coroamento da luta dele, do dia. De tudo que ele fez no percurso de um ano. Ele vai ali pra celebrar, entregar a vitória que ele teve durante o ano.

Então por isso você vai ver quase todo integrante de banda de congo é enfiado em um monte de outras organizações, um monte de outras coisas sabe. Eu conheço vários outros congadeiros que eles faz o congo, eles vão pra Folia, vão pro Jongu, vão pra Charola. E tá enfiando nas questões sociais, nos debates das associações, em tudo. Eles acreditam muito no Moçambique, acredita que o dia de levantar a bandeira, o mastro, a Festa do Rosário é pra coroar toda aquela vivência que teve ali né. Aquela... as conquistas as vitórias, pagar promessa, agradecer a graças que teve. Então é por isso que a semente não só... eu entendo nesse sentido que as palavras, as ideias, os sonhos, os projetos também são sementes. E esse

é o papel do congadeiro né. Você consegue reconhecer o congo em qualquer lugar que você for, pra qualquer canto você consegue reconhecer. Qualquer lugar que cê for você consegue reconhecer. Pode ter trocentas apresentações e pode te um cara do congado disfarçado lá no meio. Se ele passar você fala

-esse cara aí é do congo!

Cê consegue. Cê consegue ver que ele tem um negócio diferente. Ele acaba... isso fica visivelmente. E aqui no Córrego do Meio teve uma situação um dia, acho que foi em 2013. Nós passamos o 13 de Maio, aí quando agente voltou tinha um negrinho bêbado chorando. Aí ele veio chorando, acompanhando a banda de congo. Eu nunca perguntei o Mestre Boi quem que é essa figura. Mas certamente... porque a música aquilo ali mexe com a memória ancestral né. Se ele não dançou congo um dia, ou dançou e abandonou, alguém da família dele viveu isso e ele acaba sendo essa via condutora pra esse momento. Então todas as vez que ele vê a banda de congo ele vai te uma memória ancestral que talvez ele não consegue nem explicar. Isso acontece comigo. Às vezes acontece de surgir algumas emoções assim que você não consegue explicar, ou determinada situação que você pensando:

-meu Deus será que eu já ouvi isso antes? Será que isso já não aconteceu antes?

MB – Ele toca né, o Divino Espírito santo toca né. Os anjos. Aí o cara faz quem quer, e quem quer deixar de querer né! Deus às vezes manda nós pum lugar, nós tem um propósito né. Ele tem um propósito pra nós né, e nós muda, tendeu? Aí depois quando tocou lá, aí o cara sente, aí mexe né. Congo é congo. Quando é congo é congo mesmo né. Congo doente, congo casado, congo largado, congo com namorado, com sem namorado, congo de dinheiro, congo sem dinheiro, congo com fome, se ele e congo, num falando mal. Igual o sambista, ele é sambista-sambista. Ele num tem dinheiro pra comprar farda, ele arranja lá um pano velho e amarra na cintura e vai pro carnaval. Num tem sapato, ele emenda lá umas piteira é vai embora. Ali ele tá no sangue né. Então a palavra congo é uma palavra bem respeitada né. Congo. Congo, o que que é congo né? Lá fora tem né, a cidade Congo dos congo. Eu ouço falar, tem congo comedor de macarrão com galinha né, é o que ele falou ali né, que só vai no dia.

E tem o congo de nascença né, congo do sangue, tá no sangue dele, ele é congo. E outro que nunca dançou congo, mas tá batendo lá e o cara começa também a mexer né.

É algo diferente. Num é uma explicação pra mim. Num só digno de explica essa parte né. Então só sabe que ele mexe né. Vai mexendo, vai começando. Às vezes cê vai dançando congo e vê um senhor, uma senhora, às vezes carioca, tá pelejando pra pegar o pisado. É porque tá sendo o toque. Então aquilo ali quando ele fala assim, quando ele fala assim

-eu sou! Eu vou entrar no congo!

Ele chega com tudo. Igual chegou Chico Botelho né. Com 40 e poucos anos o Zé Lúcio chegou e falou pra ele

-ta chegando a época deu sair fora.

O congo é uma coisa que a fê da pessoa, ela começa acreditar também né na Senhora do Rosário né. E nisto ele é... falou ali quando e congo e congo mesmo né. O mineiro chegou no Rio de Janeiro e o carioca falou com ele assim, vou sacanear esse mineiro, eu vô pergunta ele o que que é uai, aí chegou perto do mineiro e perguntou ele

- o mineiro, que que é uai lá em Minas?

Ele falou

-uai é uai mesmo.

Então o congo também eu respondo a mesma coisa

-congo é congo!

Quando ele é congo pode aborrece ele, pode pagar ele que ele dança, nós já dançou sem comida sem nada. O cara pra sair daqui pra Cachoeirinha de pé, sair de Cachoeirinha meia noite e dançar 12 horas, e vim de pé, porque ele é congo, esse dai e congo

F – mas o Mestre Boi, quando Jesus nasceu, aí os Reis foram levar as homenagem pro novo rei. E saíram os três reis. Um desses Reis que é o Baltazar, que é o Rei negro. A história e o presépio mostra lá o Rei negro mas num fala de que continente ele é. Aí um dia nós impressamos o Mariano, que é um Teólogo né. E o Mariano foi atrás da história e reafirma que Baltazar era congo. Então assim, se o congo vai daqui na Serrinha, imagina só o que que esse povo fez quando ficou sabendo que Jesus ia nascer? Os cara atravessaram o deserto de Camelo. E um Rei naquela... se hoje uma corte de governo não anda sozinha, onde vai um governador vai 30 a 40 puxa-saco atrás. E as corte daquela época num era diferente. Então assim, e as tribos Africanas ou Reis Africanos, Chico Rei mesmo no Ouro Preto ele conseguiu, ele tinha uma corte com mais de 80 pessoas que era em torno dessa corte.

Não era ninguém pra ficar abanando ele, num tinha, os reinados africanos é diferente da corte dos brancos. Eram pessoas que estavam ali em um serviço, pra proteger o Rei. Eram pessoas que estavam ali a serviço. Então conta uma história também, que cada um leva alguma coisa do seu continente. Cê imagina um Rei do Congo da África, vindo reconhecer o Messias que seria o salvador do mundo? Por isso que o cristianismo chegou na África. Com todos os desafios que ainda tem o continente. Mas o cristianismo chegou na África. E por isso que o congado tá dentro da igreja católica, dentro do cristianismo. Sabe por causa de que? Porque a corte desse rei...

-já que nasceu o salvador do mundo vamos dançar. Vamos oferecer uma dança pra esse rei! Vindo da África que que eles podem oferecer? A dança do congo. Pode não ser o congado da mesma forma que nós faz aqui, mas porque o negro aqui desenvolve o congado a partir da sua memória ancestral na África. Então tem uma ligação diretamente, o congado com o congo nosso com o povo do Congo Africano. Num existe outra explicação. O congado, congo nosso, num tem outra explicação (risadas)

MB – a ligação é direta né.

F – e é um povo assim... um dia a Lucimar... alguém comprou um carro e passou andando numa correria na estrada de chão. Aí o pessoal falou

-preto num pode compra carro! Comprou carro e tá aí andando, vê se essa estrada é pra correr desse jeito?

Aí ela pegou e falo assim

-ele tinha que fazer era mil por hora, sabe por causa de que? Porque os negros toda vida ando a pé.

(risadas)

F - toda vida ando a pé uai. Então essa distância... tem distância? isso num

MB – a origem é de lá mesmo né!

F –a origem é de lá mesmo uai. Os Maçais até hoje no Norte, naquela região do Marrocos, eles andam em torno de 100 a 130 km a pé, nas montanhas

MB – fizemos muitas vezes aí

F – entendeu? É coisa de uma semana uma semana e meia, que é a rota deles né.

Com os meninos pra ir mostrando as montanha, os lugares onde tem a caça, onde tem os lugares sagrados pra fazer os rituais. É isso. É 100, 130 km. Então assim a distância pra esse

povo nunca foi, nunca... a distância nunca foi um limite né. Pra deixar de fazer as manifestações, as devoções nunca foi. Se ocê contar, vão pegar só o sábado de manhã, se você contar do sábado de manhã, igual esse ano, cinco horas né mestre?

MB – aham

F – nós começamos a alvorada e até a entrega da rainha no domingo, isso vai dar em termo de quilometragem, andar indo daqui ali, isso vai dar em torno de, eu fiz mais ou menos as conta aqui, essas andança aqui deram em torno de 18 a 20 km

P – em um dia?

F – no sábado. Sem contar os dois dias né

MB – e hoje não anda nada né! Antigamente andava direitinho

F – isso dá... daqui até a Nossa Senhora Aparecida deve dar 1km e meio, num deve de dar? Aí cê vai numa rua, vai noutra, vai noutra, vai num lugar, vai aqui em cima, e o povo faz isso umas três, quatro vezes por dia. No sábado. E no domingo repete a mesma coisa... e busca rainha...dá em torno de uns 18 km

MB – cabar aqui nós vamo lá?

P – vamo lá sim, vamos embora?

MB –e nós em 1957, nós saímos daqui pra Cachoeirinha que vai da aí no termo de, vai dar, acho que vai dar aí 50km né? Não num dá 50 não. Daqui a Cachoeirinha... Viçosa vai dar 12... é uns 20 km, 22 km mais ou menos

Saímos da casa de Boi e fomos para o Casebre Cultural. Na entrada Boi nos mostrou uma construção com bambu para escoamento de água.

### EIS O ARAME-FARPADO

**MB - Isso aqui ó, fiz isso aqui pra acimentar, mas pus bambu. Diz que se botar o bambu,** corta e coloca onde tive uma água um negócio assim, fica muitos anos assim e a água some

F - nós já fizemos isso lá

MB- aqui tinha água. E ele não apodrece fácil não

F - nós já fizemos muito dreno com bambu assim, no brejo

**MB - eu tava falando pra ele aqui, piada bíblica**

MB – Tinha um homem no... lugar na cidade, igual quilombola aqui, ele era pagão e não acreditava em Deus não. Aí ele... tinha uma senhora que tinha 5 filho e o marido dela morreu. Aquele homi não acreditava em Deus não, mas tinha dó dos outros né. Aí um dia chamou dois empregados dele e falou assim oh

-aqui eu vou fazer uma compra aí, cês leva pra aquela mulher lá que o marido dela morreu e os menino tão passando fome lá. Você leva lá.

Aí pegô a compra deu pros dois capanga dele, e falou com ele assim

-ó, na hora que oceis chega lá, ce fala assim: foi o diabo que mandou essa compra.

Aí eles falaram

-a patrão podexá e com nós mês!

Aí chegou lá, a compra chegou lá, era grande, ele voltou lá e falou com a mulher:

-isso aqui é pros menino, ceis tão passando fome, agora dá pro cês se alimenta bem dia né!?

Aí a mulher ficou muito satisfeita pegou a compra e levou e guardou lá pra dentro de casa e voltou. Aí um deles oiô pro outro e falou assim

-uai mas nós tem que pergunta a mulher...

Que era pra eles responde quando a muíé pergunta-se quem mandou a compra né, e a mulher não perguntou quem mandou a compra não. Aí sempre tem um mais curioso que o outro e perguntou, e falou assim

-ó, nós tem que leva a resposta pro patrão lá, tem que espera a mulher pergunta e a mulher não quer perguntar, o que que nós vai arruma? Aí um falou assim

-pó deixa comigo, que eu mesmo vou pergunta ela.

Aí falou assim

-o dona, a senhora ficou muito satisfeita com a compra, mas até agora a senhora não perguntou quem que mandou a compra?

Aí a mulher falou assim

-Ah meu senhore, eu... nem precisa pergunta, quando Deus fala até o Diabo atende (risadas)

P – Manda quem pode, obedece quem tem juízo

MB - a eu não preciso pergunta quem mandou as compra não, porque quando Deus fala até o Diabo atende (risos), aí acabou certinho a mulher ...

...

Neste momento, ao final da piada contada por Boi já estávamos adentrando ao Casebre Cultural.

MB - tudo que você fizer de coração ruim ocê num... vou dizer a vocês uma palavra certa aqui, que é a palavra de um bobo, mas eu não sô nem digno de falar essas coisa

-o mal nunca venceu o bem. Nunca, e nem vai vencer. 100 gramas de bem que ocê fizer vale pra mil quilo de mal.

Pode até demorar, mas vem. Mas não adianta cêis fazer nada não, sem oração...

Aquele dia que eu lá... que eu liguei. não sei se foi pra você ou pra ele aqui né, pra fala com ele, entra na porteira e rezar o Pai Nosso e Ave Maria. Tá muito boca quente, é porque eu fui tocado. Tava muito inimigo, muito troço pesado, corrente negativa, montão de coisa.

-que Deus esteja nessa casa.

**Então rapaz... eu agradeço a Deus e ele me perdoa se eu tiver... é... é comida de um dia pro outro costuma azedar!**

Desta vez Boi não nos mostrou nada dentro do Casebre, nenhuma foto, não contou nenhum caso. Ele estava anciosos para nos mostrar algo do lado de fora, lá no quintal, no meio do mato.

F – ó o remédio aqui! Boldinho.

MB – moramos em cima da farmácia mas não temos o endereço dela.

MB - Deixa eu te fala, cê sabe que que é isso aqui, algum de vocês, não né? Então deixa eu explicar, pra ir em cima da ferida. Isso é um trabalho quase igual ao seu que cê faz, não sei o farinhada faz ou outro faz. Esse daqui pertence ao cursinho,

F – Uhum

MB – o que eu tô falando pro cês... se eu fosse estudar eu ia ser psicólogo né, mas com anos eu decidi não estudar, só estuda a mente das pessoas. O Júlio chegou pra mim um dia e perguntou ali

-nós tem um trabalho pra fazer da universidade aqui, é uma horta que nós tem que pranta pra mostrar o...

Eu que não entendo, vocês reflete bem o que foi. No começo eu falei com ele

-isso tudo aqui ó, pode ser prantado. Mas aquele montão de fofoca, aquele montão de conversa fiada, eu cá não vou no papo né, acredito só em Deus

-mas o terreno não é seu!

-ó, pranto tudo lá.

Agora vai dar pra explicar o caso da menina ali. Conclusão, ele veio no dia. Isso aqui era pra ser feito, não entendo bem, era pra ser feito dia 13 de maio. Eles tinha que dá conta dessa horta. Do trabalho do cursinho, no 13 de maio. 13 de maio vieram, e eu não to perguntando eles nada...

-não, nós não fizemos não no 13 de maio.

Deu dia 20, no sábado e domingo, casamento de Natalia. Aí eles falaram comigo veio ele e mas o pessoal

-olha, não deu não por causa do casamento de Natalia. Mas ninguém ficou sem almoçar e sem jantar por causa do casamento de Natalia. Eu jogo é duro, é tudo ou nada né. Passou mais 10 dias. Semana passada veio ele e mais 2 alunos da universidade. Apareceu da comunidade uma aluna, que por incrível que apareça, você viu ela aqui, é a única menina que tem problemas mentais. Eu não sou médico eu não sou nada não, mas ela tem problema desde criança. Mas a que tá agindo certinho, certinho é essa menina, não perde um dia. Não vou dizer coitada né. Fui avisado pra não dizer “coitado” não. porque ninguém sabe o que o outro fez!

Quando eu sentei ali eles vieram

-Boi, nós vão fazer a horta aqui hoje então!?

Aí eu falei

-ó, até o brejo, pra mim pó limpa isso aí tudo.

Aí juntou os dois de lá e com ele aqui. A horta! Isso aqui é uma horta. Cêis tão vendo aqui. Agora eu tô no Rio, e pensando nisso aqui. Não sei se e ontem, ou anteontem alguém me ligou e falou, alguém do cursinho

-a horta tá pronta.

Alguém falou assim perto de mim

-nós já plantemo a horta.

E ocês tão vendo com seus próprios olhos o trabalho. Isso se chama assim, se eu não to enganado

-botar a peneira em frente o sol e esconder. Num faz as coisas corretas né. E depois aí, é isso que ta acontecendo aqui. Só isso que queria mostrar vocês. Mas eles tem condições de fazer o trabalho todo aqui ó. A Escola Família Agrícola de Catas Altas de cá, trouxe os aluno e perguntou

-eles tem que ficar aqui 15 dias. Eles tem que fazer um serviço aqui. Tem como eles plantar?

-Aí eu falei daqui assim

-ó, dali até aqui nessa cerca aqui ó, pode pranta o que vocês quiser. Só não planta maconha aqui, o resto pode plantar tudo quanto há.

Uns chega aqui, olha aquele mato e nem mexe... e papapa, o outro tá só escrevendo né... aí chega lá e fala

-ó, tá tudo feito.

E num tem nada feito.

...

A medida que andávamos mestre Boi ficava com mais agressividade em suas palavras. Em 12 anos de trabalhos com a comunidade essa foi a segunda vez que Boi me leva perto de um areme-farpado, ele esfrega o arame em nossas caras. Depois do quintal fomos caminhar nas divisas da propriedade do Casebre

MB – o fazendeiro que batizou meu pai que era o sô João Lourenço. Esse João Lourenço num mandava só em nós não né, mandava nisso tudo ai sabe comé. Até hoje tem gente ai... a Melinda nem gosta que fala dele, num pó falar nada dele. Então meu pai lá... diz a tia Joaquina que meu pai fico sem pai e sem mãe e o seu João Lourenço levo pa casa dele né.

F – uhum

MB – lá já batizou. Então nós tudo... eu cá num tenho nada... nem falar mal nem falar bem também dele não. E o dono ali era outro né

(canto)

Nosso Senhor me perdoe  
 Pelo erro que fiz  
 Eu sou noiva há mais de um ano  
 Mas não me sinto feliz

Errei em dizer que amava  
 Era tudo fingimento

Essa banana aqui ó, lá vai acabando tudo porque ninguém queria essa banana né, que é a Ouro da Mata né. Num tem quem cuida né.

MB – é a ouro da mata lá o. Ela é muito difícil, a ouro da mata

F – nunca ouvi falar, só conheço como mourão

MB – tem a banana ouro... a lá, ta vendo ali como é que ela é?

F – aham

MB – é Ouro da Mata. Meu pai que plantou, ele vendia isso aí lá em Paula Cândido.

MB – a divisa nossa era isso aqui ó

F – o córrego

MB – o córrego passava ali ó. Aí o José Teixeira quando... aí que é normal dele. Nós tamo entrando pra lá, mas o córrego aqui ele foi descendo.

-vão descer por aqui ó

O dono desse terreno aqui era o Zé Teixeira, que é aquele que eu te mostrei lá no Segredo. Era casado com a irmã do homem que me criou, do Antônio Fostino. São fazendeiro tudo junto. Então esse terreno aqui era dele. Ele que mandava nisso aqui. Como meu pai... a cerca nossa era ali. Cê pode ver aqui ó, aí ó, isso aqui é porque a máquina passou aqui, mais o certo e aqui ó, a cerca ta certa, a cerca num tá errada não, o certo é aqui. Os cara vinham fazendo... portanto a daqui era da antiga. Essa dai é uma da estaca antiga ainda

Então aqui é o meio. Aí que eu vou explicar o porquê. Essa cerca aqui tá do lado de lá num tá? Naquela época eu tava com meus sete pra oito anos, o Juiz de Paz, o outro Fazendeiro concordou com nós de fazer o que? A metade da cerca nossa nós faz dentro do terreno da pessoa lá com meio metro lá, e eles faz aqui com meio metro

F – Uhum

MB - assim ela inteira né. Então o certo aqui, ela tem que pegar meio metro pra lá e a nossa tem que pegar meio metro aqui. O vizinho faz metade da cerca e você faz a outra metade.

Agora como nós num tamo fazendo merda nenhuma. A dele é aqui ó. Ela vai terminar por aqui ó. Então na confusão... antigamente aqui era assim, o doutor lá, o coronel ia mudando a cerca devagarinho. Mudava meio metro, um metro, cada hora que plantava ele mudava Como nós... o homi não morava aqui, morava lá no Segredo. Família dele era lá. Mas tinha terra. As terra tudo ali era dele, pra cima lá. Num sei é que arrumou não, mas sei que era dele. Então a cerca aqui desse lado cada um fazia metade. Nesse dia da confusão, que que o juiz pois, o juiz de paz e o outro fazendeiro que era puxa saco do meu pai né, que veio ele veio filho dele sabe como é? E na noite, eu era menino, meu pai nunca foi homi de confusão não, num era de briga também não mais num tinha muito sujo de ninguém não, respeitava as pessoas né. Ele avisou lá em casa

-nós vão ter que... o menino que num puder nada, pega um pedaço de pau, nós vai ter que ir lá no terreno na base da foice né. Num temo arma né.

Por incrível que parece a foice tá até aqui servindo de papel. E quando o outro fazendeiro ficou sabendo, veio cá pra num da confusão, o João Lourenço né

F – que e padrinho de

MB – padrinho do meu pai. Veio o João Lourenço né e o filho dele até aqui. Esse que tá vivo até hoje, chama Toninho Horta, ele sofria... dava epilepsia. Ele acabou caindo aqui, teve uma torçãozinha nele, desmaio aqui. Então ficou assim o juiz falou o seguinte

-ninguém muda mais o rego. Meio metro da cerca fica a estaca aqui assim ó ai ó, meio metro nós põe a cerca aqui. O vizinho de lá põe aqui ó.

F – aí a água corre livre

MB – igual tá correndo até hoje. Hoje graças a Deus num tem mais confusão aqui, então fico naquilo. Eu tô falando isso aqui, nessas... meu pai tinha dado muito duro pra cercar isso aqui e já ia tudo embora. E quando você... eles num te tomava terra, eles sortava criação na sua terra né.

F – que é uma forma de expulsar.

MB - meu pai chegou a corta o rabo de uma vaca ali em cima por causa disso. Porque o poquim que prantava, num tinha como adubo, num tinha nada, e cê mete criação em cima. Foi por isso que naquela... do avô de Pedro lá em cima, do Gerome, aquele professor de história ali ?

P- Adalcio

MB – Adalcio né. Até num sei se perdeu um documento ai, num sei se conseguiu. Que achamo um documento veio, que meu tio lá de cima tinha ficado preso por machucar uma vaca né. Mas é porque? Ele ganhou na questão porque o milho que ele prantava

F – as vaca comia ela

MB – os fazendeiro punham. O milho... meteram a vaca. Prenderam ele. O que nós tava caçando é quem que foi a sortura dele. Então nós não conseguiu achar quem que foi, se foi o João Lourenço ou se foi o tar de... tinha um outro também que gostava do nego aí né. O Dodoca? Não, o Dodoca não. Que gostava dos nego né. Porque que gostava do nego? Para escravo. É uma briga.

-eu quero você na minha casa, mas como escravo. Eu preciso de você como escravo.

Igual eu falei com você sobre os Barro. Eu cheguei lá vê o homi na porta lá. Ele adoeceu e ficava pra recebe visita ali. Todo mundo que passasse tinha que cumprimentar aquele nego né. Hoje eu num sei? Acabou? Num tá tendo...

-arruma algum menino lá pra mim?

Mas num fica né. Então tem.

E eu também na discussão com um branco também, que ajudou eu muito, Deus dá ele um bom lugar, era filho do Zé da Silva que era filho do coronel, parente desse pessoal aqui, desse terreno aqui hoje. Em São Paulo nós discutindo, nos anos 70, ele falou comigo assim

-você Boi, num tem jeito com você. Eu pelejo pra ajuda você, sua mãe me entrego eu você. O pobrema é que meu mal é te considera você. Se eu não considera você... família minha num gosta nem de ver a **sombra** de nego lá em casa

Eu falei assim

-mas você precisa, eu até peço a Deus perdão, sabe porque ocê gosta de mim? Porque cê precisa do escravo. Cê num tem escravo eu tenho que ser seu escravo.

Mas isso aí num foi pra ofender não, eu tava bebo também, num era de mardade não.

F – mas o senhor não deixou de falar a verdade

MB – cê entendeu? Então aqui é isso aí ó. Essa divisa aqui, o meu pai se ele não lutasse nem isso ai num sobrou não. Aí junto aí uns 12 nego né, aí tinha o tio do coronel ali em cima... num consigo lembrar o nome dele não, que também gostava do nego. Era muito rico né. Ele adoeceu e ficou pobre, adoeceu ele e a mulher. Aí ele veio aqui e falou com o meu pai, Raimundo Januário, com uns outro aí né. Se eles quisesse ficar na terra que fosse com ele até

Rio Branco, que ele ia... num sei se ia era doar, era um negócio que falava naquela época. Aí juntou o pessoal tudo aqui, e aquele que pode ir de pé, foi né, aí deram um documento lá, não como doando né. Aí depois quando eu parei de beber em 1984 né, eu já tinha... eu devo ter alguma coisa no sangue que eu já fui mexer nesse negócio de terra, mexer com as coisinha. Aí foi lá em Rio Branco no primeiro ofício, tem o primeiro e segundo ofício, fui no primeiro. Começaram a me pergunta lá. Que eu iria registrar a terra do meu pai, e todos que eles olhava lá tava escrito assim

-Lidugero.

Os dono dessa área aqui era tudo Lidugero. Só Lidugero. Aí o escrivão perguntou pra eu assim

-uai porque que ce tá mexendo nisso aí?

Aí eu falei

-não é porque eu bebia a cachaça e tô com vontade de olhar as terra do Córrego do Meio lá sabe

Aí ele falou

-é porque é... os dono daquilo ali é os Lidugero.

Aí eu fiquei sabendo que os dono das terra era o Lidugero né. Fois que fundaram o cartório sabe. Aí eu consegui levantar lá e fui pra receita né, arrumando documento até registrar o terreno daqui. Então foi uma luta muito difícil. Já o meu tio né, foi embora pro Rio perdeu tudo, os outro foi tudo cercando né. Aí eles ia vendendo um pro outro quando cê fosse ver já tava pondo no cartório. O cartório foi eles que fizeram o cartório E eles num gosta que falar até hoje não. O cartório de Paula Cândido tá até hoje

F – Mas essa é a lei né. Hoje se agente for analisar, não mudou até hoje né. Então assim, tudo contra o negro né. A igreja era contra o negro, os cartório era contra os negro, a polícia né. Então assim hoje pro cê ver, quem são os juízes que define as leis no país, a origem do Sérgio Moro, a origem de Gilmar Mendes, são tudo dessagente ainda dos coronéis. A maioria dos cartórios hoje de registro de imóveis é ainda pertencente às famílias tradicionais das cidades. E é a onde tá travado a questão da demarcação, da titulação, até hoje por isso. E quando criou o INCRA né, a pedido de Don Luciano Mendes, que ele era presidente da CNBB, ele pediu então que o... que tivesse um órgão no Brasil que resolvesse a questão da terras né. Então

criou o INCRA. Mas criaram o INCRA, criaram uma instituição, mas colocaram quem? Um fazendeiro lá, na instituição.

E aí a Pastoral da Terra, o CIMI, esses movimentos sempre foram sempre perseguidos exatamente porque eles sempre fazia luta pela questão da demarcação e do reconhecimento do território. E aí é muito difícil cê fazer registro de imóveis hoje, sobre tudo dessas terras que é considerada território de povos tradicionais porque, pra garantir o registro de um quilombo hoje num precisa de um pedaço de papel, mas tem que ter a memória né. A prova que ali moro o avô, o bisavô, que ali tenha algum símbolo que foi pertencente de que alguém viveu ali há 80, 100 anos atrás. Isso serve como documento. A nossa sorte né. Se não nós tava lascado.

-isso é o que?

MB – Isso é o maracujá do mato!

F – Ah sim

MB – tô estranhando ele aqui, tem muito tempo que eu não vejo dele. Alá rapaz, tem muito dele ainda lá em cima lá

P – é tá carregado ali né, carregado mesmo

MB – isso serve pra remédio, serve pra tudo quanto há. E é muito né rapaz?

F – no norte de Minas eles usam pra quem tem problema de pressão alta. É o remédio. Taí ó.

MB – alá. Muitos anos que eu não via ele rapaz. Foi até bom ficar deserto aqui uns tempo né

P – cê falando dessa memória o Tião, foi bem... da cerca pra lá, na fazenda é pasto, da cerca pra cá tem até maracujá do mato né. Quem cuida da terra, que povo que cuida da terra hoje?

Achamos alimento

F – é mesmo. onde

MB – é o maracujá, num me lembro nem... tô falando com vocês aqui que eu sou nascido e criado aqui. Ele tinha sumido muito tempo, esse é o maracujá legítimo né. Agora eu tô olhando no mato a lá? lá em cima lá tem bastante dele lá. Serve pra remédio. O suco dele é deferente, sara bronquite, que que cê falou mesmo aí?

F – pra pressão alta

MB – agora vocês... nós tão conversando aqui é... a pessoa... a tia Joaquina hoje tá com 96 anos. Mas outras pessoas que morreram aí, meu pai morreu com 90 né, outros que morreram aí... Agora vocês faz uma ideia, quando o Martim, o escrivo Martim morreu, cumé que eles

arrumaram? Deve ter queimado um montão de documento, entendeu? Por que foi eles que fundou, foi eles que fizeram, foi eles que manteu. Esse que tá lá hoje é sobrinho do Martinho do cartório.

F – uhum

MB – então ele oia pramente assim ó. Ainda mais eu que sou mau... olha... Às vez eu começo a fazer alguma coisa... É por isso que eu falo sobre o quilombola, o nosso quilombola já era pra ter registrado no cartório civil e no cartório de móveis lá em Viçosa. Nós era pra ter feito. Mas num é agora não, era 2006 era pra eles te feito tudo isso aí. Eles num tão se preocupando com esse troço né. Lá trás do barracão, na hora que eles bater com a neta do coronel, que tiver com a chave da fronteira, abrindo e fechando a chave da fronteira aí que vai tar o problema

-pera aí! Eu tenho 20 apartamento, tenho 30 apartamento, isso é herança de vovô, esses cara quer tomar troço de vovô. O que eu pude amarrar aqui dentro eu amarro.

Agora nós num sabe onde que eles tão certo. Se eles tão lá na... se é o Deputado, se é o Ministro, se é o excelentíssimo, nós num sabe quem é que é. Agora se tiver... nós já era pra tá com documento na mão rapaz. Aquilo ali é fácil, é barato aquilo ali, é só levar num cartório ali rapaz. Levar lá e pronto. Pra quando eles bater com a barreira lá na frente

F – É

MB – por que os documento... todos documento tem que ter valor, mas só se tiver autenticado. O nosso não está. Tá como vocês mesmo sabe. Pra nós ter mais segurança. Agora cê fala com uns e outro aqui pra mexer no território

-num vô mexer!

O outro falou que num precisa. Então vamo espera então ué. Que seja feita vontade de Deus não a nossa. O que eu tenho medo é da barreira, os espinho que eu tenho encontrado. Se eu não tivesse encontrado espinho nenhum ao menos. Tem uma barreira lá na frente, nós num sabe quem é o cara. Hoje no Brasil, falo sem medo de errar, quem fecha a fronteira? Se vocês souber cês me fala. Quem tá abrindo a fronteira? Esse montão de arma tendeu? Esses 80 que foi preso agora? Eu tive lá agora esses dias em São Gonçalo pra cima, 80 policial num é 2 dias não ué. Quem é que tava abrindo aquela fronteira? Pra essas armas entrar aqui no Brasil, tem que ter alguém que abra essa fronteira e tem que ter alguém que fecha essa fronteira. Ele num é, eu num sou, ocê num é, que nós somos formiguinha miúda. Num somos. Tem alguém

que abre essa fronteira e fecha essa fronteira. Então nós fica caçando justiça se não for a de Deus nós num acha em lugar nenhum não ué! Porque é o mesmo que tá abrindo a fronteira tendeu?

F – é o mesmo

MB – é o mesmo que fecha. Se o cartório aqui, naquela época né, eu num era nem nascido... fundaram um cartório, depois ces fala da terra grilada e ba ba ba..., sabe comé. Uai, fundou o cartório... e o Martinho, eu conhecia ele muito né, ele era manco, ele tinha um acidente, num sei se foi cobra que mordeu que que foi, qualquer coisinha que ce chegava lá, falava assim

-ó, Martinho minha terra vem até aqui. Aqui quem manda é nós né? Aqui quem manda é nós. Ele era de pequena estatura. Cê conversa um cadim... num tinha nem telefone, tinha um negócio lá que conversava assim, policia chegava na hora, pronto. Aí cê ficava calado. Aí ocê chegava lá

-oh Martinho eu tenho aqui 100 alqueires de terra

-então faz aqui tal tal tal que tá pronto.

Agora, pra tirar...

É por isso que o cara ali... ali tem... de baixo do angu tem algum tixe, num sei o que que é, mas tem algum tixe ali sabe. Que eu lá vou correndo atrás ali, aqui atrás, um fala comigo uma coisa, outro fala outra coisa, aí um deles chegou pra mim e falou comigo uma coisa, tem uns 5 meses

-é, nós comprou aquele terreno dali mais num passou ainda o documento

F – porque não tem documento

MB – pra quem num sabe ler?

F – um pingo é letra.

MB – vão sair por aqui mesmo.

F – agora a hora chegou

P – bateu a hora

MB – Aqui é a Bananeira que eu escondia nela, aqui num tinha água e aí cê via quando a policia passava lá ó. Essa bananeira aqui ó... bebia cachaça e fazia bagunça, aí saia e escondido aqui dentro, era uma bananeira muito... agora tá acabando igual a eu mesmo

F – ela era fechada né?

MB – isso aí é... pergunta eu quem plantou isso aí? Pergunta meu avô? Que ninguém sabe. Banana pura aí. Ninguém cuida, ninguém faz nada. A coisa que mais dá dinheiro no mundo, é banana rapaiz, cê corta praticamente uma vez na sua vida. Os cara vem aqui cortar e ainda corta o pé lá em cima ainda.

Essa bananeira aí se tiver, deve ter uns 200 a 300 anos, num acaba né?

F – acaba não

MB - comé que quilombola vai querer pegar terra dos outro se não tá cuidando nem da dele, em? Isso aqui era pra tar nesse mato aí companheiro, em?

F - era pra tá um plantio bonito aí né

MB - com água de cima lá. Olha bem, água aqui, água ali e água lá ó, tá entendendo?

F – e a terra aqui é um terrenão né?

MB- e bom. Tudo que se planta dá. Aí o preguiçoso veio pra cá, falou que ia pranta aqui... ele bateu ali, plantou aqui. Essa ameixa aqui ainda é do veio ainda né.

F – é?

MB - boa pra suco, boa pra tudo

P – os passarinho tão comendo ela toda

MB- isso aí é os menino que vem panhar ameixa. Quer levar um poquim não?

P - lá em casa tem demais dela

MB - tem ameixa ?

P – Tem dessa ameixa

MB - eu quando falo com vocês, essas coisinhas que você olhou assim, a coisa quando lá vai acabando, é coisa que eu conversei com você lá em casa, ela vai acabando assim. Agora eu posso dizer pro cê com toda certeza, a fogueira de Santo Antônio aqui, cê viu que que a outra falou lá em cima. Quando ela falou é porque já tá... já desanimou com a comunidade.

Eu faço dois tipo de trabalho, eu trabalhei fora e trabalho dentro. Quando ele voltar pra dentro é que vai bater com peso, dentro de casa num é? Então não adianta eu ir pra universidade sábado, falar isso sobre comunidade, falar que luto, e chegar aqui nós não tem nem reunião, nós não tá nem conversando, nós não tão fazendo reunião pra dar o progresso no cabimento do troço ué. Então para que o quilombola tenha direito de uma bolsa, para que tenha direito

de uma terra, para que o quilombola tenha direito no estudo, para que o quilombola tenha direito de alimentação, para o quilombola tenha direito de ir e volta, é preciso que ele faça as coisa direito. Negro duas vezes não compensa né. Basta negro uma vez tá bom, num precisa de negro duas vezes não. E se ele fizer um troço errado, ele tá sendo negro duas vezes seguida né. O outro tá errado? Deixa o outro tá errado pra lá. Mas ocê tem que fazer o troço direitinho. Quando ocê bater na justiça, uso falar o capa preta, ce vence lá na frente rapaz! Agora chega uma pessoa que diz assim

-pergunta o presidente aqui, que dia que teve um reunião quilombola

-num sei...

Tem que ser no mínimo uma reunião por mês, no mínimo pra comunidade. Agora vem uma bolsa, vem um trem assim cê corra lá... a nossa comunidade tá trabalhando é pessoal, num é em grupo né.

-eu to bem pronto!

-o outro tá bem!

Num funcionante. A presidência da república se ela trabalhasse em grupo, num tava igual tá não. Chamou uns grupinho lá, alguns, e falaram algumas coisinha lá Aí ditou algumas coisinha lá, e ficou ditando eles lá

P - O senhor fala muito dessas antigas pessoas aqui que ajudava muito a comunidade né. As conselheiras, benzedeiras... cê acha que a falta dessas pessoas prejudicou bem a comunidade?

MB - Nossa Senhora da Aparecida! Senhor do Bom Jesus de Congonhas! Num tem uai. Num tem um conselheiro! Uma pessoa, autoridade... as autoridades se eu tive falando errado Deus me perdoa, as maiores autoridades do mundo num tem como resolver o problema de família porque eles têm problema na família né. Eles não tão resolvendo o problema deles da família. O Excelentíssimo Juiz, o Excelentíssimo promotor, o Excelentíssimo Governador, o presidente da república. Os problema de família, é problema de comunidade. Os problemas de comunidade se chama problema de família rapaz. Comunidade é família. Num importa se eu sou primo, se eu sou parente não, comunidade é família. Sabe quem resolve esse problema: é nós e Deus. Por aí cê vê só, você já tá aqui há uns 10 anos, acho que é 10 anos, 11 anos,

-o que que você resorve sem nós? Nada, entendeu?

O professor Léo não falo ali, de baixo da coberta ali,

-nós tamo aqui pra ajudar.

Vocês tão aqui pra ajuda nós uai. Mas quem decide é nós. Cê num viu a outra falando com você ali, falou com Farinhada pra pedir... tem que se de fora.

-o que que vocês vão fazer com... chegar aqui com 100 pessoas de fora se não tem ninguém da comunidade?

Cês não responderam nada, mas eu tou respondendo ué!

-que cêis vão fazer se não tem um da comunidade pra ajudar ocêi?

Então o babaca aqui agora não tá aguentando mais trabalhar... é ele que tinha que correr atrás de tudo, ele tinha que resolver tudo. Quando eu comecei a deixar pros outros tá, tá dando o que tá dando aí, tá dando o que tá dando. O professor Léo falou

-viemos aqui pra ajudar a resolver o problema. Mas quem decide é vocês.

Se você disser

-aqui é pedra!

Quando eu fui procurar farinhada pra caçar o fulano de tal e o presidente quilombola, ele foi lá falou com o Léo. Léo veio e falou, Guilherme já tava no caminho...

-eu tô falando aqui Farinhada, que a outra lá em cima quer fazer uma quadrilha, mas tem que vir todo mundo de fora, tem como vir todo mundo de fora? sem ter ninguém pra receber aqui?

F - Tem jeito não

MB - Ocêis vem aqui ajudar! isso aqui é a comunidade quilombola do Córrego do Meio! Então nós nenhum pode valer nada, mas é nós que tem que decidir rapaz, vocês vem pra ajudar

F - Pra somar né

MB - A universidade só entrou... essa parceria que foi feita entre universidade e campo aí, foi porque entrou junto, num tem o Troca de Saberes? Pra que isso aí? É pra essas coisas. Agora eu vou chegar lá, e vou falar

-estamos bem. Recebemos certificado.

Não! Perai! Nós num tamo bem não porque, nossa raiz tá apodrecendo rapaz, nossa raiz tá apodrecendo. Um prédio quando a coluna começa a apodrecer a laje vem abaixo rapaz, num adianta não. Nós tem que juntar. Se eu não vou na sua casa, eu vou lá e te convido

-vamo lá fazer a reunião?

Até reunir ali três, quatro, oito, nove, uma vez por mês começar a conversar. Agora, eu pego minha bolsa de... entendeu? Vou lá e guardo ela sozinha lá e volto. A comunidade é maior do que nós rapaz

F – é verdade

MB - nós somos, eu não tô lembrado... é doze. Na comunidade, só cadastradas, deve ser uns 54 por aí. Naquele dia que Deus botou na minha cabeça que eu falei assim

-vamos fazer um novo cadastramento, só em comunidade?

Assustou eles, assustou eles. Quer dizer, num veio nenhum. Porque agora, se não veio ninguém pra fazer um novo cadastramento, então de baixo do angu tem tixe. Agora eu começo a falar

-de baixo da angu tem tixe.

Quem apareceu lá foi cumpade Bené. Tá escrito lá, eu escrevo tudo. Natalia e eu e um garoto meio fraco da cabeça ali. Das quatro horas, esperemos até nove horas e num apareceu ninguém sabe comé. Você se lembra que a menina falou que pra fazer o novo cadastramento tinha que eu tá junto, aqui pra ela né. Fazer igual aquela música

(canto)

Aqui pra ele, aqui pra ele, aqui pra ela!

Num tem não rapaz! Tem que começar a botar eles pra trabalhar rapaz, pra trabalhar.

-Antônio Boi não, Antônio Boi lá vai rapaz. Mestre Boi já vai lá, vai embora rapaz.

Tá na hora deles começar a trabalhar. Quando eu saí da Fundação Palmares o cara deixou bem claro

Quando o senhor volta aqui, o senhor volta com um jovem ou com uma jovem pra explicar

F - é

MB – quede?

-num tenho dinheiro!

-agente arruma a passagem.

Já fui lá duas vezes. Em quanto eles tão trabalhando eu to indo lá direitinho. Já tô aí com um bandis (banner) pronto, com o dinheiro que Deus me deu mesmo. Fiz direitinho, vou homenagear lá a Fundação com esse... peguei as pessoas, peguei até uma mulher aí que

morreu a muitos anos a Dona Batista, eu tenho falado pouco nela. Eu falei nela, cê viu ela lá em cima né ?

P - Uhum

MB – Uma doida. Que criou o resto dos fio, mesmo doida. A mãe de Alexandre. Cê num conhece Alexandre também não. Conclusão, essas pessoas ai ó... fiz lá. Vou levar agora, se Deus me der saúde, agora dia 20. Vai eu e Natália. Eu convidei o professor também lá pra ir com nós. A Natália deve de ir. Agora que Natália tá com vontade de ir lá.



Ilustração: Ramon Teixeira – Assombração do cavaleiro.

## VENENOS, ESPERANÇAS E FESTAS

Como cantar Deus em terra estranha?

Zé Vicente - eu nunca esqueço Tião o grito da Ana Maria Quíchua do Equador quando veio pro encontro de Santa Maria no Rio Grande do Sul. Falaram assim

-nós vamos pedir perdão aos indígenas.

E ela ficou irritadíssima

Ana Maria Quetchua - no tanto perdon, pero justiça! Nosotros, los indios de América, debíamos cobrar de la Santa Sede del Vaticano y del gobierno de España que nos pague los daños de los 500 años. Usted estan rezando este salmo

-como cantar a Dios en tierra extraña?

Para nosotros el desafío no fue ese. Fue cantar un Dios extraño en nuestra tierra.

(Encontro de artistas da caminhada na casa de Amauri e Vera na comunidade do Cruzeiro em Espera Feliz. Agosto de 2017).

Presentes:

Tião Farinhada

Guilherme Padero

Zonas das Matas

### ÍNDICE DO CADERNO:

Se a humanidade nasceu na África, que filhos desnaturados nós somos

O sangue de índio é o que bate mais forte em meu coração

Puri é povo livre, e eu não gosto de patrão

É a natureza que amamos.

Se patrão fosse frango eu comia um por dia

O sangue português eu não quero

eles foram muito malvados com a vida.

O sangue negro é negociante com patrão

O negro que comprou essas terras, de escravo tornou-se mandão.

O QUE FIZERAM COM SEU POVO? Ele perdeu a indignação.

Mas, sarava!

A CEBs foi o despertar da região.

(Minhas anotações de campo. Inspirado nas conversas com Neném Lupin, índio Puri de Araponga, Minas Gerais)

## TRAVESSANDO

Esta vivência foi feita em trânsito pelas cidades de Manhumirim<sup>82</sup>, Mirante Padre Júlio Maria, Assentamento Padre Jesus e Viçosa no dia 12 de julho de 2017.

Fui buscar as cumbucas<sup>83</sup> para a Troca de Saberes no dia 11 e dormir na casa de Tião, onde eu, Eliane, parentes e amig@s saboreamos um galope<sup>84</sup> feito por Tião. No outro dia fomos ao assentamento buscar as cumbucas que foram usadas na fogueira de São Pedro dias antes. Nos trajetos fizemos paradas, visitas e rodamos muito trecho onde realizamos as conversas.

Início este caderno com conversas minha, Farinhada e Zonas das Matas a partir do mirante Padre Júlio Maria. Apesar de termos saído da casa de Tião em Manhumirim e termos andado de carro cerca de 25 km até o mirante, resolvi começar o caderno deste ponto pois identifico que Farinhada entra no clima da pesquisa, ou me prende em sua narrativa, quando pisamos no mirante.

O que Farinhada frisou nesta caminhada foi reivindicar a posição de artista, de camponês e de militante, posições que expressam seus sonhos e indignações com as condições humanas. Artista-da-roça e da caminhada; camponês-quilombola e artista; e militante cultural e da roça, ele se coloca na sociedade na medida em que marginaliza suas lutas. Roda o país feito **espírito** cantando musicas de roda, de ciranda, de capoeira, sertaneja animando militantes e participando de conquistas de terra fortalecendo a reforma-agrária.

Durante as caminhadas procurei, quando possível, estabelecer algumas identidades: escravo, trabalhador, senhor, negro, branco. Em vão. Não que seja impossível demarcar essas identidades, mas achei emaranhados, fronteiras. O que precisou mudar foi minha forma de olhar. Igual a Boi, Farinhada usa termos diferentes para os donos de terras: fazendeiro, coronéis, patrão, doutor. Tratam de maneiras diferentes os donos de terra. Muito embora os dois concordem que não exista “gente boa” nesta classe, suas histórias de vida são cheias de

<sup>82</sup> Cidade onde Tião mora com sua esposa.

<sup>83</sup> Em 2014-2015 estávamos organizados através do projeto ECOAR: práticas, ciências e movimentos (MCTI/MAPA/MDA/MEC/MPA/CNPq). Neste projeto realizamos o curso “Interfases entre agroecologia e cultura” em três módulos: 1º - Fogueira de São Pedro “Celebrar também é Agroecologia: Festa, Trabalho e Broa”. 2º - Universidade Federal de Viçosa, Troca de Saberes: “Fronteiras Agroecológicas”. 3º - Festa de Nossa Senhora do Rosário no Quilombo Colônia do Paiol: “Terra, Terreiros e Territórios. Colônia do Paiol”. Para o primeiro módulo o projeto financiou 500 cumbucas de barro para servir os alimentos da festa. Junto com as cumbucas foram confeccionados

<sup>84</sup> Um prato com origens híbridas do nordeste e de Minas Gerais a base de carne de galo e pé de porco.

casos de “bons” fazendeiros. Um risco que corri, tentar ter em mente algo fixo. Percebi depois que o pedido tanto de Farinhada quanto de Boi eram dar continuidades em seus sonhos e trabalhos. Eles entendem bem o lugar das opressões em suas vidas, porém, penso que o trabalho de conexão entre os diversos modos de ser na sociedade é o que lhes interessam mais.

Com este caderno *Venenos, Esperanças e Festas*, consigo vislumbrar alguns encontros que possibilitaram as formações de outras Zonas das Matas: os encontros de Boi e Farinhada com seus familiares que os iniciaram na vida artística as migrações das famílias de Tião Farinhada e seus encontros com os movimentos das Pastorais da Juventude (PJ), Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Sindicatos de Agricultores e Agricultoras Familiares, movimentos negros. Esses encontros possibilitaram uma vida mais digna para esses povos.



Farinhada discursa para Don Luciano do Encontro Nacional da Pastoral da Juventude em Espera Feliz

Começamos este caderno com histórias dos movimentos agroecológicos, da família de Tião Farinhada, seu avô Manoel Felício, Irene Maria Cardoso<sup>85</sup>. Aparecem logo no início do caderno, essas são conexões – trajetórias familiares e movimentos políticos, culturais, sociais – estão sempre presentes nas reflexões tanto de Farinhada quanto de Boi.

<sup>85</sup> Professora do Departamento de Solos da Universidade Federal de Viçosa, foi presidenta da Associação Brasileira de Agroecologia por duas gestões consecutivas, 2013 a 2017.

## EU SOU DESCENTE DO POVO PURI

### **Sebastião Farinhada – aí o povo foi fazer uma atividade lá no Zé Vicente na Varge Alegre,**

Irene com cabelo preto ainda né, falando os negocio do manejo da diversificação, e essa época eu capinava muito na roça e tinha a fama de maçador né. Maçador é o cara que capina mas não corta o mato todo né. Aí eu peguei e falei assim:

-então meu avô tava no caminho certo né, dizia que mato era cabelo da terra né.

E a maioria das pessoas achava que a lavoura pra ela ficar bonita cê tem que cortar o mato todo não pode deixar um pé de mato. E esse povo antigo já sabia né, se ocê deixar o solo sem cobertura nenhuma, se da sol demais vai prejudicar o solo, se chover demais a água vai levar toda vitamina que o solo tem embora e aí agente tem que infelizmente, de certa forma fazer essa observação, enquanto isso não for pra universidades pra ser estudado e pra ser pesquisado não conseguir convencer algumas pessoas que e importante deixar o mato.

Guilherme Padeiro - E seu avô vivia em que região?

SF - Município de Carangola, a vida toda no município de Carangola e Divino né.

GP - Mas na zona rural né? E que chamava como?

SF - na zona rural, ele morou em duas comunidades. Comunidade de Conceição, município de Carangola. No município de divino, hoje chama Periquito. O córrego chama Serra dos Delfinos.

GP – Seu avô chamava?

Sf – Manoel Felício.

GP – que era pai?

SF - pai do meu pai. Era um homem bebedor de cachaça. Um litro de cachaça pra ele era (risadas) era aperitivo né. E é um cara assim que viveu uma época difícil né. Sem tecnologia nenhuma, foi uma opção memo. Criou duas famílias, o meu pai é do segundo casamento dele, criou duas famílias na roça, daquele jeito sofrido né. Sem terra! A minha avó recebeu uma herança mais não tinha documento, aí eles foram comprando no mercadinho, naqueles mercado de roça e o cara foi anotando no papel de pão, quando pensa que não eles perderam a propriedade. E então ele foi criado assim nas fazendas, trabalhando nas fazendas, carriando, fazendo balaio, que ele tinha essa prática né, fazia balaio, fazia quiçamba, fazia aquelas quiçambas pra tropa né, ele era um mestre no bambu também, a enxada ele cavava no bambu,

sabia muitas coisas dessas culturas. Porque esse povo aprendia? Porque cê vai pagar alguém pra fazer? Então as pessoas aprendia esses ofício pra não ter que pagar ninguém pra fazer né. Então era muito comum esse povo saber várias profissões, por mais que dedicava só ali à roça, à agricultura. Ali sabia fazer casa, trabaiava de carapina, esses serviços artesanais que cê precisa, da peneira, do balaio, tudo isso esse povo sabia fazer.

GP- Você não acha que além de saber fazer pra não ter um gasto contratando, tipo terceirizando o serviço, isso também era uma prática comunitária?

SF – Comunitária.

GP – Por que você falando isso me lembra de algumas imagens de povo de África né? As comunidades fazia tudo.

SF - É essa tradição, África-indígena né. Porque na comunidade isso e uma forma até mesmo de você proteger a comunidade, de esses saberes ser socializado pra todo mundo ter esse conhecimento. Agora, algumas coisas... pelo menos assim observando da minha família, do lado da minha mãe algumas práticas era as mulher que domina, algumas práticas são homens que dominam. Então nas comunidades tradicionais, tanto os povos africanos, quanto os povos indígenas, alguns saberes só é pertencente das mulheres, só as mulheres podem exercer essa função. Hoje isso já modificou muito... da mesma forma pros homem.

GP - Tem machismo nisso ce acha? qual a diferença do machismo pra essa diferença de saber?

SF - Olha, nós tamos no mirante da Serra do Caparaó em Alto Jequitibá, e tamos recebendo um telefonema da Maria José.

(...)

Mas o Padero, machismo é machismo né. E só que ele hoje ficou institucionalizado né. Mas quando... segundo o Padre João que trabalhou em África e tudo com esses povos, quando existe um acordo não tem crime, não tem erro, nem tem machismo. Se uma comunidade faz determinado acordo, se isso aqui e função das mulheres e isso é função dos homens não se entende como machismo, e as coisas do mundo pós-moderno, a invasão europeia nessas culturas foram o que o tempo todo mostraram determinada situação: primeiro você impõem um modelo de religião e os modelo de religião são centralizadoras, são religiões machistas e isso começa um conflito nas comunidades. Se você pega os povos originais, na história dos povos originais não existe situações de estupro, de violência. Isso hoje muita gente critica os

muçulmanos na África né, que faz estupro coletivo violência contra as mulheres mas o que os estudiosos contam, que isso foi uma prática colocada pelos brancos quando invade a África. Isso repercute, os mais novos começa a achar aquilo naturalmente. E isso aconteceu na mesma forma com os povos indígenas. Então assim, por exemplo, a tradição dos povo Puris mesmo: as mulheres são responsáveis pelas questão das rezas, desses saberes né. Qualquer família que cê for conversar  
-eu sou descende do povo puri

### OS SABERES SÃO COLETIVOS AOS PÉS DO CAPARAÓ

**Cê pode saber que as rezas e as benzeções estão ligada às mulheres. A minha mãe** aprendeu a rezar e a benzer com a Avó dela que era Puri, que era gente pega no mato. Então as outras funções caçar, fazer o balaio, fazer arma de caça, fazer ferramenta é uma função determinada aos homens, fazer a casa e tudo. Eu acho isso maravilhoso, eu acho isso bonito. Não que a mulher não possa e não deve aprender, porque os saberes é coletivo né. Eu conheço algumas mulheres, por exemplo, a minha avó em um dia de São João, o mastro de São João, a caixinha que ela usava o santo tava quebrada. Ela sentada na cadeira de roda ela falou comigo:

-faz assim, faz assim, põe isso, corta aquilo...

Ela sabia fazer, entendeu? Então, algumas mulheres sabe e domina as mesmas práticas que os homens domina, porém, se for o caso de necessidade ela até faz, mas ela orienta como faz. Então eu acho isso bacana sabe, essa socialização dos saberes.

GP – Ficou bem visível isso... é bem visível isso na festa de São Pedro. Eu participo da festa há quatro anos, tem essa marca da divisão de trabalho, entre trabalho feminino e masculino, não que não tenha homens no espaço de mulheres e mulheres no espaço de homens

SF – É faz parte da reivindicação das mulheres que tenha homens lá no espaço da cozinha.

GP – por exemplo lá na feitura das broas o homem ficava responsável pelo fogo que era o serviço mais

SF- A mãe que sempre fez isso sozinha. E as vezes quando agente chegava perto era pra fazer alguma coisa, ela sempre dominou isso sozinha.

GP – Lidar com o forno ali?

SF - Lidar com o forno. Aquilo ali. Então assim é importante agente sempre... hoje quando agente vai dividir o trabalho ela reivindica que tenha um homem lá. E é importante. Antigamente a mãe pegava um balaio de 60 quilos hoje em dia não tem necessidade disso, fruto disso tá lá com a coluna, sofre de uma coisa, sofre de outra, então assim esse serviço mais pesado se tem uma pessoa, se tem um homem pra ajudar pra contribuir, pra fazer, então não tem necessidade das mulheres fazer. Isso eu compreendo e é importante o homem tá lá pra ele saber também. Saber a hora que a broa tá no ponto de tirar do forno, saber a quantia certinha do que se usa, a farinha, o fubá, o melado, a quantidade certa, por que é importante os homem ter esse conhecimento e saber disso.



Mulheres e homens nas feituas das broas para a festa de São Pedro de 2016  
À direita, de blusa azul, Dona Maria, mãe de Tião Farinhada e matriarca da festa  
Foto: Guilherme Padero

GP – Vamos descendo?

SF - Só da um close aqui no Caparaó. Esse e o segundo pico mais alto do Brasil, antigamente era o terceiro, mas quando teve aquele terremoto o Katrina, aquele Tsunami que mexeu na placa, no mundo, na Terra, ele subiu um pouquinho e tá liderando aí, só perde agora pro pico das Agulhas Negras né<sup>86</sup>. Olhando daqui pra lá tem dois, o da frente é o Pico do Cristal e o de traz é o Bandeira. Da impressão que o Cristal e mais alto mais não e não, é o Pico da Bandeira, que é o mais alto. E essas montanhas, a Pedra Menina tá bem cá no cantinho né e ela praticamente tá toda no território do Espírito Santo. E aí se esconde várias histórias, várias

<sup>86</sup> O pico da Bandeira continua sendo o terceiro maior do Brasil, atrás do pico da Neblina e do pico 31 de março ambos no Estado do Amazonas.

segredos de povos que viveu aí. Tem grutas dos índios, que é dos Puris. Na década de 1960 a guerrilha do Caparaó aconteceu aí nessas montanhas, então é um território que historicamente é muito conhecido né. E o mirante é aqui, Padre Júlio Maria. Que a antiga estrada passava aqui, e só existe esse mirante aqui por que o Jipe rolou aqui e o Padre Júlio Maria morreu nesse lugar. Padre Júlio Maria foi um missionário que chegou aqui no Brasil, da Europa, depois de morar na África, no Amazonas, ele vem pra Zona da Mata e aqui construiu escolas, colégios religiosos, hospitais, grandes obras em várias cidades da região e esse Mirante é um memorial a ele que fica de frente pro Pico da Bandeira. Padre Júlio Maria tá vivendo um processo de canonização pra ele virar santo, se ele virar santo esse lugar passa a ser um dos lugares mais visitados ainda né do ano, vai ter romaria, vai ter procissão. E é montanha de um lado e do outro.

...

GP - Mas voltando um pouco lá pras questões da divisão do trabalho, você falou que nas comunidades indígenas e africanas, pelo relato do Padre João que visitou, tem a questão dos acordos

SF – Uhum

GP – Que parece ser uma maneira de definir trabalhos ali sem imposição. Quando se fala acordo em comunidade se pensa que estavam ali mulheres, homens, crianças, velhos, todo mundo participando, se imagina que seja assim né. Ali na festa vocês conseguem ter esses momentos, ou é uma... ou já virou uma tradição? É assim que faz... como é feito esses diálogos ali pra feitura da festa?

SF – Hoje agente dialoga né. Mas eu quando criança eu observava a minha mãe além de fazer as broa, os biscoito de polvilho, fazer todas as quitandas, eu lembro dela cortando bandeirinha pra enfeitar a sala, pra amarrar... agente num amarrava bandeirinhas no terreiro, mas enfeitava a sala. Eu lembro dela fazendo. Além dessas funções todas, eu fico imaginando como uma pessoa consegue né. Porque não tinha o trabalho da equipe, nós era tudo pequeno, qual era o serviço que nós fazia? Era moer uma cana porque a broa era feito de garapa, era rachar uma lenha, buscar lenha no mato, e essa outra parte... era vigiar uma panela quando o leite tava fervendo, vigiar uma panela pra fazer o canjicão, socar o milho no pilão né, por que

socava o milho pra fazer o canjicão, essa era a parte que cabia a nós e as outras coisas a mãe. E o pai ali cuidando de garantir que as coisa chegava né, de pegar uma junta de boi com o vizinho pra buscar lenha no mato e essas coisas assim.



Na foto anterior e nesta, amig@s e parentes na preparação do palco-palanque da Festa de São Pedro de 2016

Foto: Guilherme Padero

Só que com o tempo agente foi crescendo e a festa foi tomando uma conotação diferente no sentido de ampliar mais o número de participante, aí agente começou então dividir as tarefas no sentido assim: uma parte cuida da culinária, uma parte pensa a ornamentação, um parte pensa a estrutura pra garantir que tenha palco que tenha iluminação. Porque eu lembro do tio Geraldo, o Paulo meu primo, outros cantadores, o Bastião da Francisca, esses cara cantava a noite inteira Padero, sem som! E tem uma panela grande assim, gigantesca que fica ali do lado do forno e ali era feito o quentão, e aí o pai vinha com a chaleira e passava só pros mais velhos, e os meninos ficava com vontade e num podia, às vezes nós tomava uns gole escondido, e os cantador bebia primeiro, e eu pensava assim

**-só pode ser uma porção mágica.**

Porque num tinha som e os caras tomava uma dose daquele quentão com gengibre, voltava de novo e cantava a noite toda. E teve um ano que a festa deu de sexta pra sábado, quando deu de manhã cedo, seis horas da manhã que o dia foi clareando o povo ali no terreiro dançando, num era uma multidão de gente, era ali umas vinte a trinta famílias em torno de umas 60 a 80 pessoas, o povo dançando no terreiro e o dia foi clareando aí o povo foi dançar dentro de casa, que não queria que a noite acabasse (risadas). É muito interessante isso por que os baile hoje não dura a noite toda, e quando dura até de madrugada, quando vai até de madrugada, tem que ter uma intervenção pra parar. Por que o povo as vezes quer continuar mais, o povo num para! E outra coisa bonita assim da tradição das festas Juninas, se você pega o São João, começar com Santo Antônio.

## OS CONTOS EM VOLTA DA FOGUEIRA

O Santo Antônio, o São João e o São Pedro e no final de Julho a festa de Santa Ana elas têm um cunho religioso, então é importante quem faz as festas Juninas não esquecer da religiosidade. **O Santo Antônio que é um santo historicamente conhecido né, por fazer milagres, cura, é um curandeiro, um conselheiro,** e o São João, agente sabe que ele... os antigos falava que ele usava uma bola do mundo na mão que o objetivo dele é que ele era o cara revolucionário né, como se fosse o Che Guevara dos tempos modernos né. **E a vontade**

**dele era colocar fogo no mundo. E aí disse que a mãe dele coçava a cabeça dele e aí ele dormia e esquecia... isso enquanto criança, e quando ele cresce ele incendeia o mundo.**

**Mas com as palavras.** Tanto que ele é considerado, no cristianismo, o homem que abre os caminhos pra Jesus né. Ele fala! Ele é muito mais radical do que o próprio Jesus. Ele então ganha essa força. Se ocê vai pro Nordeste, o São João é mais do que o natal, num existe outra festa no Nordeste. Porque ele é o santo de poder né, de força né, e ele incendeia o mundo com as palavras né. E depois vem o Pedro né, a fogueira de São Pedro. Muita Gente falava: -mas por que a fogueira de São Pedro? E não a fogueira de São João?

Porque a fogueira de São João tem essa conotação forte dele querer incendiar o mundo, mas o princípio é que quando Maria descobre que tava grávida e vai visitar Isabel que é mãe de João Batista e por ela morar no deserto, e quem morava no deserto era as pessoas excluídas, ela acende uma fogueira, e essa fogueira serve como sinal pra que Maria e José pudesse achar a casa. Então eles seguem aquela fumaça e falam:

-ali tem uma casa!

E descobrem a casa de Isabel. Então a fogueira vem desse sentido né. Por isso a fogueira de São João né. Aí nesse embalo o povo aproveita o Santo Antônio, que é o santo forte, faz a fogueira de Santo Antônio, depois a fogueira de São Pedro e a fogueira de Santa Ana que é a mãe de Nossa Senhora que é a protetora das avós. O Santo Antônio não foi martirizado. E João e Pedro foram martirizados. Santo Antônio morreu ainda jovem, mas não foi martirizado como São João que foi cortada a cabeça. Pedro, morto de cabeça pra baixo, crucificado. E Santo Antônio é protetor dos carreiros, onde tem festa do carro de boi você pode ver que tem uma imagem dele.

A fogueira no sentido também que o povo tinha pouca blusa, pouca coberta e essa é uma tradição muito presente na África nas aldeias indígenas de sentar em volta da fogueira do povo de contar história, a escola, **a universidade dos povos é a fogueira**, é a roda envolta da fogueira. É ali que aprende. Os saberes é passado ali. Os contos envolta da fogueira. Então uma fogueira ela tem que ser um lugar de passar informação. Não é só fazer uma festa só por fazer, só pra chamar gente pra comer e beber. Tem que ser um lugar de passar informação. Por isso que agente faz discurso político no dia da fogueira, agente põe bons cantadores pra cantar coisa da terra, pessoas com essa capacidade de fazer né, desse momento festivo

também um momento de troca de conhecimento, um momento de busca de informação e de formação.

## EDUCAÇÃO DE CALANGOS, ESPÍRITOS E FULANOS-DE-TAL

**GP - Você falou muito aí da sua... do seus momentos de infância sua né. Que quanto na** festa você tava ali, fazendo isso, aquilo... na entrevista com sua mãe<sup>87</sup>, também ela lembrou bem da época da sua infância. Como que foi sua infância no meio desses... você falou do seu avô que era conhecedor de plantas, fazia de tudo também como seu pai e sua mãe, como foi ser criança no meio de tanta sabedoria assim?

SF - Ah menino é fazedor das coisas né. Pra que serve serviço de menino? É pra fazer favor, é pra fazer mandado né. E eu sempre fui muito obediente nesse sentido.

-busca isso!

-vai dar um recado fulano!

-vai pedir isso!

-vai fazer aquilo!

E eu sempre fui usado pra isso. E eu sempre fui grande, sempre fui ágio pra algumas coisas

-precisa buscar alguma coisa?

-manda o Bastião porque ele vai rápido, ele corre?

Ia rapidinho, eu dava um jeito de ir buscar, dar o recado que fosse preciso. Então eu sempre observei isso né. Então se tinha alguém passando mal

-vai lá na tia Francisca pedir pra rezar.

GP - E isso era em que Região ?

SF - No município de Divino, na comunidade de São João do Norte onde eu nasci onde vivi até 11 anos, 11 pra 12 anos, onde as primeira fogueiras começou. Nós vamo lá fazer essa proza lá.

GP – aí ia lá na Tia Francisca...

<sup>87</sup> Entrevista realizada no dia 28 de junho, dia da Festa de São Pedro no Assentamento Padre Jésus.

SF – ia na tia Francisca pedir a reza, falava pra quem era a reza e ela virava. Ela ficava de costa pra gente e de frente pro santo, São Jorge. Eu lembro muito do São Jorge, de Nossa Senhora Aparecida e dos caboclo que depois eu fui conhecer né. Eu falava

-mas e esse Santo com cocar nas cabeça?

Esse era os caboclo que ela trabalhava. E ali o Preto Velho, a Rainha que eu imagino que seja a Rainha Conga né. E era esse altar que ela tinha e ela ficava de costa pra gente e rezava a pessoa e quando chegava em casa a pessoa tava boa. E já em algumas situações de agente chegar lá pra pedir reza pra alguém, antes de falar o que queria, ela já falava

-cê veio pedir reza pra alguém, porque fulano de tal tá passando mal né?

Eu lembro que fui da uma noticia que tio Valdemar tinha falecido, quando eu cheguei antes de eu falar, ela já falou. Na verdade foi quando a Tia Zulmira faleceu

-ah, cê vei falar que a cumade Zulmira faleceu?

Então, esse povo num é que eles adivinham, mas a sensibilidade, eles já ali ia percebendo. Só dela olhar a pessoa, ela já sabia que cê ia dar uma notícia de morte, vei pedir uma reza, que cê ia... ou pra dar uma notícia boa. Só dela olhar pro semblante ela já sabia. **Então eu cresci fazendo essas observações, vendo o povo trabalhar, vendo o Seu Antônio Aleixo tampar barraco de sapê, vi o povo amassar barro pra fazer os paiol, tirar lenha no mato pra puxar com carro de boi eu cresci vendo isso tudo sabe, vendo os carro de boi cheiiim de feijão assim cantando pela estrada afora pra ir bater e o povo batia aquilo de enxada, tirar varas no mato colocar na água pra bater os feijão no terreiro.** Então eu acompanhei o pai fazendo isso, meus irmãos mais velhos, o Fernando, o Itamar, o Amauri.

Vamos ir descendo pra pegar estrada.

Fazendo isso e fui aprendendo né, chegou uma hora que eu tive que fazer também, durante um tempo eu fui fazendo. Hoje a minha pratica de vida não está ligada exatamente a esses ofícios mas eu sei, eu sei fazer né, se for pra ir no mato pra escolher um cabo de enxada, qual madeira que eu preciso eu sei, fiz isso ano passado né, precisei pra fazer lá no meu quintal e fui junto com meu sogro falei assim oh

-vamo ver se nós acha um bico de pato, uma canela né.

Aí meu sogro falou assim

-mais o bico de pato é muito pesado!

Falei assim

-mas enxada pra capinar mato bruto tem que ser madeira bruta.

Então eu cresci vendo isso. Vendo essas coisas boas e vendo as coisas ruins também né. As injustiças dos fazendeiros, de mandar os trabalhadores que moravam a 20, 30 anos naquelas fazenda ir embora sem direito a nada! **Tudo isso eu fui vendo né, os assassinatos por causa de briga de divisa de terra e tanto que com 15, 16 anos eu fiz essa opção de lutar pela justiça.**

Fui pro movimento sindical fui me envolver com a política. Fui fazendo isso no decorrer da minha vida e não parei até hoje né de lutar pela questão da justiça pela questão social. E essa coisa boa que acontecia nas festa, ver a tia Francisca chegar com o terço na mão, aí eu não entendia

-cumé que? ela não ia na igreja...

A tia Francisca não rezava na igreja, ela não tinha essa prática de todo domingo tá lá na igreja. Era uma rezadeira que rezava em casa com os santos dela, e ela chegava no dia de São Pedro com os terço na mão cantava as ladainhas e por incrível que pareça ninguém de nós aprendeu as ladainha né. Cumé que ela cantava as reza dela? E eu lembro de um livrinho de capa amarela, tinha alguma coisas que ela buscava naquele livrinho ali né. Buscava umas palavras naquele livrinho ali e rezava e saía com a procissão do santo e levantava o mastro e soltava os foguetes, e tudo isso eu observei . E depois agente foi incorporando isso e sempre dialogando com o pai também pra não deixar de forma alguma essa tradição morrer. As vezes eu vou em alguma fogueira quando eu chego lá, chego sete horas da noite a fogueira já tá acesa, o povo já tá bebendo e comendo, não teve um momento de espiritualidade, nem que seja uma prece, nem que seja parar um minuto, isso não aconteceu. Isso eu fico triste. Eu porque, **eu percebo que a cultura ali já sofreu uma danificação, as pessoas já esqueceram essa memória ancestral né que é a fogueira**, o em-volta dela. O que que acontece antes e o que que acontece depois também, porque o mastro tem que ficar no mínimo oito dias pra depois ser retirado. Então eu na minha infância tudo eu observei isso né, vê o povo passa na fogueira, de querer passar também. Um dia, depois da fogueira eu inventei de ir lá, de passar. Meu primo falou

-pode passar!

Era um... sobrou aquele resto de fogueira né. E nós tão lá esquentando o fogo, aí eu fui passar eu queimei o pé. Tinha um córrego assim do lado de baixo do jeito que eu já passei na fogueira e já fui direto pra água pra refrescar o pé, aí minha mãe falou assim -não! passa gordura que da uma aliviada<sup>88</sup>.

Então vi essas coisa tudo né, o Silvio meu irmão queimar o pé, da Mariana também, na fogueira. Um dia depois, na fogueira sobrou as tora ali, aí os menino vai brincar ali aí o Silvio pega um pedaço da chinela e vai fazer alguma coisa ali e queima o pé da Mariana, uma queimadura que ela tem até hoje a cicatriz né, a marca.

### LUTAS PELOS DIREITOS DE FESTEJAR

**GP – Você falou ali no mirante, quando você mostrou o pico ali da Bandeira de uma** guerrilhas ali né, e você falando ali dessas coisas ruins que você vê, das injustiças, tudo. E ao mesmo tempo a força desse povo, da sua sabedoria da sua resistência né, você falou do mastro em ficar em pé, da importância dessa cultura. Parece que é um lugar de muito sofrimento e muita resistência né, essas Zonas das Matas aqui né, desse povo. Agente fez um encontro quilombola ano passado<sup>89</sup> num lugar de resistência do povo indígena né, como que cê enxerga essa relação de sofrimento e da resistência desse povo? Dessas injustiças, pra um futuro? Essa imagem que você falou do mastro, oito dias em pé. Ele fica ali 8 dias depois de um trabalho depois de uma festa, ele ainda fica oito dias né

SF – demarcação de território

GP – parece que tem uma coisa, uma coisa de futuro né, de projetar, de ligar esse chão com o infinito com o sagrado, uma força que te move pra frente. Como é essas relação dessa Zona da Mata de povo de sofrimento e futuro?

SF - **O nosso povo é um povo de alegria né, um povo de festa e alegria.** Então assim, a tristeza e o sofrimento nunca foi motivo para o povo deixar de festejar. A própria minha família.

<sup>88</sup> Passei pela primeira vez na fogueira na festa de São Pedro de 28 de junho de 2016. Apesar de conferir, acatar e fazer conforme manda o ritual, queimei a sola dos dois pés. O ritual pede que se passe na fogueira nos primeiros cinco minutos do dia 29, ou seja, até 00h:05min; também se pede que reze uma ave Maria e um Pai Nosso; é preciso que passe três vezes; evitar pisar em algo molhado depois; a primeira vez que for passar não cruzar com ninguém no trajeto das brasas. E mesmo assim queimei os pés.

<sup>89</sup> Encontro dos Povos Quilombolas da Zona da Mata mineira realizado na cidade de Piranga em agosto de 2016. O encontro foi organizado pela Rede de Saberes dos Povos Quilombolas.

Tudo que agente já passou: perca de irmão, de parente, meu tio assassinado, minha avó nunca deixou de fazer o São João, enquanto ela tava aqui, ela fez mais de 60 anos a fogueira de São João. **Então assim, o sofrimento não pode ser motivo pra pessoas deixar de festejar, por que o que alimenta nossa esperança é o festejo.** A festa pro nosso povo sempre foi motivo de luta! Por exemplo, por que que agente faz isso? Porque os povos indígenas, os povo africanos quando eles iam guerrear, um dia antes eles fazia festa: acendia fogueira, tocava tambores e cantava e fazia festa. **Festa e reza.** Porque no outro dia era dia de combate. E esse lance do mastro, da bandeira é demarcação de território. Significa que quando tem uma bandeira em pé, se a bandeira permanece em pé após uma guerrilha, significa que aquele território foi demarcado que teve uma conquista naquele território né. Então isso influencia muito hoje na religiosidade popular porque quando o povo começa entender que o cristianismo era uma coisa boa pra libertar as pessoas do sofrimento, eu venho... eu bebo da fonte do cristianismo na linha da teologia da libertação sabe, um Deus que te ajuda que é seu parceiro pra você não viver explorado. Deus não quer a exploração nem quer o sofrimento, ele quer a justiça, ele quer a igualdade, a terra é pra ser de todos. Então os cristão no momento da história eles guerreavam contra os outros povos que não queria... porque eles pregavam filosofia de igualdade e muita das vezes pra você fazer a igualdade você tem que fazer guerra. O inimigo já tem definido o que ele quer, todas as vez que você pautar igualdade, pautar a justiça você vai tá confrontando com quem defende a concentração, todas as vez que agente falar -terra e a água é pra todos!

Nós vamo ter briga com os fazendeiros que quer a água só pro gado deles, nós vão ter guerra com as empresas que quer a água e o minério só pra eles, então isso é uma luta que vem travada a muitos anos. E o lance das bandeiras né, dos estandartes, porque onde o povo passava e aquela comunidade entendia que o cristianismo era um processo de libertação, eles deixava ali um marco, uma bandeira um estandarte né, pra reafirmar que aquele povo ali tem uma identidade, uma identidade própria. E essa fonte do cristianismo Judaico, ele tem a sua fonte nos saberes africanos. Porque é na África onde começa tudo. É da África que vem toda essa força da simbologia né. Esses rituais que agente usa hoje nas nossas celebrações, nas nossas festas populares. Vai atrás da pesquisa que você vai ver que tá ligado a uma memória da nossa ancestralidade, ou indígena ou africana. Que os indígenas também dessa mesma forma eles têm essa necessidade de se auto-reafirmar né, de auto-reafirmar sua tradição, o

seu território através das simbologias. E o povo se respeitava esse território e o povo se respeitava essa simbologia. Então o que aconteceu com a Zona da Mata? A concentração de terra na Zona da Mata: a terra dada de graça! o que aconteceu na Zona da Mata é muito triste, porque aqui viviam os povos, os diferentes povos indígenas, Puri, Tupinambá, os Botocudos em algumas partes, os Goitacazes diversos povos aqui. Cê pega o norte do Rio de Janeiro até chegar nessa divisa com o Leste, que pertence ao território dos Botocudos e dos Krenak, os povos vivia aqui. Então essas terras são dadas por barões pro povo de sangue azul que vinha da Europa, pros portugueses pra fazer plantio de café, plantio de cana e pra extrair ouro. E aí esse povo começa a matar quem mora ali pra fazer essas lavouras né. **E nós, como somos parentes desse povo dizimado, é muito interessante isso: porque dizimaram o povo mais não sua cultura. Isso então significa que o povo sobrevive. Significa que os indígena ainda sobrevive.** Porque quando você mata o povo, você assassina, você mata, você ali mata a cultura junto. **Mas como o povo foi muito sábio né, de repassar pros mais novos e alguns se enfiar na mata e fugir. Essa junção do negro e do índio isso não aconteceu à toa.** Porque o negro que não era escravo na África e aqui não aceitou ser escravo, ele foge pra mata e forma os quilombos. Ele precisa de contar com a contribuição daquele que conhece o território pra fugir que era o Índio. E aí começa o povo a cruzar né, misturar, junta a raça e por isso nós temo um povo bonito e forte desse jeito e resistente. E aqueles branco abolicionista que não aceitavam também a escravidão vai pra essas comunidade e começa... **aonde juntagente, gente começa a gostar de gente.** Por isso nós tem preto do cabelo liso, preto do olho azul, branco do cabelo enrolado, porque aqui aconteceu esse cruzamento dessas três raças e isso tornou uma resistência popular muito forte. Por isso nós tem essa cultura bonita, por isso o tambor, a macumba e ela tá no meio dos branco, no meio dos preto, no meio dos indígenas por isso as tradições dos ciganos né mistura com a tradição dos caboclos. Os caboclos, um dia eu perguntei pra um babalorixá sobre os caboclos ele falou assim

-não tem como no Brasil você desenvolver nenhuma prática religiosa do candomblé ou da umbanda sem respeitar os dono da terra, os caboclo. Nós tem que pedir licença primeiro aos caboclo pros orixás africanos operar aqui.

Porque as entidades se respeita entra elas né, e guerrilham entre elas também né. Elas se respeitam, mas se for preciso se guerrear elas se guerreiam também. Mas essa dimensão não cabe a nós pecadores, porque é a dimensão do sagrado é força espiritual que nós não temos

domínio sobre ela. O plano, esse plano dessa força as vezes agente conhece e tem que respeitar. **E é isso. Nós somos resistentes por causa que somos herdeiros desse povo que resistiu. Resistiu na senzala, resistiu na mata. Por isso que agente resiste, por isso que agente faz festa, por que esses povo fazia festa antes, por isso que agente briga, porque esse povo brigava antes, por isso que agente tem conflito, por que esse povo vivia em conflito antes também.** Mas na fritada dos ovos agente fica com a melhor parte: que é os saberes com poder de cura, com poder de livrar pessoas do mal, o poder de libertar as pessoas, isso nós aprendemos. Desde do fazer a casa, a própria casa pra morar, de fazer a roça, as plantas pra comer e pra curar tudo isso nós recebemos desse povo, as coisas boas desse povo agente aprendeu. Aprendeu as ruim. E algumas coisas ruim que agente aprendeu serve pra nos defender. Eu sei muita coisa ruim, sabe. Mas é defesa. Se algum dia eu precisar de usar eu vou usar. Se algum dia eu precisar... se for preciso eu vou usar! Por que eu aprendi e eu sei fazer. Me ensinaram, as planta que envenena, se for preciso envenenar uma arma, uma bala eu sei envenenar, se for preciso algum dia eu farei. Se for pra libertar meu povo, se for pra essa questão eu faço! E isso agente aprendeu.

Vira a câmara pra lá<sup>90</sup>, olha lá, o bambu. Ele cura, a água dele tira intoxicação das pessoas, ele serve pra fazer casa, ele serve pra fazer rede, ele serve pra fazer cesto pra gente dormir, serve pra fazer esteira, e inclusive serve pra matar fome, o broto do bambu é alimento. E o bambu, se ocê envenenar a ponta dele ele vira uma arma poderosa. Então isso tudo o nosso povo teve que aprender Padeiro e saber e repassar porque se agente precisar algum dia agente vai ter que usar.

Neste momento saímos do mirante e nos dirigimos sentido ao Assentamento Padre Jêsus em Espera Feliz para buscar as cumbucas.

### COM VOCÊS, AS ZONAS DAS MATAS!

**GP – Uma das questões da nossa pesquisa é entender a Zona da Mata como uma personagem.** Vou dizer personagem como essa figura que não tem uma identidade fixa. Igual

<sup>90</sup> Neste momento Farinhada chora. Fica muito emocionado e pede para que eu retire a câmara de sua frente e filme uma moita de bambu.

você falou, é uma mistura. Uma referência, vamos entender uma personagem como uma referência do lugar, por exemplo você, que agente entende que precisa vasculhar sua história de vida pra saber sua formação: **comé que se produz mais Farinhadas?** O Mestre Boi, e a Zona da Mata também como outras personagens. A Zona com uma outra ser, entender a Zona da Mata como um ser também. Aí tamo atrás disso: que Zona da Mata é essa que vocês dois produzem? E que ela também produz vocês. Mas ouvindo sua fala, dessa coisa dá resistência, tem uma relação da memória que vem lá dos povos indígenas, dos povos de África que chega aqui e isso se torna resistência, isso se torna instrumento de luta. Então isso passa a ser também, eu to pensando aqui agora, que a questão também poderia ser: **qual Zona da Mara que nós queremos? Que Zona da Mata que vocês querem? Que Zona da Mata é essa que precisa aparecer, se fortalecer, que ainda precisa. Quem é esse ser que está pedindo?**

Zonas das Matas – Eu acho primeira coisa: é agente se assumir territórios, como territórios pertencentes aos povos. Dos indígenas e do povo negro, dos quilombolas. Entender-me esses territórios divididos, mas tem muita coisa importante que nos soma. Esta é minha característica. Até pelo nome, sempre fui as matas né. Sou regiões que ainda tem as árvores milenares isoladas, ameaçadas de ser extinta, sou regiões que com a perspectiva de futuro, pra gente ter uma perspectiva melhor futuramente temos que romper com o sistema político que atua e que me comanda, desde dos coronéis das pequenas cidades das administrações, ao estilo de cultura e de produção, assim eu não suporto. Sempre fui reconhecida com regiões ricas em mananciais em água, de terra boa. Hoje em alguns lugares já não tenho mais água, porque minhas terras estão nas mãos de empresas ou de grandes fazendas, mesmo em alguns lugares, pequenas propriedades, fui inundada por esse sistema né, e entraram nessa onda da monocultura. É muita coisa assim que precisa de ser reparada pra vocês terem as Zonas das Matas onde os povos futuramente terão água pra beber e terão terra boa pra produzir comida. Tenho regiões muito ricas de minério, de bauxita, e sou praticamente é o único do lugar quase no Brasil que tem esses minerais, e outros minerais que agente nem sabe ainda mas que as empresas já sabem, as universidades já sabem, em mim tem pesquisas feitas ha mais de 50 anos sobre os minerais, sobre os recursos minerais. Sou regiões com grandes rios ainda com muita água, sou regiões que está programadas várias barragens de geração de energia elétrica, não pra iluminar as casas das pessoas, mas energia pra ser vendida pra grandes empresas. E se os povos que ainda resiste abrir mão disso, for pra cidade, for ser empregado, de fato serei

uma região futuramente deserta. Serei uma região que vai ter eucalipto e minerados e serei carente de gente. Não terei gente morando nas roças e nas comunidades. Há uma tendência muito forte das mineradoras chegarem nas pequenas cidades e convencer o povo a vender suas propriedades, a dizer pras pessoas que... isso está acontecendo em mim: em Muriaé, na região de Manhauçu, nessa região mesmo que vocês estão, nesse território né, que ainda é muito rico na produção dessa cultura do café, nessa cultura ainda da agricultura familiar. Eles convencem as pessoas de me vender por um bom preço e ir morar na cidade. As empresas colocam esse modo de vida que vive o agricultor familiar, que vive os camponeses, que vive os povos tradicionais, como um modelo atrasado, como um modelo de sofrimento, que é o melhor maneira de viver é você ter acesso a morar na cidade, que você vai poder cuidar melhor da saúde. Mas como você vai poder cuidar melhor da saúde se você não vai comer o alimento que você mesmo produz? O alimento que você vai comer vai ser envenenado! A água que você vai beber vai ser tratada com cloro, que cloro é veneno. Mas as empresas conseguem fazer isso e estão conseguindo fazer isso em mim. E se esse povo, o povo negro, o povo indígena, os remanescentes não ressurgir, e aí é uma coisa que eu acredito muito, precisa de uma ressurgência urgente desses povos, assumir essa identidade e lutar para que eu não seja destruída.

Serei, sinceramente, num espaço de 20 anos cidades inchadas de gente e terei as terras, esses territórios dominados pela grandes empresas porque as empresas tem uma visão diferente em relação a produção. Tem experimento de soja em mim sendo feito, tem experimento de pastagens sendo feita em mim pra grande produção de carne de boi. E isso é um problema sério porque onde chega essas empresas pra produzir a carne do boi branco vai expulsar quem mora ali, aonde chega a empresa pra produzir a soja, pra fazer a biomassa pra tratar desse gado vai expulsar gente que pra fazer os plantios. Então vocês tem que ter um diálogo muito sério com quem ainda quer continuar na roça, quer resistir pra que eu seja de fato as Zonas das Matas futuramente minimamente com água e comida pra esse povo. E se tratando do futuro, nós já sofremos com a questão da chuva. A chuva mudou de lugar. Chove menos em mim porque o que fazia produzir a chuva era a mata. E a mata foi retirada, foi destruída. E cada dia mais o povo vai embora de minhas terras. Ir embora de certa forma expulso. Expulsos pelos fazendeiros. As pessoas não quer produzir com veneno, os fazendeiros quer por veneno, os fazendeiros pressionam a quem tem as pequenas propriedades a vender as

propriedades. Então assim, estamos vivendo um momento difícil. E se esse povo vai embora, a cultura vai embora também. E passa a brotar uma cultura diferente. Se o povo vai pra cidade vai aparecer outra coisa na cidade, vai surgir uma cultura a partir daquele ambiente. Que eu num sei que que pode acontecer.

...

GP – Eu fiz umas andadas com o Mestre Boi, lá pras regiões que a avó dele viveu, chama comunidade do Segredo, fica atrás do morro lá do Córrego do Meio. Agente subiu um alto e ele foi mostrando e apontando as fazendas que tem ao redor dele ali:

-fazenda de fulano, que casou com filha de fulano, então juntou as terra e aumentou mais. Aí foi mapeando ali né. E chega uma hora ali que você vê um pontinho de eucalipto que é o quilombo do Córrego do Meio, e as terras todas que ele foi mapiando tudo pasto, terra degrada, sem criação, pouca casa pouca família, ele foi falando que os filhos dos fazendeiros não cuidaram da terra foram embora, os próprios fazendeiros foram embora. Enfim, ele foi mostrando ali a sua degradação Zona da Mata, pelos fazendeiros e um quilombo ali no meio. E quando cê fala da expulsão desse povo, da perda de cultura, parece que tem uma relação entre esse povo tradicional, esse povo negro, esse povo indígena, a relação entre esse povo e sua maneira de lidar da com você.

ZMs – Uhum

GP – de lidar com as águas, com os rios, com as matas né. Parece que tem uma relação de muita intimidade, de muita proximidade né, que é quase vamos dizer, um membro do seu corpo, é como se arranca uma mata é como arrancar uma parte do corpo, um braço, e você arrancar o povo da mata é a mesma coisa que você derrubar as árvores. Um braço é um galho, um corpo é uma árvore. Parece que tem uma relação nisso. Como é isso, essa relação tão íntima com você a ponto de se você mexer no clima você mexe com o povo, você mexe no povo, mexe no clima

ZMs – Os povos tradicionais eles sempre cultivaram minhas matas como a sua casa né, minhas terras são como suas moradas. Então por isso historicamente o povo sempre deu a vida por me defender: a mata, por defender o rio. Muitos, muitos povos fizeram isso durante séculos e séculos né. Me defender é defender o povo que vive nela, é defender a terra, é

defender o povo que precisa dessa terra pra comer, pra sobreviver. E além de... não sobrevivo sem o sagrado, o sagrado não existe sem mim. Como você vai fazer, vai desenvolver a dimensão da cura se você não me tem virgem? Se você não tem o solo ali que você precisa? Comé que você vai cultivar os orixás se você não tem as águas que correm em mim? Como fica a situação de Yansã sem o vento, sem o ar, sem o trovão? Comé que você vai lidar com os caboclos se ele não me tem como mata? Se o lugar que ele manifesta é onde sou mata. Oxóssi. Comé que você vai cuidar do sagrado, das cachoeiras? E a tendência cada vez mais dos guardiões que sempre protegeu o povo, que sempre nos aperto recorro aos nossos ancestrais, à memória ancestral pra cura, é distanciar.

Se você me destrói como mata, os **espíritos** que moram na mata vão mudar de lugar. E aquele povo vai ficar ali sem proteção. Por isso que me defender como mata, por isso que me defender como mata pros **espíritos** continuarem ali defendendo o seu povo. Por isso me proteger como rio, pros guardiões do rio continuarem ali, o rio é morada, a mata é morada, a terra é morada. Eu como pedreiras sou moradas dessas entidades e desses guardiões. Isso o povo sempre compreendeu, sempre entendeu. Pra cortar uma árvore você tem que me pedir licença, pra fazer a caçada a um animal você tem que me pedir licença, enquanto você não receber a minha ordem como sagrado você não pode ousar. E esses povos com sua sabedoria eles conseguiram durante anos e anos caçar e ter sempre o bicho né. E pegava parte dessa caça, tipo o sangue, e fazia o ritual com sangue, devolver o sangue pra minhas terras, não abusar disso né. Outros, alguns animais feroz, pegar o sangue desses animais, se banhar nesse sangue pra se proteger. Ungir as armas de guerra, ungi as pontas das lanças. Então isso é uma coisa que o povo sempre fazia né. Porque entende que sou parte deles. Eu fico imaginando né, o nome que carrego

-Zonas das Matas!

O que que era essas regiões né? Contada pelo nossos avós há 100 anos atrás né. Hoje ainda eu consigo ter algumas árvores milenares, gosto muito de uma.

GP – Qual?

ZMs – É o Jequitibá. Lá no Paraíso, tem entorno de 1000 anos. Ainda tenho nessa região nossa do Caparaó algumas árvores milenares, que precisa de proteção também, todas estão ameaçadas. O Jequitibá, Cedro, Canela, a maioria são Jequitibá. E vocês imaginão quantas informações tem essas árvores. Como que você vai saber disso cara? Ouvindo o Zé Antônio

no curso de fitoenergia, ele recomendando as pessoas que tavam com depressão a me abraçar como árvore. E os povos quando eles precisavam de pegar energia, as vezes tavam com baixa imunidade, eles me procuravam, nesses pontos mais altos, grotões ainda não povoados, as árvores fortes que tem essa energia, tipo a Braúna, o Jequitibá, o Jatobá, o Angico que são árvores com poder de cura, eles acampavam na **sombra** dessas árvores, abraçavam essas árvores, fazia todo um ritual né, de pegar essa energia. E é muito interessante, que até nos dia de hoje, se você chegar numa casa que você vê um pé de arruda, um pé de guiné, uma espada de são Jorge, você pode saber que essas famílias tem uma ligação com suas memoria ancestrais indígena ou africana. E essas plantas não tá ali à toa. Que essas plantas são plantas defensivas, são plantas com o poder de proteção. Isso o povo sempre usou. E fez questão de conservar isso e não deixar isso perder. Porque na hora do aperto se recorre as essas plantas, se recorre a mim, porque temos o poder de cura e poder de recuperação, e por mim própria me recupero. Agora com a suas ajuda, qual a ajuda? É deixar o mato como estou. É deixar o rio da forma que ele está em mim, é deixar a montanha da forma que ela se faz em mim. Aí sim vou ter muita utilidade pra vocês.

#### TIÃO FARINHADA: CANTO PARA AGRADAR ALGUÉM E PARA DESAGRADAR TAMBÉM

**GP – Você falou ali antes da sua Tia Francisca, que quando cê chegava lá pra poder dar** uma notícia ela já sabia né. E que não era adivinhação era sensibilidade. Aí eu to tentando fazer uma relação disso com sua arte. Que desde pequeno você teve sensibilidade pra arte né?

SF – Sim, e porque a família da tia Francisca desse povo tudo era cantador, eles rezava, cantava. É o que eu faço hoje rezo, canto, toco (risos). O Bastião né, infelizmente veio a falecer a pouco tempo, que era meu chara Bastiãozão né. O Bastião da Francisca. Ele era o Ogam dela né. Então o homem tocava todo tipo de instrumento ele tocava. Então assim, esse povo, a arte ela tá presente em tudo. A arte ela tá presente em tudo. A inspiração da arte vem é da natureza. Se ocê entra numa mata e começa a observar a mata, você pergunta -qual artista que fez um negócio tão bonito?

Uma árvore tão certa? Uma árvore torta com tantos galhos mas perfeita, linda? Qual artista que fez esse rio? E ali cê vai percebendo que quando você tá dentro da mata, a mata por si

ela tem uma música própria. Cê escuta ali uma musicalidade. Quando venta então, aquelas árvores faz um som muito próprio dela. O rio tem a música muito própria. A terra, se você põem o ouvido pra escutar... chama o ELO, o povo chama o ELO. Daí que vem os mantras né, a cantiga dos mantras vem de escutar a natureza, aí você vai repetindo, repetindo e repetindo. Isso vem da observação da natureza. Então a música que eu faço a opção que eu fiz de cantar, ela vem muito das observação desses cantador, que cantava não era pra ganhar dinheiro que cantava porque tinha que cantar. Por que tinha que agradar ou desagradar alguém. O meu canto é nesse sentido: é pra agradar alguém, mas é pra desagradar também. Toda vez que agente canta uma música que é do movimento social que da luta popular, ele vai agradar a quem acredita na utopia, quem acredita na luta como referência pra libertação do povo, mas vai incomodar aqueles que acredita e quer uma sociedade cada vez mais concentradas nas mãos dos ricos. Então a arte ela tem esse poder, de agradar ou desagradar. E a arte verdadeira mesmo ela desagrada mais que agrada. Por que a arte ela tem que ter lado. Ela tem que... o artista que a sua arte não denuncia um sistema de opressão, pra mim ele tá corrompido.

E aí hoje o que agente mais tem é artista corrompido. Ele prefere ficar do lado do sistema do que olhar a história do seu povo a história da sua gente. E a arte produzida nos quilombos, a arte produzida pelos povos tradicionais, pelos ribeirinhos, pelos caiçara, pelos geraizeiros, pelos catingueiros, pelos tropeiros, catingueiros, sempre foi uma arte de denúncia. O canto dos canoieiros, os cantos dos tropeiros, dos carreiros, é um canto sofrido. É de gente que tá há um mês na estrada, de gente que tá com saudade de casa, então a arte ela tem lado. Ela tem que se manifestar esse lado político e social dela. Se não ela vai ta comprometida com os donos do poder, com os poderosos. E tem muita gente fazendo arte só pra agradar o agronegócio, só pra agradar os poderosos, só pra agradar a elite. Inclusive as novelas né, que é uma arte tão linda, tão bonita e que eu gosto tanto. É pra agradar o carnaval, tem coisa mais bonita que o carnaval? E as vezes até alguns enredos que fala dos orixás, que fala desses povos, mas na verdade são pra agradar o sistema, como diz Pereira da Viola

**-o sistema é bruto mas não é hegemônico.**

E nós temos que tá do lado desses sistemas que... do lado do povo que confronta com esse sistema bruto. Porque nós não aceitamos a exploração dos pequenos, não aceitamos a concentração da terra, não aceitamos a venda da água, do rio, das plantas medicinais, não

aceitamos de forma alguma. Infelizmente convivemos com isso, mas não aceitamos. E aí nós temos que produzir arte que denuncia esse sistema.

...

GP – Voltando pra sua arte, uma das influências da sua arte foi observando os artistas que você conviveu ali né, que cantavam parece que por necessidade de cantar. Entendendo que a sua formação é a formação dessa Zona da Mata né, cê consegue se descolar... deslocar o seu olhar pra esses artistas que você observava, se você pudesse estar no lugar deles agora, dessas pessoas que você ficava ali admirando, esses artistas que você ficava admirando né, como eles te olhavam? o que esses artistas falavam de você?

SF – Eu entendo que todas as vezes que eu pego um violão ou um tambor e que eu subo no palco pra fazer isso eu tô trazendo de volta esses cantadores. Tô trazendo a memória desse povo. Não deixo esse povo ficar esquecido. Os cantador de **calango** que é a primeira música que eu ouvi, que eu decorei foi isso né. E o interessante é que eu acho que eles olhavam pra mim e diziam

-esse camarada (risadas) vai ser alguém lá na frente.

Vai dar continuidade pra isso aqui. Eu consigo observar isso. Porque eu já ficava ali esperando sobrar alguma coisa né, se sobrasse o pandeiro eu ia dar umas batucada e se sobrasse nem que seja um chocalho eu pegava né. E o povo fazia... eu lembro dos pandeiros muito simples né, as vez o pai trazia um de aparecida do norte, comprava no Jubileu em Congonhas. Mas o povo fazia o chique-chique de lata né. Então a improvisação desses instrumento. E quando eu achava que tinha uma brecha eu entrava no meio da roda de **calango** e eu jogava um verso, e às vezes pedia também né. Várias vezes eu ouvindo o povo ali, eu com oito, dez anos

-ah, cês podia cantar aquela música né, cês podia cantar aquele **calango**?

Eu pedia, você entendeu? **Então eu entendo que esse povo eles tão aí presente na nossa história. Tão presente no congado, tão presente na Folia de Reis, esse povo passou, mas a memória deles e o que eles ensinaram pra nós continua aqui. E se nós deixar de fazer isso, aí sim nós tão cometendo um erro grave. Aí essas pessoas estão de fato acabadas. Mas enquanto eu tiver força pra cantar eu vou cantar, é a memória que não pode ser esquecida**

**né.** A Zona da Mata ela tem essas características forte né, dos **calango** né, lá na região de Juiz de Fora, inclusive tem documentário sobre os Calangueiros. A influência que nós tem na Zona da Mata no estado do Rio, São Paulo, porque nós somos um povo só, nós são num corredor chamado serra da Mantiqueira né. Nós somos no norte dela né, aqui no Brigadeiro. Então esse povo sempre fez o caminho no lombo de tropa e no carro de boi, é um povo só. E a influência nordestina porque os escravos eram vendidos do nordeste pra cá, e alguns daqui iam pra lá. Por isso aqui agente ainda conserva o Boi, não o Boi da forma que no Nordeste e no Norte do país eles cultuam, mas o Boi é ligado a essa realidade nossa: o Boi Pintadinho, o Boi laranja, o Boi Janeiro, então de certa forma o povo sempre teve ligado um com o outro né. E a música, a dança o fazer essa arte sempre foi motivo do povo encontrar. Às vezes nos momentos mais difíceis, que as famílias tava vivendo ali, aí aparecia um menino pra batizar, ou era uma 'cabada' de café ou era uma capina de roça, um mutirão pra tirar a roça do mato, ou era dar um dia de serviço, um dia de "Tora" conforme o povo falava. E as vezes esses momentos tava sendo difícil, aparecia essas coisas e o povo juntava pra dá auditório e ali, final da capina

-cachaça, leitoa assada, vamos cantar! vamos tocar! que tirou a roça do mato!

Entendeu? **É isso, a alegria do povo é trabalhar, resistir, sonhar, ter esperança, sempre o ano que vem vai ser melhor. Então o povo é isso. Eu cresci nessa perspectiva. E a arte ela é fundamental pra alimentar a esperança do povo! O povo pode estar cansado, pode tá doente, se tem arte tem alegria, se tem festa tem alegria.**

Assista o vídeo: <https://youtu.be/UM8u7avwhjQ> (05 artistas-grota)

GP – e nessa época a Juventude tava ali?

SF – Presente. a juventude nunca abandonou esses espaços né. E a juventude dessa época era uma juventude diferente, não tinha outra tecnologia, não tinha televisão, algumas casas tinha rádio, algumas casa tinha rádio... Então o que que tinha que fazer mesmo: era reunir esse povo né. Na beirada dos terreiro de café, das tuia, nas beiradas de campo de futebol e joga um futebol de terreiro, que é uma coisa maravilhosa, todo mundo sem camisa ali, e ali... a porta da igreja pra gritar os leilão depois das rezas de Virgem Maria. Era isso a diversão da juventude né. Poder fazer essas coisa era o que agradava né. E é muito bonito ainda você hoje em alguns lugares quando você chega, vê a juventude participando desses espaços, é

muito bonito. Porque você sabe que ali vai ter continuidade vai ter continuação dessa memória.

GP – e o'que que te fazia... entendendo que com sete anos você já tava em formação artística né. Essas memórias é dessa idade mais ou menos né? Tem uma história clara de estímulo né?

SF – é, essas memórias, talvez até antes disso...

GP – você já tava ali, talvez não com consciência disso, mas com certeza estavam te formando né?

SF – só uma paradinha, depois cê volta. Meu pai sempre teve lá em casa carne-seca, cachaça, sempre ele comprava em grande quantidade pros companheiros que iam trabalhar e pra nós e pros amigos que chegava lá de tarde

-quer tomar uma cachaça? quer comer um pedaço de carne-seca?

A mãe jogava aquilo na panela e mais-ou-menos. E aí chegou um velho lá, chamava Carreiro, porque Carreiro? Esse homem era... hoje o interessante que os netos dele hoje tudo são mestre de capoeira e tudo. Naquela época, esse carreiro véi era aqueles escravos véi de fazenda né. Terminou a escravidão ele ficou sem serviço e ele ficou rodando por ali. Eu já conheci ele velho, já devia ter 80 anos. Então tomava uma cachaça rapaz. E esse carreiro chegou lá em casa pra comprar uma garrafa de pinga num dia de domingo de tarde e tinha um cavaquinho, meu primo Bastião tinha deixado um cavaquinho lá (risos) e esse carreiro viu esse cavaquinho e cismou que eu tocava. E aí cara, eu falei

-não, eu num sei tocar!

E ele falou

-não, pega esse instrumento aí!

E eu peguei o cavaquinho e bate numa corda e ele falou

-tá bonito de mais, continua! (risos)

GP – um estímulo né

SF – foi um estímulo. Depois eu fui vendo que eu teria futuro. Eu pensei assim ó

-um dia quem sabe né...

E sempre quando ficava um violão por ali eu sempre dava uma pegadinha e tal, e depois a coisa acabou fluindo mesmo.

GP – Então tem uma história clara aí com força de estímulo né?

SF – com certeza!

GP – Mas nessa história o que que teve de dificuldade? O que que te fazia chorar? Quais as dificuldades de ser artista com 7 anos?

SF – Eu lembro quando lançou a música Andorinha do Barrerito que ele sofreu aquele acidente e quebrou as pernas né, quebrou a coluna e fez a música Andorinha. Aí eu e um colega meu na sala de aula, ia ter uma visita da diretora, aí a professora perguntou

-alguém tem alguma coisa pra apresentar?

E esse colega meu me chama pra cantar a música das Andorinhas. Eu ouvia ela no rádio, ouvia as vezes o povo cantando, eu devia ter por aí 7 a 8 anos né. Aí nós fomos no corredor demos uma ensaiadinha e voltamos pra canta a música. Nós dois ficamos um perto do outro né, eu nunca tinha visto dupla na minha vida porque eu num assistia televisão né, não sabia nada disso, mas ouvia rádio né. Aí ficamo em pé um perto do outro, ai a mulé chegou

-ah, os meninos vão cantar?

Bateu palma pros professores e começamos a cantar a música das Andorinha. Aí teve a última parte e eu esperando ele puxar, ele num puxou, eu num puxei, e nós paramos e num terminamos a música. Aí o povo na hora bateu palma, mas depois ficou zoando agente. Então esse foi o primeiro bullying sofrido por num ter conseguido terminar de cantar a música né (risadas). Hoje quando eu erro no palco ou esqueço um pedaço da música, eu emendo com outra coisa né, e isso acontece com todo mundo. A arte quando você vê uma coisa perfeita demais cê pode saber que não é verdadeira. Os shows produzidos hoje em grande escala desses cantores que faz 30 shows por mês, não é arte pura. É um negócio programado pra ser daquele jeito dentro da técnica. **A arte ela acontece de tudo!** O instrumento desafina, o instrumento rebenta uma corda, alguma coisa tem que acontecer pra ser de verdade. Aí quando isso acontece, quando eu vejo uma banda no palco ou alguém fazendo um show que acontece essas coisas eu bato palma e fico feliz. Porque eu sei que o cara tá ali fazendo a coisa pura, que a coisa é verdadeira. Então essa coisa sempre me angustiou muito desde do começo de ver aquele povo ali né, de ter que andar a pé, distância longe, carregando um instrumento pra chegar lá pra tocar uma festa, pra cantar e não ganhar nada. Eu cresci vendo isso, e fiz isso durante muito tempo e ainda faço né. Essas é uma das coisas que ainda me dói muito, das pessoas não entender o papel que a arte tem, o quanto é importante isso. Às vezes as pessoas quer o músico na festa, quer a diversão, quer uma festa alegre através dos músicos,

mas não compreende que isso precisa de ser remunerado ou com dinheiro ou com alguma outra coisas. Cê precisa de pagar um... cê precisa de comprar um corda quando ela arrebenta. Eu num fabrico corda de violão sabe, se um tambor rebenta uma pele eu preciso compra uma pele, eu num fabrico pele de tambor né. É importante compreender isso e eu preciso de comer, eu preciso de vestir roupa. Então assim, eu entendo que nós poderíamos de certa forma fazer, o que eu acredito muito e acho, que a arte é pra uma convivência, que nós podemos conviver de certa forma, sem ser preciso de explorar os outros e sem ser explorado também. Porque agente gasta, agente gasta energia, a energia do corpo e precisa de repor essa energia. Por isso que esse trabalho precisa desse reconhecimento. E quantas vezes eu fui pra animar algum evento, eu fui na expectativa de receber algum cachêzinho, quando terminava as pessoas me davam um cartãozinho com uma frase bíblica ou com uma frase poética, que aquilo ali pra mim valia muito mais do que ter colocado dinheiro no bolso. E quantas vezes a pessoa falou assim ó

-vai! que Deus te proteja, Deus te guarde.

E sabe que eu acredito tanto nisso, que é tanta coisa que acontece na vida da gente, se não fosse esse desejo das pessoas de passar a energia... E quantas vez a coisa que eu mais detesto, que eu mais odeio, que mais me angustia é ter que cobrar cachê. É ter que ligar pra pessoa e falar

-ó, tem um mês que eu fiz seu trabalho aí cara! Dá pra você me pagar, depositar, eu fiz compromisso com outras pessoas.

Esse ano eu já passei por isso umas três ou quatro veis, é a coisa que eu mais odeio. Eu acho que nós cantador, que canta por amor a arte, não deveríamos passar por esse tipo de humilhação. Que é humilhante você ter que cobrar as pessoas por aqui que você fez de graça! Por que a arte não tem preço. Porque não tem dinheiro nenhum cara, que paga a arte cara. Num tem dinheiro nenhum que paga a energia que você passa e que você recebe. Quando eu sento pra assistir um teatro, uma dança, pra ouvir um cantador, não tem dinheiro capaz de pagar o que essas pessoas transmite pra gente. O dinheiro é simplesmente uma coisa simbólica pra garantir que você chega até na outra cidade, você põe gasolina no carro, você compra uma coisa pro instrumento que ta faltando, você compra um calçado que você precisa, uma blusa de frio porque agente passa muito frio nas madrugada.

Agora, já estamos com as cumbucas no carro. Almoçamos no assentamento, ganhamos cachos de banana, sementes, fizemos acordos para as participações d@s moradores na Troca de Saberes, carregamos cerca de 480 cumbucas e partimos rumo a Viçosa.

## ESCOLA DE FORMAÇÃO EM CULTURAS E ARTES PRÓPRIAS E COLETIVAS EM MOVIMENTO

### **SF – cê vai perguntar?**

GP – Mas você estava falando do movimento como escola. O quanto que o mestre Boi lutou com a participação dele no movimento...

SF – Então, **a escola do movimento ele é muito interessante, e observar também o mestre Boi e outros mestres. Porque quando você tem a oportunidade de conhecer a realidade que vive o outro povo, isso é muito bom.** E o congado, às vezes, eles se preocupam mais ali de manter a tradição, de fazer a festa de Nossa Senhora do Rosário, de não deixar que perca esse costume, essa tradição de dançar o Congo, de tá formando novos Congos. Mas poder conhecer outros territórios, isso é importante demais, eu acredito que isso tem ajudado muito a Banda de Congo e o Mestre Boi nesse sentido né. Nesse contato com Regência, tão pertinho de nós né. Nós tamos praticamente, se você for analisar, em termo de distância, menos de 500 km. E um povo não conhece a história do outro né. Se você vai pro Norte do Espírito Santo a história de resistência do povo negro daquela região é a mesma que a nossa aqui: enfrentamos os fazendeiros da mesma forma, tiveram que fugir pra mata. Da mesma forma foi aqui na Zona da Mata. Então se você percebe que os territórios eles tiveram uma característica igual, porque o feitor não muda. Só muda o nome, mas o feitor é o mesmo né. As vez costumava, se oce pega mesmo de Barbacena a Teófilo Otoni pertencia tudo a mesma família né, que hoje essa herança desse povo ainda tá no poder, que é os Bias Fortes, Andradas, os Oliveiras e o monte de cidade com o nome desses coronéis né, tipo Visconde do Rio Branco, Barão de Cocais são tudo cidades assim que historicamente... Mariana, Leopoldina, são... os nomes dessas cidades tem tudo a ver com a destruição do povo né, por que tem que colocar nome de pessoas que uns fala né -foi o desbravador dali! O que chegou primeiro.

Mas foram as pessoas que chegaram e destruíram. Quando um pequeno lugar luta as vezes pra manter o nome, manter o nome porque às vezes tá relacionado a sua memória ancestral, isso é uma dificuldade muito grande. Algumas cidades defenderem o seu nome de origem né, às vezes indígenas, ou às vezes um nome popular mesmo como Amparo do Serra, que tá ligado com as Serras né ou Cataguases que é “água-bona” né, ou “terra de gente boa”, Ubá que é fruta, ou Oba quer dizer que encontrou manga boa né. Então isso é uma resistência muito grande, nem sempre o povo sozinho deu conta de manter essa tradição. Por isso que o movimento é importante. A nossa escola principal é a formação do movimento social. Num sei se você compreendeu, mas eu pelo menos a escola minha foi movimento social e movimento popular. Foi no movimento popular que eu aprendi, que eu to aprendendo né, num aprendi nem vou aprender, agente tá no processo de aprendizagem, da história do povo negro, da história da terra, é isso né.

A questão desse debate, desse debate... sobre a cultura popular, eu fui perceber nesses espaços. Que às vezes chamava

-ah, vamos fazer uma noite cultural?

Aí coloca lá... colocava uma música pra dança, o povo ia dançar, e aí é momento cultural né. Mas assim, de fato os momentos de intervenções nos debates no decorrer do encontro agente sempre foi propondo uma intervenção diferente. E os momentos culturais fosse muito além de ser simplesmente pra vir alguém toca e fazer um show, dar um show. Que fosse um espaço de troca mesmo, que cada pessoa pudesse expor aquilo que traz consigo né, de bagagem, de vivenciar da sua comunidade, do lugar que mora. Aí tanto que isso ficou muito forte. Eu tenho muita culpa disso né, dessa valorização hoje, desses ambientes de movimento ter essas noites cultural. Porque foi uma coisa que agente peito né, eu, Zé Pinto, Araci Cachoeiro, Djalma. Sempre quando agente era chamado pra ir pra tocar nesses espaços, a primeira coisa que agente fazia era saber quem lá dos participantes poderia apresentar junto, alguma arte, isso é um gesto muito importante né. Que às vezes a pessoa tá ali, tá doida de vontade de apresentar uma poesia, de contar uma história ou de tocar uma música e não tem espaço. Aí tem que vir o cara que fora pra provocar isso pra acontecer né. Agente sempre foi muito atento a isso né, primeiro tem que ser o povo da casa né. E depois quem vier de fora que venha pra somar né, num venha pra diminuir em nada aquilo que o povo já faz e já tá fazendo.

GP – Essa... vamo dizer, essa característica sua de mobilizar, de dinamizar o lugar ali, cê acha que ela vem dos movimentos sócias ou você coloca isso pros movimentos sociais? Porque na fogueira esse ano, nas entrevistas que eu fiz com o pessoal lá sobre a sua função, a sua importância na fogueira, pra todo mundo que eu perguntei, sua principal função era de soprara aquela brasa ali né, não deixar aquele fogo apagar, de sensibilizar, mobilizar, de botar pra cima. Essa é a sua Arte? É aí que você manifesta a sua arte, nessa sua mobilização? Essa seria sua contribuição com o movimento?

SF – Exatamente. Todo evento que você for fazer, por mais que você tenha um grupo, esse grupo, por exemplo, nós tamo organizando um evento, dividindo as funções pra cada um. Pode ser que alguma das funções não saia da forma que foi planejada. E como eu sempre tive muita liberdade por ser lá em casa, de ser com a minha família e depois foi se aproximando e incorporando as outras pessoas da comunidade, aí eu meio que assumi essa função memo de olhar de fora e que que tá faltando e buscar e ajudar a solucionar o problema e cê ir pergunta em cada área o que precisa. Por exemplo ir lá na cozinha

-tá precisando de que?

Ver se tá faltando uma lenha, de repente é uma coisa ali pro tempero que precisa ir buscar. De repente... já aconteceu da gente ir na última hora ir buscar vasilha pra colocar as coisas. Então alguém tem que estar atento diante disso tudo, porque no final quando tá o povão, quando chega o povo que as coisas acontecem de verdade, as pessoas perceber que houve um trabalho. A arte não é só tá no palco e tocar, ali eu ficaria muito sem graça de subir no palco se eu não tivesse contribuído com o antes. Então tá lá no palco é reafirmar tudo aquilo que nós fizemos. Por isso que eu falo como o povo: vamos comer tudo aquilo que nós produzimos, aquilo que nós mesmo fizemos né. É diferente que quando você chega e encontra tudo pronto né. Eu não faço pra mim, num tem sentido fazer pra mim. Agente faz pra nós. Pra quem nunca viu. Pra que tá chegando agora, pra dá oportunidade pras crianças.

GP – O Boi fala que, fala assim

-trabalho é aquilo que fica pro próximo.

Seria por aí?

SF – **No trabalho de comunidade de CEBs agente aprendeu que um líder ele planta, o outro rega, mas quem vai colher é outra pessoa.** Nem sabe quem vai colher fruto disso, nós nem sabemos. Agora, nós tem que continuar fazendo. Tem que continuar fazendo né, plantando a

semente... vem os outros pra ajudar a regar. E a colher com certeza virá. Eu tinha muita vontade que a juventude compreendesse mais a força que tem, sabe. Eu quando eu vivi, os melhores momentos da minha vida assim foi dedicado a militância né. E hoje eu vejo os jovens dessa fase que tem força, tem energia, podem perder noite de sono, pode ficar sem dormir, pode trabalhar durante o dia que aguenta virar a noite acordado, eu vejo esse povo ocupando espaço com outras coisas e dedicando pouco tempo pra aprender as coisas que a escola não ensina. Eu, quando morria uma pessoa na comunidade, eu ia pra lá e ficava a noite inteira no velório ouvindo o povo contar as histórias, e chorava quando tinha que chorar, ria quando tinha que rir... mas é isso. Essas coisas pra mim sempre foram muito interessante. E quando agente tá numa comunidade, não é só no momento de alegria que você tem que tá junto das pessoas, às vezes nos momentos ruins, nos momentos de tristeza agente tem que tá junto também. **E no Assentamento Padre Jesus agente idealizou ali como um ser um ponto de referência pra gente celebrar a vida, celebrar a cultura.**

A memória de Padre Jesus que foi um missionário, de reunir tudo isso, de reunir as pessoas em torno dele, se ele descobrisse uma coisa hoje de manhã, a próxima pessoa com que ele encontrar ele contava, e pedia

-faz isso!

Falava com bastante ternura. Essas foi a missão dele. Por isso ele conseguiu divulgar homeopatia, radiestesia em tudo quanto e canto, por onde ele passou ele criou associação, ele criou cooperativa, por onde ele passou provocou o povo a se organizar, porque ele não centralizava as informações. E hoje muito das informações são centralizadas. E quando você centraliza uma informação, você tá perdendo chance de libertar as pessoas, porque uma informação bem dada pode surgir um grupo de trabalho. Às vezes quando você chega em uma comunidade, igual eu já cheguei em uma comunidade atingida por barragem que a maioria era negros, e o fato de ter perdido aquelas terras, de ter sido desalojadas, o povo não festejava mais, o povo não conseguia entrar casa do outro. Aí ia fazendo visita de casa em casa, combinamos no final de semana fazer um momento junto e daí pra cá todo ano tem o festival, faz a Festa das Águas, faz o Encontro de Charrete. **Alguém tem que levar esperança pro povo. Essa é a função do artista. O artista que não tem esperança, que não tem utopia ele suicida! Ele suicida e mata os outros também. Por que a função nossa é ter esperança, por mais difícil que seja. Tem que ter esperança. Ele tem que olhar lá na frente e vê onde tá**

**os problemas, apontar soluções. Agente consegue ver isso! O olhar de fora consegue ver os problemas, consegue ver os entraves, agente consegue ver.** Não é atoa que agente tem essa função tão... todo mundo produz uma arte né, não existe ninguém que não saiba nada, que não sabe fazer nada. Mas nem sempre as pessoas toma essa iniciativa pra poder fazer, e quem toma essa iniciativa pra fazer, é um privilégio que ele tem.

GP – Então como difundir arte? Como despertar arte nas pessoas? Que semente e essa que... ou isso é um dom? **Formação de jovens artistas, como fazer?**

**SF – Uma das coisas é fazer coisas com simplicidade, mas fazer as coisas bem feito e bonito. Passar emoção naquilo que faz, isso é uma característica que a juventude nos tempos de hoje precisa sentir.** Porque a minha geração sonhava em mudar o mundo, eu com 15 a 17 anos usava boina do Che Guevara, queria fazer revolução. Hoje os jovens de 15, 16 anos querem pegar a “Baleia Azul”. É outra cultura que não passa emoção, o sentimento. **As pessoas pra entender o que o Congado tá cantando ele precisa de abrir o ouvido, precisa ouvir, e deixar ser tocado por essa arte.** Não se envergonhar dessa arte também. **E nós que já tamo um tempo na estrada, agente precisa, ao dialoga isso com a juventude, entra no tempo deles, não podemos radicalizar.** O Jovem gosta de funk, vamos provocar ele a ouvir e fazer o funk como uma música libertária, pra ela ser fiel a sua história e seu surgimento. Se ele gosta é do rap, vamo provocar ele pra buscar a origem e história do rap, do reggae. Sem dar chute na canela. Entender que a arte independente do que ele produz, ela é importante e tem história e tem fundamentação. Ela não nasceu do nada. Hoje você ver os ritmo moderno aglutinando a maioria da juventude, e a juventude curtindo isso, mas não foi sempre assim. Ela tá atraindo porque ela usa elementos que consegue dialogar com a juventude desse tempo, e se agente usa elementos que consegue dialogar com a juventude desse tempo, porém buscando a fundamentação dos valores, sem preconceitos, respeitando o tempo deles, com certeza a juventude vai ser nossa aliada, vai entender o que agente quer e o que que agente precisa. Então eu vejo a formação de novos jovens artista militantes, nós temo que dialogar com aquilo que eles se identificam. Não quero que todo mundo seja congadeiro, não quero que todo mundo seja cantador de **calango**, cantador de música do movimento social. Ele pode cantar o rap dele, e ser uma música engajada e falar de negro, de gênero, de raça, ele pode fazer o funk dele denunciando essa injustiça, a morte e extermínio da juventude, falar

contra o racismo, ele pode fazer o sertanejo dele com essa pegada universitária denunciando os agrotóxicos, a opressão dos povos.

Recentemente o Chico César fez aquela musica “Demarcação Já”, colocando os dinossauros cantando, mais aparece gente nova ali, o Tico que e um cantador de rap do mundo atual que dialoga com a juventude. Tem gente ali cantando Demarcação Já que é do tempo moderno. Porque? Porque a arte ela tem a sua beleza e seu encanto. **E se ela (a arte) consegue encantar as pessoas, as pessoas vai ser aliada nosso e não precisa de você diretamente radicalizar. Tem que ser só isso o que agente faz? Não! Tem que ser aquilo que as pessoas querem fazer.**

A minha enteada gosta de reggae, escuta funk, gosta do sertanejo atual que tai, e seleciona no meio disso a música que dialoga com aquilo que ela quer entender pra ser alguém né. A música tem que dialogar com aquilo que você almeja enquanto pessoa. **Ajudar a abrir os olhos e ajuda a abrir a mente, essa é a função da arte.** Se o que agente faz, e acha que tá certo, não ajuda a abrir os olhos nem a mente das pessoas, temos que repensar também o nosso modo de ser (risos). Se o modo que agente faz e acha que tá certo não consegue dialogar com a juventude, com as mulheres, com o diferente, temo que repensar também a forma que nós tamo fazendo.

#### AS ZONAS DAS MATAS VIVEM EM OUTROS TERRITÓRIOS

**GP – Agora voltando para você, Zonas das Matas, entidade Zonas das Matas. Vou contar** uma caso aqui e ver se eu consigo fazer você captar o que eu quero dizer. Veio um primo do Boi aqui, lá do Rio de Janeiro, o Jair, que tinha quase 40 anos que não vinha no Córrego do Meio. Ele viveu no Córrego do Meio até os 14 anos e foi embora pro Rio e quarenta e tantos anos ele voltou. ficou aqui no Córrego do Meio uns 15 dias. E no dia que ele voltava pro Rio, lá na rodoviária (em Viçosa) eu cheguei com Lindinho do Rebenta Rabicho<sup>91</sup>. Aí fui tomar uma com Lindinho, o Jair tava sentado no banco lá, vi o Jair e chamei ele pro barzinho e apresentei Jair pro Lindinho. E eles começaram a conversar: de onde ocê é?... Mestre Boi... Rebenta Rabicho e tum! Descobriram uma...

Zonas das Matas – uma raiz.

<sup>91</sup> Bairro quilombola de Viçosa.

GP – uma raiz que ligava os dois sabe? Eles tinham um tio em comum, e sabia história de pessoas em comum né, o Zé linguíça me contaram a história do Zé linguíça... Então quando Farinhada fala que os quilombos do Norte do Espírito Santo, do Rio, com os quilombos aqui, com os quilombos do Rio, São Paulo tem uma... tem uma organicidade ali né? Tem uma memória coletiva ali, tá todo mundo... parece que uma teia que junta todo esse povo, e que essa teia ela tá... tá... vamos dizer invisível. Ela tá escondida, ela tá na retaguarda... como é isso, essa história? Por que essa é uma coisa que, como eu não fazendo parte dessa teia, mas como amigo desse povo, que frequento certos lugares já consegui observar que existe isso. Como aquele caso da Tia Efigênia, lá no quilombo do Pimenta que descobriram parentes dela, mesmo nome, que teia e essa que tá aí?

ZMs – Tem a que todo mundo... a que nós... grande parte do povo dos negros, segundo o Professor Leonardo Carneiro é povo da cultura Banto. Só isso explica. É o povo que veio pro Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Então assim, é um povo muito parecido, os nossos congados são muito parecido, as folias de reis são muito parecida. A característica do povo é uma característica muito parecida e existe algumas coisas assim que agente pode observar que faz agente compreender o nosso grau de parentesco. Parentesco porque a maioria dos negros que vieram pro corte de cana, pra trabalhar na agricultura eram negros que agricultavam na África, isso significa que era povo praticamente de um lugar só. A maioria dos negros que vem pra mineração eram negros que entendiam de mineração, isso significa que eram de lugares parecidos um com outro, por isso essa teia. Então quando colocava negro de uma tribo com negro de outra tribo pra dificultar pra eles fugi, eles chegava pra plantar uma roça, pra fazer uma casa, pra fazer qualquer tipo de serviço, tem aqueles desenhos que muita gente vê e num entende nada, um parece uma cobra torcida, outra parece um pássaro voltado pelo próprio rabo, outro parece borboleta, aqueles símbolos são símbolos africanos. Aonde estavam esses negros eles deixavam suas marcas, sabe pra que? Pra dialogar um com o outro. Quando alguém via qualquer desenho daqueles

-ó, aqui passou um irmão. É alguém que é da minha terra.

E aí criava então esse esquema de rede pra fugir, pra encontrar as pessoas. Por isso nós temos essas coisas que nos liga. Eu chego em determinado lugar que nunca pus o pé e é como se tivesse na minha casa! (risadas) Eu vejo as pessoas como se eu tivesse olhando pro meu pai ou pra minha mãe, como se eu tivesse na casa de alguns de meus irmãos. Gente que eu nunca

vi... Porque tem uma raiz fundamentada. Quando eu fui no Brejo dos Crioulos em cada terreiro eu gritava, eu gritava e as pessoas:

-entra pra cá!

Mas comé que eu vou entrar num lugar que... as pessoas nunca viram a minha cara e tá mandando eu entrar. Porque tem essa segurança que ali tá um irmão que um dia saiu de casa, ficou 40 anos fora de casa e ele volta e começa a buscar na memória ancestral e começa a achar todo mundo

-meu tio! Minha tia!

E amigo quando é muito próximo vira parente né. Tem isso também. Agente adota como parente as pessoas que tão próxima da gente. Eu entendo muito bem hoje o que nós tamo vivendo na política, o medo que os poderosos tem dos povos, porque se agente consegue organizar em torno de uma propostas agente se torna muito forte! Se o povo negro unificar o seu discurso em torno de uma única proposta, os povos indígenas, de certa forma os povos que estão atingidos e excluídos em torno de uma única proposta, agente se torna muito forte. Por isso acontece as coisas pra nos dividir. Essa é a estratégica do feitor. Sempre foi assim né. Por isso que os negros guerreavam entre si. Dava a arma pra um financiar a morte do outro, criavam algumas barreiras pra que o próprio povo entrava em conflito entre si. Colocava uma discórdia em alguma cultura pra que o povo entre si brigasse. Mas na verdade agente sempre foi um povo só. E mesmo quando brigava, tinha o momento de se ajuntar. Esse respeito. Na religiosidade de matriz africana é muito interessante, por que o respeito ao mais velho ele tem... pode ser meu inimigo mais se ele for mais velho do que eu, eu o respeito. E vendo os povos orientais, os povos que fazem aquelas artes marciais, um mestre novo pra lutar com o mestre mais velho, ele pode lutar com mestre mais velho, mas ele tem que pedir tipo uma benção. Ele tem que ter ali um respeito. Por que a figura daquele mais velho representa uma memória, traz uma memória daquilo que antecede a ele. E isso é muito bonito dos povos né. Isso é muito bonito nessa cultura que nós pertencemos a ela né. Se você perder essa característica dessa sabedoria dos mais velhos, agente deixa de existir.

GP – Você falou do acolhimento, que você chegou no Brejo dos Crioulos e tal, isso aí e um gosto pela mistura é uma vontade pela mistura, um gosto pela diferença, você acha que é por aí?

ZMs – Eu acho que sim, porque o nosso povo ele sempre buscou, mesmo com uma comunidade. Essa coisa de viver isolado, de uma raça não querer misturar com a outra, isso é coisa do branco, do europeu né. Na África os povos sempre viajavam no próprio continente e sempre buscava dialogar um com o outro, porque isso? Porque determinada tribo às vezes dominava saberes, conhecimento que alguma outra tribo não tinha. Então isso era muito comum, um buscar no outro essa referência. Isso era muito comum. A cultura europeia, eles chegam na África primeiro pra estudar a bigamia. Como um homem pode ter cinco mulheres, uma mulher ter vários homens e essas mulheres e homens moram na mesma casa, essas mulheres num brigam, esses meninos cresce todo mundo junto, se o padrão de família que nós seguimos hoje no Brasil é o padrão de família europeia: tem que ser assim, tem que ser assado e tudo. Então quando eles vão em busca de querer descobrir e de querer entender isso, eles descobrem a riqueza do povo. Que o povo usava um colar de pedras preciosas no pescoço que era homenagem a mim, eu tinha toda aquelas riquezas, aqueles mananciais, mas aquilo ali não era de serviço nenhum de lucro e do capitalismo. Então a partir desse contato começa a ter uma relação diferente e coloca o próprio negro a ter um olhar diferente um pelo outro né. E por incrível que pareça, as tradições africanas normalmente são as mulher que são chefe da casa, normalmente. Tem um filme... os Marçais, que são povo que até hoje vive naquelas montanhas do Marrocos, naqueles lugares, ainda tem muitas tribos dos Marçais ainda que não tem ligação nenhuma com o mundo capitalismo. O mais famoso dos guerreiros Marçais ele se ajoelha aos pés das nega velha né, pra pedir a ela quando vai pra guerra, quando tem que fazer alguma coisa, primeiro tem que passar pela orientação delas né. E o nosso povo sempre foi acolhedor né e sempre foi um povo de fartura. Você pode ser meu inimigo mas se você tiver com fome e com sede eu posso te matar por outras coisas, mas não morre de fome e sede. Que comida e água não pode se negar a ninguém. Ao contrário do que faz o mundo do capitalismo, o mundo dos brancos né, ele prende as pessoas, ele escraviza as pessoas, realmente tirando à ela esse direito mais puro e mais sagrado: que é o direito de comer, o direito de beber e o direito de vestir.

#### ALGUMA COISA ACONTECE NO MEU CORAÇÃO<sup>92</sup>: UMA DURA POESIA

<sup>92</sup> Trecho da música “Sampa” de Caetano Veloso.

### **Sebastião Farinhada – essa gasolina da pra chegar em Viçosa<sup>93</sup>?**

GP – sim. Agente gastou de Manhumirim até aqui menos de um tanque

GP – agora voltando um pouco na sua formação, na sua história de vida, essa temporada que você falou mais cedo da infância, do seus contatos com o mundo espiritual, o mundo cultural, o mundo artístico, mundo da viola, o mundo das injustiças, o mundo do trabalho, da produção, isso tudo nós passamos por ali nas conversas né. Aí começa a adolescência, que é quando você tem os primeiros contatos com o movimento. Como que foi esse contato, eram pessoas estranhas que vinham de fora, você já tinha ouvido falar disso antes? Você disse do estranhamento que você teve da dupla na escola. E do movimento? Como foi seus primeiros contatos com aquele tipo de debate, aquele tipo de gente, eram brancos chegando? Como foi esses primeiros contatos?

SF – Quando agente estava no município de Caiana eu comecei a participar do grupo de jovens lá, e aí a reunião de uma hora, e as pessoas falavam poesia, liam uns texto que eu nunca imaginava assim sabe, falava umas coisas bonitas, cantava umas músicas diferente, coisa que às vezes nem no rádio agente conseguia ouvir. E aí logo depois eu, de participar desses momento, que eu mudo do município de Caiana pro município de Espera Feliz, e aí continuei, fiquei sabendo que tinha esse grupo de Jovens, fui na reunião, umas três ou quatro vezes que eu tava indo na reunião, só ouvindo né. **Ai pediram quem poderia preparar a reunião a próxima reunião da outra semana. Aí eu falei assim**

**-eu posso!**

**Uma coisa que eu nunca tinha feito na vida, eu tinha uns quinze anos de idade.**

-O tema vai ser a história de Francisco de Assis.

Eu peguei um livrinho de São Francisco Assis que contava a história dele, fui pra casa e desdobrei em cima daquele livro. Tinha umas perguntas que fazia questionamento do Francisco da época e o Francisco de hoje. E recentemente o Leonardo Boff escreveu o Francisco de Robi e o Francisco de Assis. Eu li o livro praticamente decorei o livro. Porque eu tinha como qualquer outro jovem nessa idade a vontade de comprar uma moto, de melhorar minha condição de vida, de comprar roupa nova, fazer tudo que a juventude tinha

<sup>93</sup> Estávamos em Carangola, há 170 km de Viçosa.

vontade de fazer. Quando eu comecei a ler a história do cara que tinha toda riqueza, e abriu mão daquilo tudo pra servir as pessoas, aquilo já mexeu comigo. Aí quando eu fui fazer a reunião uma semana depois, eu coordenei a reunião e foi por sinal uma reunião muito boa, com cerca de umas 20 pessoas, e aí tinham as perguntas né

-como é ser o Francisco nos tempos de hoje?

Isso na época de 1990, nós morando de meeiro na fazenda, minha família trabalhando praticamente como trabalho escravo, e os menino trabalhava e não recebia praticamente nada pelo serviço que faziam fora de hora, tinha que da a meia, a terça de tudo que plantava e aquelas coisas foi me provocando, fui guardando aquilo ali. Tinha aquelas figura que agente falava que era os puxa-saco de fazendeiro né que falava assim

-isso que vocês estão fazendo é bonito, mas não acompanha **fulano-de-tal** não!

Que era o Edivaldo e o João Tavares. Que eles já eram figuras marcadas já, porque trabalhavam no sindicato, eram do PT, já eram questionadores. E aí, ia ter uma formação pra juventude, pra discutir o dia Nacional da Juventude, e o tema era “Jovens Latinos Americanos, porque não?” E eu fui pra esse encontro com 15 pra 16, num tinha 16 anos ainda não, o encontro foi em outubro. **E lá eu ouvi os cara falar da América Latina, e eu chorei cara, sem saber porque, eles falavam**

**-nós América Latina! Nós somos um povo só!**

**E cantavam umas coisas bonitas falando da América Latina**

GP - Você lembra de alguma música ?

SF – Acorda América

(canto)

Acorda América  
chegou a hora de levanta  
o sangue dos mártires  
fez as sementes se espalhar

Aí falava dessas figuras que morreram pela pátria e aqueles troço tudo enfiando na minha cabeça. Aí acabei voltando pra casa com esses pensamentos

-opa, não vou conseguir ficar quieto no meu canto agora né

Então... começa então. Vim numa reunião do sindicato, o pessoal do sindicato fazia uma reunião na comunidade e eu participava, falava de aposentadoria, falava de seus direitos, que

era importante associar, que **os meeiros tinha que ter contrato de parceria, agente num tinha contrato de nada**. Aí comecei a participar disso, comecei a falar disso no grupo de jovens, falar disso no grupo de reflexão Aí veio o estranhamento, o pai não queria de jeito nenhum que eu envolvesse com esse negócio de forma alguma, e a pressão ia em cima dele porque os fazendeiros encurralava era ele, diretamente comigo as pessoas num falava, mas falava com ele. Quando pensa que não eu to de cabeça enfiada nesse trem de sindicato, liderança, participando das coisas. Tudo que o sindicato oferecia de curso de formação naquela época eu fui. Escolinha Sindical, existia bons debatedores pra fazer análise de conjuntura, o pessoal da CUTE que contava as histórias do País tudo, que falava da questão da reforma agrária. Tudo isso eu fui captando e fui ouvindo aquilo tudo, a ponto com 19 anos de idade eu já tinha dois anos de filiação partidária e fui candidato a vereador. Fui candidato contra o gosto do pai que não queria que eu fosse candidato. Chance de eleger: pra escolher o meu nome foi um processo na comunidade. Eu ganhei de três fazendeiros nessa escolha, porque a ideia era que a comunidade escolhesse um candidato, porque isso? Porque a campanha da fraternidade daquele ano, falava de “Justiça e Paz se Abraçaram” e se você quer ter novo agentes políticos com capacidade de mudar a sociedade , essas figuras tem que vir do meio onde essas pessoas lutam e praticam essa justiça. Então o Padre José Lopez que era uma figura que acreditava muito na luta por justiça, por direitos, ele falou que aquele ano agente tinha que fazer uma eleição diferente onde os candidatos seriam cristãos, pessoas comprometidas nas comunidades. Que os candidatos fossem escolhidos pelos setores e não pelos caciques. Nem todas as comunidades, nem todos os partidos toparam abrir mão de seu “curral eleitoral”, mas alguns partidos toparam e eu foi um que topou e coloquei meu nome. Ganhei de três fazendeiros na escolha pro meu nome ser candidato. Os votos que eu tive na previa pra ser candidato a vereador seria os votos que eu teria suficiente pra eleger, em torno de 250 votos. Mas aí começa o processo de perseguição.

**-Comé que um negro, pobre, desdentado, que anda de bicicleta pode ser vereador! Não pode ser!**

Mas esses caras não tinha moral como não tem até hoje. Todos eles tentaram ser candidatos e nunca conseguiram se eleger. E fizeram esse trabalho queimação e lançaram outro nome fora do esquema de comunidade, filho de um doutor que o cara inclusive hoje e meu amigo,

Doutor Juarez. Lançaram o nome dele pra que ele tivesse voto daquelas famílias que certamente votava ne mim. E na base da pressão. Esses fazendeiros começaram a pressionar **-não vota nesse negro! vota em fulano ou ciclano.**

Então não adiantou nada minha candidatura nesse ponto de vista, olhando por esse lado. Mas aí tinha... se o cara se elegeisse pela quarta vez, aposentava como vereador. E tinha uma figura, o seu Jair Porte, um homem de nome, uma família que é um grande amigo, mas naquela época era meu inimigo político, era inimigo de queimar mesmo, queimar o nome da pessoa. Teve o Gilberto, que abandonou a política, hoje é um grande amigo também, o cara vem depois até votar no PT, fazer campanha junto comigo, apoiar o Cézar Medeiros, Padre João. Mas naquele momento era meu inimigo, e tinha muita gente que era das comunidades que morria por causa desses caras e defendia esses cara.

Eu tive 68 votos. Itamar ficou muito decepcionado né, porque achou que ia repetir a votação, teve uma família que deixou de votar no seu Jair Porte e votou ne mim. Seu Jair Porte, fazendeiro, ele mandou essa família embora sem direito a nada. Porque foi os quinze votos que faltou pra ele aposentar. Então não foi fácil esse começo de militância né. **E aí o que serviu pra mim nessa eleição? alí eu vi que o meu perfil não era pra ser politiquero. Eu amo a política faço política todo dia.**

No final das contas, a aliança que nós tava participando dela tinha recurso pra contratar panfleteiro, cada pessoa poderia contratar vinte. Eu fiz as contas e o número de pessoas de minha confiança que eu queria num dava vinte, eu indiquei oito. E aí um colega meu que era de igreja, de comunidade, que tinha sido escolhido pelo mesmo processo, falou assim -cê é bobo de mais rapaz! Pega o dinheiro dos outros nove e põe no bolso.

Eu falei

-eu não. Não vou fazer.

E não fiz. Não tive coragem de, naquela época de dezenove anos de idade, de entrar no esquema. Poderia tá rico hoje, poderia estar muito bem de situação, mas não quis. Preferir manter as coisas que sempre acreditei, fazer a política da forma que eu faço hoje. Então o meu começo de militância foi doído cara. Família contra, o medo mesmo dessa perseguição. O sindicalista era perseguido e morto. Eu mesmo sofri muita perseguição. Às vezes chegava na comunidade pra dar um plenário, eu doído de vontade de dar umas namoricada, tinha umas meninas bonitas, mas já tinha a fama né

**-não namora com esses cara, que esses cara é do PT, do sindicato. Incentiva o povo a toca a demanda.**

Tudo de ruim as pessoas colocavam contra agente né. E eu fui levando a vida desse jeito. **Agora o grande trunfo que eu tive desde sempre nessa época na vida comigo é o violão.** Aí sempre quando eu tava no meio desse povo, mesmo aquele povo que sabia, que tinha as informações sobre a minha pessoa, eu puxava lá Chico Mineiro, Menino da Porteira, Couro de Boi, aquelas música pro cara que mora na roça e tem a vida sofrida, quando cê canta ele lembra do avô, ele lembra da infância dele candiando boi, ele lembra do tempo que tinha luz de lamparina. Então isso mexia com o emocional das pessoas. Uma vez participando de uma formação o nosso formador dizia

**-o líder tem que falar as coisas com brilhos nos olhos. Se não for por amor que ele pratica suas ações não tem sentido dele ser lutador.**

E eu sempre fiz questão de gravar isso. O tempo todo colocar emoção e mostrar que é por amor. Eu estou aqui por amor. O Zé Vicente fez uma canção né, que me acompanha desde 92

(canto)  
se é pra ir pra luta eu vou  
se e pra estar presente eu estou  
pois na vida da gente o que vale é o amor

E aí o meu escudo sempre foi dizer

**-é por amor e por justiça que agente faz, não é por dinheiro.**

E coitado de Cristo né, eu sempre coloquei Cristo contra a parede né. Jesus morreu por causa da justiça, por defender os menos favorecidos e por isso eu faço a mesma coisa. E aí o cara que é cristão e que tem o pensamento diferente, ele fica encurralado

-caramba, eu também acredito em Jesus Cristo, também sou cristão, mas não penso dessa forma.

E aí eu sempre fui dessa linha né, eu sempre coloquei isso, Jesus morreu foi pela justiça, foi pelo menos favorecido. **E sempre usei algumas palavras do mestre maior**

**-eu vim para que todos tenham vida. Vida e liberdade.**

Vida é a pessoa ter direito de viver, liberdade é a pessoa ter terra, terra pra plantar, é num ser escrava, num trabalhar de trabalho escravo. E isso pesou muito. Eu falava isso na rádio, tinha

uma rádio comunitária, nós tinha um espaço pelo sindicato, eles deixavam agente porque era comunitária e precisava da contribuição que o sindicato dava pra rádio ficar de pé, mas chegou um momento que isso foi cortado também. Chegou um momento que um dia eu tava fazendo um programa denunciando a questão dos agrotóxicos que eu sempre fui muito batedor nessa questão, aí o cara mandou tirar a rádio do ar. Daí a pouco a radio encheu de gente porque eu tava lá. Alguns até assimilou que o povo tava lá pra me pegar né. Porque agente sofria ameaça desse povo do agrotóxico, dos fazendeiros. Eu morava 30 km da cidade, tava a sete km a pé pra pegar o ônibus, às vezes andava a cavalo, andava de noite. Eu cacei durante muito tempo uma confusão né, eu era loco pros cara me cerca na estrada. E graças a Deus, eu acho que as entidades aí, de tanto a mãe rezar e pedir a proteção, nunca tiveram coragem de me enfrentar, mas usaram a injustiça né que foi dize

-aqui não dá mais pra vocês!

Todas as famílias que não tinha terra e moravam naquela comunidade, naquela região, deixaram aquele lugar por opressão dos fazendeiros. Sobrou lá a família da dona Fia

GP - Esse lugar era?

SF– São Gonçalo e Tabuão. Sobrou lá a família da dona Fia, por que eles tinham uma casa pra morar, tinha uma chácara pra morar e conseguiram comprar um alqueire de terra e não dependiam mais de morar na fazenda. Agora quem era militante, quem era dirigente e tinha coragem de bate nos fazendeiros e defender essas coisas, todos foram expulsos dessas terras dos fazendeiros. Hoje eu vou nesses lugares e as pessoas me respeitam, me cumprimentam, querem conversar. **Eu volto depois de uns anos como assessor de deputado, eu volto com informações, discutindo política pública, discutindo habitação, crédito fundiário. Então isso muda as visão das pessoas de olhar agente.** Um desses fazendeiros quebrou e nós já compramos as terras deles. Compramos não, pegamos de volta né. Então isso tudo muda o jeito das pessoas nos olhar. Nos perseguiram por causa do Lula, depois o Lula vira presidente e passa a fazer um tanto de coisa assim pro povo mais humilde e mais sofrido. A condição de vida dos pobres melhorou muito no governo Lula. E dessas pessoas... pequenos agricultores que achava que era grande, foi uma oportunidade dos caras mudar de vida, comprar um carro. Então foi muita coisa assim que aconteceu em minha trajetória que contribuiu na formação de minha militância. Quando os sindicalistas estavam todos ameaçados por causa das mortes dos líderes Chico Mendes, Margarida Alves, Padre Josino,

eu tava começando a caminhada. Então cê imagina o que que é isso? O clima que era isso. Sabia que a qualquer momento poderia acontecer o mesmo com agente. Eu nunca tive medo disso e não tenho. Às vezes alguma palavras fogem em determinada hora, e é até bom agente evitar de falar ela, mas nunca tive medo de reafirmar minha identidade cultural, de dizer o que eu penso na questão da terra, da água, dos agrotóxicos, e falei isso em palanque político, falei isso em altar de igreja, na rádio, no palco tocando e continuo falando. **Hoje faço questão de falar isso cantando, porque como a arte tem esse poder de trazer as pessoas pra perto da gente, e quando as pessoas ta mais perto, não precisa de você grita, cê pode falar baixinho que as pessoas compreende.** Mas eu gritei muito, nossa mãe, gritei demais (risos). Se for preciso agente grita de novo né, mas eu fico preocupado com as organizações, com os movimentos sociais de não conseguir sobreviver sem a política pública. Que antes agente fazia essa luta não tinha liberação, não tinha recurso sabe, não tinha carro pra levar, cê ia pegando carona, ia de ônibus, eu fui muito a cavalo e de bicicleta pras comunidades e ficava três a quatro dias, hoje você vai pra ficar uma hora. Isso me angustia, às vezes eu sou chamado pra uma atividade tão importante pra fica meio dia, chegar de manhã e vim embora meio dia. Antes cê chegava na sexta e só ia embora na segunda de tarde, e deixava as pessoa chorando que queria que agente ficasse mais. Eu sinto muita falta disso. Nós precisamos de novo de voltar pro trabalho de base, mas de voltar com tempo, voltar pro trabalho de base e dedicar um tempo pra isso, dedicar um tempo pra formação. Formação na se faz com meia hora, formação se faz é com o tempo. E às vezes o tempo é de um ano, dois, voltando ali no mesmo lugar, conversando às vezes as mesmas coisas, ate as pessoas entender e compreender que esse trabalho é... quando vier as conquista é fruto desse trabalho, é fruto dessa memória

#### CAMINHANDO E CANATANDO<sup>94</sup>: AMAR E SE PRECISO MORRER

**GP – Essa coisa do tempo.. depois agente pode voltar nas trajetórias dos movimentos, que** ainda tem a agricultura alternativa, agroecologia, movimentos negros. Mas nessa coisa do tempo, tempo do trabalho, tempo da terra, tempo da cultura... quando agente fez aquela Folia da Cristina, em Janeiro, na região de Acaiaca, agente conversou um pouco sobre essa coisa,

<sup>94</sup> Referência à musica “Pra não deizer que não falei de flores” de Geraldo Vandré.

num sei se você vai lembrar dessa conversa, que era uma quarta feira, essa coisa do tempo, e agente tava tocando Folia, tocando tambor na rua, enquanto o mundo trabalhava ali no seu tempo normal né. Eu lembro que você me respondeu com essa cutucada, falando sobre a questão da terra. Que Folia é uma luta por terra... não vou lembrar direito da resposta, mas você tá captando?

SF – Sim

GP – Mas foi um resposta sobre esse dedicar a uma cultura que está ligada a terra, ao tempo que você dedica aquilo. Como é essa relação das manifestações culturais com o tempo e a terra? Nossa viajei demais né (risadas)

SF – Não, a pergunta é muito boa, e muito significativa. Porque grande partes desses mestres cantadores das Folias que pegava esse ofício no dia 25 de Dezembro, na noite de natal e entregava dia 6 de Janeiro, muitos deles mal mal tinha uma casa pra morar. Mas eram figuras respeitadíssimas pela sua sabedoria e por ter alcançado alguma graça, que eles conseguiam romper com o patrão que dizia

-essa semana você tem que ficar aqui!

A demonstração de fé daquela pessoa e a dedicação àquele ofício ultrapassa esse limite. E como a folia canta o anúncio da chegada, da liberdade, que é o anúncio do Messias que vem pra libertar, tirar o povo do cativo, do cativo, é onde, em busca dessa utopia e desse desejo de liberdade, as pessoas se colocam ali pra anunciar a chegada do menino Jesus. Por isso o respeito. Tem várias histórias populares que os mestres vão saber contar né, que **os cantador chegava pra cantar em uma fazenda e tinha os fazendeiro que respeitava tanto que abria a porta da casa e dava comida, bebida e dormida, porque se não atendessem aqueles pobres homens cantadores poderia ter uma praga na sua roça na sua produção**, porque ficar contra aquela folia é uma questão de ficar contra uma coisa muito maior do que eles tinham capacidade. Por mais arrogantes e ruins que sejam essas figuras, no passado eles temia a mandinga a sabedoria desse povo. Um dia eu falei com a Irene né

-o povo quilombola, o povo indígena só sobreviveu porque seus feitiço os protegeu, suas mandingas o protegeu.

Massagem nos pés  
Cuidado com as feridas  
Casa defumada  
Cantos de alegria

## Histórias contadas

## Acolhida.

(Minhas anotações de campo. Inspirado nos cuidados de Dauá Puri com seu Neném Lupim.)

E isso o branco sempre teve muito medo, por que não consegue lidar com essa força desconhecida. Então isso é uma coisa bonita que nosso povo conseguiu passar, por mais ruim que seria o fazendeiro, por mais ruim que seria. Ele tinha um lado, mas quando eles viam os cantadores chegando com a bandeira...

Os mestre de hoje são comedor de angu. Eu não sei nada... Mas os mestres daquele tempo se viesse uma chuva e eles falasse

-eu não quero que essa chuva cai aqui!

A chuva não vinha! Se tivesse um boi doente eles cantava e o boi levantava, rezava e o boi saravá. Os cara dominava essa técnica junto com a natureza que é um coisa que temia muito agente. A mãe benze mordida de cobra, dor de dente, gado doente, bichos, ela benze, ela sabe fazer isso. Por isso que eu tô te falando, nós pertencemos a um povo que sabe das coisas e usa isso pra fazer o bem. Mas se tiver que fazer o mal pra se defender (risadas) é a luta por justiça moço! É a luta pra sobrevivência, é a lei da natureza. Entendeu? Nós tá na estrada, uns vão chamar de vagabundo

-isso é um bando de vagabundo! Num tem o que fazer?

Mas outros vão pedir misericórdia

-entra na minha casa!? Reza por mim e trás a bandeira!?

Entendeu? Porque entende que a bandeira entrando, você entrando na casa deles cê vai trazer uma energia diferente, vai trazer coisa boa ali praquela casa, praquela lugar. Então a cultura ela sempre teve a suas entidades pra proteger né. Proteger esses mestres, proteger esses cantador. E eles sabiam que em algum momento também... igual Tiquim de Martins Soares, ele cantando um dia, diz que a sanfona ficou rouca. Tocava e a sanfona num saia, o som. Porque o córrego onde eles tava tocando era uma antiga fazenda que já tinha matado muita gente, escravizou muita gente, então a energia daquele povo tava ali. Diz ele que teve que afastar do grupo e fazer uma oração. Igual o Mestre Boi sempre faz e que ninguém entende né. De vez em quando ele some e ninguém viu onde ele foi, ele sabe o que que ele foi fazer, ele sabe o que tá acontecendo e quando volta as coisas entram no eixo né. Os mestres tem essa sensibilidade e sabe disso. Consegue saber a hora certa de intervir. Por isso é bom

respeitar as figuras que tem esses conhecimentos, não abusa dessas figuras não, porque eles sabem. Sabem, conhecem, sabem fazer, sabe quem faz, e é importante demais proteger essas pessoas.

GP – voltando lá pros seus 18, 19 anos, início da militância né, e já levando uma paulada na campanha de vereador, você já vinha com essa bagagem lá da sua infância, da pré-adolescência, de ver sua tia, de ver os velhos... cê já tinha captado isso? dessas magias?

SF – eu nunca precisei andar armado, nunca andei. A não ser um canivete pra chupa uma cana ou descascar uma laranja, nunca precisei de colocar nenhuma arma de fogo. Porque eu sempre acreditei muito nessa... se for pra ir pra força do braço (risadas) eu vou, eu encaro. Mas nunca confiei que uma arma de fogo ia me defender de alguma coisa, nunca acreditei nisso. Mas sempre me preparei pro pior que seja. Se for preciso eu sei atirar, eu sei, eu sei. Eu aprendi. Sei carregar arma, sei envenena as bala, eu sei fazer esses trem tudo. Nunca precisei e espero nunca precisar. E até acredito na gente fazer essas coisas que agente faz, a justiça... e outra coisa né cara, nesse começo de história aí, foi quando eu ouvi falar do Gandhi. Que foi uma figura que sempre me encantou muito, Mahatma Gandhi. Desde do começo da minha militância foi uma figura que eu sempre tive como referência, a paz, a justiça, o amor pra fazer as coisas. Gandhi era essa figura que viajava e ele carregava um saco de algodão e uma roda de tecer porque onde ele tava ele produzia sua rede, ele fazia o tecido, fazia uma boina, se ele precisasse de comida ele trocava aquela boina em comida. As pessoas não sabem da história de Gandhi, não sabe quem foi esse homem até hoje né. Mas era uma figura de puro amor que queria libertar o seu povo. Nunca pegou em uma arma pra se defender a si próprio e o seu povo e sim as palavras, muito bem colocadas. **Então eu sempre acreditei muito nisso, na força das palavras e na informação correta, bem informada.** Porque quando você tem uma informação moço, você desmonta qualquer estrutura. A verdade. Quando você chega com a verdade, a mentira não sobrevivi. Isso é uma coisa que desde cedo eu trago comigo.

APESAR DE TODA MÁGOA VALE A PENA TODA LUTA PARA SER FELIZ<sup>95</sup>

<sup>95</sup> Trecho da música “Agente merece ser feliz” de Ivan Lins.

**GP – e como foi pro movimento receber essas coisas de espiritualidade, de mística, de magia, de mandinga, ali no sindicato, no PT**

SF – A primeira coisa foi negar né. Eu enfrentei isso no CTA, na associação regional, no sindicato. No CTA muito mais né, porque quando agente vinha pros encontros do CTA, naquela época que os técnicos pensavam outras coisas, hoje eu vejo os técnicos já pedindo pra abrir o encontro com mística, naquela época já começava com uma discussão, no movimento já começava com análise de conjuntura, com xingamento e tal, aquela rebeldia.

Alguns até contava

-a nossa fonte, a nossa herança é da CEBs

A CEBs sempre foi inculturada. E ela só sobreviveu até hoje por causa dessa inculturação. De permitir a presença indígena e africana. E quando o povo tá nesse meio, tá sua cultura. O jeito do negro orar, rezar é diferente, o jeito do índio é diferente. O índio acredita na divindade superior mas é diferente do branco. Então a CEBs sempre foi esse espaço que respeitava. Você podia trazer a bandeira dos movimentos e tal. E os movimentos sociais por muito tempo achou que isso não era importante. Mas ate Dom Pedro Casaldáliga mostrar pros lutadores do MST, pros grandes dirigentes daquela época, que o líder sem espiritualidade ele não vence, que a espiritualidade é uma característica própria de quem luta pela justiça.

Que as místicas, esse contato com essa força misteriosa superior, isso é importante. E o que que é a mística? É contemplar, observar a criação e criatura de Deus, assistir um por do sol, ver o amanhecer, entendeu? É olhar o rio e entender por que esse rio corre? onde ele vai chegar? Entender o ciclo da natureza. Aí você vai entender que a vida, que a luta é importante quando você observa isso. Observar os pássaros, observar de modo geral a natureza. A mística é a contemplação. E nós somos herdeiro do povo que cultua. Por isso a cultura né. Um povo que cultua. Cultura vem do cultuar né. A mística é um culto. Todas as vezes que você acende uma fogueira e toca os tambores você está cultuando aquela divindade que protege aquele povo. Então toda vez que cê entra na mata pra busca uma planta, você tá valorizando aquilo ali né. Toda vez que você entende e sabe que a planta que cura é um culto que você tá fazendo a natureza. Toda vez que você pega uma argila pra fazer um remédio, um emplastro com a terra, isso tudo é um culto, uma valorização da terra. Isso é mística. E por muito tempo o movimento não acreditava nisso. Achava que era só as grandes pautas que eram importantes, só os grandes debates, e muitos se esqueceram da sensibilidade e se

tornaram cidadãos carrancudos. E quando tiveram a oportunidade se tornaram igual os outros, se corromperam, meteram a mão nos dinheiros das organizações, uns ficaram ricos a custa das organizações. Porque não entenderam que o seu papel era de libertador.

E quem assume esse papel de libertador não quer as coisas só pra ele. Eu não quero riqueza só pra mim não, o que adianta eu ficar rico e meus irmão continuar pobre? Meus irmão não é só meus 12 irmãos de sangue, é todo mundo que tem a mesma condição de vida que eu. Esses são meus irmãos. Esses também precisam das mesmas coisa que eu. Precisam de carro, precisam de casa, igual eu preciso. Não adianta eu querer a riqueza só pra mim. E muito dirigentes entraram nessa onda né, tiveram as informações, aprenderam as informações e usaram delas pra enriquecer. Usaram a homeopatia pra ficar rico, usaram as plantas medicinais, usaram inclusive os saberes das espiritualidades. Tem muito pai de santo rico, que chega no terreiro e pede mil a dois mil reais pra acender uma vela pra Exu. Isso é um abuso. A entidade não precisa de dinheiro. Pra que Exu quer dinheiro? Ele precisa do agrado. E o agrado das entidades é diferente desses agrado que cê faz com tapinhas nas costas. Os agrados são os reconhecimentos, é o acender de uma vela, pedir licença pra ele que é o dono da terra, que é a boca do mundo, entendeu? É diferente o nosso jeito de pensar. O jeito de pensar de quem compreende a militância como espaço de formação, transformação da sociedade e de gente que tá no movimento buscando empoderamento pra ser a referência. Tem muitagente que quer ser estrela, e cê corre sério risco de ser estrela e ficar distante. Eu nunca consegui tocar numa estrela. Elas estão muito longe. O máximo que nós consegue é encantar com o brilho delas. Então é esse cuidado que agente tem que ter pra não virar estrela e apagar e sumir do planeta (risos).

**GP – Mas mesmo assim o movimento nunca te largou?**

**SF – Não uai! O movimento não larga ninguém não. O movimento por si... quem que é o movimento? O movimento somos nós ué. Se eu deixasse o movimento eu poderia falar -o movimento meu abandonou.**

**O movimento se faz de pessoas.** E a partir do momento que eu deixo o movimento, o movimento deixa de existir (risadas). Se todas as pessoas deixarem o movimento ele não existe mais. Já pensou se todo mundo falasse assim

-não vou mais praticar a agroecologia.

Agroecologia por si só? Ela não existe. Ela vai virar mata atlântica, de novo tudo floresta.

GP - Ou tudo pasto.

SF – ou tudo pasto. Ela precisa das pessoas movimentar ela. Por isso que agroecologia é movimento, porque o movimento precisa das pessoas. **Eu nunca larguei o movimento e nunca vou largar. Não existe essa coisa**

**-o movimento me abandonou!**

As pessoas do movimento fizeram injustiças comigo, cometeram injustiça comigo. Em vários momentos eu posso dizer que as pessoas cometeram injustiça. Mas era o momento que as pessoas tavam vivendo e acreditaram que eu seria uma ameaça. E com certeza seria mesmo. Agora, eu sempre dialoguei, as pessoas voltaram atrás. Tem uns que não tiveram coragem de voltar atrás mas reconheceram que errou. Eu reconheço que em muitos momentos que eu errei também. Agora é importante as pessoas que criticam o movimento não sair dele, fazer a crítica por dentro. Porque eu posso criticar o movimento negro, eu tô no movimento negro, não vou abandona ele e vou criticar sempre. Na perspectiva que o movimento precisa de crescer e precisa de melhorar. Eu vou sempre criticar o movimento sindical, o movimento da agroecologia porque eu acredito que esse movimento é libertador. E o movimento que e libertador tem que aceitar a variação, tem que aceitar crítica. Se não ele passa a ser outra coisa. E não movimento de libertação do povo.

GP – Você tá de boa pra continuar essa conversa?

SF – sim. Enquanto tiver bateria e estrada nós...



Encontro de Artistas da Caminhada no Sítio Portal de Luz na comuniadde do Cruzeiro em Espera Feliz, agosto de 2017. Na foto da direita para a esquerda: Amauri, Zé Vicente, Raquel Passos, Tião Farinhada, Heriberto Silva.

GP – Você teve essa derrota na campanha de vereador com 19 anos e com o violão em punho ali

SF – com o violão em punho. Não abandonei não. Continuei no PT, fui coordenar outras campanhas, fomos eleger companheiros, jamais abri mão disso

GP – e isso foi depois dos 19 anos? Você manteve no PT?

SF – Exatamente. Mantive ali no sindicato. Porque se eu tivesse de certa forma sido eleito vereador, talvez eu não conseguiria talvez manter e se tornar a liderança que eu me tornei. Nessa época eu já gostava do que eu gosto de fazer hoje, mas era questão das prioridades. Talvez o mandato seria importante pra algumas conquistas, mas poderia podar outras conquistas. E a oportunidade que o movimento me deu de trabalhar com questão da formação sobretudo com a juventude.

Agente ia pra uma atividade de um final de semana e o que cê discutia naquele final de semana... tipo assim, tava na Troca de Saberes, agente chegava na comunidade e repassava na outra semana tudo aquilo que agente aprendeu ali agente repassava. Era desse jeito. Fiz isso durante mais de 10 anos. E incrível que pareça, que hoje ainda nos movimentos e na juventude muitos ainda faz. Eu semana passada tava numa atividade, aí tinha uma pessoa com o caderninho falando assim

-eu nunca participei de uma reunião do movimento negro. Nunca participei de uma reunião pra conversar as coisas sobre o negro. Cês tão aqui conversando as coisas sobre negro, mas é tudo que eu vivi na minha comunidade. Cês tão discutindo a questão da terra, cês tão discutindo a questão da justiça. Foi tudo que eu sempre preguei. Eu tô anotando isso tudo porque eu quero chegar lá e repassar isso.

Mas é ter gente pra fazer isso né, pra repassar. Eu as vez não do conta mais de repassar os aprendizados.

GP - É muita coisa?

SF - É muita coisa. É muita informação. Por isso é importante ter um grupo de base. E as vezes eu não do conta de socializar nem dentro de casa né, com a minha companheira. Porque cê chega num dia com a informação, no outro dia já tem outra informação e antes agente dedicava mais a isso. Por isso quem sabe? Nossa escola de formação ela já num existe? Mas os modos né? Pensa direitinho, o cronograma. Mas que seja esse o espaço. Da Gente aprende junto né, aprender fazer as coisas. Eu não sei fazer nada não uai (risos) agente faz junto ué.

Agente aprende e faz junto. Por exemplo, você tem o mestre Zé Maria Pedro pragente faze balaio junto, fazer peneira junto, seu Guarnai pra gente fazer junto as radiestesia, fazer as tintura junto. Isso que é saber sabe? Eu sempre acreditei nisso como empoderamento. O dia que o povo deixar de acreditar na sua força ele não existe mais. O povo tem que sempre acreditar que ele e capaz de fazer. Ele é capaz de propor algo, e eu sempre fui dessas. Às vezes eu ia dar um plenário na comunidade, eu quebrava o pau ali, denunciava um tanto de coisa, mas no final, um sinal de esperança. Tem que ter três coisas pra você caminhar com elas

-você tem que caminhar com a rebeldia pra você mostra isso

-a denuncia. Porque a rebeldia que vai te fazer ter coragem de denuncia

-mas você tem que apontar os sinais de esperança

**Não dá pra você chega na comunidade do Córrego do Meio de diante de todos conflitos e não apontar nenhum sinal de esperança pra aquele povo. Porque os sinais de esperança tá ali. Tudo tem sinal de esperança. E por incrível que pareça agente... o que mais me fez confrontar com os colegas de movimento era isso, o pessoal ficava só na rebeldia e não apontava a esperança.**

## ENCERRANDO: FESTEJENDO O CONHECIMENTO

O nosso povo é um povo de alegria né, um povo de festa e alegria. Então assim, a tristeza e o sofrimento nunca foi motivo para o povo deixar de festejar.

(Tião Farinhada, caderno: Venenos, esperanças e festas).

Festa é Luta

(mestre Boi, caderno: O que nunca fora segredo).

**Os dois mestres conduziram esta pesquisa de forma viva e bonita, no bailado de** histórias próprias. O que nos foi mostrado e o que debatemos foram caminhadas já percorridas por eles e que dizem muito do que fazemos juntos, fizemos o caminho de volta. As trajetórias percorridas tornaram estes dois anos de pesquisa mágicos para mim.

Não por acaso, a escolha pelos trabalhos das produções narrativas permitiu o estudo de diversos temas a partir de dessas duas trajetórias de vida. No entanto, o que se pede é que, junto aos mestres que produziram as narrativas e às pessoas que contribuíram neste processo, se elenque pontos que destacaram durante as produções. Como ler as palavras narradas?

Entendo, desde minhas primeiras atuações com os mestres Boi e Farinhada, que estávamos reivindicando melhores condições de vida e de trabalho para artistas da caminhada: mais vidas no campo, alimentos mais saudáveis, água boa para beber, terra para plantar, cidades mais vivas etc. Não é justo que congados, folias, capoeiras, sambas, cantigas-de-roda, a agroecologia, a educação popular e outras manifestações, depois de presentear a sociedade com suas artes, voltem para vidas precárias de seu dia-a-dia. Será que um dia as pessoas verão essas manifestações como vitais para suas vidas como são vitais as lutas por alimentos sem veneno? Queremos isto!

### BOI E FARINHADA SE POSICIONAM COMO ARTISTAS, OU SEJA, NAS MARGENS.

**Confesso que depois desta pesquisa, minhas concepções de fazeres** artísticos foram afetadas: as ânsias pelos espetáculos-mercados diminuíram; a busca por fazeres artísticos que visem à formação de mais artistas se tornou mais rigorosa; a luta por melhores condições de trabalho da arte se configurou em movimentos conectados por pessoas

espalhadas pelo país<sup>96</sup>; as resiliências das formações artísticas dos povos tradicionais refletem de que, com efeito, os dois mestres são resultados de uma produção social, ou seja, são também produtores e produtos dos movimentos sociais nos quais atuam. Mas penso: o que ocorreu com os dois mestres para que tornassem o que tornaram, sendo que várias pessoas ao lado deles não tomassem os mesmos rumos? Por que dentre tantas pessoas que os acompanham, os dois manifestam dificuldades em encontrar pessoas que os sucedam? Farinhada denuncia as falhas dos movimentos sociais em novas inserções de base. Boi denuncia os descasos dos jovens com suas práticas culturais e o desmonte das tradições pelos avanços tecnológicos.

#### DEFENDEMOS O RECONHECIMENTO E O FORTALECIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS COLETIVAS E PRÓPRIAS.

**“O conhecimento que se gera a partir da atividade de investigação é, por tanto, um produto social e contingente e constrói uma “versão” do fenômeno estudado desde a posição de quem participa”** (BALASCH E MONTENEGRO, 2001, P.46). Entendemos que as realidades se criam coletivamente mediante as interações de conhecimentos próprios.

Nos debates que A linguagem, uma expressão do ser humano, na perspectiva da produção narrativa, é entendida como um processo relacional ativo e aberto no qual a pessoa que fala está localizada em uma rede de relações e gêneros de fala. A linguagem seriam atividades, fluxos de ações discursiva entrelaçada e interdependentes. (BALASCH E MONTENEGRO, 2001, p 46.)

Por isso as lembranças de diversas pessoas e lugares durante as caminhadas e também a geração de memórias quando aparecimentos pessoas e lugares em nossos trajetos. Se lembra quando vê e se vê quando lembra: a linguagem promove uma constante construção e reconstrução do cotidiano. As enunciações sobre o mundo são entendidas desta maneira, como produto dessa atividade relacional e interdependente, o que torna os enunciados plurais e múltiplos e ao mesmo tempo com marcas do tempo presente e próprias (BALASCH E MONTENEGRO, 2001, P.46).

<sup>96</sup> O grupo formado foi o Painel Cultural. Uma junção de artistas com finalidades de formação de nov@s artistas militantes.

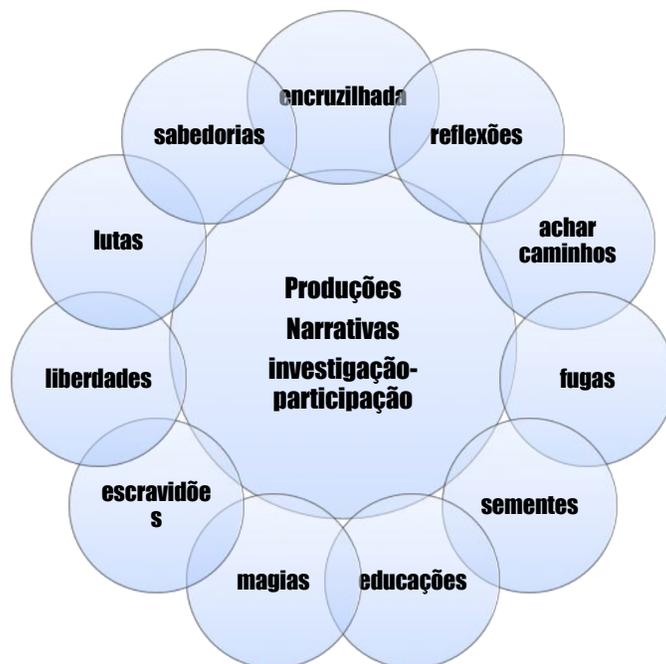


Gráfico de atividades relacionais e interdependentes: as múltiplas vozes implicadas na produção de um relato.

Essas condições da linguagem descritas acima e também expressas no gráfico, a partir das narrativas dos mestres Boi e Farinhada se evidenciam no que nomeio de *manifestações artísticas coletivas e próprias*. Expressão artísticas que se tecem localmente conectadas com o que ocorre no entorno: políticas, lutas, violências, alimento, campo, cidade, capitalismo.

Considerar as *manifestações artísticas* como *coletivas e próprias* remete a um tema, no meu ver, central neste trabalho: a festa, ou a *diversidade cultural ativa*. A festa como *prática política de compromisso social* em buscar uma vida mais digna. Tião Farinada e Antônio Boi representam, a partir de suas práticas artísticas, a legitimação dos encontros entre diferentes, a festa.

Este trabalho nos dá algumas pistas de como iremos trabalhar para que essas manifestações possam contribuir para que nossas vidas se tornem melhores e mais alegres, fazendo emergir uma *cultura festiva*. É comum em comunidades tradicionais a dedicação de grande parte dos dias a realização de festas. Festas como ajuda mútua, festas como diálogos, festas como preparação da abundância, festas como demarcação de territórios, enfim festas distanciadas das condições espúrias do mercado e do espetáculo.

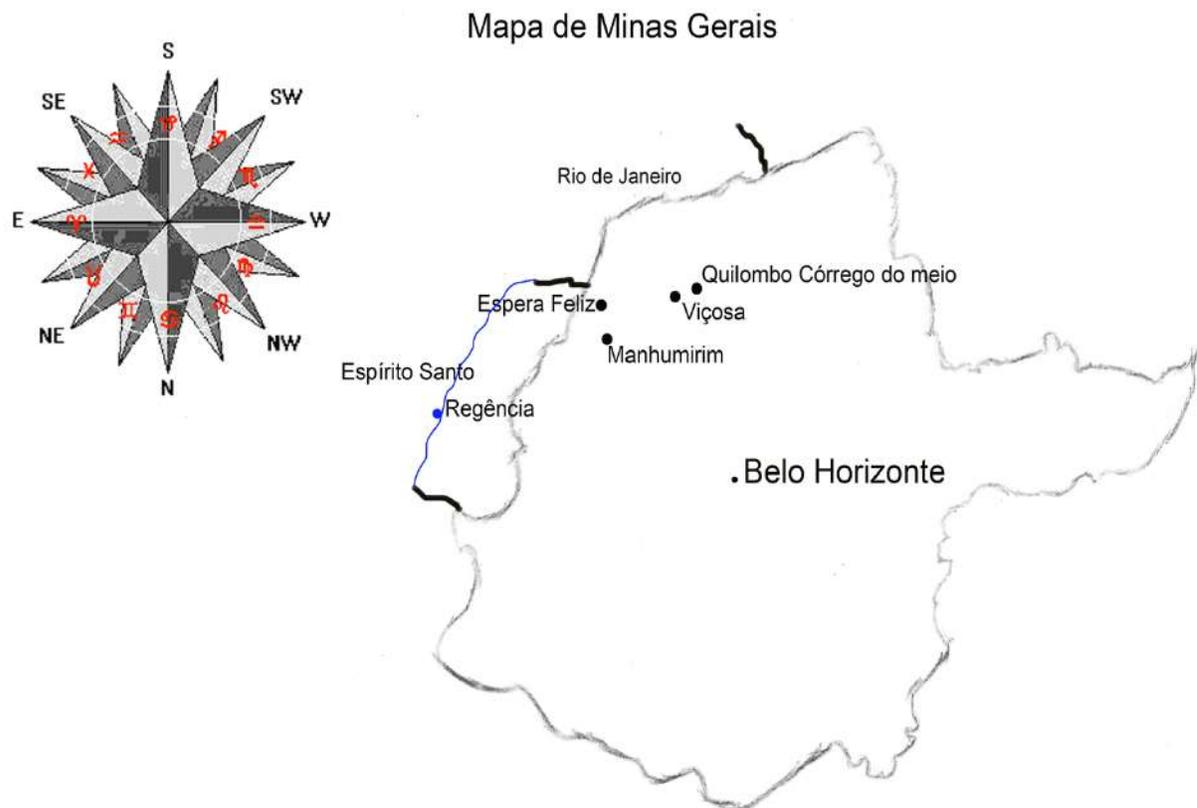
*As manifestações artísticas coletivas e próprias* nos permite interpretar as nossas realidades a partir de esquemas próprios, locais, nos tornando mais conhecidos, mais livres e mais coletivos. Quem conhece Farinhada e Boi se torna mais forte.

# MAPAS

Mapa 1 - localidades visitadas durante as caminhadas (Belo Horizonte aparece apenas para referenciar as localidades).

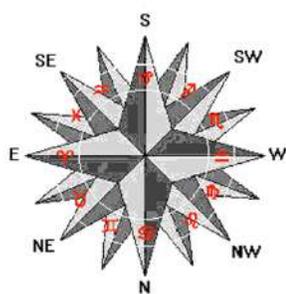
Mapa 2 e 2.1 – Os caminhos de volta. Fetio a partir do mapa elaborado por Farinhada no último dia de caminhada. Este mapa foi feito por mim, está estilizado e em escala menor.

Mapa 1



## Mapa 2

## Mapa de Minas Gerais



 Pequeno trecho da Serra da Mantiqueira. Onde se encontram as Serras do Brigadeiro e Caparaó

 BR 116





## CANCIONEIRO

Músicas, cânticos e embaixadas que foram entoadas durante as caminhadas

(Canto religioso)  
 Passa por aqui Senhor!  
 Passa por aqui.  
 Passa por aqui Senhor!  
 Passa por aqui.  
 Io io io io Senhor  
 Passa por aqui.  
 Io io io io Senhor  
 Passa por aqui.  
 Eu me entrego a Ti Senhor!  
 Eu me entrego a Ti.  
 Eu me entrego a Ti Senhor!  
 Eu me entrego a Ti.  
 Io io io io Senhor  
 Eu me entrego a Ti.  
 Io io io io Senhor  
 Eu me entrego a Ti.  
 Fica sempre em mim Senhor!  
 Fica sempre em mim.  
 Io io io io Senhor  
 Fica sempre em mim.  
 Io io io io Senhor  
 Fica sempre em mim.

(Cântico do Congado)  
 Minha vó é uma coruja o lelê  
 Minha vó é uma coruja o lelê  
 Mora no oco do pau o lelê  
 Mora no oco do pau o lelê  
 O meu pai é um preto velho o lelê  
 O meu pai é um preto velho o lelê  
 Tocador de berimbau o lelê  
 Tocador de berimbau o lelê

(Cântico do Congado)  
 Lá na mata tem uma flor  
 É um milagre de Nossa Senhora

Lá na mata tem uma flor  
 É um milagre de Nossa Senhora

Oh me vale São Benedito, Santa  
 Efigênia  
 Que me vale nessa hora  
 Oh me vale São Benedito,  
 Santa Efigênia  
 Que me vale nessa hora

(Cântico do Congado)  
 Vamos fazer oração  
 Vamos fazer oração meus irmãos  
 Vamos fazer oração  
 Vamos fazer oração meus irmãos  
 Vamos fazer oração  
 Ora vamos fazer oração  
 Ora vamos fazer oração meus  
 irmãos  
 Ora vamos fazer oração  
 Ora vamos fazer oração meus  
 irmãos  
 Ora vamos fazer oração

(Cântico do Congado)  
 O pai Chico cadê pai Mané  
 O pai Chico cadê pai Mané  
 Está lá na horta panhado guiné  
 Fala com ele pra quando vier  
 Que suba a escada não bate com  
 pé  
 Fala com ele pra quando vier  
 Que suba a escada não bate com  
 pé

(Cântico do Congado)  
 Viva Maria no céu, Viva Maria no  
 céu  
 Com seu terço na mão  
 contemplando o mistério  
 Oh viva Maria no céu  
 Oh viva Maria no céu

(Cântico do Congado)

Eu estava dormindo quando ouvi  
caixa bater  
No Congado eu nasci, no Congado  
eu vou morrer  
Eu estava dormindo quando ouvi  
caixa bater  
No Congado eu nasci, no Congado  
eu vou morrer

(Cântico do Congado)  
Deu no dia deu no ano deu na hora  
que nasceu  
A Senhora do Rosário la na mata  
apareceu  
No dia 13 de maio a assembleia  
trabalhou  
Preto velho era cativo, Sá Rainha  
Libertou

(Cântico do Congado)  
No tempo da escravidão era  
branco que mandava  
No tempo da escravidão era  
branco que mandava  
Quando branco ia a missa era  
negro que levava  
Quando branco ia a missa era  
negro que levava  
Quando branco ia a missa era  
Branco entrava pra dentro negro  
de fora ficava  
Branco entrava pra dentro negro  
de fora ficava  
O Sô Padre abre a porta deixa esse  
negro entrar  
O Sô Padre abre a porta deixa esse  
negro entrar  
Quero ouvir a Santa Missa, Pai  
eterno a celebrar  
Quero ouvir a Santa Missa, Pai  
eterno a celebrar  
Abre a porta da igreja deixa esse  
negro entrar  
Abre a porta da igreja deixa esse  
negro entrar  
Quero ouvir a Santa Missa, Pai  
eterno a celebrar

Quero ouvir a Santa Missa, Pai  
eterno a celebrar  
Tudo isso aconteceu no tempo da  
escravidão  
Tudo isso aconteceu no tempo da  
escravidão  
Ela fez uma promessa pra salvar  
toda a nação  
Ela fez uma promessa pra salvar  
toda a nação

(Embaixada do Congado)  
Ô João!  
ô Chico!  
ô Manéu!  
ô Canfundé!  
Ô Caterendengue!  
Estão todos aí?  
Tão todos cansados?  
De todos cansados o mais  
perturbado sou eu, evú?  
Acerta as vozes, reduz os  
instrumentos, faço como quem,  
cambaço camaleão que eu também  
sou Congo.  
Cubiça Marimba oh parente!

Ôôô disimbuia!!  
Inhô?  
Quem de matinália que em festa  
do Rosário, Senhor Real Vassalo.  
Ô logo lá meu secretário!  
Secretário da Real Pessoa e  
Secretário da minha Coroa. Andar,  
andar Vosso Monarco ressenhoso.  
Tu acha que eu estou bem? Então  
passa.  
Senhor Vassalo ou Secretário?  
Inho?  
Ou vá ver, ou mando me sabere.  
Que de Congo armado, com  
ousadia afastado guanercendo  
minha pessoa.  
Se for gente de festa você diga que  
o festa, mas um festa. Se for gente  
de arenga você diga que é arenga.

Malanhão, Kualí, que me faça a mim mesmo também será uso da Bagalia, evú!

Que são Vós Mungum?

A mim Senhore. Pai de Ganga e de Cimisa conforme seja o Zame, Gagunda de Ganja, barriga cheia estica.

A preguiça me acompanha até na ponta do calcanhar, evú!

(Cântico do Congado)

Quando eu era escravo meu patrão que me batia

Quando eu era escravo meu patrão que me batia

Gritava Nossa Senhora, a pancada não doía

Gritava Nossa Senhora, a pancada não doía

(Cântico do Congado)

Minha Rei passou aqui

Minha Rei passou aqui, fazendo assim, fazendo assim

fazendo assim, fazendo assim

Senhor Rei passou aqui

Senhor Rei passou aqui, fazendo assim, fazendo assim

fazendo assim, fazendo assim

(Cântico do Congado)

A lua lumeia a noite, o sol clareia o dia

A lua lumeia a noite, o sol clareia o dia

Até os anjos do céu ora viva, ora viva Maria

(Cântico do João Baca)

Ôôô José

Cadê Maria, Mariá

Cadê José, Oiaa

(e o grito respondi assim)

Resposta – Oiaaaaa

Ôôô José

Cadê Maria, Mariá

Cadê José, Oiaa

Resposta – Oiaaaaa

(Cântico do João Baca)

Lá no céu tá trujejando

Mas não é para chover

Meu amor está doente

Mas não é para morrer

(Cântico do Congado)

Lá vai, lá vai, lá vai

Deixa a bandeira passar

Lá vai, lá vai, lá vai

Deixa a bandeira passar

Lá vai, lá vai, lá vai

Deixa a bandeira passar

Lá vai, lá vai, lá vai

Deixa a bandeira passar

(Cântico do Congado)

Dá licença, dá licença

Dá licença Senhora dona da casa

Dá Licença

(Cântico do Congado)

Ê vem uma banda lá meu Calungo

Ê vem uma banda lá meu Calungo

(Cântico do Congado)

Ô que Santa é essa que está na bandeira

Ô que Santa é essa que está na bandeira

É Virgem do Rosário, Santa verdadeira

É Virgem do Rosário, Santa verdadeira

(Cântico)

Senhora do Rosário foi quem nos trouxe aqui

Senhora do Rosário foi quem nos trouxe aqui

A água do mar é santa eu vi, eu vi, eu vi.

A água do mar é santa eu vi, eu vi, eu vi.

(Embaixada do Congado)  
 Deu no dia, deu no ano, deu na  
 hora que nasceu  
 A Senhora do Rosário lá na mata  
 apareceu  
 Há vinte anos passados o povo  
 sempre falava  
 Aqueles que era cativos, nenhum  
 deles acreditava  
 Isso foi em 1888 que essa lei foi  
 resolvida  
 Que tivemos um grande trabalho  
 no surgimento da vida  
 No dia 13 de Maio foi um dia de  
 muito respeito  
 Foi nesse dia que a Santa Rainha  
 Isabel sentiu por nós um grande  
 respeito  
 Fez uma grande festa, festa de três  
 Reis: caboclos, criolos e mulatos  
 Nós todos devemos de adorar  
 Assistir uma missa em campale e  
 uma comunhão em gerar  
 Até os passaros chorava de vê os  
 pobres tio naquele grande  
 sofrimento  
 As almas santas benditas estavam  
 cantando de alegria  
 Por ver os anjos do céu rezar o  
 Rosário de Maria

(Cântico do Congado)  
 Ôô tem um bamba lá  
 Ôô tem um bamba lá meu carimbé  
 Tem um bamba lá  
 Ôô tem um bamba lá  
 Ôô tem um bamba lá meu carimbé  
 Tem um bamba lá

(Cântico do Congado)  
 Nós viemos da mata tocando viola  
 Rei e Rainha nós vamos simhora  
 Ô viemos da mata tocando viola  
 Rei e Rainha nós vamos simhora

(Acorda América)

Acorda América, chegou a hora de  
 levantar.

O sague dos mártires fez a  
 semente se espalhar.  
 Nestes campos, nestas planícies,

Nestes vales e caatingas;  
 Nestas raízes entrelaçadas  
 De etnias tão misturadas:  
 É assim meu povo, a nossa  
 América Latina.  
 Meu irmão índio, meu irmão afro,  
 Meus latinos companheiros,

Nós somos vítimas das  
 dependências  
 De um império estrangeiro:  
 É assim o meu povo, a nossa  
 América Latina.

Eu me pergunto a todos nós:  
 Até que dia nós agüentamos  
 Essa violência tão assassina?  
 Nos tomam as terras, matam os  
 índios,  
 Nos deixam os restos da nossa  
 América Latina.

(Zé Vicente, O que vale é o amor)  
 Se é pra ir a luta, eu vou!  
 Se é pra tá presente, eu tô!  
 Pois na vida da gente o que vale é  
 o amor (bis)

É que a gente junto vai  
 Reacender estrelas vai  
 Replantar nosso sonho em cada  
 coração  
 Enquanto não chegar o dia  
 Enquanto persiste a agonia  
 A gente ensaia o baião  
 Lauê, lauê, lauê, lauê

É que a gente junto vai  
 Reabrindo caminhos vai

Alargando a avenida pra festa  
 geral  
 Enquanto não chega a vitória  
 A gente refaz a história  
 Pro que há de ser afinal  
 Lauê, lauê, lauê, lauê

Se é pra ir a luta, eu vou!  
 Se é pra tá presente, eu tô!  
 Pois na vida da gente o que vale é  
 o amor (bis)

É que a gente junto vai  
 Vai pra rua de novo, vai  
 Levantar a bandeira do sonho  
 maior  
 Enquanto eles mandam, não  
 importa  
 A gente vai abrindo a porta  
 Quem vai rir depois, ri melhor  
 Lauê, lauê, lauê, lauê

Esse amor tão bonito vai  
 Vai gerar nova vida, vai  
 Cicatrizar feridas, fecundar a paz  
 Enquanto governa a maldade  
 A gente canta a liberdade  
 O amor não se rende jamais  
 Lauê, lauê, lauê, lauê

Se é pra ir a luta, eu vou!  
 Se é pra tá presente, eu tô!  
 Pois na vida da gente o que vale é  
 o amor (bis)

(Zé Vicente. Meu canto, minha  
 arma)  
 O tempo é pesado, eu sei  
 Há fome de pão e de paz  
 Não é este o país que eu sonhei  
 Tá demais!  
 Já chega de medo e mentiras  
 Violência e roubo à nação  
 O sim é só para a verdade  
 O resto é não!

E eu vou por aí com meu canto

Abrindo estradas  
 Quebrando encantos  
 Rompendo as barreiras do coração  
 Rasgando mentiras e ilusão  
 Meu canto é arma, eu sei  
 E há tempos estou na luta

Quem diz que a dor é eterna  
 Que o cego não pode enxergar  
 Que a sorte é que nos governa  
 Vejam lá  
 Os raios do sol batem forte  
 A gente sabe, já vê  
 A força do amor vence a morte  
 Faz viver!

(Barrerito, As Andorinhas  
 voltaram)  
 As andorinhas voltaram  
 E eu também voltei  
 Pousar num velho ninho  
 Que um dia aqui deixei.  
 Nós somos andorinhas  
 Que vão e que vem  
 À procura de amor  
 Às vezes volta cansada  
 Ferida, machucada  
 Mas volta pra casa  
 Batendo suas asas  
 Com grande dor.  
 Igual à andorinha  
 Que eu parti sonhando  
 Mas foi tudo em vão  
 Voltei sem felicidade  
 Porque na verdade  
 Uma andorinha voando sozinha  
 Não faz verão.

(Cântico antigo)  
 O tatu chegou em casa acode  
 moleque eu morro  
 Estou todo machucado com a  
 mordida do cachorro  
 O tatu chegou em casa acode  
 moleque eu morro

Estou todo machucado com a  
mordida do cachorro

Tatua diz pro tatu  
Bem feito, quem é que te mando  
passa nas encruzilhada onde o  
caçador passar

Tatu é bicho do Mato também tem  
boas ideia

Sabendo que ia morre casou a  
filha mais velha,  
Sabendo que ia morre casou a  
filha mais velha

(Cântico do Congado)

Me dá meu terço, esse terço é deu  
rezar

Me dá meu terço, esse terço é deu  
rezar

Este terço ele é meu ele à de me  
salva

Este terço ele é meu ele à de me  
salva

(Cântico do Congado)

Oh Laulau

Bastião Manina Sanlantônio  
É de pai João Sanlantônio  
É do Congado essa bandeira do  
Rosário

Oh Laulau

Bastião Manina Sanlantônio  
É de pai João Sanlantônio  
É do Congado essa bandeira do  
Rosário

(Cântico do Congado)

Tira eu mamãe do Rosário  
Tenha dó mamãe do Rosário  
Tira eu mamãe do Rosário  
Tenha dó mamãe do Rosário

(Canto antigo)

Cuidado caboclo pra num falar  
palavra errada  
Cuidado caboclo.

(Embaixada do Congado)

Deu no dia, deu no ano, deu na  
hora que nasceu

A senhora do rosário lá na mata  
apareceu

Dos parmito nasceu as parma das  
parma nasceu os parmito

Aqui está nossa senhora e também  
são benedito

Lá do céu desceu um anjo

mandado de santa helena

De um lado são benedito do outro  
lado santa Efigênia

O virgem do rosário!

Nós viemos te buscar

Trouxemos vosso trono para vos  
depositar

E trouxemos vosso incenso pra  
seu trono incensá

Nossa Senhora no meio e Jesus  
cristo no artar

Benzo o vinho e benzo a água na  
hora de consagrar

Padre, filho, espírito santo, na  
hora de deus amém

Vamos levar a virgem pura pra  
capela de Belém

Colocada num presépio os tio  
vieram adorar

Haverá uma missa em campale e  
uma comunhão em gerar

Até os pássaros choravam de ver  
os próprios tios naquele grande  
sofrimento

As almas santas e benditas  
estavam cantando de alegria

Por ver os anjos do céu rezar o  
rosário de Maria

As estrelas do oriente ficaram  
naquela confusão

Num sabia se ia pra Belém ou se  
seguia o rio de Jordão

Esperando a estrela Dalva só pra  
dá a direção

Chegando a estrela Dalva com os  
três rosário sagrado

Sigo para o soturno pra visitar o reprovado  
 No dia desse festejo foi um dia de muita alegria  
 Por que nós recebemos a liberdade em louvor de Maria  
 Chegando a rainha Isabel com a carta de alforria  
 Esses meninos são do alto das oliveiras  
 Aqui está os três vassalos em defesa da bandeira

(Rubinho do Vale, Trem da história)  
 Lá vai o trem da historia tocando a todo vapor  
 Cumprindo com seu papel de um menestrel sonhador  
 Apita e solta fumaça pelas montanhas gerais  
 Vivendo só de pirraça do meio das capitais  
 Unindo trilhos urbanos com outros trilhos rurais  
 Vem lá de Jequitinhonha, quem sabe do Rio Doce  
 E toda noite ele sonha, se trem de carga ele fosse  
 Levava em cada vagão, violão, surdo e pandeiro  
 Parava em toda estação, chamava o povo inteiro  
 Pode subir coração que esse trem é brasileiro

Vamos embora gente, olha o apito do trem  
 Vamos seguir a história com a canção brasileira  
 Para que nossa memória não se acabe em poeira

E no peito bate um coração aflito  
 Feito um tambor de folia descompassado e bonito

Perdido pelas estradas destino deste país  
 Olha o menino sem nada sonhando em ser feliz  
 E a multidão destoadada sem rumo e sem ter raiz  
 E nessa hora sou eu, um folião congadeiro  
 Violeiro, cavaleiro andante, um trovador  
 Um marujo canoeiro, tropeiro lá do além  
 Da janela deste trem vou cantando meu amor  
 Para que o ano que vem não haja fome nem dor  
 Para que no ano que vem haja mais verde e mais flor

O trem de ferro vai fazendo ruco ruco  
 Que vem lá do Pernambuco que demora pra chega  
 O trem de ferro vai fazendo ruco ruco  
 Que vem lá do Pernambuco que demora pra chega  
 Café com pão manteiga não  
 Café com pão manteiga não  
 Café com pão manteiga não  
 Café com pão manteiga não...

(CALANGO – linha do A)  
 Acerte o moço deixa eu também falar  
 Eu trepo na barranceira, não deixo a terra rolar  
 Na barranceira não deixo a terra rolar  
 Se rolar de manhã cedo de tarde mando juntar  
 De manhã cedo, de tarde mando juntar  
 Tirei leite contei vaca na porteira do currar  
 Ai contei em vaca na porteira do currar

Se jogar pra mim eu pego, Vou  
 jogar pro cê pegar  
 Pra mim eu pego, vou jogar pro cê  
 pegar  
 Se jogar laranja lima vou jogar  
 maracujá  
 Calango dê pra faze calango dá  
 Meu gogó trepo no toco pediu  
 fogo pra pitar  
 Trepo no toco, pediu fogo pra  
 pitar  
 Minha goela é de mantina, quanto  
 mais puxa mais dá  
 Ai de mantina quanto mais puxa  
 mais dá  
 Uma cana deu na outra no meio do  
 canaviar  
 Ai deu na outra no meio do  
 canaviar  
 Moça de 14 anos chora pra me  
 acompanhar,  
 14 anos chora pra mim companha  
 Trepo na roda de cima faço a de  
 baixo roda,  
 Roda de cima faço de baixo roda  
 A de cima mói canjica a de baixo  
 mói fubá  
 Ai mói canjica a de baixo moi  
 fubá  
 Se quiser cachaça boa manda  
 calango buscar  
 Cachaça boa manda calango  
 buscar  
 O calango e nego esperto  
 Passa n'água sem moiá

(Cântico do Congado)

Essa banda de congo  
 É de Santa Maria  
 Oh repica essa caixa  
 Meu corpo arre pia

(Cântico do Congado)

Oh céu sereno  
 O meu coração tá doendo  
 Viva Senhora do Rosário

Pro mesmo caminho que nós  
 viemos

(Cântico do Congado)

Oh meu irmão, oh irmão meu  
 Cadê o meu irmão que não vem  
 Cantar mais eu  
 Quando estou com meu irmão  
 Meu irmão estando mais eu  
 Meu irmão não apanha  
 Não deixa bater ne eu

(Cântico do Congado)

Eu tenho meu rosário bento  
 Quem me deu foi o meu pai  
 No dia que eu rezo nele  
 As petas de ouro cai

(Duduca e Dalvan, Espinheira)

Eita espinheira danada o pobre  
 Atravessa pra sobreviver  
 Vive com a carga nas costas,  
 E as dores que sente não pode  
 dizer

Sonha com belas promessas  
 De gente importante que tem ao  
 redor

Quando entrar fulano  
 Sair o ciclano será bem melhor  
 Vai entra ano e sai ano  
 E o tal do ciclano ainda é pior

Este é meu cotidiano,  
 Mas eu não me dano, pois Deus é  
 maior

O mundo não acaba aqui  
 O mundo ainda está de pé  
 Enquanto Deus me der a vida  
 Levarei comigo esperança e fé

Mas o mundo não acaba aqui  
 O mundo ainda está de pé  
 Enquanto Deus me der a vida  
 Levarei comigo esperança e fé

Eta, que gente danada  
Que esquece de vez a palavra  
cristã  
Ah, eu queria só ver  
É se Deus se zangasse e voltasse  
amanhã

Seria um Deus nos acuda  
Um monte de Judas querendo  
perdão  
Com tanta gente graúda  
Implorando ajuda com a Bíblia na  
mão

Mas a esperança é miúda

E a coisa não muda, não tem  
solução  
Nem tudo que a gente estuda  
Se agarra e se gruda, arrebenta no  
chão

O mundo não acaba aqui  
O mundo ainda está de pé  
Enquanto Deus me der a vida  
Levarei comigo esperança e fé

Mas o mundo não acaba aqui  
O mundo ainda está de pé  
Enquanto Deus me der a vida  
Levarei comigo esperança e fé

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na cultura*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011.

GEERTZ, Clifford. *Atrás dos fatos: dois países, quatro décadas, um antropólogo*. Ptrópolis, RJ: Vozes, 2012.

INGOLD, Tim. *Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais*. Porto Alegre, RS: Horizontes Antropológicos, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

KOPENAWA, Davi, ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. 1ª edição. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

PROUST, Marcel. *No Caminho de Swann*. Ed. Abril Cultural. 1979.

MORAES, Roque. *Análise de conteúdo*. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

PARRON, Tâmis Peixoto. *A política da escravidão na era da liberdade: Estados Unidos, Brasil e Cuba, 1787-1846*. São Paulo. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª Edição. Ed. FGV. Rio de Janeiro, 2005.

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. EUGÊNIO, João Kennedy. *Gente de Longe: histórias e memórias*. Teresina: Halley, 2006.

BARBOSA, Willer Araujo. *Cultura Puri e educação popular no município de Araponga, Minas Gerais: Duzentos anos de solidão em defesa da vida e do meio ambiente*. XXXX

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org). *Pesquisa participante*. Ed. Brasiliense. São Paulo, 1981.

BURITY, Joanildo A. (Org). *Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares*. Ed. DP&A, Rio de Janeiro, 2002.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. Ed. Boitempo. São Paulo, 2003.

CHAUÍ, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. Fundação Perseu Abramo, São Paulo, SP. 2000.

- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Ed. Temas e Debate. Lisboa, 2003.
- FLEURI, Reinaldo Matias (Org). *Intercultura e Movimentos Sociais*. Ed. Mover/NUP, Universidade Federal de Santa Catarina. 1998.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *História e narração em W. Benjamin*. Ed. Perspectiva: FAPESP, Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.
- GALEANO, Eduardo. *As caras e as mascaras (Memória do fogo, V. 2)*. Ed. L&PM, Porto Alegre, RS. 2010.
- GALEANO, Eduardo. *O século do vento (Memória do fogo, V. 3)*. Ed. L&PM, Porto Alegre, RS. 2010.
- GALEANO, Eduardo. *Os nascimentos (Memória do fogo, V. 1)*. Ed. L&PM, Porto Alegre, RS. 2010.
- GARCIA, Regina Leite (Org). *Método: pesquisa com o cotidiano*. Ed. DP&A. Rio de Janeiro, 2003.
- GEERTZ, Clifford. *Atrás dos fatos: dois países, quatro décadas, um antropólogo*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ, 2012.
- GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Ed. Vozes. Petrópolis, RJ, 1997.
- GUATTARI, Félix. RONILK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Ed. Vozes. Petrópolis, 1986.
- LEITE, Ilka Boaventura. *Antropologia da viagem: escravos e libertos em Minas Gerais no século XIX*. Ed. UFMG, Belo Horizonte, MG. 1996.
- MALPIQUE, Manuela. *Histórias de Vida*. Ed. Campo das Letras, Portugal, Porto. 2002
- ROSA, João Guimarães. *Sagarana*. Ed. Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2001.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *O direito dos oprimidos: sociologia crítica dos direitos, parte I*. Ed. Cortez, São Paulo, 2014.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Ed. Cortez, 9ª edição, São Paulo. 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil, uma biografia*. 1º Edição. São Paulo. Companhia das Letras, 2015.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1992.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. Ed. Companhia das Letras. São Paulo, 1989.